

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CÂMPUS DE BOTUCATU

**TRANSDISCIPLINARIDADE E PLANTAS MEDICINAIS NO
EMPODERAMENTO DE MULHERES EM BUSCA DE
SUSTENTABILIDADE NO SUL DO BRASIL E NORTE DA
ESPANHA: EXPERIÊNCIAS DE RESGATE DE CONHECIMENTOS**

FATIMA CHECHETTO

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
Agronômicas da UNESP - Câmpus de
Botucatu, para obtenção do título de Doutora
em Agronomia (Horticultura)

BOTUCATU-SP
Junho - 2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CÂMPUS DE BOTUCATU

**TRANSDISCIPLINARIDADE E PLANTAS MEDICINAIS NO
EMPODERAMENTO DE MULHERES EM BUSCA DE
SUSTENTABILIDADE NO SUL DO BRASIL E NORTE DA
ESPANHA: EXPERIÊNCIAS DE RESGATE DE CONHECIMENTOS**

FATIMA CHECHETTO

Orientador: Prof. Dr. Lin Chau Ming

Co-tutora: Profa. Dra. Fátima Cruz Souza

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
Agronômicas da UNESP - Câmpus de
Botucatu, para obtenção do título de
Doutora em Agronomia (Horticultura)

BOTUCATU-SP
Junho - 2013



Universidad de Valladolid

**Instituto Universitario de Investigación en
Gestión Forestal Sostenible**

**Programa de Doctorado en Conservación y Uso
Sostenible de Sistemas Forestales**

TESIS DOCTORAL:

**Transdisciplinariedad y Plantas Medicinales en el
Empoderamiento de Mujeres en Búsqueda de
Sostenibilidad en el Sur de Brasil y Norte de España:
Experiencias de Rescate de Conocimientos**

**Presentada por Fatima Chechetto para optar al grado
de doctora por la Universidad de Valladolid**

Dirigida por:

**Dr. Lin Chau Ming
Dra. Fatima Cruz Souza**

Ficha catalográfica

Membros da banca

BIOGRAFIA DA AUTORA

Fatima Chechetto nasceu em Jacinto Machado, uma pequena cidade do interior de Santa Catarina - Brasil no ano de 1962. Tempo em que, em sua casa não havia luz elétrica, televisão ou internet. Filha dos agricultores Cecília Simão Chechetto e Ernesto Chechetto, partilhou de uma infância, que lhe permitiu um profundo contato com a natureza e com os estudos, junto de seus oito irmãos.

Frequentou a Escola Básica Municipal de Jacinto Machado e o Colégio Servos de Maria em Turvo - SC (1970 - 1980). Em 1982 ingressou no Curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, tendo recebido o título de Engenheira Agrônoma no ano de 1986.

Atuou como docente e pesquisadora na Universidade do Sul de Santa Catarina de 1989 à 2006, nos Cursos de Engenharia Química, Agronomia e Farmácia e no Centro Universitário Barriga Verde, nos anos de 2007 e 2008.

Em 1998 coordenou a I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais e em seguida a Associação Catarinense de Plantas Medicinais (1999 - 2001 e 2001 -2004) e a Câmara Setorial de Plantas Medicinais no Conselho de Desenvolvimento Rural na Secretaria de Estado da Agricultura (2000 -2004 e 2006-2008).

Em 2003 concluiu o Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade do Sul de Santa Catarina com o tema “Rede Catarinense de Plantas Medicinais: uma Abordagem Transdisciplinar para a Saúde Coletiva” e passou a colaborar junto ao Ministério da Saúde - Brasil como participante do Grupo de Fitoterapia para a construção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, aprovada pela Portaria Ministerial 971 de maio/2006.

Em 2009 ingressou no Programa de Doutorado em Agronomia - Horticultura da Faculdade de Ciências Agronômicas da Universidade Estadual Paulista, Campus Botucatu, sendo bolsista da CAPES no Brasil. No Programa de Estágio de Doutorando no Exterior - PDEE, durante o período de junho de 2011 a maio de 2012, foi bolsista CAPES (BEX 006511-0) na Escuela Universitaria de Educación de Palencia - Cátedra de Estudios de Género e Instituto Universitario de Investigación en Gestión Forestal Sostenible de la Universidad de Valladolid - Espanha.

Durante os anos de dedicação a docência e a pesquisa, tem partilhado conhecimentos nos meios acadêmicos e comunidades da sociedade civil através de palestras, cursos e oficinas no Brasil e no Exterior, tendo sido declarada Hóspede Ilustre da Cidade de Trujillo - Peru pela Municipalidade Provincial, pela contribuição a favor da educação e ciência (Agosto de 2004).

Na Espanha, recebeu publicamente o Certificado de Reconhecimento pelas pessoas participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” pela generosidade e disponibilidade em compartilhar saberes sobre plantas medicinais, na Montanha Palentina (Maio de 2012).



DEDICO

À minha Avó Augusta, exemplo de otimismo, sabedoria e fé
À minha mãe Cecília, símbolo do amor em prática
À minha filha Aurora, luz da manhã que guia meus caminhos
A todas as Mulheres participantes do estudo no Sul do Brasil e Norte da Espanha

AGRADECIMENTOS

“Recria tua vida sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça”
(Cora, Coralina)

Início meus agradecimentos com um trecho de um belo poema de Cora Coralina, mulher simples, doceira, poetisa e contista, considerada uma das maiores escritoras brasileiras e que teve seu primeiro livro publicado quando já tinha 76 anos de idade.

E assim sendo, agradeço primeiramente a Vida que se recria a cada momento, ao Universo e ao Planeta Terra que me acolheu dentre sua diversidade de bichos, de plantas e de gente...com seres animados e inanimados, visíveis e invisíveis que me ensinaram e ensinam tantas coisas, e especialmente com suas plantas medicinais.

À Consciência do Feminino, representada no meu imaginário por “Marassínia”, que inspirou ternos sentimentos artísticos, poéticos, intuitivos e afetivos - e para mim - muito reais.

Ao meu pai, que já não se encontra neste planeta, mas que com certeza se sentiria feliz em compartilhar comigo mais um degrau, na infindável busca de conhecimentos.

As minhas quatro irmãs e meus quatro irmãos e toda a família expandida, incluindo meus antepassados, minha gratidão e admiração.

Com meus orientadores fui muito feliz!...Meu orientador no Brasil, Lin Chau Ming, para quem não tenho palavras para expressar minha enorme gratidão. Por ser “como ele é”: com tamanha sensibilidade, curiosidade e abertura de visão. Com tamanha consciência, pureza de coração, integridade e ética. Com tamanha empatia para relacionar-se com as mais diversas pessoas e comunidades.

À minha orientadora na Espanha, Fátima Cruz Souza, que me recebeu de braços abertos. Com ela sempre me senti em casa, sempre atenta a tudo, como profissional e como pessoa. Pouco a pouco, pude conhecer, apreciar e admirar o quanto tem sido concretizadora em sua visão de sustentabilidade social. Seus sólidos vínculos são visíveis no entorno local e para além deste.

Agradeço a Zuleica Maria Patrício, pelas valiosas sugestões, desde seus profundos conhecimentos sobre pesquisa qualitativa e transdisciplinaridade.

A todos os integrantes da banca avaliadora, pela disposição. Todos, são profissionais e seres humanos que admiro muito.

À CAPES pela bolsa de doutorado sanduíche na Espanha (BEX 0065/11-0) e pela bolsa de doutorado no país e a todos os brasileiros que através de suas contribuições, possibilitaram meu aprofundamento. Espero poder retornar muito em breve nas dimensões social, econômica e ecológica.

À Márcia Lerinna, visionária e conselheira, pelas riquíssimas trocas. Sua leitura de mundo, seu apoio, sua percepção dos meus potenciais, vulnerabilidades e missão foram tão importantes!

Ao Yannis que esteve sempre ao meu lado e a todos os seus familiares e amigos que também são os meus, especialmente Aglaia, Helena, Rodrigo e Nilza. Ao casal Alexandre e América, que sempre tão solícitos nos apoiaram, cuidando de nossas coisas, durante a viagem à Espanha.

À minha irmã Maria Láide, pelo apoio em todos os níveis, sem o qual não poderia ter concluído esta etapa.

A todas as amigas e amigos queridos, que ficaram em Santa Catarina durante minha estadia em Botucatu e na Espanha, especialmente à Amélia Moema, Ceres Trein, Leila Nery, Márcia Helena de Jesus, Margareth Alvarado de Farias, Sônia Claudete da Silva,

Silvia Eick, Marta Régis Fogaça, Mônica e Géferson Calvette, Nelson Alberto Caldeira, Rosana Guedes Carrinho, Glória Fernandes, Ritha Green, Lúcia Herta Rockembach, Gisele Damian.

A todos os professores (as), funcionários(as), amigos e amigas que encontrei em Botucatu, no Programa de Doutorado em Agronomia - Horticultura, especialmente à Almecina Balbino Ferreira, Jaqueline Evangelista, Ana Maria Ramos, Maurício Andrião, Rosângela dos Santos, Margareth Lin, Ezequiel, Taíce, Milena, Iza, Marilza, Bernardo, Elza, Manoel, Camila.

A todos os funcionários, professores, amigos e amigas que encontrei em Palencia, na Cátedra de Género - Escuela de Educación y Instituto Universitario de Investigación en Gestión Forestal da Universidade de Valladolid. Especialmente à Iolanda, Carlos, Joseme e à Alicia Puleo, pela generosa recepção e rico aprendizado nas aulas de filosofia e ética.

Às amigas brasileiras que partilharam momentos comigo no exterior: Marisol Cardina e Luciana.

Aos artistas Gisele Mara Hadlich, Marco Spernega e Barcelos de Souza Fernandes que com luminosidade e carinho deram formas, cores e vida a trama do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais” da tese.

À Gabriela Granghelli que com bondade em sua alma pura de criança, esteve ao meu lado nos momentos dos acabamentos finais da arte e escrita, cuidando da revisão e formatação.

A todos os sujeitos do estudo, mulheres e homens no sul do Brasil e norte da Espanha.

E finalmente às mulheres das comunidades do Sul de Santa Catarina, que têm tantas histórias para lembrar, contar e escrever do longo convívio destes anos de estudos com plantas medicinais, e as mulheres do Norte da Espanha, que em um profundo convívio de alguns meses estarão sempre presentes em meu coração.

Procuo encerrar meus agradecimentos com uma frase que expressa o sentido da metáfora escolhida para guiar a escrita desta tese - a da tecitura do “Xale de Retalhos”: “Às mulheres não foi dado durante séculos escrever. Elas traçavam sinais de criação, usando linhas enfiadas em finos orifícios, em teares, manipulando pequenos instrumentos de fabricação caseira. Com isso transfiguravam o mundo, escrevendo signos que substituíam as palavras”(Lélia Almeida).

Mas não, sem antes, apesar de já ter dedicado esta escrita à minha filha Aurora, agradecer também a ela, que sempre foi minha inspiração. Desejo que o gosto pela escrita e pela natureza esteja sempre em seu interior, como neste belo poeminha que lhe surgiu em um dia em que andávamos juntas, à beira do Rio Carrión, na Espanha: “É tão bonito ver as gotas da chuva caindo do céu. Até parecem risquinhos de mel. A grama molhada fica amarela, com as folhas espalhadas”(Aurora Chechetto da Silva). Que com alvorecer dos novos tempos possa ela sempre escrever, bem como todas as mulheres que têm tanto a dizer!

SUMÁRIO

Página

LISTA DE FIGURAS	XII
RESUMO	1
SUMMARY	Erro! Indicador não definido.
RESUMEN	Erro! Indicador não definido.
1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Gênese, Problematização e Delimitação do Tema	7
1.2 Alinhavando os Objetivos e Finalidades do Estudo	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
2.1 Tomando o Fio de Ariadne para Tecer o Xale de Retalhos: Sustentabilidade na Era Planetária e Protagonismo Feminino.....	28
2.2 Desenhando o Fio de Ariadne: Sustentabilidade, Plantas Medicinais e Resgate Conhecimentos no Empoderamento de Mulheres na Ótica da Transdisciplinaridade	30
2.2.1 A Ótica da Transdisciplinaridade e suas Bases	32
2.2.2 As Bases da Sustentabilidade	39
2.2.3 A Convergência entre Transdisciplinaridade e Sustentabilidade	43
2.2.4 Transdisciplinaridade e Sustentabilidade na Perspectiva de Gênero e o Empoderamento de Mulheres.....	49
2.2.5 Plantas Medicinais e o Resgate de Conhecimentos Através da Etnobotânica no Empoderamento de Mulheres em Busca de Sustentabilidade na Ótica Transdisciplinar	58
2.3 A Trajetória das Mulheres	68
2.3.1 O Fio Histórico Cultural do Processo de Inferiorização do Feminino	68
2.3.2 O Fio Histórico Cultural da Consciência do Feminismo.....	69
2.3.3 Avanços da Trajetória das Mulheres no Século XX.....	71
2.3.4 A Trajetória das Mulheres a partir do Ano 2000: Interfaces com a Ecologia.	72
2.3.5 Ecofeminismo como Alternativa a Crise Ética Global.....	77
3 TECENDO A METODOLOGIA DO ESTUDO DESDE A ÓTICA DA TRANSDISCIPLINARIDADE E DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	87
3.1 Momentos do Estudo	104
3.1.1 Entrando no Campo (Definindo o Período, Local e os Sujeitos do Estudo)	104

3.1.2 Ficando no Campo (Descrevendo o Processo de Coleta, Registro e Análise dos Dados).....	107
3.1.3 Saindo do Campo	117
4 TECENDO A DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TRANSDISCIPLINAR DE EMPODERAMENTO DESENVOLVIDO ATRAVÉS DO RESGATE DE CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS, JUNTO A MULHERES DE COMUNIDADES DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA-BRASIL DESDE OS ANOS DE 1996 A 2010.....	118
4.1 Antecedentes e Contexto: Bordando Memórias e Costurando a Reconstrução Histórica do Início do Processo	118
4.1.1 Alinhavando os Primeiros Fios no Bordado: Do Resgate de Conhecimentos Femininos Ancestrais à Abertura de um Espaço Democrático e Participativo	121
4.1.2. Entrelaçando os Fios da Primeira Análise e Reflexão Crítica.....	134
4.2. Bordando Memórias e Costurando a Reconstrução Histórica do Processo dos anos de 1997 a 2010.....	137
4.2.1 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo dos Anos de 1997 à 1999: A Troca de Saberes Científicos e Populares.....	137
4.2.2 Entrelaçando os Fios da Segunda Análise e Reflexão Crítica.....	162
4.2.3 Entrelaçando o Fio do Bordado do Segundo Ciclo da Construção do Processo nos anos de 2000 e 2001: Do Protagonismo Feminino à Busca de Novos Modelos para o Desenvolvimento, Integrando Ciência, Arte, Cultura e Espiritualidade em Redes...	167
4.2.4 Entrelaçando os Fios da Terceira Análise e Reflexão Crítica	199
4.2.5 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo de Construção do Processo nos Anos de 2002 e 2003: Da Repercussão Local à Global Dentro do Princípio Hologramático para a Cidadania Terrestre.....	206
4.2.6 Entrelaçando os Fios da Quarta Análise e Reflexão Crítica.....	220
4.2.7 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2004 e 2005: Das Relações de Competitividade e Domínio à Solidariedade e Sororidade.....	223
4.2.8 Entrelaçando os Fios da Quinta Análise e Reflexão Crítica.....	234
4.2.9 Entrelaçando o Fio do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos anos de 2006 e 2007: Da Consolidação das Políticas Nacionais à Socialização dos Resultados e Busca de Autonomia.....	236

4.2.10 Entrelaçando os Fios da Sexta Análise e Reflexão Crítica	Erro! Indicador não definido.
4.2.11 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2008 e 2009: Da Influência das Lideranças Femininas Pioneiras às Novas Lideranças com Novas Racionalidades e Sensibilidades.....	252
4.2.12 Entrelaçando os Fios da Sétima Análise e Reflexão Crítica	265
4.2.14 Entrelaçando os Fios da Oitava Análise e Reflexão Crítica.....	269
4.3 Apresentando a Primeira Metade do Bordado do Xale de Retalhos de Plantas Medicinais: Síntese I	270
5 APERFEIÇOANDO O PROCESSO IDENTIFICADO NA ANÁLISE DE DADOS DO TRABALHO COM MULHERES DO SUL DE SANTA CATARINA COM VISTAS A SUA APLICAÇÃO JUNTO A MULHERES DO NORTE DA ESPANHA -MONTANHA PALENTINA - ESPANHA	276
5.1 Tecendo a Descrição do Contexto: Entrelaçando Realidades e Alinhando Conhecimentos	276
5.2 Construindo o Processo Transdisciplinar com Mulheres da Região Norte da Espanha- Montanha Palentina com Foco no Resgate de conhecimento sobre Plantas Medicinais e a Promoção do Empoderamento no Âmbito do Des. Sustentável	291
5.2.1 Alinhando a Entrada na Montanha Palentina para o Início do Processo de Construção Participativo	291
6 INICIANDO O PROCESSO DE EMPODERAMENTO E IDENTIFICANDO OS CONHECIMENTOS DAS MULHERES DE COMUNIDADES DA MONTANHA PALENTINA SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM BUSCA DE SUSTENTABILIDADE NA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR	303
6.1 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Primeira Oficina “ Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Da Abertura de um Espaço Democrático e Participativo ao Reconhecimento e Valorização do Saber Feminino Ancestral	303
6.2 Entrelaçando os Fios do Bordado Através do Resgate de Conhecimentos de Guardiã do Patrimônio Natural e Cultural em Plantas Medicinais da Montanha Palentina	309
6.3 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Busca de Contribuições para a Interação de Conhecimentos: Antropologia e Interculturalidade	315
6.4 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Segunda Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Do Questionamento de Modelos de	

Desenvolvimento e Ciência ao Resgate de Conhecimentos Sensíveis e Intuitivos sobre Plantas Medicinais.....	324
6.5. Entrelaçando os Fios do Bordado na Busca de Redes Locais de Produtores Ecológicos de Plantas Medicinais para a Transição ao Desenvolvimento Agrícola Sustentável.....	334
6.6 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Terceira Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Do Fortalecimento da Diversidade na Unidade ao Desejo de Visibilização, Reconhecimento e Apoio Intercultural	342
6.7 Entrelaçando os Fios do Bordado Através do “Círculo de Mulheres” na Montanha Palentina: Ampliando a União de Compreensões Racionais e e Intuitivas pelo Princípio Hologramático	356
6.8 Entrelaçando os Fios do Bordado Através do Florescimento da Criatividade: A Inclusão da Sensibilidade Artística e Estética como Elos entre os Seres Humanos e a Natureza.....	364
6.9 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Ampliação de Redes Transnacionais e Locais na Perspectiva da Produção Ecológica de Plantas Medicinais na Montanha Palentina	367
6.10 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Quarta Oficina “ Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Da Expressão dos Sentimentos dos Participantes ao Desejo de Continuidade	372
6.11 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Quinta Oficina “ Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Resgatando Conhecimentos sobre Cosméticos Naturais e Ouvindo sobre Percepções Femininas dos Mundos Visível e Invisível.....	377
6.12 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Interação e Socialização Transdisciplinar de Conhecimentos entre os Atores Sociais: “Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”	384
6.13 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Apresentação das Atividades do Ciclo de Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” na Montanha Palentina : A Entrega do Xale	411
6.14 Destacando a Segunda Metade do Bordado do Xale de Retalhos de Plantas Medicinais: Síntese II	420
7 POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA UTILIZAÇÃO DA TRANSDISCIPLINARIDADE E RESGATE DE CONHECIMENTOS EM PLANTAS	

MEDICINAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O EMPODERAMENTO DAS MULHERES E POSSIBILIDADES DE CONTRIBUIÇÕES À SUSTENTABILIDADE NAS COMUNIDADES DO SUL DO BRASIL E NORTE DA ESPANHA	427
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	436
9 REFERÊNCIAS	442

LISTA DE FIGURAS

Página

FIGURA 1. Representação simbólica da busca do significado do nome Marassínia pela pesquisadora	9
FIGURA 2. Representação simbólica da consciência do feminino: arquétipo Marassínia	23
FIGURA 3. Área de abrangência do estudo. Brasil, estado de Santa Catarina, região sul de Santa Catarina (AMUREL) e cenários da região sul de Santa Catarina.....	120
FIGURA 4. Cultivo de camomila e calêndula com participação de docentes e discentes do Curso de Agronomia – Unisul (Santa Rosa do Sul, junho/1996).....	122
FIGURA 5. Implantação de horto de plantas medicinais. local: Morro do Bino, Santa Rosa do Sul, SC. vista do horto e espécies cultivadas.....	124
FIGURA 6. Trabalho comunitário com plantas medicinais no assentamento de Santa Rosa do Sul, Santa Catarina (mai/1997). (a): horta de plantas medicinais cultivadas pelos agricultores. (b e c): encontro para estudo e utilização de plantas medicinais.	126
FIGURA 7. Divulgação sobre a organização da Pastoral da Saúde na região sul de Santa Catarina, Tubarão (mai/1996).....	130
FIGURA 8. Primeiro encontro do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina.....	140
FIGURA 9. Primeiro boletim informativo da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina.	141
FIGURA 10. Encontro mensal da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina.....	144
FIGURA 11. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais (Tubarão/SC, set 1998)	150
FIGURA 12. Reunião do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina após a I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais ...	150
FIGURA 13. Folder da II Jornada Catarinense de Plantas Medicinais e mandala de sementes e frutos construída durante o evento	154
FIGURA 14. Boletins de plantas medicinais, produto dos encontro do Geuplam, durante o primeiro ciclo do processo.....	162

FIGURA 15. Encontro do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais na Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão/SC	167
FIGURA 16. Participantes de curso de extensão “Cultivo e Uso de Plantas Medicinais” organizado pelo Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais para a região Sul de Santa Catarina.....	168
FIGURA 17. Divulgação sobre as reuniões do GEUPLAM para o estudo de plantas medicinais no jornal da Universidade do Sul de Santa Catarina.....	169
FIGURA 18. Ata da primeira reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais – Conselho de Desenvolvimento Rural - Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - Santa Catarina.	170
FIGURA 19. Reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais - CEDERURAL - Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural de Santa Catarina para reconstrução do Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais.....	176
FIGURA 20. Reunião entre representantes da Unisul/Unesc e Comunidade/Pastoral da Saúde. Criciúma, maio de 2001	182
FIGURA 21. Folder da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.....	186
FIGURA 22. Construção de Jardim de Cura de Plantas Medicinais. Florianópolis, SC..	188
FIGURA 23. Proposta de Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais para o Estado de Santa Catarina construído participativamente por integrantes da CSPM.....	189
FIGURA 24. Construção da Colcha de Retalhos de Plantas Medicinais durante a III Jornada Catarinense de Plantas Medicinas. Lages, SC.....	190
FIGURA 25. Momentos da III Jornada de Plantas Medicinais. Lages, SC.....	192
FIGURA 26. Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos discutida em Fórum Nacional em Brasília.....	193
FIGURA 27. Apresentação dos trabalhos da Associação Catarinenese e Câmara Setorial de Plantas Medicinais no Fórum Nacional para a discussão da Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos. Brasília, dezembro de 2001	193
FIGURA 28. Boletins sobre plantas medicinais, produto dos encontros do GEUPLAM, durante o segundo ciclo do processo.	199
FIGURA 29. Confraternização do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais para região Sul de Santa Catarina, dezembro de 2002	208

FIGURA 30. Folder de IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.....	211
FIGURA 31. Encontro simbólico entre Raiz e Semente. IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Itajaí. Santa Catarina	211
FIGURA 32. “Árvore da Vida” construída em oficina durante a VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Itajaí. Santa Catarina	212
FIGURA 33. Momentos da IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Itajaí. Santa Catarina.....	212
FIGURA 34. Participação de representantes da Associação Catarinense e Câmara Setorial de Plantas Medicinais no Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica. Brasília, 2003.	213
FIGURA 35. Documento do Ministério da Saúde sobre a organização do Grupo Gestor de Medicinas Naturais e Práticas Complementares para o SUS: Grupo de Fitoterapia	214
FIGURA 36. Incentivo à produção agroecológica de plantas medicinais a partir de discussões geradas no GEUPLAM.....	215
FIGURA 37. Boletins sobre plantas medicinais, produto dos encontros do GEUPLAM, durante o terceiro ciclo do processo	220
FIGURA 38. Documento sobre a criação da Gerência de Fitoterapia na Estrutura da Secretaria de Estado de Santa Catarina.	223
FIGURA 39. Participantes de reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais no Cederural - Secretaria de Estado de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Santa Catarina para organização da V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Florianópolis, 2005	228
FIGURA 40. Folder da I Jornada Internacional e V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
FIGURA 41. Boletins sobre plantas medicinais, produto dos encontros do GEUPLAM, durante o quarto ciclo do processo.	234
FIGURA 42. Material de divulgação da política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos	239
FIGURA 43. Edições da Revista Plantas Medicinais: Recursos Naturais para o Bem Estar da Humanidade	244

FIGURA 44. Aprofundamento dos estudos sobre plantas medicinais e discussões sobre sustentabilidade com lideranças da Pastoral da Saúde no estado de Santa Catarina.....	246
FIGURA 45. Boletins sobre plantas medicinais, produto do encontro do GEUPLAM, durante o quinto ciclo do processo.	251
FIGURA 46. Reunião do GEUPLAM sob a coordenação de nova liderança	260
FIGURA 47. Folder da VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais	267
FIGURA 48. Visita da pesquisadora à Espanha (Albacete e Palencia).....	268
FIGURA 49. Representação da primeira metade do Xale de Retalhos (metáfora), com os produtos e momentos do processo	275
FIGURA 50. Cenários da Montanha Palentina	280
FIGURA 51. Área de abrangência do estudo. Espanha. Comunidad Autónoma de Castilla y León. Província de Palencia. Montanha Palentina	281
FIGURA 52. Imagens da Universidad de Valladolid, Campus Palencia, Cátedra de Estudios de Género	286
FIGURA 53. “I Reunião Internacional de Investigação em Igualdade entre Mulheres e Homens: Estado da Questão”, Universidad de Valladolid, Campus Palencia	288
FIGURA 54. Material de divulgação da primeira Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”	294
FIGURA 55. Material de divulgação da Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios”	301
FIGURA 56. Salinas de Pirsuega, Montanha Palentina	303
FIGURA 57. Momentos da I Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, Salinas de Pisuerga, Montanha Palentina.....	304
FIGURA 58. Chegada das mulheres a residência da anciã de 103 anos, conhecedora de plantas medicinais. Cervera de Pisuerga, Montanha Palentina	309
FIGURA 59. Anciã mostrando a pesquisadora as plantas medicinais que utiliza diariamente	310
FIGURA 60. Anciã falando sobre plantas medicinais para as mulheres visitantes.....	311
FIGURA 61. Plantas medicinais utilizadas diariamente pela anciã de 103 anos	312
FIGURA 62. Anciã mostrando porta-retrato com fotos da família	313
FIGURA 63. Pomada de cêra de abelhas, sebo de carneiro, azeite de oliva, camomila e arruda	313

FIGURA 64. Momentos da visita a anciã de 103 anos. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina	314
FIGURA 65. Livro apresentado à pesquisadora pelo antropólogo: “La Voz de las Trece Abuelas”	320
FIGURA 66. Estalaya, Montanha Palentina.....	325
FIGURA 67. Momentos da II Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, Estalaya, Montanha Palentina	328
FIGURA 68. Momentos finais da II Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade. Estalaya, Montanha Palentina	331
FIGURA 69. Produtos desenvolvidos no projeto de licores e plantas medicinais em Tordehumus	337
FIGURA 70. Escola de Capacitação Agrária de Santa Espina. Montes de Torozos.....	339
FIGURA 71. Visita a agricultores ecológicos em San Pedro de La Tarce.....	340
FIGURA 72. Canduela, Montanha Palentina. Chegada das mulheres para a III Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”	343
FIGURA 73. Momentos iniciais da III Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Canduela. Montanha Palentina	343
FIGURA 74. Atividade realizada no do Projeto de Cooperação Transnacional “Ecosolidariedade entre Territórios” Brasil-Espanha. Gravatal, SC, BR.....	351
FIGURA 75. Momentos da visita a produtores de plantas medicinais vinculados a Associação Palentina de Plantas Aromáticas e Medicinais (APAPAM).....	371
FIGURA 76. Villanueva de Henares. Montanha Palentina.....	372
FIGURA 77. Momentos da IV Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Villanueva de Henares. Montanha Palentina.....	374
FIGURA 78. Monasterio. Montanha Palentina	377
FIGURA 79. Momentos da V Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Monasterio, Montanha Palentina.....	381
FIGURA 80. Caminho de acesso para “El Roblón de Estalaya”, Montanha Palentina ..	387
FIGURA 81. “El Roblón de Estalaya”. Montanha Palentina	388
FIGURA 82. Exposição artística: “Visão das plantas da Montanha Palentina, através das Lentes Femininas de Verena Iglesias”	389
FIGURA 83. Momentos iniciais do “Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”. Universidade de Valladolid. Palencia.....	393

FIGURA 84. Cultivo agroecológico de amêndoas com alecrim. San Pedro da la Tarce .	394
FIGURA 85. Cultivo agroecológico de funcho. San Pedro de la Tarce.....	395
FIGURA 86. Discussões do segundo bloco, sessão I do Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”. Universidade de Valladolid. Palencia	396
FIGURA 87. Participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” com a palavra no Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade. Universidade de Valladolid. Palencia.....	397
FIGURA 88. Apresentação organizada pelas participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”	401
FIGURA 89. Momentos iniciais da apresentação das atividades do Ciclo de Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Casa de Cultura. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina	412
FIGURA 90. Apresentação organizada pelas participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”	415
FIGURA 91. Entrega de cesta artesanal de plantas silvestres a anciã. Cervera de Pisuerga, Montanha Palentina	416
FIGURA 92. Entrega de certificado de reconhecimento a anciã. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina	416
FIGURA 93. Anciã recebe de presente um xale das participantes das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina.....	417
FIGURA 94. Anciã veste o xale e segura um maço de narcisos da Montanha Palentina, enquanto agradece. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina	418
FIGURA 95. Participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” acompanham a anciã. Cervera de Pisuerga. M.P.....	419
FIGURA 96. Presentes recebidos pela pesquisadora de participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina	419
FIGURA 97. Marassinia recebe o “Xale de Retalhos”	420
FIGURA 98. Representação da segunda metade do “Xale de Retalhos” (metáfora), com os produtos e momentos do processo	426

RESUMO

Este estudo, partiu do princípio, de que no caso das plantas medicinais, as mulheres historicamente detinham um certo poder na arte de cura e construção de conhecimentos, que ao longo dos séculos de domínio patriarcal foi “ocultado”. Neste contexto, vislumbrou-se a possibilidade do resgate deste poder, levando-se em conta que a construção de uma “sociedade planetária” sustentável depende da necessidade de se discutir os rumos do desenvolvimento sustentável e a construção de um novo paradigma aberto a discutir as bases das relações de gênero. Neste sentido, o objetivo do estudo, foi desenvolver um processo de construção transdisciplinar com mulheres de comunidades da região Sul de Santa Catarina - Brasil e do Norte da Espanha - Montanha Palentina, tendo como foco, o resgate de conhecimentos teórico-práticos sobre plantas medicinais e a promoção do empoderamento dessa população, no âmbito do desenvolvimento sustentável. Através da abordagem qualitativa integrativa à luz da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero, o estudo concretizou-se, utilizando-se de análise documental com base no método de sistematização de práticas sociais e método de pesquisa participante com princípios da etnografia. Inicialmente o desenvolvimento do processo baseou-se em uma experiência de pesquisa participativa com plantas medicinais e mulheres, no Sul do Brasil. Em reuniões mensais, com representantes de diversas titulações universitárias, as mulheres encontraram um espaço, desde uma perspectiva inclusiva e ampla, onde trocavam conhecimentos sobre

plantas medicinais, sendo estas, “tema gerador”, para outros debates que abordavam questões relacionadas ao feminino e a natureza. Assim, as mulheres tiveram a oportunidade para colocar seus saberes adormecidos, resgatar a autoestima e aumentar o senso de coesão. A partir da ampliação da consciência do poder comunitário, as mulheres começaram a alargar sua atuação na esfera coletiva, a nível estadual e a nível nacional, passaram a atuar na construção de Políticas de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovadas em 2006 no país. Dentro deste referencial, iniciou-se a proposta do processo de construção, envolvendo mulheres na Montanha Palentina - Norte da Espanha. A abertura de um espaço participativo com o respeito e integração em relação as várias formas de conhecimento, como propõe a visão transdisciplinar, levou o grupo ao dar continuidade ao processo. Isto se deu, com a aproximação paralela de outros atores sociais locais envolvidos com a temática. Em momentos de encontros em oficinas, a dinâmica de resgate de conhecimentos em plantas medicinais se aprofundou, e discussões avançaram no sentido de se questionar situações relacionadas ao desenvolvimento. Pouco a pouco, se construiu o empoderamento individual e coletivo e o processo ganhou força, com o encorajamento das mulheres, em participar da organização de eventos, junto a universidade local e a comunidade. Como produto das experiências no Sul do Brasil e Norte da Espanha, foram registrados conhecimentos etnobotânicos sobre cento e trinta plantas medicinais. Mas, as possibilidades da utilização da etnobotânica foram muito além disto, ao promover a abertura de espaços democráticos e participativos, nos quais possibilitou-se o exercício da solidariedade e sororidade, o reconhecimento do saber feminino ancestral, a promoção da diversidade cultural e biológica, a troca de conhecimentos científicos e populares, a participação política das mulheres, o exercício de um pensamento sistêmico e ecológico, a integração de arte, cultura e espiritualidade, a promoção do cultivo e/ou manejo de plantas medicinais, bem como, a potencialização de redes sociais locais e interculturais e a valorização e visibilização dos conhecimentos das mulheres. Finalmente, o processo proporcionou o reforço das relações comunitárias entre mulheres e homens, alargando a consciência ecológica e a compreensão de noção de Cidadania Terrestre, concretizando um caminho, comprometido com o desenvolvimento sustentável em equidade.

Palavras-chave: plantas medicinais, etnobotânica, transdisciplinaridade, sustentabilidade, mulheres, empoderamento.

TRANSDISCIPLINARITY AND MEDICINAL PLANTS IN THE EMPOWERMENT OF WOMEN IN SEARCH OF SUSTAINABILITY IN SOUTHERN BRAZIL AND NORTHERN SPAIN: RESCUE OF EXPERIENCES OF KNOWLEDGE. Botucatu, 2013, 496p. Tese (Doutorado em Agronomia/Horticultura) Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista e (Doctorado en Conservación y Uso Sostenible de Sistemas Forestales) Instituto Universitario de Investigación en Gestión Forestal Sostenible, Universidad de Valladolid

Author: FATIMA CHECHETTO

Adviser: Prof. Dr. LIN CHAU MING

Co-Adviser: Profa. Dra. FATIMA CRUZ SOUZA

SUMMARY

This study, assumed that, in the case of medicinal plants, women have historically held a certain power, in the art of healing and in its knowledge construction, which over the centuries of patriarchal domination was "hidden". In this context, envisioned the possibility of rescue of this power, taking into account that the construction of a sustainable "planetary society" depends on the need to discuss the direction of sustainable development and the construction of a new paradigm open to discuss the bases of gender relations. In this sense, the objective of this study was a process of developing and building in a transdisciplinary way, with women from communities in the Southern region of Santa Catarina-Brazil and the Northern Spain - Montaña Palentina focusing, the theoretical-practical knowledge rescue about medicinal plants and the promotion of the empowerment of the population, in the context of its sustainable development. Through a qualitative approach in the light of integrative transdisciplinarity and the gender perspectives, the study was carried out, using documentary analysis based on the method of systematization of social practices and the research method of participants with principles of Ethnography. Initially the development process was based on an experience of participatory research with medicinal plants and women, in Southern Brazil, where in monthly meetings with representatives from various

University titrations women found a space, from an inclusive and broad perspective, where exchanged knowledge about medicinal plants, these being "theme generator" for other discussions that addressed issues related to women and nature. Thus, women have had the opportunity to put their dormant knowledge, rescue the self-esteem and increase the sense of cohesion. From the expansion of the consciousness of the Community power, women began to broaden their activities in the sphere of collective, statewide and nationally, began to act in the construction of medicinal plants and herbal medicine policies, approved in 2006 in the country. Within this framework, the proposal of the construction process, involved women in Montaña Palentina-Northern Spain. The opening of a participatory space with respect and integration of all forms of knowledge, as proposed by the transdisciplinary vision, led the group to give continuity to the process. This took place, with the parallel approximation of other local social actors involved with the subject. In moments of meetings in workshops, the dynamics of knowledge on medicinal plants rescue deepened, and, discussions have advanced towards questioning development-related situations. Little by little, it built the individual and collective empowerment and the process gained momentum, with the encouragement of women to participate in the organization of events, along with local University and the community. As a product of experiences in Southern Brazil and Northern Spain, ethnobotanical knowledge was recorded over one hundred and thirty medicinal plants. The possibilities of use of ethnobotany was too much out of it, by promoting the opening of democratic and participatory spaces, in which it enabled the promotion of solidarity and the recognition of female ancestral knowledge, namely the promotion of cultural and biological diversity, the exchange of scientific and the popular knowledge, the political participation of women, the thought of a systemic and ecological integration of art, culture and spirituality, the promotion of the cultivation and/or management of medicinal plants, as well as, the potentiation of local social networks and intercultural appreciation and evaluation of the knowledge of women. Finally, the process resulted in the strengthening of the community relations between women and men, extending eco-consciousness and understanding of concept of Earth Citizenship, making a path, committed to sustainable development in equity.

Keywords: medicinal plants, ethnobotany, transdisciplinarity, sustainability, women, empowerment.

TRANSDISCIPLINARIEDAD Y PLANTAS MEDICINALES EN EL EMPODERAMIENTO DE LAS MUJERES EN BÚSQUEDA DE SOSTENIBILIDAD EL SUR DE BRASIL Y NORTE DE ESPAÑA: EXPERIENCIAS DE RESCATE DE CONOCIMIENTOS. Botucatu, 2013, 496p. Tese (Doutorado em Agronomia/Horticultura) Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista e (Doctorado en Conservación y Uso Sostenible de Sistemas Forestales) Instituto Universitário de Investigación en Gestión Forestal Sostenible, Universidad de Valladolid

Autora: FATIMA CHECHETTO

Tutor: Prof. Dr. LIN CHAU MING

Co-tutora: Profa. Dra. FATIMA CRUZ SOUZA

RESUMEN

This study, assumed that, in the case of medicinal plants, women have historically held a certain power, in the art of healing and in its knowledge construction, which over the centuries of patriarchal domination was "hidden". In this context, envisioned the possibility of rescue of this power, taking into account that the construction of a sustainable "planetary society" depends on the need to discuss the direction of sustainable development and the construction of a new paradigm open to discuss the bases of gender relations. In this sense, the objective of this study was a process of developing and building in a transdisciplinary way, with women from communities in the Southern region of Santa Catarina-Brazil and the Northern Spain - Montaña Palentina focusing, the theoretical-practical knowledge rescue about medicinal plants and the promotion of the empowerment of the population, in the context of its sustainable development. Through a qualitative approach in the light of integrative transdisciplinarity and the gender perspectives, the study was carried out, using documentary analysis based on the method of systematization of social practices and the research method of participants with principles of Ethnography. Initially the development process was based on an experience of participatory research with medicinal plants and women, in Southern Brazil, where in monthly meetings with representatives from various

University titrations women found a space, from an inclusive and broad perspective, where exchanged knowledge about medicinal plants, these being "theme generator" for other discussions that addressed issues related to women and nature. Thus, women have had the opportunity to put their dormant knowledge, rescue the self-esteem and increase the sense of cohesion. From the expansion of the consciousness of the Community power, women began to broaden their activities in the sphere of collective, statewide and nationally, began to act in the construction of medicinal plants and herbal medicine policies, approved in 2006 in the country. Within this framework, the proposal of the construction process, involved women in Montaña Palentina-Northern Spain. The opening of a participatory space with respect and integration of all forms of knowledge, as proposed by the transdisciplinary vision, led the group to give continuity to the process. This took place, with the parallel approximation of other local social actors involved with the subject. In moments of meetings in workshops, the dynamics of knowledge on medicinal plants rescue deepened, and, discussions have advanced towards questioning development-related situations. Little by little, it built the individual and collective empowerment and the process gained momentum, with the encouragement of women to participate in the organization of events, along with local University and the community. As a product of experiences in Southern Brazil and Northern Spain, ethnobotanical knowledge was recorded over one hundred and twenty nine medicinal plants. The possibilities of use of ethnobotany was too much out of it, by promoting the opening of democratic and participatory spaces, in which it enabled the promotion of solidarity and the recognition of female ancestral knowledge, namely the promotion of cultural and biological diversity, the exchange of scientific and the popular knowledge, the political participation of women, the thought of a systemic and ecological integration of art, culture and spirituality, the promotion of the cultivation and/or management of medicinal plants, as well as, the potentiation of local social networks and intercultural appreciation and evaluation of the knowledge of women. Finally, the process resulted in the strengthening of the community relations between women and men, extending eco-consciousness and understanding of concept of Earth Citizenship, making a path, committed to sustainable development in equity.

Keywords: medicinal plants, ethnobotany, transdisciplinarity, sustainability, women, empowerment.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Gênese, Problematização e Delimitação do Tema

Em 1999, como professora universitária, na finalização de um curso de Pós-graduação a nível de especialização usando a abordagem transdisciplinar, intencionava produzir uma monografia interligando temas do feminino, plantas medicinais e sustentabilidade. Iniciei com minhas referências viciadas nos “padrões científicos convencionais” resultando em um esforço infrutífero, já que recorria somente à minha dimensão racional. E olha que tentei... Afinal, dois meses e meio depois do nascimento de

minha filha Aurora, em período de licença da Universidade, resolvi deixar falar o coração...

E então aconteceu MARASSÍNIA. O nome Marassínia surgiu através de uma “busca xamânica”. O xamanismo é um sistema de conhecimentos que fez, e ainda faz parte, de muitas tradições tribais. Na concepção de Sams (1993), o xamanismo deriva, na tradição dos povos indígenas, da atenta observação da natureza como regra de vida que se cumpre gerando conhecimento acumulado como um repositório de noções acuradas sobre os modos de ser revelados pela Terra em suas interações com os fenômenos cósmicos. Neste sentido, a adequação de todas as formas de vida aos ciclos e ritmos telúricos, é considerada fundamental para a saúde não só de seres humanos e animais, como também do próprio Planeta .

A pesquisadora brasileira Elaine Elisabetsky, em conferência durante o 11º Congresso Internacional de Etnofarmacologia, em Albacete-Espanha destacou que bem mais do que mostram reportagens em jornais sobre Pelé ou Gisele Bündchen, pelos quais o Brasil é conhecido internacionalmente, o xamanismo como busca espiritual tem se difundido pelo mundo inteiro, sem que as pessoas se dêem conta de que boa parte destes conhecimentos, vêm das inúmeras tribos indígenas brasileiras (ELISABETSKY; SÁ, 2010).

E foi através do xamanismo urbano, que tive acesso a Marassínia. O xamanismo urbano tem como principal referência a inspiração nas práticas xamânicas das sociedades indígenas, e busca sua fundamentação, não apenas nas cosmologias desses povos. Se fundamenta também na mitologia clássica e em obras acadêmicas como as de Carl Jung e outras referências da ciência, como a biologia molecular, a genética e a física quântica. Em todos os casos, parte sempre do pressuposto de que se trata da busca de ligação com tradições imemoriais, e do resgate de uma sabedoria perdida ou restrita a pequenos grupos que ainda manteriam um modo de vida em contato com a natureza (MAGNANI, 2005).

Desta forma, em uma busca xamânica, através das batidas ritmadas de tambor, fiz perguntas quanto ao trabalho a ser desenvolvido em minha profissão e recebi como resposta que devia trabalhar com Marassínia. Que Marassínia estaria ligada a cor verde e as plantas medicinais. No princípio, achei que era o nome de uma planta medicinal em particular. Recorri a livros tentando encontrar algum nome científico semelhante mas não encontrei.

Então voltei-me novamente para dentro, e fiz outra busca ou viagem xamânica, para descobrir mais a respeito deste nome :

“Chegando na África, encontro com uma mulher de olhos grandes e rosto anguloso. Ela me leva até uma anciã que trabalha com plantas. Apresento-me a ela, através de meu nome xamânico. Também se apresenta: chama-se MARIBÚ. Tem a pele muito escura, é bastante magra. Usa óculos. Está rodeada de ervas. Maribú começa a contar sobre MARASSÍNIA, já que havia lhe perguntado sobre o significado de tal nome:

– No início a Terra era avermelhada. Com a chegada das plantas tingiu-se de verde. E a Terra passou a se chamar Marassínia, mesmo antes de ser chamada de Gaia. Poderiam ser outros e vários nomes, mas para ti, a consciência da Terra como entidade feminina através de suas plantas, especialmente as medicinais, surgiu com o nome de Marassínia, que significa “A Grande Avó Verde”. Você vive Marassínia todos os dias no seu trabalho científico com as plantas medicinais. E honra Marassínia quando realiza o contato intuitivo-espiritual com elas. Marassínia, na verdade é tua própria consciência, que se conecta com a Consciência Coletiva do Planeta Terra, no tocante ao feminino e às plantas medicinais” (Figura 1)

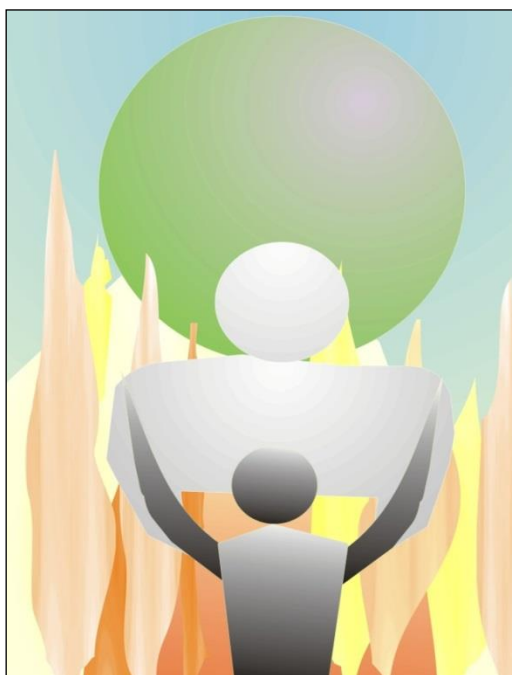


Figura 1. Representação simbólica da busca do significado do nome Marassínia pela pesquisadora (Imagem: Gisele Mara Hadlich)

Meus estudos e escritos na época, passaram a uma tentativa de estar mais próxima desta perspectiva do resgate do poder de cura e transformação através da consciência do feminino, compreendendo a Terra em um sentido figurado, no seu aspecto relacionado às plantas, como a “Grande Avó Verde”, em parte, através das plantas medicinais. Procurei para tanto, entender como ao longo do tempo na história da humanidade a consciência do feminino teria levado, ou poderia levar futuramente, os seres humanos a algumas ações com poder de transformação. Neste sentido, busquei compreender qual tem sido a influência desta consciência a nível mundial, principalmente no campo científico. Ao mesmo tempo, a nível menos globalizado e mais próximo, no Estado de Santa Catarina, na região Sul de Santa Catarina, desenvolvia um trabalho de pesquisa e extensão com plantas medicinais junto a comunidades, muitas delas envolvendo mulheres anciãs, com conhecimentos ancestrais.

Nesta trajetória, fui me dando conta que nenhum trabalho externo é verdadeiramente possível, sem que haja uma correspondência interna profunda. O trabalho externo apenas reflete nosso estado de ser. Não sendo desta forma, apenas estaríamos reproduzindo escritos, utilizando somente uma das dimensões - a racional - como seres humanos. Como não é este o enfoque da visão transdisciplinar, pois procura resgatar todas as dimensões para a construção do conhecimento, fui buscando integrar vivências e experiências internas praticadas até então. O trabalho da monografia a que me referi acima, na época intitulado “Resgatando Marassínia”, foi um exercício para uma elaboração mais aprofundada no ano de 2003. Naquele ano, concluía o mestrado em Saúde Coletiva, que resultou na dissertação: “Rede Catarinense de Plantas Medicinais: Uma Abordagem Transdisciplinar para a Saúde Coletiva”.

Em uma etapa posterior de graduação acadêmica, de junho de 2011 a junho de 2012, parte do tempo da escrita deste trabalho de tese para obtenção do título de doutorado, dentro de um circuito de viagem e interação com a cultura europeia, a partir do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior - PDEE - CAPES no Norte da Espanha, deparei-me com um forte desafio. Me parecia um desafio que ultrapassava o do aprendizado e forçava o próprio espírito na tentativa de unir as partes, tornando não mais importante “o que iria escrever”, mas o exercício de “como construir para escrever”. Na chegada à Espanha, descortinou-se a oportunidade de exercitar uma visão apreciativa do planeta, estando voltada para um processo de interiorização, podendo olhar com amplitude,

tudo o que me cercava. Refletia sobre os acontecimentos da trajetória humana, desde os primórdios da terra, procurando entender como os processos ocorreram, mergulhada em leituras de livros com autores sobre a abordagem transdisciplinar. Isto possibilitou uma visão macro, da dinâmica que o coletivo criou e porque chegamos como humanidade, no estágio planetário em que estamos: imersos em uma grande crise e necessitando urgentemente descobrir caminhos para a sustentabilidade.

Esta oportunidade extrapolou em muito, o foco do trabalho antes pretendido, no sentido de uma evolução em compreensão, que me fez rever a proposta do projeto de tese que vinha elaborando até a chegada na Espanha.

Este reposicionamento do projeto não se refletiu na intenção e tampouco na direção, mas na amplitude e suas possíveis repercussões, dentro de uma visão de perspectiva global de compreensão da humanidade e a inserção, bem como a co-relação das ações locais que trata este trabalho.

Passei então a me perguntar: quem sou eu, dentro deste posicionamento global? Como posso construir um novo caminho, colocando no concreto da escrita, idéias e experiências de anos de vida e que convergem num tópico que é o tema do doutorado? Como utilizar na construção deste caminho, todas as minhas dimensões desde a biológica à espiritual, como requer a transdisciplinaridade, sem me apartar de nenhuma delas, num todo coerente e compreensível? Como integrar neste processo a criança, a adolescente, a mulher e a anciã que coexistem dentro de mim? Como dar vazão ao amor pelas plantas e aos estudos, a agricultora, a pesquisadora, a educadora, a mãe, a buscadora espiritual? Como entrelaçar conhecimentos de diversas correntes?

Passei a fazer uma retrospectiva da educação formal, vivências e experiências por mim acessados ao longo da vida e que hoje constituem meu repertório de conhecimentos híbridos, com os quais pretendo percorrer a aventura da construção desta tese. Memórias foram acessadas desde o contato com a vida rural na infância: a solidão, a timidez, os medos, a forma peculiar de me relacionar com as plantas, as pessoas e o planeta...os estudos...as leituras apaixonadas de livros... desde o primeiro deles nas memórias de infância - “O Guarani” de José de Alencar - quando a imaginação corria solta sobre os cenários naturais fantásticos. Depois... “O Meu Pé de Laranja Lima” que despertou em mim a conversa com ameixeiras, goiabeiras e bergamoteiras. Da infância, seguem as memórias do contato com a filosofia cristã, por conta da fé de meus antecessores italianos. Mais tarde...saindo do meio rural para estudar, o contato chocante com a urbanização, a

universidade, o distanciamento da filosofia cristã na qual fui criada em uma busca espiritual de outras filosofias... filosofias orientais e ocidentais, estudos sobre astrologia, yoga, vivências em comunidades: Nazaré Paulista, Figueira, o contato com a cultura indígena: guaranis, xamanismo urbano, terapias integrativas e complementares, antroposofia (agricultura biodinâmica, pedagogia waldorf, medicina antroposófica), taoísmo, budismo...

Experiências e vivências vão se encontrando... e todas elas, sem dúvida colaboram na construção do caminho. Desde as referências da infância transcorrida no meio rural em Jacinto Machado, pequeno município do Sul de Santa Catarina, conservo viva a sensação do frescor do ambiente simples e natural onde aprendi a amar e conhecer as plantas, e em especial as medicinais. O contato prático com estas, vem dos sábios conhecimentos repassados pela “nona” Augusta, muitos destes, recebidos por ela através de contatos com indígenas.

A oitava de nove filhos de pais de origem italiana, desde cedo fui iniciada na labuta do trabalho agrícola, mas também desfrutei de um ambiente cultural. Todos os irmãos que me antecederam progrediam nos estudos e a maioria deles vivia em regiões distintas do país a fim de completar suas formações. Quando retornavam de férias, traziam tantas e tão ricas histórias que ampliavam meu pequeno mundo. Para mim, estudar era “um caso de amor”, além das plantas. A noite, depois de um dia intenso de trabalhos na “roça”, sob luz de lamparina me deleitava em leituras e tarefas escolares. Secretamente, ou nem tanto, pois adorava deixar correr minha imaginação e dialogar com as plantas, nutria sonhos de me tornar professora, pesquisadora e poder me expressar através das palavras e da escrita, apesar da minha enorme timidez.

Ao terminar os estudos básicos na escola pública, optei como a maioria dos meus irmãos por estudar em um outro município próximo, em um colégio particular. Apesar de ser um colégio pago, meus pais com auxílio de bolsas de estudo, se esforçavam para manter-nos lá, pois tinha fama de preparar bem para o vestibular. E já que não tinham muitas posses, consideravam que a melhor herança que poderiam deixar para os filhos era o conhecimento.

Em época de escolha de uma profissão, prestei como opção vestibular para o Curso de Arquitetura e fui classificada. Foi um período de profundas mudanças. Transferindo-me para o meio urbano a fim de realizar o curso, o contato com a natureza

diminuiu e caí em grande crise. Acabei mudando minha opção profissional e prestei vestibular novamente, para o Curso de Agronomia.

Nesta época não consegui discernir o porquê da mudança e uma grande dúvida permaneceu em meu íntimo quanto ao meu trabalho. Iniciei uma busca então, no campo do auto-conhecimento, pesquisando e vivenciando várias filosofias espiritualistas e terapias naturais.

No Curso de Agronomia, especialmente me interessava pelas disciplinas relacionadas às plantas, sociologia e extensão rural e procurava me envolver com projetos de pesquisa-extensão nas comunidades. Optei realizar o trabalho final do Curso de Graduação, no Oeste de Santa Catarina, na organização de mulheres rurais. Nos contatos com agricultores, ouvia muito sobre a influência da lua para o cultivo e para o corte de madeiras e assim, quando se apresentou um astrólogo do Rio de Janeiro na Universidade, em uma conferência sobre Astrologia Agrícola, resolvi me aprofundar. O aprofundamento me levou ao interesse por astrologia humana e foi aí que me deparei com os ensinamentos de Emma de Mascheville, através de uma de suas discípulas. Ouvindo sobre Emma, que já não se encontrava neste planeta, aprendi a admirar a mulher, neta da baronesa Von Hoffmann da Transilvânia, que viveu seus primeiros anos na Suíça, em Monte Verità, onde seu tio havia fundado uma comunidade de naturistas e reformadores, pregando a volta à natureza. Em Berlim, quando estourou a Grande Guerra Mundial, ajudou seu pai, pertencente a um grupo liderado por Herman Hesse, na atenção a fugitivos e prisioneiros da guerra. E mais tarde, com a esperança de se preparar a humanidade para novos tempos, acompanhava sua família a América, radicando-se no Brasil e tornando-se uma das maiores autoridades mundiais em astrologia, conhecida por sua profunda ética astrológica, e pelo trabalho pedagógico que sempre buscou realizar neste campo (GARCIA, 1994). Seus ensinamentos me introduziram na riqueza do simbolismo astrológico, permitindo-me a abertura com uma comunicação universal, que exercita um apurado grau de síntese e unidade, em um corpo de conhecimentos organicamente integrados, sistêmicos.

E assim continuei, após concluir a faculdade, a pesquisar no campo científico em uma pós-graduação a nível de especialização. Em paralelo desenvolvia estudos em outros campos, dedicava-me ao aprofundamento da astrologia humana e participava de um grupo de teatro com temas educativo-ecológicos. Porém, estes eram dois compartimentos em minha vida separados, já que não sabia como, ou ainda não era o momento de integrá-los.

Mais tarde, quando descobri minha vocação para a educação, assumi a disciplina de Botânica Econômica, no Curso de Agronomia, que estava iniciando na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Ao ler a proposta de ementa, senti que iria percorrer um longo caminho de volta às raízes. Identifiquei-me totalmente, principalmente com a parte que compreendia o tema plantas medicinais.

Logo no primeiro dia de aula, fazendo uma reflexão com os alunos a respeito da opção pelo Curso de Agronomia em nossas vidas, compreendi o porquê de minha escolha. Quando havia iniciado o Curso de Arquitetura, e atuando em meio urbano, senti falta de minhas raízes ligadas à natureza. Ter abandonado Arquitetura e escolhido Agronomia foi para mim uma tentativa de estar mais próxima dela, resgatando minhas raízes e buscando minha cura para a crise que estava vivenciando, em meio ao mundo urbano.

A partir desta época, o fascinante mundo das plantas medicinais me envolveu por completo. Feliz por ter descoberto meu caminho profissional e de vida, lancei-me a participar de congressos, ler todos os livros que encontrava sobre o assunto, e praticar na construção de um trabalho de pesquisa e extensão.

Querendo compartilhar meu amor pelo assunto, encontrei outras pessoas também interessadas e, em 1996, formamos a Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina. Iniciava na época uma liderança que foi acontecendo naturalmente, amplificando a atuação através da voz e da escrita, como sonhara na infância. Quanto mais estudava e praticava a partir desta temática multidimensional, mais o conhecimento se ampliava a respeito da ciência e da visão de mundo, que trouxera a humanidade inumeráveis conquistas, mas também precipitara a humanidade e o planeta a níveis insustentáveis. Na multidimensionalidade que a temática sugere, é que iniciaram as inquietações e indagações para a construção deste trabalho científico transdisciplinar.

O caráter multidimensional da temática “plantas medicinais” tem sido reconhecido como ponto crucial para o desenvolvimento de estudos e ações nesta área, em função dos conhecimentos milenares, que demandam abertura para a complexidade levando ao questionamento do que se entende por ciência no século XXI. Os estudos de Patrício et al. (1999) mostram que mediante os paradigmas predominantes, neste último século a ciência nos possibilitou conhecer muito e desenvolver as mais variadas tecnologias. Por outro lado, a falta de respeito com a vida se manifesta no desequilíbrio

ecológico e cultural, colocando em risco de extinção espécies animais, vegetais e componentes da tradição que promovem a vida.

D'Ambrósio (1993) aborda sobre a origem do problema, na concepção científica, no seu aspecto reducionista e atomista. Assinala que esta concepção é contra a natureza e a vida, conduzindo o ser humano a privilegiar um único modelo de desenvolvimento, ignorando a complexidade cultural e social.

O autor, a partir desta reflexão, entende que sobreviver à crise atual depende de uma visão global ou holística da realidade, e que esta visão emana, por sua vez, das grandes tradições da humanidade e das conclusões mais recentes da física. Isto, segundo o autor, exige uma mudança radical que se aplica a todos os níveis do saber e do fazer.

Mas, como o entendimento de uma nova concepção de ciência pode auxiliar na busca de sustentabilidade a partir de reflexões e ações que envolvem a temática “plantas medicinais”? Di Stasi (1996b) propõe o exercício da interdisciplinaridade. Chechetto (2003), sugere que para compreender e interpretar as múltiplas concepções e integrar a diversidade existente quando se aborda a temática, exige-se, além da interdisciplinaridade, a prática da transdisciplinaridade.

E o que seria a transdisciplinaridade? Qual sua ligação com a ciência do século XXI, baseada em sistemas complexos? Partindo do entendimento de interdisciplinaridade, esta surge, como consequência da complexidade de um objeto de estudo, que convoca para sua compreensão múltiplas visões, sendo a interação a condição necessária para seu exercício (Bustelo citado por PATRÍCIO, 1995; FAZENDA, 1992).

Sobre a transdisciplinaridade, essa requer antes de mais nada uma atitude interdisciplinar; e vai além disto, ao integrar o saber das diferentes disciplinas com o saber popular e tradicional (PATRICIO, 1991a; D'AMBROSIO, 1993).

Com base nestas reflexões, nasceu o desejo de contribuir de forma mais significativa, na construção de caminhos em busca da sustentabilidade através da visão transdisciplinar, nos meios onde estava atuando com plantas medicinais, e que tornara-se mais concreto ao produzir conhecimentos no mestrado em Saúde Coletiva.

Na ocasião, como docente na universidade nas áreas de ensino, pesquisa e extensão convivia de um lado com conhecimentos e informações científicas sobre plantas medicinais na academia, de outro lado, com os saberes e práticas em comunidades detentoras de outros conhecimentos.

Atuava também na organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina, convivendo com meios políticos e artístico-culturais como Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, no Conselho de Desenvolvimento Rural - Secretaria de Estado da Agricultura, e indagações me impulsionavam.

Instigava-me compreender como se desenvolveu o processo de construção da Rede Catarinense de Plantas Medicinais tendo em vista os elementos teórico-práticos de enfoque transdisciplinar aplicados neste processo, desde o início da organização da área no Estado.

Para dar conta de meu propósito recorri a uma metodologia de acordo com a nova visão de mundo no campo científico, ou seja: com a mudança de paradigma: a metodologia holístico ecológica, criada por Patrício (1999).

Após a conclusão e defesa do trabalho, as reflexões propostas no estudo, contribuíram para o direcionamento de um caminho teórico-prático de transformação a partir dos princípios transdisciplinares, identificados no processo de construção da Rede Catarinense de Plantas Medicinais. Estes princípios reforçavam a ideia da unidade de pensamento e da integração de setores e saberes (CHECHETTO, 2003).

Passei então a socializar este conhecimento em palestras e publicações com o objetivo de contribuir para uma revisão de valores que norteiam as ações no campo da saúde coletiva baseadas na disciplinaridade e no reducionismo, que impedem avanços na área de plantas medicinais e em outras áreas.

Ampliava também a inserção na esfera coletiva, atuando no Grupo de Fitoterapia do Ministério da Saúde - Brasil, para a construção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares para o Sistema Único de Saúde - SUS (PNPICS), política aprovada em maio de 2006.

Em 2009, aprovada na seleção do Doutorado em Agronomia, no Programa de Horticultura da Universidade Estadual Paulista, na área de etnobotânica - plantas medicinais, surgiu a oportunidade de aprofundar os conhecimentos construídos no mestrado e aproveitar as experiências acumuladas nos anos anteriores. Especialmente sobre a experiência do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais - GEUPLAM envolvendo a equipe inter-transdisciplinar da qual participara e ainda em curso, entre comunidade e universidade, com mulheres conhecedoras de plantas medicinais da região Sul de Santa Catarina.

Esta experiência faz parte do início da organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina e perdura por 15 anos, em longo intercâmbio de conhecimentos científico e popular. Atualmente estes estudos contam com o apoio de Universidades da região, incluindo a Universidade Federal de Santa Catarina. Participantes do projeto, compreendem sua importância, não só quanto ao resgate de conhecimentos, fundamentais para a sobrevivência de pesquisas com plantas medicinais, mas também como um espaço para a participação e discussão de temáticas mais amplas, que envolvem sustentabilidade.

Adotando uma concepção holística da realidade, o grupo discute a temática “plantas medicinais” de forma abrangente, de maneira que as mulheres possam colocar seus conhecimentos adormecidos, resgatar sua auto-estima e aumentar o senso de união. O processo de construção desta experiência iniciado em 1996, bem como os dados gerados necessitavam ser acompanhados, descritos e analisados, no doutorado a que me propus.

Em setembro de 2010, em visita a uma das conexões da Rede Catarinense de Plantas Medicinais, na Universidade de Valladolid – Palencia - Espanha, na área de Desenvolvimento Rural e Psicologia do Trabalho, as possibilidades de aprofundamento desta proposta se ampliaram.

Trabalhos realizados pela Doutora Fatima Cruz Souza na Escuela Universitária de Educación desta Universidade e Instituto de Gestión Forestal Sostenible estão focados na linha do desenvolvimento rural sustentável, aplicando-se metodologias qualitativas de abordagem integrativa e alguns dos quais, envolvendo grupos de mulheres. Na região da Montanha Palentina, desenvolvem-se projetos que se referem ao despovoamento, como uma grave ameaça a sobrevivência dos territórios rurais, e a manutenção do patrimônio natural e cultural associado. Neste contexto, as mulheres têm papel fundamental, sendo protagonistas do êxodo rural, tendo sido expulsas conforme Cruz- Souza (2006).

A autora, depois de ter entrevistado mulheres de comunidades ao norte da Espanha, propõe ações para o desenvolvimento rural sustentável daquela região, entre elas, a construção de redes entre grupos de mulheres, inclusive a nível internacional, impulsionado o intercâmbio de experiências, apoio a construção de identidades femininas com plena participação de mulheres, promoção do desenvolvimento rural integral na visão da perspectiva feminina como narradoras válidas de suas próprias necessidades, expectativas e experiências e busca de soluções criativas a seus problemas cotidianos.

Diante deste contexto, incluindo a necessidade da busca por um caminho que leve ao desenvolvimento sustentável, insere-se a constatação de Migliori (2009), de que as estratégias conhecidas, advindas de um modelo dominado pela cultura patriarcal, já não estão dando conta para encontrar soluções diante da crise planetária existente.

Neste sentido, a construção de uma “sociedade planetária” sustentável depende da necessidade de se discutir os rumos do desenvolvimento sustentável e a construção de um novo paradigma aberto a rever as bases das relações de gênero. Daí a necessidade da participação das mulheres, como defendem Herrero, Cembreros e Pascual (2011), porque têm desenvolvido habilidades e conhecimentos de sobrevivência que os construídos pela cultura patriarcal desconhecem e que são de grande importância para a construção da sustentabilidade. Para tanto, segundo Cruz-Souza (2012), é necessário equilibrar as relações de poder que possibilitem, o que em teoria de gênero se vem denominando como “empoderamento” de mulheres.

No caso das plantas medicinais, as mulheres historicamente, detinham um certo poder, na arte de cura e construção de conhecimentos que ao longo dos séculos de domínio patriarcal foi “retirado”(BORGES, et al., 2010). Neste contexto, vislumbrou-se este estudo, no sentido da possibilidade de resgate destes conhecimentos, utilizando-se a etnobotânica pelo seu caráter transdisciplinar e a perspectiva de gênero, para se promover o empoderamento.

O estudo justifica-se portanto, na expectativa de que os conhecimentos advindos deste, possam contribuir na busca de caminhos em direção ao desenvolvimento sustentável, a partir do empoderamento de mulheres no Sul do Brasil e Norte da Espanha, por meio do resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais, na abordagem transdisciplinar e perspectiva de gênero.

Justifica-se ainda pelas possibilidades de aprofundamento quanto a metodologias qualitativas de abordagem integrativa, em consonância com paradigmas emergentes em direção à sustentabilidade.

E como parte da utilização de todas as minhas dimensões, na construção dos conhecimentos que compõem esta tese, a fim de atender a perspectiva transdisciplinar a que me proponho, é que “ressurgiu” Marassínia.

Apoiada em Fazenda (2010), uma das expoentes da pesquisa interdisciplinar no Brasil, que aponta caminhos e traz reflexões sobre este tipo de pesquisa que bem poderiam

ser utilizadas para o pesquisador transdisciplinar, fui resgatando a presença ativa de Marassínia.

A autora acima referida, reforça a necessidade de se descobrir o valor e o sentido da pesquisa na vida dos pesquisadores, buscando alternativas para o dilema de ordem teórico/metodológico em suas formações, tendo inclusive, a preocupação em avançar nos cuidados e valor do uso de metáforas, nas questões de subjetividade e a importância atribuída a dimensão simbólica. A autora ainda alerta para o fato de que pesquisas desta natureza não nascem do acaso e sim de uma vontade construída. Em sua opinião, seu nascimento não é rápido e:

“(...) exige uma gestação prolongada, uma gestação em que o pesquisador se aninha no útero de uma nova forma de conhecimento - a do conhecimento vivenciado e não apenas refletido, a de um conhecimento percebido, sentido e não apenas pensado (...) das dúvidas construídas e trabalhadas surge um desafio - o desafio de criar uma teoria, uma teoria nascida de uma prática intensamente vivida. Este desafio vai se explicitando na superação de múltiplos obstáculos. O primeiro deles, o mais fundamental é vencer as amarras pessoais e deixar o peito aberto para que flua toda a emoção que a ação praticada provocou. Este processo é tão ou mais longo que o da nidação da teoria, pois exige uma adesão irrestrita ao processo de desvalimento da prática, exige o rompimento com estereótipos adquiridos no passado, rompimento às descrições padronizadas, exige a descoberta enfim, do símbolo que gestou e sustentou toda a prática vivida. Esse símbolo (...) é próprio de cada um, portanto exige do pesquisador um tempo próprio de maturação, uma forma própria de narrar e descrever, uma forma própria de reorganizar a ação, uma estética própria na apresentação e, sobretudo, exige de cada um, o compromisso com o desvelamento de uma ética própria que determinou seu próprio modo de ser - o que o marca, o distingue, o personaliza como ser único, habitante e construtor de uma forma própria...”(FAZENDA, 2010. p. 6)

Para Fazenda (2010), a pesquisa interdisciplinar exige, a busca da marca pessoal de cada pesquisador e o exercício em buscar sua “marca registrada” envolve uma viagem interior, que identifica-se com seu modo próprio de ser no mundo, no qual busca o encontro com sua metáfora interior. Este exercício de descoberta de sua metáfora interior, permite ao pesquisador um contato tão profundo com seu próprio eu, que o obriga a uma

percepção em totalidade de seu papel no mundo e do papel dos outros que com ele interagem.

A autora, nos últimos anos tem se aproximado dos estudos de Gauthier que afirma a importância da metáfora como referência, não apenas para o sujeito que pesquisa, mas para o grupo que dela compartilha. A mesma, comenta sobre as formas que os analistas junguianos interpretam as influências do inconsciente coletivo e dos arquétipos na estruturação básica da personalidade humana, incluindo símbolos e mandalas.

Segundo Jung (2000), o ser humano é um animal simbólico e necessita destes para processar as informações e desenvolver sua individualidade, que conterà fenômenos diversos preenchidos ou não, de forte carga emocional.

Jung criou conceitos importantes sobre a psique humana e seu significado simbólico. A análise de signos, símbolos, arquétipos (pré-disposição para experimentar e simbolizar situações humanas universais de diferentes maneiras), imagens, sonhos, mitos, inconsciente coletivo, persona, sombra e self constituem as bases da Psicologia Analítica criada por ele. Como pesquisador, dedicou-se profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente. Em sua teoria, enquanto o inconsciente pessoal consiste fundamentalmente de material reprimido e de complexos, o inconsciente é composto fundamentalmente de uma tendência a sensibilizar-se com imagens (símbolos), que constelam sentimentos profundos de apelo universal, os arquétipos, da mesma forma que os animais e seres humanos parecem possuir atitudes inatas, chamadas de instintos.

Também enquanto pesquisador, Jung explorou funções psicológicas do pensamento, sentimento, sensação e intuição, as camadas da psique inconsciente pessoal e coletiva. Argumentou que o inconsciente pessoal possui conteúdos mentais adquiridos durante a vida do indivíduo, que foram esquecidos ou reprimidos, enquanto que o inconsciente coletivo é uma estrutura herdada, comum a toda a humanidade, composta dos arquétipos.

Sugeriu que camadas mais profundas do inconsciente independem de leis de espaço, tempo e causalidade, gerando correspondência entre acontecimentos interiores e exteriores por meio de um significado comum, a qual denominou “sincronicidade”.

Explorou exaustivamente sonhos e imagens artísticas de seus pacientes. Suas obras, além de influenciarem a psicologia, influenciaram várias áreas do conhecimento como antropologia, sociologia e muitos outros campos como arte, literatura e mitologia.

Jung, criticava a visão materialista sobre a ciência. Defendia que, o materialismo não passa de um culto a um Deus exteriormente concreto por meio da razão, um tipo de fé nos princípios limitadores das leis físicas. Acrescentava que a razão impõe limites muito estreitos e apenas convida a viver o conhecido, e que convém recebermos igualmente os aspectos racionais e irracionais da vida.

Um caso que ilustra estes pensamentos é o do conhecido “escaravelho dourado”. Neste caso, Jung atendia uma paciente que apresentava uma forte resistência à terapia, sendo que a monotonia afetava paciente-terapeuta. Até o dia em que a paciente relatou que tivera um sonho com um escaravelho dourado. Assim que acabara de contar o sonho, escutou-se um estampido na vidraça. Era uma espécie de besouro de cor dourado muito raro na região e época do ano em que estavam. Daí em diante a análise deslanchou, ocasionando o renascimento daquela personalidade, estabelecendo-se a relação entre renascimento e o antigo símbolo egípcio do besouro.

Retornando aos trabalhos científicos orientados por Ivani Fazenda, a forte presença arquetípica reconhecida por analistas junguianos nas mandalas pesquisadas no âmbito da psicologia analítica são encontradas nos estudos das teses de orientados por Ivani Fazenda, quando da descoberta das metáforas interiores, também reforçadas por Gauthier (2004).

A mandala nestes trabalhos, adquire a configuração de uma imagem desenhada ou descrita através de formas e esta, acompanha o pesquisador durante todo o processo da pesquisa, e muitas vezes de tão marcante acaba por identificar a pesquisa e seu próprio autor.

Nos casos acompanhados por Fazenda, sendo o objeto de estudo a interdisciplinaridade, a imagem sempre acaba contemplando aspectos da totalidade do conhecimento numa espiral ascendente, e a mesma acredita que parte do poder de síntese que estas imagens detêm é incorporada à identidade do pesquisador, auxiliando-o posteriormente na recomposição de outros aspectos de sua vida.

Por compreender seu universo de ações e significados, o pesquisador interdisciplinar aceita dividir sua própria percepção do mundo e dos seres humanos, demandando por isto, um tipo especial de pesquisador, com sensibilidade para compreender os outros e respeitá-los.

O processo de pesquisar desenvolvido pela autora e seu grupo de trabalho, demandou uma formação especial na forma de pesquisar - a formação para a escuta

sensível - e a todo o processo que compreende a aquisição de uma escuta sensível na pesquisa, Fazenda, denominou “amor”.

Melhor adquirindo contornos de um rigor epistemológico, a explicitação deste amor, expressa-se oceanicamente contemplando a plenitude da emoção vivida na ação praticada e muitas vezes resulta na forma de mítica ou poética, não no aspecto racional dos mitos e dos símbolos, mas no aspecto de sua sensibilidade. Desta maneira, revelando o lado artista, poético e sensível dos pesquisadores (FAZENDA, 2010).

E é desta maneira que Marassínia ganha corpo e voz nesta tese, ao representar uma de minhas dimensões como pesquisadora orientada pela visão transdisciplinar, mas também como integrante da metáfora interior escolhida, na figura arquetípica coletiva do poder da consciência feminina no Planeta Terra, em parte, através das plantas medicinais. Para **a pesquisadora**, termo que escolhi para expressar-me durante a escrita, Marassínia é resgatada novamente e apresenta-se em uma viagem xamânica, quando ressurgue entre as Montanhas Etíopes, da antiga Abissínia, que em árabe significa “comunidade reunida”: (Figura 2):

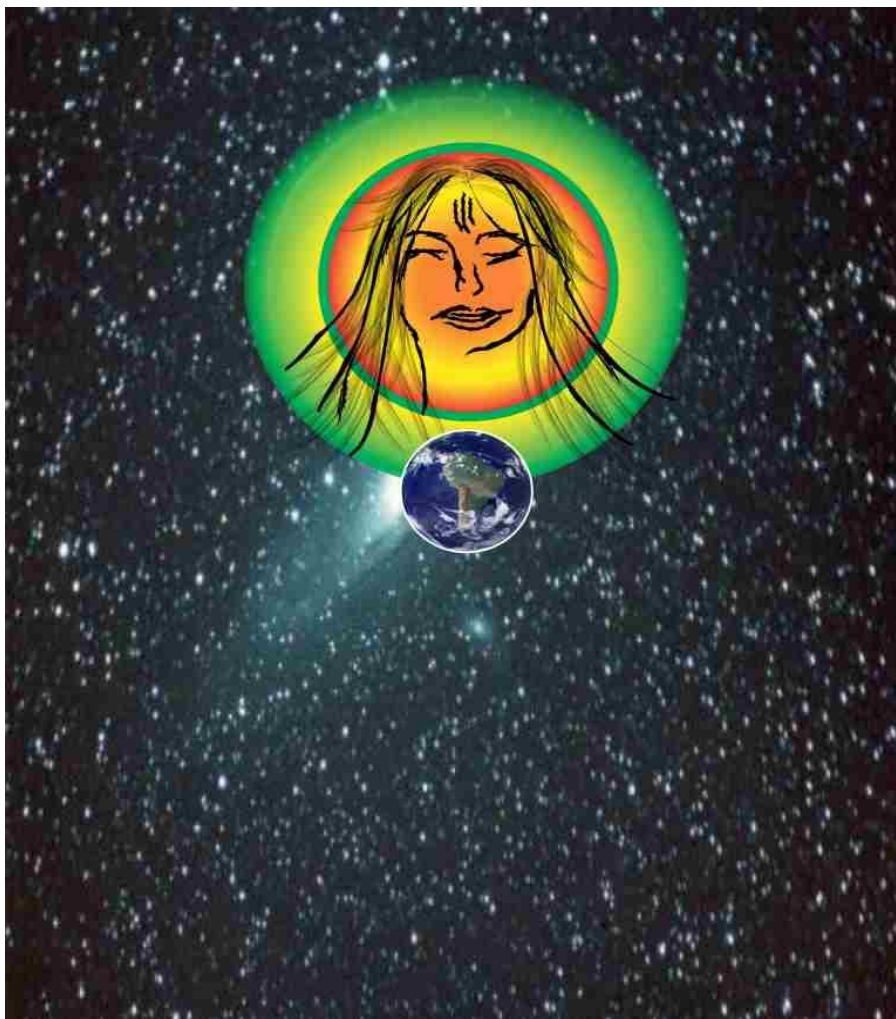


Figura 2. Representação simbólica da Consciência do Feminino: Arquétipo Marassínia
(Imagem: Barcelos de Souza Fernandes)

“Aqui estou, já que há tantos anos querias conhecer-me. Na verdade, já me conheces, pois sempre estive desde os primórdios, no âmago de todas as mulheres como consciência... também na dos homens...talvez seja verdadeiro o que a ciência vem discutindo... que todos os humanos são descendentes de uma única mulher que viveu na África, há cerca de 200 mil anos e que os cientistas denominaram “Eva Mitocondrial”, a Grande Avó de todos...não significa que foi a única mulher existente na época, mas foi a única que produziu uma linhagem direta de descendentes por linha feminina, que persiste até hoje...pois se assim for...eu já estava lá, como Consciência do Feminino no Planeta. Mas... hoje eu queria te mostrar nestas rochas, aqui nas grutas das montanhas etíopes, estas gravações em pedras... são ensinamentos muito antigos, que servem para os tempos atuais e que devem ser lembrados sempre: - o conhecimento Ancestral é Patrimônio da

Humanidade , ninguém tem o direito de roubá-lo...deve ser partilhado para beneficiar a todos - sempre te acompanhei...mas agora te acompanharei, e a todos os participantes mais de perto, no resgate da consciência do poder feminino, em parte através das plantas medicinais, na construção do processo que pretendem nesta pesquisa. Te acompanharei de forma invisível, mas poderás me ouvir muito bem. Antes de deixares estas terras da África, eu gostaria de pedir um presente, que é para mim, mas também por extensão, para todos os cidadãos terrestres. Um “Xale de Retalhos”, tecido com as marcas de cada etapa desta trajetória. Saberás em que momento devo receber este presente. Vou explicar o que significa o xale, nas palavras de uma nativa americana, James Sams, descendente das Tribos Cherokee e Seneca, professora na Tenda Escolar do Clã do Lobo, que escreve sobre as tradições de povos indígenas da América do Norte...” (Marassínia. Representação da Consciência Feminina no Planeta, em parte através das plantas medicinais).

E Marassínia, lê para a pesquisadora uma passagem do livro da professora Jamie Sams:

“o lar fica onde está o coração...os Nativos Americanos foram os guardiões da terra por vários séculos. Na época em que foram obrigados a seguir a Trilha das Lágrimas, e a abandonar as áreas onde viviam, o sentimento de perda foi devastador. Eles só tinham a uni-los os Ensinamentos Vivos que representavam o Espírito do Povo. Cada uma das Tribos sabia que poderia erigir um novo lar em outro local, pois enquanto os Ensinamentos estivessem vivos, o Espírito do Povo também continuaria vivo. Terminada a fase da Trilha de Lágrimas, muitas tradições novas começaram a brotar das cinzas do espírito alquebrado do Povo. A Cerimônia do Peiote, a Tomada do Xale, assim como diversos ensinamentos assinalaram o árduo caminho de volta ao coração, ao espírito e ao lar da América Nativa.... o Xale simbolizava o retorno ao lar e aos braços da Mãe Terra e significava sentir-se envolvido pelo seu amor e pela sua proteção...honrando o caminho dos ancestrais...(...) tomar o Xale também significa que se deseja trocar informações e deixar que vivam todos os Ensinamentos Tradicionais para que a excelência de cada um possa ser compartilhada por muitos” (SAMS,1993. p. 289-292).

Marassínia ainda acrescenta: “O Xale remete a ancestralidade, a essência feminina. Uma mulher com Xale é sinal de respeito às avós anciãs”. E assim, tendo internamente

assumido o desafio e o compromisso proposto por Marassínia de tecer o “Xale de Retalhos” como metáfora escolhida, é que iniciei a tecitura, sendo este, urdido na escrita das experiências práticas sobre o resgate de conhecimentos em plantas medicinais. Resgate este, com vistas ao empoderamento e a sustentabilidade, a partir de uma leitura de mundo, usando as lentes da perspectiva de gênero e da transdisciplinaridade. Para dar conta de realizar a tarefa pretendida, busquei os objetivos e finalidades do estudo.

1.2 Alinhavando os Objetivos e Finalidades do Estudo

A questão que norteia este estudo é: **Qual seria o processo de construção transdisciplinar que pudesse resgatar conhecimentos teórico-práticos sobre plantas medicinais junto a mulheres de comunidades da região Sul de Santa Catarina-Brasil e do Norte da Espanha de maneira a promover o empoderamento dessa população e o desenvolvimento sustentável local?**

Para responder a esse questionamento estabeleceu-se o seguinte **objetivo geral**:

- Desenvolver um processo de construção transdisciplinar com mulheres de comunidades da região Sul de Santa Catarina-Brasil e do Norte da Espanha-Montanha Palentina, tendo como foco o resgate de conhecimentos teórico-práticos sobre plantas medicinais e a promoção do empoderamento dessa população no âmbito do desenvolvimento sustentável local.

Este objetivo geral foi operacionalizado, através dos seguintes objetivos específicos:

- Descrever e analisar o processo de construção transdisciplinar de empoderamento desenvolvido através do resgate de conhecimentos teórico- práticos em plantas medicinais, junto a mulheres de comunidades da região Sul de Santa Catarina- Brasil, no período de 1996-2010.

- Aperfeiçoar o processo identificado na análise dos dados do trabalho com mulheres de SC, com apoio dos estudos de Cruz-Souza (2006) e de outros autores pertinentes, com vistas a sua aplicação junto a mulheres da Montanha Palentina - Espanha.

- Identificar os conhecimentos das mulheres de comunidades da Montanha Palentina - Norte da Espanha, sobre plantas medicinais a partir da abordagem transdisciplinar.

- Identificar elementos teórico-práticos, que apontem para potencialidades e limitações do resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais como estratégia para o empoderamento das mulheres e possibilidades de contribuição à sustentabilidade nas comunidades do Sul do Brasil e Norte da Espanha.

Entendo que a pertinência e relevância do estudo encontram-se no fato de este procurar tecer reflexões ancoradas em metodologia qualitativa de abordagem integrativa, dentro da visão transdisciplinar e perspectiva de gênero, que possam contribuir para a construção de uma nova forma de se fazer ciência, envolvendo as temáticas complexas escolhidas: resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais, empoderamento de mulheres e sustentabilidade.

Procuro desta forma, trazer uma contribuição no campo científico, perante as atuais discussões nos meios acadêmicos de se encontrar abordagens que estejam em consonância com paradigmas emergentes em direção à sustentabilidade.

Apesar da importância, estudos com abordagem qualitativa, são pouco conhecidos e utilizados na área agrônoma. Meu desejo é que este seja mais um estímulo, para tantas pessoas que gostariam de trilhar este caminho, integrando todas as facetas de seu “ser” na construção do conhecimento.

Acredito que o trabalho possa viabilizar um caminho teórico-prático de transformação da realidade estudada, oferecendo reflexões, a partir do contato com esta realidade, no sentido de elaborar propostas de ação, que utilizem a capacidade de religar, contextualizar e globalizar.

Meu desejo é também, que este possa contribuir para o estabelecimento de redes de empoderamento entre grupos de mulheres através do intercâmbio de experiências, a partir do universo transdisciplinar da temática “plantas medicinais”, na busca do desenvolvimento sustentável.

É minha intenção abordar o resgate de conhecimentos em plantas medicinais, através de “uma etnobotânica” que leve em consideração muito mais do que intenção utilitarista a que, em muitos casos tem servido. Desta maneira, o estudo pretende tornar visível os conhecimentos das mulheres sobre plantas medicinais e temas relacionados, sendo que torná-los visíveis requer um pensamento crítico que oferece o olhar etnoecológico como assinalado por Toledo e Bassols (2009). Os autores declaram que a nós, os pesquisadores treinados nos recintos acadêmicos da ciência moderna, ensinaram a entender as técnicas, a inventariar as espécies utilizadas, e a descobrir os sistemas de

produção, energia e abastecimento por meio dos quais os grupos humanos se aproximam da natureza. Poucas vezes nos ensinaram a reconhecer a existência de uma experiência, de certa sabedoria, na mente de milhares de homens - e acrescentaríamos - principalmente de mulheres que dia após dia trabalham na natureza mediante estas técnicas, estas espécies e estes sistemas.

Quanto a estrutura, este trabalho está organizado da seguinte forma: após esta introdução (capítulo 1), no capítulo 2 busquei elementos para a construção do referencial teórico que me possibilitasse o embasamento necessário, com foco nos temas complexos abordados na tese: transdisciplinaridade, plantas medicinais, resgate de conhecimentos através da etnobotânica e empoderamento de mulheres.

No capítulo 3 apresento o detalhamento do caminho metodológico do estudo, desde a ótica da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero, a definição dos métodos, tipos de estudo e procedimentos de coleta, registro e análise dos dados.

No capítulo 4 apresento a descrição e análise do processo de construção transdisciplinar de empoderamento, desenvolvido através do resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais, junto a mulheres de comunidades da região sul do Brasil desde os anos de 1996 à 2010.

No capítulo 5 descrevo o aperfeiçoamento do processo identificado na análise dos dados acima referenciados, com vistas a sua aplicação junto a mulheres da Montanha Palentina-Espanha.

No capítulo 6, em direção ao início do processo de empoderamento das Mulheres na Montanha Palentina são identificados os conhecimentos destas sobre plantas medicinais em busca de sustentabilidade, na abordagem transdisciplinar.

No capítulo 7 são discutidas as potencialidades e limitações na utilização da transdisciplinaridade e resgate de conhecimentos em plantas medicinais, como estratégias para o empoderamento das mulheres e possibilidades de contribuição à sustentabilidade nas comunidades do Sul do Brasil e Norte da Espanha.

No capítulo 8 apresento as considerações finais e, por último, apresento o conjunto de referências que ampararam e deram sustentação ao estudo.

Em todos os capítulos, procurei inserir a metáfora do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”, escolhida para acompanhar a escrita da tese, sendo esta, acompanhada pelas imagens artístico-simbólicas que a representam.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tomando o Fio de Ariadne para Tecer o “Xale de Retalhos”: Sustentabilidade na Era Planetária e Protagonismo Feminino

Nos encontramos diante de uma imensa responsabilidade coletiva frente ao desafio da sustentabilidade nos alerta Migliori (2009). Imensa, porque é da grandeza do Planeta Terra e nos chama a cidadania terrestre nesta era planetária como reforçam Morin e Hulot (2008), assinalando que os problemas ecológicos do nosso tempo, como a biosfera e a necessidade de salvaguardar a diversidade cultural, afetam a todos, e exigem o desenvolvimento do pensamento complexo ou transdisciplinar para gerar caminhos sustentáveis.

Migliori (2009) desenvolve seu pensamento de que as estratégias conhecidas já não estão dando conta para encontrar soluções sendo isto assustador, mas também representa uma oportunidade, porque se toda a humanidade não conhece as saídas, as pessoas podem se unir para construir algo novo juntas.

Mas como chegamos a esta situação? Que importância neste processo teve a predominância da cultura patriarcal e qual seria o papel da mulher nesta nova construção?

A Ecofeminista Alicia Puleo nas primeiras páginas de seu livro: “Ecofeminismo para Otro Mundo Posible” reinterpreta o antigo mito da Grécia do Minotauro nestes nossos tempos, contando que segundo o mito, Teseu, herói masculino resolve enfrentar o monstro no labirinto de Creta para liberar seus compatriotas de Atenas do tributo de entregar periodicamente jovens para alimentar o minotauro. Quando Teseu chegou a Creta, Ariadne, a filha do Rei, ficou impressionada por sua valentia e em segredo lhe entregou um

novelo, para que pudesse guiar-se com o fio no labirinto, matar o minotauro e voltar vitorioso.

Desta maneira, Teseu obteve o triunfo, graças a secreta colaboração de Ariadne. Pergunta Alicia: E a nova Ariadne de hoje? Na sua interpretação, não fica esperando que atue o herói. Não se limita a colaborar indiretamente em segundo plano. Ela também é protagonista da mudança. Entra no labirinto do mundo, junto com Teseu, para transformar a cultura nos tempos de mudanças climáticas.

Um bom exemplo deste protagonismo é o da ativista Wangari Maathai, Premio Nobel da Paz, 2004 - filha de família de humildes camponeses que nos anos de 1950, quando pequena, lembrava de seu povo, que olhava para o Monte Kenia e o considerando sagrado. A Montanha não somente abrigava a divindade, como frisa Puleo, mas também trazia água com trezentas fontes que alimentavam o Gura, o maior rio do Kenia. Mais tarde, Maathai recebeu uma bolsa de estudos para cursar biologia nos Estados Unidos e a seu retorno percebera que tudo havia mudado. As árvores haviam desaparecido e as mulheres lhe diziam que não havia água, nem lenha, nem comida para dar aos seus filhos. Compreendeu então a gravidade da situação, que havia começado desde a destruição da natureza, com os britânicos. Estes, haviam transformado a flora local para o reflorestamento com pinus e eucaliptos, espécies importadas, por seu maior rendimento.

Quando se retiraram, os camponeses puderam plantar livremente estas terras, elegendo o chá e o café por serem de alto valor no mercado. Desta forma, se intensificou o desmatamento até as ladeiras da montanha. E ainda que esta havia sido sagrada, ninguém protestou, porque os missionários levaram anos, ensinando as pessoas para que se livrassem do misticismo africano. As crenças autóctones já não podiam proteger a Montanha (PULEO, 2011).

Em 1974, sendo professora da Universidade de Nairobi, consciente desta situação, Maathai cria a Associação de Mulheres que tem plantado mais de 30 milhões de árvores, em doze países africanos.

Sua estratégia começou com grupos, que se encarregavam de rodear os campos de um cinturão verde, para limitar a erosão e dar abrigo a fauna. Foi concedido a ela, o Prêmio Nobel da Paz por sua atuação decidida em favor do desenvolvimento sustentável. Foi a primeira vez que este prêmio foi recebido por uma mulher africana e também por alguém que se destacou no ativismo ambiental. Um ativismo perigoso, que implicou em perseguições governamentais e prisão, quando denunciou interesses corruptos que estavam

por detrás de projetos urbanísticos. Ao receber o título disse: “ *Eu estou fazendo o meu melhor e isto é o que todos nós deveríamos fazer. Nós devemos sempre nos sentir como um beija-flor.*”

Em um determinado momento, quando percebeu que seu governo não respondia as questões que ela defendia, se candidatou a um cargo político e venceu. Foi Ministra do Meio Ambiente.

Bonitas frases ditas por Maathai, expressam a profundidade de sua atuação: “ *A árvore é somente um símbolo do que se passa com o meio ambiente. O ato de plantar uma, é o símbolo da revitalização da comunidade. Plantações de árvores, são só o ponto de entrada de um debate mais amplo*”. Maathai, foi defensora simultânea do meio ambiente, biodiversidade, democracia e direitos humanos das mulheres e crianças.

Inspirada neste e em outros tantos exemplos de responsabilidade que exemplificam o protagonismo feminino nesta Era Planetária e com o desejo de colaborar também, nestes tempos, tomo o fio de Ariadne para continuar a tecer o “Xale de Retalhos”, metáfora escolhida, e que guia a escrita desta tese. Com a agulha da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero pretendo costurar, tricotar e bordar os fragmentos da teoria, em busca de unidade a que me proponho, na construção do conhecimento.

2.2 Desenovelando o Fio de Ariadne: Sustentabilidade, Plantas Medicinais e Resgate de Conhecimentos no Empoderamento de Mulheres na Ótica da Transdisciplinaridade

Transdisciplinaridade, sustentabilidade, empoderamento, mulheres, plantas medicinais, resgate de conhecimentos apoiados pela etnobotânica. Cada um dos temas com suas complexidades. Ter em consideração os problemas não exclusivamente disciplinares, é a base mínima inicial para qualificar uma investigação como transdisciplinar (PINEAU, 2010).

Os temas acima listados vão “para além das disciplinas”, têm portanto uma dimensão transdisciplinar, são complexos. Na opinião de Almeida (2009), é necessário mostrar que a complexidade constitui um desafio que a mente pode e deve ultrapassar, apelando a alguns princípios que permitem o exercício do pensamento complexo.

Estes princípios discutidos abaixo, deverão conduzir o “desenovelamento” do fio da transdisciplinaridade para a construção de conhecimento a que esta tese se propõe:

1- Quando dizemos “isto é complexo”, estamos confessando a dificuldade de descrever e explicar um objeto que comporta diversidade de dimensões. Quanto mais aberto um sistema, maior sua complexidade. A condição humana, o sujeito, a sociedade, a cultura, a educação e a política demandam complexidade. Aqui, considero importante elucidar o entendimento de sistema aberto, conforme a Teoria Geral dos Sistemas, em trabalhos do biólogo alemão Ludwig Von Bertalanffy publicados entre 1950 e 1969. Seus pressupostos básicos são de tendência a integração entre ciências naturais e sociais, possibilitando a unificação, levando a integração do processo de educação científica. Conforme a teoria, os sistemas vivos, sejam indivíduos ou organizações, são analisados como “sistemas abertos”, mantendo um contínuo intercâmbio de matéria/energia. Ao contrário de sistemas fechados que não apresentam intercâmbio com o meio ambiente externo, sendo determinísticos e programados, operando com o mínimo de intercâmbio de matéria e energia com o meio ambiente. (CHIAVENATO, 1983, REZENDE; ABREU, 2000, BUCKLEY, 1976).

Voltando a complexidade sob a ótica de Almeida (2009), ela é tecida por elementos heterogêneos inseparavelmente associados que apresentam relação paradoxal entre o uno e o múltiplo. Não podemos por exemplo, em relação a um comportamento humano, dissociar as dimensões sociais das biológicas, a singularidade do sujeito, os condicionamentos do momento...quando atuamos por simplificação, incorremos no erro de tomar a parte pelo todo, de identificar uma causa única, de reduzir um fenômeno a uma de suas dimensões.

2- Em toda a complexidade existe a presença de incertezas, sejam elas empíricas ou teóricas ou as duas dimensões ao mesmo tempo. Quanto maior a complexidade, maior o peso da incerteza, porque sobre ela incidem múltiplas causas, elementos diversos que interatuam entre si, e a aptidão para modificar-se em função de eventos e informações externas.

3- Os fenômenos complexos não se regem por leis universais e imutáveis e a descrição linear, determinista, não se aplica. Não é possível determinar o futuro das organizações vivas, do ecossistema terrestre, ou das sociedades. Como sistemas, estes domínios estão constituídos por intercâmbios intensos e permanentes.

4- O complexo se mantém pela auto-organização, propriedade pela qual alguns sistemas tratam internamente suas informações regenerando-as, modificando-as e gerando novos padrões de organização. Como os fenômenos complexos são sistemas abertos, dependem

do meio e com ele intercambiam informações, fazendo do complexo um sistema auto-eco-organizado. Quanto mais informações adversas é capaz de absorver um sistema, resignificando-as e reintegrando-as a seu núcleo organizador, mais complexo é.

5- O complexo está sempre em evolução, mutação, transformação.

6- O complexo é simultaneamente dependente e autônomo. Necessita do contexto, do entorno, mas se organiza a partir de si. Um exemplo é o processo de conhecer. Dependemos de um meio, um contexto, de uma cultura acumulada, de um estoque de informações. Por outro lado, só produzimos conhecimento a partir de nós mesmos, de nossos modelos cognitivos, ninguém pode conhecer pelo outro.

7- Emergência em relação ao conjunto de conhecimentos já consolidados. Emergência a um dos elementos ou padrões já existentes. Como por exemplo, o aparecimento de uma nova espécie, um novo paradigma na história do conhecimento.

Com estas noções internalizadas, e tendo em vista que a transdisciplinaridade requer um pensamento organizador, denominado pensamento complexo e que utiliza-se de um “meta”ponto de vista e não de “um” ponto de vista somente, voltemos aos nossos temas complexos: transdisciplinaridade, sustentabilidade, empoderamento, mulheres, plantas medicinais e resgate de conhecimentos possibilitado pela etnobotânica. Como interconectar estes temas complexos, sem dissociá-los? Tarefa difícil.... ou talvez “desafio complexo”. Começemos aprofundando sobre o pensamento transdisciplinar e a interconexão com sustentabilidade e empoderamento de mulheres.

Buscando compreender melhor o significado da visão holística e/ou transdisciplinar e vislumbrar seu papel na integração de seres humanos e seus saberes, envolvendo os temas: sustentabilidade, plantas medicinais e empoderamento de mulheres, procurei abaixo elucidar esta compreensão desde suas raízes, ou origens.

2.2.1 A Ótica da Transdisciplinaridade e suas Bases

A origem do pensamento sistêmico se situa na antiguidade, com os pré-socráticos. Mas sua reintegração aconteceu com as descobertas da física moderna a partir de Einstein, Werner Heisenberger, Bohr e outros cientistas.

O termo “transdisciplinaridade” foi trazido por Jean Piaget, num encontro sobre interdisciplinaridade promovido pela Organização da Comunidade Europeia em 1970

significando “transcender disciplinas”. Sendo que ao transcendê-las, procura-se não negá-las, por não ser um enfoque contra a especialização, reconhecendo sua necessidade e importância. Trata-se de uma abertura do especialista ao todo que o envolve e a dialogicidade com outras formas de conhecimento e de visões do real, procurando a complementaridade, a motivação e a disponibilidade para atuar em equipe, e o desafio da convivência com a diversidade (WEIL et al., 1993).

Paul (2000) discute que foi a convergência lenta, ao longo do século XX, de correntes diferentes, e a necessidade progressiva de se religar, articular disciplinas e apreender realidades globais que construíram a transdisciplinaridade.

Relembra que a palavra “transdisciplinaridade” aparece no começo dos anos de 1970, mas que existem alguns trabalhos precursores como os de Lupasco, Morin, Barel, Girard e Dupuy. Porém foi em 1986 que sob a égide da UNESCO, surgiu a famosa Declaração de Veneza.

O comunicado final do colóquio sugere, em particular, que o conhecimento científico chegou a uma escalada prejudicial por um lado, e por outro, a limites que podem começar um diálogo com outras formas de conhecimento tradicional.

Sem penetrar a fundo nos detalhes dos documentos, das declarações ou dos princípios da física quântica, das teorias dos sistemas, das epistemologias construtivistas, Paul (2000) compreende que a transdisciplinaridade se propõe como um modelo de estruturação, articulação e diálogo com outras formas de conhecimento. O modelo cartesiano baseado na hiperespecialização apoiada pela disciplinaridade, opõe-se a uma visão sintética e sistêmica do ser humano global.

A concepção cartesiana-newtoniana foi concebida inicialmente pelo matemático francês René Descartes e pelo físico, astrônomo e matemático Isaac Newton (CAPRA, 1982). Teve um grande impacto na física, biologia, medicina, psicologia, economia, filosofia e política. Foi pautada também por uma abordagem mercantil e competitiva na exploração da natureza.

Capra (1982) propõe para a superação deste modelo, uma profunda revolução cultural. A adoção de um conceito holístico e ecológico. Este conceito nos leva à concepção de transdisciplinaridade, segundo Weil (1993). Para o autor, transdisciplinaridade implica necessariamente abordagem holística, embora do ponto de vista histórico, os dois termos tenham nascido e se desenvolvido de modo independente.

Algumas teorias oferecem suporte e consistência a abordagem sistêmica, holística ou transdisciplinar. Costa Neto (2001), discute a teoria do caos e estabelece alguns princípios, com suas aplicações. Um dos princípios é o de que em qualquer sistema vivo a consciência representa a força essencial e não a matéria, e sua aplicação seria o fato de que se quisermos mudar um sistema, temos que mudar a mentalidade que lhe dá vida. Outro princípio é o de que os sistemas vivos são complexos, e em grande parte imprevisíveis. Traz ainda o princípio da interdependência de todos os elementos em uma situação, indicando a necessidade da visão do todo (global) e a ação local (partes).

Finalmente, esta teoria aponta para o princípio da auto-organização nos sistemas vivos do processo de entropia pelo qual as coisas de um sistema vivo passam, lembrando a necessidade de acessar e ativar o potencial positivo do sistema e sair do caminho (auto-organização) e injetar energia nova, de alta qualidade no sistema, para impedir que defina.

Conforme estes princípios e suas aplicações, trabalhar com “sistemas” requer a visão do todo, interação, autonomia, organização e objetivos, complexidade (interação entre os componentes e o meio). Requer compreensão de níveis (como por exemplo da célula para a folha, folha ao animal, animal inserido numa propriedade, propriedade inserida numa região, região inserida no planeta).

Para Costa Neto (2001), novas abordagens, abordagens sistêmicas, exigem ênfase em metodologias participativas, que privilegiem o entendimento das relações humanas e a interação entre estas relações, o que pressupõe uma visão construtivista. O autor chama a atenção para a diferença entre enfoque sistêmico tradicional ou “hard-systems (sistemas duros), no qual predomina o controle de sistemas físicos de produção, visando objetivos pré-determinados, das abordagens “soft-systems” (sistemas macios), que enfatizam as relações humanas características dos complexos sistemas vivos.

Ison (1992) aponta os sistemas macios como importantes na colaboração em diversas experiências sistêmicas oferecendo oportunidade para a construção do desenvolvimento sustentável.

Nos sistemas macios o foco estaria nas interações de sistemas vivos, sobretudo humanos, e na construção de decisões e ações; enquanto que em sistemas duros, o foco seria para sistemas de produção, objetos mais simples, controle de entradas e saídas, visando otimizar as saídas.

Nos sistemas macios, acredita-se em múltiplas realidades, onde cada um interpreta a sua, diferentemente, enquanto que nos sistemas duros, a crença em uma única e objetiva realidade, à qual a ciência convencional tem acesso privilegiado, é reforçada.

Outros enfoques de sistemas macios são a ênfase no processo dos problemas, a partir das diversas interpretações, a construção de várias soluções alternativas, a harmonização de vários objetivos, como por exemplo, objetivos econômico, social e ambiental. Os conflitos são considerados e gerenciados.

Em sistemas duros, a ênfase recai na identificação de problemas e sua solução técnica, em produtos a serem obtidos; busca-se a solução ótima para problemas identificados e maximização de um único objetivo (geralmente desenvolvimento técnico e econômico), e os conflitos são ignorados.

O enfoque dos sistemas macios valoriza todas as formas de conhecimento, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, paradigma construtivista, enquanto que nos sistemas duros valoriza-se o conhecimento local, mas prevalece a “superioridade do científico”, com base no paradigma positivista, na disciplinaridade e multidisciplinaridade.

Ison (1992) chama a atenção no novo paradigma para redes autodirigidas, ao invés de estruturas fragmentadas, hierárquicas. Na continuidade da busca de compreensão sobre a visão transdisciplinar, Bourguignon citado por PAUL (2000), discute o artigo de Niels Bohr, de 1955, sobre a unidade do conhecimento.

A partir do artigo, com base na física quântica, que propôs uma ruptura radical com as leis da física clássica, a existência de ao menos dois níveis diferentes de realidade foi imposta. A natureza do real não é mais binária, mas paradoxal, inclusive holográfica. A relação do observador e do observado não é mais objetiva, e que se opõe, mas interativa.

A partir desta constatação, o avanço cada vez mais rápido do conhecimento está causando uma transformação mundial que revoluciona cada aspecto da vida. A ciência está rompendo com as visões fragmentadas do mundo, e o universo deixa de ser visto como uma engrenagem mecânica. Velhos sistemas de referência caem, e um novo paradigma vai se construindo.

As bases científicas que sustentam este novo paradigma que envolve o holismo e a transdisciplinaridade, são enunciadas por alguns cientistas como descrito em Tavares (1993): Max Planck (1858-1947), que quantificou a energia dando início à nova mecânica quântica, válida para o microcosmos, enquanto Albert Einstein (1879-1955) relativizou o tempo, espaço e movimento, dando lugar à teoria da relatividade, mais apropriada para o

macrocosmos. Abandonou-se a idéia de continuidade e rigidez da geometria euclidiana para geometrizar a gravitação e se descobriu a equivalência básica entre matéria e energia.

Niels Bohr desenvolve nesta mesma época (início do século passado) o princípio da complementaridade, estabelecendo que as propriedades de uma partícula não estão determinadas antes da sua observação e Werner Heisenberg corrobora esta idéia, com seu princípio da incerteza, que estabelece que o ato da observação modifica o objeto observado. Estes dois princípios demolem dois pilares fundamentais da ciência contemporânea: a localidade (e causalidade) e o realismo (objetividade). O modelo de universo não é mais determinístico e causal (TAVARES, 1993).

Bohm (1980) fornece uma tentativa de entendimento para o que ele chama de “entretecimento” universal. Para ele, a ordem explicada é o universo que podemos apreender à nossa volta, isto é: o mundo das causas e efeitos descritos pelas diversas leis da física, e a ordem implicada é um nível de ordem não perceptível pelos sentidos ou qualquer aparelhagem física. No plano da ordem implicada, cada parte do Universo contém o Universo inteiro dobrado em si mesmo.

Russel (1982) estabelece que esta é uma noção estranha e difícil de aceitar, e sugere uma analogia com a nova técnica fotográfica da holografia. Cada ponto de uma fotografia normal é uma parte específica da imagem final. Para a imagem ser vista corretamente, todos os pontos precisam estar na posição correta. Num holograma, por outro lado, cada ponto da chapa holográfica registra dados referentes à imagem inteira. Cada parte da imagem fica codificada em todas as partes. Quando olhamos para um holograma a olho nu, vemos apenas uma teia finíssima de ondulações e “encrespamentos”. Mas quando um tipo especial de luz é incidido sobre a chapa, a imagem surge e parece saltar das três dimensões. Como qualquer região da chapa fotográfica contém informações sobre a imagem toda, cada parte é capaz de reproduzir a imagem em sua totalidade (embora quanto menor for a região da chapa, mais imprecisa e obscura será a imagem). Neste sentido, a imagem está dobrada em cada parte da chapa.

A teoria da ordem implicada de Bohm sugere que o universo físico tenha semelhança com um holograma. Assim, a totalidade do espaço e do tempo estaria de algum modo envolta e encerrada em cada uma das partes do universo. A ordem implicada nunca é percebida diretamente. O que nós apreendemos é a ordem explicada, isto é, formas específicas geradas a partir da ordem implicada subjacente.

Em última análise, na conclusão de Bohm, o Universo inteiro deve ser entendido como um único todo não dividido e indivisível; nenhuma das suas partes, tomada separada e independentemente, possui estatuto ontológico.

Luzes sobre as teorias que dão suporte à transdisciplinaridade, encontram-se nos livros do biólogo e filósofo da natureza Rupert Sheldrake. Suas teses e teorias revolucionárias, como a dos campos morfogenéticos, abalaram as verdades já estabelecidas no meio científico ao discutir questões sobre o mundo, a ciência, transcendência, caos e criatividade.

Aveline (2007), ancorado nos escritos de Sheldrake (1981), discorre sobre o conceito de campos morfogenéticos (do grego morfo = forma, e gênese = origem), que foi criado na década de 1920 por biólogos de visão holística. Os campos morfogenéticos seriam semelhantes aos campos eletromagnéticos e gravitacionais conhecidos na física, mas possuem algumas características extraordinárias: como os campos conhecidos na física, eles conectam coisas similares através do espaço, embora aparentemente não haja nada entre eles; mas, além disso, eles conectam coisas através do tempo.

Aveline sustenta que o enfoque de Sheldrake tem uma correspondência com a idéia de ordem implícita do físico David Bohm, vista anteriormente. Em sua opinião, há pontos de coincidência destas hipóteses com as idéias do inconsciente coletivo e de arquétipo na obra de Carl Jung. Deste ponto de vista, Sheldrake (1993), avalia que substâncias como a penicilina cristalizam-se de modo específico como o fazem, não porque são governadas por leis matemáticas permanentes, mas porque, antes, já se tinham cristalizado; desta maneira, estão seguindo hábitos através da repetição. Novas substâncias químicas sintetizadas pela primeira vez são normalmente difíceis de cristalizar, e passam a formar cristais mais facilmente à medida que a cristalização se repete. Esta incidência do passado sobre o presente é chamada por Sheldrake de ressonância mórfica.

A ressonância causa a “influência do semelhante sobre o semelhante através do tempo e do espaço” e não diminui com a distância física. Ela não transfere energia, mas sim informação, sugerindo como organizar a energia.

Aveline (2007) sustenta ainda, que a hipótese de Sheldrake permite entender que os processos regulares da natureza são governados em alguns casos por hábitos herdados através de ressonância mórfica, e não apenas pelas leis externas. Assim, os organismos herdam não só genes, mas também, campos mórficos. Os genes são transferidos materialmente por seus ancestrais, eles permitem produzir certos tipos de moléculas de

proteínas; os campos mórficos são herdados não materialmente, por ressonância mórfica, não apenas por ancestrais diretos, mas também de outros membros da espécie. O organismo sintoniza os campos mórficos de sua espécie, e desse modo, tem a sua disposição uma memória coletiva ou de grupo, onde colhe informações para seu desenvolvimento.

Para Aveline (2007), fundamentado em Sheldrake (1993), a hipótese de Sheldrake permite explicar também as mudanças qualitativas de comportamento - quando houver um número de pessoas sintonizadas com a energia, e já se estiver registrado no campo mórfico do nosso processo civilizatório um peso suficiente para uma civilização baseada na ética, a mudança de atitude pode ser súbita, como no episódio famoso do centésimo macaco.¹

Quando um número de pessoas tiver criado novas formas de viver e trabalhar sintonizadas com o Novo Milênio, a transformação do cenário mundial pode ser muito rápida.

Fritjof Capra, autor já citado anteriormente, levanta discussões importantes sobre a teoria sistêmica em seus livros: “O Ponto de Mutação”, “O Tao da Física” e “A Teia da Vida”. Em seu livro “A Teia da Vida”, Capra (1996), descreve o cérebro humano como uma rede ou teia de relações, com uma estrutura tremendamente complexa. Esta estrutura contém dez bilhões de células nervosas (neurônios), que estão interligados formando uma grande rede graças a um bilhão de junções (sinapses). O cérebro pode ser dividido em seções ou sub-redes, comunicadas entre si de modo não linear, isto é, com a troca energética fluindo em todas as direções ao mesmo tempo e provocando uma ação instantânea coordenada. Algo semelhante ocorre com o Planeta Terra, como ecossistema natural. Há uma auto-organização.

Segundo a hipótese GAIA, comentada por Russel (1982), a auto-organização ecológica é também consciente. O planeta vive e regula seu metabolismo mantendo a temperatura certa e outras condições de vida necessárias.

Lovelock formulou a hipótese GAIA baseado no fato de que a Terra seria capaz de regular sua temperatura, assim como a composição química de sua atmosfera, a salinidade de seus oceanos - do mesmo modo que os organismos vivos descritos pela biologia. A Terra não é desta forma, vista como um planeta morto, feito de rochas, oceanos e

¹ Cientistas observaram o surgimento do hábito de alguns macacos lavarem na água da praia, antes de comerem, batatas que ganhavam como ração. O exemplo dos pioneiros foi sendo seguido, aos poucos, por mais indivíduos. Quando um número de macacos que lavava as batatas chegou a certo ponto, macacos de outras ilhas distantes passaram a ter o mesmo comportamento.

atmosfera inanimados; mas sim um conjunto vital, capaz de auto-regular-se (CAPRA 1996). A teoria representa um deslocamento, de uma ecologia antropocêntrica (centrada no ser humano), para uma ecologia que não separa os seres humanos ou qualquer outra coisa do meio ambiente natural, vendo o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. Faz ressurgir também a antiga “deusa” grega Gaia, correlacionando a Terra ao feminino.

Mas, o que a transdisciplinaridade teria a ver com sustentabilidade? Para poder traçar esta co-relação procurei compreender as bases da sustentabilidade.

2.2.2 As Bases da Sustentabilidade

Espécies são extintas num ritmo mil vezes maior que o natural, minando a estabilidade de ecossistemas, ameaçando nossa própria existência. O alerta dramático foi ouvido por representantes de 193 países na abertura da 10ª Conferência das Partes sobre a Biodiversidade (COP 10), um dos encontros ambientais mais importantes do ano de 2010, em Nagoya, Japão. A destruição da própria fundação que permite a vida no planeta atinge o ponto limite, trazendo reflexões urgentes sobre os valores que permitiram a humanidade chegar a um ponto em que, se não houver um plano estratégico para interromper o processo, não existirá possibilidades de revertê-lo (SARMENTO, 2010).

Novaes (2012), chama a atenção sobre o documento de 22 páginas entregue em Nairóbi, no Quênia em 2012, aos ministros reunidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, escrito e assinado por 20 dos mais destacados cientistas que já receberam o Prêmio “Blue Planet”, também chamado de “Prêmio Nobel do Meio Ambiente”. Entre eles, estão a Primeira Ministra norueguesa, Gro Brundtland, coordenadora do primeiro relatório da ONU sobre desenvolvimento sustentável, James Lovelock, autor da “Teoria Gaia”, e o professor José Goldemberg, ex-ministro brasileiro do Meio Ambiente.

Nesse documento os cientistas traçam um panorama dramático da situação no mundo em áreas vitais: clima, excesso de consumo e desperdício, fome, necessidade de aumentar a produção de alimentos e escassez de terras, desertificação e erosão, perda da biodiversidade e de outros recursos naturais, subsídios gigantescos nas áreas de transporte, energia, agricultura - e a necessidade de eliminá-los.

Enfatizam a necessidade de “empoderamento” das mulheres e de grupos sociais marginalizados; substituir o produto interno bruto (PIB) como medida de riqueza e definir métodos que atribuam valor ao capital natural, humano e social; atribuir valor à biodiversidade e aos serviços dos ecossistemas. O documento traz reflexões sobre qual será o futuro das próximas gerações, com a temperatura no planeta que é de 3 a 5 graus mais quente do que já tivemos; e está eliminando o ambiente natural, do qual depende nossa saúde, riqueza e consciência e finaliza afirmando que a tecnologia não virá a tempo para resolver; ao contrário, precisa-se de soluções humanas.

Afirmam também o desejo de um mundo sem pobreza e equitativo, que respeite os direitos humanos, de comportamento ético mais amplo com relação à pobreza e aos recursos naturais - um mundo ambientalmente, socialmente e economicamente sustentável onde os desafios com mudanças climáticas, perda da biodiversidade e iniquidade social tenham sido enfrentados com êxito. Analisam que este é um sonho realizável, porém não com os caminhos atuais, que definiram um sistema profundamente ferido.

Conforme Morin e Hulot (2008), o aspecto metanacional e planetário do problema ecológico apareceu nos anos 1969 - 1972. Em 1972, organizou-se a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano (Conferência de Estocolmo), sendo a primeira Conferência Internacional a buscar soluções para os problemas ambientais e que resultaria na Declaração sobre o Meio Ambiente Humano (SMA, 1997). A declaração introduziu na agenda política internacional a dimensão ambiental como condicionadora e limitadora do modelo tradicional de crescimento econômico e do uso dos recursos naturais. (NOVAES, 2003).

As primeiras estimativas de estudos mais aprofundados sobre as taxas de desmatamento e extinção de espécies, denotando perda da biodiversidade, surgiram no fim dos anos 1970 (HEYWOOD; WATSON, 1995).

Em 1980, em Nova York, publicou-se o documento “Estratégia Mundial para a Conservação” elaborado sobre o patrocínio e supervisão do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) e do Fundo Mundial para a Vida Selvagem (WWF), que atua na conservação de espécies e ecossistemas, manutenção da vida no planeta e preservação da diversidade biológica, introduzindo pela primeira vez o conceito de “desenvolvimento sustentável” (NOVAES, 2003).

Em 1983 estabeleceu-se a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), liderada pela Ministra da Noruega Gro Brundtland culminando no documento “Nosso Futuro Comum”, publicado em 1987 e mais conhecido como Relatório Brundtland, que popularizou a expressão “desenvolvimento sustentável”, que já convocara para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio 92 (BORN, 2000).

A definição de desenvolvimento sustentável foi apresentada em 1987, pela Comissão Brundtland como: “ *o desenvolvimento que atende às necessidades básicas das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras atenderem às suas, observando os limites e capacidades dos processos ambientais*” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991).

Em 1992, é realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento CNUMAD-92 ou Rio 92, na cidade do Rio de Janeiro, ampliando-se a discussão e estabelecendo-se as ações para viabilizar o desenvolvimento sustentável em todo o mundo (NOVAES, 1992).

Cruz-Souza (2011) lembra que, quando se fala de desenvolvimento sustentável, a ênfase recai sobre as dimensões econômica e ecológica e que isto pode ser compreendido desde a perspectiva do desenvolvimento histórico dos conceitos implicados neste debate, mas não pode ser considerado suficiente.

A autora aponta que desde as iniciativas de 1972, com os primeiros estudos em escala planetária trazendo dados sobre as agressões ao ambiente, até o informe da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991) da Organização das Nações Unidas: “Nosso Futuro Comum”, se percebe no debate sobre a degradação, a relação entre economia e ecologia, sem considerar outras dimensões.

Comenta que a partir da preocupação pelo tema da degradação ambiental, se plasmou e difundiu o conceito de desenvolvimento sustentável, que alcançou reconhecimento mundial a partir da Conferência Rio 92. E ainda com ênfase no tema da preservação ambiental, o conceito de sustentabilidade estaria estruturado em no mínimo, três eixos: sustentabilidade econômica, sustentabilidade ecológica e sustentabilidade social. Isto significando que apesar da origem do conceito estar tão vinculada à economia e ecologia, seus autores propuseram como questão inseparável, o tema do desenvolvimento social, que deve ser a base para qualquer iniciativa.

Rattner (1999) complementa esta idéia, quando opina que desde a incorporação da “sustentabilidade” nos debates sobre desenvolvimento em conferências internacionais, a partir da década de 1990, a definição oficial de governos e agências internacionais vem sendo revisada a partir do posicionamento crítico de muitas ONGs. Neste posicionamento, a sustentabilidade é compreendida como o princípio estruturador de um processo de desenvolvimento centrado nas pessoas, e que poderia se tornar o fator mobilizador e motivador nos esforços da sociedade para transformar as instituições oficiais, os padrões de comportamento e os valores dominantes.

Para este autor, o mais importante avanço no conceito de sustentabilidade é representado pelo consenso crescente que esta requer e implica democracia política, equidade social, eficiência econômica, diversidade cultural, proteção e conservação do meio ambiente.

Stahel (1998), define o desenvolvimento sustentável como aquele que contempla além dos aspectos materiais, um conjunto multifacetado e multidimensional de elementos que abrangem os seus aspectos políticos, sociais, culturais. Incluindo-se para tanto, fatores qualitativos, como o bem-estar coletivo ou a felicidade individual.

Para Cruz-Souza (2006) um novo modelo de desenvolvimento supõe uma verdadeira mudança de paradigma, procurando criar novos cenários e relações, sendo este modelo baseado em três pilares: 1) **endógeno** (a partir dos recursos próprios de cada território) 2) **sustentável** (que enfatiza os limites e implicações ecológicas dos modelos de produção e ressalta a solidariedade com as gerações futuras e a necessidade de preservar os recursos naturais e ambientais para salvaguardar a qualidade de vida dos que ainda estão por vir) e 3) **integral** (o desenvolvimento integral, que contempla todas as dimensões da vida). Nas palavras da autora, que chama a atenção para o desenvolvimento integral, este tipo de desenvolvimento:

“..não pode ser somente econômico, o ser humano é muito mais complexo, e as sociedades humanas estão construídas a partir de tramas socioculturais, estruturais e simbólicas que permeiam e conformam todas suas possibilidades de materialização e subjetivação...(..) uma estratégia de desenvolvimento integral procura fomentar a construção de pessoas e relações mais solidárias, que enriqueçam todos os aspectos da vida humana em uma comunidade” (CRUZ-SOUZA, 2006, p. 68).

Diante desta perspectiva integral do desenvolvimento, é que surge a necessidade de esclarecer sua convergência com a transdisciplinaridade, em termos de sustentabilidade.

2.2.3 A Convergência entre Transdisciplinaridade e Sustentabilidade

Considerando a mudança de paradigma assinalada acima, que está na base da criação de um novo modelo de desenvolvimento, Capra (2002) chama a atenção sobre o paradigma que está retrocedendo e que dominou a nossa cultura por várias centenas de anos. Esse paradigma consiste em várias idéias e valores entrincheirados, entre os quais, a crença em uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada em posição inferior à do homem, é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza.

O autor revela o aparecimento de um novo paradigma, corroborado por eventos recentes que exigem uma revisão radical de valores, sendo este, acompanhado de uma “visão” ecológica, num sentido mais amplo.

Neste novo paradigma, perguntas profundas emergem, a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento e materialistas. Questiona-se o paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir dos relacionamentos de uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte. Nesta perspectiva, cabem as filosofias e cosmologias subjacentes às tradições da humanidade.

Reflexões são feitas, sobre a transição do pensamento auto-afirmativo, racional, de análise, reducionista e linear para integrativo, intuitivo, de síntese, holístico não linear, transformando os valores de competição, quantidade e dominação para integrativo, de cooperação, qualidade e parceria.

Estes valores auto-afirmativos estariam associados à sociedade patriarcal, e a transdisciplinaridade concebida como uma teoria do conhecimento e uma nova atitude ou uma arte com a capacidade de articular a multireferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo, poderia colaborar na transformação destes valores, como no entendimento de Serrano e Simons (2012), pág. 3:

“Tomar contato com a transdisciplinaridade leva a uma gradativa transformação integradora do olhar, tanto no individual quanto no social, propiciando uma respeitosa reflexão sobre a trajetória sócio-histórica das culturas, na busca da compreensão do que hoje significa trabalharmos pela sustentabilidade, pelo que entendemos que a mesma cumpre um vital papel integrador das dimensões mais internas do ser humano, condizentes com a necessária visão sistêmica, na busca de práticas sócio-ambientais sustentáveis”

Torre e González (2006), entendem o transdisciplinar como um olhar diferente da realidade e seus níveis, fruto da percepção e da consciência. Uma maneira de olhar o que nos rodeia e acontece com o cosmos, seja tangível ou intangível, de ordem material ou imaterial, mas sempre relacional.

Este olhar vai mais além, dada a interpenetração de conteúdos. É um sistema de significados que se entrecruzam e condicionam uns com os outros da mesma maneira que no “nicho ecológico” de um ecossistema mostram-se os vínculos entre a fauna, a flora e a vida humana, em suas múltiplas manifestações culturais.

O prefixo “trans” para os autores, refere-se a situações atemporais, e se manifesta em análises e atitudes trans-pessoais, trans-cendentes, trans-gressoras e trans-formadoras da realidade dominante. São visões desde o outro lado do estabelecido e aceitas como conhecimento científico ou realidade e por isso, levando uma carga de valentia, desafio e criatividade.

E qual seria mesmo, a relação entre transdisciplinaridade e sustentabilidade? Talvez encontremos indícios, em Torre e González (2006) quando estabelecem a relação entre o “olhar transdisciplinar” e “ecoformação” a partir da relação entre “trans” e “eco”. Os autores descortinam que ambas são visões que sobrepassam o sensível, e abarcam uma ampla visão da realidade. Seria como descrever um bosque ou uma cidade percorrendo suas ruas, vendo desde um avião. A realidade, sendo a mesma, ter-se-ia dela visões e qualidades diferentes, inclusive opostas.

Os autores analisam a raiz da palavra “eco”, proveniente do grego, além de eco como som e ultrassom (ecografia), com o significado de casa, local, morada, âmbito vital. O espaço em que tudo está relacionado, próximo, compartilhado. Em sentido amplo, tudo aquilo que está “relacionado com”. Daí a proliferação de termos diretamente relacionados com uma visão ecossistêmica e ecológica, como ecopedagogia e ecoformação. Nas palavras dos autores, na página 174 :

“.....ambas não são senão maneiras de expressar o transdisciplinar, de colocar em sintonia ou replicar aspectos que à primeira vista não estão conectados com a voz e a montanha, os órgãos do corpo e a emissão de ondas eletromagnéticas, o entorno em que vivemos e a educação. Se trata de um “olhar novo” no qual o ser humano é parte da sociedade, esta da natureza, e a natureza do planeta e do cosmos em um equilíbrio harmônico. Harmônico, se a vontade humana não decide rompê-lo.”

E estabelecendo a relação entre ecoformação, transdisciplinaridade e sustentabilidade os autores lembram o documento de Barcelona “Transdisciplinaridade e Ecoformação”, no qual se compreende a ecoformação como uma maneira sistêmica, integradora e sustentável de entender a ação formativa, sempre em relação com o sujeito, a sociedade e a natureza, onde o caráter da sustentabilidade somente é possível quando se estabelece relações entre todos os elementos humanos.

Para os autores, isto significa que estamos diante de um novo referencial pedagógico, onde educar deverá ser uma transformação sustentável, interativa, comprometida, consciente, social, planetária, recuperando a dignidade humana e seus valores, aprendendo a conviver não somente com os seres da mesma espécie, mas também com toda a natureza com a qual compartilhamos este mundo.

Promovendo o crescimento do espírito e não somente o intelectual ou cultural, o desenvolvimento humano sustentável e a conservação do planeta, que é a conservação da vida.

Buscando-se a aplicação, como costuma frisar o sociólogo Edgar Morin, de uma consciência planetária. Compreendendo o Planeta Terra, como a comunidade global a qual pertencemos solidariamente todos; um organismo vivo, e em evolução. Se trataria de nortear a atuação em uma racionalidade intuitiva, afetiva, não instrumental, baseada cientificamente nas premissas do diálogo transdisciplinar (MALLART, 2006).

A consultora em Cultura da PAZ da UNESCO, Regina Migliori, aprofunda a relação da transdisciplinaridade com sustentabilidade, quando aponta que o mundo com seu conjunto de desafios que estão nos levando a insustentabilidade, está nos obrigando a um posicionamento que exige uma nova forma. E que os desafios a serem superados, rumo ao caminho da sustentabilidade implicam em nos percebermos como humanidade para “irmos além”(MIGLIORI, 2009).

Neste contexto se insere a transdisciplinaridade, um termo que surgiu segundo Migliori (2008a), há cerca de 20 anos e que traduz um anseio de muitos, de ir além. Mas, pergunta a autora, ir além de que? Responde explicando que o “trans” que significa “ir além”, traz uma noção de que é possível ir além de uma forma de conhecimento que já está estabelecida, e que é produzida exclusivamente por uma vertente racional e intelectual.

Lembra que o conhecimento na forma de disciplinas organizadas, como se tem hoje, nasceu há 300 anos, quando Descartes expressou uma forma de pensamento a respeito do ser humano dizendo: “penso, logo existo”. Reflete Migliori, que pensar no século XVII era sinônimo de raciocínio, de intelecto, porém defende que pensar no século XXI é muito mais do que isto, por tudo o que já se conhece a respeito do cérebro, do ser humano e da mente.

“Pensar”, nesta perspectiva, pode ser imaginar, sentir, fazer, dançar, andar, assobiar, existir... uma função extremamente vinculada a uma forma criativa na qual se possa de alguma maneira, conceber algo, e que não exclusivamente o resultado do intelecto, do raciocínio. Portanto, este tipo de conhecimento que é produzido por uma mente racional e intelectual tem lugar, mas não pode ser exclusivamente aquilo que se conhece por disciplina, necessitando uma iniciativa que promova a aproximação não só dos conteúdos, mas sim das pessoas, das mentes inteligentes, das criatividade, dos potenciais humanos.

E isto, na sua compreensão, é a transdisciplinaridade: uma forma de produzir conhecimento que inclui não só uma visão racional, intelectual a respeito da realidade da vida, mas que também contempla como conhecimento tudo aquilo que um ser humano sente e pensa, através de suas múltiplas dimensões.

Migliori (2008b) faz alusão a estarmos diante de uma fresta, de um ambiente que se tornou estreito, formatado pelas disciplinas, que é um conceito que vem esquadrinhando cada milímetro de nossa atuação no mundo. E que a partir de um dado momento percebeu-se que esta forma organizada em disciplinas, numa divisão tão exata do conhecimento, exclusivamente na ótica racional, começou a criar problemas, gerando o efeito da fragmentação do conhecimento. E então, nascem os esforços para tentar aproximar os conteúdos, partindo-se para a multi, pluri, interdisciplinaridade, ainda numa perspectiva racional e intelectual.

Porém, quando se reúnem as pessoas, não se reúnem somente dimensões intelectuais. Reúnem-se seres humanos na sua inteireza. E esta seria a perspectiva transdisciplinar. A inclusão no conhecimento de algo mais, além da perspectiva racional e

intelectual. A inclusão de todas as dimensões humanas: do orgânico ao espiritual. Todas estas dimensões como “inteligentes”. Todas elas produzindo conhecimentos, embora pela frestinha estreita a qual nos acostumamos, somente enxerguemos “uma” visão da realidade.

Então, entende Migliori (2008c), que para ultrapassar esta fresta, sair deste ambiente estreito e ir além, é preciso recuperar a noção de “ser humano”. Recuperar, porque ela é antiquíssima - nas tradições e na sabedoria que a humanidade acumulou - passando a compreender o ser humano como uma expressão de vida que se compõe de três grandes esferas: 1) biológica - que corresponde ao nosso corpo, onde residem as estruturas de ação. 2) mental - onde residem as estruturas de criação, que produzem o que se pensa e se sente na mente. 3) a esfera da consciência humana - que é fundamental, porque nela residem as estruturas de inspiração.

Nas últimas décadas, lembra Migliori, já se conseguiu avançar nos conhecimentos sobre o cérebro, por conta das tecnologias não invasivas da física, ressonância magnética, fotografias do órgão em funcionamento. Passou-se então a se conhecer algo mais, a respeito da conexão cérebro-mente-consciência, como os neurônios funcionam e como o pensamento se estrutura. Mas, quem decide para onde vão os neurônios, quais as direções que as sinapses irão percorrer, quais memórias são acionadas, frisa, ainda está na categoria do mistério.

E isto pertence à esfera da consciência humana, sendo que esta esfera precisa ser permanentemente acessada para que criatividade, idéias, sentimentos e ações possam estar de fato, enraizadas numa dimensão ética. Lembra Migliori que a palavra ética tem origem grega em “ethos” - significando a toca onde o animal se recolhia e se sentia seguro. Este lugar, no seu entender, foi transferido para dentro do ser humano - um lugar para o recolhimento e o sentimento de segurança, daí a frase costumeiramente utilizada “fui dormir com a consciência tranquila, segura.”

Por ter a humanidade adotado uma noção do ser humano que contempla apenas duas das esferas relacionadas acima, a do corpo e da mente, deixando de lado a esfera da consciência, ficou-se sem ter onde “plugar” a ética, os valores, e por isto, aponta Migliori, a existência da imensa crise de valores tão comentada. Então, uma das primeiras providências, para encontrar soluções, seria a recuperação da esfera da consciência humana, e lidar com ela, com a mesma naturalidade que se lida com a estrutura

biológica que nos permite entrar em ação, e da mesma forma com a qual se lida com as múltiplas inteligências.

Todos os integrantes da humanidade possuem esta estrutura, com as três esferas, pois nenhuma delas é opcional, e a expressão das três esferas é única, onde cada ser humano lida com suas próprias idéias, a própria trajetória de vida, o conjunto de experiências, que é o que se classifica como “múltiplas dimensões” da expressão humana.

Portanto, quando se identifica estas múltiplas dimensões, se compreende a diversidade humana. Transitar por estas múltiplas dimensões é o que fazemos para construir a realidade, e transitar por estas múltiplas dimensões é a “postura transdisciplinar”.

Segundo Migliori (2008c) a postura tradicional elegeu a dimensão intelectual como a grande dimensão organizadora de tudo. Então, para qualquer projeto que se tenta fazer, para a resolução de quaisquer problemas se recorre a esta dimensão. Migliori sugere que não é por acaso, que o “stress” é a grande doença a partir do século XX. Na sua opinião, é a doença de uma dimensão humana que está exausta. E muitas vezes, quando se apresenta um problema, pode acontecer de se “sonhar” com a solução, porém só se vai admitir que a solução é válida, se a dimensão lógica, intelectual, racional estiver de acordo. E os “desgates” desta dimensão vão “desgastando” as relações e a criatividade.

Migliori (2009) opina que para a construção de um novo paradigma que seja sustentável econômico, ecológico e socialmente é preciso despertar o potencial ético dos indivíduos, organizações e comunidades, entendendo como potencial ético, aquilo que as pessoas têm de melhor e que pode promover de fato “o bem-comum”. Dentro desta visão, pode ser insuficiente o foco “ambiental, econômico e social”, quando se fala em sustentabilidade.

Seria abrangente para o modelo predominante atual, mas se se imagina a transformação de um modo de vida em modelos de produção, político e social a sustentabilidade pode ser um nome moderno contemporâneo, para uma noção antiquíssima, que é o bem-comum. Porque para resolver as questões ambientais, sociais, políticas, é preciso um entendimento como humanidade, não bastando a busca de resoluções em um país, um governo, uma instituição, na realização de um conjunto de ações.

Atualmente, qualquer um destes problemas, depende de um entendimento global. E isto sim, é muito novo na história da humanidade, não se possuindo referências anteriores, estratégias ou metodologias já construídas e disponíveis.

Sustentabilidade então, na sua essência, seria a construção do bem comum, em um novo patamar de desafios, numa perspectiva global. E neste sentido, a transdisciplinaridade trata de estabelecer uma integração de vários saberes, considerando que nenhum deles tem um valor menor que o outro, já que “ o problema da unidade de conhecimento é intimamente ligado à nossa busca de uma compreensão universal, destinada a elevar a cultura humana”(BOHR, 2010).

2.2.4 Transdisciplinaridade e Sustentabilidade na Perspectiva de Gênero e o Empoderamento de Mulheres

Continuemos na nossa tarefa de encontrar as conexões entre os temas complexos para a elaboração do “tecido” desta tese. Depois do aprofundamento sobre o pensamento transdisciplinar e a interface com sustentabilidade, vamos inserir a temática do empoderamento de mulheres. Vimos que a construção de uma “sociedade planetária” sustentável depende da necessidade de discutir os rumos do desenvolvimento sustentável e a construção de um novo paradigma. Mas também podemos dizer, que para o propósito da construção deste novo paradigma, é preciso discutir as bases das relações de gênero (BURG, 2005).

Conforme Cruz-Souza (2012), a equidade de gênero necessita um amplo debate e uma intervenção concreta nos projetos de desenvolvimento, principalmente no que tange ao desenvolvimento rural, mas há uma enorme dificuldade de abordar com serenidade e trabalhar em profundidade as desigualdades de gênero e a realidade de subordinação das mulheres, que predominam em maior ou menor medida, em todas as sociedades e culturas atuais.

Em muitos casos, estas questões são percebidas como uma confrontação entre mulheres e homens, com ataques ou culpabilização dos homens e em outros casos, se constata a invisibilidade das desigualdades entre mulheres e homens, que se emascaram

com as conquistas femininas das últimas décadas em determinados contextos e grupos sociais, sem considerar que estas conquistas não afetam a todas as mulheres, em todas as sociedades, nem sequer a maioria.

Para Cruz-Souza as mulheres habitualmente têm que encaixar-se nas medidas adotadas para promover o desenvolvimento em um território, mas:

“...sem ter em conta as desigualdades históricas e as especificidades dos mecanismos de discriminação de gênero. A presença das mulheres é necessária, mas não suficiente, para construir uma realidade mais equitativa entre mulheres e homens. Se faz necessário conhecer e reconhecer a complexidade do processo de subordinação das mulheres no patriarcado para poder gerar condições e processos de empoderamento das mulheres.” (Cruz -Souza, 2012, p. 13).

E visando entender o processo de subordinação das mulheres, trazemos o entendimento de Reguant e Dolors (2011), sobre o patriarcado, que é definido como uma forma de organização política, econômica, religiosa e social em que a idéia de autoridade e liderança é a do homem, na qual se dá o predomínio da linha de descendência paterna sobre a materna.

Nesta forma de organização predominante, se tem identificado a experiência e o ponto de vista masculino como a “experiência universal”, sendo excluída a metade da população humana das palavras e decisões. Gera-se assim, o androcentrismo, no qual o homem é a medida de todas as coisas, e a este se atribui a representação da humanidade inteira, trazendo graves consequências, alimentando-se a misoginia, ou seja, a desvalorização e desqualificação do feminino. Para analisar, explicar e mudar esta realidade, a teoria feminista tem contribuído com a perspectiva de gênero.

Seguindo o raciocínio de Cruz-Souza (2012), é preciso compreender a aplicação da perspectiva de gênero como uma questão complexa e estratégica para o desenvolvimento rural e além disso, é fundamental entender que as discriminações de gênero não afetam somente as mulheres, mas são um problema para toda a sociedade, e suas consequências afetam tanto as mulheres quanto os homens. É preciso entender também, como se construiu historicamente as relações de subordinação/dominação entre homens e mulheres e como atualmente se segue reproduzindo estas relações, na vida cotidiana.

Aclarando que gênero não é sinônimo de “mulheres”, porque, as relações de gênero se constroem entre mulheres e homens e afetam toda a sociedade e todos os âmbitos da vida humana, Cruz-Souza defende que trabalhar com perspectiva de gênero é desconstruir mandatos culturais e sociais. Implica também, em construir uma compreensão crítica sobre a organização social a partir de gênero, que permita questionamentos, dando lugar a solidariedade entre as mulheres e entre mulheres e homens, originando outros modelos possíveis de masculinidade e feminilidade, menos estereotipados.

Assim, gênero constitui uma categoria básica para compreender os processos sociais vitais, e a perspectiva de gênero, se propõe a ser uma ferramenta para a construção de uma sociedade participativa e inclusiva, questionando também sistemas econômicos que demonstrem ser organizações sociais construídas sobre relações de dominação e exclusão. Para tanto, seria necessário equilibrar as relações de poder que possibilitem, o que em teoria de gênero se vem denominando como “empoderamento” de mulheres.

A filosofia do empoderamento tem sua origem no enfoque de educação popular desenvolvido na década de 1960 com Paulo Freire e os enfoques participativos dos anos 1970. Em sua concepção atual, o termo apareceu por volta de 1976 no livro “Black Empowerment” de Barbara Salamon onde o conceito se empregou como uma metodologia de trabalho social com a comunidade afroamericana marginalizada.

No entanto, a popularidade do termo somente chegou em 1989, com a obra de Carolina Moser sobre a análise de gênero. A partir deste momento, o empoderamento é aplicado em diversos âmbitos, além das teorias de desenvolvimento, que tem exercido uma importante influência na evolução do conceito (FRIDE, 2006).

Para Iorio (2002), é na intersecção com gênero que o conceito se desenvolve tanto em nível teórico, como instrumento de intervenção da realidade, quando entre os anos 1970 e 1980 feministas e grupos de mulheres em todo o mundo desenvolveram árduos trabalhos na conceitualização e implementação de estratégias de empoderamento. Buscavam desta maneira, romper com as diferenças dinâmicas que condicionavam a existência e impediam a cidadania plena, observando-se nos anos 1990 a expansão do uso do conceito para outras áreas do debate sobre o desenvolvimento, especialmente a partir das grandes conferências oficiais e paralelas mundiais, notadamente Cairo e Beijing.

Reunindo conceitualizações sobre poder e empoderamento, dentro do campo do desenvolvimento, Iorio diferencia os vários tipos de poder: **o poder sobre** - como controle que pode ser respondido com resistência ou aceitação; **o poder para** - como um poder

generativo ou produtivo que cria possibilidades e ações sem dominação; **o poder com** - com um sentido de que o todo é maior que a soma das partes, especialmente quando um grupo enfrenta os problemas de maneira conjunta; **poder de dentro** - força espiritual que reside em cada um de nós e que nos faz humanos - base da auto-aceitação e do auto-respeito, que por sua vez significa o respeito e aceitação dos outros como iguais. Este, pode permitir que uma pessoa mantenha uma posição, ainda que a grande maioria possa estar contra.

Para a investigadora e ativista da Índia, Srilatha Batliwala, a palavra “poder” é definida como o controle sobre os bens materiais físicos, humanos ou financeiros (terra, água, bosques, corpos das pessoas, trabalho, dinheiro e acesso a estes) e os recursos intelectuais: conhecimentos, informações e ideias. O controle sobre a ideologia leva a habilidade para gerar, propagar, sustentar e institucionalizar conjuntos específicos de crenças, valores, atitudes e comportamentos, determinando a forma de percepção e funcionamento das pessoas em um entorno socioeconômico e político (BATLIWALA, 1993).

Jo Rowlands, geógrafa britânica, em sua proposta sobre empoderamento, define três dimensões: pessoal, coletiva e das relações próximas, que se interconectam. Para a autora, o empoderamento é um aspecto básico de gênero e desenvolvimento, e deve ser encarado como um processo (ROWLANDS, 1997).

Cruz et al (2006) discutem sobre os três níveis de poder relacionados ao empoderamento de mulheres, apoiadas por Friedmann (1992): psicológico, social e político, aos quais acrescentam o econômico e o cultural. Tais sejam:

- psicológico: tomada de consciência do poder pessoal e coletivo, valorização das capacidades e recursos próprios, formação e desenvolvimento pessoal e afetivo, conquista da autonomia pessoal.
- social: acesso a informação e conhecimentos produzidos, produção de informação e conhecimento desde o ponto de vista feminino, apoio social, configuração de redes sociais que possibilitam as rupturas dos papéis e posições tradicionais de gênero, abertura de canais de acesso e controle de recursos econômicos e sociais.
- político - construção da cidadania ativa, com a participação nos processos de tomada de decisão sobre a vida pública em todos os níveis: locais, regionais, nacionais e internacionais. Participação na governabilidade das instituições públicas e da sociedade civil.

- econômico - independência econômica como recurso para propor negociações na vida cotidiana e como garantia das condições mínimas de vida digna. Desenvolvimento profissional e inserção laboral.
- cultural: construção de uma cultura mais equitativa, que valorize os valores femininos e as culturas locais sem a subordinação a cultura dominante do neoliberalismo e do patriarcado.

Wieringa (1997) defende que o verdadeiro sentido do conceito se relaciona à transformação segundo a concepção feminista de mundo, e que deve ser aplicado com este entendimento nos processos de desenvolvimento.

No campo educativo, o empoderamento tem raízes na idéia de “conscientização” de Paulo Freire, situando o indivíduo no centro de sua vida, para que compreenda suas circunstâncias pessoais e o entorno social em que vive. Este processo, permitindo o desenvolvimento de uma consciência crítica e a atuação com base nesta, implica em transformação da consciência pessoal.

Em sua teoria, Freire argumentava que só o acesso ao poder poderia romper o que ele denominou a cultura do silêncio, que caracteriza a dependência e a marginalidade dos que carecem de poder.

Em sua origem, o empoderamento surgiu com o objetivo de ser um instrumento capaz de realizar uma profunda mudança política e cultural frente ao modelo de desenvolvimento vigente (FRIDE, 2006).

Canaval (1999) analisa o empoderamento como um conceito complexo, multidimensional e de muitos níveis, que abarca diferentes aspectos e além disto, está em desenvolvimento. A autora o define em um sentido geral, como a habilidade de se ganhar compreensão e controle sobre as forças pessoais, sociais, econômicas e políticas, para atuar melhorando a situação. Define também empoderamento comunitário, quando se refere ao processo pelo qual uma comunidade ganha poder com a habilidade de criar mudanças, destacando a participação, cuidado, compartilhar e responsabilidade. Neste caso, uma comunidade empoderada seria aquela onde os indivíduos e organizações reúnem habilidades e recursos em um esforço coletivo para satisfazer suas necessidades.

Para Cruz-Souza (2012), o empoderamento enquanto produto e processo interpessoal, é sempre fruto de uma ação coletiva, porque exige legitimação social e, em sua visão, esta legitimação vem se construindo nas últimas décadas poderosamente, ainda que muito lentamente, pelos movimentos feministas e grupos de mulheres.

Retornando a questão da perspectiva de gênero iniciada acima, Cruz- Souza (2012) defende que esta seria uma opção política de transformação social, que promove o empoderamento das mulheres para que possam participar ativamente na construção de uma sociedade democrática e diversa, visibilizando as diferenças para que possam ser respeitadas e não instrumentalizadas em benefício de alguns.

Para a autora, ter isto em conta, supõe introduzir ao desenvolvimento rural uma nova perspectiva: a perspectiva de gênero, como chave para o desenvolvimento de ações. Acrescentaríamos que esta chave não se aplica somente para o desenvolvimento rural, mas para o desenvolvimento sustentável em todos os níveis.

Para Herrero, Cembranos e Pascual (2011), o fato do depreciação da sobrevivência que sustenta a própria vida, como assunto digno de atenção, conta com dois elementos nucleares da cultura predominante no mundo: a desvalorização do trabalho das mulheres promovido pela ordem social patriarcal e o tratamento que a cultura ocidental e o capitalismo dão a natureza como recurso susceptível de apropriação.

Os autores observam, que nas práticas cotidianas da sociedade regida por este sistema, nem os mercados, nem o Estado, nem os homens como coletivo se consideram responsáveis diretos da manutenção da vida. São na maioria as mulheres, que dão resposta a esta necessidade e fazem possível que o sistema funcione. E ainda que o mercado se desresponsabilize dos cuidados, necessita deles de forma imperiosa, requerendo que a engrenagem da divisão sexual do trabalho e o pacto social que o mantém, sigam funcionando. Para isso, se vale não somente de uma estrutura de poder e imposição, mas também de uma estrutura de pensamento.

Denominando o pensamento predominante de “cultura que parte em dois”, os autores citam este, como um instrumento dos mais efetivos, para a estruturação do mundo em uma série de dualismos ou pares de opostos que separam e dividem a realidade: homem-mulher, cultura-natureza, mente-corpo, razão-emoção, liberdade-necessidade, autonomia-dependência, produção-reprodução, público privado. De um lado, colocando o homem próximo a cultura, liberdade, razão, autonomia, espaço público; de outro a mulher, a natureza, corpo, emoção, dependência, espaço privado, construindo mundos separados. E assim, o submetimento das mulheres e a deterioração da natureza são possíveis, graças ao pensamento dicotômico.

Puleo (2011), acrescenta que em relação a natureza, a racionalidade moderna tem proporcionado em seu conjunto, grandes possibilidades de bem-estar, mas também uma

destruição nunca vista do tecido da vida que nos sustenta e ameaças ao ecossistema global. Resumindo as principais linhas de sua proposta ecofeminista, Puleo convida ao “pensar e repensar”, a partir de um pensamento crítico com um “outro olhar”, de acordo com a urgência dos tempos de mudanças climáticas, sem abandonar o caminho percorrido pelo feminismo e seus fundamentos.

A autora discute a relevância moral e política do mundo natural, rumo a uma reorientação de hábitos e crenças incompatíveis com a nova cultura ecológica, quando geralmente se acusa de irracionalismo e romanticismo a qualquer tentativa de deixar para trás o antropocentrismo extremo e avançar para um antropocentrismo ou biocentrismo moderado, que levem em consideração o restante dos seres vivos e atendam as condições de preservação dos sistemas que sustentam a vida.

Aponta a Educação Ambiental predominante, que não visibiliza suficientemente as mulheres, nem facilita a consciência crítica dos papéis de gênero ou o surgimento dos sentimentos empáticos com respeito ao mundo natural, operando o dualismo razão/emoção com longa história patriarcal.

Defende então, que a educação ambiental tem que passar pelas emoções, não consistindo apenas em adquirir informações e sim cultivando a solidariedade, a emoção estética diante da beleza natural; e a emoção ética do cuidado aos outros seres não humanos.

Por fim, considera a importância de se revisar a autoconsciência como indivíduos e como espécie, fazendo conscientes os dualismos opressivos que estão escondidos em nossos pensamentos, reconhecendo sua gênese histórica como elementos de dominação de gênero, raça, classe, orientação sexual e espécie.

Sugere ainda, uma redefinição ético - política dos conceitos de “natureza” e “ser humano” para a qual não implicaria em abandonar a razão, mas sim, desenvolver sua força crítica para além do nosso presente histórico e de seus prejuízos, conectando-a com os sentimentos que têm sido feminilizados e desvalorizados.

Desde uma perspectiva de gênero e usando ferramentas criadas pelo ecologismo para visualizar processos paralelos de insustentabilidade, Herrero, Cembranos e Pascual (2011) discutem a “pegada ecológica”, que é um indicador que traduz a unidade de superfície o que um Estado, uma comunidade ou uma pessoa consome, e os resíduos que gera. Da mesma forma, discutem a “dívida ecológica”, que mostra o desigual uso dos

recursos e bens naturais, assim como a desigual responsabilidade na deterioração e destruição do meio físico dos países ricos com respeito ao resto do mundo.

Paralelamente, defendem os autores, que caberia falar da “pegada dos cuidados” como indicador que evidencia desigual impacto que tem a divisão sexual do trabalho sobre a manutenção e a qualidade da vida humana. A pegada dos cuidados, desta forma, é a relação entre o tempo, afeto e a energia amorosa que as pessoas necessitam para atender suas necessidades humanas (cuidados, segurança emocional, preparação dos alimentos, tarefas associadas à reprodução...) e as que realizam ao largo de sua vida para resolver as necessidades alheias. O balanço desta pegada dos cuidados seria negativo para a maior parte dos homens pois consomem mais energias amorosas e cuidadoras para sustentar sua forma de vida, do que as realizam. Para a maior parte das mulheres, o balanço será altamente positivo.

Seguindo o paralelismo, desde a perspectiva de gênero, se poderia falar de dívida dos cuidados com a dívida que o patriarcado tem contraído com as mulheres de todo o mundo pelo trabalho que realizam e têm realizado gratuitamente ao longo dos séculos. A “pegada dos cuidados” e a “dívida dos cuidados” então, podem ser, como já são a pegada ecológica e a dívida ecológica, elementos de denúncia de uma ordem social baseada na exploração das mulheres.

Para Herrero, Cembranos e Pascual (2011) a contribuição das mulheres para a manutenção da vida vai muito além do espaço doméstico. Em muitos lugares do mundo ao longo da história, parte da produção para a subsistência tem dependido delas. Mulheres têm se ocupado de manter a produtividade dos terrenos comunais, organizado a vida coletiva e os sistemas de proteção diante do abandono ou da orfandade, defendido suas terras e a sobrevivência de suas famílias e suas comunidades.

Desempenharam e desempenham um papel protagonista em movimentos de defesa de territórios, em lutas pacifistas, em movimentos de bairros. Frequentemente possuem um conhecimento particular na agricultura e na medicina popular, que vem sendo desvalorizado, com a invasão de mercados e às vezes, de Estados.

A conservação de sementes, a denúncia de tecnologias de reprodução agressivas, as lutas como consumidoras, a proteção dos bosques, a contestação diante da violência e da guerra, são conflitos em que a presença feminina é muito significativa.

As experiências diversas de mulheres em defesa da saúde, da sobrevivência e do território, fizeram nascer a consciência de que existem vínculos sólidos entre perspectiva

de gênero e meio ambiente, e entre feminismo e ecologismo, principalmente a partir do ecofeminismo. Os diferentes ecofeminismos, possivelmente apostam em que as dicotomias reducionistas da cultura hegemônica atual, terão que romper-se para a construção de uma convivência mais respeitosa e livre.

Os autores citam o pensamento de Iniestra King, para a qual, desafiar o patriarcado é um ato de lealdade às gerações futuras, à vida e ao próprio planeta e concluem que não se pode construir a sustentabilidade se não se assume a equidade de gênero.

Defendem a necessidade das mulheres para a transformação rumo à sustentabilidade, porque têm desenvolvido habilidades e conhecimentos de sobrevivência, que os construídos e praticados pela cultura patriarcal desconhecem. Neste contexto, ressaltam a importância do resgate da cultura do cuidado para que sirva de inspiração central na obtenção de uma sociedade social e ecologicamente sustentável.

Puleo (2011), propõe em seu livro “Ecofeminismo para Otro Mundo Posible”, o repensar a realidade de nosso mundo atual com as chaves proporcionadas pelo feminismo e ecologismo. Isto se daria a partir de um pensamento crítico que reinvidique a igualdade, contribua para a autonomia das mulheres, aceite com precaução os benefícios da ciência e da técnica, fomente a universalização dos valores da ética do cuidado para os seres humanos, animais e o restante da natureza, aprenda da interculturalidade e afirme a unidade e continuidade da natureza desde o conhecimento evolucionista e o sentimento de compaixão.

Para Puleo, hoje podemos falar de mais de dois séculos de teoria e prática feministas, nos quais, nas quatro últimas décadas, o neofeminismo tem manifestado uma extraordinária multiplicidade de interesses e marcos teóricos. Desta maneira, tem conseguido responder a questões em distintos debates emergentes com propostas inovadoras e fecundas análises que não poderiam ter sido elaboradas desde uma perspectiva cega da desigualdade de gênero, como assinala: “...os enfoques de classe, raça e diversidade sexual, as teorias sobre o sujeito, a ética e a filosofia política têm se enriquecido notavelmente por um pensamento que dá voz a mulheres em um impulso emancipatório inédito...”(PULEO, 2011. p. 404).

Considerando a contribuição das mulheres através da perspectiva de gênero, discutida acima por Puleo, e acrescentando seu entendimento em enxergar a “crise ecológica” e os problemas sociais desta época como uma oportunidade de avançar para uma nova visão de mundo - construída sobre os princípios de respeito, igualdade, justiça,

solidariedade, paz e liberdade - é que podemos vislumbrar a integração dos temas complexos discutidos até então. Neste sentido, transdisciplinaridade, sustentabilidade, empoderamento de mulheres, plantas medicinais e etnobotânica (resgate de conhecimentos) se encontram.

Até este ponto da escrita, buscamos o aprofundamento e as conexões sobre transdisciplinaridade, sustentabilidade e empoderamento de mulheres. Nos faz falta inserir o aprofundamento sobre plantas medicinais e resgate de conhecimentos, desde uma perspectiva de gênero.

2.2.5 Plantas Medicinais e o Resgate de Conhecimentos Através da Etnobotânica no Empoderamento de Mulheres em Busca de Sustentabilidade na Ótica Transdisciplinar

Desde o início da humanidade, as mulheres têm sido relacionadas a arte dos cuidados com a cura, a partir da natureza, agindo como curandeiras, parteiras, herbalistas. O cuidado era exercido com a utilização dos poderes das plantas medicinais especialmente por mulheres, no ambiente familiar, difundindo conhecimentos entre elas mesmas (BORGES et al., 2010).

Celaya (1997), destaca o papel das mulheres desde os primórdios, para além da assistência médica a familiares, também na comunidade e aos feridos de guerra. Desde então, a figura da curandeira, curadora e da bruxa se mesclam.

O uso de plantas medicinais em forma de emplastos, unguentos, infusões, e outras mil receitas eram parte da sabedoria destas mulheres, que as colhiam e se dedicavam a descobrir seus poderes. Poderes misteriosos que nos chegam até hoje, desde os antigos livros de ciência médica, que partem da Grécia, levando Paracelso a afirmar que tudo o que aprendera, fora das bruxas.

Sua ciência era experimentação, transmitida de uma à outra. Eram também elas que traziam ao mundo as crianças, não só parindo mas também sendo parteiras, quando a profissão médica era ainda desconhecida. As curandeiras possuíam analgésicos, tranquilizantes, e muitos dos seus preparados, são base da farmacologia moderna. Como prova, encontra-se o Dióscorides com receitas e usos populares das plantas. Quando ainda

não se havia desenvolvido a medicina, ou em seu estágio mais primário, o trabalho social destas mulheres era incalculável (CELAYA, 1997).

Del Priori (2001) destaca o uso pelas mulheres de uma série de elementos, os quais assemelhados analogicamente à natureza, ajudavam nas curas. Plantas que tinham forma semelhante ao corpo humano e mesmo a órgãos femininos eram empregados na farmácia doméstica por elas manipulada.

Para elas, que se moviam em um território de saberes transmitidos oralmente, o mundo vegetal estava cheio de signos e práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas. O cheiro de alecrim era considerado antídoto contra os raios, seus ramos tinham poder contra feitiços. As ervas tinham virtudes contra febres e bruxedos. O funcho, o sabugueiro e o alecrim livravam a casa das enfermidades.

Tamanha intimidade das mulheres com as plantas permitia que exprimissem o seu conhecimento da vida, experimentassem os mistérios da geração vegetal e os relacionamentos com os ciclos lunares. Segundo a autora, a perseguição a estas mulheres não era fortuita, pois desde os tempos imemoriais elas curavam mazelas, e antes do aparecimento de doutores e anatomistas, praticavam enfermagem, davam conselhos sobre enfermidades, eram farmacêuticas, cultivavam ervas medicinais, trocavam fórmulas e faziam partos. Foram portanto durante séculos, doutoras sem título.

Borges et al. (2010) complementam o raciocínio, analisando que as mulheres tornaram-se peritas em medicina e, inevitavelmente, uma ameaça, visto que eram capazes de interferir na influência religiosa e política da Igreja. Inicia-se, então, o período de caça às bruxas, entre o fim do século XIV e o princípio do século XVIII, visando o extermínio das feiticeiras, por considerarem suas práticas demoníacas.

A medicina convencional começa a desenvolver-se a partir do século XVIII, sendo que, as mulheres não tinham acesso às universidades e a Igreja controlava grande parte das atividades médicas prevalecendo os conceitos religiosos. Se estudavam Aristóteles, Platão e Galeno e, excluindo-se as mulheres da formação profissional legal, foram também excluídas da prática.

Apesar de tudo, houve mulheres que praticavam métodos científicos não tradicionais, as quais também foram processadas. Pesava mais o fato de ser mulher, do que sua credibilidade profissional. Os médicos levaram a cabo uma campanha para expulsar as mulheres curandeiras e a Igreja ditou que uma mulher que tivesse a ousadia de curar sem haver estudado, era uma bruxa e devia morrer.

As parteiras seguiram atuando no meio rural, mas pouco a pouco, foram substituídas por médicos. A invenção do fórceps foi utilizada massivamente pelos médicos e as mulheres curadoras da Inglaterra que os acusaram publicamente disto, foram silenciadas. A reivindicação feminina sobre o próprio corpo, presente na trajetória de emancipação das mulheres, se baseia em que, o sistema médico controla todos os aspectos reprodutivo das mulheres, desde a concepção até o parto, e que, devido a isto as mulheres têm padecido de enfermidades inexistentes ou provocadas por danos à sua condição.

As especulações sobre a fisiologia feminina trouxeram verdadeiras aberrações. Hipócrates já definia as mulheres como perpétuas enfermas e até 1850 a idéia de que a mulher era uma inválida por natureza, imperava. O padrão de beleza eram mulheres pálidas e lânguidas. Todo um panorama foi fomentado pela classe médica, em criar o mito da fragilidade feminina. Tal mito era uma abundante fonte de ingresso para os médicos, os quais se apressavam em reforçá-lo, recomendando cama para a menstruação e gravidez, e se dizia que um excessivo desenvolvimento do cérebro atrofiava o útero, passando as mulheres, a maior parte do tempo em seus dormitórios.

A psicologia, na mesma época, unia também os órgãos reprodutores femininos ao cérebro e desta forma, milhares de intervenções cirúrgica de retirada do clitóris foram feitas, com o objetivo de erradicar a histeria, tipicamente feminina e outros chamados desajustes da personalidade. Na incapacidade de curar as pacientes com medicamentos, adotavam-se métodos psicológicos contra elas com tratamentos cruéis e corporais, ameaças em público, ou outros castigos para controlar uma atitude considerada “fingida”.

Com a chegada de Freud e a psicanálise, acabou-se a idéia de que a histeria era uma enfermidade fingida, porque fingir-se de enfermo já seria uma enfermidade, e tratou-se de neutralizá-la mediante a aceitação da problemática pessoal. Freud criou a conhecida teoria que as mulheres são “homens sem pênis” ou homens incompletos, objeto de tantas controvérsias.

Diante deste breve olhar histórico, sobre o poder e a “retirada do poder” das mulheres, na arte de cura e construção de conhecimentos através das plantas medicinais, tentaremos inserir a importância do “resgate” deste poder em busca de sustentabilidade e como a etnobotânica pode contribuir nesta tarefa, na ótica transdisciplinar.

Considera-se primeiramente o caráter transdisciplinar da etnobotânica, por esta incluir o diálogo entre os conhecimentos científicos e o conhecimento popular, envolvendo o estudo das sociedades humanas passadas e presentes e suas interações ecológicas,

genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (ALEXÍADES, 1996). Ambas, transdisciplinaridade e etnobotânica, são enfoques que contribuem à tarefa de “pensar” a sustentabilidade como um todo, e que podem afirmar o protagonismo das mulheres como elemento central na construção de um novo desenvolvimento.

Quanto às plantas medicinais, são de grande importância para populações locais. A FAO menciona que recursos fitogênicos e os habitat naturais estão sendo destruídos a tal extremo que os povos de várias partes do mundo estão sofrendo as conseqüências.

Chama-se a atenção de que estes recursos vegetais estão severamente ameaçados pela perda de habitat e demasiada exploração de algumas espécies, assim como o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas, vem sendo perdido pelas comunidades (MARIOT; REIS, 2006).

A diversidade cultural, já reconhecida como importante para a questão das plantas medicinais, adquiriu importância maior a partir da Convenção da Diversidade Biológica, em 1992, no Rio de Janeiro. Nela, afirmou-se que os conhecimentos tradicionais, seus valores e suas práticas de manejo de recursos devem ser reconhecidos pelos governos, pois muitos benefícios atualmente obtidos e usufruídos em diversas necessidades humanas são fruto dessa vivência milenar (COSTA; BARBOSA; MING, 2006).

A troca de saberes é apontada como uma das grandes possibilidades de utilização de plantas medicinais. É importante lembrar que tanto a ciência, quanto o saber local, são sistemas de conhecimento, com diferentes ênfases e abordagens, a partir de pontos de vista diversos. Ambos, trabalhando em conjunto, poderiam trazer resultados mais férteis do que cada um em separado, para lidar com o complexo problema do uso e conservação dos recursos biológicos (AMOROZO, 2002).

A conciliação do saber científico e popular é uma importante estratégia para a conservação do patrimônio biológico e cultural representado pelas plantas medicinais. Envolver as mais diferentes populações nas estratégias de conservação e valorização da diversidade é algo importante para garantir a continuidade do envolvimento da sociedade na descoberta e uso de plantas medicinais como tem sido há milhares de anos (COSTA; BARBOSA; MING, 2006).

Utilizando-se a etnobotânica para o resgate de conhecimentos, abrem-se possibilidades para a ampliação da consciência sobre o valor destes recursos, pelos diferentes atores sociais envolvidos, podendo levá-los a uma atuação participante no

sentido da preservação, conservação e utilização dos mesmos. Mas a etnobotânica pode ser um instrumento, segundo a perspectiva transdisciplinar, que vai muito além disto.

A primeira vez que o termo etnobotânica foi mencionado na literatura científica foi em 1896. O botânico americano, John W. Harshberger, publicou seu trabalho “The Purposes of Ethnobotany”, que tratou das plantas usadas por povos aborígenes (BALICH; COX, 1997, JAIN, 1987, SAKLANI; JAIN, 1994).

Para Martin (1995), a etnobotânica é a parte da etnoecologia que se preocupa com as plantas, sendo que, a etnoecologia abrange todos os estudos que descrevem a interação dos povos locais com o ambiente natural.

Um aspecto importante a ser considerado é o fato de que a mesma pode contribuir para a busca da sustentabilidade quando usada em pesquisa orientada para a ação, no sentido de apoiar e facilitar a mobilização de comunidades locais e tradicionais (BORN, 2000).

Alcorn (2000) apud BEGOSSI et al. (2002) ressaltam a necessidade de que estudos etnobotânicos contribuam em especial para o desenvolvimento planejado da região onde os dados foram coletados. Desta forma, a etnobotânica é um importante instrumento para a compreensão das interações, associações e inter-relações entre os atores envolvidos com o resgate de conhecimentos em plantas medicinais e o meio ambiente, na busca do desenvolvimento sustentável.

Sá (2006) traz relevantes contribuições sobre a importância da etnobotânica de plantas medicinais, ao refletir que a idéia central para se estudar uma “planta medicinal” é a de que, seria necessário utilizar ferramentas metodológicas de várias disciplinas, ou olhares próprios de cada disciplina envolvida no processo.

Este olhar plural deveria ter como resultado um entendimento integrado entre todas as dimensões que a envolvem: cosmológicas/antropológicas, botânicas, agronômicas, bioquímicas, farmacológicas, farmacotécnicas, clínicas...no entanto, aponta Sá, percebe-se dificuldades de integração destes saberes, na prática.

A autora prossegue, analisando que as pesquisas com plantas medicinais, em geral, têm como ponto de partida a etnobotânica ou a etnofarmacologia, como estratégia para serem mais assertivas no desenvolvimento de fitoterápicos ou novos fármacos. Estas duas disciplinas, assim como outras nomeadas com o prefixo “ethno”, buscam integrar conceitos e metodologias de áreas como ciências sociais e ciências biológicas. Esta integração entre olhares historicamente tão distintos desafia o pesquisador da etnociência a

se tornar uma espécie de mediador da dicotomia cultura x natureza, historicamente assinalada na epistemologia moderna.

Sá (2006), aponta as dificuldades de alguns segmentos acadêmicos para incorporar e tratar dados aparentemente subjetivos, como simpatias, mitos e tabús provenientes da observação em campo.

A autora discute que, estes dados de caráter antropológico, muitas vezes deixam de ser coletados durante o trabalho de campo, ou quando registrados, são tratados como meras curiosidades, um aspecto lúdico somente, com o objetivo de ilustrar a pesquisa. Exemplifica que, dados conseguidos através da etnometodologia não raramente são desconsiderados, levando a abordagens reducionistas, descontextualizadas da cosmovisão de comunidades. Evidencia-se então, uma quebra epistemológica no processo de pesquisa, com descontinuidade entre as racionalidades.

Para a autora, quebrar barreiras conceituais, paradigmas das disciplinas envolvidas no processo e desenvolver metodologias originais próprias, que tenham como premissa o caráter imanente da natureza peculiar das plantas medicinais, englobando todos os aspectos de sua abrangência, é uma tarefa complexa, mas não impossível ao espírito científico.

Daí é que se insere o verdadeiro olhar transdisciplinar, em um modelo de produção de conhecimento que acolhe a diversidade, como enfatiza Migliori (2008a), quando diferencia o acolhimento da “diversidade de conhecimentos” do acolhimento da “diversidade de formas de conhecimento” exemplificando com o caso de um pesquisador, ao se deparar com um pajé, cuja forma de produção do conhecimento é “conversar com a planta”. Neste caso, não se estaria acolhendo somente a informação de “para que serve a planta”, mas a “forma” como este conhecimento foi produzido. E isto “é” a transdisciplinaridade. Vai-se além de um conhecimento organizado e produzido somente sob a ótica intelectual e é acolhido como um conhecimento produzido por todas as múltiplas dimensões humanas.

Lima (2008), centrando-se no estudo sobre os saberes dos povos da floresta amazônica, região norte do Brasil, especialmente Acre e Pará, discute que o pensamento desses povos se constitui em um sistema bem articulado e independente de ciência, com densidade de análise, apresentando-se como uma forma estratégica de abordagem sobre a natureza e a vida. São conhecimentos elaborados no movimento de uma maior intimidade do ser humano com a natureza, criativos e resistentes a dilaceração de sua cultura, como descreve:

“...a natureza é observada no movimento de elaboração desses saberes com uma visão não-linear, intuitiva e, ao mesmo tempo racional, que se manifesta de maneira cuidadosa e séria, ratificada ou retificada conforme os dados que lhe são apresentados pelos acasos e imprevisibilidades que marcam a arte de conhecer. Ao lançarem mão dessas formas de interpretar o mundo, os povos da floresta não compartmentam nem categorizam o pensamento em componentes distintos, razão e emoção, mas fazem deles uma união para melhor entender a melodia dos pássaros, dos ventos, das águas escuras dos braços de rios do Amazonas e de todas as matas e florestas; ou para compreender o jogo misterioso entre a fauna e a flora que, na sua cadência, forma a cadeia ambiental da vida. Os entendem integrando-se a eles para vê-los como parte de um todo maior, tecendo à sua maneira uma conversa entre os sistemas como um todo”(LIMA, 2008. p. 3-4).

Desta forma, na visão da autora, os povos da floresta integram-se ao mundo, não o percebendo como se estivessem fora dele, observando-o apenas para descrevê-lo, mas se considerando como participantes do mundo, produzindo conhecimento. Com base na engenhosidade, cuidado, atenção ao detalhe e às diferenças, produzem o conhecimento como se fora, para espanto de muitos acadêmicos, norteado por registros que a sua sabedoria até então não conseguira alcançar.

Lima (2008), compara os resultados dos saberes dos povos da floresta, com os dos processos da bricolagem. Lembrando que em antropologia, bricolagem é a união de vários elementos para formação de um objeto único e individualizado, termo usado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, que o usou para descrever uma ação espontânea, além de estendê-lo para incluir padrões característicos do pensamento mitológico, o qual não obedece o rigor do pensamento científico cartesiano. É um conhecimento produzido pela imaginação humana, baseado na experiência pessoal, sendo gerado pelo surgimento de coisas pré-existentes na mente do imaginador. Na compreensão de Strauss, a vida em si é uma bricolagem de bricolagens” (LÉVI-STRAUSS, 2007).

Neste sentido, entende Lima (2008), que bricolando com as técnicas, os “arremessos idílicos” da vida e do tempo, mediante o jogo do saber viver, os povos da floresta fazem emergir das entranhas do desconhecido e da experimentação, o movimento de produção do conhecimento. Pretendem ir além do que o imediato aparenta, uma vez que, num extremo, os dados colhidos escapam a pura serialidade, e no outro, excluem o esquematismo.

Tal postura permite desvendar os segredos da fauna, flora, rios e a relação entre estes e o ser humano. Não se trata apenas de identificar o número de plantas, pássaros, mamíferos, insetos, mas, através da observação e experimentação rigorosa, perceber e ouvir a voz da natureza no seu conjunto para melhor dialogar com ela. Em profunda familiaridade com o meio botânico, em comunhão com uma observação minuciosa, geram conhecimentos exatos, pautados em pesquisas exaustivas, que envolvem raciocínio, especulação e intuição.

Essa forma de construir o saber baseia-se num processo de observação, repetição, experimentação e comprovação, não superposto ou sobreposto ao conhecimento científico cartesiano, e as duas formas de conhecimento poderiam ser colocadas em paralelas.

Arenas e Del Cairo (2009) em artigo intitulado “Etnobotânica, Modernidade e Pedagogia do Lugar”, enfatizam que a pluralização de saberes começa por um diálogo respeitoso no qual se estabelece um paralelismo entre as diferentes epistemologias e se considera o outro como um igual. E uma vez iniciado o diálogo, o paralelismo pode permanecer ou pode resultar na criação de um sincretismo epistemológico no qual, pensamentos diferentes se fundem para criar novas formas de conhecimento.

Este diálogo se opõe a um nihilismo epistemológico que nega qualquer possibilidade de diálogo fértil entre conhecimento científico e outros saberes, despertando atitudes e comportamentos éticos, colaborando ao empoderamento de comunidades para resistir a homogeneização cultural, produto da universalização de um modelo modernista de desenvolvimento. Considerando-se neste contexto, que os processos políticos de reafirmação das identidades locais encontram suporte nos conhecimentos ancestrais que mantém as comunidades locais e que servem como embasamento político-cultural para configurar formas alternativas de desenvolvimento.

Os autores analisam o significado cultural da etnobotânica e de sua forma de transmissão dentro de povos indígenas e outros povos, apontando as dificuldades de compatibilização entre os saberes ancestrais e a escola moderna. Tecem argumentos de que os conhecimentos etnobotânicos surgem de uma interação com a natureza que tem levado séculos para amadurecer e, não são o resultado de um indivíduo isolado que de forma heróica tem realizado descobertas usando a natureza a seu interesse, sem se importar como suas ações afetam ao meio ambiente.

Pelo contrário, a etnobotânica representa uma colaboração inter-geracional na qual numerosas experiências de tentativa e erro eventualmente resultam em um detalhado

catálogo do uso cultural de plantas, e que trata a natureza como uma extensão da família, com um diálogo pausado entre os múltiplos sujeitos, humanos e não humanos, onde o indivíduo faz parte integral de uma coletividade, e esta por sua vez, de um cosmovivente, e a separação destas dimensões gera caos, desarmonia e violência.

Neste sentido, defendem os autores, que o conhecimento profundo que requer a etnobotânica somente é possível, a partir de uma compenetração com a natureza, em um marco comunitário no qual muitos sujeitos ajudam para que exista uma aproximação respeitosa e afetuosa ao entorno natural. São estes últimos atributos que impedem que a relação seja objetiva, segundo os parâmetros da ciência moderna hegemônica, pois quando se separa os sentimentos dos fatos através do objetivismo, se impossibilita uma relação de afeto.

A falta do componente afetivo leva a uma abordagem mecânica e previsível, que aliada a uma aproximação fragmentada da realidade, impede uma relação mais transcendental e espiritual com a natureza. Os modos de conhecimento tradicionais que privilegiam um enfoque holístico e continuidade simbólica entre os seres vivos e a natureza, na maioria das vezes são altamente rechaçados diante da perspectiva inquisidora da ciência objetiva. Apesar deste papel inquisidor da ciência, diante de outras epistemologias para a compreensão da natureza, os autores consideram que se tem realizado valiosos esforços para explorar conhecimentos alternos, citando o caso da etnoecologia, da qual a etnobotânica faz parte.

Neste sentido, a etnoecologia encarnaria um esforço intelectual para flexibilizar a hegemonia epistemológica da ciência em relação ao conhecimento etnobotânico tradicional que detém muitas comunidades no mundo. Em último caso, o debate da hegemonia epistemológica da ciência ocidental implicaria na necessidade de pluralizar o que se entende por ciência.

A pluralização epistemológica, retira a etnobotânica da marginalização de conhecimentos imposta pela ciência positivista, reconciliando e integrando conhecimentos que tradicionalmente têm sido divididos desde a racionalidade ocidental. Uma questão que cabe analisar é a de se restringir a importância da etnobotânica como sendo apenas um ponto de partida no desenvolvimento de medicamentos fitoterápicos ou novos fármacos dentro do paradigma da medicina ocidental, numa visão de mercantilização do conhecimento e das experiências que detém as culturas sustentáveis. Como visto, as possibilidades de compreensão e utilização da etnobotânica vão profundamente além disso.

No caso das plantas medicinais, inserir a etnobotânica com vistas à sustentabilidade pode ser um bom mecanismo para garantir a existência do patrimônio biológico e cultural que estas representam, auxiliando no empoderamento de comunidades.

A transdisciplinaridade pode colaborar com este desafio, estabelecendo elos entre peças que foram isoladas, substituindo o modelo mecanicista pelo modelo sistêmico, que recupera e revitaliza os valores humanos, as artes, a ecologia, a ética, a estética e a transcendência, procurando tornar possível o diálogo entre ciência e tradições. Esta concepção resgata uma ciência comprometida com a vida (BORN, 2000).

Os conhecimentos que possuem as comunidades tradicionais podem conter soluções para os dilemas que estamos enfrentando. Para a socióloga Edna Castro, professora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará o diálogo de saberes é importante, porém, numa dimensão democrática, sem o olhar autoritário da ciência, e sim com o reconhecimento de valores de igual para igual, o que implicaria em relativizar a ciência.

A socióloga sublinha que no sistema de conhecimentos produzidos, os povos conseguiram, ao longo dos milênios, sobreviver e produzir cultura, além de resolver seus problemas de alimentação, saúde e ecologia. São multiconhecimentos que não se podem homogeneizar (VASCONCELOS, 2012).

E é desta maneira, aliando-se a transdisciplinaridade à perspectiva de gênero, buscando-se recuperar a trajetória das mulheres com plantas medicinais na história, a partir da etnobotânica e inserindo no contexto atual e local na busca de sustentabilidade, que vislumbra-se um caminho. Um caminho que aponta para o empoderamento das mulheres, por meio da construção conjunta, com metodologias participativas, fortalecendo a organização e identidade destas mulheres.

A aliança entre ferramentas complexas, como transdisciplinaridade e empoderamento de mulheres através da etnobotânica com plantas medicinais, podem, através da perspectiva de gênero, trazer propostas de mudanças nas relações de gênero que estejam articuladas com a transição, para outro paradigma produtivo mais sustentável, integrando homens e mulheres.

Nos faz falta então, na continuidade do referencial teórico, focalizar a trajetória das mulheres, sem perder de vista que empoderamento e sustentabilidade permeiam este universo, com seus efeitos contrários, insustentabilidade e desempoderamento, e que

aliadas à etnobotânica (resgate de conhecimentos), a transdisciplinaridade e a perspectiva de gênero são nossas agulhas e linhas na tecitura.

2.3 A Trajetória das Mulheres

2.3.1 O Fio Histórico Cultural do Processo de Inferiorização do Feminino

Leite (2010), em suas reflexões transdisciplinares sobre direitos humanos fundamentais, igualdade e gênero, analisando verbetes “homem” e “mulher” contidos em dicionários, identifica que homem e ser humano são sinônimos, sendo a espécie humana na sua máxima expressão representada pelo homem, que como substantivo, é identificado com a humanidade toda.

Seguindo reflexões num fio histórico cultural, a autora lança-se ao desafio de investigar a gênese dos processos de inferiorização do feminino. Desafio que começa pela falta de estudos historiográficos ou antropológicos que situem precisamente a questão.

Para Celaya (1997), como e quando começou o homem a adquirir sua posição relevante frente a mulher é um mistério. A autora questiona porque a história é testemunha unicamente do domínio masculino no mundo e não existem provas constatáveis da situação inversa. Imperatrizes orientais, faraonas egípcias, rainhas da história antiga desfilam pelo passado da humanidade. Algumas bem famosas, outras apagadas da consciência das listas dos governantes. Sacerdotisas, amazonas, druidesas célticas e Valquírias germanas chegam até nós, envoltas em lendas, como incomparáveis mulheres poderosas, guerreiras, nenhuma delas podendo escapar do halo fantástico que rodeia o desconhecido.

Com base em algumas evidências culturais pré-históricas, desvela-se a hipótese de que nos primórdios dos agrupamentos humanos, a mulher era reverenciada como um ser mítico. A escultura chamada “Vênus de Willendorf” encontrada na Áustria e estimando-se que tenha sido esculpida há 24 000 ou 22 000 anos (período paleotítico - 2500 - 2000 a.C), seria a expressão artística da imagem feminina mais antiga já encontrada. Acredita-se que a escultura, que mede onze centímetros, era usada em rituais de fertilidade. Suas características representam as formas femininas como seios, nádegas, quadris e vulva. A

mulher gerava vida espontaneamente e por isso era equiparada a uma deusa. Assim, primitivamente o feminino é identificado com o mítico e não com o inferior.

O ser humano nômade se sedentariza, passando do *Homo erectus* para *Homo habilis* e deste, para *Homo sapiens*, praticando agricultura e pecuária, e aprende como se dão os processos de reprodução. Conclui-se que a mulher não gerava vida espontaneamente, e que isto dependia de um processo no qual a participação masculina é crucial. Inclusive, deve-se a tal, a transposição da tradição familiar matrilinear para patrilinear.

No pensamento de Leite (2010), a inferiorização e o controle da mulher perpassam por mecanismos religiosos já na antiguidade.

Para Siliprandi (2009) esta discriminação não desaparece modernamente. Embora pesquisadoras feministas apontem a existência de proposições de igualdade entre mulheres e homens desde, pelo menos, a Grécia do século V a.C., quando os sofistas ilustrados debatiam com Aristóteles o alcance da democracia defendendo a igualdade da mulher pelo princípio da isonomia, a democracia grega não incluía a todos, mulheres e escravos eram excluídos.

2.3.2 O Fio Histórico Cultural da Consciência do Feminismo

Varela (2005) busca o fio histórico cultural da consciência do feminismo, quando lembra que antes do nascimento deste, as mulheres já haviam denunciado a situação em que viviam por serem mulheres e as dificuldades que tinham que suportar, embora não se havia articulado um pensamento destinado a recuperar seus direitos, nem questionavam a origem da subordinação feminina. Cita Christine de Pizán por exemplo, no século XIV, em “A Cidade das Damas” que reflexiona como seria esta cidade onde não haveria nem guerras, nem o caos promovido pelo homem. Em seus escritos, aborda temas com o acesso das mulheres ao conhecimento.

Puleo (1996, 2006) destaca que na modernidade renascentista, o cartesianismo não inclui a mulher e metade da humanidade permanecia excluída.

Varela (2005) destaca que o feminismo foi muito impertinente, questionando a ordem estabelecida desde o seu nascimento.

A obra de Mary Wollstonecraft, “Vindication of The Rights of Women” (Inglaterra, 1792) foi um texto importante para o feminismo moderno que se baseava na idéia de igualdade natural dos seres humanos, considerando-se que todos são portadores de razão (AMOROS; COBO, 2005).

Mas os resultados finais do iluminismo, com seu lema inspirador, não foram alentadores para as mulheres. Olympe de Gouges, ativista da revolução francesa, foi guilhotinada por propor uma “Declaração Universal da Mulher e da Cidadã”, como adendo original.

Em meados do século XIX, com o avanço da revolução industrial e do capitalismo, e com a consolidação das democracias ocidentais, conceitos como cidadania, direitos civis, políticos e sociais emergem. No entanto, o conjunto de mulheres continuavam excluídas sendo a mulher absorvida pelo mercado com mão-de-obra de fácil exploração por ser culturalmente subserviente, com remunerações menores, com maior potencial de gerar mais-valia (SILIPRANDI, 2009).

Por esta época surge a Primeira Onda Internacional Feminista, iniciada por uma parte das mulheres, culta e literária, que passou a organizar-se para exigir direitos de todos: participação da vida pública, ter acesso a educação superior, exercer um trabalho remunerado.

Estes movimentos realizaram lutas pelo sufrágio, reivindicações ao direito a propriedades, abolição da escravidão, defesa dos direitos dos animais. Primeiramente nos Estados Unidos e Inglaterra, proliferando para outros países (SILIPRANDI, 2009; PULEO, 1996; AMORÓS; DE MIGUEL, 2005).

No socialismo destacaram-se Clara Zetkin que defendia as mulheres na perspectiva de classe, e chegou a dirigir uma revista feminina: “Igualdade” e organizando em 1907, o primeiro Congresso Internacional de Mulheres Socialistas e Alexandra Kollantai, ativista e dirigente bolchevique (1872-1945), soube mesclar convenientemente a luta das mulheres dentro do socialismo. Defendia a emancipação das mulheres em todas as suas formas e que não cabia deixá-la para o final (CELAYA, 1997; DE MIGUEL, 2005).

Entre os anarquistas, destacava-se Ema Godman, ativista e escritora atuante, que questionava o trabalho assalariado, como de importância para a libertação das mulheres, assim como a institucionalidade e do voto.

Para ela, seria preciso que as mulheres vencessem a ideologia patriarcal que carregavam em seu interior, afirmando-se como pessoas, donas de seus corpos, e

assumindo seus desejos, não se permitindo ser guiadas nem por Deus, nem pela Pátria, nem por seus maridos (SILIPRANDI, 2009; DE MIGUEL, 2002).

2.3.3 Avanços da Trajetória das Mulheres no Século XX

No início do século XX, conseguido o direito de voto em uma grande maioria dos países e depois da guerra, os direitos formais das mulheres foram se ampliando na maioria dos países ocidentais, com atendimento de grande parte de suas reivindicações: acesso ao voto, mercado de trabalho e educação. Porém, o mundo público não levava em contas as necessidades das mulheres (CELAYA, 1997).

De fundamental importância é a publicação em 1949, da obra, “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, em que se abordava que emancipação feminina então, devia se dar através da educação e do acesso a cidadania, de forma que as mulheres pudessem escolher um projeto existencial.

Movimentos de massa serão retomados inicialmente nos Estados Unidos, nos meados de década de 1960, baseados em uma crítica cultural, do androcentrismo e do caráter patriarcal de certas teorizações universalistas, como o marxismo e a psicanálise, assim como correntes do freudismo-marxismo (AMORÓS; DE MIGUEL, 2005).

Em 1966, fundou-se a Organização Nacional de Mulheres (NOW), liderada pela ativista Betty Friedan, que escrevera a obra: “A Mística da Feminilidade”.

Integrantes descontentes com a NOW constituíram novas organizações, a partir de 1967, como a Women’s Liberation Movement, New York Radical Women, The Feminists e outras que ficaram conhecidas como defensoras do feminismo radical.

Lutas e ações resultaram destes grupos, como manifestações e marchas, entre as quais, as famosas queimas de sutiãs em praças públicas, a criação de grupos de autoconsciência e de centros de saúde e auto-ajuda, creches e casas de abrigo para mulheres maltratadas, centros de defesa pessoal (VARELA, 2005; PULEO, 1996; DE MIGUEL, 2002).

Desenvolveram-se diálogos com o marxismo e a psicanálise, e outras correntes do pensamento social, originando o que veio a se chamar “feminismo da diferença”, revertendo o sistema de valorização estabelecido pelo patriarcado. Desta forma, as

características que ao longo da história da humanidade tinham sido desvalorizadas, por serem “femininas”, passavam a ser vistas como positivas (CELAYA, 1997).

Nos Estados Unidos, sua corrente principal derivou no “feminismo cultural”, estabelecendo a necessidade de criação de uma cultura feminina própria, independente dos homens, e não contaminada por seus valores, posicionamento este, bastante criticado (SILIPRANDI, 2009).

O final do século XX caracterizou-se pela abertura de oportunidades das mulheres às questões públicas, através de universidades, governos, partidos políticos e modificação de leis, com o avanço de respostas de Instituições Internacionais.

Através da ONU, organiza-se a I Conferência Mundial da Mulher (México), a partir da qual institui-se a Década da Mulher e estabeleceu-se o Plano de Ação para a Igualdade de mulheres e Homens em todos os países do mundo.

Em 1979, aprova-se a “Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher” (CEDAW) o que levou muitos países a modificar suas legislações e criar estruturas públicas para a promoção dos direitos das mulheres. Nas Universidades, avançou-se na pesquisa sobre gênero, mulheres e feminismo e paralelamente surgem organizações não governamentais, com importante papel de mediação social e formulação de propostas no campo da política e desenvolvimento de enfoque de gênero e lutas feministas (SILIPRANDI, 2009).

Em 1995, acontece a IV Conferência Mundial da Mulher em Beijing, espaço importante de confronto e de avaliação e estratégias, bem como de alianças políticas.

Nos anos 1990, evidenciou-se o reconhecimento das diferentes formas de opressão que se entrecruzam, formando a identidade das mulheres trazido pelos debates alimentados pelos feminismos “terceiro-mundistas”, pós-colonialistas e multiculturalistas (SILIPRANDI, 2009).

2.3.4 A Trajetória das Mulheres a partir do Ano 2000: Interfaces com a Ecologia.

A partir dos anos 2000, movimentos sociais, entre os quais diversos movimentos feministas, passam a se articular em redes, estimulando a troca de experiências entre

diferentes movimentos, e a articulação de culturas locais e globais. Surgem os Fóruns Sociais Mundiais, sendo os primeiros, em Porto Alegre - Brasil (2001 e 2004).

A ligação entre movimentos de mulheres e movimento ecológico é visível no Ocidente desde a década de 1960, quando do movimento de contra-cultura na Europa e Estados Unidos, questionando os modelos políticos e econômicos - capitalismo e socialismo. Além do mais, questionavam o conjunto de instituições sociais, ideologias e valores que regulavam os comportamentos, questionando-se o modelo civilizatório (SILIPRANDI, 2009).

A bióloga Rachel Carson em 1962, lança seu livro, “Primavera Silenciosa”, onde alerta para os riscos ambientais e para a saúde pelo uso das tecnologias modernas, tendo sua obra grande impacto.

Crises no abastecimento de petróleo em escala mundial, aliadas a desastres ecológicos alertavam para a insustentabilidade de um sistema baseado no progresso tecnológico com o uso irrestrito de recursos naturais e pesadas políticas de defesa.

No final dos anos 1960, diversos movimentos sociais e políticos se mobilizaram contra este modelo civilizatório. Dentro do movimento feminista, alguns setores do feminismo radical - as ecofeministas - se dedicam especialmente aos problemas ecológicos. Para estas militantes, as causas da crise que se avizinhava, teria que ser buscada nos pressupostos antropocêntricos e androcêntricos que organizavam as sociedades patriarcais e somente com a sua superação, poderia ser construída uma sociedade igualitária e não destruidora (SILIPRANDI, 2009; PULEO, 2000).

Surge assim, uma das primeiras interfaces entre ecologismo e feminismo, na discussão sobre a limitação do crescimento populacional e pobreza, como resposta às crises ambientais, com perspectiva neomalthusiana baseada em publicação de cientistas norte-americanos Paul e Anne Earlich.

No centro deste debate, surge o primeiro texto em que se defende uma proposta claramente feminina para os problemas ambientais, dando-lhe o nome de “Ecofeminismo” da francesa Françoise D’Eaubonne em 1974: “Le Feminisme ou La Mort”. Para ela, o controle da natalidade era somente uma parte da equação, sendo a outra, o modelo produtivista excludente dominado pelos homens, que orientava países industrializados (tanto socialistas como capitalistas) e que estava levando a humanidade ao colapso, numa clara relação entre superpopulação, devastação da natureza e domínio masculino (PULEO, 2004).

As primeiras ecofeministas, analisando o dualismo natureza-cultura abordado por Simone de Beauvoir, destacam a superioridade da mulher e da natureza, ao invés de reivindicar o pertencimento da mulher a cultura que será criticada como andocêntrica. Defendem assim, a superioridade da natureza sobre a cultura.

Discussões em grupos de reflexões e autoconhecimento versando sobre o impacto das mudanças ambientais sobre a saúde das mulheres acompanharam o início do ecofeminismo, nos movimentos nos Estados Unidos. Os grupos aprofundando-se no funcionamento do corpo feminino, criticavam a forma vista e tratada pela medicina e resgataram práticas tradicionais de saúde, que eram usadas historicamente por mulheres, criticando a desvalorização destes, pelos sistemas institucionais, como parte da postura patriarcal, de desvalorizar o conhecimento das mulheres.

Discussões importantes são trazidas como a dos problemas relacionados com a contaminação ambiental, mostrando, por exemplo, que o acúmulo de substâncias tóxicas provocadas por síndromes de hipersensibilidade é maior no corpo das mulheres do que nos homens, devido a particularidades hormonais e ao conteúdo de gorduras, entre outros estudos (PULEO, 2005).

Autoras como Susan Griffin (1978), se dedicam a interconexão das mulheres com a espiritualidade, a partir da sua natureza interior, interligando-a a Deusa-Mãe-Terra. Le Starhawk (1979) propõe a recriação de práticas espiritualistas com esta finalidade. Já Mary Daly (1978), tenta desmistificar como as religiões ocidentais contribuíram em destruir estes laços, onde eles existiam. Surge desta maneira, uma das vertentes espiritualistas do ecofeminismo (PULEO, 2012).

O ecofeminismo fez vínculos com o pacifismo, tendo destaque na área política na fundação do Partido Verde na Alemanha, onde Petra Kelly ativista pacifista, ecologista e feminista, destacou-se.

Manifestações pacifistas e antinucleares aconteceram na década de 1980, tendo a frente grupos de mulheres como por exemplo, “Women for Life on Earth” que após 19 anos de lutas, conseguiu que uma base militar na Inglaterra fosse fechada.

Movimentos de Mulheres em defesa da natureza, partiram do Terceiro Mundo, como o Movimento Chipko na Índia (início dos anos 1970) e o já comentado na introdução desta tese, Cinturão Verde, liderado por Wangari Maathai, no Quênia em 1977.

Inspiradas no movimento de não-violência criativa de Ghandi, as mulheres rurais de Chipko, em nome do princípio feminino da Natureza da cosmologia da Índia, conseguiram

deter o desflorestamento total do Himalaia, se alternando na vigilância da região e se amarrando às árvores quando os homens iam cortá-las. Enfrentando seus maridos, que estavam dispostos a vender as florestas comunais, as mulheres de Chipko adquiriram consciência de grupo e, posteriormente, continuam lutando contra a violência doméstica e pela participação política (PULEO, 2011).

Na década de 1990, as mulheres se visibilizam na luta ecológica, como portadoras de propostas concretas em eventos Internacionais como a Conferência Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992 (Eco-92) e IV Conferência da Mulher - BEIJING, 1995.

Deere e Léon (2007) destacam a participação dos Movimentos de Mulheres Camponesas da Ásia e América Latina e da Organização das feministas para a preparação e durante a Conferência de Nairobi, trazendo à Conferência Oficial uma nova visão crítica em relação a sustentabilidade.

Foi em Nairobi, que aconteceu a reunião Global e independente sobre “Mulheres e Crise Ambiental”, que gerou em 1987, o grupo de trabalho “Mulheres para o Desenvolvimento Sustentável” vinculado a ONU (RAMÍREZ, 1999).

No sistema da ONU, este novo enfoque passou a se chamar “Mulher, Ambiente e Desenvolvimento” ou ainda “Gênero, Ambiente e Desenvolvimento” passando-se a discutir as relações de poder historicamente construídas e que tinham marginalizado as mulheres dos espaços de decisão.

Em 1992, na Conferência do Rio de Janeiro, Redes de Mulheres que haviam se articulado em Nairobi permaneceram organizadas, e vieram para o Rio com propostas, fazendo pressão sobre a Conferência Oficial, organizando-se o Planeta Fêmea, um espaço para a discussão dos problemas das mulheres, dentro do Fórum Global (DEER; LÉON, 2007). O Planeta Fêmea havia sido organizado por um Comitê Internacional formado em 1990 em Nova York, apoiado pela Women’s Environment and Development Organization - WEDO. Em 1991, como preparação para a Eco-92, se realizou um Congresso Mundial de Mulheres por um Planeta Sustentável, com a presença de 1500 mulheres de várias partes do mundo. Neste, discutiu-se pela primeira vez a criação de uma agenda 21 de ação para mulheres, e foi ali que se consolidou a proposta de organização das atividades que seriam realizadas na Conferência do Rio (CORRAL, 1993).

As mulheres presentes neste evento defendiam um “olhar feminino sobre o mundo” e várias questões trazidas pelo ecofeminismo ganharam dimensões políticas: resgate de

valores da maternidade, identificação das mulheres com atividades de cuidado, inclusão de outros tipos de “externalidades” ao cálculos econômicos, denúncias de políticas armamentistas.

O ecofeminismo ganhou cena, porque reivindicava mais do que um posicionamento racional, um envolvimento afetivo, emocional, com os temas tratados. Apelava para a identificação das mulheres com a “Mãe Terra”, enquanto mães, potencialmente criadoras de vida, o que lhes dava legitimidade para, junto com outros grupos sociais considerados defensores da natureza (indígenas, populações tradicionais), ser as “melhores” portadoras de um projeto não destruidor do planeta (SILIPRANDI, 2009).

Na Declaração do Rio e Agenda 21 as mulheres se destacaram com propostas. Na Declaração do Rio, o princípio 20 afirma que “as mulheres desempenham um papel fundamental na ordenação do meio ambiente e do desenvolvimento. Portanto, é imprescindível contar com a sua plena participação para obter o desenvolvimento sustentável”.

A Agenda 21 trouxe o capítulo 24 - Medidas mundiais em favor da mulher para conseguir um desenvolvimento sustentável e equitativo - expressando segundo Siliprandi (2009) a necessidade de melhorar a participação das mulheres na tomada de decisões, tendo em vista a necessidade da sua participação na ordenação dos ecossistemas e na luta contra a degradação ambiental. Medidas a serem tomadas pelos governos neste sentido deveriam ser desenvolvidas, principalmente o reconhecimento da legitimidade de sua participação ativa, não apenas na condição de “afetadas” pela devastação ambiental, mas como sujeitos políticos, portadoras de propostas próprias.

Na Eco-92, questões a respeito das mulheres e o Meio Ambiente são discutidas em nível Internacional na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing, em 1995 (SOARES, 1995).

Os resultados recomendaram envolver as mulheres ativamente em todas as decisões referentes a questões ambientais; integrar perspectivas e preocupações de gênero em todas as políticas para o desenvolvimento sustentável; e reforçar ou estabelecer mecanismos (caso não existam), em nível internacional, regional e nos países, para avaliar o impacto de políticas ambientais e de desenvolvimento sobre as mulheres (SILIPRANDI, 2009; RAMÍREZ, 1999).

Em 1966, em Roma, na Conferência Mundial da Alimentação, a WEDO apresentou um documento (Apelo de Lipzig) que apontava que o domínio das grandes empresas agroalimentares sobre as políticas dos países agravaria a deterioração ambiental que já estava ocorrendo - particularmente no meio rural - cujas consequências cairiam com maior força sobre as mulheres dos países pobres (SILIPRANDI, 2009).

Em 2006, na Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural em Porto Alegre- Brasil, estas questões voltam a ser discutidas com ênfase.

Depois de Beijing, as conferências internacionais da ONU foram perdendo importância entre os movimentos sociais como fóruns de discussão e proposição de alternativas. Outro espaço internacional de articulação política começou a ser construído no final dos anos 1990, a partir dos protestos antiglobalização paralelos às reuniões da Organização Mundial do Comércio, do Banco Mundial e do G-7 que deram origem aos Fóruns Sociais Mundiais.

Com o lema “Um Outro Mundo é Possível” os Fóruns aconteceram em Porto Alegre no Brasil a partir de janeiro de 2001, como um evento paralelo ao Fórum Econômico Mundial, que ocorre anualmente em Davos, na Suíça, e reúne empresários, banqueiros e representantes da elite financeira mundial.

Os movimentos feministas, em suas distintas redes e articulações, têm estado presentes nos Fóruns trazendo novas reflexões sobre os efeitos da globalização sobre as condições de vida das mulheres. Ganham especial relevância os movimentos de mulheres agricultoras do terceiro mundo - camponesas e indígenas - envolvidas em conflitos pelo acesso aos recursos produtivos ameaçados pelo avanço de grandes empresas agroalimentares, especialmente sementes, e em lutas por soberania alimentar (SILIPRANDI, 2009).

2.3.5 Ecofeminismo como Alternativa à Crise Ética Global

Para Siliprandi (2009) a palavra ecofeminismo refere-se a relação existente entre o feminismo e a ecologia. Relaciona a dominação das mulheres aos fundamentos e impulsos que levaram à exploração da natureza e dos povos. Relaciona portanto que o meio ambiente, como as mulheres, são vistos pelo capitalismo patriarcal como “coisa útil”, que

devem ser submetidos às supostas necessidades humanas, seja como objeto de consumo, ou como meio de produção ou exploração.

Para Varela (2005) no ecofeminismo se juntam três movimentos: o feminista, o ecológico e o da espiritualidade feminina, na definição da Women's Environmental Network, a Rede de Mulheres Ambientalistas.

Para a filósofa Puleo (2006), da Universidade de Valladolid, o pensamento ecológico e feminista são complementares e representam uma alternativa para a crise ética da sociedade individualista e consumista dos tempos atuais.

Puleo lembra que a confluência das temáticas de ecologia e feminismo ganham espaço nos anos de 1970, quando as preocupações ambientais cobram grande notoriedade principalmente com as publicações “The population Bomb” de 1968 e “Limits to Growth” de 1972, tratando do crescimento populacional e recursos naturais do planeta. No contexto deste debate, alguns pensadores e ativistas se perguntam se o feminismo teria algo a dizer sobre os novos problemas ambientais.

Conforme Puleo (2011) o termo ecofeminismo sugere pontos de contato entre as temáticas do feminismo e da ecologia. Os definiu em 1974 Françoise D' Eaubonne (Paris, 1920-2005).

Em 1978, momento da publicação do livro “Eco-Féminisme”, suas idéias foram inicialmente ridicularizadas, por haver unido dois conceitos que não teriam nenhuma relação entre si. D'Eaubonne foi amiga e admiradora de Simone de Beauvoir, chegou a dedicar-lhe uma biografia. Militante do partido comunista o abandonou nos anos 60, decepcionada com a incapacidade da esquerda, naquele momento, de assumir bandeiras ecológicas. Aproximou-se então do anarquismo, solo mais fértil para a ecologia.

O laço que estabelece D' Eaubonne entre feminismo e ecologia se apoia em uma hipótese sobre o passado da humanidade, já descrito levemente no início da organização deste referencial teórico.

Nas árvores de nossa espécie não estava clara a conexão entre a união sexual e a gestação. O descobrimento da função paterna na procriação havia destronado a mulher no imaginário pré-histórico, convertendo-a em simples terreno que se pode possuir e fecundar. Já não será uma criatura sagrada que por seu contato com o divino faz possível o nascimento de uma nova geração, sim um simples objeto de apropriação. Este processo coincide com o início da pecuária e da desapareção de uma estrutura de clãs que permitia possuir e administrar os cultivos. Fertilidade e fecundidade passavam a ser capacidade

manejadas pelos homens. Surgem as sociedades patriarcais que excluem as mulheres das instâncias de decisões.

Esta hipótese de uma espécie de matriarcado originário foi muito criticada. Mas, conforme comenta Puleo (2011), Françoise D'Eubonne não acreditava em um passado matriarcal em que o poder estivesse em mãos femininas, como interpretaram alguns. Em “Les Femmes avant Le Patriarcat”, sugere a existência de sociedades ocidentais organizadas em clãs de caráter agrícola e pacífico, antes do desenvolvimento de um patriarcado guerreiro.

Em sua opinião, estes clãs colocavam a mulher no centro de sua organização social equitativa entre os sexos. O posterior desequilíbrio de poder entre homens e mulheres havia conduzido à crise ecológica atual. Ao converter-se em dono absoluto da fertilidade dos corpos e da terra de cultivo, o homem havia iniciado uma carreira expansiva desmedida que terminaria na superpopulação, contaminação e esgotamento de recursos característico do mundo atual.

Faur (2004) sugere que nas antigas sociedades matrifocais, prevaleceriam valores de solidariedade e parceria entre homens e mulheres, visando à sustentação, defesa e florescimento das comunidades. Sugere ainda, que como não se encontrou evidências de armas ou estruturas defensivas, nos achados arqueológicos referentes, conclui que esta poderia ser uma sociedade pacífica. Também não há representações em sua arte, de guerreiros matando-se uns aos outros, mas pinturas representando a natureza e uma grande quantidade de esculturas representando o corpo feminino. Para a autora, trazer de volta o significado deste simbolismo feminino, trata-se de um resgate, que desperta o arquétipo da “Grande Mãe” guardado no inconsciente coletivo.

Faur (2004) avalia que com a extinção definitiva do culto à Deusa nos países cristianizados e a conseqüente perseguição e difamação dos valores femininos, somente fragmentos das antigas celebrações, tradições, práticas e conhecimentos velados, permaneceram disfarçados nas crenças populares, centros folclóricos, contos de fadas e terapias xamânicas.

Relembra que na Grécia, em Delphi, o mais famoso oráculo do mundo antigo era dedicado a Python - a grande serpente sagrada - filha partenogênica da Terra - que personificava o espírito profético de Gaia. Lá, as sacerdotisas pitonisas entravam em transe e transmitiam as mensagens para os que a procuravam.

Lembra também que, no folclore dos povos eslavos, saxões, nórdicos e celtas permaneceram ocultados em lendas e histórias resquícios dos antigos cultos. Destaca os povos indo-europeus que reverenciavam a “Mãe dos Grãos”, ou “Senhora da Vegetação” de diversas formas e manifestações. Uma delas era valorizar a importância da última espiga remanescente nos campos, que estaria retendo o “espírito da fertilidade dos grãos”. Ela era cortada ritualisticamente, modelada e vestida como uma mulher, enfeitada com flores e frutos e carregada como a representação da “Mãe de Todos os Grãos”, em alegres procissões nos vilarejos.

Lamenta que as proibições religiosas e perseguição secular da igreja católica suprimiram muitas destas tradições antigas remanescentes no meio rural. Após a cristianização forçada, no século XII, a língua original foi europeizada, perdendo-se antigos significados de palavras associados aos ritos agrários.

Para Whitmont (1991), o século XX pode ser considerado um resgate dos séculos de opressão e silêncio forçados, e setores do movimento feminista baseados nos arquétipos da Deusa expandem modelos positivos e de fortalecimento. A emergência da deusa na consciência ocidental seria uma nova/antiga visão da terra, favorecendo o aparecimento da hipótese Gaia, das preocupações ecológicas e das terapias xamânicas.

Para ela, o ecofeminismo, o ativismo político e ecológico, o empenho para a transformação interior e a consequente necessidade de renovação individual e global são considerados sinais desta visão. O retorno não significaria voltar as antigas práticas e crenças religiosas, mas revalidar aspectos do feminino, criando uma nova cosmologia centrada na terra, que possa contribuir para integrar as cisões individuais e coletivas, promover uma nova ética em valores de reverência pela vida.

Para Neumann (2001) a hipótese GAIA, renovou o interesse pelos antigos mitos e tradições centradas no culto à “Grande Mãe”, mostrando que os festivais originários das antigas tradições e sociedades não dependiam de ideologias religiosas, mas da realidade ecológica.

Na sua opinião, os últimos 4000 mil anos de imagens e valores do divino masculino, precisam de imagens que respeitem a complexidade, riqueza, beleza, poder gerador e nutridor do feminino. Necessitam de mitos, histórias, relatos, estudos, e experiências que afirmem qualidades femininas, reavaliando e corrigindo a história, antes escrita apenas por homens.

Voltando às idéias de Françoise D'Eubonne, precursora do ecofeminismo, como destaca Puleo (2011), estas não despertaram interesse na França, mas sim, na América do Norte e Austrália destacando-se Ynestra King, membro do Instituto para a Social Ecologia de Vermont, fundado pelo pensador libertário Murray Bookchin (1921-2006).

A princípio dos anos 1980 do século passado, Ynestra organizou o Primerio Seminário sobre esta teoria. Atualmente, universidades da América do Norte, Austrália e Europa oferecem cursos de Pós-Graduação sobre o pensamento ecofeminista.

Puleo (2011) destaca também, uma das primeiras figuras libertárias do ecofeminismo, a líder ecopacifista e feminista alemã Petra Kelly influenciada pelos princípios libertários de Thoreau e sua idéia de desobediência civil, assim como a não-violência de Ghandi.

Petra Kelly defende de que as mulheres não imitem os valores hierárquicos masculinos, e busquem na própria experiência de cuidar de outros seres não um “poder sobre os outros”, mas um “poder com os outros”, compartilhado.

Em 1979 participa da fundação dos Verdes alemães, formação política do ecologismo, convertendo-se em uma das principais figuras intelectuais.

Puleo (2011) analisa, que com o primeiro ecofeminismo, que busca revalorizar a experiência da maternidade se dá curiosamente, uma recuperação do discurso patriarcal tradicional que afirmava que as mulheres eram natureza. Desta forma poderia, para algumas autoras, reforçar o conformismo e debilitar as reivindicações de igualdade.

Dentro do ecofeminismo clássico, se destaca a poeta e pensadora californiana Suzan Griffin. Seu livro “Woman and Nature: The Roaring Inside Her” sugere a recuperação do misticismo como uma forma de conhecimento da natureza na dissolução dos limites sujeito-objeto. Para tanto, seria necessário recuperar a feminilidade selvagem que habita no interior das mulheres, sufocada pela civilização patriarcal.

Teólogas desenvolveram teologias ecofeministas. Rosemary Radford foi pioneira com seu livro “New woman/NewEarth: Sexist Ideologies and Human Liberation” (1975). Ela trabalha a partir de hipóteses antropológicas do matriarcado primitivo de autoras como Evelyn Reed e Marija Gimbutas.

Seu livro “Gaia and God: an Ecofeminist Theology of Earth Healing” revisa os conteúdos das tradições gregas e hebraicas que recebem o cristianismo criticando o desejo de imortalidade e transcendência das grandes religiões monoteístas. Sua proposta é uma visão da divindade como fonte de toda a vida da Terra.

A temática eco-espiritualista também é cultivada por Charlene Spretnak (Pittsburgh, Pensylvania, 1946). Católica liberal, professora de filosofia e religião na Califórnia, orienta suas investigações para a recuperação de símbolos femininos perdidos.

Conforme Siliprandi (2009), o conjunto de posições do ecofeminismo não é homogêneo, e tem recebido críticas tanto dos movimentos ecologistas como de dentro do feminismo; no entanto, reflexões feitas a partir de sua prática política por vários autores e autoras contemporâneos têm mostrado seu valor.

Puleo (2005) destaca este valor, e em sua opinião os primeiros ecofeminismos possibilitaram:

- denunciar o androcentrismo da ciência e da história, resgatando, por um lado, a contribuição das mulheres para o desenvolvimento das sociedades e as formas como se deu a sua exclusão do conhecimento formal e dos espaços de legitimação da ordem social, constituídos pelos discursos científicos, religiosos, jurídicos, filosóficos; e por outro, mostrando que esta exclusão se deu paralelamente ao desprezo a conhecimentos holísticos (considerados como “ não científicos”) que viam a humanidade como parte do meio natural, em igualdade de condições com outros seres.

- denunciar que esta postura reducionista da ciência e da tecnologia tinha como consequência o seu uso irresponsável, que colocava em risco não só a saúde humana, mas a própria sobrevivência da humanidade e do planeta;

- mostrar a postura de dominação e os códigos de conduta que levaram à violência dos seres humanos sobre os animais eram semelhantes àqueles que justificavam a opressão das mulheres, assim como a opressão de outras etnias e raças que não o homem branco ocidental; ou seja, vincularam o marco opressivo androcêntrico (a “superioridade” masculina como justificativa para a opressão) ao antropocentrismo, ao etnocentrismo e ao “especismo” (preconceito de que somente a espécie humana tem valor por si mesma, e as demais só o tem em função de sua utilidade para os humanos);

- desvendar o quanto esta ideologia estava marcada pelo paradigma do homem como “amo e guerreiro”, que faz do militarismo a expressão da virilidade, levando frequentemente a humanidade à guerra como forma privilegiada de resolução de conflitos;

- chamar a atenção para a semelhança entre o não reconhecimento das atividades reprodutivas realizadas por mulheres e a exploração irresponsável dos “recursos naturais”, postura que considerava tanto a natureza como a mão-de-obra feminina como fontes inesgotáveis de riqueza à disposição dos homens; ambos os tipos de exploração (sobre as

mulheres e sobre a natureza não-humana) foram sistematicamente ignorados nos cálculos de racionalidade admitidos pela economia ocidental hegemônica;

- mostrar ainda que as mulheres pobres do terceiro mundo, dadas as suas condições de responsáveis pela manutenção do núcleo doméstico, eram as primeiras vítimas das políticas de degradação ambiental promovida pela globalização neoliberal (pelo desmatamento, poluição das águas e do solo, uso da terra para cultivos de exportação, etc...), mas que eram capazes de resistir a esse modelo, transcendendo aos papéis de gênero tradicionais.

- mostrar que uma perspectiva feminista sobre os seres humanos e sobre a natureza implicaria uma mudança de atitude, exigindo que a humanidade deixasse de ter uma percepção “arrogante”, e passasse a ter uma percepção “afetiva” do mundo (WARREN, 1998). Essa mudança significaria respeito a diversidade, sem hierarquias, como uma postura ética por parte dos humanos, para cuidar do mundo não-humano.

Críticas foram feitas aos primeiros ecofeminismos no que se refere ao essencialismo, que relaciona características que seriam comuns a todas as mulheres como propensão ao cuidado, afetividade, docilidade, não-agressividade em função do potencial para a maternidade. A maternidade seria vista como característica biológica que explicaria a maior intimidade das mulheres com a natureza e a manutenção da vida. As críticas, se apoiavam no fato de que este pensamento parecia reforçar um argumento utilizado pela cultura ocidental para oprimir as mulheres e seu afastá-las do mundo privado.

Yniestra King viria a criticar também a manutenção dos raciocínios dualistas por parte das ecofeministas. Para ela, o ecofeminismo só seria inovador se conseguisse superar a separação existente nos modos de pensar a cultura e a natureza, reconhecendo a humanidade como parte integrante da natureza e da cultura. King ainda defendia que a natureza deveria ser vista e cuidada para além da visão de um “recurso econômico” (KING, 1998).

Nos anos oitenta, as primeiras formulações do ecofeminismo, surgidas no hemisfério norte, se somariam a das pensadoras do sul, lidando com os problemas da globalização neoliberal, a miséria, a exclusão e exploração racistas e o imperialismo cultural. Se destaca Vandana Shiva (1952, Dehradun, Índia), Prêmio Nobel Alternativo 1993, que se inspira nas idéias de não violência ativa de Ghandi.

Vandana Shiva destaca que o inimigo e opressor da natureza é o homem branco e seu racionalismo reducionista que tem resultado no complexo tecnocientífico atual e sua

organização mercantil do mundo. Em seu livro “Abraçar a Vida” destaca que na Índia, a mulher está intimamente integrada à natureza, tanto no imaginário, como na prática. Em um nível, a natureza é simbolizada como a encarnação do princípio feminino e, em outro, é alimentada pelo feminino para produzir vida e proporcionar os meios de subsistência.

Sua formação em física nuclear lhe permite aventurar-se no âmbito epistemológico. Na visão reducionista ocidental a natureza vista como matéria prima inerte feminilizada, se oporia a uma cosmologia védica na qual o princípio feminino de “Shakti” é a energia dinâmica primordial que se manifesta na “Prakriti” ou Natureza. Não existiria um abismo ontológico entre os seres humanos e “Prakriti”. Daí, o respeito que afirma ter seu povo manifestado tradicionalmente pela natureza, entendida como um todo indivisível. A crise ecológica, em sua raiz seria a morte do princípio feminino, simbolicamente e, em contextos como na Índia Rural, não só em forma de símbolo, senão também no processo cotidiano de viver e manter-se. Shiva explica como atua o chamado “mau desenvolvimento” ou desenvolvimento ocidental que substitui os cultivos tradicionais por monocultivos destinados ao mercado (SHIVA, 1995; SILIPRANDI, 2009).

Shiva (1993), como expoente do ecofeminismo espiritualista, sustenta que a forma de pensar do velho paradigma foi responsável pela exclusão das mulheres do seu papel de agricultora, silvicultora, administradora de recursos hídricos. Seu conhecimento que era ecológico, plural, foi sendo inferiorizado, perdido.

Segundo ela, o trabalho das mulheres era baseado na estabilidade e sustentabilidade, na diversidade, na descentralização, no trato das plantas que não tinha retorno comercial imediato, e buscava o sustento de todos, a alimentação em particular, sem que houvesse a necessidade excedente. A contraposição é o modelo de privatização dos lucros e exploração ambiental, cujo principal símbolo é a monocultura. Com a quebra das relações tradicionais, na monocultura, analisa Shiva, as mulheres perderam acesso aos bosques, a água, e passaram a ter menos renda, emprego e menos acesso ao poder.

A monocultura é vista como um símbolo dessas mudanças, porque além de expulsar as formas de cultivos tradicionais (baseados na diversidade e complementaridade) com suas conseqüências ecológicas, é sobretudo uma forma de pensar, na qual a intervenção humana sobre a natureza, visando lucro, é o princípio orientador.

Siliprandi (2009) destaca a corrente espiritualista do ecofeminismo que desenvolveu-se na América Latina, inicialmente com a teóloga brasileira Ivone Gebara e Rede Con-spirando, a partir de reflexões sobre a proteção da vida na perspectiva de justiça

social, ambiental, racial e de gênero. Esta corrente em consonância com a Teologia da Libertação, se enraizou fortemente nos movimentos indígenas e populações pobres que estariam sendo prejudicados pela degradação ambiental passando a clamar por ecojustiça.

Para Gebara (1977), o ecofeminismo procura estabelecer um diálogo com outras culturas, trazendo a questão da ancestralidade como elemento cultural.

Siliprandi (2009) destaca as perspectivas construtivistas dos anos 1990, representadas por autoras como Val Plumwood e Alicia Puleo, sendo que a primeira reflete sobre o pensamento ocidental caracterizado pela concepção da natureza humana situada fora do âmbito da natureza.

Quanto a Alicia Puleo, na visão de Siliprandi, sua proposta tenta integrar diferentes idéias a partir de um pensamento crítico.

Puleo (2011) analisando a trajetória do ecofeminismo, conclui que este é diverso por proceder de distintos contextos vitais e de fontes de inspiração feministas também variadas: anarquista, radical socialista, espiritualista, anticolonialista e em todos os casos, se trata de um pensamento e uma práxis comprometidos com a transformação social.

Também, porque denuncia a alienação consumista e devastadora da Terra e busca construir um novo modelo de desenvolvimento humano ou bem viver. Seu ativismo vai desde a resistência presencial pacífica para deter projetos perigosos ou destrutivos, até o ativismo no mundo virtual com campanhas sobre problemas ecológicos que afetam as mulheres, informando, criando consciência e chamando para outras formas de participação.

Para ela, o ecofeminismo é plural porque é teoria e prática fortemente ligadas às experiências vitais. Portanto, há tantos ecofemismos como teorias ecofeministas e ao abordar o problema da crise meio ambiental desde enfoque diferentes, todas as pensadoras ecofeministas têm realizado importantes contribuições, iluminando aspectos inéditos ou propondo novas soluções ao pensar e revisar a visão sobre o mundo, como destaca:

“...Após minhas leituras e revisão de vários anos, desde minhas próprias coordenadas vivenciais tanto pessoais como culturais, desenvolvi uma forma de pensar o ecofeminismo onde as transformações para outro mundo possível só podem se dar atendendo aos processos políticos sociais vinculados a agroecologia, os movimentos indigenistas e à soberania alimentar reclamada ante o avanço neoliberal destruidor da natureza e promotor de crescente desigualdade econômica. Com este ecofeminismo proponho a necessidade de redefinir a natureza e o ser humano à luz dos conhecimentos

da teoria da evolução, etologia, ecologia e crítica feminista a subjetivação de gênero. Busco um ser humano reconciliado com os demais seres vivos, num momento particularmente dramático da história, em que a capacidade do ecossistema terra para nos sustentar ultrapassa seu limite”(PULEO, 2011, p. 30).

E, ao chegar neste ponto, a partir da consciência das reflexões trazidas durante o fio condutor da construção deste referencial teórico, é que se torna possível continuar em mais uma etapa da tecitura do “Xale de Retalhos”: a da metodologia do estudo.

3 TECENDO A METODOLOGIA DO ESTUDO DESDE A ÓTICA DA TRANSDISCIPLINARIDADE E DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Ao chegar nesta etapa, a da apresentação da metodologia do estudo, faz-se necessária uma aproximação da discussão epistemológica que já se havia iniciado quando da tecitura do referencial teórico, ao lidar com o conjunto de temas complexos escolhidos para a “trama” da tese.

Tarefa também desafiadora, pois apesar de que o positivismo como corrente dominante na ciência venha sendo questionado há algum tempo, ainda continua vivo e presente; tanto na produção científica da área agronômica quanto em outras áreas, dando suporte aos enfoques centrados em um tipo de desenvolvimento ainda hegemônico e longínquo da busca de sustentabilidade.

A ampliação dos conhecimentos, sob o ponto de vista teórico e metodológico na ótica da transdisciplinaridade e perspectiva de gênero, torna convincente a idéia de que as abordagens metodológicas recebidas na área agronômica, onde as pesquisas quantitativas

experimentais ainda são predominantes e privilegiadas, não dariam conta de atender aos objetivos propostos neste trabalho. Parte-se do princípio de que a construção de uma sociedade sustentável, inclui a redefinição da produção do conhecimento.

Mas, qual seria o instrumental teórico-metodológico para possibilitar o diálogo entre o conhecimento científico e os conhecimentos e experiências de comunidades humanas quando se trabalha com etnobotânica de plantas medicinais como indaga Sá (2006), e ainda neste caso da tese, dentro de uma perspectiva de gênero aliada à transdisciplinaridade na busca de sustentabilidade?

Pineau (2010) refere-se ao fato de se reconhecer os limites das abordagens metodológicas disciplinares e da dificuldade de libertar-se delas e construir novas abordagens com, entre, e para além das disciplinas, o que exige aprendizagens multiformes e desencadeiam percursos de investigações pessoais e profissionais complexos, longos, trabalhosos, situados social, temporal e espacialmente.

Para o autor, os percursos de aprendizagem paradigmáticos, podem adquirir várias formas entre a prática e a teoria, empirismo e abstração, indução e dedução e inclusive transdução. E é poristo que a investigação transdisciplinar não parece apresentar-se em um estado suficientemente terminado, pelo contrário, parece registrar-se em um processo de construção complexo. E portanto, as construções podem ser esclarecedoras para outros domínios.

Indícios de que a prática de investigação que leve até outro paradigma ainda está em construção são apontados desde Santos (1993), quando diz que é preciso exercer a insegurança, já que nesta fase de transição e revolução científica esta insegurança, resulta ainda do fato de nossa reflexão epistemológica ser muito mais avançada e satisfeita que a nossa prática científica. Compreende Santos que no momento, ainda não se pode visualizar projetos concretos de investigação que correspondam inteiramente ao paradigma emergente; isto posto por estarmos numa fase de transição, como assinala:

“(....) duvidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. Estamos divididos, fragmentados. Sabemos o caminho, mas não exatamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo conhecimento é auto-conhecimento, também todo o desconhecimento é auto-desconhecimento” (SANTOS, 1993, p. 58).

D'Ambrosio (1993) também compartilha deste pensamento, quando chega à conclusão de que, em relação à metodologia de pesquisa, no paradigma moderno os princípios metodológicos são bastante conhecidos, porém no novo paradigma a metodologia está sendo elaborada à medida que seus princípios se esclarecem.

Santos (1993), destaca que no paradigma emergente o conhecimento é total, tendo como horizonte a totalidade indivisa de que fala Bohm. Mas sendo total, é também local. Ao contrário do paradigma atual, o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces.

Um conhecimento deste tipo, interpreta Santos, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos poderia captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Desta forma, a ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista.

Santos defende a composição transdisciplinar e individualizada, sugerindo um movimento de maior personalização do trabalho científico, como uma das importantes características do conhecimento científico no paradigma emergente.

Capra (1982), desde os anos de 1980 anunciava que as linhas mestras de estruturas conceituais e institucionais para acomodação de um novo paradigma já vinham sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que estavam desenvolvendo novas formas de pensamento que se estabelecem de acordo com novos princípios.

A partir destas informações disponíveis, busca-se a seguir, encontrar respaldo em algumas construções que apontam para as possibilidades efetivação de um novo paradigma de ciência.

Pineau (2010), situa a abordagem transdisciplinar, visando trazer o “movimento transdisciplinar” como uma tentativa de resposta à divisão das disciplinas e à pressão externa de problemas não disciplinares. Para tanto, traça um perfil da evolução histórica das estratégias universitárias ocidentais da divisão da realidade, na sociedade pré-moderna, moderna e pós-moderna.

Na sociedade pré-moderna a disciplina que reina é a teologia. Na sociedade moderna, que nasce no princípio do século XIX, surgem as disciplinas modernas que querem dividir os campos do conhecimento e os campos teóricos com as ciências exatas, onde a física é considerada como a disciplina mais importante que deve fornecer regras às outras. Configura-se uma grande divisão disciplinar que vem do século XIX e que atualmente compõem as nossas instituições.

No final do século XX nasce um movimento de investigação sobre as relações entre as disciplinas, considerando também que existem fontes de saber que não se encontram necessariamente nas disciplinas e que cada pessoa pode ser uma fonte de saber. Portanto, nos lembra Pineau, é necessário não esquecer que a transdisciplinaridade situa-se neste movimento histórico bastante amplo.

A seguir, o autor discute a representação do movimento uni, pluri, multi, inter e transdisciplinar de acordo com o grau de abertura e interação disciplinar.

Na uni-disciplinaridade o grau de abertura e de interação é zero já que é o conjunto específico de conhecimentos que tem as suas características próprias no ensino, na formação, nos métodos e nas matérias.

Na pluri e multidisciplinaridade há a justaposição de várias disciplinas que tratam do mesmo objeto. Na interdisciplinaridade, pressupõe-se interação sobre um ou vários elementos disciplinares: matéria, métodos, objetivos, conceitos. Estabelece-se redes de relações entre as disciplinas e co-construção de significados a partir de um mesmo problema. Já a transdisciplinaridade inclui transações através e para além das disciplinas.

Para sair do paradigma pedagógico-positivista da educação e começar a construir um paradigma chamado antropofomador (formador do ser humano) Pineau refere-se a “uma revolução da aprendizagem” proposta por Morin (2003), que cita os três pilares da transdisciplinaridade.

Para entender estes pilares, voltemos ao referencial teórico onde abordou-se sobre a Declaração de Veneza, documento elaborado a partir de evento organizado pela UNESCO e assinado por vários cientistas, inclusive dois prêmios Nobel, e que pode ser considerado o primeiro documento da transdisciplinaridade.

A seguir, em 1991, realiza-se o Congresso “Ciência e Tradição” organizado pela UNESCO, em Paris, do qual resultou o documento “Ciência e Tradição”, o que pode ser considerado o segundo documento da transdisciplinaridade.

Em 1994 realiza-se o Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, organizado pelo CIRET (Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares, sediado em Paris) com a parceria da UNESCO em Arrábida, Portugal, do qual resulta a Carta da Transdisciplinaridade.

Em 1997 realiza-se o segundo Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, organizado pelo CIRET com parceria da UNESCO em Locarno, do qual resulta o documento “A Síntese do Congresso de Locarno”.

É com o resultado desse histórico que são definidas a epistemologia e metodologia transdisciplinares. Como fruto dos dois congressos mundiais da transdisciplinaridade, são definidos os sete eixos básicos da evolução transdisciplinar na Educação e os três pilares do pensamento transdisciplinar.

Os sete eixos básicos são: 1) a educação intercultural e transcultural; 2) o diálogo entre arte e ciência; 3) a educação inter-religiosa e trans-religiosa; 4) a integração da revolução informática na educação; 5) a educação transpolítica; 6) a educação transdisciplinar; 7) a relação transdisciplinar: os educadores, os educandos e as instituições, e, a sua metodologia subjacente.

Os três pilares são: 1) a complexidade; 2) o Terceiro Incluído; 3) Os diferentes Níveis de Realidade. Como resultado desse histórico, e apoiando-se na epistemologia e metodologia dele resultantes, realiza-se em 1999 o Primeiro Encontro Catalisador do Projeto “A Evolução Transdisciplinar na Educação”, coordenado pelo CETRANS da Escola do Futuro - USP, em parceria com o CIRET e UNESCO.

Sommerman (1999), destaca que é importante definir de maneira sucinta os três pilares, pois com eles emergem a epistemologia e a metodologia transdisciplinares.

O primeiro pilar, a complexidade, emergiu de dados encontrados pelos avanços das ciências naturais, principalmente da biologia, e também de dados novos encontrados por alguns campos das ciências humanas, em especial a antropologia.

O principal compilador de todos esses dados novos foi Edgar Morin, que os organizou no que chama de “pensamento complexo”. De acordo com este pensamento, abandona-se um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento, circular, onde se vai da parte para o todo, do todo para as partes, para tentar entender o fenômeno.

Morin, utiliza-se da concepção hologramática, que é regida pela concepção de distinção, mas não de separação entre objeto e sujeito, nem da relação observador-observado. Desta maneira associa noções complementares, concorrentes e antagônicas.

Segundo Almeida (2009), a construção de um método que ultrapasse o modelo redutor e disjuntor, no qual se apóia o pensamento simplificador, tem sido o desafio maior que Morin abraça no interior da ciência. Seu desafio de reconstrução de um método científico mais afinado com a dinâmica do mundo, se encontra objetivado em um conjunto de seis livros que se complementam e tem início em 1977, data da publicação de seu primeiro volume “O Método.” Sobre o método, assim se expressa Almeida, 2009, p. 12:

“Se trata de um método capaz de absorver, conviver e dialogar com a incerteza, de tratar a recursividade e a dialógica que movem os sistemas complexos; de reintroduzir o objeto em seu contexto, ou seja, de reconhecer a relação parte-todo conforme uma configuração hologramática; de considerar a unidade na diversidade e a diversidade na unidade (...) de introduzir o sujeito no conhecimento, o observador na realidade, de religar sem fundir, ciência, arte, filosofia e espiritualidade, tanto quanto na vida e nas idéias, a ética e a estética, a ciência e a política, saber e fazer.”

De acordo com Almeida (2009), o método proposto por Morin, aberto e em construção, se distancia de uma pragmática e sugere princípios organizadores do pensamento complexo, sem inferir protocolos normativos nem uma metodologia de investigação. Com o propósito de fazer-se o caminho ao andar, Morin convida o cientista que possui seus próprios princípios e fundamentos gerais a ensaiar seus próprios caminhos, técnicas e metodologias para fazer ciência, educação e investigação.

Utiliza-se ao invés de programas, estratégias que se produzem durante a ação, modificando conforme o surgimento dos acontecimentos ou a recepção das informações, a conduta desejada.

Para tanto, são construídos princípios gerais capazes de dialogar com a incerteza, a imprevisibilidade e a causalidade múltipla. Para Morin, o objetivo do método é ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas.

O segundo pilar, o Terceiro Incluído, é a formulação de uma nova lógica, antagônica e complementar à lógica aristotélica do Terceiro Excluído. Ela emerge das ciências, em particular, da física, e tem como seu formulador contemporâneo o filósofo e

epistemólogo romeno Stéphane Lupasco. A lógica do Terceiro Excluído afirma que não existe um terceiro termo que é ao mesmo tempo A e não-A. Exemplo: Pedro não é João, fogo não é água, e não existe um terceiro termo que seja Pedro e João, fogo e água. Já na lógica do Terceiro Incluído existe um terceiro termo que é ao mesmo tempo A e não-A, mas em outro nível de realidade. Exemplo: um no mundo microfísico, a partícula (A) e a onda (não-A), mostram-se unificadas no quantum (T).

O terceiro pilar da transdisciplinaridade, os Diferentes Níveis da Realidade, emergem tanto das ciências contemporâneas, como da história e da filosofia, da antropologia e de todas as tradições sapienciais da história da humanidade. Sommerman (1999), conceitua nível de realidade conforme a definição do físico teórico Basarab Nicolescu em “O Manifesto da Transdisciplinaridade” de 1986: “um nível de realidade é determinado por um grupo de sistemas que permanece invariável sob a ação de certas leis”.

Portanto, sempre que há uma ruptura das leis gerais que regem determinados fenômenos há a manifestação de outro nível de realidade. Por exemplo, no nível do mundo sensível, dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço no mesmo momento. No mundo psíquico isto é possível, tratando-se portanto, de dois níveis de realidade.

Sommerman prossegue destacando uma possível representação gráfica do Terceiro Incluído e dos Diferentes Níveis de realidade, sendo o primeiro nível, o corporal com seu aparato perceptivo dos cinco sentidos. O segundo nível seria o psíquico, regido pelas emoções e pensamentos com o aparato perceptivo constituído pela razão, pelas representações e formulações mentais. O terceiro nível seria o anímico, regido pelos sentimentos e formas imaginais, com o aparato perceptivo constituído pela inteligência e intuição. O quarto nível seria o espiritual, o das essências e dos arquétipos primordiais, regido pelo amor e pela compaixão, sendo seu aparato a visão extática.

Com base nestes conceitos, Sommerman comenta que no campo do sujeito transdisciplinar cada nível deste sujeito é complexo, de modo que cada ser humano é único em sua profundidade e individualidade, necessitando ter suas raízes e cultura respeitadas, para tanto, inserindo-se num processo contínuo de ecoformação, heteroformação, pois é no campo interior e exterior que ele enterra suas raízes e é neles que se alimenta para dar frutos. Sendo cada campo único, cada sujeito é único e pode produzir frutos únicos.

Pineau (2010), acredita que os seres humanos nascem transdisciplinares e é o contato com a educação formal que faz com que se perca esta característica, a medida em

que perde a capacidade conectar, relacionar. Por isto, afirma que a perspectiva transdisciplinar, que hoje já faz parte de muitas universidades, incluindo as da América Central e Latina poderá traçar um novo caminho para o ensino superior nos diferentes países do mundo, auxiliando na compreensão e solução dos problemas pós-modernos. Crê ainda, que se as universidades querem desenvolver-se devem estar abertas a este movimento, para tratar as relações entre as disciplinas e fora delas mesmas, mas que isto levará seu tempo, assim como as revoluções científicas levam várias gerações. Estando-se em uma situação de transição entre os velhos modelos e os novos que emergem, há que se construir, criar os instrumentos de construção.

Almeida (2009), considera que além de Edgar Morin, Claude Lévi-Strauss ganha protagonismo na lista dos pensadores que utilizam-se do valor do funcionamento de analogias e metáforas, superando-se na arte de construir imagens para tratar da vulnerabilidade do pensamento humano e do seu próprio pensamento.

No referencial teórico abordou-se levemente a contribuição de Strauss, no que se refere à construção dos saberes dos povos da floresta. Com o intuito de destacar sua contribuição para construção de uma nova ciência, vamos conhecer um pouco mais de suas idéias e do processo de “bricolagem”.

O conceito de “bricoleur” foi apresentado por ele, em seu livro “O Pensamento Selvagem” em 1989. Trabalhar com a bricolagem seria produzir um objeto novo a partir de fragmentos de outros objetos, no qual se podem perceber as partes ou pedaços dos objetos anteriores.

A idéia de que “isso sempre pode servir” percorre a prática da bricolagem. Caracteriza-se assim o “bricoleur” como “aquele capaz de adaptar e de utilizar no seu trabalho quaisquer materiais encontrados”. Ele sempre consegue fazer com que determinado material sirva na construção de outra categoria de objeto (CARVALHO, 2011).

Para Whent (2003), a palavra bricoleur evidencia também o sentido de se trabalhar com o inesperado, com aquilo que se apresenta, com o que se tem à mão, adaptar-se as circunstâncias.

A autora compreende que para Strauss, o pensamento mítico é, em sua natureza, uma forma de bricolagem, como evidencia em seu livro “O pensamento Selvagem”. Nele explicita qual é o método do “bricoleur” contrapondo-o ao do engenheiro que constrói a partir de um plano pré-estabelecido, a partir de matérias-primas.

A bricolagem, ao contrário, não possui um projeto pré-concebido e se afasta do caminho conhecido, constrói a partir de sobras, pedaços de material já utilizado, do desmonte de peças. É um jogo de decomposição e recomposição, onde coisas velhas ou estragadas podem ser reconstituídas; ou a partir do trabalho com objetos usados, algo novo pode surgir.

Almeida (2009), lembra um diálogo entre Ilya Prigogine e René Weber, quando Weber perguntou a Prigogine qual é a imagem que melhor expressa a ciência que emerge no século XX, sendo que Prigogine responde que seria a da arte, porque nela vemos irreversibilidade e imprevisibilidade.

Lévi-Strauss, defende que a arte se insere a meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico ou mágico, pois o artista tem ao mesmo tempo, algo do artista e do “bricoleur”: com meios artesanais ele elabora um objeto material que também é um objeto de conhecimento (LÉVI-STRAUS, 2007).

Para melhor explicar o “bricoleur” Lévi-Strauss ressalta o profundo conhecimento que os índios possuem sobre as plantas, a riqueza de linguagem que se utilizam para descrevê-las e seus conhecimentos de sua utilidade medicinal.

Sugere Strauss que se eles possuem tal conhecimento, é por serem extremamente curiosos sobre a natureza e por possuírem uma “paixão” por conhecer; vindo estas, antes da busca por utilidade. Se descobrem a utilidade das plantas como medicamentos, é porque conhecem as plantas e não que as tenham buscado conhecer porque visavam alguma utilidade.

Esta atitude, defende Whent (2003), deve ser vista como um tipo de ciência, um espírito científico que se guia pela intuição, pela “curiosidade assídua e sempre alerta”, à maneira de um “bricoleur”, colecionando conhecimentos que um dia venham a ser utilizados.

E depois, debruçar-se para trabalhar, e neste trabalhar nasce algo, na maioria das vezes de forma intuitiva. Não estando trabalhando com o princípio da causalidade e sim buscando relações e como consequência conseguir alguma ordem, tendo como companheiras a incerteza. Também tendo como companheira, a necessidade de arriscar, que é a essência da arte, do trabalho criador, caracterizado por Picasso como “dom de transformação” e por Jung como “estado de fluidez”. Neste sentido, o trabalho aproxima-se da arte de confecção de uma “colcha de retalhos”, onde costura-se percepções.

Para Almeida (2009) os recursos do pensamento complexo se tornam cada dia mais audíveis na comunidade científica, apesar dos naturais espaços de resistência em tempos de mudança de paradigma.

A compreensão de que o observador interfere na realidade da qual trata, permite oxigenar a divisão entre sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, mundo fenomênico, teoria e prática, fazer e saber. A relação entre política e ciência, ética, vida e idéias assume uma voz que não pode silenciar no debate sobre ciência e sociedade e a consciência de que a ciência é uma parte entre outras formas de representação do mundo e, portanto, precisa dialogar com diversos métodos e outras expressões do saber, começa a exercitar seus primeiros passos.

Para a autora, é importante destacar alguns cenários que sirvam de guia para construir provisoriamente o estado da arte desta perspectiva de ler, compreender e narrar o mundo e para tanto, se pode visualizar duas tendências relacionadas com a complexidade.

A primeira, refere-se a pesquisas e construções intelectuais que se atêm a modelização e aplicabilidade do conceito, que habitam o espaço acadêmico, mas também institutos de investigação autônomos, empresas e organizações não-governamentais, cientistas e administradores que têm apostado em modelos de compreensão dos fenômenos físicos e sociais com base nas idéias de imprevisibilidade, incerteza, emergência mobilidade instável, reorganização dos padrões de desordem, entre outras. Nesta primeira constelação, cabe o papel aglutinador de uma rede de noções e ferramentas cognitivas, entre elas a noção de fractal, causalidade e teoria do caos.

Simulações em computador que permitem tratar categorias e propriedades não deduzíveis dos fenômenos em si, tanto quanto o conceito de ubicuidade que permite pensar situações/sistemas imprevisíveis dos fenômenos físicos e das dinâmicas populacionais, são exemplos.

Uma segunda, seria a que aglutina pesquisas e construções teóricas de base predominantemente epistemológica, principalmente em espaços universitários, mas também tecendo redes de interlocução extra-acadêmica, e inter-institucional, investigadores e intelectuais de várias especialidades que se têm dedicado de forma sistemática a reflexão sobre a nova construção de ciência.

Se concentra esta tendência, através de diversidade de escalas e formas de abordagem, a rediscutir os conceitos matriciais da ciência como os de verdade, objetividade e aposta

fortemente na construção de operadores cognitivos, capazes de religar disciplinas e áreas do conhecimento.

Para Almeida, os personagens destas duas tendências, estão construindo um protótipo de um cientista híbrido, mestiço em seus pertencimentos e travessias disciplinares. Se estes personagens encontram ambientes favoráveis, se nenhum mecanismo burocrático se torna predador, estaria se processando uma metamorfose intelectual, talvez com a existência de paradigmas diversos, apostando-se em uma “ecologia das idéias”, princípio vital do pensamento complexo.

Cria-se espaço desta forma, a uma ciência aberta, que dialoga com o mundo e que deseja cruzar-se com a natureza, da qual se separou.

Para Nicolescu (2002), o objetivo de uma abordagem transdisciplinar na educação é criar uma “cultura transdisciplinar”, que através da busca de uma compreensão mais global do mundo, incluindo simultaneamente o universo interior do ser humano e o exterior, bem como a relação que existe entre eles, contribua para atuar na redução das tensões que ameaçam a vida no planeta. Desta forma, colaborando na construção de um mundo mais igualitário e feliz. Para ele, há uma defasagem com as necessidades e os desafios da pós-modernidade na maioria das instituições educacionais, uma vez que os princípios e os métodos estão em descompasso com a consciência que se faz necessária no mundo contemporâneo.

O documento da Comissão Internacional de Educação para o Século XXI, encomendado pela UNESCO e relatado por Delors (2001), conhecido como relatório Delors, traz em sua estrutura quatro pilares que sustentam a proposta de um novo tipo de educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

A Conferência Transdisciplinar Internacional, ocorrida em Zurique no ano 2000, acrescentou mais dois pilares complementares: aprender a antecipar e aprender a participar (BRENER, 2000).

Em 1999, com o objetivo de ampliar e fortalecer a visão transdisciplinar de educação, a UNESCO solicitou a Edgar Morin que expressasse sua visão sobre a educação que se faz necessária para o século XXI. A proposta encontra-se em “Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro”: o conhecimento, o conhecimento pertinente, a identidade humana, a compreensão humana, a incerteza, a condição planetária, a antropo-ética (MORIN, 2000).

Nicolescu (1997), trouxe contribuições à proposta transdisciplinar ao contrastar a educação tradicional com a educação transdisciplinar de acordo com os seguintes eixos: a) aceitação de apenas uma instância da realidade, de visão simplificadora dessa realidade e lógica do terceiro excluído - aceitação de múltiplas instâncias da realidade, visão complexa desta realidade e lógica do terceiro incluído. b) Separação entre o mundo externo (objeto de conhecimento) e o mundo interno (sujeito que se dispõe a conhecer) - integração entre o mundo externo (objeto de compreensão) e o mundo interno (sujeito que tenta compreender). c) Foco no conhecimento - foco na compreensão. d) Envolvimento da inteligência racional - envolvimento do indivíduo integral: uma relação dialógica entre a mente, o corpo, os sentimentos, o espírito, a intuição e a imaginação. f) Orientação para disputas de poder e para o consumo - orientação para o permanente encantamento, o encontro do próprio lugar no mundo e na partilha. g) Desconsideração de valores - consciência e prática de valores transdisciplinares

Com base neste quadro, Venturella (2012), considera que a perspectiva transdisciplinar visa compreender cada ser humano na sua totalidade, fornecendo subsídios para que possam buscar coesão dentro de si, refletir sobre quem são e como são e sobre os posicionamentos que assumem frente aos outros e à realidade. Valorizando individualidade e integração das pessoas entre si, concebendo a humanidade.

Trazendo contribuições sobre métodos para a construção de uma nova ciência, Korte (2000), questiona se, para se chegar ao conhecimento, é possível utilizar-se de vários métodos dada a complexidade e a teia em que se entrelaçam os procedimentos metodológicos, e a possibilidade de se percorrer muitos caminhos na direção do conhecimento, sem que sejam entre si, necessariamente convergentes, colidentes ou excludentes.

Em seus trabalhos de investigação, Korte reconhece a combinação de vários métodos a partir dos quais as trilhas do conhecimento podem ser percorridas, dentre eles a amorosidade e intuicionismo. Quanto ao intuicionismo, discute que é de difícil definição e que não se sabe onde poderá nos levar, mas que esta aparente irresponsabilidade na escolha metodológica implica a aceitação de que há caminhos que não respondem positivamente a razão nem a experiência anterior. Porém, nem por isso perdem a natureza de “meio de acesso ao saber”.

Já exploramos a contribuição da transdisciplinaridade para a construção de novos caminhos nas ciências, incluindo as metodologias, mas e a perspectiva de gênero? Qual

seria sua contribuição? Lagarde (1999), nos lembra que a nova concepção do desenvolvimento, difundida em nome da perspectiva de gênero, leva à ruptura com concepções anteriores sobre desenvolvimento. Isto implica a entrada no campo teórico-político do novo paradigma, trazendo a perspectiva de gênero, como uma nova compreensão de mundo, modificando concepções.

Agra Romero (1998), se propõe a refletir sobre a relação e interconexão entre mulheres/crise ecológica e gênero/natureza. A autora discute, baseada em outras autoras feministas, as metas do movimento feminista na Europa e mudanças do mundo natural e político, modificando os esquemas de pensamentos e atitudes culturais, com o propósito de transformar a vida das mulheres, mas também a vida de todos.

Centrando-se nas propostas do ecofeminismo, a autora pergunta o que significa modificar os esquemas de pensamento e atitudes culturais. Discute a relação entre feminismo e ecofeminismo e os problemas metodológicos, epistemológicos, éticos e políticos que se derivam.

Cita Ynestra King, conhecida pioneira ativista ecofeminista, organizadora do Primeiro Seminário sobre Ecofeminismo do Institute for Social Ecology, frente a uma cultura cada vez mais homogeneizante e consumista. A mesma advoga por um feminismo social ecológico, cuja característica fundamental consiste em adotar o imperativo anti-dualista (natureza-cultura) e subscrever uma epistemologia feminista que desenvolva um conhecimento não instrumental, implicando em uma reformulação da razão e ciência.

Não se trataria para ela, de rechaçar a ciência e a razão, mas reformulá-las não dualisticamente. Um dos aspectos importantes da crítica ecofeminista se refere aos problemas epistemológicos e metodológicos e que incidem na questão da ética e da responsabilidade.

Agra Romero analisa o pensamento de María Mies que desenvolve uma crítica ao academicismo e à suposta neutralidade e imparcialidade da ciência, reivindicando uma nova epistemologia e metodologia, que parta do reconhecimento explícito da parcialidade de toda investigação.

A proposta de Mies, leva uma crítica a ciência moderna e dos princípios epistemológicos e metodológicos em que, desde Bacon, está baseado o método científico: violência, força, poder. Ao lado da crítica, oferece um guia metodológico para a investigação feminista, onde o ecofeminismo não pode ser reduzido ao academicismo, e

advoga por uma ciência diferente, baseada em princípios éticos e metodológicos diferentes, em que a responsabilidade e a sensibilidade são pilares fundamentais.

Agra Romero, ainda discute as idéias de Karen Warren, que se concentram fundamentalmente na ética, na crítica à lógica das dominações que elimina as diferenças, que não assume que os seres humanos somos seres em relação, e na necessidade de incorporar a percepção afetiva, a narrativa na primeira pessoa.

Por fim, se refere a Irene Diamond que defende a ação da política feminina, frente a posições e discursos acadêmicos, e considera que o ecofeminismo supõe uma crítica do universalismo e dualismo hierárquicos da cultura ocidental.

Puleo (2011) em suas reflexões sobre a ética do cuidado, avalia que esta abriu um amplo campo de compreensão e com teses próximas a da ética do cuidado, a epistemologia feminina não tardou em analisar a visão científica hegemônica do mundo.

Cita que esta epistemologia o fez, contrastando a visão hegemônica, com a atitude de uma investigadora como Barbara Mc Clintock, botânica especialista em genética, que ao praticar a empatia, em vez da habitual distância indiferente com respeito a seu objeto de estudo, havia conseguido os descobrimentos genéticos que a fizeram digna do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina pelo fenômeno da transposição genética.

Barbara foi uma das mais importantes figuras da história da genética, ao lado de Mendel e Morgan. A sensibilidade “pelo vivo”, a paciência e a capacidade de escuta, diante do aparentemente silencioso, a permitiu alcançar uma compreensão profunda dos organismos.

A extraordinária capacidade de interação com as plantas a levou com o tempo, a concebê-las não como objetos de estudo, mas como sujeitos possuidores de algum tipo de sensibilidade e de reação ao seu entorno. Segundo Puleo, a atitude desta cientista, que chegou a confessar que a afligia pisar as plantas, porque sabia que estavam gritando debaixo de seus pés, mostrava, que era possível distanciar-se do paradigma observador imperturbável que tortura a natureza para que libere seus segredos.

Puleo, acrescenta que o modelo de distanciamento implacável do sujeito ao objeto preconizado como próprio da ciência por Francis Bacon, será criticado como uma visão parcial, limitada e errônea das relações com o mundo humano. Assim, o ecofeminismo em sua utilização das observações e conceitos provenientes da ética do cuidado, amplia o conjunto de sujeitos dignos da consideração ao mundo humano. Retorna-se ao amor atento,

na abertura epistemológica ao vivo, e a ética da responsabilidade toma a forma do cuidado ao meio natural.

Compartilhando do pensamento das autoras ecofeministas, a pesquisadora e escritora Rose Marie Muraro, aborda a atitude de questionamento epistemológico da ciência:

“... o mais revolucionário achado metodológico nessa área é a inclusão da subjetividade e da concretude como categorias epistemológicas maiores, ao lado da objetividade e da racionalidade, feita por muitos filósofos em vários países, entre eles Suzan Bordo, Allison Jaggar e outros. O mais interessante a se notar é que esta revolução epistemológica se faz na mesma época em que, nas ciências exatas, começa a abalar-se o domínio da razão. Nelas o irracional irrompe como paradigma que ajuda a chegar perto das realidades científicas extraordinariamente complexas de um modo tecnologicamente avançado. Isto acontece nas teorias do caos, das catástrofes e da complexidade. Neste início de século e de milênio, desmorona o dualismo simplista mente-corpo, razão-emoção, que foi a base do pensamento ocidental nestes três mil anos e que serviu apenas como racionalização do exercício do poder expresso nas relações senhor-escravo, homem-mulher, opressor-oprimido (...) esta nova maneira de elaborar o conhecimento, abre uma nova forma de pensar pós-cartesiana e pós-patriarcal. Se levada às últimas consequências, esta nova elaboração científico-epistemológica da realidade pode modificar a própria natureza da ciência. Como ela é hoje, por ser abstrata e generalizante, reforça o poder, que na sua estrutura mesma é abstrato e esmagador do humano. Uma ciência em que a subjetividade e o irracional enriqueçam o conhecimento pode desencadear um processo de reversão desse poder destrutivo, tornando-se uma ciência libertadora e não escravizadora” (MURARO, 2000, p. 16).

Tendo em vista esta e outras reflexões de vários autores expostas acima, que caminhos utilizar para a tecitura metodológica desta tese?

Tendo em vista esta e outras reflexões de vários autores expostas acima, o caminho utilizado para a tecitura metodológica do estudo centrou-se nos métodos qualitativos de pesquisa que segundo Patrício (1999), representam as grandes possibilidades de operacionalização (de prática) das concepções que emergem dos novos paradigmas.

Segundo a autora, estes métodos têm como foco interrogar sobre fenômenos que ocorrem com os seres humanos na vida social e estão calcados em princípios de ciência não positivista. São estes métodos que permitem não somente ampliar teorias e conhecimentos já existentes sobre a construção de marcos teóricos, mas especialmente a construção de marcos teóricos a partir dos próprios dados da realidade estudada e que, posteriormente, servirão de referências para outros estudos.

Para Patrício, o método qualitativo possibilita estudar e aplicar com mais propriedade as concepções de “processos”, de “movimentos”, seja com relação a estudos de métodos, seja quanto a avaliação de processos de desenvolvimento e aplicação de produtos ou atividade que envolvem a participação humana.

Patrício, fundamentada em toda uma caminhada de práxis - teoria e prática aplicadas, refletidas e transformadas continuamente no ensino-pesquisa-extensão no laboratório da vida - considera que os métodos qualitativos de pesquisa representam as grandes possibilidades de operacionalização (de prática) das concepções que emergem dos novos paradigmas.

Segundo a autora, estes métodos têm como foco interrogar sobre fenômenos que ocorrem com os seres humanos na vida social e estão calcados em princípios de ciência não positivista. São estes métodos que permitem não somente ampliar teorias e conhecimentos já existentes sobre a construção de marcos teóricos, mas especialmente a construção de marcos teóricos a partir dos próprios dados da realidade estudada e que, posteriormente, servirão de referências para outros estudos.

Para Patrício, o método qualitativo possibilita estudar e aplicar com mais propriedade as concepções de “processos”, de “movimentos”, seja com relação a estudos de métodos, seja quanto a avaliação de processos de desenvolvimento e aplicação de produtos ou atividade que envolvem a participação humana.

Além disso, também através de métodos qualitativos é possível desenvolver propriedades para trabalhar (transformar) as questões sociais, as questões de qualidade de vida, seja quando o produto da pesquisa refere-se ao conhecimento aplicado, seja quando o próprio estudo origina situações de mudança em favor dos pesquisados. Exemplos de estudos deste gênero, cujo processo de conhecimento promove transformação da realidade estudada, seriam os modelos de pesquisa prática, mais especialmente os de caráter participante, a “pesquisa participante” e a “pesquisa-ação”. Nesses modelos, o próprio processo de pesquisa, além de produzir conhecimento sobre o tema estudado, também

possibilita intencionalmente transformação da realidade envolvida nesta produção, através de processos de educação participante.

Mas, diante da predominância ainda da ciência positivista na área agronômica, focada na concepção de objetividade, como integrar elementos subjetivos que a pesquisa qualitativa requer?

Minayo (1993) discute sobre a objetividade x subjetividade, destacando que ao invés de reconhecer na subjetividade a impossibilidade de construção científica, as abordagens qualitativas consideram-na como parte integrante da singularidade dos fenômenos sociais.

Na medida em que acredita que a realidade vai além dos fenômenos percebidos pelos nossos sentidos, estas abordagens trabalham com dados qualitativos, que trazem para o interior da análise, o subjetivo e o objetivo, os atores sociais e o próprio sistema de valores do cientista, os fatos e seus significados, a ordem e os conflitos.

A questão da objetividade então é colocada em outro nível. Dada a especificidade das ciências sociais, a objetividade não é realizável. Mas é possível a objetivação, que inclui o rigor no uso do instrumental teórico adequado, num processo interminável e necessário de atingir a realidade.

Na abordagem qualitativa, o foco de atenção do estudo centra-se nos significados e práticas, valorizando portanto, a subjetividade humana, suas crenças, seus valores, seus conhecimentos, sentimentos, focalizados na discussão particular e coletiva (TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 1994).

O método qualitativo reconhece os diferentes pontos de vista dos participantes e parte do princípio de que a realidade está além dos fenômenos perceptíveis aos olhos. Reconhece a não neutralidade do pesquisador, posto que este é também sujeito da construção social (BRANDÃO, 1984).

Portanto, justifica-se a escolha da abordagem qualitativa integrativa à luz da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero para a construção desta tese, segundo concepções de Becker (1993), Minayo (1994), Patrício (1999) e de outros autores implicados com o pensamento complexo.

Ressalta-se que este trabalho de tese, é uma tentativa de bem mais que compreender teoricamente a transdisciplinaridade, revesti-la de um significado prático, em sintonia com a perspectiva de gênero, da ética do cuidado e das possibilidades da utilização da

etnobotânica, através do resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais que vão muito além da visão utilitarista.

Desta forma, tendo em conta toda a busca do entendimento de um novo paradigma, a luz da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero, neste e nos capítulos anteriores da tese, o processo de pesquisa foi concretizado seguindo duas fases a saber:

- 1) Análise documental do trabalho desenvolvido com mulheres em comunidades da região Sul de Santa Catarina, tomando como base alguns pressupostos da Sistematização de Práticas Sociais.
- 2) Estudo de caso com população de mulheres ao Norte da Espanha, através do método de Pesquisa Participante, com princípios da etnografia. A partir deste, se deu o desenvolvimento de um processo construtivista participante, voltado ao empoderamento das mulheres.

Como norteadores das ações da pesquisa, foram utilizados estudos e técnicas de pesquisa propostos por autores, dentro da abordagem qualitativa, da perspectiva de gênero e da transdisciplinaridade. Desta maneira, exercitou-se a tentativa de encontrar uma forma própria de condução e escrita, em consonância com as discussões epistemológicas abertas no referencial teórico em torno da construção de um novo paradigma, levando em conta a transdisciplinaridade e a perspectiva de gênero.

3. 1 Momentos do Estudo

Os momentos do estudo foram organizados de acordo com Patrício (1999).

3.1.1 Entrando no Campo (Definindo o Período, Local e os Sujeitos do Estudo)

O processo “Entrando no Campo” aconteceu no início do período do estudo, nos dois primeiros meses, quando da escolha dos sujeitos participantes, envolvendo negociações sobre o processo e planejamento participativo.

Para a entrada no campo, foi estabelecendo-se o diálogo com o grupo envolvido, através da atuação nos mesmos. A proposta do estudo foi apresentada, discutindo-se

questões metodológicas e questões éticas. Em relação as questões éticas, foi encaminhado um termo de consentimento livre e esclarecido, para a coordenação das entidades envolvidas, bem como, para os sujeitos do estudo.

Este instrumento esclareceu sobre o sigilo de suas identidades, bem como sobre a devolução dos dados, conforme prevê a legislação vigente no Brasil sobre as questões éticas que envolvem pesquisas com seres humanos, contidas na Resolução 196/99 do Conselho Nacional de Saúde.

Negociações sobre os detalhes da operacionalização do estudo, dias, horários e locais apropriados para os encontros com os sujeitos foram combinados, bem como sobre a devolução dos dados.

No caso do Brasil, situa-se o período do estudo, que historicamente já vem sendo desenvolvido em Santa Catarina, desde maio de 1996 através de registros em diário de campo, a partir das reuniões da Equipe Inter-transdisciplinar do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina.

Para os procedimentos de análise e descrição deste processo, juntamente com o processo desenvolvido no Norte da Espanha, foi considerado o período de vigência do doutorado - janeiro de 2010 a outubro de 2012.

Como local de estudo no Brasil foram consideradas as reuniões da Equipe Inter-transdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina (Região da AMUREL - Associação dos Municípios da Região de Laguna). A Região da AMUREL é composta pelos Municípios de Armazém, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Grão Pará, Gravatal, Imaruí, Imbituba, Laguna, Pedras Grandes, Pescaria Brava, Rio Fortuna, Sangão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, São Martinho, Treze de Maio e Tubarão. Demais encontros de atividades desenvolvidas pelo grupo ou decorrentes de desdobramentos do processo iniciado pelo mesmo, também foram considerados.

Como local de estudo na Espanha a atenção foi centrada, em acordo com a professora da Universidade de Valladolid citada no início deste projeto, na Montanha Palentina, que é uma zona de alta montanha com significativas limitações de comunicação e acessos, situada ao Extremo-norte de Palencia. É uma comarca tipicamente rural de Castilla y León, com uma economia baseada tradicionalmente em minas de carvão, agricultura e indústria agroalimentícia. A imigração tem sido massiva para as cidades. Atualmente, mais de dois terços da população, residem em cinco “pueblos” da Montanha Palentina: Aguilar de Campo, Barruelo de Santullán, Cervera de Pisuerga, Guardo y

Velilla Del Rio Carrión e outro terço reside nos 159 “pueblos” restantes. Desde 1998, na Montanha Palentina, se vem desenvolvendo projetos para a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, dentro das iniciativas Comunitárias NOW y LEADER. Detalhes sobre o local encontram-se no marco teórico.

Dentro do contexto do estudo, participaram como sujeitos, cerca de 30 mulheres da região Sul de Santa Catarina e 30 mulheres da região Norte da Espanha. Além destes sujeitos, conforme o caráter construtivista do estudo e de acordo com a construção no decorrer do processo, outros sujeitos foram agregados.

O critério de escolha dos sujeitos em Santa Catarina foi o de que as mulheres estivessem participando ou tenham participado dos encontros mensais do “Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais para a Região Sul de Santa Catarina” - GEUPLAM da Equipe Inter-transdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina.

Ao Norte da Espanha, que as mulheres estivessem participando ou tenham participado de Projetos para a Igualdade, dentro das Iniciativas Comunitárias, ou de grupos de discussão por ocasião da construção da tese de doutorado da professora orientadora.

Ainda como justificativa para a escolha destes sujeitos, compreende-se que estes detêm os atributos que a investigação pretende conhecer, mas também é oportuno lembrar que o estudo trata de uma construção participativa e construtivista e por isso muitos sujeitos foram agregados no decorrer da pesquisa, ocorrendo sua inclusão na amostragem, como defende Minayo (1993). A autora deixa claro que neste tipo de construção, certamente o número de pessoas é menos importante do que a teimosia de enxergar a questão sob várias perspectivas, pontos de vista e observação. A questão da validade da amostragem, neste caso, está na sua capacidade de objetivar o objeto empiricamente, em todas as suas dimensões.

3.1.2 Ficando no Campo (Descrevendo o Processo de Coleta, Registro e Análise dos Dados)

O processo “Ficando no Campo”, como já explicitado anteriormente, refere-se à observação no contexto dos sujeitos. Neste momento é realizado o processo de levantamento, registro e análise dos dados.

Com a consciência de que os métodos qualitativos têm preferencialmente, como laboratório, o próprio contexto onde o fenômeno ocorre, ou seja, os locais onde a tecitura da vida acontece, nos cotidianos onde a qualidade de vida é construída (Patrício, 1999), foram utilizadas técnicas de observação participante, entrevista aberta, grupos de discussão, análise documental e oficinas de caráter transdisciplinar.

A observação participante leva o pesquisador a um compromisso com o grupo que ele está estudando (BRANDÃO, 1984), e também procura entender as interações existentes entre o ser humano e seu meio.

Com este objetivo, o pesquisador acompanha o entrevistado em suas atividades diárias ou naquelas em que está pesquisando.

Para Becker (1993), o observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda, o que lhe permite entender uma organização específica ou um problema substantivo, em vez de demonstrar relações entre variáveis abstratamente definidas.

O grupo de discussão é uma técnica de coleta de dados, de natureza qualitativa, que permite coletar informações a partir do diálogo entre diferentes pessoas, em um momento e em um contexto determinados, sobre o tema que se deseja investigar (CRUZ-SOUZA, 2006).

No caso da pesquisadora, houve a participação como “pesquisadora”, mas também como “mediadora” dos grupos onde atuou, no estudo. Neste sentido, a vivência da pesquisadora, como observadora participante antes e durante a realização da pesquisa contribuiu com conhecimentos e percepções ajudando a compreender o processo estudado. Tratou-se de uma situação em que a pesquisadora analisou sua própria atuação, enquanto sujeito da construção do objeto da pesquisa.

Como participante do processo, pesquisadora e também sujeito do estudo, há indicativos em Minayo (1999) de como lidar com tal situação. Segundo a autora, na observação participante é preciso imergir na realidade mas ao mesmo tempo dominar o instrumental teórico. Neste caso, uma atitude de observador científico consiste em colocar-se sob o ponto de vista do grupo pesquisado, com respeito, empatia e inserção o mais íntimo possível. Significa abertura para o grupo, sensibilidade para sua lógica e sua cultura, lembrando-se que a interação social faz parte da condição e da situação da pesquisa.

A objetivação, neste caso, reside na necessidade de preparação teórica do pesquisador, na relativização das hipóteses frente às evidências de campo, na necessidade da integração do pesquisador no campo para a apreensão qualitativa da realidade, no uso de instrumentos adequados para a seleção e apreensão dos dados e na tentativa de cercar o objeto de todos os ângulos possíveis.

Em relação ao registro dos dados, na observação participante e grupo de discussão, utilizou-se o diário de campo, onde constam as Notas de Campo - falas dos sujeitos, dados referentes ao contexto físico, social, afetivo estudados e Notas do pesquisador - notas de reflexão e percepções do pesquisador (referentes ao método empregado, ao tema e aos sentimentos em relação ao estudo), na forma de anotações para posterior análise, classificadas como descritivas e reflexivas (TRIVIÑOS, 1987; PATRÍCIO, 1999).

Para o registro dos dados, foram utilizados além do diário de campo, gravador, vídeos e fotos. A análise dos dados foi desenvolvida concomitantemente à coleta de dados, visto que se preconiza o desenvolvimento do tema estudado gradativamente, de forma que um dado oriente a interpretação e compreensão de outros dados, além de, em muitos casos, conduzir para outros levantamentos.

Utilizou-se para a análise dos dados um processo reflexivo crítico e reflexivo e criativo, buscando identificar categorias e temas, tendo como base o olhar sintético e construtivo das teorizações que foram emergindo, ou que se tornaram explícitas no decorrer da pesquisa, sendo fundamentadas através da leitura de análise-reflexão-síntese e da interligação de todos os dados (PATRÍCIO, 1999).

Para dar conta da primeira fase, a da análise documental do trabalho desenvolvido com mulheres em comunidades da região Sul de Santa Catarina, com base no método de sistematização de práticas sociais, buscou-se seus fundamentos.

A análise documental possibilita a observação do processo de maturação ou evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos mentalidades, práticas (CELLARD, 2008).

Segundo Sá-Silva et al. (2009), quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair deles informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade as ações dos investigadores - cujos objetos são documentos - estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos.

Desta forma, buscaram-se informações em documentos que não receberam tratamento científico, como relatórios, atas, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação como preconiza Oliveira (2007). Foram considerados ainda como documentos, vestígios do passado e testemunhos, considerando-se relatórios de entrevistas e anotações feitas durante processos de observação (CELLARD, 2008).

A análise documental propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos, já que os fatos constituem os objetos da pesquisa, devendo ser interpretados, estabelecendo-se sínteses. Feita a seleção e análise preliminar dos documentos então, procede-se a análise dos dados e o pesquisador poderá fazer uma interpretação coerente, tendo em conta a temática, ou o questionamento inicial.

Quanto às noções de sistematização de práticas sociais, buscou-se internalizá-las para dar conta da análise documental, já que considerou-se de acordo com o referencial teórico discutido na tese, estar em sintonia com o novo paradigma proposto.

As primeiras referências ao tema da sistematização de experiências na América Latina surgem a partir do final da década de 1960. Ao longo dos anos, se tem produzido importantes avanços, tanto no campo teórico e metodológico, como na prática da sistematização (GARCIA; TIRADO, 2007).

Conforme Eckert (2008) é crescente a utilização desta ferramenta para o registro, a reflexão e a divulgação de ações de desenvolvimento rural sustentável, extraíndo lições e colaborando para a replicabilidade destas experiências. Apesar de ser bastante conhecida na América Latina, e cada vez mais utilizada pelos diversos organismos de desenvolvimento do mundo inteiro, ainda é praticamente desconhecida do grande público.

Segundo Eckert (2008), apoiada por Pesa (2004) e Plannells (2002), a sistematização de experiências iniciou como uma prática de educação popular na década de 1980, no México, quando profissionais vinculados ao Centro de Estudos do Terceiro Mundo (CESTEM) começaram a sentir a necessidade de recuperar e comunicar experiências sobre as quais vinham trabalhando há alguns anos.

Além da CESTEM, outras entidades são pioneiras envolvidas nesta proposta, como o Centro de Educação (CIDE), a Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO), a Rede Alforja da América Central, o Centro Latinoamericano de Trabalho Social (CELATS) do Perú e o Conselho de Educação de Adultos da América Latina (CEAAL).

Antes de descrever este método faz-se necessário conhecer um pouco sobre um dos autores, que se dedica a difundi-lo. Oscar Jara é um educador popular com vasta experiência em muitos países da América Latina. É peruano, e há mais de 20 anos mora na Costa Rica, onde está envolvido em lutas políticas.

Iniciou seus trabalhos com educação popular com pouco mais de 20 anos, no movimento da teologia da libertação, alfabetizando cinco mulheres próximas a sua casa.

No Chile, encontrou com o educador brasileiro Paulo Freire, a fim de participar de um de seus cursos. Este encontro significou para ele, a abertura de muitas percepções enquanto sujeito político, e novas referências em educação passaram a moldar sua prática político-pedagógica.

Trabalhou em um grande projeto de alfabetização de camponeses, mergulhado na temática das lutas por direito a terra. Foi aí que descobriu a importância de sistematizar, pois, a partir de seus registros e dos outros colegas alfabetizadores, pôde produzir o material didático que serviria para a alfabetização dos sujeitos do campo com os quais conviveu. Devolvia para eles as suas próprias histórias, seus dizeres, em registro.

Foi a partir da reflexão então, sobre as experiências vivenciadas, que formulou a metodologia sobre o registro de suas práticas e memórias, com o objetivo de possibilitar às pessoas maneiras de organizar a sistematização de suas ações cotidianas, dos acontecimentos dos quais participaram, dos processos em que se envolvem, organizando esse conhecimento de forma reflexiva.

Para Jara (2006) sistematizar é interpretar criticamente uma ou várias experiências, e a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobrir ou explicitar a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no processo, como se relacionam entre si e porque o

fizeram deste modo. Desta forma, na sistematização se pode descrever, reconstruir, interrogar e interpretar a experiência, e o mais importante, aprender com ela novamente.

Jara (2006) identifica seis correntes que alimentam a sistematização de experiências: O trabalho social reconceitualizado, a educação de adultos, a educação popular, a teologia da libertação, a teoria da dependência e a investigação-ação-participativa.

Sierra - Vásquez (2011) apresenta enfoques crítico-hermenêuticos que se propõem explicitar e analisar criticamente algumas dimensões das práticas, que são processos orientados ao empoderamento dos participantes e é o mais clássico em sistematização ligado a educação popular, com diversos autores e metodologias.

Apresenta também enfoques baseados na etnologia e na teoria fundamentada (construir conhecimentos desde a descrição das práticas) como proposições de descrição exaustiva da prática, e neste processo se constroem as categorias que a ordenam e a explicam.

Em alguns casos, liga a investigação-ação-participativa ou a investigação qualitativa (métodos descritivos da etnografia) à descrição das práticas com base em registros: diário de campo, registros de filmes, observação participante.

O autor discute porque e para que sistematizar, destacando a necessidade de saídas a profunda crise civilizatória e globalização, que nos obriga a refletir para poder atuar melhor e para enfrentar de maneira pertinente a complexidade da vida. Alia também, a necessidade de uma nova cultura organizacional no setor social.

Discorre sobre as opções gerais do enfoque da sistematização, que numa perspectiva política, tem como propósito o desenvolvimento humano sustentável e a ampliação da democracia e da cidadania. Numa perspectiva epistemológica, defende que a proposta ultrapassa o paradigma quantitativo e vai além do paradigma qualitativo clássico. Aproxima-se portanto de uma visão complexa do conhecimento, rompendo com o instrumentalismo metodológico, abrindo-se para o diálogo de saberes e negociação cultural.

Garcia e Tirado (2007) assinalam que a sistematização não se refere a qualquer ação, mas aquelas que tem lugar no marco de projetos e programas de desenvolvimento, isto é, intervenções intencionadas, com objetivos de transformação da realidade.

De acordo com Jara o enfoque atende aos processos de práticas sociais, pois:

“experiências são processos vitais em permanente movimento, que combinam dimensões objetivas e subjetivas: as condições do contexto, as ações das pessoas que nelas intervêm, as percepções, sensações, emoções e interpretações de cada ator, as relações pessoais e sociais entre eles e elas” (JARA, 2006, p. 7-8).

Garcia e Tirado (2007), entendem que a sistematização se sustenta em duas bases epistemológicas que questionam e alternam os fundamentos centrais da percepção clássica de conhecimento.

Por um lado, se assume que quem produz conhecimentos sobre uma prática são, ao mesmo tempo, atores da mesma. Portanto, se parte da unidade entre sujeito e objeto do conhecimento: o sistematizador pretende produzir conhecimentos sobre sua própria prática, sobre si mesmo, e sua ação no mundo (que transforma seu entorno e transforma a ele); forma parte, então, daquilo que quer conhecer e desenvolve aí uma ação intencionada que busca transformação.

Quem sistematiza, deve perceber-se como ser atuante, entendendo os motivos da ação e ao mesmo tempo, entendendo a si mesmo e aos outros dentro dela. Neste jogo se constroem e legitimam de maneira coletiva, significados que são usados pelos agentes e reproduzidos no curso da interação social através da linguagem.

A complexidade da relação do “ser atuante”, que busca entender os motivos da ação, a si mesmo, e aos outros nela, coloca a busca do conhecimento em um campo em que intervêm elementos subjetivos, o que questiona a objetividade do conhecimento produzido.

Uma outra característica da sistematização, é que esta se baseia na “unidade entre quem sabe e quem atua”, o qual lhe confere um carácter muito particular aos conhecimentos que se produzem. Mediante a sistematização, não se pretende unicamente saber mais sobre algo, entendê-lo melhor; se busca, de maneira fundamental, ser e fazer melhor, e o saber está a serviço disto.

Estas bases epistemológicas, rompem as distâncias e contradições entre o racionalmente objetivo e o subjetivo-afetivo. Se na sistematização existe unidade entre quem sabe e quem atua, e entre o objeto e o sujeito do conhecimento, os processos de reflexão e os produtos da mesma, incluem ambas dimensões.

Um grupo que é capaz de comunicar ordenadamente o aprendizado obtido na experiência, eleva sua auto-estima e ganha novos espaços, tanto dentro dos organismos em que atua, como fora destes (instituições similares e inclusive a academia).

Para Ghiso (2011) a sistematização de práticas sociais surge com seu sentido epistemológico, ético e político, como processo gerador de conhecimentos de resistência, capazes de interpelar e fazer frente ao pensamento dominante, desnaturalizando e desvelando o equidistanciamento deste, nas práticas educativas, culturais, organizativas e produtivas. Neste contexto, faz-se urgente sistematizações que devolvam o pensamento, restabelecendo o protagonismo de sujeitos em seus modos de emocionar, pensar, expressar-se e atuar.

A sistematização possibilita reescrever a história de coletivos, recontadas por suas próprias mãos, trazendo compreensões das tensões e contradições críticas que permeiam todo o processo vivido na experiência, além de gerar conhecimento sobre as ações e reorientar práticas futuras.

Para Jara não se pode perder a oportunidade do “assombro” de conhecer e construir o novo, inclusive a partir do olhar sobre nós mesmos. Com a sistematização se pode refletir sobre estes “assombros”, que cotidianamente poderiam passar desapercebidos pela falta de reflexão sobre a prática, pois possibilita o desvelamento e a criação de uma cultura do “consciente” (ARRAES, 2011).

Simon (2007) considera a sistematização como um exercício rigoroso de aprendizagem e interpretação crítica de processos vividos, como uma atividade ainda pendente, atualmente mais do que nunca, considerando a opção do desenvolvimento em termos mais sustentáveis.

Para o autor, o ponto de partida da sistematização é apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendizado, pondo um sentido histórico e contextual dos fatos vivenciados. Isto considerando experiências práticas concretas, experiências vitais carregadas de enorme riqueza acumulada: de elementos, valores e crenças que em cada caso representam processos inéditos e irrepetíveis.

Por isso, a necessidade de compreendê-la em toda a sua essência e extrair dela seus ensinamentos e comunicá-los (SIMON; POMPEU, 1995). Os autores acrescentam ainda, que a sistematização produz um novo conhecimento, possibilita a generalização, converte a própria experiência em objeto de estudo e de interpretação teórica e, ao mesmo tempo em objeto de transformação.

Partindo de um ponto comum e coletivo, a sistematização atende a questões cada vez mais complexas e de maior nível de abstração, cujo valor explicativo é mais relevante, onde o que difere contribui tanto ou mais que o semelhante. Num esforço rigoroso e

claramente teórico, faz análise e síntese, indução e dedução, obtém conclusões e verificações práticas, criando novos conhecimentos que explicam as mudanças que se processam.

Como reflexão sobre a ação, auxilia a compreender que a realidade é aquilo que nosso método de observação nos permite perceber. A partir desse entendimento, passamos a reconhecer que nossa visão de mundo molda nossos modelos mentais através do que observamos, sistematizamos, interpretamos e aportamos significado a nossas próprias experiências.

Ghiso (2001) informa que se pode assumir a sistematização como forma de recuperação da experiência na prática, como produção de conhecimento, como forma de empoderar os sujeitos sociais da prática, e como investigação social. A sistematização segundo o autor, surge como um esforço consciente de capturar os significados da ação e seus efeitos, o qual implica leituras organizadas das experiências, teorização e questionamentos contextualizados da práxis social com o propósito de comunicar o conhecimento produzido.

Neste sentido apresenta a sistematização alguns pressupostos como: a) a toda sistematização lhe antecede uma prática; b) todo sujeito é sujeito de conhecimento e possui percepções e saber acumulado que enriquecem a prática; c) o processo de sistematização é um processo de interlocução entre sujeitos, onde se negociam discursos, teorias e construções culturais; d) em um processo de sistematização interessa tanto o processo como o produto.

Com estes pressupostos, depois de ser acolhida primeiramente pelas ONGs, em meados dos anos de 1990, a sistematização ingressa nas Universidades como uma opção frente aos debates, por aclarar os fundamentos pedagógicos, epistemológicos e políticos da educação popular.

Botero (2001) explicando o por que de se chamar “sistematização”, recorre as fontes teóricas para denominar este processo de produção de conhecimento, quais sejam: a) o materialismo histórico - por ser as práticas sociais pensamentos histórico - dependentes de elementos históricos e contextuais que intencionam e orientam estas práticas e b) a teoria geral dos sistemas - as organizações sociais com perspectiva sistêmica, desde orientações de sistemas abertos, que não buscam equilíbrio e estabilidade.

Embora todo método, no entendimento de Garcia e Tirado (2007), deve ser assumido com flexibilidade, sendo compreendido como orientações que ajudam a transitar

pelo processo de sistematização e não como um “manual” a ser seguido de maneira exata, algumas etapas podem ser delineadas.

Estas etapas no processo de sistematização são a forma didático-pedagógica de organizar, desde a reconstrução histórica da experiência até a compreensão do processo vivido. Quais sejam: a) ter participado da experiência; b) fazer o registro ao longo da experiência; c) elaborar o plano de sistematização; d) realizar a interpretação crítica do processo sistematizado; e) apresentar as conclusões.

Inicialmente se define o que sistematizar e em que espaço de tempo da experiência vivida, para então recolher os registros de todo o material que se têm guardado, memórias de integrantes, álbuns fotográficos, entrevistas com integrantes, etc...Passa-se então a buscar, o porque do que aconteceu, nas fontes de diversos tipos de registros que se dispõe, define-se os eixos das análises, que são os objetivos que se tem ao sistematizar. Muitas vezes, ao final de um período determinado para a sistematização, apresentam-se as conclusões em produtos específicos (livros, portfólios, jornais, etc..). No entanto, lembra o autor do método, a sistematização não é um produto em si, e sim o processo que gera um ou vários produtos.

Para dar conta da segunda fase, a do estudo de caso com populações de mulheres ao Norte da Espanha, através do método de Pesquisa Participante com princípios da etnografia, com o desenvolvimento de um processo construtivista participante, voltado ao empoderamento das mulheres, utilizaram-se oficinas de caráter transdisciplinar, além da observação participante e entrevistas abertas.

Para Triviños (1987), a pesquisa participante visa principalmente, transformar a realidade que se estuda, sendo que a etnografia tenta compreender a forma como a ordem do mundo é percebida, descrita e/ou explicada pelas pessoas que a vivem (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Apoiando-se em Bogdan e Biklen (1994), Freitas (2002) compreende que na investigação de cunho sócio-histórico, o pesquisador frequenta os locais onde acontecem os fatos nos quais está interessado, preocupando-se em observá-los, entra em contato com as pessoas, conversando e recolhendo o material produzido por elas ou a elas relacionado. A partir daí, ligadas à questão orientadora, vão surgindo outras questões que levarão a uma compreensão da situação estudada. O pesquisador, portanto, faz parte da própria situação da pesquisa, sendo que sua ação e seus efeitos constituem elementos de análise. No caso do pesquisador, ao fazer parte da investigação, ele leva para ela tudo aquilo que o constituiu

como um ser concreto, em diálogo com o mundo em que vive. Suas análises interpretativas são feitas a partir do lugar sócio-histórico que se situa e dependem das relações intersubjetivas que estabelece com seus sujeitos. E é neste sentido que se pode dizer que o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, porque se insere nela e a análise que faz, depende de sua situação pessoal-social.

Disto resulta que o pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, transformação e se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado, que tem a oportunidade de ressignificar-se no processo da pesquisa, o que torna tal processo em um trabalho de educação, de desenvolvimento.

Meksenas (2007), aponta que na metodologia qualitativa em pesquisa empírica, ao estabelecerem-se relações face a face do sujeito que pesquisa com o sujeito que é pesquisado, permite vínculos de reflexão entre as partes envolvidas, porque estão todos em presença, frente a frente, em diálogo. E é neste sentido, que o educador brasileiro Paulo Freire afirma, que fazer pesquisa, educa.

O autor indica a contribuição de Paulo Freire, ao criar, na década de 1970, as condições teóricas da pesquisa participante, simultaneamente com o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda e enumera alguns pressupostos desta modalidade de investigação social.

Dentre eles, se encontra que a pesquisa dever servir aos sujeitos que fazem parte da realidade investigada e não apenas ao pesquisador e sua carreira, e a mesma responde aos anseios de um projeto político e gerido por algum Movimento Social. Desta forma, a pesquisa participante se faz com um novo projeto de história e de sociedade, em que pesquisadores e sujeitos da pesquisa ao estarem um com o outro podem, juntos, indagar, problematizar, educar, pesquisar, conhecer, re-educar e transformar. De uma maneira a conhecer a própria realidade, participar da produção do conhecimento e tomar posse dele, aprendendo a escrever a própria história, tendo no agente que pesquisa um aliado e onde pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho, ainda que em situações e tarefas diferentes (BRANDÃO, 1984).

E, seguindo estes pressupostos, parte dos dados na etapa do processo realizado na Montanha Palentina, foram acessados a partir dos encontros nas oficinas de caráter transdisciplinar, possibilitados pela pesquisa participante. Neste sentido, foram realizadas cinco oficinas no período de 25 de fevereiro de 2012 a 28 de abril de 2012. Além das

oficinas, os dados foram também coletados, em eventos entre as oficinas, eventos estes, decorrentes de desdobramentos das mesmas.

Finalmente, outros dois eventos ocorridos no final do processo, reuniram os sujeitos participantes da pesquisa e se estenderam até o dia 15 de Maio de 2012: O “Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”, na Universidade de Valladolid - Campus Palencia e o “Ato de Homenagem a Nicolasa Casarez Díez - Guardiã da Sabedoria Ancestral e Reconhecimento dos Participantes na Rede de Saberes Resgatados nas Oficinas Plantas Medicinais e Sustentabilidade”.

Dentro da análise de dados, tanto no caso do Sul do Brasil, quanto no caso do Norte da Espanha, as informações etnobotânicas foram tecidas (organizadas), como um produto decorrente do processo, de modo a dar ênfase a forma como este produto surgiu, destacando-se o processo que o originou. As plantas estudadas durante o processo do Brasil, foram herborizadas, e parte delas depositadas no Herbário Laelia Purpurata da Universidade do Sul de Santa Catarina, sendo outra parte, depositada no Herbário Eva Michalak do Centro Universitário Barriga Verde. No caso das plantas estudadas no Norte da Espanha, em função do período da realização do estudo (inverno), as plantas foram fotografadas e identificadas por uma bióloga, integrante das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. A mesma, utilizou-se do apoio de referências bibliográficas da Universidad de Valladolid e outras referências. As informações relacionadas a fitogeografia das plantas, também foram fornecidas pela bióloga.

3.1.3 Saindo do Campo

O momento chamado “Saída do Campo” ocorreu gradativamente no decorrer do processo de colher dados, com caráter específico ao final deste, com agradecimentos, encaminhamentos futuros, e combinações sobre a devolução dos dados. No caso do Sul do Brasil, as participantes da pesquisa expressaram o desejo de estarem presentes no momento da defesa da tese, desejo expresso também pelas participantes do Norte da Espanha, ainda que virtualmente. Tanto no Sul do Brasil, como no Norte da Espanha, discutiu-se a possibilidade de se organizar publicações em forma de livros.

4 TECENDO A DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TRANSDISCIPLINAR DE EMPODERAMENTO DESENVOLVIDO ATRAVÉS DO RESGATE DE CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS JUNTO A MULHERES DE COMUNIDADES DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA-BRASIL DESDE OS ANOS DE 1996 A 2010

4.1 Antecedentes e Contexto: Bordando Memórias e Costurando a Reconstrução Histórica do Início do Processo

Onze horas da noite no Norte da Espanha. Seis horas da tarde no Sul do Brasil. Mais de 8 mil milhas separam duas realidades tão diferentes, e ao mesmo tempo tão similares, com mulheres protagonistas, que desde o ano de 2011 teimam em se encontrar. Se encontrar e descobrir juntas, um processo de construção transdisciplinar para o resgate de conhecimentos teórico-práticos sobre plantas medicinais, de maneira a promover o empoderamento e o desenvolvimento sustentável, em cada um dos locais, e consequentemente para o Planeta Terra em que habitam.

Pesquisadora e participante da pesquisa, ambas em uma mesma “mão de igualdade” na construção do conhecimento, cruzam suas vozes através das ondas vibracionais do skype.

Pesquisadora se encontra no Norte da Espanha, a fim realizar uma etapa de seu trabalho de doutoramento.

Participante da pesquisa se encontra no Sul do Brasil, e é convidada a resgatar suas memórias para a sistematização da prática social que compartilharam, com o objetivo de analisar o processo de construção transdisciplinar de empoderamento, desenvolvido através do resgate de conhecimentos de plantas medicinais, junto a mulheres de comunidades da região Sul de Santa Catarina - Brasil, no período de 1997 a 2010.

Brasil...país megadiverso, detentor da maior biodiversidade do mundo, contando com com 56 mil espécies catalogadas, de um total estimado entre 350.000 e 550.0000 conforme Dias (1996). Espécies distribuídas em Biomas como a Amazônia (25-30 mil), Mata Atlântica (16 mil), Cerrado (7 mil), Caatinga e Pantanal. País sócio-diverso com 220 povos indígenas, comunidades quilombolas, comunidades locais de seringueiros, caiçaras.... Brasil... como em outros países da América Latina, com carência de estudos científicos básicos em plantas nativas, cultivos inexistentes ou incipientes, pouco conhecimento sobre a diversidade genética e química de suas plantas medicinais (VIEIRA, et al., 2002).

Brasil...que além do potencial pouco explorado de maneira sustentável é também ameaçado pela destruição dos habitats, extrativismo predatório, perda da diversidade cultural dos povos que vivem e dependem de recursos da natureza (MARIOT e REIS, 2006). Santa Catarina, Brasil. Ao sul do Trópico de Capricórnio, na Zona Temperada Meridional do planeta, de clima subtropical. Colonizada a partir do século XVIII por imigrantes europeus: portugueses açorianos, alemães, italianos em sua maioria, e em menor número, por escravos, poloneses, índios e africanos (PIAZZA, 1994).

Sul de Santa Catarina, que compreende a AMUREL (Associação dos Municípios da Região de Laguna) (Figura 3 A e B): onde destaca-se o Bioma Mata Atlântica, que está na quinta posição no cenário mundial em termos de diversidade e endemismo de plantas vasculares (Pinto, 1996) e é um dos mais ameaçados do mundo.



Figura 3. (A) Cenários da região Sul de Santa Catarina (Fotos: Fatima Chechetto)



Figura 3. (B) Área de abrangência do estudo. Brasil, Estado de Santa Catarina, Região Sul de Santa Catarina (Amurel)

E é neste cenário que começam a se encontrar os primeiros fios do bordado do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”, a partir do resgate de conhecimentos femininos ancestrais.

4.1.1 Alinhavando os Primeiros Fios no Bordado: Do Resgate de Conhecimentos Femininos Ancestrais à Abertura de um Espaço Democrático e Participativo

No Sul de Santa Catarina, a participante do estudo no Brasil, relembra o ano de 1997 com voz saudosa: “...as mulheres das comunidades sempre perguntavam: - E aí irmã, quando vamos entrar para o grupo? Então o grupo começa de uma “necessidade sentida” (Enfermeira. Coordenadora da Pastoral da Saúde - Regional Sul IV).

O grupo a que se referem as mulheres das comunidades, trata-se da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina. A Equipe surgiu a partir do desejo de seus integrantes em contribuir para a construção da sustentabilidade, através da visão inter-transdisciplinar com reflexões, ações e práticas que envolvem a temática plantas medicinais. O entendimento sobre o conceito e a prática transdisciplinar vinha sendo levemente inserida no discurso do grupo, muito mais como entendimento de “holístico” e o Grupo inicialmente optou por chamar-se “Equipe Interdisciplinar”.

Os trabalhos iniciaram em maio de 1996, unindo representantes de diversas áreas da Universidade do Sul de Santa Catarina e representantes de diversos setores da comunidade local.

A Equipe passou a reunir-se mensalmente, durante duas horas, sempre na primeira quarta-feira, com intuito de delinear alguns propósitos. A Universidade contou com representantes dos Cursos de Agronomia, Farmácia, Enfermagem e Serviço Social. A participação da comunidade aconteceu através de agentes de saúde, empresas de produção e comercialização de plantas medicinais, bem como, agricultores.

A Equipe se propôs a integrar os vários setores envolvidos com plantas medicinais da Região Sul de Santa Catarina, desde o cultivo ao uso, para atender aos objetivos:

- Identificar e avaliar as espécies vegetais com potencial medicinal, através de estudos interdisciplinares, incluindo levantamento etnobotânico.
- Promover a prática da fitoterapia como alternativa econômica e social, bem como o envolvimento em educação ambiental para a preservação da biodiversidade dos ecossistemas da região Sul de Santa Catarina.
- Possibilitar aos pequenos agricultores da região, geração de fonte complementar de renda, através do cultivo de plantas medicinais.

- Empreender estudos técnico-científicos (botânico, químico, farmacológico), para o desenvolvimento de produtos fitoterápicos de qualidade, e que pudessem estar disponíveis à população.
- Aplicar a prática da fitoterapia em Serviço Público através da integração universidade-comunidade, com a colaboração de profissionais ligados aos Cursos de Agronomia, Farmácia, Enfermagem e Serviço Social da Unisul.
- Estimular e orientar a comunidade sobre a importância das plantas medicinais.
- Produzir material educativo sobre plantas medicinais com informações obtidas da população local, complementando com dados botânicos, farmacológicos e principalmente toxicológicos que eventualmente pudessem causar danos a população.

A Equipe nos seus primeiros encontros, tendo em vista seus objetivos, decide iniciar no Curso de Agronomia, o cultivo de algumas espécies de plantas medicinais (Figura 4), com a finalidade de suprir as necessidades de obtenção de matéria-prima de qualidade para o Curso de Enfermagem da UNISUL, que em atendimento ambulatorial aberto à comunidade, fazia uso da fitoterapia.



Figura 4. Cultivo de camomila e de calêndula com participação de docentes e discentes do Curso de Agronomia - UNISUL (Santa Rosa do Sul, junho/1996) (Fotos: Gisele Mara Hadlich)

Além de considerar os principais problemas atendidos no ambulatório para a seleção das plantas, considerou-se o fato de estas já terem sido estudadas cientificamente e/ou validadas, proporcionando aos profissionais do ambulatório e aos usuários maior segurança quanto ao uso.

O cultivo destas espécies tinha também a finalidade de despertar a atenção de agricultores da região para uma opção de produção agroecológica.

Este trabalho incentivou a pesquisa agrônômica com plantas medicinais no Curso, sendo apresentado no X Encontro Regional de Olericultura na Universidade do Sul de Santa Catarina, em Tubarão - SC, e posteriormente no XLVIII Congresso Nacional de Botânica em Crato, no Ceará, em julho de 1997 (CHECHETTO et al., 1997a; CHECHETTO et al., 1997b).

Em junho de 1996, o grupo encontra uma divulgação do II Workshop de Plantas Medicinais de Botucatu - São Paulo que estaria acontecendo na Universidade Estadual Paulista, e com o intuito de buscar subsídios para os trabalhos que vinham se desenvolvendo, incentiva uma pesquisadora a participar, socializando os conhecimentos no seu retorno (CHECHETTO et al., 2000).

No segundo semestre de 1996, a Equipe inicia a construção de um horto de plantas medicinais no Curso de Agronomia da UNISUL (Figura 5). Alunos de várias fases colaboraram na implementação e, assim, as próximas turmas se beneficiavam com o trabalho já em andamento. O trabalho organizado em mutirões incentivava a cooperação e união do grupo. A identificação das espécies, durante aulas de Botânica Econômica, era feita ao vivo, onde a planta podia ser tocada, e se podia sentir seu cheiro, e muitas vezes até seu gosto tornou-se possível, visando seu reconhecimento.

Iniciado o horto, muitas mulheres que viviam em um assentamento próximo à Faculdade de Agronomia - o Assentamento de Vila Nova em Santa Rosa do Sul, viram as plantas e demonstraram interesse em conhecer detalhes sobre elas.

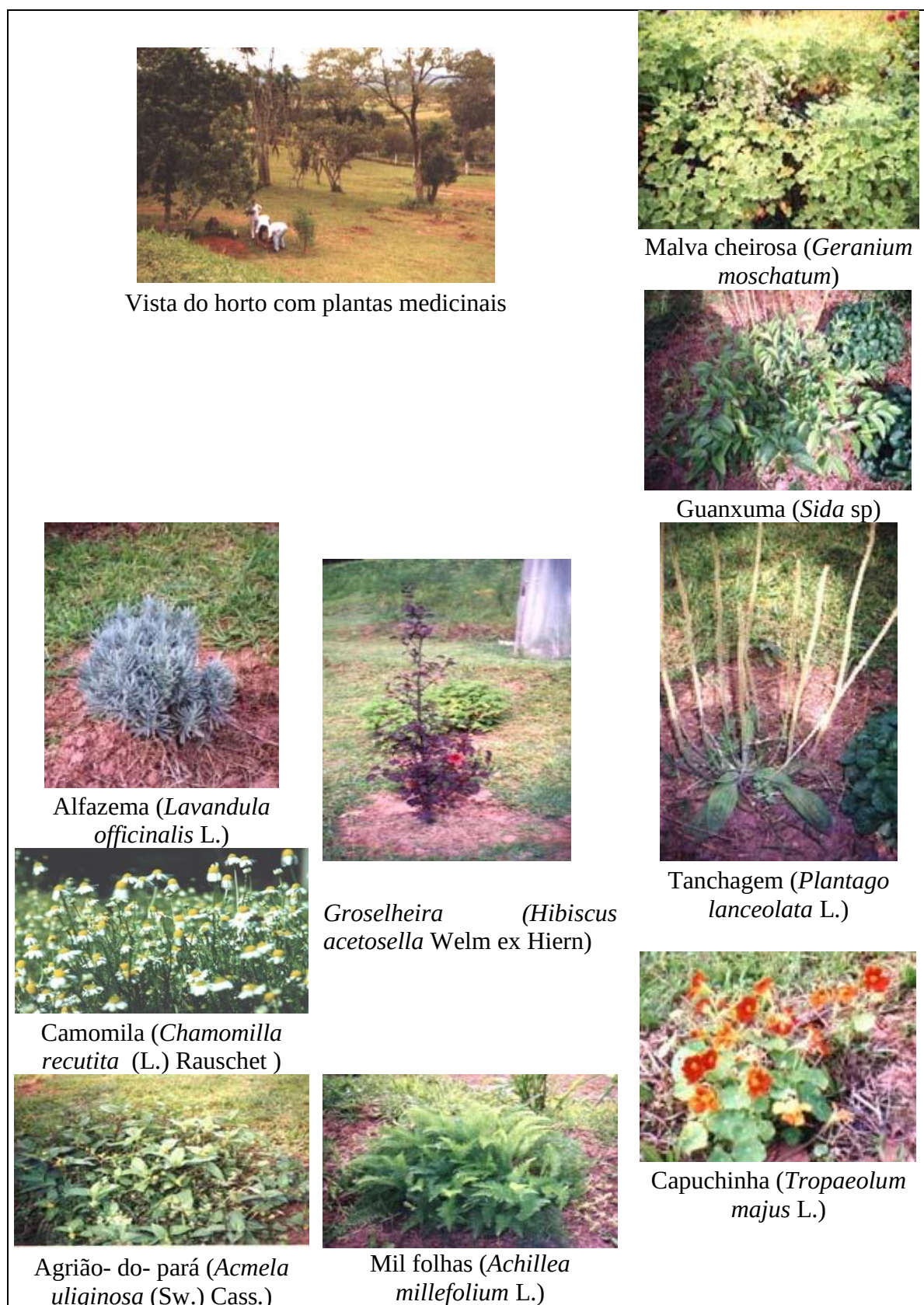


Figura 5. Detalhes do horto de plantas medicinais introduzidas. Local: Morro do Bino, Santa Rosa do Sul, SC. (Fotos: Gisele Mara Hadlich)

Este despertar do interesse coletivo, demonstrava a possibilidade de utilizar a temática, como um fator agregador daquela comunidade, que estava desarticulada politicamente e desorganizada socialmente. Através de diagnóstico, foram detectadas necessidades prioritárias de organização deste grupo social, relacionadas a saúde e qualidade de vida.

Outros grupos de mulheres da região, participantes do Movimento de Mulheres Rurais de comunidades dos municípios do Norte do Rio Grande do Sul e Sul de Santa Catarina (Maquiné, Morrinhos do Sul, Praia Grande e outros) denominadas “Bruxinhas de Deus”, colaboraram no sentido de organizar uma “Farmácia Viva”. Um rico intercâmbio passou a acontecer entre Universidade e comunidade.

Através da visão transdisciplinar, o grupo não só aplicava as plantas medicinais para a cura dos males físicos. Vivências eram realizadas, onde as mulheres podiam colocar seus conhecimentos adormecidos, resgatar sua auto-estima e aumentar o senso de união.

Com a orientação de representantes da Universidade, plantas medicinais passaram a ser utilizadas pela comunidade, segundo os moldes das “Farmácias Vivas” preconizadas pelo Professor Francisco José de Abreu Matos, da Universidade Federal do Ceará que recomenda a orientação da população quanto ao uso de plantas medicinais que já apresentam estudos que lhes confira maior segurança. Estas plantas podem ser cultivadas em hortas que, por este motivo, diferem das hortas caseiras comuns.

Além do uso das plantas medicinais, a causa dos problemas físicos era discutida, e assim as mulheres sentiam o quanto podiam colaborar consigo mesmas e umas com as outras. Discussões sobre a necessidade de organização social na busca de melhoria da qualidade de vida sob a perspectiva da saúde, educação, produção, trabalho e sustentabilidade, se ampliavam. Dentro de algum tempo, alguns homens e crianças começaram a participar, e mais tarde toda a comunidade passava a se envolver nestas discussões (Figura 6: A, B e C).



(A) Horta de plantas medicinais cultivadas pelos agricultores



(B e C): Encontro para estudo e utilização de plantas medicinais

Figura 6. Trabalho comunitário com plantas medicinais no assentamento de Santa Rosa do Sul, Santa Catarina (mai.1997) (Fotos: Gisele Mara Hadlich)

Mas, e afinal, as mulheres das comunidades, que no início deste capítulo se fez referência e que estavam ansiosas para entrar para o grupo, na fala resgatada da participante entrevistada? Quem eram? E a quem perguntavam sobre quando iriam participar do grupo? Observa-se, que entre os representantes de comunidades que deram os primeiros passos na formação da Equipe Interdisciplinar estavam agentes de saúde (mulheres).

Inicialmente, elas eram representadas pela Coordenadora Diocesana da Pastoral da Saúde, ex- Diretora do Hospital Nossa Senhora da Conceição do Município de Tubarão e da Coordenação do Curso de Enfermagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. A coordenadora, motivada pela forte paixão de fazer da comunidade o lugar do processo de saúde, abandonou a direção do Hospital e a Universidade para viver e atuar diretamente no seio desta, através da Pastoral da Saúde (DELLA GIUSTINA, 2006)

O surgimento da Pastoral da Saúde, tem ramificações antecedentes desde 1962, a partir de uma nova ótica na filosofia Católica, após o Concílio Vaticano II, e com a

Conferência Episcopal de Medellín (1968), quando a igreja Católica, por seus representantes na América Latina, rompe com a tradição que caracterizou seu comportamento durante séculos e manifesta uma posição clara, firme e decidida frente aos graves problemas que se apresentavam no contexto geral. Acontece um arejamento de idéias e posturas, iniciando-se um processo de inserção maior na luta contra a opressão, saindo da omissão e passividade, para a conquista de direitos sociais.

A partir da década de 1970, a proposta da Medicina Comunitária se espalha pela América Latina, difundida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan - Americana (OPAS). A proposta se amplia, porque junto dela, a consciência das causas da pobreza e miséria dos povos cresce. As práticas de Medicina Comunitária ganham significado, como oportunidades para as populações adquirirem conhecimentos e refletirem sobre suas condições de vida, buscando novas formas de organização de suas experiências.

Em face a todos estes acontecimentos e mudanças, se constituía a Pastoral da Saúde como resposta às lutas pelos direitos à saúde e como processo de desenvolvimento social. No início, os trabalhos eram voltados para o levantamento de problemas. Aos poucos foram traçadas linhas que apontavam para a necessidade e fortalecimento de uma ação mais social: um trabalho de prevenção e promoção da saúde, na busca de uma vida digna para todos.

A Pastoral da Saúde passa a representar então, uma ação comprometida em promover, preservar, defender, cuidar e celebrar a vida, compreendendo ações libertadoras nas seguintes dimensões: a) solidária - em uma postura de vivência nas instituições de saúde, na família e comunidade, visando atender a pessoa integralmente, nas dimensões física, psíquica, social e espiritual. b) comunitária - visando a promoção e educação para a saúde relacionada a saúde pública e saneamento básico, atuando na prevenção de doenças. Procurando valorizar o conhecimento, a sabedoria, a religiosidade popular em relação a saúde. c) Político-institucional - atuando junto aos órgãos e instituições públicas e privadas que prestam serviços e formam profissionais na área da saúde e zelando para que haja reflexão bioética, formação ética e políticas de saúde sadias.

De acordo com Rockembach e Gaio (1998) a Pastoral da Saúde iniciou seus trabalhos em Santa Catarina no ano de 1978 à partir da inspiração do Primeiro Encontro Nacional de Medicina Comunitária, ocorrido em Lins, São Paulo. Por volta dos anos de

1980, a influência da Igreja católica junto aos movimentos Sociais era grande no Brasil, através de sua ala mais progressista, vinculada à Teologia da Libertação.

Logo após em 1981, na Campanha da Fraternidade da CNBB “Saúde para Todos”, foi dado o impulso de se iniciar um trabalho nas comunidades, com a formação de agentes comunitários de saúde. Assim, foram desenvolvidos trabalhos nas três dimensões elencadas acima, priorizando-se a dimensão comunitária e político institucional. Totalizavam nove dioceses, cada uma com características próprias, inseridas numa realidade e integrando um processo conjunto de caminhada. Quais sejam: Arquidiocese de Florianópolis, Caçador, Criciúma, Chapecó, Joaçaba, Joinville, Lages, Rio do Sul, Tubarão.

Os trabalhos realizados com plantas medicinais dentro da Pastoral da Saúde, iniciaram na dimensão comunitária com o objetivo de resgatar e legitimar a sabedoria popular no uso de plantas medicinais. Neste sentido, foram realizados centenas de cursos, treinamentos, encontros, tardes de saúde, reuniões e aprofundamentos no Estado todo. Uma Assembléia Diocesana de Planejamento Participativo realizada nos anos 1983-1986 procurou identificar as doenças mais frequentes nas comunidades. Os dados levantados pelos grupos apontavam em primeiro lugar “enfermidades gastrointestinais e parasitárias”, em segundo lugar as “enfermidades nervosas” e em terceiro lugar a “desnutrição”.

A proposta da Pastoral da “Saúde Comunitária” apresentada pela Regional Sul IV em 1985, encontrou eco nas pessoas que participavam na área de Saúde da Diocese de Tubarão (área de abrangências das mulheres participantes deste estudo).

A partir dos dados levantados e da proposta concreta de ajudar a organizar as comunidades através da saúde alternativa, a Assembléia Diocesana colocou a Pastoral da Saúde entre os “destaques”: centrar forças no resgate do saber popular e colocar em foco o respeito à vida, começando por ações preventivas na área de saúde.

Partindo do resgate do saber popular, a Pastoral da Saúde buscava legitimar o saber popular preocupando-se em acrescentar o saber técnico, tentando complementar a Saúde Comunitária (ROCKEMBACH, 2006). Assim, surge o resgate de conhecimentos de plantas medicinais com o intuito de integração comunitária, como lembra a Coordenadora Diocesana na seguinte fala:

“... a gente achou que a planta medicinal é uma forma de congregar as pessoas. A pesquisa da Assembléia Diocesana indicava que na parte social, não havia cooperação. Então as pessoas precisavam se reunir, e a planta era uma motivação para que os grupos

se encontrassem, e isto a Diocese assumiu conosco” (Coordenadora Diocesana da Pastoral da Saúde).

A primeira reunião Oficial da Pastoral da Saúde na área de abrangência da Diocese de Tubarão, aconteceu em 27 de fevereiro de 1986. Nesta reunião, foi aprovado o “Projeto Saúde da Diocese”. Desde então, a Pastoral de Saúde se ramificou gradativamente. O primeiro treinamento de Agentes da Pastoral da Saúde foi realizado na Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Imbituba, pertencente a Comarca de Laguna. O segundo treinamento foi na Paróquia da Catedral, em Tubarão. A partir destes treinamentos, o grupo começou a se sentir mais seguro, concluindo que o projeto era viável e que já começava a dar certo.

Então as comunidades começaram a se organizar, embora enfrentando muitas dificuldades, como no Planejamento Participativo confirmado na Assembléia Diocesana de 1985, onde foi decidido que a Pastoral da Saúde devia ser um setor de destaque em toda a Diocese. A Coordenadora Diocesana, forte e corajosamente lutou contra todas as barreiras, e, com o apoio do Bispo Diocesano na época, conseguiu fazer com que a Pastoral da Saúde resistisse a opressão e aos ataques para continuar a trajetória.

Fundamentada em uma mística de apoio a vida, saúde e abundância para todos, a Pastoral da Saúde passa a centrar todo o esforço na Educação Transformadora, conscientizando as pessoas sobre o valor dos recursos naturais na promoção da saúde. Passa então a resgatar o saber popular, primando pela participação nas lutas populares por vida de qualidade, tentando interferir nas políticas de saúde, auxiliar as pessoas nas decisões por saúde, ser presença nas instâncias de decisões nos municípios e no Estado (PASTORAL DA SAÚDE, 1996) (Figura 7).



Figura 7. Divulgação sobre a organização da Pastoral da Saúde na região Sul de Santa Catarina, Tubarão (mai/1996).

Continua a relembrar a trajetória, a participante da pesquisa, Coordenadora Diocesana da Pastoral da Saúde:

“(...) Foi uma luta...a gente apanhou um monte no início...os médicos reclamavam para o Bispo que nós colocávamos em risco a população sul catarinense.... as mulheres foram resgatando as plantas medicinais que melhoravam a pressão das pessoas, inclusive

as nutracêuticas, que melhoravam o desempenho e a nutrição, e aí os médicos achavam que isto era um risco para a população. Mas o risco era da assistência médica... porque a planta medicinal...todo mundo já conhecia. Na pesquisa que nós fizemos deu que 92% da população usava a planta medicinal nas suas doenças...nos seus problemas...porque as coisas mais complexas, as vezes você não pode só usar a planta. Tem que usar mais alguma outra coisa....e os agentes da Pastoral eram treinados em 100 horas de treinamento. Então isto dá um treinamento bom...” (Coordenadora Diocesana da Pastoral da Saúde).

Naquela época, em todos os encontros organizados pela Pastoral da Saúde, um dos objetivos era estudar plantas medicinais, como continua relembrando a participante da pesquisa:

“...inicialmente o estudo não era tão aprofundado, mas era muito verdadeiro. Isto a gente deve colocar. Em todas as oportunidades que a gente tem para colocar sobre isto, a gente fala. As mulheres tinham conhecimentos de plantas...mas assim: uma planta que serve para dor reumática, outra planta para pressão alta, outra planta que era boa para o diabetes e assim por diante...E nós técnicos, eu também pois sou enfermeira...tive que aprender bastante, e elas me ensinaram muuuito de planta medicinal”(Coord. Diocesana da Pastoral da Saúde).

E humilde, porém dignamente, explica como interagiu nos estudos a partir de seus saber técnico e do saber ancestral adquirido:

“Se hoje eu sei um pouco de planta medicinal foram elas que me passaram isto. E como eu tenho já na minha herança genética pessoas que trabalhavam com plantas ...tias... e a própria mamãe trabalhava com isto e orientava as mulheres mais jovens. Elas iam lá em casa para receber orientações da mamãe para cuidar melhor dos filhos. Então eu já tinha isto na genética. Mas como profissional, eu comecei a ajudar a legitimar este saber popular, foi uma coisa que me agradou muito poder fazer isto. Quando mamãe soube disto ela ficou superentusiasmada e disse: – eu não sabia que tu fazias uma coisa tão linda! Eu nasci muito cedo, eu devia estar com vocês neste grupo. Ela já estava então com muita idade, e de vez em quando, vinha me visitar. Ela era uma curandeira...indicava

plantas e fazia garrafadas. Para mim, saber empírico também é ciência, uma vez que a tataravó, a avó, a mãe, a neta já experimentaram...então é preciso aceitar que o resgate popular tem ciência” (Coord. Diocesana da Pastoral da Saúde).

E continua recordando como se iniciou o resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais na Pastoral da Saúde:

“Então iniciamos este trabalho...sempre um trabalho voluntário. E fomos fazendo pequenos projetos. Entrou um projeto da Alemanha que custeava as passagens para deslocamentos para realizar treinamentos. Aí nós integramos as estudantes de enfermagem (estudantes da Universidade do Sul de Santa Catarina) que aprendiam a parte de Saúde Comunitária. E elas iam junto para as comunidades, aprender e ensinar o que haviam aprendido: a base de anatomia, fisiologia e também a verificação dos sinais vitais, para ter uma base mais firme para poder utilizar estas plantas. Em troca, recebiam uma bolsa de estudos que a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) na época repassava. Então era uma integração dos estudantes da Universidade (Coord. Diocesana da Pastoral da Saúde).

Relembra como eram resgatados os conhecimentos nos estudos:

“Então a gente tem que se basear na história que é verdadeira e que é muito linda esta história...do resgate do saber popular... e a participação da mulher foi muito significativa ...como as mulheres tem este resgate mais presente, os homens ficavam em casa, cuidando da lavoura, enquanto as mulheres vinham estudar... mas no treinamento, não era só discutida a planta medicinal... nós tínhamos também capacitação de lideranças para aprenderem a promover reuniões. Porque elas iam para o treinamento grande, e depois se reuniam com as comunidades onde elas moravam e faziam o repasse disto. Aí as mulheres começaram a acreditar em si. Para o estudo... as mulheres das comunidades que usavam as plantas, elas traziam um saco cheio de amostras. Depois, a gente foi mudando este enfoque de trazer um saco cheio de amostras de plantas, a gente pediu para trazer menos, porque a aprendizagem era menos aprofundada. E aí que as mulheres sentiram a necessidade de “entrar para o grupo” junto com a Universidade” (Coord. Diocesana da Pastoral da Saúde).

Neste ponto, encontramos a resposta a pergunta do início destas memórias, sobre quem eram estas mulheres, que queriam fazer parte da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina, que iniciava em 1996. E é assim, que estas mulheres começam a fazer parte da Equipe e adentrar com seus saberes, em uma relação de horizontalidade com o saber da Universidade.

Além da importância quanto ao resgate de conhecimentos em plantas medicinais, o que uniu as mulheres da Pastoral da Saúde com os demais representantes da Equipe Interdisciplinar foi a visão holística, por elas denominada, com a qual a Pastoral da Saúde em Santa Catarina tenta olhar o ser humano:

“Na visão holística adotada pela Pastoral da Saúde em Santa Catarina, a planta medicinal não é apenas uma forma única de cuidar da saúde. É associada a outras modalidades como alimentação adequada, exercícios físicos, caminhadas, sono e repouso organizados, lazer e abertura para a acolhida das necessidades do planeta....também é uma motivação pra provocar encontros, para que as mudanças sociais aconteçam. A experiência mostra que a fitoterapia, ou o estudo das plantas medicinais pela população, fortalece o sentido de organização e transformação da saúde na comunidade, compreendendo que saúde foge de ser somente o bem-estar individual e sim um processo social, econômico e político que assegura o exercício da cidadania” (ROCKEMBACH, 1998, p. 118).

Tal visão coincidia com, a mais tarde reconhecida, visão “transdisciplinar”, adotada por representantes da Universidade. E é com esta consciência que as mulheres, agentes da Pastoral de Saúde começam a participar da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina.

Foi a partir de 1997, que a Equipe ampliou seu envolvimento com a comunidade, com a adesão das agentes da Pastoral de Saúde da Região Sul de Santa Catarina; e já fazendo parte, as mulheres lançam o desafio:

“ Estamos aqui para aprofundar nossos conhecimentos sobre plantas medicinais. Nós queremos saber o nome científico das plantas, os princípios ativos, as contra-indicações...queremos construir um espaço de trocas” (Mulher. Agente de Saúde).

Por outro lado, os representantes dos Cursos da Universidade compreenderam e acolheram o valor dos conhecimentos populares que iriam ser resgatados e o quanto iriam aprender. Tinham a expectativa também de que as informações etnobotânicas levantadas pudessem ser referenciais para pesquisas dentro da própria Universidade da qual faziam parte. Também, que pudessem servir para outras Universidades de Santa Catarina e retornassem, de alguma forma, para a população.

Ainda informalmente, como uma ação da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina, nasce o Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais (GEUPLAM).

Como objetivo principal do Grupo definiu-se resgatar conhecimentos em Plantas Medicinais, promovendo o intercâmbio universidade-comunidade. Em conjunta participação, das agentes da saúde e dos integrantes da universidade, decidiu-se que os encontros aconteceriam na primeira quarta-feira de cada mês e seriam durante a tarde, iniciando às 14 e encerrando às 17h. A escolha da planta em estudo, seria das agentes da Pastoral de Saúde. Além das agentes, decidiu-se que se outras mulheres das comunidades, que não estivessem fazendo parte da Pastoral e quisessem participar, seriam bem acolhidas.

4.1.2. Entrelaçando os Fios da Primeira Análise e Reflexão Crítica

O início do processo se constrói a partir de uma “necessidade sentida” pelas próprias mulheres das comunidades e compartilhada pelos representantes da Universidade, o que as coloca em uma situação de democratização na “tomada de decisão”.

O início então é marcado pela **abertura de um espaço democrático e participativo**. Dentre as condições prévias para o empoderamento da mulher, conforme Lisboa (2008), estão os espaços democráticos e participativos.

Neste sentido, complementa Cruz (2012), que o poder das mulheres que é sistematicamente invisibilizado, diminuído e instrumentalizado pelo sistema patriarcal, para a própria reprodução da dominação, pode ser potencializado e visibilizado através de

uma organização sócio-política que permita a produção do empoderamento pessoal e coletivo. Para a autora, criar espaços de reflexão em grupo é uma das melhores e mais úteis ferramentas neste sentido, com vistas a transformação das estruturas.

Lagarde (1999), discute a necessidade de se combater, através da perspectiva de gênero, a tradicional exclusão patriarcal das mulheres do saber nos processos de desenvolvimento a nível mundial. A autora alerta que o patriarcado sustenta sua sobrevivência mantendo as mulheres isoladas, divididas, antagonizantes e inimigas politicamente como mulheres, como semelhantes. Assim, a maior transgressão política das mulheres neste sentido, é a sua aliança, sua coalizão.

E é neste sentido, que as mulheres se inserem junto aos representantes da universidade, com o mesmo desejo que estes, de contribuir para a construção da sustentabilidade. Isto se dá através da visão transdisciplinar, a partir de reflexões que envolvem a temática que levou a criação do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina - GEUPLAM.

Tanto as mulheres como os representantes da Universidade, já tinham experiências anteriores do uso da temática “plantas medicinais”, como um fator agregador comunitário a partir do resgate de conhecimentos adormecidos, resgate da auto-estima e aumento do senso de união.

O início do processo também é marcado pela diversidade, que segundo Herrero, Cembranos e Pascual (2011), desde um olhar ecossistêmico, é uma condição não só portadora de dificuldades e complexidade, mas também de opções. Como lembram os autores, a vida é produto da diversidade. Sem biodiversidade, estamos em risco de desaparecer. Igual que ocorre em um monocultivo, em que uma simples enfermidade pode acabar em pouco tempo com toda uma colheita, sem diversidade cultural, humana, reduzimos o leque de nossas aprendizagens, nossa capacidade de adaptação a situações mutantes, nossa capacidade de reconstruir o destruído, nossa prática da complementaridade.

Em um coletivo que busca e aprecia a heterogeneidade ninguém se sente fora, nem é menos que o resto, cada qual encontra o lugar onde é capaz de aprender e ensinar. A diversidade é frutífera. Enfrentando-se o imperativo da homogeneidade que propõe a globalização, melhoram-se as condições para um futuro sustentável.

Mas além da diversidade que caracteriza o início do processo, esta é inscrita na unidade, destacada por Chechetto (2003) como um dos princípios transdisciplinares

fundamentado na complexidade e heterogeneidade que marcam os novos traços da ciência, como vistos no referencial teórico.

Assim, se estabelece a integração entre vários representantes de titulações universitárias e lideranças comunitárias em torno de um objetivo comum. Esta diversidade na unidade é acompanhada pela “ética da diversidade”, explicada por D’Ambrósio (1999) como o respeito pelo outro em todas as suas diferenças, solidariedade na satisfação das necessidades de sobrevivência e de transcendência, e cooperação na preservação do patrimônio natural e cultural.

Tanto as mulheres das comunidades quanto os representantes da Universidade, têm como premissa o respeito e reconhecimento ao **saber feminino ancestral** sobre plantas medicinais e outros saberes de importância para a construção da sustentabilidade.

Desta maneira, a etnobotânica, como sinaliza Martin (1986), não é utilizada como um mero exercício acadêmico. As mulheres participam desde o início, no desenho e desenvolvimento da pesquisa, sendo estas, informantes de conhecimentos de interesse etnobotânico, mas participantes desde a compreensão pelo grupo, de que saber empírico também tem ciência e que conhecimento popular e científico se complementam. A troca de saberes então, entre pesquisadores e as mulheres, acontece em uma relação de parceria.

Posey (1986), considera que os informantes podem ser especialistas de uma determinada área de conhecimento dentro de sua própria cultura e, portanto, devem ser tratados com o mesmo respeito que dispensamos aos especialistas em nossa própria cultura. O pesquisador está coletando informações, ouvindo e aprendendo com eles sobre determinados temas, cuja vivência já os tornou especialistas e, portanto, querem ser respeitados como tal.

Sobre os saberes das mulheres participantes comunitárias, como assinalam Herrero, Cembranos e Pascual (2011), a história das mulheres tem desenvolvido aprendizados e habilidades de sobrevivência que a cultura masculina tem depreciado.

Resultam assim, conhecimentos sobre as crianças, alimentação, saúde, agricultura, proteção, afetos, companhia, ética, coesão comunitária, educação e defesa do meio natural que permite a vida. Seus conhecimentos têm demonstrado um vínculo maior com a sobrevivência da espécie, que os construídos e praticados pela cultura patriarcal e pelo mercado.

Por isto, defendem os autores, a sustentabilidade deve olhar, perguntar e aprender das mulheres já que as experiências diversas de mulheres em defesa da saúde, da

sobrevivência e do território, fizeram nascer a consciência de que existe vínculos sólidos entre gênero e meio ambiente, entre as mulheres e o ambientalismo.

Como sublinha Puleo (2011) a defesa da sustentabilidade tem que ser acompanhada do empoderamento do coletivo feminino e a saída para participar das reuniões, a organização de grupos, a possibilidade de ser escutadas como portadoras de conhecimento valiosos são experiências que aumentam a autoestima e autonomia.

É ponto comum também, tanto para os representantes da Universidade, quanto para as mulheres participantes do Grupo, a importância da utilização da temática “plantas medicinais” como um fator agregador, sendo que ambos haviam tido experiências antecedentes nestes sentido, bem como, a importância do resgate de conhecimentos de plantas medicinais, utilizando-se da etnobotânica como uma motivação para a participação e o entendimento deste resgate, inserido em uma visão ampla de saúde, que vai de encontro a perspectiva transdisciplinar e a sustentabilidade.

4.2. Bordando Memórias e Costurando a Reconstrução Histórica do Processo dos Anos de 1997 a 2010

4.2.1 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo dos Anos de 1997 a 1999: A Troca de Saberes Científicos e Populares

Primeira quarta-feira de outubro de 1997. Acontece o primeiro encontro do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais para a Região Sul de Santa Catarina (Figura 8). As mulheres, agentes de saúde, adentram na Universidade. Para favorecer a integração e igualdade, os participantes sentam-se em círculo. A planta medicinal é colocada no centro da sala, que é cuidadosamente arrumada de modo a criar uma atmosfera acolhedora.

A planta a ser estudada, trata-se da cavalinha (*Equisetum arvense* L.). Uma lista é assinada com nomes e os dados dos participantes para contato. Uma pesquisadora coordena os trabalhos, procurando deixar o grupo à vontade. Os participantes da Universidade neste dia, representam professores e alunos dos Cursos de Agronomia, Farmácia, Enfermagem e Serviço Social. Previamente, cada participante da Universidade havia feito um levantamento dos estudos científicos, a respeito da planta a ser discutida.

As mulheres agentes de saúde, sugerem que seja realizada, sempre no início de cada estudo, uma breve harmonização. A harmonização deste dia, acontece com os participantes dando-se as mãos, de pé e em círculo, em alguns minutos de silêncio. Depois, são pronunciadas palavras de gratidão pela oportunidade do encontro e o abrir os olhos, todos trocam abraços calorosos. Acontece a apresentação dos participantes, e cada um fala da intenção de estar neste espaço.

Passava-se então a discussão de temas de interesse para o grupo, combinações e avisos.

Seguia-se a ordem do estudo, começando-se pela identificação botânica. Embora as espécies utilizadas na região fossem a *Equisetum giganteum* L. e *Equisetum hyemale* L. optou-se por se buscar na literatura informações sobre *Equisetum arvense* L. Sendo este o primeiro estudo, o grupo encontrou mais dados sobre esta espécie, na ocasião. Posteriormente, passava-se as informações populares, como nome e usos. Neste momento, foram atentamente ouvidos os conhecimentos que as mulheres tinham sobre a planta e registrados. Depois, passou-se à discussão dos aspectos agrônômicos, aspectos químicos, farmacológicos, terapêuticos e curiosidades gerais sobre a planta.

Para os participantes da Universidade, principalmente os docentes, estar discutindo a temática sob diferentes pontos de vista, expondo seus conhecimentos, saindo cada um de seus compartimentos foi em um primeiro momento, uma experiência muito desafiadora:

“ Ficava um pouco intimidada em falar no grupo sobre o que sabia. Uma coisa é estar em uma sala de aula, onde tu tens uma disciplina a desenvolver. Outra, é quando tu estás diante da comunidade e ao mesmo tempo com outros especialistas. Acho que é preciso ter bastante humildade. Porque pode haver divergência de pensamentos e até de informações...então, é preciso ter muito tato, para não ferir ninguém...” (Engenheira Agrônoma. Professora do Curso de Agronomia).

Mas também, muito gratificante:

“Me sentia muito acolhida no grupo. A afetuosidade das pessoas, o respeito...então, embora fosse um pouco atemorizante me expor, via que existiam outros pontos de vista que se complementavam. Que a visão da minha área técnica de atuação

era apenas uma, mas que existia outras formas de enxergar ...mas confesso, nos primeiros encontros não foi muito fácil” (Farmacêutica. Professora do Curso de Farmácia).

“ Saí do primeiro encontro com bastante vontade de retornar. Senti que os conhecimentos que tinha recebido na minha formação iam se aprofundar. Além disso, outras temáticas começaram a ser discutidas. Vi que seria um longo processo...”(Enfermeira. Professora do Curso de Enfermagem).

Em relação ao saber da comunidade:

“ No primeiro encontro, percebi como minha formação havia sido preconceituosa e desvalorizava o conhecimento popular. É como se o conhecimento científico fosse sempre mais importante. Então, por um lado me “pegava” com um certo preconceito também, parece que minha visão estava um pouco estreita, e por outro lado saí com a impressão que meu mundo se ampliava. Gerou até um certo conflito”(Farmacêutica. Professora do Curso de Farmácia).

“ Saí do encontro muito animada. Até então, havia visto trabalhos de educação popular com plantas medicinais, onde se ia na comunidade, se pesquisava conhecimentos ou mesmo se desenvolviam trabalhos de extensão. Depois, se voltava lá e se distribuía umas espécies de cartilhas, ensinando sobre os cuidados. Mas sempre como se no final, o conhecimento científico fosse mais dar, do que receber. Neste grupo não. As coisas foram desde o início construídas em conjunto. As mulheres por exemplo, podiam tirar todas as dúvidas, discutir “ao vivo” com os pesquisadores, expor como pensavam, serem ouvidas e também ouvir, e depois construir o resultado final. Participar de todas as etapas” (Assistente Social. Professora do Curso de Serviço Social).



Figura 8. Primeiro encontro do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina. (Foto: Gisele Mara Hadlich)

Após o estudo sobre a planta ficou definido que seria construído a cada encontro um registro com os conhecimentos populares e científicos do grupo. Surge então a idéia de se construir um boletim. Uma pessoa do grupo se responsabiliza por reunir as informações para organizá-lo. Depois, este é repassado a participantes de cada área. Decide-se que o mesmo deverá ser de autoria dos pesquisadores em conjunto com a comunidade. Assim, surge o Primeiro Boletim sobre Plantas Medicinais da Equipe Interdisciplinar da Região Sul de Santa Catarina.

No final do encontro, reservou-se um espaço para a discussão da inserção do grupo, numa realidade mais ampla, já que este grupo, estava incluído dentro da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais. Neste período, a Equipe fazia contatos com representantes de entidades que realizam estudos e práticas com plantas medicinais, em vários outros locais do Estado de Santa Catarina. Juntos, compartilhavam do desejo de organizar um evento diferenciado, que congregasse interessados no tema, surgindo a idéia da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.

O grupo de mulheres participantes do GEUPLAM, acolheu bem a idéia de se construir um evento diferenciado:

“...podemos aliar a energia sutil do feminino, do amor, a todas as atividades. A programação científica pode ter como elemento integrador, a arte” (Engenheira Agrônoma, Professora dos Cursos de Agronomia e Farmácia).

Na época, havia a preocupação com a sustentação das atividades da Equipe, e assim, decidiu-se construir um Projeto que seria enviado ao Fundo Nacional do Meio Ambiente, na busca de recursos. O projeto chamou-se “Estudo e Utilização de Plantas Nativas e Exóticas com Potencial Medicinal como Alternativa Ecológica, Econômica e Social para a Região Sul de Santa Catarina” e foi elaborado, com a participação de toda a Equipe, envolvendo os vários Cursos.

Na primeira quarta-feira do mês de novembro de 1997, acontecia o segundo encontro do grupo para estudo da planta embaúba (*Cecropia glaziovii* Snethl.).

A primeira edição do Boletim de Plantas Medicinais da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais, sobre o estudo da cavalinha (*Equisetum arvense* L.), de autoria dos pesquisadores com a comunidade, foi entregue a cada um dos participantes (Figura 9).

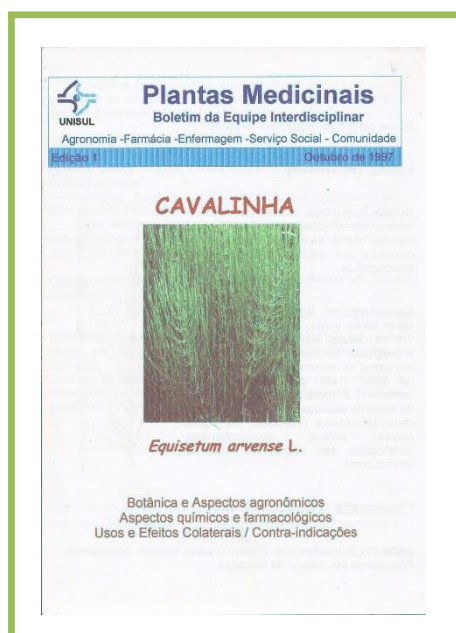


Figura 9. Primeiro Boletim Informativo da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina.

O grupo seguia animado e o encontro aconteceu inspirado na maneira como havia sido conduzido o primeiro. A planta para o estudo, a embaúba (*Cecropia glaziovii* Snethl.),

era nativa e um verdadeiro “laboratório vivo” de interações da natureza já que animais dependem dela, como o bicho - preguiça que se alimenta de seus brotos, bem como certas espécies de formigas do gênero Azteca. Então, ampliou-se a discussão sobre a **interdependência** como fator de equilíbrio ambiental e a importância de se preservar este equilíbrio. Adentrava-se em temas que envolviam fortemente a sustentabilidade. Paralelamente, o grupo continuava participando das reuniões para a organização da I Jornada Catarinense, e sugeriu-se então, como símbolo daquele evento, a planta embaúba, e como tema: “Saúde e Sustentabilidade para o Terceiro Milênio”.

O jornalista, que se propunha a capturar os sentimentos do grupo para organizar a imagem e os escritos da divulgação, havia com muito carinho trazido o logotipo com um texto, que lia para os participantes, para que fosse aprovado:

“ Por ser uma árvore nativa, abundante em nossa Mata Atlântica e por traduzir de forma clara a saúde e a sustentabilidade, a embaúba foi escolha unânime, dentre suas irmãs vegetais, para representar este evento. Originária das Américas, esta árvore é um grande laboratório vivo. A presença da embaúba, além de ser indicadora de poluição atmosférica, pela sensibilidade de suas folhas, também avisa que há desmatamento. Chegando a uma altura de aproximadamente 15 m, esta árvore de tronco liso espalma suas folhas no topo, mais parecendo uma mão humana, e então produz sombra para que árvores mais altas que ela possam se desenvolver. Depois que as árvores a ultrapassam ela atrofia. Mas ela não deve preocupar-se muito com isso, pois durante todo o seu reinado vive muito ocupada. Seus frutos servem de alimento a vários animais, entre eles o bicho-preguiça, a uma aranha vegetariana e ainda a formigas agressivas, que vivem no interior do seu tronco, todos eles na mais perfeita harmonia. Suas folhas são bastante utilizadas na medicina popular contra venenos de cobra, tumores, verrugas, úlceras crônicas, diarreias e doenças pulmonares. Estudos científicos têm comprovado sua eficácia no tratamento de hipertensão arterial e arritmia cardíaca. O Universo da embaúba é rico em todos os sentidos. Sua sabedoria nos dá exemplos de parceria e desprendimento. Nossas mãos também podem ser como as mãos dessa árvore, para juntos nortearmos este evento com os mesmos valores e propósitos: unir vários conhecimentos na mesma harmonia, para o crescimento de todas as espécies vivas na terra.”

O texto, de linguagem simbólica, poética e afetuosa, integrando a planta com seres humanos, se alinhava com as intenções dos participantes, que o aprovaram com entusiasmo.

As instituições parceiras na construção do evento começaram a ser visitadas por uma comissão, que não media esforços em congregar e unir, ainda que conflitos de interesses e competitividade despontassem em cada etapa da construção:

“Saíamos para visitar entidades, como no caso de universidades particulares, que competiam por “território” e “clientes”. Muitas vezes fomos inicialmente mal recebidos, mas tínhamos o firme propósito de ultrapassar estas barreiras, em função de um objetivo comum. Então, os conflitos iam se dissipando.” (Engenheira Agrônoma. Participante de Comissão para Organização da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

Na primeira quarta-feira de dezembro de 1997 o grupo se reunia com o propósito de estudar a babosa (*Aloe vera* (L.) Burm.f.). O estudo foi bastante polêmico. Algumas mulheres do grupo relataram a cura de câncer com a planta a partir de um preparado usado internamente, sugerido por um padre. Mas havia informações sobre toxicidade para uso interno, podendo provocar hemorragias e diarreia. As mulheres questionavam sobre continuar a usar a planta internamente ou não. Procurou-se discutir a questão mais profundamente, abordando os vários aspectos envolvidos.

“Meu pensamento, quando tomei a planta era de muita fé. Eu acho que não foi só a planta que me curou” (Agente da Pastoral da Saúde. Participante do Grupo).

Neste dia, o grupo discutiu as pesquisas científicas recentes sobre o fator da fé na cura. Discutiu-se sobre uma área da medicina chamada psiconeuroimunologia que explica que a fé, o pensar positivamente, pode ativar a produção de substâncias no organismo (hormônios) que ativam o sistema imunológico, ajudando no processo da cura. Discutiu-se dados científicos sobre toxicidade, que estaria presente no líquido amarelo que sai, quando se corta a babosa, e também na folha. Dialogou-se sobre recomendações de se retirar a casca. Alertou-se para o fato de que já aconteceram casos de agravamento de problemas, como hemorragias, com o uso interno da babosa, e até registro de morte. O encontro terminava, com discussões sob vários pontos de vista, que levariam o grupo a refletir sobre quais seriam as melhores atitudes a serem tomadas, posteriormente, em relação a planta.

Primeira quarta-feira de fevereiro de 1997. O ano vai iniciando com o estudo da guaçatonga (*Casearia sylvestris* Sw.), que era mais uma planta nativa sendo discutida. O grupo também planeja sua participação durante a I Jornada Catarinense, que iria se realizar em 14 de setembro de 1998. Os preparativos vão acontecendo, com o propósito de construção transdisciplinar e com a visão do feminino. Discute-se a importância de se levar a experiência dos encontros mensais para a socialização, e possibilitar uma ampla participação popular.

Na primeira quarta-feira do mês de março de 1998 o estudo é sobre a erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides* L.), planta que é utilizada para vermes, mas que apresenta alta toxicidade. Quando os conhecimentos são discutidos as mulheres decidem que irão substituí-la, no caso do uso interno para esta finalidade, por hortelã (*Mentha piperita* L.).

Os encontros das quartas-feiras dos meses de abril a setembro de 1998 foram intensos. Em cada mês estudou-se as plantas: espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss.), fedegoso (*Senna occidentalis* (L.) Link.), cipó cabeludo (*Mikania hirsutissima* DC.), erva-baleeira (*Cordia verbenacea* DC.), sete-sangrias (*Cuphea balsamona* Cham. & Schltdl.) e centelha (*Centella asiatica* (L.) Urb.) (Figura 10).



Figura 10. Encontro mensal da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina (Foto: Gisele Mara Hadlich)

Paralelamente, as discussões sobre a Organização da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais que estava se aproximando se aprofundavam. Estavam previstas

exposições envolvendo várias facetas da temática, desde o cultivo ao uso. Três participações envolvendo o grupo de mulheres: “Uso das Plantas Medicinais na Organização comunitária”, “Fitoterapia e as Pastorais de Saúde” e “Fitoterapia e os Movimentos Populares”.

Neste período as mulheres cada vez mais estavam envolvidas no Fórum Popular de Saúde, que congrega pessoas e entidades que se preocupam com a saúde da população e que representam setores da sociedade civil. De interesse da população, a fim de acessar cada vez mais saúde gratuita e de boa qualidade para todos, o Fórum nasceu em 1992, de acordo com a necessidade de garantia da implantação do Sistema Único de Saúde-SUS e de discussão das questões de saúde, com o maior número de pessoas. Seus objetivos foram assim delineados: lutar por saúde pública de qualidade, tornar realidade o SUS, integrar entidades que concordam com o seu estatuto, promover a análise das políticas públicas aplicadas ao setor saúde, anunciar e denunciar as injustiças sociais. O Fórum passa a participar também de Conferência Estadual e Nacional (PASTORAL DA SAÚDE, 1996). A partir da participação das mulheres nos estudos de plantas medicinais, abria-se a possibilidade de atuarem nestes espaços:

“ Legal né? Nós juntamos estas duas coisas: capacitação das lideranças, para elas poderem assumir outros trabalhos nas comunidades...e o estudo e a fundamentação científica das plantas medicinais. Todo mundo entrou nos Conselhos Municipais de Saúde. Elas diziam: - Mas o que nós vamos fazer lá? Eu dizia: - Entra...Começamos a integrar os Conselhos que tinham um poder deliberativo. Isto foi um outro capítulo à parte. O que nós brigamos!...os Conselhos eram para ser só consultivos e nós conseguimos mudar a palavrinha para DELIBERATIVO...este foi um grande avanço nas Políticas Públicas...e elas começaram a se sentir “ajudando a decidir”. E aí as mulheres começaram a perceber como era importante que os Conselhos fossem deliberativos. Foi muito bom...” (Enfermeira. Coordenadora da Pastoral da Saúde. Integrante do GEUPLAM).

Quatorze de setembro de 1998. As principais Universidades do Estado de Santa Catarina, estavam envolvidas na organização participativa da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, além de entidades públicas e Organizações da Sociedade Civil. O evento foi promovido pela UNISUL, mas contou com a integração de várias pessoas e entidades, reunindo mais de 450 participantes. Os valores que nortearam tal evento

estavam em consonância com a concepção holístico-ecológica ou transdisciplinar. A programação unia vários conhecimentos, provenientes de diferentes visões de mundo, procurando-se integrar estas visões, num exercício transdisciplinar. Além da programação científica, aliaram-se elementos de tradição popular como: sabedoria, arte, poesia e beleza (fator estético), trazendo a marca da transdisciplinaridade, ao lidar com elementos que ultrapassam, transcendem as disciplinas. Foram programadas, nos intervalos entre cada conferência ou mesa-redonda, apresentações com instrumentos musicais (flautas, violinos, violão). Além disso, arte, harmonia e beleza estavam presentes em arranjos florais chamados ikebanas e jardins medicinais, cuidadosamente confeccionados em mutirões, por grupos voluntários. Cada ser humano, acrescentava um pouquinho de sua energia amorosa nas atividades.

A apresentação artística de abertura, com a dança do ventre que representava A VIDA, em uma alternância de cores complementares com o vermelho e o azul (Figura 10).

Os quatro dias do evento transcorreram como haviam sido idealizados. As mulheres, participaram de mesas-redondas sobre “Fitoterapia e os Movimentos Populares” e “Uso de Plantas Medicinais na Organização Comunitária”. Desta maneira, se expressaram sobre a parceria entre a Universidade e a Comunidade, a partir do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina:

“...é urgente legitimar o saber popular, sobretudo no Brasil, onde mais de 50 milhões de pessoas não tem condições de cuidar de sua saúde e muito menos, adquirir conhecimentos cujos valores monetários ultrapassam qualquer possibilidade...a Pastoral de Saúde acolheu bem o espaço de estudos, troca de saber entre a Universidade e a população, que há anos utiliza as plantas medicinais, e os técnicos cada vez mais solidificam sua parceria.” (Mulher Participante de Mesa-redonda da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Integrante do GEUPLAM).

Expressavam-se também sobre a planta medicinal como pretexto para integração das pessoas:

...dentro da Pastoral da Saúde a planta sempre foi uma motivação para reunir pessoas e comunidades. Era importante provocar encontros para que as mudanças sociais acontecessem. Essa necessidade continua hoje, como urgência nas comunidades, na busca

de soluções para problemas comuns que partem da organização comunitária.” (Mulher. Participante de Mesa-redonda da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Integrante do GEUPLAM)

E sobre a necessidade de empoderamento a partir desta organização comunitária:

“...todos precisamos desenvolver o nosso poder de decisão. Daí a importância de participar dos Conselhos de Saúde e Conferências nos três níveis: Municipal, Estadual e Nacional. Exigir a paridade, a participação popular e exercer a fiscalização do SUS (Sistema Único de Saúde) no sentido pleno. É nestes espaços que acontecem as Políticas de Saúde. A conscientização nos leva a acreditar que os direitos à Saúde Pública podem ser conquistados passo a passo, num processo de construção coletiva. É urgente provocar, incentivar, animar os grupos a prosseguirem na sua luta pela universalização da saúde de boa qualidade....nos Serviços Públicos de Saúde é possível a utilização da planta medicinal como recurso terapêutico. Depende da vontade política dos governantes. Depende da vontade de aprofundar o estudo por parte dos médicos e outros profissionais da área. Depende da insistência da população na divulgação dos benefícios na utilização das plantas medicinais em maior escala” (Mulher. Participante de Mesa-redonda da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Integrante do GEUPLAM).

E sobre as responsabilidades em relação ao conhecimento:

“Dona Maria das Garrafadas” e o “Doutor” em plantas medicinais precisam se dar as mãos. Os técnicos da área de saúde devem devolver à população os conhecimentos adquiridos na Universidade. É uma questão de ética e justiça social...é importante devolver para a fonte da pesquisa os resultados. Nesta caminhada livre e sábia estaremos todos mais prontos para ingressar de forma saudável no Terceiro Milênio” (Mulher. Participante de Mesa-redonda da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Integrante do GEUPLAM)

Relembrem do histórico de organização a partir da planta medicinal:

“..Iniciamos nossa história juntamente com outras dioceses há 13 anos e cultivamos o prazer de estarmos junto às comunidades resgatando o saber popular com as plantas medicinais e promovendo a saúde a partir delas. Nossa história cresce a cada dia e cria raízes de compromisso e organização com as comunidades....entendíamos que a

planta medicinal para nós era muito mais que uma mera alternativa de baixo custo no tratamento das doenças da população. Éramos um grupo de mulheres, algumas conhecedoras das plantas medicinais, pois já cultivavam em suas casas, outras só as conheciam pelo nome e algumas queriam aprender. Todas as plantas que chegavam as mãos dessas mulheres eram pesquisadas pelo grupo, e relatado o conhecimento nos usos popular das mesmas” (Mulher. Participante de Mesa-redonda da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Integrante do GEUPLAM)

E falam de suas expectativas futuras:

“Estamos apenas começando... e a cada ano renovamos nossa proposta de continuidade no processo...através das plantas medicinais (...) queremos ser uma semente germinando sempre na busca de promoção da comunidade dentro de seu contexto social, buscando a integração dos saberes popular e técnico, para melhoria na qualidade de vida para todos” (Mulher. Participante de Mesa-redonda da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Integrante do GEUPLAM).

Além da oportunidade de participação em mesas-redondas, houve uma apresentação oral que ficou registrada em resumo dos Anais da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais sobre o trabalho do grupo, como “Levantamento de Plantas Medicinais de Uso Popular na região Sul de Santa Catarina”.

E apesar dos obstáculos, dificuldades estruturais e conflitos ao longo do processo de construção da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, os resultados estavam sendo bastante animadores, como ressaltou-se na avaliação dos participantes do evento:

“... Desde o momento em que aqui cheguei me senti bem...oque eu buscava, encontrei..senti vida, solidariedade, um sentimento de unidade” (Participante 1. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

“.... na Jornada, procurou-se atender todos os setores envolvidos, o que não é fácil de se realizar” (Participante 2. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

“.... foi uma ótima oportunidade para uma nova caminhada conjunta da Universidade com os Movimentos Populares e outras instituições....” (Participante 3. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

“... foi importante a integração da Universidade com a Comunidade” (Participante 4. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

“.... achei muito interessante e diferente a integração da arte, entre as palestras...ótima idéia de se tocar violinos, piano, teclado, flauta. Também encontrei carinho, sorrisos, chás...tudo muito bom! ... Bom para desmistificar que só a ciência formal produz conhecimentos... Na verdade o amor tem que estar incluído sempre...” (Participante 5. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

Os participantes também destacaram o que estava faltando, para que fosse incluído nos próximos eventos:

“... gostaria que tivesse mais movimentos corporais, para as pessoas não ficarem tanto tempo sentadas...” (Participante 6. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

“.... gostaria que tivesse mais participação dos movimentos populares, dos indígenas, creio que eles teriam muito a acrescentar” (Participante 7. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

“.... a Associação Catarinense de Plantas Medicinais deve ser iniciada já, como forma de intercâmbio, expansão de conhecimentos...” (Participante 8. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

A experiência de união vivenciada na construção do evento foi bastante gratificante e sentia-se a possibilidade de integração, a partir da inspiração que as plantas medicinais causavam, mesmo quando se reuniam pessoas e/ou instituições com visões e posicionamentos bem diferentes (Figura 11). Estas pessoas e representantes de instituições que participaram da construção do evento, decidiram então, se reunirem em encontros mensais, a nível Estadual, com o intuito de formar a Associação Catarinense de Plantas Medicinais. Os mesmos, afirmaram também o desejo de organizar a Segunda Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, no próximo ano.



Figura 11. I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais (Tubarão/SC, set 1998)

Enquanto estas atividades iam se estruturando, as mulheres participantes do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais da região Sul de Santa Catarina voltavam às reuniões mensais, mais fortalecidas ainda (Figura 12). Na primeira quarta-feira, do mês de outubro, data do estudo da planta medicinal coronha (*Dioclea violacea* Mart. ex Benth.), assim se colocavam:

“... Depois da Jornada, nos sentimos mais fortalecidas para continuar ainda mais, que nós a partir deste estudo, como lideranças, somos responsáveis de discutir estes conhecimentos com cerca de 2000 outras agentes de saúde no Estado. Estamos ficando mais preparadas...” (Mulher. Participante do GEUPLAM).



Figura 12. Reunião do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina após a I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais (Foto: Gisele Mara Hadlich)

Mas...as dificuldades de manter os estudos eram grandes, a maioria dos pesquisadores participantes não era remunerada, e os materiais a serem requisitados para a estrutura das reuniões não tinham um centro de custos definido. Partiu-se então, com a visibilidade da Universidade, depois do sucesso do evento, para a institucionalização do Grupo, bem como, de outras ações da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina. Assim, o grupo fechava o ano de 1998 com os estudos em novembro e dezembro das plantas: assa-peixe (*Vernonanthura teweedia* Baker) e erva-moura (*Solanum americanum* Mill.).

Como a prestação de contas da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais apontou um saldo financeiro positivo, definiu-se por destinar tal valor a projetos da instituição promotora do evento. Foi assim que duas importantes conquistas aconteceram em relação a institucionalização das ações da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina.

A primeira, aconteceu no segundo semestre de 1988. Como os Primeiros Núcleos de Pesquisa estavam se estruturando na Universidade, foi criado o Núcleo de Pesquisas em Plantas Ornamentais e Medicinais - NUPOM, que abarcava ações de pesquisadores da Equipe Interdisciplinar na área de Agronomia. Mais tarde, outros núcleos ligados a área de produtos naturais e plantas medicinais nos Cursos de Farmácia, Enfermagem e Serviço Social e no Curso de Naturologia Aplicada, que havia sido recém-criado, foram também institucionalizados. Os grupos e Núcleos interagem, inspirados na proposta transdisciplinar.

No dia 9 de setembro de 1999, em reconhecimento aos trabalhos da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais na UNISUL, os trabalhos de extensão passam a ser institucionalizados, abarcando alguns pesquisadores-extensionistas já anteriormente incluídos, e outros que não estava incluídos nos Grupos-Núcleos de Pesquisa dos Cursos de Agronomia, Farmácia, Enfermagem e Serviço Social da Instituição.

Desta forma é aprovado pela Diretoria de Extensão e Integração Comunitária o Projeto “Estudo e Utilização de Plantas Medicinais para a Região Sul de Santa Catarina” e nele se consolida oficialmente o GEUPLAM.

A definição oficial das atividades passam a incluir as reuniões para troca de conhecimentos científicos e populares com a Pastoral da Saúde, auxílio a implantação da fitoterapia no Serviço de Assistência Integrada a Saúde - SAIS da Universidade e auxílio

na implantação de Farmácias Vivas em comunidades. Além disto, o Grupo assume o importante papel na instituição, de articular a integração da extensão com o ensino e a pesquisa, através dos Núcleos/Grupos de Pesquisa e atividades nos Cursos afins da Universidade.

Na esfera Estadual, se imcumbem de articular a organização da área, através da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, já que a Coordenadora da entidade era pesquisadora-extensionista e também coordenadora do GEUPLAM.

A ACPM passa a contar oficialmente com o GEUPLAM para a estruturação de suas atividades, que vem a apoiar a construção de um Boletim Informativo da Associação e de uma home-page. A locomoção dos pesquisadores em função de representação e logística também é facilitada pelo Grupo.

A partir da oficialização dos Núcleos e Grupos de pesquisa, a produção científica se intensifica, com participação e visibilidade em Congressos a nível nacional, com palestras e publicações.

Os Boletins Informativos construídos pelo GEUPLAM, que já somavam um número significativo, começam a ser comercializados, retornando os recursos obtidos para o próprio projeto, como constavam os dizeres nos Boletins:

“ Os recursos obtidos com a venda dos boletins destinam-se à impressão de novos Boletins para distribuição gratuita para a comunidade que participa deste projeto, principalmente para agentes da Pastoral de Saúde”

“as informações sobre o uso popular, contidas neste boletim, foram fornecidas pela comunidade da Região Sul de Santa Catarina, que integra a Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais”.

Pedidos de várias localidades do Brasil, começam a chegar, o que contribui para a sustentabilidade econômica do projeto.

O primeiro período do ano de 1999 transcorreu também, com os trabalhos de organização da Segunda Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, enquanto o grupo estuda de março a setembro as plantas: urtiga (*Urtica dioica* L.), avelós (*Euphorbia tirucalli* L.), mentrasto (*Ageratum conizoides* L.), erva-macaé (*Leonurus sibiricus* L.),

cipó-mil-homens (*Aristolochia triangularis* Cham.), verbasco (*Buddleja stachyoides* Cham et Schltdl.) e feijão-guandú (*Cajanus cajan* (L.) Huth).

Em setembro de 1999, acontece a II Jornada Catarinense de Plantas Medicinais na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC com o Tema: “Saúde e Qualidade do Ambiente de Vida”, fortalecendo e ampliando o espírito transdisciplinar vivenciado na I Jornada. Como símbolo, escolheu-se a planta medicinal nativa guaçatonga (*Casearia sylvestris* Sw.). Como havia sido sugerido pelos participantes da Jornada anterior, acontece uma maior participação de indígenas, e a continuidade da participação ainda mais ampla das mulheres da Pastoral da Saúde.

Na apresentação dos Anais do evento, a Comissão Organizadora valoriza esta participação, que se deu, junto com a participação de conferencistas das Universidades e Centros de Pesquisa:

“ ... procuramos trazer um pouco do vasto conhecimento da cultura indígena, que agrega os conhecimentos da natureza e de como esta, fornece suporte para a cura de seu povo. A participação da Pastoral da Saúde, representada por pessoas vindas de diversas cidades, foi importante por desenvolver um trabalho de dimensão popular...”

Novamente as mulheres do Grupo de Estudos tiveram sua participação assegurada em mesa-redonda, discutindo a integração da universidade e comunidade, na construção do conhecimento em plantas medicinais. Exposições sobre os avanços da Equipe Interdisciplinar e do GEUPLAM são socializadas e uma das mulheres participantes do Grupo, agente da Pastoral de Saúde, lança as sementes do que seria uma expansão futura dos estudos sobre plantas medicinais, na Universidade que sediava a II Jornada Catarinense:

“Outras Universidades deveriam seguir o exemplo de integração que acontece entre a Universidade e a comunidade, a partir destes estudos sobre plantas medicinais na UNISUL. Nós que integramos a Pastoral da Saúde sabemos o quanto é importante este trabalho. Vamos em todas as reuniões realizadas na Universidade para conhecer estudos científicos sobre as plantas medicinais, e para lá levamos nossa experiência popular. Esta troca de conhecimentos é muito importante”(Agente de Saúde. Participante do GEUPLAM).

Esta sugestão levou mulheres participantes da Pastoral da Saúde local, após o evento, a procurarem a Direção da Universidade do Extremo Sul Catarinense, com o intuito de que se desenvolvesse um projeto semelhante.

Durante a II Jornada, acontecia também mais um passo importante na Organização Coletiva. A Associação Catarinense de Plantas Medicinais foi fundada.

E ao som das músicas indígenas, inspiradas em poderosas tradições xamânicas da terra, com instrumentos feitos de madeira, bambu, barro, pedras, cristais e metais, os participantes encerram o evento, dançando em um grande círculo com muita emoção e amorosidade. Celebrava-se o momento presente, cheio de vida e sons, que naquele dia 30 de setembro de 1999 (Figura 13).



Figura 13. Folder da II Jornada Catarinense de Plantas Medicinais e mandala de sementes e frutos contruída durante o evento (Foto: Gisele Mara Hadlich)

O mês de outubro de 1999, segue com o estudo da planta medicinal romã (*Punica granatum* L.). Novembro é dedicado ao planejamento de atividades do ano seguinte e em dezembro se decide por um encontro de encerramento. Enquanto isto, a participação das mulheres se ampliava a nível Estadual, nas reuniões para a estruturação da Associação Catarinense de Plantas Medicinais.

O ano de 1999 encerra, abrindo espaço para a entrada de um Novo Milênio e já se tem um apanhado dos conhecimentos das mulheres resgatados sobre plantas medicinais,

desde o primeiro encontro em 1997, descritos a seguir e acompanhados dos boletins do GEUPLAM (Figura 13):

Nome popular - cavalinha. Nome científico - *Equisetum arvense* L. / Família - Equisetaceae. Fitogeografia - originária da Europa (SANDHU et al., 2010). Parte usada - caules vegetativos. Uso - como diurética, para problemas de rins e próstata, como cicatrizante, para hemorragias (regras abundantes), contra diarreia, aftas, cistite, gonorreia, como remineralizante, para hipertensão, arteriosclerose, problemas nas articulações. Fraturas e descalcificação dos ossos, febres e como tônico capilar. Usa-se uma colher de chá para 100 ml de água fervente, coloca-se a água sobre a planta e deixa-se por 15 minutos. Em tintura: uma colher de chá 3 vezes ao dia. Para crianças, usa-se a metade da dose. Usa-se externamente em seborreia, acnes.

Nomes populares - embaúba, umbaúba, caixeta, mamoeiro-do-mato, árvore-da-preguiça. Nome científico - *Cecropia glaziovii* Snethl. / Fitogeografia - ocorre em abundância no litoral do sul do Brasil (MAGALHÃES, 1997). Originária do Brasil na Mata Atlântica, também presente nas regiões sudeste e nordeste ((ROMANIUC NETO:GAGLIOTTI, 2013). Família - Urticaceae. Parte usada - folhas, brotos, raízes e frutos. Uso - como diurética, preventiva para menopausa, tosse, asma, bronquite, mal de parkson (com folha de laranja + cravo + mel), úlceras, colesterol, diarreias, cólica hepática, coração. Em chá, com uma colher de chá planta seca para uma xícara de água, 3 vezes ao dia.

Nome popular - babosa. Nome científico - *Aloe vera* (L.) Burm. f. / Família - Xanthorrhoeaceae. Fitogeografia - originária da África (MATOS, 1997). Parte usada - folhas, polpa e seiva. Uso popular - para tumores, problemas no fígado, queimaduras, eczemas, erisipela, queda de cabelo. Usa-se o suco em inflamações. Usa-se o gel para conjuntivite, hemorroidas (supositórios), como estimulante da menstruação, fortalecedor e alisante de cabelos.

Nome popular - guaçatonga, pau-de-lagarto, carvalhinho, erva-da-pontada, cafezeiro-do mato, erva-de-bugre, chá-de-bugre. Nome científico - *Casearia sylvestris* Sw. / Família - Salicaceae. Fitogeografia - nativa de quase todo o Brasil, principalmente no Planalto Meridional (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas. Uso popular - como diurética, para emagrecimento, inchaço nas pernas, como tônico para o coração, para

circulação, pressão alta, reumatismo, doenças de pele e sífilis, herpes, úlceras, contra picada de cobra, febre, diarreia. Usa-se externamente, aplicando-se a tintura no local e usa-se internamente fervendo durante cinco minutos em um copo de água duas colheres de sopa de folhas, coando e tomando duas vezes ao dia. As mulheres relataram, que pessoas com pressão baixa, ao tomar a planta, sentiram tonturas e escurecimento das vistas.

Nome popular - erva-de santa-maria, erva-das-lombrigas, erva-santa, lombrigueira, erva-mata-pulgas. Nome científico - *Chenopodium ambrosioides* L. / Família - Amaranthaceae. Fitogeografia - originária da América Tropical. Amplamente distribuída nas regiões temperadas e tropicais do mundo, crescendo espontaneamente (GUPTA, 1995). Parte usada - toda a planta. Uso - como inseticida em pulverizações da planta, fervida em água. Sementes como vermífugas, para descer a menstruação, como tônicas, para o estômago, para digestão, em caso de bronquite. Externamente usa-se as raízes frescas no tratamento de reumatismo e em contusões. Usa-se na forma de sabonetes para combater piolhos.

Nome popular - espinheira-santa, cancorosa. Nome científico - *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek. / Família - Celastraceae. Fitogeografia - planta nativa de regiões de altitude no sul do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta, principalmente as folhas. Uso - para úlceras, problemas de estômago, intestino (gases), fermentação, usa-se no chimarrão, usa-se para dores, vômitos, náuseas, problemas na pele, alcoolismo, em feridas (uso externo). Usa-se o chá em infusão (uma colher de sopa para um litro de água. Toma-se uma xícara, 3 vezes ao dia, nos intervalos das refeições).

Nome popular - fedegoso, chuva-de-ouro. Nome científico - *Senna occidentalis* (L.) Link / Família - Fabaceae. Fitogeografia - nativa das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, Uruguai, Argentina (SOOLA; BORTOLUZZI, 2013). Ocorre em matinhas e capões, frequentemente em beiras de estradas, sendo cultivada como ornamental (SIMÕES et al., 1986). Parte Usada - folha, raiz e casca. Uso - como diurética (casca da raiz - 4g em uma xícara de água), problemas do fígado (10g em um litro de água), febre (ferve-se as cascas - 20g em um litro de água), como laxante, para problemas de pele, problemas na próstata, enxaqueca (torra-se as sementes e toma-se o pó), erisipela (uma gota do sumo em uma colher de água, repetindo a dose de uma em uma hora), folhas

em cataplasma para problemas de pele e inflamações. Usa-se as sementes como substituto do café.

Nome popular - cipó- cabeludo, guaco-cabeludo. Nome científico - *Mikania hirsutissima* DC. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - nativa do Brasil. Encontra-se da Bahia até São Paulo e Minas Gerais em beira de matos, capoeiras e cerrado (CAMPOS; CARIBÉ, 1991), estendendo-se para as regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil (RITTER et al., 2013). Parte usada - folhas, caule, flores. Uso - diurético, para cólica menstrual, gota, inflamação da bexiga, problemas de pele, frieiras, rachaduras, calos, coceiras, hemorroidas, doenças venéreas, dores intestinais, cistite, como purificador do sangue. Usa-se uma colher de chá para cada xícara de água, 3 a 4 vezes ao dia. Externamente usa-se a planta em fricção, em caso de reumatismo, gota, nevralgia e contusão.

Nome popular - erva baleeira, maria-preta. Nome científico - *Cordia curassavica* (Jacq.) Roem. & Schult. / Família - Boraginaceae. Fitogeografia - nativa do Brasil, encontra-se principalmente ao longo do litoral e é bastante comum em Santa Catarina (SILVA JÚNIOR, 1994). Parte usada - folhas. Uso - em conjuntivites, reumatismo, para combater o alcoolismo, artrite, problemas de coluna, próstata. Usa-se uma colher de chá da planta seca para uma xícara de água. Toma-se 3 a 4 xícaras ao dia. Usa-se em cataplasma, amassando-se um punhado de folhas frescas com uma colher de sopa de glicerina. Estende-se bem sobre um pano. Aplica-se na parte afetada e pode-se deixar o cataplasma a noite inteira.

Nome popular - sete-sangrias, erva-de-sangue, guanxuma-vermelha. Nome científico - *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F. Macbr. / Família - Lythraceae. Fitogeografia - espécie endêmica do Brasil (CAVALCANTI; GRAHAM, 2013), onde ocorre como planta ruderal de crescimento espontâneo, em pastagens e terrenos baldios (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta. Uso popular - usa-se para arteriosclerose, hipertensão, circulação, palpitação do coração, colesterol, emagrecimento, limpeza do estômago, intestino, doenças venéreas, reumatismo, doenças da pele, insônia, nervosismo, dores na coluna (sete-sangrias+cipó mil homens), depurativo do sangue. Usa-se o chá de uma colher da planta seca para cada 100 ml de água, três xícaras por dia. Para uso externo, aplica-se o chá nas partes afetadas, com chumaço de algodão.

Nome popular - pata-de-mula, pata-de-cavalo, centela. Nome científico - *Centella asiatica* (L.) Urb. / Família - Apiaceae. Fitogeografia - originária da Ásia (LORENZI; MATOS, 2002) e naturalizada no Brasil, ocorrendo nas regiões Norte, Sudeste e Sul (FIASCHI; COTA, 2013). Parte Usada - Folha, parte aérea. Uso - utilizada em furúnculo (aquecido na banha), infecção da próstata, menopausa, como depurativo, cicatrizante (eczema, úlcera, coceiras), como digestivo, estomacal, intestinal, diurético - para uso interno (coloca-se uma colher de sopa de folhas picadas em uma xícara de chá de álcool a 70%. Macera-se durante cinco dias. Coa-se e toma-se uma colher de café, diluída em água, antes das primeiras refeições).

Nome popular - coronha, olho-de-boi. Nome científico - *Dioclea violacea* Mart. ex Benth. / Família - Fabaceae. Fitogeografia - espécie autóctone da América do Sul, vegetando desde as regiões equatoriais até as subtropicais (SILVA JÚNIOR, 1998). É bem distribuída na região Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil (QUEIROZ, 2013). Parte usada - Sementes. Uso - para problemas de circulação, para evitar derrame, osteoporose, mal de Parkson, corrigir defeitos provocados por derrames, alergia, para acalmar os nervos em crises de epilepsia, pressão alta, depressão, artrose (coloca-se o miolo de 21 sementes em um litro álcool de cereais. Deixa-se macerar durante 9 a 10 dias. Coa-se. Toma-se 15 gotas, duas vezes ao dia. Ou rala-se a semente e coloca-se em água fervendo ou tira-se o miolo de 10 sementes, torra-se por 30 minutos, transforma-se em pó. Usa-se uma grama, em um copo de água fervendo. Mexe-se bem. Deixa-se esfriar. Toma-se aos goles durante o dia. Usa-se por um período de 5 a 6 meses). Usa-se a semente, em um cordão em contato com a pele, para a pressão alta, asma, bronquite. Usa-se também a semente para espantar formigas.

Nome popular - assa-peixe, assa-peixe branco, cambará-branco, chamarrita, mata-pasto. Nome científico - *Vernonanthura tweediana* Baker /Fitogeografia - nativa da América do Sul (HASSEMER; TREVISAN, 2012). Parte usada - folha e raiz. Uso - em gripes, tosse, bronquite, hemorroidas, afecções do útero (banhos), dores no peito e nas costas, amarelão (raiz). A raiz em cozimento para estancar o sangue, desfazer golpes e machucaduras.

Nome popular - erva-moura, pimenta-de-galinha, maria-preta, maria-pretinha. Nome científico - *Solanum americanum* Mill. / Família - Solanaceae. Fitogeografia - nativa da

América. No Brasil, distribui-se desde o Nordeste até o Sul. É frequente em lavouras anuais e perenes, pomares, jardins, terrenos baldios, campos, pastagens (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folhas, frutos e raízes. Uso - em hemorroidas, folhas frescas e machucadas sobre feridas e úlceras (lava-se a ferida com chá), furúnculos, queimaduras. Banho das folhas para dores reumáticas, urina presa (cataplasma), problemas de pele, problemas de útero e ovário, para vermes, em casos de diarreia.

Nome popular - urtiga, urtiga branca. Nome científico - *Urtica dioica* L. / Família – Urticaceae. Fitogeografia - nativa da Europa. Subspontânea ou cultivada principalmente nas regiões sul e sudeste do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas, raízes, brotos. Uso - como depurativa, para furúnculos, queda de cabelo e caspa, diarreia, hemorragia do útero e nariz, hemorroidas, artrite, tosse, como diurética, para incontinência urinária, para úlceras e feridas, para sarampo, para aumentar o leite materno, para pressão alta, inflamação da boca e gengivas, circulação (em fricções), frieiras, doenças de pele, para combater radicais livre, para anemia e diabetes.

Nome popular - avelós, pau-pelado, cega-olho, pinheirinho, dedinho. Nome científico - *Euphorbia tirucalli* L. / Família - Euphorbiaceae. Fitogeografia - originária de Madagascar. Amplamente cultivada no Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - látex dos ramos. Uso - em verrugas, calos, para câncer e sífilis. Coloca-se em um copo de água uma gota do leite puro e toma-se um terço de manhã, outro terço ao meio-dia e o restante a noite, durante uma semana. Na segunda semana, aumenta-se para duas gotas, na terceira para três gotas, e na quarta para quatro gotas. Depois, volta-se para 3, 2 até uma gota e recomeça-se novamente. Em uso externo, passa-se o leite diluído como descrito acima, duas a três vezes ao dia.

Nome popular - mentrasto, picão-rôxo, erva-de-são-joão, catinga-de-bode, erva-de-santa-lúcia. Nome científico - *Ageratum conyzoides* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - originária da América Tropical e naturalizada no Brasil. Encontrada em lavouras anuais e perenes, pomares e terrenos baldios. É planta cosmopolita, ocorrendo em mais de 46 países de clima tropical (PANIZA, 1997; CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - a planta toda. Uso - para rouquidão (ferve-se a planta com gema de ovo), tensão pré-menstrual (chá), angústia, stress, problemas de pele (sabonete e pomada), para apressar o parto (compressa), torção (escalda-pé), dor localizada, pulmão (xarope de duas xícaras de

água + 4 xícaras de açúcar + 2 colheres de sopa de menstrasto. Ferve-se até o ponto de xarope. Toma-se uma colher de sopa 3 vezes ao dia para adultos e uma colher de chá, três vezes ao dia para crianças). Usa-se ainda a planta para gases, febre, reumatismo (externamente), para diarreia, problemas de estômago (digestão), em garrafadas para miomas, com as plantas picão-preto, sensitiva e com cerveja preta. Usa-se em inflamações do colo do útero.

Nome popular - erva- macaé, rubim, cordão-de-são francisco. Nome científico - *Leonurus sibiricus* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - originária da China, Sibéria e Japão e naturalizada no Brasil, principalmente nos estados das regiões Sul e Sudeste. Ocorre principalmente em áreas cultivadas, pomares e culturas anuais (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta, principalmente folhas e flores. Uso - doenças de pele, erisipela (banho e compressas com o chá), resfriado, gripe, tosse, bronquite, coqueluche, febre, problemas cardíacos, dor de cabeça, colesterol, pressão alta, reumatismo, afecções do estômago e intestinos, vômitos, diarreias, inflamações externas e internas, males cardíacos, hemorroidas (banho de assento), varizes (lava-se as pernas com o chá).

Nome popular - cipó-mil-homens, jarrinha, cipó milome. Nome científico - *Aristolochia triangularis* Cham. &Schldt. / Família - Aristolochiaceae. Fitogeografia - nativa do Brasil, principalmente nas regiões sul e sudeste até a Bahia, em florestas e capoeiras (LORENZI; MATOS, 2002). / Parte usada - caule, raiz. Uso - gripe, infecção, estômago, fígado, baço, rins, intestino, para reumatismo, problemas de coluna, dor ciática, coração, como depurativo do sangue, vermes (com suco da raiz), histeria, convulsões epiléticas, feridas (pó), cólicas, diarreia, para normalizar a menstruação, como tônico e estimulante. Em feridas e eczemas, se utiliza em compressas (ferve-se uma colher de chá do caule em um litro de água por 15 minutos. Coa-se, deixa-se esfriar e aplica-se sobre a região afetada).

Nome popular - verbasco, caução-de-velho, barbasco, calça-de-velho. Nome científico - *Buddleja stachyoides* Cham et Schltdl. / Fitogeografia - ocorre desde as Guianas até Argentina. No Brasil é encontrada nas regiões Sudeste, Sul, Centro-oeste e Nordeste do Brasil (FERREIRA, 1988). Família – Scrophulariaceae. Parte usada - folhas, raízes e flores. Uso - gripe, tosse, catarros, artrite, hemorroidas (banhos), bronquite, disenteria,

asma, como cicatrizante (pó das folhas, febres, intestinos (lavagens), estômago, reumatismo (banhos), úlceras, tumores, caxumba, infecção da garganta (flor em gargarejo), verrugas (suco), insônia (chá), dores de ouvido. Prepara-se a flor em vidro com azeite de oliva. Deixa-se ao sol 7 a 9 dias. Usa-se em inflamações, contusões, dores de ouvido. Faz-se xarope da planta, misturada ao coração da bananeira, para tosse e catarro.

Nome popular - feijão guandú, feijão-de-árvore. Nome científico - *Cajanus cajan* (L.) Huth. / Família - Fabaceae. Fitogeografia - originária provavelmente da Índia, cultivada em quase todo o Brasil, sendo planta de clima tropical e subtropical, com melhor desenvolvimento em climas quentes e úmidos (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folhas e flores. Uso - usam-se as folhas para combater hemorragias, para inflamações, como diuréticas, em problemas de estômago, como depurativo do sangue, para alergias, problemas nas gengivas, dor de dente, corrimentos. Usam-se as folhas externamente para curar feridas e úlceras. As flores são usadas para problemas de respiração e fígado. Das folhas, faz-se chá por infusão, com 25 a 30 folhas por litro de água (como depurativo e diurético, principalmente). Das flores, faz-se chá por infusão com duas colheres de chá para uma xícara de água (principalmente para problemas de respiração e fígado). Em uso externo se faz chá por decocção, e usa-se em gargarejos ou bochechos em caso de problemas de garganta, estômago, gengivas e dentes. Para feridas e úlceras, usa-se o chá por decocção na forma de banhos.

Nome popular - romã. Nome científico - *Punica granatum* L. / Família - Lythraceae. Fitogeografia - originária da África. No Brasil, é mais cultivada no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - cascas do fruto, do caule, raízes e sementes. Uso - para infecções do útero e ovário, problemas de próstata. Usa-se preparar uma garrafa de vinho branco seco + 4 romãs maduras com cascas e sementes. Bate-se no liquidificador, coa-se e toma-se duas a três colheres por dia. Usa-se as folhas da planta, quando não tem os frutos. A regra popular, é usar uma folha para cada ano, conforme a idade da pessoa. Usa-se em caso de diarreia, o chá da casca seca, usa-se para infecção da garganta, gengivas inflamadas (gargarejos da casca), cólicas intestinais, problemas de estômago, febre, hepatite (para eliminar o vírus): uma colher de sopa de hortelã + meia colher de sopa de casca de romã para uma xícara de chá. Toma-se uma xícara por dia em jejum. Usa-se para vermes (solitária) - 60 g de cascas da raiz para um litro de água. Ferve-se até reduzir à metade. Toma-se em 3 vezes, de meia em meia hora.

No caso de inflamações da boca, chupa-se pequenos pedaços da casca do fruto, lentamente, ou faz-se bochecho, gargarejo, lavagem ou compressa com uma colher de sopa da casca do fruto para um copo de água. Para vermes, cozinha-se 40 a 60 gramas do fruto (casca), do caule ou das raízes em um copo de água. Divide-se e toma-se 3 vezes, no mesmo dia. No dia seguinte, toma-se um laxante para expulsar os vermes mortos.



Figura 14. Boletins de plantas medicinais, produto dos encontro do GEUPLAM, durante o primeiro ciclo do processo

4.2.2 Entrelaçando os Fios da Segunda Reflexão e Análise Crítica

Nos primeiros passos do processo as mulheres do Sul de Santa Catarina, em interação com os representantes da Universidade, criam juntos uma metodologia de sistematização de encontros para estudo de plantas medicinais e outros debates mais amplos.

Participam desta forma, da construção do conhecimento de forma conjunta, sendo inclusive co-autoras do produto gerado, na forma de boletins informativos. Através da

prática transdisciplinar, como acentua Patrício (1991,1995), acontece a possibilidade de redirecionamento da compreensão-ação da realidade através da integração do saber profissional, de diferentes disciplinas, com o saber popular.

Em etnobotânica, a forma mais usual do retorno do saber construído pelos cientistas, tem sido a devolução dos dados da pesquisa sistematizados na forma de cartilhas, painéis expositivos, folders e similares (Fonseca; Kruel; Peixoto, 2006), mas não tem sido rara a participação de membros das comunidades entre os autores de materiais de uso para as próprias comunidades.

No caso das mulheres, estas têm como já anteriormente comentado, participado na construção do conhecimento desde o início do processo, e a co-autoria em relação aos conhecimentos gerados, das espécies de plantas medicinais por elas utilizadas, valoriza estes conhecimentos em igualdade com as dos pesquisadores. Estabelece-se assim uma troca.

Chechetto (2003), destaca a **troca de saberes entre técnicos (atitude interdisciplinar) e a troca de saberes científicos e populares (atitude transdisciplinar)**, onde existe a disposição da equipe em interagir com outros técnicos e a comunidade a partir da compreensão de uma ciência em transformação. Uma ciência, que aborda as questões sob todos os olhares e pontos de vista. Dialogando com o próprio conhecimento de senso comum, este mesmo conhecimento que segundo Santos (1987) considerou-se superficial, ilusório e falso, para poder construir-se.

Esta prática traz em si seus desafios, como visto nos relatos dos participantes do primeiro encontro do GEUPLAM, quando falam da dificuldade de sair dos “compartimentos” aprisionantes da formação disciplinar e se expor; da necessidade de se vincular a sentimentos de humildade, tolerância, afetuosidade e respeito. Ela implica no reconhecimento da existência de vários níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, como preconiza o artigo 2 da Carta da transdisciplinaridade (1994) e que é inerente à atitude transdisciplinar.

Implica também, de acordo com o artigo 14 da Carta da Transdisciplinaridade, no rigor da argumentação, que leva em conta todos os dados, sendo a melhor barreira para possíveis desvios; na abertura para a aceitação do desconhecido, inesperado e imprevisível e tolerância como reconhecimento do direito às idéias e verdades a princípio, contrárias as nossas.

Herrero, Cembranos e Pascual (2011) constataam que os saberes que nos fazem mais conscientes e capazes de viver em interdependência com a terra, os saberes vernáculos, os conhecimentos populares, isto é, os mais próximos a sustentabilidade, na maioria das vezes ficam fora do curriculum escolar oficial, que se ocupa em transmitir conteúdos favoredores da insustentabilidade. Na opinião destes autores, se aprende a história do poder e dos exércitos, mas não a história verde do mundo das mulheres, se estudam as possibilidades da investigação agroquímica, mas não os métodos da agroecologia, se estuda em matemática os cálculos de interesse e das porcentagens da ganância, mas não a proporção de repartição da propriedade.

De modo geral se aprende a cultura da insustentabilidade que oculta um futuro mais que previsível, que venera a tecnociência sem advertir seus riscos e se insensibiliza aos limites sobrepassados do planeta. Consolida-se desta forma, conhecimentos que servem a um desenvolvimento questionável e a deslegitimação dos saberes populares, que facilitam a sustentabilidade.

Nos primeiros encontros organizados pelo GEUPLAM, uma característica importante se imprime, revelando-se a **ética do cuidado**.

Segundo Puleo (2011) a discussão teórica sobre a ética do cuidado, é compartilhada por várias correntes que fazem parte do ecofeminismo. Pensadoras como Carol Gilligan, Ruddick e Noddings defendem que as virtudes do cuidado, associadas com as práticas femininas ou “de amor atento” podem ser transmitidas e ensinadas aos homens. Ressaltam sua importância na melhoria da convivência no âmbito público, conectando-se com o pacifismo. Estas pesquisadoras exigiram que estas virtudes fossem consideradas seriamente na teoria moral.

Segundo Herrero, Cembranos e Pascual (2011) ética do cuidado é um exercício básico para a sustentabilidade, recriando espaços vivos deteriorados, cuidando e reabilitando relações humanas para atender a rede da vida.

Para os autores, não são comuns as experiências conscientes ou sistematizadas de valorização dos cuidados tendo sido estes, que significam a base da vida, obscurecidos pela cultura patriarcal. Para os mesmos autores, não há equidade possível, em sustentabilidade, sem participar todos e todas nos trabalhos de cuidado. A cultura do cuidado terá que ser resgatada e servir de inspiração central a uma sociedade social e ecologicamente sustentável.

Esta ética, cultivada nestes pequenos espaços de prática transdisciplinar, se expande para um âmbito maior, à medida em que o GEUPLAM participa na organização coletiva mais abrangente, como no caso da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais aliando em sua construção, a energia sutil do feminino, do amor, nas atividades. Aliando também, a arte, a linguagem poética, afetuosa e simbólica.

A partir do espaço de participação transdisciplinar construído no GEUPLAM, as mulheres ampliam seu poder de decisão de acordo com a ampliação de conhecimentos. Ampliam também a visibilização, participando em uma esfera mais ampla, politicamente, nos níveis regional e estadual. Seja participando nos Fóruns de Saúde, seja participando com a presença e voz durante a I Jornada Catarinense e colaborando na Fundação da Associação Catarinense de Plantas Medicinais. No âmbito econômico, através do conhecimento, colaboram também para sustentabilidade de suas atividades, através da venda dos boletins informativos.

Segundo Lagarde (1999) o empoderamento implica uma participação política em que as pessoas possam influir nas decisões que envolvem suas próprias vidas e a do coletivo.

Para a autora, o paradigma do desenvolvimento humano conduz de maneira necessária a perspectiva de gênero, indo além de acrescentar as mulheres a um mundo prático e simbólico pensado sem elas, nem de agregá-las a tudo o que se planeja com a frase mágica “ênfase de gênero”. Mas sim, compreender que o desenvolvimento humano deve ser criticado, transformado, reconstituído e resignificado a partir do paradigma cultural do feminino. Resignificando a humanidade patriarcalmente mutilada por sua definição simbólica excludente de gênero e por sua organicidade social de dominação, com a constituição de homens e mulheres em igualdade, no direito de construir alternativas de vida e desenvolvimento em processos de grupos e movimentos, que não exclusivamente de mulheres, senão mistos. Desta maneira, colocando as mulheres e suas vozes nos espaços, a fim de legitimar entre elas, e com os outros, sua própria causa e convertendo em uma causa universal, de interesse primordial para todos. Desta maneira, complexos processos vão se encontrando prática, política e culturalmente, na invenção do paradigma de desenvolvimento humano sustentável.

Na visão de Lagarde, não faz muito tempo que as mulheres têm sido conceitualizadas em sua especificidade como sujeitos da história, rompendo com a representatividade universal masculina. A modernidade foi pensada por homens a partir de

suas necessidades e seus interesses, sendo as mulheres representadas e pensadas por eles. Só no final último do milênio, as mulheres têm criado redes visíveis e invisíveis de sua reconstrução social, cultural e política, deixando de buscar suas referências nos símbolos androcêntricos da humanidade para iniciar seu conhecimento, valorizá-lo e visibilizá-lo e desde esta posição simbólica, distanciar-se da ordem patriarcal. A constituição de mulheres em sujeitos políticos produz um dos fenômenos contemporâneos de maior importância: a força política construída por mulheres, que se potencializa. Partindo de suas casas, ao grupo de mulheres de seu povo ou de seu bairro e aí de reuniões nacionais e internacionais, onde quer que vão, as mulheres aderidas a estes processos portam mensagens, idéias e valores antipatriarcais, renovam espaços tradicionais e criam novos espaços.

Nesse caminho, de maneira decidida e com suas próprias propostas, as mulheres têm se colocado a favor do desenvolvimento e da democracia.

Mas, criar estes espaços democráticos de participação, estando presentes em lugares onde se tomam as decisões, exercitando poder político, se fazendo “visíveis”, inicialmente, não foi uma tarefa simples para as participantes do GEUPLAM. Implicou em adentrar estruturas permeadas pela cultura de competitividade e gerando conflitos de interesse. Estruturas com uma cultura política patriarcal, com organizações rígidas e formatos androcêntricos.

Isto confere com o que constata Lagarde (1999), de que a maneira que as mulheres têm se incluído em processos permeados pela modernidade, tem sido a partir de pressões e ações de milhões de mulheres e quantidade de homens e instituições, organizações e movimentos progressivamente avançados.

Como destaca Cruz-Souza (2012), na sociedade se visibiliza especialmente as características e habilidades femininas vinculadas à legitimação da divisão sexual do trabalho, sendo as mulheres educadas principalmente para a vida doméstica e o cuidado aos demais, limitando-se sua participação no âmbito público e em atividades socialmente reconhecidas.

Resulta então, como parte dos mecanismos do patriarcado, um longo período de completa ausência das mulheres nas políticas e programas públicos, tendo os homens como os representantes dos interesses e necessidades de toda a sociedade.

Desta forma, para Cruz-Souza (2012), aplicar o enfoque de gênero não é uma tarefa fácil e frequentemente encontra muitas resistências, porque contradiz com a ordem patriarcal na qual todas e todos fomos socializados.

Assim, a perspectiva de gênero exige uma reflexão e uma formação permanentes, para ir encontrando alternativas à organização social tradicional, e ir rompendo as inércias que assumem as hierarquias e o princípio de autoridade masculina.

Implica uma mudança profunda, ainda que lenta, para tomar as rédeas da própria vida e da coletividade, praticando a cidadania em uma sociedade que se constrói coletivamente, com relações de poder mais equitativas.

4.2.3 Entrelaçando o Fio do Bordado do Segundo Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2000 e 2001: Do Protagonismo Feminino à Busca de Novos Modelos para o Desenvolvimento, Integrando Ciência, Arte, Cultura e Espiritualidade em Redes

A entrada em um Novo Milênio é inaugurada na primeira quarta-feira do mês de abril de 2000, para o grupo de mulheres, com o estudo da planta medicinal chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltr.) Micheli). O grupo, após a II Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, passa a participar de reuniões a nível Estadual, para a Organização da Associação Catarinense de Plantas Medicinais (Figura 15).

O encontro do Mês de maio de 2000 é marcado pelo estudo da salsaparrilha (*Smilax* sp.) e o Grupo oferece, através da Universidade, um Curso de Extensão chamado “Cultivo e Uso de Plantas Medicinais”, aberto ao público em geral (Figura 16).



Figura 15. Encontro do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais na Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão/SC (Foto: Gisele Mara Hadlich)



Figura 16. Participantes de Curso de Extensão “Cultivo e Uso de Plantas Medicinais” organizado pelo Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais para a Região Sul de Santa Catarina (Foto: Gisele Mara Hadlich)

Neste mês, mais um passo importante da organização a nível estadual é dado, incluindo a participação deste grupo. A Associação, a partir do empenho de seus participantes, preenche o número de vagas para a instalação da Câmara Setorial de Plantas Medicinais junto ao Conselho de Desenvolvimento Rural, na Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural (CHECHETTO, 2003).

De junho a novembro do ano 2000, os encontros são para o estudo das plantas medicinais: folha-de-fortuna (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.), trapoeraba (*Tradescantia* sp.), maria-sem-vergonha (*Impatiens walleriana* Hook. f.), alpiste (*Phalaris canariensis* L.). Na Universidade, o trabalho é amplamente divulgado (Figura 17).



Figura 17. Divulgação sobre as reuniões do GEUPLAM para o estudo de plantas medicinais no Jornal da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Encerra em outubro de 2000, o Curso de Extensão, "Cultivo e Uso de plantas Medicinais", organizado pela Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais e oferecido pela Diretoria de Extensão e Integração Universitária da UNISUL. Além da parte técnica, os participantes elogiaram o espírito de união propiciado durante o curso, com a utilização de técnicas de harmonização e sensibilização que visavam humanizar as atividades.

É também em outubro de 2000 que iniciam-se as reuniões da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, embora tenha sido instalada em maio do mesmo ano (Figura 18). A Pastoral da Saúde- Regional Sul IV conquista representação nesta Câmara, juntamente com a Universidade Federal de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Saúde, Universidade do Estado de Santa Catarina, Fundação Universidade de Blumenau, Universidade do Vale do Itajaí, Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina, Fundação de Amparo e Tecnologia ao Meio Ambiente, Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina, Associação Ecológica do Sul Catarinense e Conselho de Ensino Agrícola de Camboriú.

A Lei Agrícola de Santa Catarina foi que geriu os artigos das Câmaras Setoriais junto ao Conselho de Desenvolvimento Rural (CEDERURAL). Conforme o artigo 6, o Cederural é paritário por ato da Secretaria da Agricultura e do Desenvolvimento

Rural, publicado no Diário Oficial. Une assim, entidades públicas e privadas para constituir-se num órgão de consenso através de grupos de trabalho. As Câmaras são espaços de debates para o desenvolvimento das áreas que se propõem (SILVA, 2001).

Desde a I Jornada Catarinense de Plantas medicinais em 1998, que definiu como uma de suas moções, a implantação da Câmara, almejava-se a sua implantação, já que existia uma única Câmara de Plantas Ornamentais e Medicinais e compreendeu-se que eram áreas diferentes quanto a seus objetivos. A Coordenação da Câmara ficou a Cargo de uma mulher, pesquisadora e participante do Grupo de Estudos e Utilização de Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina - GEUPLAM. O poder e a responsabilidade do Grupo aumentavam.

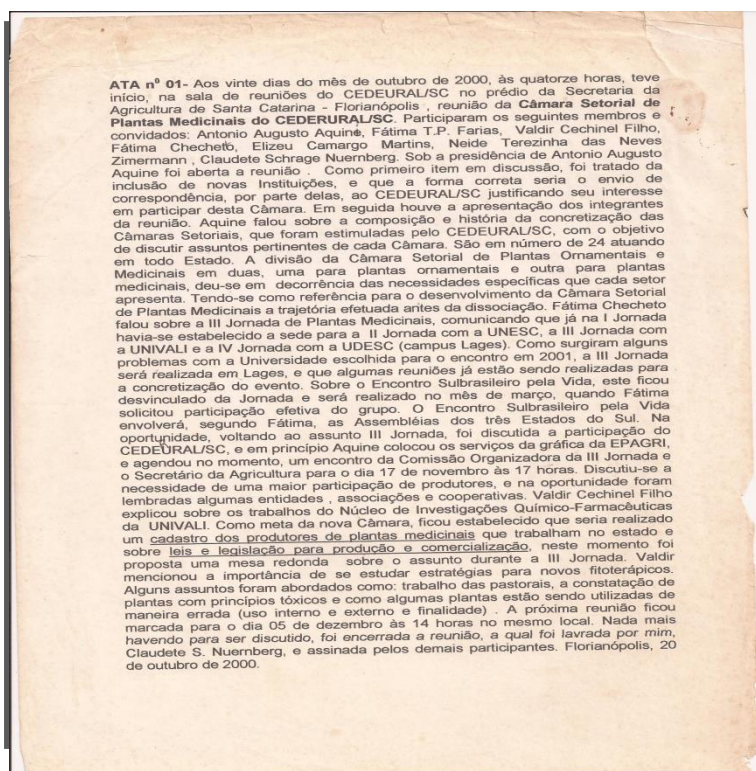


Figura 18. Ata da primeira reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais – Conselho de Desenvolvimento Rural - Secretaria De Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - Santa Catarina.

A diversidade de áreas do conhecimento dos representantes que faziam parte da Câmara em torno da temática era grande: biólogos, agrônomos, produtores, pedagogos, enfermeiros, economistas, farmacêuticos, representantes de entidades governamentais e não governamentais e universidades, com ideologias e interesses múltiplos. Porém, a aproximação se dá, na tentativa de um objetivo comum: a melhoria da saúde da população através das plantas medicinais em um exercício da diversidade na unidade.

Mas, o desafio neste ambiente com histórico de controle e poder, marcados pela visão patriarcal é considerável, como relembra um dos participantes da Câmara:

“... faz parte da trajetória das instituições públicas em Santa Catarina, fatores de dominação secular de oligarquias, interferindo na ampliação da democratização dos Conselhos...para os governantes, o CEDERURAL é visto como um fórum para aconselhamento e não para compartilhar decisões coletivas. A restrita representatividade do Conselho facilita o consenso, de modo que muitas vezes tem funcionado como um espaço de legitimação dos programas governamentais, sendo que a transformação de um modelo convencional muitas vezes incorre em conflitos e disputas de concepções e projetos. Alia-se o fato de que é um Conselho operado pelo Governo (presidido pelo Secretário da Agricultura), com sede e funcionamento junto à Secretaria da Agricultura...os assuntos deliberativos nas Câmaras são remetidos ao CEDERURAL para apreciação (Eng. Agrônomo. Secretário Executivo do Conselho de Desenvolvimento Rural. Secretaria de Estado da Agricultura de Santa Catarina).

O grupo estava ciente que, dentro desta estrutura, poderiam surgir conflitos e problemas em função da necessidade de se buscar abertura democrática, calcada em novos valores nos quais vinha se conduzindo a organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina.

E logo nos primeiros encontros dos representantes da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, desencadeia-se uma situação que coloca em confronto a velha forma de se ver o mundo, baseada no antigo paradigma, e a nova visão que vinha sendo construída. Um economista e um agrônomo comunicam que propuseram ao Estado, um programa de plantas medicinais como segue:

“...um programa que financie uma empresa que seja como um organismo de produção integrado, onde além de fiscalizar quimicamente e sanitariamente as plantas medicinais existentes no mercado, crie um selo de qualidade confiável, além de financiamentos para diversos setores da área. Vemos como apoiadoras, as universidades”(Economista. Autônomo).

Os proponentes do Programa, solicitam que o mesmo fosse discutido na Câmara, numa próxima reunião.

Enquanto o grupo organizava a Câmara Setorial de Plantas Medicinais, surge a proposta de participação da Associação Catarinense de Plantas Medicinais na construção de uma Rede formada por organizações governamentais e não governamentais dos 3 estados do Sul do Brasil, pretendendo articular esforços conjuntos.

A Rede é ativada a partir da Comissão de Saúde e Meio Ambiente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, que congrega a seguir, a Comissão de Saúde e Meio Ambiente dos Estados de Santa Catarina e Paraná.

Para ativação da Rede acima referida, nos dias 28, 29 e 30 de março de 2001, acontece na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, em Florianópolis, o “I Encontro da Rede Sul Brasileira pela Vida - Plantas Medicinais”, o que representa uma ampliação dos níveis de participação, da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais, que iniciara em 1996, incluindo o GEUPLAM.

E é neste espaço, que o confronto entre as velhas e novas formas de construção de caminhos que conduzem ao desenvolvimento, se faz mais visível.

O Programa Estadual de Plantas Medicinais, levemente discutido nas primeiras reuniões da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, é apresentado durante o evento, como em andamento, inclusive já tendo acontecido o lançamento pelo Secretário da Agricultura.

Esta apresentação, gerou muitos descontentamentos, relacionados ao velho paradigma, onde as decisões são tomadas sem a participação da maioria, como foi expresso nesta fala: *“... qual a participação dos movimentos sociais, como Pastoral da Saúde, na elaboração do Programa? E as associações de agricultores? Universidades?”* (Deputado Estadual. Assembléia Legislativa de Santa Catarina).

A Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, toma a palavra explicando:

“... estas entidades e muitas outras se fazem presentes na Câmara Setorial de Plantas Medicinais instaladas em Santa Catarina, e mesmo sendo o Programa uma importante iniciativa governamental, a reconstrução do mesmo, deveria acontecer de forma participativa, nesta Câmara” (Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e Câmara Setorial de Plantas Medicinais).

A partir deste acontecimento, mobilizam-se vários representantes da Câmara Setorial, que se posicionam quanto ao Programa, e outros representantes de entidades ainda não participantes procuram informações sobre como integrar-se. Gera-se assim, um maior engajamento e participação na construção do processo.

Após o evento Sul Brasileiro pela Vida, a Câmara Setorial se reúne novamente em 06 de maio de 2001, sendo que o Grupo de Mulheres acompanha e participa de todas as discussões, através da representação das entidades na Câmara e nas reuniões das primeiras quartas-feiras dos meses de novembro de 2000 a maio de 2001, com as plantas: calêndula (*Calendula officinalis* L.), penicilina (*Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze), cambará (*Lantana camara* L.) e vinagreira (*Hibiscus acetosella* Welw. ex Hiern).

A reunião da Câmara Setorial de maio de 2001, conta com novos representantes de entidades mobilizadas a partir do I Encontro Sul Brasileiro Pela Vida - Plantas Medicinais. Discute-se o papel da Câmara e a importância da gestão de políticas públicas, através de instâncias de democracia participativa. Outro o assunto a ser discutido é o Programa de Plantas Medicinais proposto na última reunião. A Coordenadora da Câmara, abre a discussão, sugerindo:

“...compreendo que a construção deste programa deva ser reavaliada. Deve ser uma construção participativa, envolvendo uma equipe inter-transdisciplinar e interinstitucional” (Engenheira Agrônoma. Coordenadora da CSPM).

Os participantes opinam: *“o programa envolve a área de medicamentos, e o enfoque quase exclusivamente voltado ao mercado”* (Socióloga. Representante de Universidade na CSPM).

“...desde 1998, quando da organização da I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, tem sido feito um trabalho intenso para congregar várias instituições e

peças individuais no Estado, passando pela Organização da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e Câmara Setorial de Plantas Medicinais. Porém, o Programa em análise foi lançado sem a participação em sua construção destes vários representantes, que lideram trabalhos práticos em várias regiões de Santa Catarina e que necessariamente terão que se envolver na concretização do Programa” (Biólogo, Representante de Entidade Governamental na CSPM).

“...por envolver a área de saúde, o programa necessita de profissionais desta área em sua construção, e também a participação de representantes da Secretaria de Saúde. E isto o Programa não contempla...” (Farmacêutico. Representante de Entidade Não Governamental da área de Saúde e Meio Ambiente).

“...sinto falta do enfoque no setor social, principalmente na área de educação e promoção da saúde” (Farmacêutico. Representante de Universidade).

Ao final, conclui-se que o Programa deve ser reconstruído de forma participativa e interinstitucional. Considera-se que para a reconstrução do Programa o Secretário da Agricultura (Presidente do CEDERURAL) deva estar sensibilizado, quanto às discussões que envolvem a necessidade de reconstrução, comparecendo numa próxima reunião da Câmara, juntamente com os proponentes do Programa.

Sobre esta decisão a coordenadora da CSPM relembra:

“...Estávamos buscando, através do chamado da presença do Secretário da Agricultura, um caminho de transformação dos modelos de desenvolvimento. Trabalhar uma nova consciência, que inclui a construção coletiva e participativa” (Coordenadora da CSPM).

No encontro da primeira quarta-feira do mês de junho de 2001, estuda-se no GEUPLAM, a planta medicinal jurubeba (*Solanum paniculatum* L.), enquanto o grupo prepara-se e organiza-se para colaborar no processo de reconstrução do Programa Estadual de Plantas Medicinais.

Na Câmara Setorial de Plantas Medicinais, uma reunião com a finalidade de discutir a importância da reconstrução, com a presença do Secretário da Agricultura é convocada, ainda para o mês de junho. Há uma grande mobilização. Participam 34

representantes de entidades governamentais e não governamentais, entre eles: agrônomos, farmacêuticos, enfermeiros, pedagogos, médicos, assessores de deputados, produtores, historiadores, teólogos, geógrafos, artistas plásticos, sociólogos, administradores e o Secretário da Agricultura (Presidente do CEDERURAL), que participa no início da reunião sendo representado posteriormente pelo Secretário Adjunto.

Os convidados expõem suas reflexões sobre a importância da reconstrução do Programa:

“...vivemos um momento de mudanças do desenvolvimento convencional para um modelo sustentável, sendo que desta forma se faz necessário um Estado reinventado pela própria comunidade, já que o antigo modelo, não participativo, não tem dado conta de resolver os problemas econômicos, sociais e ecológicos...” (Engenheiro Agrônomo. Diretor de Planejamento. Representante de Entidade Governamental da Área Agrícola na CSPM).

“ ... como saídas para a tática do isolamento, precisamos praticar a partilha, a solidariedade. Ao Estado compete estar presente nas situações; mas não afastando a sociedade. O Estado ainda tem mantido seu papel autoritário, mesmo diante de todos os movimentos coletivos” (Teólogo. Representante de Entidade Não Governamental na CSPM).

As discussões vão se encaminhando no sentido de corroborar e aprofundar a visão da maioria do grupo sobre a importância da participação na construção de uma nova mentalidade, que inclui o exercício da democracia participativa, indo além da democracia representativa:

“... precisamos avançar para um estágio mais alto da consciência universal, a da democracia ecológico-social, que leve em conta a inte-relação de todas as espécies existentes no planeta e dos problemas como causa comum, pois todos têm a ver com a qualidade de vida e saúde do planeta” (Coordenadora da CSPM).

Os participantes demonstram preocupação em relação ao antigo modelo de desenvolvimento aplicado no cultivo de plantas medicinais em Santa Catarina.

“...por envolver ao mesmo tempo questões de saúde, valor econômico e qualidade de vida, lidar com plantas medicinais pode contribuir para com a promoção do desenvolvimento sustentável. Mas para que isto ocorra, as ações devem ser encaminhadas a partir não somente de razões econômicas, mas também sociais e ambientais. As pequenas propriedades no nosso Estado, encontram-se em dificuldades, justamente em função de um modelo de desenvolvimento que tem levado ao empobrecimento das famílias, à desigualdade, destruição ambiental e exclusão social. Para a reconstrução do Programa, quanto às questões de mercado, é importante entender uma nova forma de mercado. Um mercado justo e solidário, a partir do enfoque do desenvolvimento sustentável” (Coordenadora da CSPM).

Diante das considerações da reunião, o Programa é aberto à reconstrução, com o apoio do Secretário da Agricultura, cabendo à Câmara Setorial este trabalho (Figura 19).



Figura 19. Reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais - CEDERURAL - Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural de Santa Catarina para reconstrução do Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais. Florianópolis, SC, 2001 (Foto: Fatima Chechetto)

Enquanto as organizações para a reconstrução do Programa vão se estruturando, Associação Catarinense de Plantas Medicinais e Câmara Setorial de Plantas Medicinais congregam esforços, no sentido de organizar a III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. O evento estava previsto para setembro de 2001, sediado pela Universidade do

Estado de Santa Catarina, em Lages, com o tema: Amor pela Vida: sensibilidade, Ciência e Sabedoria.

Também é em maio de 2001 que surge, através do incentivo da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, a possibilidade de expansão da experiência de troca de conhecimento entre a Universidade e a Comunidade representada pelas mulheres da Pastoral da Saúde na Universidade do Sul de Santa Catarina.

Desde a II Jornada Catarinense, as próprias mulheres, agentes da Pastoral da Saúde, haviam sugerido tal expansão. E é neste sentido que surge a parceria entre o Grupo da UNISUL/Pastoral da Saúde/ Região de Tubarão e Grupo da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, reunindo os Cursos de Ciências Biológicas, Farmácia, Medicina e Pastoral da Saúde da Região de Criciúma/Regional Sul IV.

A UNESC vinha desenvolvendo há alguns anos, uma filosofia com o objetivo de impregnar suas ações com o espírito de solidariedade, de inclusão e abertura da academia para outras formas de conhecimento.

Assim, vinha implantando um Programa de Humanização, o qual, através de práticas não muito ortodoxas no meio acadêmico (yoga, meditação, tai-chi-chuan e outras), estava resultando em uma sensível melhoria nas relações interpessoais e na redução de conflitos comuns nos meios profissionais. Através do Programa, conseguiu-se estabelecer laços com vistas à transdisciplinaridade, aliando-se conhecimentos tradicionais que haviam sido descartados pelo mundo científico, vertentes milenares de caráter espiritual, perdidos na trajetória tecnológica e industrial. O programa neste sentido, objetivava resgatar a inteireza do ser humano, que a partir daí poderia estar mais harmônico nas relações sociais, expandindo a consciência de íntima relação com a Natureza, com o Planeta e o Cosmos consequentemente (Rodrigues 2001 apud CHECHETTO, 2003). Dentro deste espírito é que se estabeleceu a parceria.

A proposta de parceria UNISUL/UNESC/Pastoral da Saúde da região de Criciúma passa então a se tornar realidade em encontros mensais, na mesma abordagem transdisciplinar com a Assessoria do Grupo da UNISUL/Pastoral da Saúde da Região de Tubarão. Novos boletins, provenientes da parceria, seriam contruídos.

Um primeiro encontro ente a Equipe da UNESC e assessoria da UNISUL aconteceu no dia 27/05/2001, nas dependências da UNESC. Como a Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e pesquisadora participante do GEUPLAM - UNISUL estava desenvolvendo um mestrado em Saúde Coletiva com a intenção de analisar a

construção da Rede Catarinense de Plantas Medicinais em Santa Catarina, através de uma abordagem transdisciplinar, vislumbrou-se a partir da parceria uma oportunidade de se discutir outros assuntos, como vinha acontecendo no GEUPLAM em Tubarão.

A Equipe contou com a participação de uma socióloga, um agrônomo, dois biólogos, uma farmacêutica, dois médicos, dois bolsistas do curso de Farmácia - todos representando a UNESC.

Sugeriu-se no primeiro encontro, uma discussão sobre o pensamento de cada integrante a respeito de sua contribuição para a construção da parceria, a partir de uma visão transdisciplinar. Os participantes assim se manifestaram:

“...creio que minha contribuição seja colaborar para estabelecer um “link” entre intuição e razão, pois considero ambas importantes na área de plantas medicinais...aliás, creio que para a ciência estas duas funções são importantes” (Socióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...acho que neste grupo, precisaremos rever conceitos sobre ciência, métodos científicos...” (Médica, Professora do Curso de Medicina da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...dependendo da corporação em que se está e do entendimento de ciência, fica difícil aceitar a ciência de forma mais qualitativa...” (Socióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...trabalhei numa equipe de saúde e eu falava sobre plantas medicinais. Os médicos e outros profissionais da Equipe perguntavam: - Onde está o conhecimento sobre isto? ... tive que trazer livros...eles achavam que eram superiores...eu continuei humilde. Com o tempo a gente se entrosou. Hoje, eles respeitam o conhecimento que trago. Acho que minha contribuição no grupo é a de trazer meu conhecimento, respeitando o dos outros” (Bióloga. Professora da UNESC).

“...devido à minha formação de farmacêutico, tenho uma trajetória de pouco contato com o conhecimento intuitivo, mas não me incomodo, nem sou contra. Tem coisas que a gente está sempre descobrindo. Posso contribuir com informações científicas da área farmacêutica.” (Farmacêutico. Professor da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“... sou muito curiosa sobre conhecimentos populares. Não se pode erradicar este conhecimento. Ele é milenar. Posso contribuir com o grupo respeitando e também aprendendo, estando aberta ...Respeito muito os conhecimentos populares e também intuitivos. Nossa Universidade está se abrindo para o entendimento da física quântica, espiritualidade. É a oportunidade para que eu possa encontrar respostas e é com esta postura que pretendo contribuir com o grupo” (Bióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

Este encontro, antecedeu o primeiro estudo com a Comunidade sobre a planta medicinal folha-da-fortuna (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.). A planta foi escolhida pelas agentes de saúde, através da lista de plantas medicinais já estudadas pelo GEUPLAM. E nesta intenção, partiu-se para o primeiro encontro da parceria com a comunidade envolvendo integrantes da UNESC e assessoria da UNISUL.

Inicia-se o encontro com uma dinâmica, escolhida pelas agentes de saúde.

Começa-se então a discussão sobre a planta. As agentes haviam trazido, donforme o combinado outras plantas conhecidas por elas como folha da fortuna, além da espécie a ser estudada, anteriormente identificada.

As próprias agentes observaram algumas diferenças:

“...esta folha é diferente daquela. É mais grossa e tem pontas” (Mulher. Agente de Saúde in CHECHETTO, 2003).

Os conhecimentos técnico-científicos são neste momento, importantes:

“...esta planta com folhas menores e mais arredondadas tem o nome científico *Kalanchoe pinnata*, da família *Crassulaceae* e é planta que vamos estudar hoje. Já a outra, com folhas maiores, mais grossas e com pontas, é da mesma família - *Crassulaceae* - mas o gênero é diferente. Digamos que as plantas têm parentesco, e ela seria uma parenta próxima da planta que vamos estudar hoje. Só que o nome científico dela é diferente. Chama-se *Kalanchoe brasiliensis*” (Bióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

Esclarecida a identificação, partiu-se para os conhecimentos agronômicos, conhecimentos populares e uso.

Na parte relativa aos conhecimentos populares, foram anotados todos os depoimentos sobre o uso das plantas. Neste momento, procurava-se apenas ouvir, sem nenhum tipo de confronto com informações científica, como sempre aconteceu nos estudos através do GEUPLAM.

“Tem casos do uso do suco de folha-da-fortuna e couve...tomar durante 15 dias” (Mulher. Agente de Saúde in CHECHETTO, 2003).

Após os depoimentos das agentes de saúde, partiu-se para as informações científicas sobre a planta, na parte dos aspectos químicos, farmacológicos e terapêuticos.

Neste momento o farmacêutico e os médicos contribuíram mais expressivamente com o grupo, comparando e/ou fundamentando as informações populares trazidas pela comunidade, revelando dados sobre toxicidade.

Com duração de 3 horas, encerra-se o primeiro estudo da parceria. Outros encontros continuaram acontecendo de uma maneira independente do grupo de Tubarão, porém com base na metodologia e nos princípios de trabalho, conhecidos durante a parceria (Figura 20).

Após alguns meses da parceria, realizou-se uma reunião para avaliar os encontros e discutir sobre como o grupo estava sentindo o andamento da proposta, dentro da abordagem transdisciplinar:

“... acho que o nosso grupo...está fazendo um exercício para a prática da transdisciplinaridade.” (Médica. Professora do Curso de Medicina da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...acho que o exercício maior é a troca de conhecimento científico com o popular... a forma como se dá isto.. para mim é transdisciplinar” (Bióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“... penso que é possível transformar um pouco a visão de mundo através de certas temáticas. Certas temáticas como plantas medicinais contribuem para a mudança de

percepção de mundo. Principalmente para quem tem um embasamento científico convencional...desde a infância esta temática tem feito parte de minhas percepções através do conhecimento popular” (Socióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...fica claro para mim que o próprio tema plantas medicinais tem embutido questões transdisciplinares, pois tem em sua origem em tradições milenares e que fazem parte do dia-a-dia” (Médica. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...muitas vezes, no dia-a-dia, nós profissionais temos nos limitado a nossas áreas mais restritas. Isto tem gerado uma divisão, uma solidão até. Sinto que quando nos encontramos com a comunidade, treinamos retirar os limites formais em relação a entrar na área do outro. Mas, muitas vezes, ainda somos tímidos... o transdisciplinar tem um aspecto importante, que é a valorização do conhecimento intuitivo...mas muitas vezes este conhecimento intuitivo choca-se com o conhecimento racional...principalmente em termos de metodologia. Que método utilizar para organizar este conhecimento?” (Médica. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...a planta em si já é algo transdisciplinar. É muito complexa. Não é como um remédio sintético, que é uma coisa única. A planta contém em si física, química, história, cultura, folclore...Pergunto-me, se as as informações científicas que estamos discutindo não estão entrando em choque com os conhecimentos populares da comunidade” (Bióloga. Professora do Curso de Ciências Biológicas da UNESC in CHECHETTO, 2003).

“...eu entendo que o inter e o transdisciplinar são justamente para isto. Confrontar diferentes opiniões e visões e encontrar um ponto além, um objetivo comum a partir daí” (Socióloga. Professora da UNESC in CHECHETTO, 2003).

O grupo ia se estruturando, sempre inserido também, em um contexto maior, acompanhando os movimentos de organização da área de plantas medicinais no Estado de Santa Catarina, que se configurava na construção de uma Rede de relações envolvendo o tema.

No encontro do dia 04/09/2001, discussões que marcavam a troca de conhecimentos científicos e populares sobre toxicidade de plantas, já que este tema foi emergente, são aprofundadas:

“...temos observado a natureza em relação às plantas tóxicas...tem pássaros que não comem determinadas plantas...já tem o caso de uma borboletinha, que retira a substância e o pássaro vai comer a borboleta e fica intoxicado, morre” (Mulher. Agente da Pastoral de Saúde in CHECHETTO, 2003).

“...tem também o caso do eucalipto cheiroso. Deve ser tóxico em doses altas. As formigas não comem ele... as pessoas plantam ele para espantar as formigas” (Mulher. Agente da Pastoral da Saúde).

“... a natureza é sábia mesmo. Eu li num livro que o lagarto só ataca a cobra quando tem um pé de guaçatonga por perto. Aí ele se esfrega até se curar...porque a planta tem o poder contra o veneno de cobra e tem também poder cicatrizante” (Mulher. Agente da Pastoral de Saúde in CHECHETTO, 2003).

“...tem o organismo também...cada organismo reage diferente, em relação às substâncias tóxicas...tem que se conhecer” (Mulher. Agente da Pastoral da Saúde in CHECHETTO, 2003).

“...sim, depende do peso, idade, sexo...eu estou cansado de dar uma dose para os ratinhos, em minhas pesquisas e ele, morrem. As vezes morrem dez de uma vez só. É muito em função da dose” (Farmacêutico. Professor do Curso de Farmácia da UNESC in CHECHETTO, 2003).



Figura 20. Reunião entre representantes da UNISUL/UNESC e Comunidade/Pastoral da Saúde. Criciúma, Maio de 2001 (Foto: Assessoria de Imprensa da UNESC)

Enquanto esta ramificação da experiência do GEUPLAM se fortalece e toma seus próprio caminhos, o grupo-raiz continua seus estudos, que em agosto e setembro de 2001 inclui as plantas: fáfia (*Hebanthe eriantha* (Poir.) Pedersen), e yacon (*Polymnia sonchifolia* Poepp.).

Em agosto de 2001, a UNISUL, através do GEUPLAM e o Projeto de Plantas Medicinais, recebe o Prêmio Empresa Cidadã, destacando o compromisso do Grupo e perante a responsabilidade social com o desenvolvimento sustentável, buscando a melhoria de vida das populações da Região Sul de Santa Catarina e de outras regiões do Estado. Visibilidade que vem em boa hora, pois a Coordenadora da Câmara Setorial de Plantas medicinais recebia pressões de grupos de interesse em função da reconstrução participativa do Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais, como relembra:

“...na época, sendo Coordenadora da Câmara e representando a Universidade, tive que dar explicações ao Reitor do que estava acontecendo na Câmara Setorial. Eram muitas as pressões e ameaças, que colocavam em risco minha sobrevivência, meu trabalho” (Coordenadora da CSPM).

Na Câmara Setorial de Plantas Medicinais, a dedicação para a reconstrução do Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais era concretizada na organização de uma Comissão Inter-transdisciplinar e Interinstitucional.

A tarefa da Comissão era sistematizar as sugestões que os representantes da CSPM recolhiam junto às instituições que representavam as comunidades a que estas instituições tinham acesso. Para tanto, passou a se reunir semanalmente e seus trabalhos passaram a ser apreciados e aprovados em encontros mensais na Câmara Setorial de Plantas Medicinais.

A Câmara ampliava seu número de representantes oficiais, contando com o dobro da composição inicial. Agora, eram 27 representantes conforme o Diário Oficial de SC nº 16.702, resolução nº 003/2001/das/CEDERURAL: Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade do Oeste de Santa Catarina, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Sindicato dos Farmacêuticos no Estado de Santa Catarina, Organização das Cooperativas de Santa Catarina, Instituto Arco-Íris, Federação das Indústrias de Santa Catarina, Federação das Associações de Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina, Federação Catarinense de Municípios, Federação de Agricultura do Estado de Santa Catarina, Associação Catarinense de Planta Medicinais.

Lidava-se com a diversidade de instituições e conseqüentemente de visões e opiniões, bem como com a preocupação expressa pelo Poder Público (Secretário da Agricultura) em relação a demora na reconstrução do Programa. Porém, seguiu-se sempre acreditando que a aplicação prática de uma nova visão, poderia dar conta da resolução dos problemas para que se pudesse avançar no processo, como nestas discussões:

“...discuto aspectos relativos a metodologia no que se refere a ensaios clínicos e pré-clínicos para validar plantas medicinais ou fitoterápicos, baseados na alopatia. Considero que estão totalmente ancorados na visão cartesiana... é preciso lembrar os recentes alertas para produtos como “mercúrio” e “aspirina” e seus efeitos nocivos para a saúde, somente há pouco tempo constatados... conhecimentos tradicionais teriam um valor importantíssimo, com seus métodos pouco ortodoxos, na validação de plantas medicinais ou fitoterápicos” (Produtor. Representante de Indústria e Comércio de Plantas Medicinais).

“... não tenho conhecimento de sistemas tradicionais, por exemplo, que me ajudem a pensar nas possibilidades de modificar metodologias para a validação de plantas medicinais...nossa ciência ocidental é muito diferente, Por isso, acho que no Programa devemos enfocar a fitoterapia de acordo com a farmacoterapia moderna”(Farmacêutica. Representante da Universidade).

Eram estes, momentos de polêmica, onde pensamentos mais avançados em relação a novos paradigmas e pensamentos mais conservadores se chocavam. Procurava-se então, administrar as situações propondo-se caminhos alternativos:

“...podemos incorporar na parte do programa que trata de ensaios farmacológicos e toxicológicos sobre plantas medicinais, um item que trate da abrangência e limitações da fitoterapia, criando uma abertura para discutir e aprofundar estudos que visem à mudança de metodologias em função da necessidade de integração do sistema oficial de saúde com o tradicional, nesta área...” (Engenheira Agrônoma. Coordenadora da Câmara Setorial de Plantas Medicinais).

Outras falas, referem-se a dificuldades no âmbito dos relacionamentos profissionais, para a prática da fitoterapia:

“...sugiro que seja modificado, o termo “profissionais habilitados”, no programa... este termo surge em uma das metas, na parte que trata da capacitação de profissionais para a utilização da fitoterapia...parece delimitar que apenas médicos podem atuar...preocupa-me a falta de um quadro de profissionais médicos conhecedores da fitoterapia...e a relação deste profissionais com os outros...a mudança de mentalidade do profissional quanto às questões do processo saúde-doença e o trabalho em equipes...” (Socióloga. Representante de Universidade).

“... o médico alopata já está muito interessado no uso a partir dos conhecimentos tradicionais, mas tem muita preocupação com sua responsabilidade ao prescrever um medicamento fitoterápico, até porque o médico tem registro no CRM - Conselho Regional de Medicina - e qualquer situação que ocorra para os pacientes, a responsabilidade recairá sobre ele... há o temor na hora de encaminhar uma receita com seus registros... recentemente estou receitando plantas medicinais ou fitoterápicos, mas com muito cuidado e estudando sempre” (Médica. Representante de Entidade Governamental).

“... sugiro que ao invés de utilizarmos o termo “profissionais habilitados”, passemos a usar o termo “profissionais da saúde”, o que não estaria excluindo outros profissionais...” (Farmacêutico. Representante de Universidade).

Seguindo este ritmo, o esboço do Programa estava quase concluído, quando aproxima-se a III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, onde a intenção era fazer a divulgação do Programa reconstruído e Oficializá-lo através do Conselho de Desenvolvimento Rural Secretaria da Agricultura, juntamente com o envolvimento de outras Secretarias como a de Saúde, Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, e Educação.

No entanto, enfrentava-se a ausência da representação da entidade governamental proponente inicial do Programa e esta ausência era compreendida pela grupo, como a não assimilação da busca de um modelo de construção mais participativo e consequentemente mais sustentável.

Aproximava-se a data da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, que aconteceria em Lages, de 24 a 27 de setembro de 2001 promovida pela Universidade do Estado de Santa Catarina e Associação Catarinense de Plantas Medicinais. Foi a Jornada,

cuidadosamente construída pela União dos representantes da Câmara Setorial de Plantas Medicinais (Figura 21).



Figura 21. Folder da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.

De acordo com o tema: Amor pela Vida, Sensibilidade, Ciência e Sabedoria procurou-se reforçar a idéia de união e integração envolvendo elementos que marcassem o encontro. O objetivo era que não fosse apenas vivenciada uma Jornada externa, preocupada em explorar aspectos intelectuais e materiais, mas uma Jornada interior, com o intuito de tocar em aspectos profundos, aspectos do coração, da alma, despertando emoções individuais e coletivas. Sobre este intuito, relembra a Vice-coordenadora do evento:

“ através dos elementos transdisciplinares propostos, esperávamos que os conflitos ainda existentes em torno da reconstrução do Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais se harmonizassem, por conta da integração que aquela celebração da Vida pudesse emitir...pensamos, como em outras jornadas que já haviam acontecido, em utilizar a música, a poesia... também pensamos em incluir movimentos como pa kua, tai-chi-chuan, yoga e meditação. E pensamos na construção de uma oficina, com forte simbolismo de união, com profundas raízes femininas: uma colcha de retalhos de plantas medicinais” (Vice-coordenadora da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).

Esta intenção era materializada, na divulgação da Jornada, que assim apresentava-se:

“...É com imenso prazer que a Comissão Organizadora da III Jornada Catarinense de Plantas medicinais convida você para compartilhar uma celebração à Vida. Esta celebração será regada de muito Amor, Sensibilidade e Sabedoria. Como nos eventos anteriores, a III Jornada está sendo cuidadosamente preparada com o intuito de unir vários conhecimentos, integrando ciência, tradição, arte, poesia e beleza. Pretendemos, desta forma, não apenas tocar as mentes, mas os corações dos participantes. Para a capa do folder, escolhemos a colcha de retalhos, que conta um pouco da história das plantas medicinais em Santa Catarina. Vivenciaremos esta história, na oficina de construção coletiva desta colcha, durante os quatro dias de nossa jornada. Assim, através do Amor pela Vida, da Sensibilidade e da Sabedoria dos participantes, estaremos mais próximos da compreensão da linguagem das plantas medicinais” (Comissão Organizadora da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais)”.

A construção da colcha de retalhos foi orientada por uma historiadora e terapeuta. Durante o evento, os participantes recebiam pedaços de tecidos, onde iam pintando, tecendo ou bordando uma planta medicinal que teria feito parte de sua história. Enquanto realizavam este trabalho, suas impressões e lembranças eram comentadas e registradas através de fotos e gravações de suas falas. Ao final, os pedaços foram tecidos, formando um único trabalho. No encerramento do evento, a colcha é apresentada aos participantes.

Durante o evento, aproveitou-se para apresentar também, aos 540 participantes, incluindo autoridades do Estado, o Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais reconstruído.

O programa foi apresentado através de uma conferência da Coordenadora da Associação Catarinense e Câmara Setorial de Plantas Medicinais, que com o título “Transdisciplinaridade e Plantas Medicinais”, abordava a organização das áreas de plantas medicinais em Santa Catarina, dentro da concepção transdisciplinar.

A conferência além de situar o processo histórico da organização da área no Estado, destacando os elementos transdisciplinares, continha uma parte, que apresentava experiências que iniciaram ou surgiram durante o processo.

Como experiência inicial, destacava-se a formação da Equipe Transdisciplinar em Plantas Medicinais da Região Sul de Santa Catarina e a ação dos estudos com as mulheres da Pastoral da Saúde. Abordava a expansão da experiência, desde que as agentes da Pastoral da Saúde haviam procurado a direção da Universidade do Extremo Sul

Catarinense, com o intuito de se realizar um trabalho semelhante, resultando na parceria entre UNISUL-UNESC e Pastoral da Saúde.

Como nos eventos anteriores, mais de 100 agentes da Pastoral da Saúde participavam da III Jornada.

Outra experiência versava sobre a construção de um jardim de plantas medicinais para a promoção da saúde que surgira a partir das aulas de Botânica Aplicada à Naturologia, no Curso de Naturologia Aplicada da UNISUL (Figura 22).



Figura 22. Construção de jardim de cura de plantas medicinais. Florianópolis, SC
(Fotos: Fatima Chechetto)

A construção do jardim, foi realizada em um processo participativo, sendo os alunos de algumas turmas consecutivas da disciplina, os colaboradores. Os mesmos, uniam percepções intuitivas aos conhecimentos racionais para elaborar desenhos do jardim em formas simbólicas, distribuindo as plantas. Posteriormente, os jardins eram utilizados para práticas e vivências.

Ao final da conferência, a proposta do Programa de Plantas Medicinais reconstruído, que fora apresentado, foi acolhida com respeito e entusiasmo e tirou-se uma moção de apoio, vinda dos participantes do evento (Figura 23).

Neste momento, como relembra a então Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, se ampliava o nível de organização, do Estadual para o Nacional:

“...quando apresentamos o Programa de Santa Catarina, estava presente a Henriqueta Sacramento, Coordenadora da Associação Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterapia na Saúde e Serviço Público. Ela apresentou a Plenária a Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos, encaminhada pelo Ministério da Saúde. Verificamos que o programa Estadual estava em consonância com a Proposta. Sentíamos a conexão da nossa Rede Catarinense de Plantas Medicinais se ampliar através deste contato com o Movimento a nível nacional...em dezembro de 2001, aconteceria um Fórum em Brasília, para a discussão da Política Nacional de Medicamentos Fitoterápicos e Plantas Medicinais, e fomos convidados para expor nossa experiência” (Coordenadora da Câmara Setorial de Plantas Medicinais).

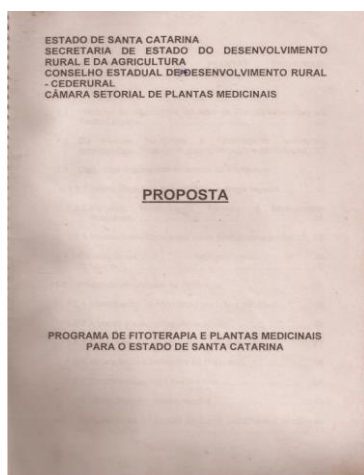


Figura 23. Proposta de Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais para o Estado de Santa Catarina construído participativamente por integrantes da Câmara Setorial de Plantas Medicinais.

A conexão da Rede, também ampliava-se através do contato com uma das palestrantes do evento que desenvolvia um trabalho em Lima - Peru. A mesma convidara, representantes da Rede Catarinense para apresentar a experiência em Lima, em julho - agosto de 2001.

A intenção do encontro em Lima era também, aprofundar a discussão sobre a criação de uma Rede Latino-Americana de Plantas Medicinais, dentro dos princípios da Abordagem Transdisciplinar.

O encerramento do encontro se dá em torno da colcha de retalhos construída no evento, como lembra uma das participantes (Figura 24):

“... várias pessoas, na maioria mulheres, contaram e teceram suas histórias sobre as plantas...este trabalho foi registrado por uma historiadora. O encerramento da Jornada foi com a apresentação da colcha, no meio de um grande círculo de participantes, ...demonstrava a importância da união, da participação e da contribuição de cada um, para a construção coletiva...esta colcha, deveria ficar em um memorial sobre a história da área de plantas medicinais em Santa Catarina” (Participante da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais).



Figura 24. Construção da colcha de retalhos de plantas medicinais durante a III Jornada Catarinense de Plantas Medicinas. Lages, SC (Fotos: David Anselmo Leandro)

Após a Jornada, os retornos do quanto o evento havia contribuído, através dos elementos transdisciplinares que estavam presentes, apareciam:

“sinto que a III Jornada vem trazendo uma idéia assimilada e respeitada desde a I Jornada Catarinense de Plantas Medicinais , com abordagem inter e transdisciplinar. O aspecto popular foi bastante valorizado” (Socióloga. Representante de Universidade).

“... as jornadas são eventos que vão culminando com os objetivos inter e transdisciplinares para a formação de uma rede. É quando a gente sente concretamente que se aproxima deste objetivo. Até superam-se as expectativas quanto a integração e respeito...” (Agrônomo. Representante de Universidade).

“...o conhecimento racional foi valorizado. Também a intuição... a colcha de retalhos...o teatro...as músicas, a presença dos indígenas...” (Médica. Representante de Universidade).

“...o encontro foi fantástico sob vários aspectos...principalmente por integrar desde a Pastoral até cientistas e administradores e ainda conceituar na forma de exposição este processo todo, de uma forma tão correta” (Médico. Representante de Entidade Governamental).

“... Gostaria de agradecer por tudo o que vocês vêm fazendo pela Saúde Pública de Santa Catarina e do Brasil. São exemplos como de vocês que nos motivam a perseverar numa área tão difícil...” (Farmacêutico. Representante de Entidade Governamental).

“....adorei estar com vocês. A Jornada é um evento belíssimo, que me tocou muito. Vendo iniciativas como a Jornada, fortalece-se em mim a crenças de que estamos caminhando para um novo tempo, onde o lado humano/sentimental das pessoas não será mais renegado nas relações de trabalho. O trabalho se transforma em conteúdo e grandeza quando está revestido deste sentimento tão falado, o amor. Vocês, na organização desta III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, conseguiram revestir tão bem tudo com esse sentimento. Parabéns pelo caminho que o grupo escolheu...” (Bióloga e Pesquisadora de Entidade Governamental. Palestrante).



Figura 25. Momentos da III Jornada de Plantas Medicinais. Lages, SC (Fotos: David Anselmo Leandro)

Após este fortalecimento proporcionado pelo encontro, retornou-se a continuidade das ações da Organização Estadual, com renovado senso de união.

No dia 22 de outubro de 2001, o Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais para o Estado de Santa Catarina foi encaminhado para apreciação no Conselho de Desenvolvimento Rural. Os Conselheiros deliberaram recomendar ao Presidente do CEDERURAL, o Secretário da Agricultura, apoio institucional ao programa, e envidar esforços para que as Secretarias de Saúde, Educação, Meio Ambiente, Fundação de Ciência e Tecnologia, também o apoiassem.

Após discussões em audiências Públicas na Assembléia Legislativa do Estado, discutiu-se sobre um projeto de lei que criasse o Programa, unindo esforços para sua elaboração, inclusive integrando deputados de partidos opostos.

Enquanto o projeto de lei era elaborado, a consolidação dos princípios de organização da área em Santa Catarina, na abordagem transdisciplinar ampliava-se. O grupo recebia convite para mostrar a experiência na Fundação da Sociedade Paranaense de Plantas Medicinais, falando sobre integração e parcerias interinstitucionais. A experiência passa a inspirar organizações em outros Estados.

O ano de 2001 encerrava-se com a participação no Fórum para discussão da Política de Medicamentos Fitoterápicos e Plantas Medicinais em Brasília, em 17 a 19 de dezembro (Figura 26 e 27).



Figura 26. Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos discutida em Fórum Nacional em Brasília, dezembro de 2001.

Este era um momento muito esperado por vários representantes de entidades que desejavam que as plantas medicinais e os medicamentos fitoterápicos fossem inseridos em uma política nacional. Sua realização, era vista como uma condição essencial para a formulação de políticas de saúde necessárias ao país diante da importância e o significado social, econômico e ecológico atribuídos as plantas medicinais.



Figura 27. Apresentação dos trabalhos da Associação Catarinense e Câmara Setorial de Plantas Medicinais no Forum Nacional para a discussão da Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos. Brasília, dezembro de 2001 (Foto: Mariângela Veiga)

Para os integrantes do GEUPLAM, o ano de 2001 também encerrava-se, tendo sido discutidas mais duas plantas medicinais, em outubro e novembro: barbatimão (*Stryphonodendron adstringens* (Mart.) Coville), mil-folhas (*Achillea millefolium* L.).

Em dezembro, o grupo dedica o último encontro a discussão de preparação para a participação do Fórum para a discussão da Política de Medicamentos Fitoterápicos e Plantas Medicinais, em Brasília. As mulheres, sentem que seus esforços e anseios em prol da utilização das plantas medicinais em Políticas Públicas, desde suas participações nos Conselhos regionais, Estaduais e Nacionais, estão tomando forma.

E, em mais dois anos de estudos, as edições do Boletim da Equipe iam se ampliando, como segue:

Nome popular - chapéu-de-couro. Nome científico - *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltr.) Micheli / Família - Alismataceae. Fitogeografia - nativa do Brasil. Ocorre em vários estados, principalmente em margens de rios, lagos, canais de drenagem, baixadas pantanosas (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folhas. Uso - reumatismo, usa-se como depurativo do sangue, alergias, psoríase, sífilis, calor de figo, estômago, feridas (lava-se), fígado, problemas nos rins, hérnia, problemas de pele (espinhas). Internamente usa-se uma xícara de chá de folhas picadas em um litro de água fervente. Deixa-se repousar 10 a 15 minutos. Coa-se e toma-se uma xícara de chá, duas a três vezes ao dia. Para problemas de pele faz-se infusão com uma xícara de chá das folhas picadas, para um litro de água. Deixa-se por 10 a 15 minutos em repouso. Coa-se e faz-se compressas ou lava-se a região afetada.

Nome popular - salsaparrilha, raiz santa. Nome científico - *Smilax* sp. / Família - Smilacaceae. Fitogeografia - existem cerca de 2000 espécies nacionais e estrangeiras do gênero *Smilax* difundidas pelas regiões quentes e úmidas do planeta, sobre tudo na América Tropical, principalmente México, Peru e Brasil. Vegetam em terrenos alagadiços ou úmidos, nas florestas, sob a copa das árvores (TESKI; TRENTINI, 1991; CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - raiz. Uso - usa-se a planta como desintoxicante: ferve-se 3 pedacinhos (3cm) de raízes em 9 litros de água (1 para cada 3 litros) durante vinte minutos. Toma-se 3 xícaras por dia. Para limpeza do sangue: usa-se a salsaparrilha em garrafada+alho+guaçatonga+cachaça ou salsaparrilha+quina+agrião+dente-de-leão. Para diabetes e colesterol - ferve-se 3 pedaços (3cm) de salsaparrilha em um litro de água. Usa-

se em banhos com duas colheres de sopa de raízes fatiadas em um litro de água. Deixa-se macerar uma noite. No dia seguinte esquentar-se e junta-se a água do banho. Fica-se em imersão durante vinte minutos. Envolve-se em uma toalha e fica-se uma hora em envolvimento úmido. Tira-se e deixa-se secar.

Nome popular - folha-da-fortuna, folha gorda, saião. Nome científico - *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers. / Família - Crassulaceae. Fitogeografia - planta de origem incerta. Acredita-se que seja das Ilhas Maurício ou da África (MARTINS et al., 1998). Adaptou-se muito bem ao Brasil, nascendo sub-espontaneamente, principalmente no litoral dos continentes e ilhas. Parte usada - folhas. Uso - usa-se para normalizar a pressão (ferve-se uma xícara de água e coloca-se uma folha. Deixa-se ferver um minuto. Desliga-se e abafa-se). Dores de cabeça (coloca-se folhas na frente). Expectorante (usa-se o chá ou o suco). Problemas nos pulmões (sumo). Dores em geral e hérnia (coloca-se a folha no local dolorido). Emagrecimento (come-se em saladas ou coloca-se uma folha em água fervente, tomando em jejum). Pedras nos rins, sinusite (passa-se o suco na região afetada). Olhos, catarata (pinga-se o sumo). Reumatismo, bursite, inflamação da boca, irritação do esôfago, digestão, gases (uma colher de chá duas a três vezes ao dia). Vermes, calafrios (uma colher de chá). Ferimentos (umedecer com bálsamo). Fístulas, verrugas, câncer, cicatrizes, sarampo, mordida de cães, inchaço, queimaduras, marcas de sarampo, ouvidos, artrite, artrose, cólicas, epilepsia (usa-se o bálsamo durante vinte dias). Para regular a menstruação, corrimento, dores-do-parto (uma colher de chá do bálsamo). Rins, coração, proteção contra infecções (20 gotas do bálsamo). Flebite (calor nos pés) - machuca-se a folha e coloca-se nos pés. Queimaduras no sol, micose de unhas (aplica-se a folha amolecida no vapor - troca-se a folha 5 a 6 vezes).

Nome popular - trapoeraba, olho-de-santa-luzia, ondinha-do-mar, erva-mijona. Nome científico - *Tradescantia* sp. / Família - Commelinaceae. Fitogeografia - cresce em várias regiões do Brasil. Parte usada - folhas e caule. Uso - usa-se para bronquite alérgica e infecção urinária em infusão (ferve-se dois galhos por dois minutos e toma-se uma xícara, 3 vezes ao dia). Faz-se banhos de assento com o chá. Usa-se na menopausa em saladas e infusão. Usa-se para baixar a febre, quando em problemas dos rins. Usa-se para rachadura nos seios e lábios (pomadas), no caso de impingem (suco), candidíase (banho de assento, lavagem com o chá), vitiligo, coceiras (suco das folhas), picada de insetos (borrachudos, aranhas, cobras) - usa-se as folhas em álcool. Usa-se para hemorroidas em cataplasmas.

Para frieiras e lesões na pele, para os olhos (sumo e compressa ou cataplasma, cobreiro (pomada, chá).

Nome popular - maria-sem-vergonha , beijo-de-freira, beijo-de-moça. Nome científico - *Impatiens walleriana* Hook.f. / Família - Balsaminaceae. Fitogeografia - originária de Zanzibar (África). É encontrada subespontânea em locais abertos em toda a Serra do Mar, onde encontra-se disseminada e naturalizada (LORENZI; SOUZA, 1995). Parte usada - flor, brotos, folha. Uso - usa-se para problemas de estômago, fraqueza (chá das folhas), vermes (sementes), queimadura, picada de insetos (flor em álcool), hemorroidas, esgotamento, icterícia (chá ou vapor da planta toda), queimadura, assadura de crianças (pomada da flor).

Nome popular - alpiste. Nome científico - *Phalaris canariensis* L. / Família - Poaceae. Fitogeografia - nativa da região Mediterrânea e Macaronésia (exceto Cabo Verde). Atualmente cosmopolita (FLORA DIGITAL DE PORTUGAL, 2012). No Brasil, é registrada para as regiões Sudeste (São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) de acordo com Longhi-Wagner (2013). Parte usada - sementes. Uso - usa-se para reumatismo, problemas de coluna:(meio quilo de sementes para dois litros de água. Ferve-se. Coa-se e toma-se uma xícara, 3 vezes ao dia). Pressão alta (usa-se uma colher de semente para meio litro de água. Toma-se um copo, uma vez por semana). Diabetes (uma colher de sopa de sementes em um litro de água. Ferve-se até reduzir a um copo. Toma-se aos poucos, durante o dia. Usa-se durante 6 meses). Colesterol (usa-se uma colher de sementes fervidas em dois copos de água. Toma-se durante o dia, durante 15 dias). Usa-se na alimentação (sopas, pastéis, doces). Há relatos de que o alpiste provoca azia.

Nome popular - calêndula. Nome científico - *Calendula officinalis* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - planta originária do Egito e subespontânea na região do Mediterrâneo. Cultivada em toda zona temperada do mundo, também como ornamental (CORRÊA JÚNIOR et al., 1994). Parte usada - inflorescências. Uso - alergias (pomada), intoxicações e envenenamento (compressas no abdômen e chá), reumatismos (compressas quentes e toma-se o chá, também banhos), problemas no útero (chá), problemas de pele (sabonete), infecção (chá), frieiras (banho), cicatrização de feridas (pomada, chá).

Nome popular - penicilina. Nome científico - *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze / Família - Amaranthaceae. Fitogeografia - espécie nativa de áreas abertas de quase todo o

Brasil, principalmente na região litorânea e Amazônia (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas, flores. Uso - usa-se em cicatrização de feridas (pomadas), dor-de-dente (amassando a folha e passando na gengiva) e para dores e infecções da bexiga (chá).

Nome popular - **cambará, bem-me-quer, mal-me-quer, cambarazinho, lantana, maria-preta, chumbinho**. Nome científico - *Lantana camara* L. / Família - Verbenaceae. Fitogeografia - originária das Antilhas, até o Brasil. Espécie bem distribuída em toda a América Tropical e Subtropical. Ocorre em pastagens, terrenos baldios, beira de estrada e capoeiras, areais de praia (ALICE et al., 1995; CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folha e flores. Uso - usa-se para pontadas, tosse, gripe (ferve-se com açúcar e é adoçado com mel). Usa-se para alergias (sabonetes que são feitos usando-se toda a planta), reumatismo (compressas, chás das folhas e flores), problemas no pulmão (chá com duas a três folhas para um copo de água, 3 vezes ao dia).

Nome popular - **vinagreira**. Nome científico - *Hibiscus acetosella* Welw ex Hiern / Família - Malvaceae. Fitogeografia - originária da África (LORENZI e SOUZA, 1999). Parte usada - flor e folhas. Uso - usa-se o suco como refresco (folhas com limão), para emagrecimento (chá das flores), diabetes (cinco folhas vinagreira+três folhas de fortuna+ meio litro de água), em casos de derrame cerebral, para recuperação (folhas de vinagreira+folhas de fortuna), como vitamina para crianças, saladas (usa-se as folhas para substituir a carne), folhas picadas com outras verduras para substituir o vinagre.

Nome popular - **jurubeba**. Nome científico - *Solanum paniculatum* L. / Família - Solanaceae. Fitogeografia - nativa do do Brasil, podendo ser encontrada do Ceará ao Rio Grande do Sul e na região Norte (Pará). Encontrada em beira de mato e estradas, pastagens e terrenos abandonados. Comum em terrenos desmatados ou onde tenha havido queimadas (TESKI; TRENTINI, 1991; SIMÕES, 1986). Parte usada - fruto, folha, raiz e caule. Uso - usa-se para combater anemia e como tônico (chá das folhas e raiz), fígado (chá das folhas e raiz), bexiga, dor-de-estômago (chá das folhas), desvio da coluna (coloca-se a raiz em cachaça e faz-se massagem ou toma-se), para a memória (um litro de vinho+8 colheres de sopa de raiz de jurubeba+100g de mel. Deixa-se cinco dias no sol. Toma-se três colheres de sopa por dia), como afrodisíaco (um litro de vinho licoroso + oito colheres de sopa da raiz fatiada. Deixa-se cinco dias no sol).

Nome popular - fáfia, ginseng brasileiro, novalgina. Nome científico - *Hebantheriantha* (Poir.) Pedersen / Família - Amaranthaceae. Fitogeografia - possui ampla distribuição no território brasileiro, ocorrendo em todas as regiões em orlas de matas, matas ciliares, bordas de rios e diferentes formações florestais em altitudes que variam de 100 a 1000m. Ocorre também na Argentina, Paraguai e Peru (Borsch & Pedersen, 1997 apud VILELA, 2009). Parte usada - raiz. Uso - usada como energizante, para limpeza de pele (uso interno), memória e rejuvenescimento (uma raiz de fáfia ralada+um litro de vinho+um quilo de mel. Deixa-se macerar e enterra-se de três a cinco dias - no máximo nove dias). Usa-se como reconstituente da atividade sexual.

Nome popular - yacon, batata yacon, batata od diabético, batata diet. Nome científico - *Polymnia sonchifolia* Poepp. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - originária da região dos Andes. Cultivada no Sul da América (Fernandéz et al.; Castillo; Nieto apud SILVA JÚNIOR, 2003). Parte usada - rizoma e raiz. Uso - usa-se para diabetes (folhas secas em forma de chá, rizoma ralado e em álcool de cereais - vinte gotas em meio copo de água, uma vez por dia, de manhã). Usa-se para colesterol (come-se a batata crua, cem gramas por dia).

Nome popular - barbatimão. Nome científico - *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville / Família - Fabaceae. Fitogeografia - espécie endêmica do Brasil (SCALON, 2013). Planta nativa do cerrado do sudeste e centro-oeste do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - cascas do caule. Uso - usa-se para câncer de útero (uma colher de sopa em um copo de água, uma vez por dia), para frietas (banhos), corrimentos (banho de assento), úlceras (uso externo), tosse (xarope), asma, bronquite, hemorragia uterina, como tônico geral (chá por decocção).

Nome popular - mil-folhas, mil-em-rama, pronto alívio, cibalena, anador, alevante. Nome científico - *Achillea millefolium* L. / Família- Asteraceae. Fitogeografia - espécie originária da Europa, aclimatada no Brasil. Cresce à margem de estradas e pastagens. É cultivada em hortas e jardins. Muito encontrada no sul do Brasil (SIMÕES, 1986). Parte usada - folhas e flores. Uso - usada em diarreia (chá das folhas), cólicas de recém-nascido, dor-de-cabeça, cólica menstrual, insônia, dor-de-dente, stress, problemas nas vistas como coceira, catarata, vermelhidão (usa-se compressa com chá de uma galho de cedrinho+ cipreste+mil-folhas+calêndula. Usa-se durante 10 dias). Para hemorragias e cistos no

ovário (garrafada com romã+mil-folhas+casca de ipê). Para hemorroidas, cansaço, fraqueza e incontinência urinária (compressa com mil folhas+gengibre ralado). Para ferimentos (transforma-se as folhas em um pó e aplica-se nos ferimentos como um curativo).



Figura 28. Boletins sobre plantas medicinais, produto dos encontros do GEUPLAM, durante o segundo ciclo do processo.

4.2.4 Entrelaçando os Fios da Terceira Análise e Reflexão Crítica

Neste ciclo de dois anos relatado acima, o processo de construção vai se ampliando e aprofundando, a medida em que avança da organização regional para Estadual com a consolidação da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e instalação da Câmara Setorial de Plantas Medicinais.

É um ciclo marcado pelo protagonismo das mulheres que participam politicamente, assumindo cargos de poder público. Lideram discussões coletivas nestes âmbitos, a partir

da abordagem transdisciplinar a respeito de novos modelos para a sustentabilidade em ambiente marcado pela visão patriarcal, onde impera o poder e o controle.

Logo nos primeiros momentos do exercício da liderança feminina nestes ambientes, coloca-se em confronto os velhos modelos, as velhas formas de se ver o mundo. Enfrenta-se o desafio de superar as limitações destas antigas estruturas e exercitar novas formas de construção, novos caminhos para o desenvolvimento.

Novos caminhos, que no entender de Jara (2001) ultrapassem a priorização do econômico sobre o social e ecológico, determinados sob as demandas da economia que perdeu a noção do ser humano como centro da vida social, separando-se da ética. Ignorando as qualidades de existência, solidariedade, meio-ambiente, enfim, da qualidade de vida.

Que levem em conta a elaboração de uma economia transdisciplinar, como preconiza o artigo 12 da Carta da Transdisciplinaridade (1994), baseada no postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Que ultrapassem o antropocentrismo extremo discutido por Puleo (2011), que somente reconhece o dano à natureza como algo reprovável, se os seres humanos detectarem alguma consequência negativa que se possa comprovar com parâmetros de uso, com observação à curto prazo e cálculos incapazes de de ver as relações de conjunto. Puleo, cita o exemplo da perda da biodiversidade, que é considerada problemática quando se consegue demonstrar, por exemplo, que limita as possibilidades de se encontrar novos fármacos. Para Puleo, este enfoque traz um olhar narcisista ao mundo e um prejuízo às outras espécies, quando combinado com a lei de mercado, os resultados são simplesmente ecocidas.

Para Jara (2001) mudar este modelo é desafiante, porque se tem dificuldade de pensar fora do paradigma dominante, que se apresenta através de uma mentalidade que moldou-se conforme uma imagem racional e ordenada da sociedade e da economia. Nela, domina o mito que afirma que os elementos econômicos são as forças determinantes da evolução social.

Lagarde (1999), defende que a proposta de desenvolvimento sustentável requer profundas transformações sociais, jurídicas e políticas difíceis de colocar em prática em alguns Estados. São necessárias reformas institucionais para fazer viável esta particular relação entre desenvolvimento e meio ambiente em todos os níveis desde o internacional até o local.

Mas como visto, as mulheres participantes do GEUPLAM, cada vez mais ampliam seus níveis de participação, do âmbito estadual para o âmbito nacional e também internacional, colaborando na construção de leis, de políticas, na criação de Redes, como a Rede Sul Brasileira pela Vida - Plantas Medicinais.

Enquanto se fortalecem a cada mês, no âmbito de seu pequeno grupo de estudos, vêm a abordagem participativa transdisciplinar que gerou os primeiros encontros, com sua metodologia própria se expandir, passando a provocar reflexões como no caso da inspiração que gerou a parceria UNESCO/UNISUL/Pastoral da Saúde. Esta parceria, conforme destaca Chechetto (2003), se desenvolveu em um ambiente de abertura transdisciplinar na Universidade do Extremo Sul Catarinense, de inclusão de outras formas de conhecimento.

A prática construída até então começa a ser refletida mais profundamente, gerando conhecimentos acadêmicos que discutem como analisa Chechetto (2003) o respeito às diferentes culturas e a todos os valores que estão incorporados nestas culturas, como estabelece a Carta da Transdisciplinaridade em seu artigo 2, quando acentua que a transdisciplinaridade conduz a uma atitude de abertura.

Chechetto (2003) sublinha que nas culturas que envolvem conhecimentos populares sobre plantas medicinais, a intuição, a imaginação, a sensibilidade, têm um importante papel na elaboração do conhecimento e têm muito a nos ensinar em processos educativos. Na construção do conhecimento, na visão transdisciplinar, estes elementos são integrados como visto no artigo 11 da Carta da Transdisciplinaridade, 1994: p.3:

“ (...) uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração do conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento.”

Chechetto (2003) ressalta a importância, em relação a troca de conhecimentos, de se estabelecer “links” entre a intuição e a razão. Avalia o papel da intuição, ainda bastante desprezada nos meios acadêmicos e já acolhida em muitas instituições, que investem em um ser humano criativo, resgatando a percepção do lado direito do cérebro - relacionado a energia yin e ao princípio feminino. Considerando-se o entendimento da cultura chinesa

tradicional, que relaciona os lados esquerdo e direito do cérebro, com valores yang (masculino) e yin (feminino), respectivamente.

De acordo com a sabedoria chinesa, os valores yang têm que ser equilibrados pelos valores yin - a expansão pela cooperação, e a consciência centrada nos objetos por uma consciência centrada nas relações ou relacionamentos (CAPRA, 2002).

Para este autor, o movimento rumo a esse equilíbrio é compatível com a passagem do pensamento mecanicista (patriarcal) para o pensamento sistêmico e ecológico, que vem sendo difundido. A intuição desta maneira, seria auxiliar na tomada de decisões não somente a partir do raciocínio linear (lado esquerdo do cérebro), abrindo espaço para a inteligência emocional a partir da associação natural de percepções.

Volpato e Gregori (2000) revelam que o conhecimento do cérebro e de suas funções têm progredido nos aspectos anatômicos e neurofisiológicos de educabilidade e sua utilização. De acordo com estes conhecimentos o cérebro possui 3 unidades principais de maneira interligada (cérebro trino): lado esquerdo ou hemisfério esquerdo (lógico), lado direito ou hemisfério direito (intuitivo) e centro (operacional).

O hemisfério direito refere-se ao campo intuitivo e atua através da intuição, sensibilidade, criatividade, afetividade, amizade, relacionamentos, sentimentos, arte, música, humor, fé.

A porção central refere-se ao campo operacional e atua através da prática, planejamento, ação, ter, fazer, eficiência e organização pessoal.

Para fins comportamentais, a evolução desproporcional e sem conexão de um processo mental com relação aos outros dois, seria uma forma de esquizofrenia. A intuição, trazendo aspectos subscientes no processo de aprendizagem, cria elos entre a cognição e a ação, fazendo relações entre fatos aparentemente desconectados.

Tanto nestes ambiente de parceria, como também na Câmara Setorial de Plantas Medicinais que se empenha em reconstruir o Programa Estadual de Fitoterapia e Plantas Medicinais, além do questionamento sobre modelos de desenvolvimento há o questionamento sobre o antigo paradigma de ciência, a necessidade de se ultrapassar a visão cartesiana, rever conceitos, métodos.

Discussões são travadas no sentido de se compreender a planta medicinal, a fitoterapia no seu aspecto multidimensional, e consequentemente o ser humano. Resgatando a fitoterapia não somente como um ramo da alopatia, dentro da visão da ciência tradicional. Resgatando suas influências de escolas tradicionais, de sistemas

médicos milenares, que trazem em seu corpo conceitual uma filosofia de uso holístico das plantas medicinais. Resgatando a cura, não como um mero alívio de sintoma, mas como uma condição de equilíbrio sistêmico dinâmico. Resgatando-se ainda, o processo saúde-doença, sob a ótica do paradigma emergente, que pressupõe a visão integral do ser humano em seus aspectos físico, emocional, mental e espiritual (Carneiro, 1999 apud CHECHETTO, 2003), abrindo-se a possibilidade inclusive de se integrar o sistema oficial de saúde com o tradicional, como sugere Born (2000).

É neste aprofundamento e tomada de consciência coletiva sobre o processo construído, que se faz mais forte a noção de interdependência e Rede.

Rede que se visibiliza de maneira mais forte na ativação da “Rede Sul Brasileira pela Vida- Plantas Medicinais”, mas que vai se inserindo e ampliando em vários outros níveis. A partir desta noção, passa-se a incorporar valores universais como a democracia-ecológico-social, destacada por Chechetto (2003), que leva em conta as relações dos seres entre si, e todos eles em seu meio ambiente.

Capra (2002), refere-se a noção transdisciplinar de interdependência, que se inscreve desde processos metabólicos encadeados em uma rede química, constituindo característica fundamental da vida. Para o autor, onde quer que haja vida, há redes, exemplificando a teia alimentar nos ecossistemas, os organismos como redes de células, órgãos, sistemas e células, como redes de moléculas, gerando uma compreensão sistêmica.

Entretanto, Capra adverte que os elos e nós que conformam a rede social, são antes de mais nada, redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder...

Na construção e realização da III Jornada Catarinense, se faz mais visível a união dos elos que se estabelecem a partir da Associação Catarinense e a Câmara Setorial de Plantas Medicinais, e como os princípios transdisciplinares, decorrentes de um aprofundamento de visão coletiva vão se imprimindo. Eles estão presentes na integração da ciência com a arte, a cultura e a espiritualidade, que são importantes na construção de redes, como destaca Chechetto (2003), e atendem o artigo 5 da Carta da Transdisciplinaridade, p.2:

“...A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação não

somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual”

É durante a Jornada que se revela a visão integradora escolhida pelo Grupo para transformar os ambientes e que acolhe a multidimensionalidade humana, na inscrição corporal do conhecimento, revelando o papel das emoções e dos sentimentos. Valoriza-se desta maneira o papel da intuição, da imaginação e da sensibilidade, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento dos processos. Assim, como define Moraes (2006), se reconhece a impossibilidade de continuar privilegiando um tipo de inteligência em prejuízo das outras dimensões corporais e sensíveis do ser humano.

A partir daí que se desenvolve a consciência transdisciplinar, na prática transformadora, ao exercitar a aprendizagem da reconcessão, na aprendizagem da complexidade, e na aprendizagem do amor. Amor e espiritualidade, que revestem as atividades, sentimento percebido e expresso nas avaliações dos participantes da III Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.

Neste sentido, Jara (2001) sugere uma reengenharia emocional, recriando as energias do coração, da forma como sentimos o mundo; pois ninguém vai poder construir uma sociedade sustentável sem entrar primeiro em contato com as próprias emoções.

Para o autor, nos modelos tradicionais de desenvolvimento, não é possível construir vínculos entre a subjetividade, as energias espirituais que estão na profundidade humana e as estratégias de desenvolvimento, pois o desenvolvimento se encontra desespiritualizado. Jara, critica a inclusão da dimensão espiritual normalmente associada com alguma prática religiosa, afirmando que ela tem um significado muito mais abrangente. O conceito espiritual, segundo o autor, no discurso da sociedade materialista geralmente possui significado pejorativo. É associado com os aspectos misteriosos da religião e, também, com certas expressões místicas.

Para ele, o verdadeiro significado da espiritualidade está na essência das pessoas, nos valores, nas qualidades e virtudes como compaixão, solidariedade, amor pela vida, cuidado com a natureza. Implica em se construir pontes, vínculos, redes, muitas vezes ausentes no pensamento tradicionalmente encontrado nas ciências preocupadas com o desenvolvimento, que apoia o modelo dominante com seus valores como a competitividade.

Para Crema (2002), uma pessoa que despertou para a dimensão espiritual não se vê separada do outro, da comunidade, do universo, porque desenvolveu uma consciência não dual. Implica, na percepção transdisciplinar que vai além do racionalismo clássico e recupera a polissemia dos símbolos, a importância das emoções e dos sentimentos, a subjetividade e a intersubjetividade, e a beleza de cada momento da vida. Requer portanto, outro nível de percepção e de consciência mais fino, como define Moraes (2006), utilizando inclusive nossas intuições, percepções e o imaginário para entrar no mundo dos símbolos, dos mitos, adentrando outros níveis de realidade, exercitando o passo de um nível a outro, a partir do Terceiro incluído.

Para Moraes, não é o conhecimento disciplinar ou multidisciplinar, que revela um conhecimento presente em um só nível de realidade privilegiando a dualidade e a luta entre os opostos, o tipo de saber que, como humanidade, nos levará a expandir nossa consciência e nossa verdadeira potencialidade humana.

Nestes níveis de conhecimento se produz uma exclusão de valores, que a transdisciplinaridade procura incluir e reconectar, e portanto esta, deverá promover o desenvolvimento da consciência da humanidade, e preparar a civilização para a aprendizagem do amor e da construção da paz. Moraes lembra que os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade não surgiram por acaso.

A interdisciplinaridade ao iniciar-se nos anos 1960 nas ciências humanas, a partir de um projeto desenvolvido por Georges Gusdorf para a UNESCO, se apoiava em uma nova explicação sobre a natureza do real e do conhecimento, a partir de um novo paradigma científico voltado à busca da unicidade do conhecimento e da superação da sua natureza fragmentada e disjuntiva.

Com apoio na dialética de Hegel e Marx, se buscava superar a alienação que se apresentava na academia com relação às explicações da natureza ordenada da realidade, assim como também eliminar a ruptura que existia entre teoria e prática, sujeito/objeto, indivíduo e contexto, além da excessiva especialização ou irrelevância dos conteúdos academicamente propostos. Tentava-se unir teoria e prática, conhecimento, ação e valores, ao mesmo tempo que se buscava também a revitalização dos sistemas educacionais, e por extensão de toda a estrutura social, especialmente na França.

A autora mostra que desta forma, a gênese da interdisciplinaridade na década de 1960, tem relação não somente com um movimento de renovação epistemológica e paradigmática importante, mas também com os movimentos de renovação de ordem

social, político e cultural estabelecido. Mostra que em síntese, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade não surgem isoladas de um movimento maior ou de uma mudança paradigmática na ciência. Este movimento, também não é isolado da cultura patriarcal que visa suplantá-lo.

4.2.5 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo de Construção do Processo nos Anos de 2002 e 2003: Da Repercussão Local à Global Dentro do Princípio Hologramático para a Cidadania Terrestre

O ano de 2002 inicia em encontro de março, com estudo da planta medicinal poaia (*Richardia brasiliensis* Gomes), seguindo-se até junho de 2002 com as plantas: arnica brasileira (*Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski), côco-de-adão (*Dillenia indica* L.) e rami (*Boehmeria nivea* (L.) Gaudich.).

Em 26 de junho de 2002, o Projeto de Lei nº 249/01 que “autoriza o Poder Executivo a criar o Programa Estadual de Fitoterapia e Plantas Medicinais no Estado de Santa Catarina e adota outras providências” é aprovado em todas as Comissões Técnicas da Assembléia Legislativa, e também em Sessão Plenária.

Porém, no dia 23 de julho de 2002, recebe-se a notícia de que o mesmo tinha sido vetado pelo Governador do Estado. Inicia-se então, um movimento para a derrubada do veto, baseado na compreensão de que a construção do Programa por uma grande congregação de esforços, unindo diversas entidades da área de plantas medicinais no Estado, deveria ser respeitada.

Uma grande mobilização foi organizada, solicitando-se aos Deputados, por meio de cartas, e-mails, telefonemas, visitas aos Gabinetes dos Parlamentares, para que votassem pela derrubada do veto, quando de sua apreciação, que ocorreria nos dias 6 a 7 de agosto, quando a Assembléia Legislativa retornaria do recesso parlamentar.

A intenção era restabelecer o verdadeiro interesse público do projeto, que foi elaborado em conjunto com as mais diversas entidades expressivas ligadas ao tema. Ao mesmo tempo, de 29 de julho a 03 de agosto de 2002, representantes do grupo participavam através da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, de evento na área de Plantas Medicinais em Lima-Peru, onde lançara-se a semente da construção de uma Rede Latino - Americana de Plantas Medicinais, baseada na abordagem transdisciplinar.

Iniciavam-se também os preparativos para a IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais que seria sediada pela UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí.

No dia 09 de agosto, quando do retorno do evento, recebeu-se a notícia de que o Plenário da Assembléia Legislativa de Santa Catarina acabava de derrubar o veto do Governador ao substitutivo Global que cria o Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais para o Estado.

Na reunião da Câmara Setorial de 16/09/2002 que havia sido convocada para tratar de importantes decisões sobre a implantação do Programa, contando inclusive com um dos representantes da entidade proponente do Programa que até então se mantivera afastado, resistindo a reconstrução participativa, comentava-se:

“...tivemos a oportunidade de compreender, através da derrubada do veto, por unanimidade dos deputados, que os atos públicos não podem mais ser aceitos de forma arbitrária... a democracia se fez institucionalizada, os conselhos têm o poder de participação e controle social. Este entendimento já acontece para a maioria, embora ainda existam pessoas e governantes que pensam de forma antiga e ditatorial” (Farmacêutico. Representante de Entidade Não Governamental in CHECHETTO, 2003).

Estratégias para a implantação do Programa começaram a partir de então, ser traçadas, envolvendo a interação com o Poder Público e a Sociedade Civil Organizada, a partir do entendimento de que a construção participativa, inter-transdisciplinar e interinstitucional precisava acontecer desde a elaboração do Programa, até sua implementação.

De agosto a novembro de 2002, o GEUPLAM seguiu com o estudo das plantas medicinais: saião (*Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw.), bardana (*Arctium lappa* L.), sabugueiro (*Sambucus australis* Cham. & Schltdl.). Dezembro, como em todos os anos, é dedicado a atividades de confraternização para encerramento das atividades do ciclo (Figura 29).



Figura 29. Confraternização do Grupo de Estudo e Utilização de Plantas Medicinais para região Sul de Santa Catarina, dezembro de 2002 (Foto: Gisele Mara Hadlich)

O ano de 2003 inicia em março para o GEUPLAM com o estudo da planta medicinal arruda (*Ruta graveolens* L.). Até o mês de agosto de 2003 são estudadas as plantas: guaco (*Mikania glomerata* Spreng.), gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), maracujá (*Passiflora alata* Curtis) e goiabeira (*Psidium guajava* L.). Os meses de setembro e outubro, são dedicados aos intensos trabalhos de organização da IV Jornada Catarinense de Plantas medicinais. Em novembro, o grupo decide fazer um estudo especial sobre produtos naturais.

Este ano apresenta-se como de expansão das sementes da organização da Rede Catarinense de Plantas Medicinais, iniciada em Santa Catarina, em diversos níveis. No nível Estadual, aproximava-se a IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, tendo como Tema: Da Raiz à Semente: Ser Humano-Ambiente.

Através da Câmara Setorial, avalia-se a possibilidade da criação de uma Gerência de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, na estrutura da Secretaria de Estado da Saúde, com o intuito de implantar o Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais em Santa Catarina. A partir desta Secretaria, se faria a interação com outras Secretarias no Estado, relacionadas com a área. Além disto, se discutia a necessidade de se transformar a Associação Catarinense de Plantas Medicinais em uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de

Interesse Público), o que possibilitaria na gestão do Programa, um maior envolvimento da Sociedade Civil Organizada.

Em 28 de abril de 2003, o Deputado Volnei Morastoni, médico homeopata e autor do Projeto de Lei que criou o Programa, na época, Presidente da Assembleia Legislativa, envia ofício ao Governador do Estado de Santa Catarina, solicitando a criação da Gerência.

Na reunião da Câmara Setorial de agosto de 2003, havia a preocupação com os últimos preparativos para a Jornada, que neste ano faria uma homenagem a uma Mulher, com 91 anos de idade, que simbolizaria “Ser humano - Raiz” no evento. Era a Irmã franciscana Eva Michalack, que trabalhava na preservação das plantas medicinais e conhecimentos populares no Estado. Sendo pesquisadora e autodidata, ao longo de mais de 50 anos de sua vida, com sua sabedoria e viagens pelo mundo, reunira uma das maiores coleções de plantas medicinais e frutíferas de Santa Catarina, no pequeno município de Rodeio, localizado no Vale do Itajaí. Sua imagem apareceu na capa do folder, ao lado da imagem de uma menina de 4 anos, simbolizando “Ser-Humano Semente”.

Esta reunião de agosto, também era um momento para a devolução de dados, da pesquisadora e coordenadora da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, aos sujeitos participantes do estudo: “Rede Catarinense de Plantas Medicinais: Uma Abordagem Transdisciplinar para a Saúde Coletiva”. A pesquisadora, havia defendido este estudo como dissertação de mestrado em Saúde Coletiva, e em seu relato destacava a história da organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina, dentro dos princípios transdisciplinares salientando a diversidade na unidade, a democracia participativa, a articulação interinstitucional, o intercâmbio de conhecimentos científicos e populares, a administração de conflitos através do diálogo, a integração da arte, cultura e espiritualidade, a dialética entre o global e o local.

A nível nacional, comenta-se sobre o Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica que seria realizado em Brasília no final do mês de agosto, com o objetivo de encaminhar propostas para a Conferência Nacional de Medicamentos e Assistência Farmacêutica. Este Seminário, era uma tentativa de dar continuidade a luta pela implantação Políticas Nacionais na área, processo iniciado no final do ano de 2001. A Câmara já havia reunido suas sugestões e fechava os detalhes, para a participação no evento.

A nível Internacional representantes da Câmara, que estiveram em Lima-Peru, relatavam sobre a Fundação da Rede Latino-America Interdisciplinar em Plantas Medicinais - RELIPLAM, que havia sido fundada. Tinha como sede o Brasil, com o grupo de Santa Catarina, e era norteadas pelos princípios que conduziram a Organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina.

De 15 a 18 de setembro de 2003 são os esperados dias da IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais (Figura 30), que assim fora apresentada pela Comissão Organizadora:

“...Nos aproximamos de mais uma Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Em cada uma delas integramos ciência, tradição, arte, poesia e beleza. É com grande alegria que a Comissão Organizadora convida você para participar da IV Jornada, este ano como o Tema: “Da Raiz a Semente: Ser Humano Ambiente”. Este tema nos remete a uma tarefa de construção coletiva na Árvore da Vida. Desde as raízes, quando lançamos nosso olhar em direção ao passado e encontramos a sabedoria ancestral sobre as plantas medicinais (simbolizadas no folder em Eva Michalak), até as sementes, quando lançamos nosso olhar em direção ao futuro na busca de mais conhecimentos sobre as plantas medicinais, através das novas gerações (simbolizadas no folder, em Aurora). Assim, raiz e semente se encontram na continuação das espécies, transcendendo a existência, gerando saúde e qualidade de vida. A este exemplo, lembramos que cada um de nós, já foi um dia semente lançada sobre a terra e no presente podemos ser frutos, abundantes de conhecimentos. Vamos, então, nos quatro dias desta Jornada, unir nossos saberes através da visão integral do Ser Humano – Ambiente”



Figura 30. Folder de IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais

Durante o evento, no momento da homenagem a anciã Eva Michalak, acontece o encontro simbólico entre a Raiz e a Semente. A pequena criança oferece uma muda de planta medicinal à Sábia Mulher (Figura 31).



Figura 31. Encontro simbólico entre Raiz e Semente. IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Itajaí. Santa Catarina (Fotos: David Anselmo Leandro).

Como já acontecera na Jornada anterior, construiu-se uma oficina, desta vez chamada “Árvore da Vida”, onde os participantes puderam deixar seus sentimentos expressos nas folhas simbólicas, em papel (Figura 32).



Figura 32. “Árvore da Vida” construída em Oficina durante a VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Itajaí. Santa Catarina (Fotos: David Anselmo Leandro).

Também durante o evento, a trajetória de organização em Santa Catarina, as conexões nos níveis nacional e internacional e as perspectivas futuras recebem destaque na conferência intitulada: “Câmara Setorial de Plantas Medicinais em Santa Catarina: Passado, Presente e Futuro”. A coordenadora, conferencista deste tema, destaca a coesão do grupo no atual estágio do processo a partir de princípios transdisciplinares.



Figura 33. Momentos da IV Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Itajaí. Santa Catarina (Fotos: David Anselmo Leandro).

Em 11 de novembro de 2003, um passo muito importante para a Organização Nacional na área de Plantas Medicinais é dado. Acontece a Primeira Reunião do Grupo de Fitoterapia para a Construção de uma Política Nacional para o Sistema Único de Saúde.

A reunião é proposta pelo Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde. Dentre os participantes da reunião, encontra-se a Coordenadora da Câmara Setorial de Plantas Medicinais de Santa Catarina.

Desde o dia 05 de junho de 2003, em reunião com o Ministro da Saúde e representantes nacionais das áreas de Fitoterapia, Homeopatia, Acupuntura e Antroposofia, fora proposto ao Ministério da Saúde, a formulação de uma Política Nacional para a “Medicina Natural e Práticas Complementares”.

Por solicitação do Ministro, instituiu-se um grupo de trabalho, coordenado pelo Departamento de Atenção Básica/SAS e pelo DIRP/Secretaria Executiva, para discussão e implementação das ações no sentido de se elaborar a Política Nacional.

Em reunião do dia 24 de setembro, com a participação de representantes de Entidades Governamentais e da Sociedade Civil Organizada, definiu-se pela criação de Grupos de Trabalho por especialidade, e um Grupo Gestor responsável pela ordenação dos trabalhos e formulação da Política Nacional para a Medicina Natural e Práticas Complementares (Figura 34).

As principais ações do Ministério da Saúde no sentido de se construir esta Política, foram: a proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em 2001 e o Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica, em 2003 (Figura 35), onde se elaboraram recomendações apresentadas na Conferência Nacional de Medicamentos e Assistência Farmacêutica, neste mesmo ano.



Figura 34. Participação de representantes da Associação Catarinense e Câmara Setorial de Plantas Medicinais no Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica. Brasília, 2003.

Uma das recomendações deste Seminário foi a criação de uma Comissão Permanente, Interministerial, coordenada pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, com o objetivo de elaborar e acompanhar a implantação de uma Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos, vinculada a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, assim como acompanhar a implementação das deliberações do Seminário.

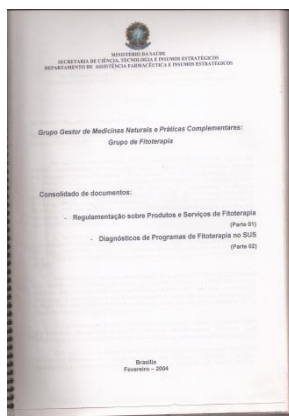


Figura 35. Documento do Ministério da Saúde sobre a organização do Grupo Gestor de Medicinas Naturais e Práticas complementares para o SUS: Grupo de Fitoterapia

Em Santa Catarina, a reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais de 12 de dezembro de 2003 encerra o ano, com relatos de participação no I Encontro Internacional de Plantas Medicinais em Machala, Equador, um dos países integrantes da Rede Interdisciplinar Latino - Americana de Plantas Medicinais, que iniciava sua expansão.

Planejava-se quando da organização da V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, reunir os países integrantes da Rede, em um evento internacional.

Nestes anos, de 2002 e 2003 a partir de articulações do GEUPLAM, incentiva-se a produção agroecológica de plantas medicinais na região Sul de Santa Catarina (Figura 36).



Figura 36. Incentivo à produção agroecológica de plantas medicinais a partir de discussões geradas no GEUPLAM (Fotos: Gisele Mara Hadlich).

Como expansão dos estudos de plantas medicinais, têm-se as informações etnobotânicas que seguem em suas edições:

Nome popular - poaia, poaia-branca. Nome científico - *Richardia brasiliensis* Gomes /Família - Rubiaceae. Fitogeografia - planta nativa da América do Sul, ocorrendo desde a região dos Andes, onde pode ser encontrada até 2500m de altitude, até a Costa Oriental, junto ao Oceano Atlântico. É comum em regiões da Argentina, Paraguai, Uruguai. No Brasil, tem vasta distribuição, sendo mais notada em regiões agrícolas do Centro-oeste, Sudeste e Sul. Introduzida na América Central e parte Sudeste dos Estados Unidos. Introduzida também na África do Sul, África Ocidental e Oriental e em certas regiões do Sudeste Asiático. Presente também na Austrália (KISMANN; GROT,1995). Parte Usada - folhas. Uso - usada para alergias (pomada de folhas de poaia+tansagem+confrei+trapoeraba), usada para eczemas (banhos e uso interno do chá, feito com as folhas). Usa-se para infecção urinária (folhas), para picadas de insetos (amassa-se as folhas e coloca-se no local afetado), para tratamento de feridas (lava-se com o chá de poaia e trapoeraba).

Nome popular - arnica brasileira, falsa arnica. Nome científico - *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski / Família - Asteraceae. Fitogeografia - nativa da região litorânea do Brasil, porém encontrada também em regiões mais continentais (MONDIN; BRINGEL JR, 2013). Encontrada em pastagens, áreas abandonadas e ruderais, beira de estradas, pomares, ao longo da orla marítima, principalmente várzeas úmidas e sombrias (SILVA JÚNIOR, 1998). Parte usada - folhas, flores e raízes. Uso - usa-se em casos de batidas, machucaduras, reumatismo (coloca-se a flor em álcool). Em casos de dores nas pernas e problemas de estômago (usa-se o chá em infusão, duas folhas para um copo de água). Diabetes (chá de cinco folhas em uma xícara de água, três vezes ao dia). Dor de dente, como anestésico (esmaga-se a folha e coloca-se no local afetado).

Nome popular - côco-de-adão, flor de abril, árvore do dinheiro. Nome científico - *Dillenia indica* L. / Família - Dileniaceae. Fitogeografia - originária da Índonésia (APU et. el, 2010). Parte usada - fruto, folha. Uso - massagens para dor, micose de unha, cortes, ferimentos (fruto verde cortado e colocado em álcool), reumatismo (uso externo).

Nome popular - urtiga mansa, rami. Nome científico - *Boehmeria nivea* (L.) Gaudich. / Família - Urticaceae. Fitogeografia - planta originária do Oriente - Japão, Sudeste da Ásia (PUPO, 1979). Parte usada - folhas. Uso - usado como tônico para crianças e idosos, pessoas fracas, diabéticos, com problemas nas vistas (uma folha de couve+uma folha de rami batidas no liquidificador). Usa-se também comer o rami em saladas.

Nome popular - saião. Nome científico - *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw. / Família - Crassulaceae. Fitogeografia - planta naturalizada brasileira (ZAPPI, 2013). Prefere zona litorânea (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folhas. Uso - usa-se em saladas como fonte de vitamina A e C, para pressão alta, resistência contra gripes, ossos. Usa-se para combater colesterol (um copo do suco das folhas da planta+algumas gotas de limão. Usa-se durante trinta dias). Para hérnias (esquentase uma folha com um pouco de óleo até amolecer). Para ferimentos (aplica-se o sumo). Para sinusite (pinga-se nas narinas e coloca-se as folhas na frente). Para emagrecimento (usa-se o chá feito com uma folha da planta em água fervente). Feridas, furúnculos, queimaduras, frieiras (usa-se a folha aquecida). Para câncer (tintura). Dor de cabeça - coloca-sea folha na frente ou compressas com macerado frio (para retirar o calor). Para rins (cálculos renais), articulações (usa-se chá de dente -de-leão+saião).

Nome popular - bardana. Nome científico - *Arctium lappa* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - originária da Europa, vegeta subespontaneamente no Brasil (OLIVEIRA; MORESCO, 1999). Uso - usada externamente em casos de inflamações, problemas de pele, coceiras, eczemas, tumores, feridas (folhas aquecidas no azeite), ou para crianças (sabãozinho de bardana + pomada de própolis). Usada em escalda-pés para baixar a pressão. Usada para queda de cabelos (raízes em vinagre). Para inchaço, problemas no couro cabeludo, pêlos encravados (pomada). Usada como desintoxicante para animais (folhas), como desintoxicante para humanos (folhas, raízes). Usada como depurativo, para diabetes, herpes, bronquite alérgica, gota e reumatismo.

Nome popular - sabugueiro. Nome científico - *Sambucus australis* Cham. & Schltdl. / Família - Adoxaceae. Fitogeografia - espécie nativa do Brasil e distribuída nos estados do Amazonas, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Minas Gerais (SOBRAL, 2013). Também na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina - Centro e Nordeste (ALICE et al, 1995). Parte usada - folhas, cascas e flores. Uso - Usada para sarampo (chá das flores de sabugueiro+mel), gripe (chá das flores e raízes. No caso das raízes, ferve-se 80 a 100g em um litro de água). Usa-se para diabetes (chá das folhas), erisipela, flebite (chá das folhas e brotos em uso externo), inchaço (chá da raiz em jejum), reumatismo (chá das folhas e flores), diarreia de crianças (sabugueiro + rosa branca), doenças de pele (banho com folhas e flores), varicela, ácido úrico (chá das folhas e flores), como sudorífero, gripe (em escalda-pés e chá), como diurético, para cólicas menstruais (chá das flores e folhas), para rouquidão, tosse, nevralgia, dores nos molares, dores de ouvido, dores de cabeça, sistema nervoso, bronquite, problemas de fígado (chá das cascas, folhas, flores e raiz). Usa-se o chá das flores para lavar feridas.

Nome popular - arruda. Nome científico - *Ruta graveolens* L. / Família - Rutaceae. Fitogeografia - originária do Sul da Europa Meridional. Cultivada em vários países, inclusive no Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta, principalmente as folhas. Uso - usa-se para problemas nas vistas, conjuntivite (coloca-se um punhado de arruda em um prato de louça. Deixa-se uma noite no sereno. Pinga-se nos olhos), para menstruação difícil, excessiva (macera-se duas folhas inteiras para uma xícara de água), dor de cabeça (usa-se o chá com café quente), recaída de filhos (coloca-se uma xícara de cachaça+meia colher de canela+duas colheres de açúcar+três folhas de arruda. Bota-se no fogo até terminar a parte sólida e toma-se). Para arca caída de criança (mau

jeito das costelas), gases, friagem (frita-se três folhas de arruda. Coloca-se em um paninho, amarra-se no local e deixa-se esfriar). Zumbido nos ouvidos (soca-se um pouco das folhas e coloca-se o sumo no ouvido). Para combater bicho geográfico, vermes, cobreiro, coceira (coloca-se arruda socada no óleo de oliva e toma-se o óleo ou passa-se no local afetado). Para combater piolhos (ferve-se uma quantidade em uma panela e lava-se a cabeça com este preparado. Para incontinência urinária (usa-se chá, óleo ou tintura).

Nome popular - guaco. Nome científico - *Mikania glomerata* Spreng. / Fitogeografia - planta nativa do Brasil. Costuma vegetar em condições de sombreamento e umidade, principalmente em beiras de rios (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folhas e raízes. Uso - usa-se em caso de tosses, coqueluche (chá, fervendo as folhas em uma xícara de água ou em xarope com 5 colheres de sopa das folhas+açúcar mascavo+uma garrada de vinho branco. Deixa-se descansar por nove dias. Agita-se de vez em quando. Toma-se um cálice, duas vezes ao dia). Para reumatismo varizes e problemas de pulmão (coloca-se folhas picadas em cachaça.Toma-se trinta gotas em jejum com café). Para mordedura de cobras (usa-se a tintura das raízes e folhas. Enterra-se por vinte e um dias. Aplica-se o sumo no local. Como calmante (faz-se um macerado das folhas e coloca-se em um prato com brasas. Apaga-se as brasas com água e toma-se as cinzas. Usa-se isto, para dormir um sono tranquilo e liberar a tosse). Ou ainda, neste caso, coloca-se as folhas no prato com brasas, apagando com água e açúcar. Toma-se a cinza. Usa-se também para problemas de susto, úlceras, placas na língua e lábios (gargarejo com tintura ou chá). Usa-se ainda o chá para cólera, cicatrização de feridas, reumatismo, nevralgia, sífilis, depurativo. Usa-se para afastar pulgas e formigas.

Nome popular - gengibre. Nome científico - *Zingiber officinale* Roscoe / Família - Zingiberaceae. Fitogeografia - planta originária da Ásia (Região da China, Índia e Malásia). Foi introduzida no Brasil no século XIV pelos colonizadores (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - rizoma, folhas. Uso - usa-se para pressão baixa, febre (infusão das folhas e rizoma). Para faringite (coloca-se duas colheres de chá do rizoma de gengibre picado+uma xícara de água. Ferve-se até reduzir à metade e acrescenta-se três dentes de alho+suco de meio limão+mel). Para enjôo da gravidez (meio copo de suco de laranja ou água+uma colher de chá de gengibre. Ferve-se e toma-se frio). Para colesterol, triglicerídios (duas rodela de gengibre+um copo de suco de laranja+um a dois dentes de alho. Bate-se no liquidificador. Toma-se um copo por dia). Para nariz entupido (usa-se

tomar três colheres por dia do rizoma em vinho branco). Reumatismo, ciática, dores nevralgias (usa-se o emplastro do rizoma de gengibre ralado em farinha de milho). Para bursite (usa-se o chá em toalha molhada aplicada no local. Repete-se durante dez noites, aquecendo a toalha no chá, quando esfria). Em caso de trombose (usa-se colocar no local gengibre ralado+mel aquecido). Em caso de flebite, erisipela (usa-se escalda-pés em água com gengibre). Para crianças que fazem xixi na cama (usa-se emplastro de gengibre com farinha de mandioca. Coloca-se na região da bexiga. Toma-se o chá a noite). Para problemas de garganta, tosse, rouquidão (usa-se três rodela de gengibre+duas colheres de cebola picada+duas colheres de alho picado. Come-se uma colherinha antes de dormir). Usa-se também a bala de gengibre ralado+mel+açúcar mascavo ou os cristais (um copo de gengibre ralado+um copo de açúcar+ um copo de água. Ferve-se e mexe-se até cristalizar). Para nódulos no seio (aplica-se gengibre+mandioca ralada frios). Para dor-de-ouvido (soca-se o gengibre. Embebe-se em algodão com três gotas de água quente. Deita-se, deixando o ouvido que tem a dor, para cima, com o algodão). Para infecção, gota (gengibre ralado com argila. Deixar no local durante duas horas). Para tosse (mastiga-se um pedaço de gengibre, de uma em uma hora). Para cólicas, problemas de bÍlis, para aumentar as defesas do organismo e abrir o apetite (queima-se o gengibre picado e cachaça juntos em um prato com canela+cravo+duas colheres de açúcar+uma folha de arruda+alguns grãos de erva-doce. Deixa-se apagar naturalmente). Para mulheres, depois do parto (três colheres de gengibre por dia). Para infecções, problemas nas cordas vocais (para cantores), afrodisíaco (gengibre+sal+três dentes de alho+um limão cortado+noz-moscada+um pedaço de canela. Ferve-se). Para inalação (gengibre+brotinho de pinheiro).

Nome popular - maracujá, maracujá-doce, flor-da paixão. Nome científico - *Passiflora alata* Curtis / Família - Passifloraceae. Fitogeografia - planta originária da América Tropical. Ocorre no Brasil, da Bahia até Santa Catarina (SIMÕES et al., 1986). Parte usada - folhas, cascas, sementes em doces Uso - usa-se para diabetes (três colheres por dia das cascas torradas e transformadas em pó. Toma-se diluído em sucos ou adiciona-se junto a outros alimentos). Para ferimentos (sementes torradas em transformadas em pó. Aplica-se no local para cicatrizar). Usa-se como calmante, para insônia, dores em geral, como diurética, como vermífuga (sementes e raízes). Usa-se para asma, coqueluche, erisipela, nevralgias, hérnia. Usa-se para gastrite (cana cidreira+maracujá). Usa-se as folhas aquecidas para furúnculos.

Nome popular - goiabeira. **Nome científico** - *Psidium guajava* L. / **Família** - Myrtaceae. **Fitogeografia** - planta nativa da América Tropical. **Espécie** naturalizada no Brasil crescendo em todas as regiões (GUPTA, 1995; CAMPOS; CARIBÉ,1991; SOBRAL, et al., 2013). **Parte usada** - folhas e brotos. **Uso** - usa-se para diarreia (folhas, brotos e cascas verdes. Usa-se vinte brotinhos de goiabeira+um litro de água+uma colher de açúcar+sal). Usa-se o suco como fonte de vitamina C, para fazer geléias, doces, combater fadiga.



Figura 37. Boletins sobre plantas medicinais, produto dos encontros do GEUPLAM, durante o terceiro ciclo do processo.

4.2.6 Entrelaçando os Fios da Quarta Análise e Reflexão Crítica

Neste ciclo de mais dois anos, as sementes lançadas nos momentos iniciais do processo, observa-se uma coesão coletiva, que se reflete na derrubada do veto do governador de Santa Catarina ao Programa de Fitoterapia e Plantas Medicinais construído participativamente.

O programa é aprovado e cada vez mais, a democracia vai se consolidando nos passos em direção a superação de antigas formas de se conduzir o desenvolvimento.

O protagonismo das mulheres está presente na participação política, adentrando as esferas governamentais, em representações públicas do nível estadual para nacional e internacional. Os objetivos de muitos anos de luta, começam a se materializar na formação

do Grupo de Fitoterapia para a construção da Política Nacional que inclui a Fitoterapia no Sistema Único de Saúde.

Reflexões sobre o processo se aprofundam com a devolução dos dados da dissertação “Rede Catarinense de Plantas Medicinais: Uma abordagem Transdisciplinar para a Saúde Coletiva” (CHECHETTO, 2003). Os princípios discutidos e que foram aplicados ao processo passam a influenciar, a nível Internacional, na formação da Rede Latino-americana Interdisciplinar de Plantas Medicinais.

Assim, como pontua Villasante (2002), uma nova forma de se construir o desenvolvimento vai se delineando, onde os princípios que regem experiências locais, vão passando para níveis associativos regionais, nacionais e internacionais.

Garante-se desta forma, que as transformações sejam mais sólidas a partir de âmbitos mais próximos, repercutindo tanto nas pessoas que as impulsionam, como também no âmbito coletivo, modificando os padrões em seu conjunto. O local e o global estão relacionados, a medida em que não há como falar do local, quando o global abrange tudo. Nem falar do global, sem mostrar experiências concretas do local, que lhe tirem a abstração distanciadora, e entender como se dão os processos vigentes entre o local e o global e vice-versa.

Em decorrência, emerge o princípio hologramático, no qual se apoia a transdisciplinaridade, de forma que um ser humano se encontra na sociedade, assim como a sociedade está também nele, e é possuído pela cultura que o possui. Assim como na natureza, uma minúscula semente encerra o projeto de uma árvore, no pensamento complexo, se tem a possibilidade de religar um sistema com os demais, em permanente interação. Percebendo o contexto, o agregado de sistemas complexos, conformando um sistema maior, um meta-sistema (CHAVES, 2002).

Como sugere Morin (2001) é problema de todo o cidadão terrestre no novo milênio, como ter acesso às informações e como articulá-las e organizá-las, como perceber e conceber o contexto, o global (a relação todo/parte), o multidimensional, o complexo. De modo que cada um, onde quer que se encontre tome conhecimento e consciência de sua complexa identidade comum a todos os outros seres humanos, que se traduz nesta idéia de cidadania terrestre.

A partir deste ponto de vista é necessário ter em conta a intrincada conectividade da vida, sendo o universo visto como um sistema quântico interativo, no qual as mudanças em uma parte invariavelmente influenciam outras partes do sistema. Percebendo que cada um

de nós é um ponto singular de um holograma e contém, em certa medida, o todo planetário que o contém.

Desta forma se vai construindo o paradigma do desenvolvimento humano que na visão de Lagarde (1999) é holístico, conjugando princípios de sustentabilidade, equidade, produtividade e empoderamento. Paradigma este, que implica:

- na construção da democracia em todos os âmbitos e níveis mundiais, nacionais locais e entre todos os sujeitos sociais.
- na extensão de mecanismo de cooperação internacionais e desde logo, mecanismos internos nacionais de cooperação entre regiões, estados, departamentos e comunidades.
- que requer o florescimento da sociedade civil e a reforma do Estado no sentido democratizador, assim como a convivência internacional sustentada na cooperação; ambos aspectos a partir de um amplo intercâmbio equitativo não só econômico, mas cultural e político.
- uma cultura baseada na ética dos direitos humanos e do desenvolvimento humano, para o qual é imprescindível o desenvolvimento da solidariedade, da cooperação entre sujeitos e categorias, o enriquecimento e desenvolvimento da vida de cada um como princípio do desenvolvimento social compartilhado.

Paradigma que implica em reconhecer, através da aplicação da perspectiva de gênero que o desenvolvimento não é neutro, pois depende dos processos históricos que confluem com ele, do tipo de formação social e econômica, do tipo de Estado e suas políticas, de sua relação com a sociedade, assim como das características e dinamismo de ambos e da cultura que predomina neste mundo.

Para Lagarde (1999) como ordem social e tipo de desenvolvimento, o patriarcado cria pobreza de gênero, impedindo as características do paradigma do desenvolvimento humano holístico elencadas acima. Daí a necessidade de se buscar esta nova ordem, este novo tipo de desenvolvimento.

4.2.7 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2004 e 2005: Das Relações de Competitividade e Domínio à Solidariedade e Sororidade

O ano de 2004 inicia com a notícia de que a Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina, conta desde o dia 29, a partir da Lei Complementar nº 265, com a Gerência de Fitoterapia na estrutura da DIAF - Diretoria de Assistência Farmacêutica (Figura 38).

Uma das principais atribuições da Gerência seria a de formular, acompanhar e avaliar as ações necessárias do Programa Estadual de Fitoterapia e Plantas Medicinais, gerado na Câmara Setorial de Plantas Medicinais.

Conforme estava previsto na Lei, o Programa disporia de um Conselho Deliberativo composto por representantes das entidades que o reconstruíram procurando-se assim, a implementação da mesma forma interinstitucional e participativa de como fora reconstruído.

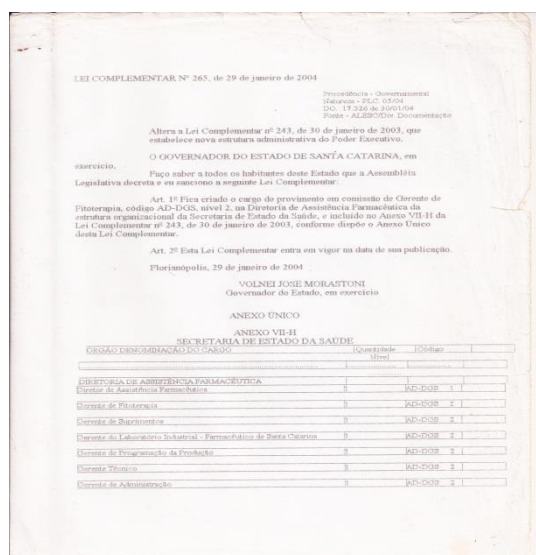


Figura 38. Documento sobre a criação da Gerência de Fitoterapia na estrutura da Secretaria de Estado de Santa Catarina.

Para o GEUPLAM seguem os estudos de março a junho, com as plantas: ora-pro-nóbis (*Pereskia grandiflora* Haw.), marcela-galega (*Artemisia alba* Turra), um estudo

especial dos grupos de pesquisas da UNISUL sobre Yacon (*Polymnia sonchifolia* Poepp.) e melissa (*Melissa officinalis* L.). Parte do tempo dos estudos é dedicado as discussões sobre encaminhamentos sobre as Políticas nos níveis estadual e nacional.

No inverno de 2004, no dia 30 de julho, quando a concretização dos anseios de vários participantes, de se atingir importantes conquistas se expande, um duro golpe afeta estas intenções.

A Coordenadora da Câmara Setorial, abre a reunião agradecendo por uma representante ter trazido uma flor para embelezar o encontro. A reunião inicia com uma breve harmonização ou vivência, proposta por uma participante, que sugere uma dinâmica em que todos se dêem as mãos, fechem os olhos e permitam que a união se faça presente. Após, que abram os olhos e todos se olhem.

Quando da leitura da ata, um dos representantes da Câmara, ligado ao setor industrial contesta sobre a redação da ata, gerando desconfianças e distribui a todos um e-mail pessoal, sobre conflitos existentes dentro da Rede Latino-americana de Plantas Medicinais a nível de Coordenação e Vice-coordenação, envolvendo Perú e Brasil. A Coordenadora da Câmara, havia mencionado sobre a existência de conflitos, e a disposição em mediar a situação que havia sido gerada.

Uma das participantes se pronuncia:

“...sinto-me indignada em se mostrar uma correspondência de cunho pessoal...acredito que esta correspondência é fruto de intrigas ...” (Farmacêutica. Representante de Universidade na CSPM).

Outra participante solicita:

“ ... problemas pessoais deveriam ser resolvidos antes, de uma forma construtiva e não desagregadora...a forma de alcançarmos nossas metas, deve ser amorosa, pela união. Como esta situação está sendo conduzida, pode levar a desagregação”(Farmacêutica. Representante de Organização da Sociedade Civil da área Ambiental)

Sementes de discórdia e competitividade, alimentados por um antigo padrão cultural de comportamento se espalhavam, como lembram alguns participantes:

“...o empresário alegava que a Rede apoiada pela Câmara não estava constituída juridicamente. A Rede estava se estruturando, como um movimento da Sociedade civil

Organizada, sendo discutida. Já tinha uma ata de Fundação de agosto de 2003 e a partir daí os documentos seriam encaminhados. Poderia, como Rede, também ser informal...mas o empresário apareceu na reunião com uma outra ata da Rede, de agosto de 2004, onde a Coordenadora atual passa a ser a Vice-coordenadora da Ata de Fundação de 2003, e ele próprio, o empresário, o vice-coordenador da Rede, nomeado como representante no Brasil. Inclusive, de surpresa, sem nenhuma discussão com o grupo, trouxe a Coordenadora desta nova Rede para participar da reunião extraordinária que se havia marcado para discutir o assunto...Não havia acontecido nenhuma discussão com apoio coletivo da Câmara de que ele fosse o representante no Brasil...ninguém sabia de nada sobre esta intenção...” (Farmacêutica. Representante de Universidade na CSPM).

“...na época gerou-se uma grande confusão...estávamos com os trabalhos de organização da V Jornada Catarinense e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais, onde a Rede seria mais amplamente discutida. Qual seria o interesse de se criar esta situação? Eram interesses pessoais? Lembro-me que o empresário não estava satisfeito com as discussões sobre legislação no país...queria que a Coordenadora da Câmara defendesse algumas idéias que não representavam a opinião da maioria...imagino que queria tomar o poder para poder influenciar de alguma maneira ...começou a colocar em questão, a credibilidade da Coordenadora...” (Eng. Agrônoma. Representante de Universidade na CSPM).

“...lembro que em algumas ocasiões, o empresário tentava desacreditar a Coordenadora da Câmara pelo fato de ser mulher...não abertamente, nas reuniões coletivas. Mas procurando individualmente algumas pessoas...achei bastante anti-ético...” (Farmacêutica. Representante de Entidade Governamental na CSPM).

“...Felizmente, a maioria do Grupo conseguiu seguir em frente, focado no objetivo de União Coletiva em torno da organização da V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais. Mas, por um longo tempo, os ânimos ficaram bastante abalados...” (Médico. Representante de Entidade Governamental na CSPM).

Os trabalhos do Grupo de Fitoterapia para a Construção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS se encerravam-se neste ano, e iniciava-se

mais uma batalha para a Oficialização desta Política e da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que vinha sendo encaminhada desde 2001.

O ano de 2005 inicia com a notícia da extinção da Gerência de Fitoterapia, no Estado de Santa Catarina, como relembra a Engenheira Agrônoma, que havia assumido a direção da Gerência, na Diretoria de Assistência Farmacêutica da Secretaria de Estado da Saúde:

“... imaginávamos que seria uma boa estratégia assumirmos a gerência, para conseguirmos implementar o Programa de uma maneira participativa, com a gestão de Órgãos Públicos e Sociedade Civil Organizada. Criamos um Conselho neste sentido, com várias entidades que estiveram envolvidas na construção do Programa. Mas...em meio a conflitos partidários e de interesses, não havia possibilidades de avançar....eu particularmente sentia, que o pensamento transdisciplinar, de se buscar transcender interesses, não conseguia avançar, dentro daquela estrutura tão fortemente marcada pela cultura patriarcal da competição. Era uma guerra...com armas muito duras...ao mesmo tempo, havíamos na Câmara, vivenciado o amargo gosto deste lado mais cruel dos valores competitivos...da falta de ética...dos interesses... Era um momento de fragilidade. Mais tarde, avaliamos, que poderiam existir outras maneiras de se implementar a Política. Conhecemos experiências de formação de Comissões Estaduais, de uma maneira mais independente, como no caso da organização da área de produção orgânica em Santa Catarina, que vinha avançando. Discutiu-se isto dentro da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, mais tarde....” (Engenheira Agrônoma. Representante de Universidade).

NO GEUPLAM, os estudos continuavam, de agosto a setembro de 2004, com as plantas: tarumã (*Vitex megapotamica* (Spreng. Moldenke)) e lágrima de nossa-senhora (*Coix lacryma-jobi* L.). Novembro foi dedicado a um estudo especial sobre plantas frias e quentes e dezembro ao encerramento das atividades do ano.

Eram tempos difíceis, e as participantes, com muito carinho e afeto, a partir do sentimento de solidariedade e/ou “sororidade” buscavam forças umas nas outras, neste Grupo-Raiz, para continuar avançando construtivamente.

Assim, reunindo forças no sentido de apoiar a construção da V Jornada Catarinense e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais, os participantes do GEUPLAM continuam se encontrando de março a junho de 2005 nos estudos das plantas: avenca (*Adiantum*

raddianum C. Presl.), bálsamo (*Sedum dendroideum* DC.), salsinha (*Petroselinum sativum* Hoffm.) e manjeriço (*Ocimum basilicum* L.).

Inspirados da troca de conhecimentos que aconteciam no GEUPLAM, um grupo de pessoas, de um município de Santa Catarina, próximo ao local aonde aconteciam os encontros, começou a se reunir nos finais de semana para partilhar conhecimentos sobre plantas medicinais. O município de Gravatal, localizado entre o mar e a serra, com a presença de fontes de água termo-mineral, há alguns anos vinha atraindo pessoas que iniciaram um movimento de consciência holístico-ecológica, ao desenvolver atividades voltadas à saúde integral.

O Movimento gerou o Grupo “Tribo da Terra”, que iniciou a partir de janeiro de 2005, encontros para a troca de conhecimentos e práticas com plantas medicinais. Os encontros passaram a se realizar com periodicidade mensal nas residências das pessoas e abertos à comunidade. Em cada encontro, realizava-se o levantamento botânico de espécies de plantas medicinais, procedendo-se a troca de conhecimentos e realização de práticas de cultivo, sendo disponibilizado a cada encontro, material informativo dos registros anteriores.

Algumas integrantes do GEUPLAM participavam destes eventos, e retornavam bastante fortalecidas para dar continuidade a trajetória que haviam iniciado há alguns anos, como uma delas comenta:

“....naqueles momentos difíceis no processo que estávamos desenvolvendo a nível estadual e nacional, o contato era muito curativo...estar diretamente na natureza...na casa das pessoas...reunindo gente de várias áreas e que de certa forma já se conheciam, por causa das plantas medicinais, e agora tinham a oportunidade de estarem juntos...aprendendo, trocando, de uma forma leve, descontraída...todos ali de alguma forma, estavam interessados em se aprofundar no movimento de consciência que acreditávamos... de mudança de valores...era com retornar para um ninho, um útero, e depois sair mais fortalecidas para o mundo...” (Mulher. Participante do GEUPLAM).

E, a partir deste fortalecimento as participantes seguiam, colaborando para com a organização das Jornadas que nas reuniões da Câmara Setorial de Plantas Medicinais se construíam (Figura 39). A Câmara, elegera outra mulher para dar continuidade aos trabalhos de Coordenação desde outubro de 2004, quando do período de finalização das gestões de 2000-2002 e 2002-2004 da primeira Coordenadora.



Figura 39. Participantes de reunião da Câmara Setorial de Plantas Medicinais no CEDERURAL - Secretaria de Estado de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Santa Catarina para organização da V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais. Florianópolis, 2005

O tema escolhido para o evento foi: “Diversidade na Unidade”, representado pela imagem de uma mandala com mãos dos organizadores do evento e plantas (Figura 40). Para a construção participativa do evento, haviam sido convidados como colaboradores, os principais representantes das entidades da Sociedade Civil Organizada no Brasil e na América Latina. Também haviam sido convidados, representantes de Entidades públicas que estavam envolvidas na oficialização das Políticas Nacionais em Plantas Medicinais.

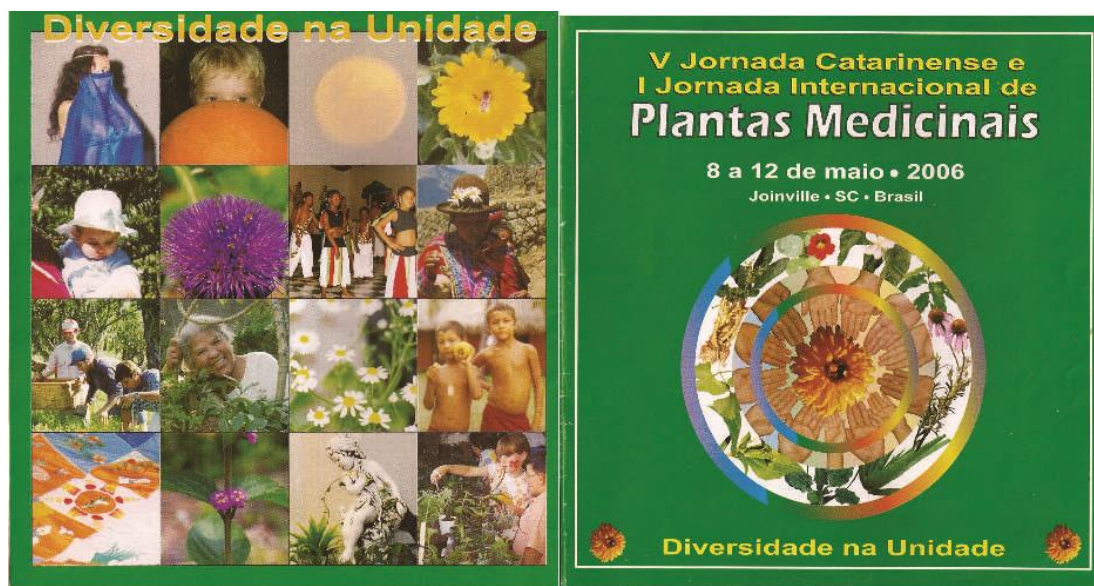


Figura 40. Folder da I Jornada Internacional e V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.

No mês de outubro de 2005, a Câmara Setorial de Plantas Medicinais havia recebido um espaço para exposição de seus trabalhos no Congresso Nacional de Agroecologia, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Além do espaço para exposição, recebera também um convite para realizar uma oficina de troca de conhecimentos sobre plantas medicinais na abordagem transdisciplinar. Sobre as atividades neste evento relembram integrantes da CSPM:

“A oficina foi surpreendente!...Estávamos um pouco inseguros, porque estávamos organizando algo bem diferente. Participantes da oficina, iriam receber plantas com vendas nos olhos. Iríamos neste momento colocar música para sensibilizar...então cada um iria sentir a planta...seu cheiro e tato... depois iria falar um pouco sobre que planta acha que é...o que sabe sobre ela. No momento em que se estivesse esgotado este saber, os olhos seriam abertos. Então, integrantes da CSPM de diversas áreas começariam a acrescentar o que conheciam. A cada participação todos cantariam e dançariam, conforme músicas e ritmos escolhidos pelos facilitadores, até compor um conhecimento vivencial sobre a planta” (Eng. Agrônoma. Representante de Universidade na CSPM).

“Eram esperados cerca de 30 participantes, no máximo. Mas qual foi a surpresa, quando nós, os facilitadores entramos na tenda, onde aconteceria a oficina e nos deparamos com quase 100 pessoas. Então tivemos que de improviso modificar nossa organização. Escolhemos alguns voluntários do grupo para estarem no centro do círculo que formamos, e uma de cada vez, as pessoas recebiam uma planta e vendas. Quando começamos a compor conhecimentos, e cantar e dançar, as pessoas que estavam no evento foram atraídas para a tenda. De repente...eram duzentas pessoas e já não cabiam mais...muitas ficaram participando desde o lado de fora...e continuava a chegar gente... acho que conseguimos colocar naqueles momentos nossa visão transdisciplinar, integrando plantas medicinais com poesia, arte, dança” (Farmacêutica. Representante de Organização Não Governamental na CSPM).

Para o GEUPLAM, no período de agosto a outubro de 2005, estudou-se as plantas medicinais: sálvia (*Salvia officinalis* L.), pinhão-rôxo (*Jatropha multifida* L.) e losna (*Artemisia absinthium* L.), expandindo-se as edições nos anos de 2004 e 2005 com os boletins:

Nome popular - ora-pro-nobis. Nome científico - *Pereskia grandiflora* Haw. / Família - Cactaceae. Fitogeografia - presente na vegetação nativa do Brasil, em áreas úmidas (Graf, 1981 apud LIMA; GAMA, 2001). Parte usada - folhas frescas ou secas, frutos maduros. Uso - usa-se na alimentação como fonte de proteínas (em saladas, omeletes com espinafre+tempero verde+ovo, em refogados, para substituir carnes, como fonte de vitaminas em folhas na salada). Usa-se para hemorroidas (aquece-se a folha machucada anteriormente), para inflamação da pele, furúnculos (aquece-se a folha e coloca-se encima do local afetado ou coloca-se o sumo). Usa-se como expectorante (chá das folhas), para combater câncer (garrafada das raízes).

Nome popular - marcela-galega, canfrinho. Nome científico - *Artemisia alba* Turra. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - cultivada no Sul e Sudeste do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002 ; 2008). Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se para febre, diarreia, dor-de barriga, vermes (chá em jejum, com óleo de rícino), calorão de menopausa (coloca-se a planta em água fria por 10 minutos. Toma-se um litro por dia). Usa-se para cólicas de bebê (a mãe também toma), para cólicas de menstruação e enjôos. Usa-se para encher travesseiros.

Nome popular - melissa, erva-cidreira. Nome científico - *Melissa officinalis* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - Originária da Europa e Ásia na região do mediterrâneo (CORRÊA JÚNIOR, et al.,1994). Parte usada – folhas. Uso - Usa-se o chá para problemas de nervos, dor-de-cabeça, gripe, para baixar a pressão, infecções no estômago, dores, desmaios, depressão, gases, para facilitar a digestão. Usa-se em garrafadas para fortalecer o pulmão, em caso de labirintite (erva cidreira+louro+cravo-de-defunto+violeta-de-jardim+folhas de laranjeira). Usa-se para lavagem intestinal, para tosse (ferve-se com leite), toma-se o suco com limão para pressão alta. Usa-se para problemas de pulmão (erva-cidreira+hortelã). Para resfriado (faz-se escaldas-pés e também toma-se o chá da planta). Para cólicas de bebê (melissa+erva-doce), para insônia.

Nome popular - tarumã, cinco-folhas. Nome científico - *Vitex megapotamica* (Spreng.) Moldenke / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - nativa do Brasil, estendendo-se até o Paraguai e norte da Argentina (BURKART,1979). Parte usada - folhas, raízes e cascas. Uso - em caso de diabete (faz-se o chá da casca em decocção por 10 minutos. Toma-se duas a três xícaras por dia ou faz-se o chá com um punhado de folhas em infusão por doze

minutos. Toma-se uma xícara, após cada refeição). Usa-se para rinite alérgica, menopausa, catarros, cistite, colesterol. Para emagrecimento (três folhas para três xícaras de água quente. Toma-se após o almoço durante três meses). Para crianças que babam (toma-se o chá das folhas). Usa-se para reumatismo, úlceras, dermatoses, dores ns pernas, rinites, para baixar a pressão.

Nome popular - lágrima- de-nossa senhora, capim-rosário. Nome científico - *Coix lacryma-jobi* L. / Família - Poaceae. Fitogeografia - planta originária da Ásia tropical. Cultivada em todas as partes do mundo (SILVA JÚNIOR, 1998; LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - sementes. Uso – usa-se a farinha das sementes em sopas, como nutritivo. Aplica-se a farinha em cataplasmas no caso de reumatismo. Usa-se para menopausa (chá das sementes amassadas, três vezes ao dia). Como diurético, para problemas intestinais, dos rins, próstata e bexiga (folhas e sementes). Usa-se para confecção de colares e rosários (feitos com nove contas, para atrair sorte).

Nome popular - avenca. Nome científico - *Adiantum raddianum* C. Presl. / Família - Pteridaceae. Fitogeografia - espécie de origem européia (MARTINS et al., 1998). Parte usada - folhas. Uso - usa-se para aumentar o apetite, favorecer a digestão, para secura na garganta, laringite, bronquite, dores reumáticas, males do ovário, bexiga, pólipos, verrugas. Usa-se para tosse, tosse comprida, gripe (chá com açúcar queimado ou tintura de avenca+raiz de assa-peixe+bálsamo alemão+verbasco ou tintura de avenca+carqueja+parreirinha-do-mato). Usa-se para limpeza de parto e purificação do pulmão, limpeza intestinal (derrama-se o chá de avenca em brasas com açúcar mascavo e toma-se o caldo em colheradas). Usa-se para enxaguar os cabelos, para combater caspa, seborreia e queda.

Nome popular - bálsamo, bálsamo-branco. Nome científico - *Sedum dendroideum* DC. / Família - Crassulaceae. Fitogeografia - originária da África. Amplamente adaptada no Brasil (SILVA JÚNIOR, 1998; MILANEZE; GONÇALVES, 2001). Parte usada - folhas. Uso - usa-se o chá para dor-de-cabeça, cólica intestinal, má-digestão, como sedativo. Usa-se para cansaço nos olhos, inflamação, glaucoma (uma gota, três vezes po semana), para dor-de-ouvido (coloca-se o algodão embebido em preparado com óleo de oliva ou girassol +folhas de bálsamo, deixando em banho maria durante uma hora ou aquecer as folhas durante 20-30 minutos para sair o sumo e pingar morno, no ouvido. Em crianças, pingar 5

gotas). Para hidratação da pele (coloca-se o bálsamo+quatro colheres de banha de galinha caipira. Frita-se. Mexe-se bem e passa-se na pele depois do banho). Para corrimento, infecção (faz-se banho de assento com bálsamo+tansagem+algumas gotas de limão. Pode-se também lavar o local, durante quinze dias). Usa-se para gripe, tosse (faz-se xarope fervendo o bálsamo+açúcar mascavo+guaco+casca de angico. Para dores na garganta ou no ouvido (coloca-se cinco a dez gotas de bálsamo+folha de fortuna em mel. Usa-se de sete a dez dias).

Nome popular - salsa, salsinha. Nome científico - *Petroselinum sativum* Hoffm. / Família - Apiaceae. Fitogeografia - planta originária do Mediterrâneo. Cultivada em todo o mundo (ALONSO, 2004; LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se para pedras nos rins, problemas na bexiga, cistite, dificuldade de urinar, problemas na próstata, como diurético (chá da raiz ou duzentas gramas de raiz de salsa+um litro de vinagre de vinho tinto. Deixa-se descansar durante dez dias. Toma-se três litros, sendo três colheres ao dia). Para raquitismo, hepatite C (usa-se as folhas na alimentação), para cicatrização de feridas (coloca-se em um recipiente uma xícara de folhas de salsa+um copo de vinho branco seco. Cozinha-se até evaporar. Coloca-se a pasta que se formou dentro de uma gaze. Aplica-se durante cinco dias, fazendo-se o cozimento todos os dias. Aplica-se também, o sumo nas feridas). Para sangramento no nariz (aplica-se nas narinas as folhas de salsa amassada em forma de bolinha). Para dente aberto (aplica-se a raiz e coloca-se no dente para aliviar a dor ou coloca-se salsa amassada com sal). Para erisipela (suco de couve com salsa). Para abrir o apetite, gases (suco de salsa+sopa quente juntos). Para regularizar a menstruação ou em caso de menstruação dolorosa (usa-se o chá da raiz e sementes em vinho). Para dar brilho aos cabelos (enxagua-se como chá das folhas). Para sardas (faz-se fricções com o suco). Para picadas de insetos e animais peçonhentos (usa-se o chá ou a tintura da planta toda). Para asma (ferve-se as folhas com leite e adoça-se com mel. Toma-se quente). Para falta de apetite (usa-se o chá das folhas, meia hora antes das refeições). Para olhos inchados, inflamados (faz-se cataplasma com as folhas). Para conjuntivite (usa-se o mel de jataí+emplastro de salsa). Para seios inflamados (cataplasma de salsa). Para sistema nervoso, febre (usa-se o chá das folhas e talos).

Nome popular - manjerição, alfavaca. Nome científico - *Ocimum basilicum* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - nativa da Região Mediterrânea (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - planta inteira. Uso - usada na forma de chá para diabetes, vermes, cólicas, problemas respiratórios, enxaqueca, para aumentar o leite das mães que amamentam, nervosismo.

Nome popular - s lvia. Nome científico - *Salvia officinalis* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - Planta originária da região Mediterrânea da Europa (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas e flores. Uso - usa-se para clarear os dentes e para gengivas inflamadas. Para problemas no estômago, m -digestão e intestino. Para afta (ch  das flores em bochechos). Para aumentar o bom humor e para apetite sexual, para o coração, para acalmar os nervos, em caso de dores de cabeça, cólica menstrual, resfriado e tosse. Usa-se como anti-abortiva. Usa-se a pomada, feita a partir do suco, em feridas. Usa-se em paralisias, faringite (coloca-se na alimentação e também faz-se gargarejo com o chá). Para depressão (coloca-se 30 gramas em um litro de água e toma-se três xícaras por dia). Para mau hálito (faz-se bochechos de s lvia+camomila). Em caso de desmaio e sudorese (ferve-se no vinho a s lvia+meio litro de vinho+meio litro de água+60 g de folhas. Deixa-se macerar por dez horas). Usa-se em chá para combater a caspa. Usa-se para rachaduras nos seios (60 g de das folhas de s lvia para um litro de  gua. Ferve-se por dez minutos. Faz-se aplicações no local). Para esterilidade e impotência. Para feridas (banhos).

Nome popular - pinhão-r xo, mercúrio, mercúrio gordo, iodina. Nome científico – *Jatropha multifida* L. / Família - Euphorbiaceae. Fitogeografia - planta nativa da América Tropical. Parte usada - látex . Uso - usa-se externamente para estancar o sangue, como anti-inflamatório e para cicatrização de ferimentos (aplica-se o látex na sola de um dos p s), para o hipotireoidismo (aplica-se o látex na sola do p  por três dias no máximo e faz-se uma novena (nove dias seguidos de rezas).

Nome popular - losna. Nome científico - *Artemisia absinthium* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - cresce espontaneamente em locais pedregosos da Europa, Ásia e Norte da África. É cultivada na América do Norte e em alguns países da Europa, para preparação de vinhos e licores. No Brasil cultiva-se em hortas e jardins como medicinal, geralmente em regiões de clima ameno (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas e flores. Uso - usada para problemas no fígado, dores de barriga, vermes (chá em infusão com três folhas

poder que lhes permitam estar em condições de igualdade com eles, e tampouco permitem que as mulheres gerem estes poderes, os usem e se empoderem. Isto porque, o empoderamento das mulheres faz necessário mudar normas, crenças, mentalidades, usos e costumes e práticas sociais.

Para Lagarde, como ordem de desenvolvimento, o patriarcado estimula mentalidades opressivas, depredadoras e violentas e inibe a solidariedade e a empatia entre mulheres e homens. Gera também relações de poder antidemocráticas e autoritárias.

Para uma ordem assim, como visto na descrição dos anos de 2004/2005, é preciso praticar a solidariedade e sororidade afirmando os novos valores, e confiar na resiliência coletiva para a superação. Neste caso, é preciso ressuscitar a esperança, como definem Morin e Hulot (2008), no coração da própria desesperança, que constata que um sistema é incapaz de tratar seus problemas vitais e que desta forma apresentam-se dois caminhos: ou ele se desintegra ou sofre uma metamorfose.

Apostar nesta metamorfose, é acreditar na transformação através da qual se possa processar a reconstrução de uma forma nova, na direção da qual confluem correntes marcadas pela solidariedade, que conduzem para a reforma da vida.

É acreditar na regeneração da solidariedade de base, criando-se associações que reinventam localmente a política. Redefinindo o conceito de desenvolvimento, cuja aplicação tem destruído a solidariedade tradicional, desencadeando a corrupção e o egocentrismo. Apostando nas potencializadas geradoras e regeneradoras da humanidade, que em uma nova consciência planetária de solidariedade, pode vincular aos humanos entre si e com a natureza terrestre.

É ultrapassar um conceito de desenvolvimento técnico, industrial e econômico, que desintegra as comunidades e as solidariedades tradicionais em benefício do individualismo, do egocentrismo e ânsia de benefícios. A aplicação deste conceito, tem conduzido a inumeráveis solidões individuais, porque não se tem criado novas solidariedades e novas comunidades.

Morin e Hulot (2008) criticam um tipo de desenvolvimento, no seu entender, imoral, pois que carece de solidariedade e responsabilidade, que levam a corrupção generalizada as administrações e a economia. Que só funciona com cálculos de índices de crescimento, de prosperidade e com o quantificável.

Acrescentando-se a hiperespecialização, o hiperindividualismo e a perda de solidariedade, vão se conduzindo as sociedades a um mal-estar existencial e comum, que

para o autor somente poderia ser rompido através de uma política de “humanidade” em escala planetária.

Além da solidariedade, neste momento difícil do processo de construção de uma novo modelo de desenvolvimento, se fez muito importante a partir do GEUPLAM e demais grupos que se derivaram deste, a sororidade. Palavra esta, que define o pacto entre as mulheres que são reconhecidas como irmãs, em contrapartida ao pacto de fraternidade entre os homens que se reconhecem como parceiros e sujeitos políticos, em que as mulheres são excluídas. Pacto último, que alimenta o patriarcado, que é inimigo não só das mulheres, mas de toda a humanidade, pois coloca o controle da sociedade somente nas mãos de alguns homens. Faz-se desta maneira do patriarcado um PODER que se manifesta em todos os lugares, instituições, pessoas, hábitos, culturas, religiões e ideologias.

Repensar a cultura a partir de seu centro é a proposta de Viero (2005), a medida em que se repensa o modo como convivemos, como nos relacionamos entre nós e com a natureza, articulando igualdade e reciprocidade que tem sido o foco dos movimentos críticos atuais, inclusive do feminismo. Desta forma, se ultrapassa o conviver centrado na competição, onde o outro e a outra são percebidos como um inimigo ou inimiga a serem vencidos ou como mero instrumento, do qual podemos tirar proveito (VIERO, 2005).

4.2.9 Entrelaçando os Fio do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2006 e 2007: Da Consolidação das Políticas Nacionais à Socialização dos Resultados e Busca de Autonomia

Enquanto o GEUPLAM colabora nas atividades de organização das Jornadas, de março a maio de 2006 os estudos de plantas medicinais tem continuidade, com as plantas fel-da-terra (*Verbena litoralis* Kunth), sangue d’ave (*Croton celtidifolius* Baill.) e lavanda (*Lavandula officinalis* Chaix).

Em 25 de março de 2006, representantes da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, recebem um convite da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para participar de um evento sobre plantas medicinais, dentro da Convenção da Biodiversidade, em Curitiba- Paraná. Este evento, tinha como um dos objetivos, avançar no sentido da oficialização das Políticas Nacionais de Plantas Medicinais construídas

participativamente, como relembra a Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais:

“...um professor da Universidade Federal de Santa Catarina e ex-representante da Câmara Setorial de Planta Medicinais, um dos Diretores da entidade que emitira o convite para participarmos do evento, buscava com o forte apoio de uma Deputada, militante da causa, tornar realidade o sonho da oficialização da Política. Aquele, seria mais um passo...faltavam alguns Ministros para assinarem os documentos. Era uma luta enorme...se imaginarmos os interesses que estavam envolvidos para que a Política não fosse aprovada...estávamos esperando desde 2004, quando o Grupo junto ao Ministério da Saúde, para a construção da Política fora encerrado, em meio a conflitos políticos...” (Eng. Agrônoma. Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais).

De 08 a 12 de maio, em Joinville-SC, acontece a V Jornada Catarinense e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais, sediadas pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Os esforços dos construtores dos eventos são recompensados. Unidos em trabalho de equipe, os integrantes da Associação Catarinense e Câmara Setorial de Plantas Medicinais, vêm ampliar-se as conexões da verdadeira Rede, que ao longo de 8 anos de trabalho, agora se expandia, para além das fronteiras do Brasil:

“...compreendemos mais do que nunca, que uma rede não se constrói por um cargo em simples registro de papel. Embora, a rede que estava sendo oficializada tenha sido desagregada, a verdadeira Rede, construída em cada passo do caminho da história da organização da área em Santa Catarina, estava tecida.” (Engenheira Agrônoma. Representante de Universidade na CSPM).

De fato, percebia-se as estruturas contruídas desta Rede, durante os dias do evento, que expressava-se na apresentação dos eventos:

“ Em 1998, um pequeno grupo de Santa Catarina, no Sul do Brasil, idealizou um evento em plantas medicinais, a partir da abordagem transdisciplinar. Inspirados nesta abordagem que considera os aspectos físico, emocional, mental e espiritual do ser humano na construção do conhecimentos, o grupo ampliou contatos com uma diversidade de instituições em Santa Catarina, que colaboraram com a concretização da I Jornada

Catarinense de Plantas Medicinais, evento inovador que integrou ciência, cultura, tradição, sabedoria popular e arte.

Com o mesmo espírito participativo e transformador, foram realizadas a II, III e IV Jornadas Catarinense de Plantas Medicinais. Nestes oito anos, uma teia de diversas relações tem sido construída em torno de um objetivo que nos une: a melhoria da saúde e da qualidade de vida das populações do planeta Terra através das plantas medicinais.

Unidos em torno deste objetivo e estimulados pelo sucesso alcançado nas versões anteriores deste peculiar evento, agora expandimos a V Jornada para além das fronteiras do Brasil, agregando desta vez, a I jornada Internacional de Plantas Medicinais e escolhido com o tema: “Diversidade na Unidade”.

Esse tema nos faz refletir sobre a manutenção da extraordinária diversidade da vida, que há mais de três bilhões de anos no planeta, tem sido organizada em rede. A interação do ser humano como o meio ambiente deve reforçar a união em atuação participante, com a consciência da responsabilidade na preservação do patrimônio natural e cultural que nos é ofertado, e no qual estão inseridas as plantas medicinais...uma vez mais, vamos construir uma jornada que não é apenas externa, mas uma jornada interior que nos leva através das plantas medicinais, a encontrar, no labirinto da diversidade da vida, os caminhos que conduzem até a câmara secreta do coração, onde reside a unidade, o amor, a essência primeira da saúde individual e coletiva.”

Na abertura deste evento, história da Organização é narrada através do canto, na voz de uma artista, enquanto as imagens do processo são projetadas.

A Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, que atuava desde 2004, sendo a segunda coordenadora da entidade, recebe um espaço para falar da trajetória da Organização em uma Mesa-redonda sobre “Plantas Medicinais e Organizações da Sociedade Civil”. Era ela, uma mulher, também participante do GEUPLAM, assim como fora a primeira coordenadora da entidade.

Durante o evento, os princípios transdisciplinares são reforçados, nos debates sobre as contribuições da visão científica trazidas pela física quântica, e contribuição da antropologia no estudo de plantas medicinais.

Nos dias do evento, com alegria imensa, comentava-se a notícia da aprovação da Portaria 971/2006 do Ministério da Saúde, de 03 de março de 2006, que aprovara a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde.

A opção terapêutica estava contemplada na forma da planta seca, fitoterápico manipulado e industrializado. Logo em seguida, em 22 de junho de 2006, era também aprovada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Figura 42), através do Decreto Presidencial 5.813, instituindo-se um Grupo de Trabalho para elaborar o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. As recomendações da Declaração de Alma Ata, da Organização Mundial de Saúde, da Constituição Federal, da Convenção sobre a Diversidade Biológica, das Conferências Nacionais, da Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde, que foram os antecedentes desta política tão almejada para o Brasil, finalmente tinham sido contempladas.

O objetivo geral da política visava garantir a população brasileira o acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional.



Figura 42. Material de divulgação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

Em agosto de 2006, uma decisão importante para o GEUPLAM se apresenta. Os interesses dos projetos da Direção da Universidade e de alguns pesquisadores divergem do

pensamento inter-transdisciplinar de pesquisadoras do GEUPLAM e Comunidade. Participantes do GEUPLAM sentem que era chegado o momento de seguir, de maneira independente:

“...a projeção do trabalho estava bastante grande, então projetos haviam sido encaminhados, buscando recursos financeiros, mas que não representavam as verdadeiras intenções do grupo...enviamos uma carta à direção da universidade e decidimos seguir nos encontrando em um salão comunitário...continuamos parcerias com pesquisadores da universidade e abrimos parcerias com outras universidades e também buscamos encaminhar projetos com entidades governamentais e não governamentais...” (Eng. Agrônoma. Pesquisadora. Integrante do GEUPLAM).

“... mais uma vez, sentíamos que a estrutura institucional onde estávamos inseridas, apresentava em sua cultura, fortes valores de competição ao invés da solidariedade, da cooperação. Havíamos, no decorrer dos anos, avançado em projetos de pesquisa e extensão tanto no cultivo de plantas medicinais, com parceria com a Associação dos Agricultores Agroecológicos das Encostas da Serra Geral - AGRECO, uma associação sul-catarinense de renome nacional e internacional. Havíamos avançado no sentido da implantação da fitoterapia através do Serviço de Assistência Integrada à Saúde da Universidade, em convênio com a Secretaria Municipal de Saúde...e os projetos de pesquisa e extensão se multiplicavam a cada ano: TCCs, Cursos, monografias, dissertações..havia um empenho muito grande de uma grupo que se dedicava muito além do reconhecimento institucional. Nos encontrávamos em um ponto em que precisávamos aliviar ações, unificando o movimento, criando um chão, uma estrada para a uma expansividade maior...” (Farmacêutica. Pesquisadora. Integrante do GEUPLAM).

“ ...recordo que estávamos em uma sala, discutindo sobre a coordenação de um projeto institucional que havíamos criado. Havia pesquisadores pioneiros, que tinham iniciado o processo de construção da Equipe Interdisciplinar em Plantas Medicinais, e outros mais novos que não conheciam todo o processo histórico. Então, sugeriu-se pela coordenação conjunta de uma pesquisadora mais antiga e um pesquisador mais novo. Neste momento, o pesquisador surpreendeu a todos, dizendo que poderia muito bem coordenar o Programa sozinho. E expôs uma série de idéias que não refletiam os anseios da pesquisadora pioneira. A mesma, desejou boa sorte, mas disse que iria retirar-se do

projeto, porque sinceramente achava que não tinha função nele, pois a experiência dos caminhos que havia trilhado no processo histórico, com seus erros e acertos, fazia com que não acreditasse na viabilidade daquelas propostas. Para mim, estava claro, que os valores patriarcais estavam novamente se sobrepondo, como na situação que impactara a união grupal na Câmara Setorial de Plantas Medicinais, no Estado.” (Farmacêutica. Pesquisadora de Universidade).

Sobre esta decisão, a própria pesquisadora em questão, se refere:

“... me sentia como se fosse uma árvore plantada em um pequeno recipiente, com as raízes apertadas...sem conseguir me expandir. Tinha que submeter-me a um pensamento do qual não compartilhava... um pensamento mais tecnicista...que eu considerava que iria lesar as pessoas das comunidades que haviam participado do processo ...eu não podia traí-las. Sabia que a minha decisão iria custar a minha saída da instituição. Mas eu não podia romper com a minha integridade...com os valores que sempre estivera defendendo...precisava ser corajosa...respirar...buscar novos horizontes” (Pesquisadora. Participante do GEUPLAM).

As mulheres, representantes da comunidade no GEUPLAM, sentiam-se solidárias com os valores defendidos pela pesquisadora:

“...havíamos recebido recursos em um projeto, encaminhado com os pesquisadores da instituição, para publicarmos um livro sobre o nosso trabalho, que era um sonho para o grupo...mas encontramos dificuldades. Queríamos ser co-autoras na construção deste livro, como estávamos fazendo com os boletins. Porém, na hora de discutirmos como seria, pesquisadores que não participaram do processo desde o início, não concordavam que o nosso conhecimento popular era tão importante quanto o científico. Nos parecia, que para eles, os conhecimentos científicos deveriam ser mais destacados...então, após discussão dentro do GEUPLAM, decidimos que nos desligaríamos desta proposta. Continuaríamos a fazer os boletins, da maneira que estávamos fazendo. Mas não esquecemos do sonho do livro...iríamos buscar outras maneiras...” (Representante Comunitária. Participante do GEUPLAM).

Neste período, a Associação Catarinense de Plantas Medicinais, continuou apoiando o GEUPLAM, e como não contava mais com a estrutura da Universidade, buscou encaminhar projetos para a continuidade do trabalho.

A partir de então, começou-se a discutir no GEUPLAM, o desejo da pesquisadora que coordenava o grupo, de fazer os registros da experiência e das informações etnobotânicas em uma tese de doutorado:

“...Com quase 10 anos de encontros...apoiamos esta vontade, e também acreditamos que esta tese, poderia se transformar no livro, que tínhamos a intenção de construir juntas. Tratar na tese e no livro, de como se desenvolveu nosso trabalho, além dos conhecimentos sobre as plantas, achamos também que seria muito importante...”
(Representante Comunitária. Integrante do GEUPLAM).

“...em 2005 aprovamos um projeto e recebemos recursos da FAPESC (Fundação de Ciência e Tecnologia do Estado de Santa Catarina) em parceria com o Ministério da Saúde e UNESCO....na época, quando os resultados foram avaliados, os técnicos destacaram a originalidade da metodologia... “de e como” os encontros do GEUPLAM acontecem e da elaboração participativa dos boletins... a interação entre a comunidade e os pesquisadores...a parceria de tantos anos...seria muito bom poder analisar tudo isto...”
(Eng. Agrônoma. Pesquisadora. Participante do GEUPLAM).

Na Câmara Setorial de Plantas Medicinais, retornava para mais uma gestão de dois anos, a primeira coordenadora da entidade. Começava-se a pensar na organização da VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, enquanto procurava-se atender os encaminhamentos propostos pela Carta de Joinville (Carta de recomendações da V Jornada Catarinense e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais). ”

A nível nacional, representantes da Associação Catarinense de Plantas Medicinais, que haviam participado do XIX Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, em setembro de 2005 em Salvador- Bahia, relatam que estava sendo organizada uma entidade com o intuito de unir as organizações na área de plantas medicinais no Brasil. Iria se chamar FEBRAPLAME- Federação Brasileira das Associações para o Estudo das Plantas Medicinais. Desde então, a Associação Catarinense de Plantas Medicinais passa a fazer parte da Federação.

A partir desta inserção, o grupo se torna presente como colaborador nos trabalhos de organização do XX e XXI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, respectivamente nos anos de 2008, em São Paulo e em 2010, em João Pessoa - Paraíba. Nesta tarefa de colaboração, procurava expandir os princípios transdisciplinares já incorporados no processo de organização da área, em Santa Catarina.

Além disto, na Câmara, discutia-se sobre a colaboração de Santa Catarina na elaboração do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que estava sendo construído no País, para a operacionalização das Políticas aprovadas recentemente. Colaboração, que se concretiza na participação de representantes da Câmara, na oficina de trabalho para a construção do Programa Nacional de Plantas Medicinais em Brasília de 21 a 23 de novembro:

“ A oficina reunia representantes de várias entidades do país. Vários temas foram discutidos...Da oficina foi feito um documento, para ser encaminhado ao Grupo Interministerial em Plantas Medicinais, encarregado de organizar as sugestões para compor o Programa...discutiu-se sobre a gestão na implantação do Programa...a importância da do acompanhamento pela Sociedade Civil Organizada, Movimentos Populares...discutiu-se que estas organizações e movimentos, na área de plantas medicinais têm atuado junto às comunidades com pedagogias diferenciadas, promovendo parcerias e se comunicando com órgãos públicos ...com avanços em relação as estruturas mais rígidas. Levamos nossas contribuição às discussões, baseadas nas reflexões na Câmara e na Carta de Joinville (Eng. Agrônoma. Representante de Universidade na CSPM).

No GEUPLAM, de agosto a novembro de 2006, as plantas medicinais tomilho (*Thymus vulgaris* L.), coentro (*Coriandrum sativum* L.), carrapicho-de-carneiro (*Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze) e parreirinha-do-mato (*Calea serrata* Less.) são estudadas.

A Associação Catarinense de Plantas Medicinais, desde agosto de 2006, passa a ocupar um espaço-sede no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.

Em dezembro, a Associação em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, tem a aprovação um projeto de duas edições especiais da Revista de

Ciências Agroveterinárias com o tema: “Plantas Medicinais para o Bem-estar da Humanidade.”

As edições, são fruto de uma seleção pública nacional, contemplada por Cultura e Pensamento, um Programa Nacional de fomento ao debate, com preocupação do Ministério em viabilizar, em todo o país, uma série pública de discussões. Sobre a contribuição das discussões, os editores se expressavam:

“... esperamos também que as edições possam contribuir no atual cenário brasileiro, já que vivemos um momento de possibilidades há muito esperadas, com a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (Portaria 971 de maio de 2006) e da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Decreto Presidencial 5.813 de junho de 2006). Políticas estas, que tratam da soberania do nosso país, podendo servir de inspiração para outros países da América Latina” (SANGOI et al., 2006, p. 5).

Nas revistas, são discutidos os temas, a partir de vários artigos, de autores de todas as regiões do Brasil e alguns da América Latina, muitos dos quais haviam participado das Jornadas Catarinenses: plantas medicinais e políticas públicas, transdisciplinaridade e plantas medicinais, diversidade biológica e cultural em plantas medicinais, plantas medicinais: saúde e qualidade de vida em contextos locais e globais, redes de integração e cooperação em plantas medicinais, plantas medicinais e soberania nacional, saúde integral e plantas medicinais. A revista é amplamente distribuída nas várias bibliotecas do país (Figura 43).



Figura 43. Edições da Revista Plantas Medicinais: Recursos Naturais para o Bem Estar da Humanidade.

Ainda na Associação Catarinense de Plantas Medicinais, traça-se o plano de ações de 2007 à 2009, procurando seguir as recomendações da Câmara Setorial de Plantas Medicinais da Carta de Joinville, documento proveniente da V Jornada Catarinense e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais, que ocorrera em maio de 2006. No dia do encerramento das Jornadas, em mesa-redonda intitulada: “Organizações da Sociedade Civil e Organizações Públicas: Encaminhamentos”, após amplo debate, foram deliberadas algumas recomendações. Em cada ação proposta, buscava-se estabelecer a correlação com as diretrizes da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, como segue em algumas delas, que são destacadas abaixo:

- 1) Organizar a campanha da planta medicinal símbolo no Estado de Santa Catarina, acompanhada de um processo educativo (Diretriz 4 - estabelecer estratégias de comunicação para o setor de plantas medicinais e fitoterápicos).
- 2) Dar continuidade ao Projeto de integração de saber popular e científico em plantas medicinais, envolvendo a parceria com o GEUPLAM, visando estimular a promoção da saúde numa visão global do ser humano em seu meio, com incentivo as ações de inclusão e auto-cuidado, resgatando práticas milenares de saúde e bem-estar (Diretriz 4 vista acima, diretriz 5 - fomentar a pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação com base na biodiversidade brasileira abrangendo espécies vegetais nativas e exóticas adaptadas, priorizando as necessidades epidemiológicas da população. Diretriz 9 - garantir e promover a segurança, eficácia e a qualidade no acesso a plantas medicinais e fitoterápicos. Diretriz10 - promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e fitoterápicos. Diretriz 11 - promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação de produtos fitoterápicos, segundo legislação específica. Diretriz 12 - promover o uso sustentável da biodiversidade e a repartição dos benefícios derivados do uso dos conhecimentos tradicionais associados e do patrimônio genético. Diretriz 13 - promover a inclusão da agricultur familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos).
- 3) Promover a capacitação em plantas medicinais e fitoterápicos, priorizando um olhar sistêmico, para romper com o modelo fragmentado nas capacitações: a) na produção agrônômica e junto às comunidades atendendo aos princípios da

agroecologia e utilizando metodologias participativas, incluindo além do eixo técnico o eixo humano. b) em plantas medicinais e fitoterápicos para o SUS - em consonância com a visão holística que fornece embasamento às práticas integrativas e complementares (Portaria 971); incluindo nível básico para toda a equipe; incluindo aprofundamento para prescritores, farmacêuticos e orientadores (diretrizes 2,3,4,9,10,11,13 - vistas acima).

O ano de 2007 marca uma ampliação das discussões sobre os temas tratados no GEUPLAM e sobre os resultados dos estudos de plantas medicinais acumulados pelo grupo.

Como os boletins vinham sendo, depois dos encontros mensais, rediscutidos com outras 2000 agentes da Pastoral de Saúde no Estado, integrantes da CNBB, fazem contato com a Associação Catarinense de Plantas Medicinais, que na época apoiava o GEUPLAM.

O intuito do contato era de aprofundar as discussões sobre plantas medicinais, com as lideranças da Pastoral da Saúde a nível Estadual que tinham influência nos municípios, para a implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde aprovadas em 2006. Com a participação de integrantes do GEUPLAM e com base na experiência e conhecimentos acumulados no decorrer dos anos, iniciam-se então discussões, reflexões e socialização dos resultados dos estudos (Figura 44).



Figura 44. Aprofundamento dos estudos sobre plantas medicinais e discussões sobre sustentabilidade com lideranças da Pastoral da Saúde no Estado de Santa Catarina.

Enquanto isto, neste ano, segue no GEUPLAM o estudo sobre as plantas medicinais: cidró (*Aloysia gratissima* (Gillies & Hook. ex Hook) Tronc.), erva-santa

(*Aloysia gratissima* (Gillies & Hook. ex Hook) Tronc.), violeta-de-jardim (*Viola odorata* L.), linhaça (*Linum usitatissimum* L.), gravatá (*Bromelia antiacantha* Bertol.), hortelã (*Mentha arvensis* L.) e mão-de-Deus (*Tithonia diversifolia* (Hemsl.) A. Gray).

Nos anos de 2006 e 2007 ampliavam-se as informações etnobotânicas, conforme segue:

Nome popular - fel-da-terra, vassourinha. Nome científico - *Verbena litoralis* Kunth / Família - Verbenaceae. Fitogeografia - planta nativa da América Tropical. É mais frequente na região sul do Brasil (LORENZI, 2000; ALONSO, 2004). Parte usada - toda a planta, exceto as raízes. Uso - usa-se para lavagens de feridas, como cicatrizante (faz-se o chá e lava-se a região afetada). Usa-se para favorecer o parto, como fonte de vitamina C, no combate as infecções, no combate de febres, para pedras no fígado. Usa-se para diabetes (em tintura). Usa-se para ativar a circulação, para vômitos, fermentações intestinais, cólicas, vermes, problemas de estômago, gastrite, para favorecer digestão, para paralisia.

Nome popular - sangue d'ave, sangue da árvore, sangra d'água. Nome científico - *Croton celtidifolius* Baill. / Família - Euphorbiaceae. Fitogeografia - encontrada na Mata Atlântica, desde o estado do Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo e na região Sul do Brasil (SMITH et al., 1998). Parte usada - resina, extraída do caule. Uso - usa-se para reumatismo no sangue e dor de garganta (em garrafada com: uma garrafa de álcool de cereais ou cachaça+vinete dentes de alho descascados e amassados+três colheres de sopa de sangue d'ave. Coloca-se tudo em uma garrafa de vidro e enterra-se durante nove dias. Toma-se três colheres de sopa por dia, dividido em três doses - uma colher por dose. Usa-se tomar três garrafas, com descanso de alguns dias entre elas). Para anemia (em garrafada com: uma garrafa de vinho+seis gemas de ovo+três colheres de sangue d'ave. Bate-se tudo no liquidificador. Toma-se três colheres por dia). Para fortalecimento e anemia (rala-se duas beterrabas cruas e mistura-se com açúcar mascavo. Usa-se misturar este líquido com suco de uva puro e duas colheres de sangue d'ave. Guarda-se o preparado em geladeira). Usa-se externamente a resina para feridas (usa-se pura), para úlcera varicosa (usa-se a garrafada anotada acima). Para reumatismo no sangue e dor-de-garganta (coloca-se o produto da garrafada em lavagem do local). Para úlceras (coloca-se uma atadura com o líquido e deixa-se por um dia). Para aumentar a imunidade (usa-se tomar de três a cinco gotas da resina em um pouco de água ou leite de cabra pela manhã).

Nome popular - lavanda, alfazema. Nome científico - *Lavandula officinalis* Chaix / Família – Lamiaceae. Fitogeografia - planta nativa da Europa, cultivada em vários países de clima temperado (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se para enxaqueca. Usa-se para queda de cabelo (chá da planta forte+uma ampola de vitamina). Para cólicas de bebê (chá). Como desinfetante de ambientes (óleo, incenso e usa-se também queimar a planta em brasas). Para umbigo de criança (coloca-se uma almofadinha de lavanda quente). Para desinfetar fraldas (coloca-se uma panela de barro com brasa, para sair o vapor de alfazema. Coloca-se encima do vapor, balaios com fraldas). Para espantar maus fluidos (espalha-se vapor de alfazema+alecrim por toda a casa ou coloca-se nos quatro cantos da casa pratos com sal grosso e alfazema+alecrim, para benzedura da casa).

Nome popular - tomilho, orégano-cuminho. Nome científico - *Thymus vulgaris* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - espécie originária dos países do Mediterrâneo. Aclimatada no Brasil (CORRÊA JÚNIOR et al., 1994). Parte usada - folhas e flores. Uso - usa-se para problemas na garganta e como tempero.

Nome popular - coentro . Nome científico - *Coriandrum sativum* L. / Fitogeografia - Planta nativa da região Mediterrânea. Pode ser encontrada em estado silvestre no Sudeste da Inglaterra. Os principais cultivos no mundo, se encontram no norte da Índia, Marrocos, França, Alemanha, Romenia, Holanda, Itália, Bulgária, Turquia, Rússia, Estados Unidos e Colômbia (ALONSO, 2004). Parte usada - frutos maduros. Uso - usa-se para cólicas de bebês e para temperar carnes.

Nome popular - carrapicho-de-carneiro, roseta-do-mato. Nome científico - *Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - espécie nativa da América Tropical (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta, principalmente as folhas e ramos. Uso - usa-se para pedras nos rins (chá da planta+anis+quebra-pedra. Toma-se três copos por dia. No primeiro dia, a primeira dose é com anis). Para infecção nos rins (carrapicho-de-carneiro+pata-de-vaca+quebra-pedra).

Nome popular - parreirinha-do-mato, esconderijo de aranquã. Nome científico - *Calea serrata* Less. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - planta nativa e endêmica do Brasil (MONDIM, et al. 2013). Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se para problemas no fígado

(inflamação), cólicas, pedras nos rins, pedras na vesícula, diabete (toma-se o chá ou a planta macerada em água fria). Usa-se para má digestão (mastiga-se as folhas).

Nome popular - cidró. Nome científico - *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook. ex Hook) Tronc. / Família- Verbenaceae. Fitogeografia - planta originária da América do Sul, provavelmente do Chile. Foi introduzida na Europa em 1784, onde é cultivada para fins medicinais e ornamentais. Cresce no Peru, Chile e Argentina. É cultivada no Uruguai e no sul do Brasil (SIMÕES,1986; GUPTA,1995 ;LORENZI; MATOS, 2002). Uso - usa-se para problemas de nervos, dores, para idosos com insônia (bate-se no liquidificador as folhas com limão, acrescentando-se açúcar mascavo). Usa-se para problemas no útero, para preparar sabonetes, para o couro cabeludo de crianças, em garrafadas fortificantes e para acalmar as pessoas em velórios.

Nome popular - erva-santa, erva-de-nossa-senhora, erva-da-graça. Nome científico - *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook. Ex Hook) Tronc. / Família - Verbenaceae. Fitogeografia - cultivada no Sul e Sudeste do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas e ramos. Uso - usa-se para pressão alta. Para alergias (banhos com o sabonete da planta), nervosismo (na forma de um licor calmante). Para pedras nos rins (em garrafadas). Para lavar úlcera varicosa. Para má digestão, “stress”, ansiedade (chá). Para psoríase (em pomada). Para lavar o couro cabeludo (erva-santa+calêndula).

Nome popular - violeta-de-jardim, amor-perfeito, viola-rôxa, violeta-de-cheiro. Nome científico- *Viola odorata* L. / Família - Violaceae. Fitogeografia - planta nativa da Europa. Cultivada no Sul e Sudeste do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - flor, folhas e raiz. Uso - usa-se as flores para gripe, resfriado, tosse (faz-se xarope). Para problemas de pele (pomada).

Nome popular - linhaça. Nome científico - *Linum usitatissimum* L. / Família - Linaceae. Fitogeografia - originária da Ásia (PINTO, 2007). Parte usada - sementes. Uso - usa-se para dores no ciático (sementes de linhaça+cebola-de-cabeça ralada em emplastro). Para pneumonia em criança (usa-se emplastro alternado - uma colher de linhaça em meio litro de água. Faz-se um pirão grosso e coloca-se bem quente nas costas, durante dez minutos. Tira-se e deixa-se um intervalo de dez minutos, oferecendo para a pessoa adoentada um copinho de suco de laranja. Em seguida, coloca-se emplastro, feito de uma colher de pimenta- do- reino socada e feito pirão. Deixa-se dez minutos. Tira-se e faz-se intervalo de

dez minutos, oferecendo água morninha. Reaproveita-se os emplastos por três vezes, colocando na panela para esquentar). Para pneumonia em adultos (faz-se emplastro morno com pirão de linhaça+água+farinha-de-mandioca. O pirão deve ficar grosso, durinho. Aplica-se por vinte minutos. Retira-se, e após duas horas, aplica-se denovo). Usa-se também colocar o pirão frio de uma colher de linhaça+água, nas plantas dos pés. Usa-se o pirão frio. Usa-se também fazer o pirão com linhaça+água e ovo cru com farinha, e aplica-se alternados. Usa-se a linhaça em queimaduras (coloca-se a água da linhaça batida no liquidificador. Repete-se várias vezes). Para baixar o colesterol (usa-se uma colherinha de linhaça com água, em jejum, por dez a quinze dias). Para dores como tendinite e bursite (usa-se duzentas gramas de linhaça+duas colheres de gergelim batidas no liquidificador, em separado. Depois, junta-se em um vidro. Aplica-se uma colher por dia). Para emagrecimento (toma-se em jejum duas colheres de linhaça macerada em água e depois triturada. Antes, toma-se um copo de água morna). Usa-se a linhaça na alimentação em arroz com linhaça batida, e em saladas. Usa-se a linhaça triturada dentro de uma banana. Para fazer geléia (duzentas gramas de linhaça+duzentas gramas de uva passa+duzentas gramas de ameixa seca+um copo de água+um pouco de cravo+três colheres de açúcar mascavo+um pouco de canela. Bate-se no liquidificador. Usa-se três colheres por dia). Usa-se fazer uma pasta com uma fatia de mamão+uma colher de linhaça+cinco ameixas-pretas fervidas em água. Usa-se uma colher à noite, depois da janta durante vinte e um dias. Após os vinte e um dias, reduzir para duas vezes durante dez dias, e após, reduzir para uma vez por dia. Usa-se também a linhaça em pães (4 colheres). Usa-se para fazer granola e em verduras. Usa-se para prisão de ventre (uma colher de linhaça em água fria, deixando-se macerar a noite. Toma-se no outro dia, em jejum).

Nome popular - gravatá. Nome científico - *Bromelia antiacantha* Bertol. / Família - Bromeliaceae. Fitogeografia - planta nativa da região Sul e Sudeste do Brasil (REITZ, 1983). Parte usada - frutos e folhas. Uso - para pneumonia, tuberculose, faringite, doenças respiratórias, tosse, coqueluche (usa-se cozinhar o cacho (trinta e três frutos). Pica-se em quatro fatias, coloca-se em uma panela com um quilo e meio de açúcar mascavo. Ferve-se cerca de uma hora. Espreme-se com uma toalha. Retorna-se o bagaço para a panela com um litro e meio de água. Ferve-se novamente por meia hora. Toma-se uma colher de sobremesa do xarope pela manhã, à tarde e à noite). Usa-se para aftas e feridas (usa-se o chá das folhas para bochechos, tirando-se os espinhos).

Nome popular - hortelã. Nome científico - *Mentha arvensis* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - planta originária do Japão, de onde foi trazida para o Brasil, por imigrantes japoneses (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - toda a planta, exceto raízes. Uso - usa-se para vermes, febres, resfriado, faringite, tosse, dor-de-garganta, enxaqueca, cansaço, para eliminar gases (coloca-se um punhado de hortelã+uma garrafa de vinho tinto e enterra-se por sete dias. Toma-se três colheres por dia).

Nome popular - mão-de-deus, dedo-de-deus, margaridão, mini-girassol. Nome científico - *Tithonia diversifolia* (Hemsl.) A.Gray / Família: Asteraceae. Fitogeografia - planta nativa do México, crescendo em partes da África, Austrália, Ásia e países da América do Norte (KURODA, et al., 2007). Parte usada - folhas. Uso - usa-se para diabetes, problemas de fígado e estômago (chá de três folhas, três vezes ao dia).



Figura 45. Boletins sobre plantas medicinais, produto do encontro do GEUPLAM, durante o quinto ciclo do processo.

4.2.10 Entrelaçando os Fios da Sexta Análise e Reflexão Crítica

Nesta etapa, a dos anos de 2006/2007, o processo se reorienta através da solidariedade e sororidade exercitadas. Experimenta-se um momento de consolidação de uma verdadeira Rede de Plantas Medicinais, interligando Sociedade Civil Organizada e Organizações Públicas.

A aprovação das políticas em plantas medicinais no país consolidam lutas, com possibilidades de garantia para a população brasileira ao acesso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade.

O processo continua a expandir suas raízes com seus princípios, na colaboração dos participantes na construção do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, na construção do XIX Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, na edição da Revista “Plantas Medicinais: Recursos Naturais para o Bem-estar da Humanidade” e nas demais ações empreendidas, adquirindo visibilidade.

O produto, o resultado dos estudos de plantas medicinais que se desenvolveram durante anos no GEUPLAM, passa a ser socializado de uma maneira mais ampla, beneficiando as várias comunidades no âmbito estadual, com mulheres que exercem liderança nestas comunidades. Discussões, reflexões, e aprofundamentos acontecem, não somente sobre os resultados dos estudos de plantas medicinais, mas também sobre os demais temas amadurecidos e acumulados pelo grupo durante os anos.

Em meio a este fortalecimento e expansão, o GEUPLAM se depara com a incompatibilidade de valores e pensamentos baseados no modelo patriarcal, em projetos na Universidade. Esta incompatibilidade leva o Grupo a buscar uma maior independência e auto-sustentação.

4.2.11 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2008 e 2009: Da Influência das Lideranças Femininas Pioneiras às Novas Lideranças com Novas Racionalidades e Sensibilidades

No GEUPLAM, em 2008, decide-se que os estudos passariam a ser a cada dois meses, resultando em boletins sobre as plantas medicinais: cardo-mariano (*Silybum marianum* (L.) Gaerth.), capim-citronela (*Cymbopogon nardus* (L.) Rendle), tiririca (*Cyperus rotundus* L.) e orégano (*Origanum vulgare* L.).

Uma das pesquisadoras participantes do Grupo, estivera se preparando para a seleção no doutorado na Universidade Estadual Paulista e fora aprovada. É com alegria, que o Grupo recebe a notícia. No próximo ano, ela partiria para realizar um anseio que era compartilhado por todas as integrantes: registrar os conhecimentos construídos e analisar a experiência que juntas contruíram ao longo dos anos.

Por este período, o trabalho de duas jovens mulheres, que receberam formação acadêmica de pesquisadoras pioneiras nos trabalhos no GEUPLAM em 1996, começam a frutificar. Uma, farmacêutica, outra agrônoma. A farmacêutica, desde o ano de 2007 participava dos estudos do GEUPLAM, representando como professora e pesquisadora, uma Universidade da Região Sul de Santa Catarina. A mesma relembra sua inserção no grupo:

“...comecei a trabalhar com plantas medicinais na graduação em Farmácia. Eu me formei em 1999, então foi em 1997 que comecei...participava no grupo de pesquisa sobre própolis e produtos naturais. Mas o despertar foi também com as disciplinas de Botânica Aplicada à Farmácia e a disciplina de Fitoterapia (ambas as disciplinas sob a responsabilidade de duas professoras pesquisadoras do GEUPLAM)... a minha iniciação na parte de plantas medicinais começou aí...eu me perguntava: - Será que realmente a planta medicinal funciona cientificamente? Então comecei na parte de iniciação científica. Aí,começou a me gerar uma angústia porque eu notava que o saber científico reprime o saber popular e se supervaloriza. Então, quando eu entrei na parte de saúde pública e também tive Farmácia de Manipulação, eu comecei a atuar com grupos de diabéticos e hipertensos... e aí existia muita vontade de conhecer as plantas...mas os profissionais cobravam muito esta questão : - não, eles usam errado, isto não funciona, tá errado. Eu ouvia que isto tá errado, aquilo tá errado...foi então, quando recebi o convite para participar do GEUPLAM” (Farmacêutica. Pesquisadora do GEUPLAM)

E relembra o que percebera nos primeiros encontros:

“ ... aí veio me confirmar “as loucuras” que eu tinha na minha cabeça, que me diziam: existe sim, uma forma de construir um diálogo..interagir no conhecimento popular, com o científico, e que isto precisa ser traduzido para a fala popular, o que o científico quer dizer. E o científico, conseguir traduzir, o que o popular quer dizer. Eu sempre respeitei muito as orientações populares...eu venho de uma família que a avó benzia..minha mãe também benzia...então quando as mulheres do GEUPLAM falavam...uma vez, em um estudo elas estavam falando como plantar a rosa. E aí elas diziam: - para se conseguir fazer com que a rosa vingue, tu tens que plantar num dia que estás com muita vontade de plantar. Conversar com a rosa, aquecer o galhinho com barro. Colocar com as duas mãos, lá no fundo da terra. E outra coisa, rosa só pega

quando for roubada. Quando a gente tem rosa ganhada, não vinga. Então eu perguntei - Mas, porque? E uma delas respondeu : - é porque, de repente, a pessoa está te dando com tanto receio, ai! esta é minha rosa, tão linda! Então bota olho gordo na rosa e não pega. Então, eu escutei aquilo pensei, se eu não conseguia fazer vingar nenhuma rosa que eu plantava, eu ia tentar. Fiz igual como elas falaram, conversei com a rosa, coloquei o barro...peguei um galhinho de rosa branca, que dizem que rosa branca não pega com qualquer pessoa. E peguei outra de cor rosa. Deu certo! Mas eu escuto muitos profissionais de saúde que replicariam isto. Então eu penso que é pela minha formação...porque tem muitos profissionais que não conseguem aceitar...não sabem fazer este olhar” (Farmacêutica. Pesquisadora participante do GEUPLAM).

A outra, engenheira agrônoma, estava vinculada a uma entidade de pesquisa e extensão do Estado de Santa Catarina, sendo representante desta entidade na Câmara Setorial de Plantas medicinais. Desenvolvia um trabalho junto a agricultores na produção agroecológica de plantas medicinais no Sul de Santa Catarina, e relembra como começou a trajetória que a levou a realizar este trabalho:

“...quando criança, descobri através de uma tia, irmã de meu pai, que minha avó paterna trabalhava com homeopatia e plantas medicinais. Ela me mostrou um antigo receituário... ela indicava chás e outras práticas alternativas. Ela também benzia, tudo gratuitamente. Isto despertou meu interesse...lembro ainda, que minha avó materna plantava e colhia chás para uso na casa, eu ficava muito com ela, pois minha mãe saía para trabalhar...ela foi me passando seu encantamento com as plantas...e minha avó paterna já havia partido, quando vim ao mundo...mas tudo relacionado a suas práticas me chamava a a atenção...então depois, lembro que passou um vendedor de enciclopédias e meu pai adquiriu livros de uma coleção de “Plantas que Curam”, ainda em preto e branco, mas as plantas eram minuciosamente desenhadas...lembro que aquela era “minha bíblia”. Todos os dias eu dava uma espiadinha. Tudo o que eu, minha mãe, meu pai, sentíamos eu tentava estudar, para saber qual a planta mais adequada, e se houvesse por perto de casa, colhia e preparava para fazer a experimentação. Eu devia ter uns onze anos...e assim foi, até a época de decidir a profissão...lembro que apesar de não saber a relação... me encontrava em um dilema aos 16 anos ao optar por uma profissão. Estava entre cursar Farmácia ou Agronomia. Nem sabia eu, que em qualquer um dos dois caminhos, eu iria encontrar as plantas medicinais... a terra, as plantas, as pessoas falaram

mais alto na minha decisão, que foi tomada mesmo contra a aprovação dos meus pais” (Engenheira Agrônoma. Representante de Entidade Governamental).

A agrônoma relembra da época em que começou a cursar Agronomia:

“...no começo, tinha plena certeza que minha opção era em função de minha ligação com os vegetais, depois vinha a terra e depois, as pessoas...foi quando na aula de Botânica Econômica - (disciplina sob a responsabilidade de uma pesquisadora pioneira na organização do GEUPLAM) - em uma viagem de campo, que eu encontrei o que eu estava procurando...alguém que falava a minha língua, alguém sabia o que eu já tinha certeza, que as plantas tem alma e curam...daí foi tudo naturalmente fluindo..um conhecimento adormecido ia emergindo, unindo o empírico ao acadêmico...vendo onde a terra estava inserida, onde as pessoas entravam...e as relações entre os elementos: a lua, as marés, o sol...” (Engenheira Agrônoma. Representante de Entidade Governamental).

E relembra, como começou a participar na representação da Câmara Setorial de Plantas Medicinais:

“...começamos a trabalhar junto aos agricultores e ganhamos voz na instituição...um movimento mais amplo de unir os polos produtores do estado, e então entrei na Câmara Setorial...participei..ministrei cursos, palestras, seminários. Me senti trazendo um pouco da realidade do campo, para tomar assento de direito naquela importante Câmara Técnica, onde encontrei vários representantes..usuários, pessoas da área da saúde, da indústria... e eu sentia falta dos agricultores...mas sentia que poderia de certa forma representá-los. Me vi trazendo a voz do campo lá para dentro...era meu dia de estar com os agricultores, partilhar suas dificuldades, seus medos com relação ao mercado, legislação...eu podia ser uma ponte. Lidava também com muitas mulheres...na maioria eram mulheres agricultoras. Fui a muitos recantos...lugares onde nunca imaginei estar, a pedido delas, para trocarmos experiências, mudas, sementes e plantas medicinais. Trocar receitas...algumas muito antigas, outras, descobertas recentemente. Lembro ter ido em uma das comunidades que era bem distante... e lá as plantas ainda tinham nomes em alemão. As mulheres entre elas, conheciam as plantas e quando eu falava em latim ou português, uma anciã ia passando o nome em alemão para as demais...este dia me marcou muito! Sentia como uma porta se abrindo não para algo novo, mas para algo que estava latente, só esperando a hora de brotar...recebia na época muita inspiração...revelações em

sonhos, do que fazer, como proceder, que técnicas usar” . (Engenheira Agrônoma. Representante de Entidade Governamental).

Eram duas jovens lideranças, dando continuidade ao caminho que fora iniciado dentro dos princípios transdisciplinares. Em reunião de março de 2009, na Câmara Setorial de Plantas Medicinais a agrônoma foi, por consenso, escolhida para coordenar os trabalhos. Sobre este momento relembra, e também sobre as dificuldades encontradas em função de uma cultura institucional com marcas patriarcais:

“...cheguei lá em função do reconhecimento do meu trabalho, mas muitas vezes enfrentei resistência por parte da chefia para garantia da minha presença nas reuniões. Pude ver no rosto de algumas figuras masculinas que faziam parte do Conselho de Desenvolvimento Rural uma certo ar de surpresa, podendo ler nas entrelinhas... (Engenheira Agrônoma. Representante de Entidade Governamental).

Relembra mais, sobre as dificuldades encontradas em projetos institucionais de plantas medicinais dos quais participou e sobre a coordenação que exerceu na Câmara:

“..coordenei a Câmara por oito meses. Mas no projeto de plantas medicinais da instituição acompanhei por quatro anos, aqui na região. Na Câmara, senti que era o momento de recuar...eu não estava pronta... a instituição não estava pronta para me dar retaguarda... sabe, para eu ter raízes sólidas, para ganhar força...acredito que este momento virá. Lá, eu não falava por mim, falava pela instituição...tem uma grande diferença nisso. Eu não aceitei ser uma marionete, não aceitei manipular os demais. Eu queria ser autêntica...mas ...de um lado uma parte do grupo estava acordado para a vida da agricultura, com valores bem definidos e autênticos...de outro lado, outra parte, aqueles que estavam ali atrás do interesse econômico, dos números, estatísticas...esta é uma área complexa do conhecimento, que não pode ser tratada em gavetinhas...quando o projeto na instituição foi extinto...vou falar assim...eu voltei para o trabalho diversificado...” (Engenheira Agrônoma. Representante de Entidade Governamental).

E sobre a resistência que desenvolveu para continuar seu trabalho:

...sempre busquei criar formas de dar continuidade a este ideal no lugar onde me encontro, novamente num movimento pequeno, também com mulheres em oficinas que chamei de “a multifuncionalidade da babosa” e “oficinas de temperos”. Por ser um

trabalho que não tem “lobby”, não tem empresas patrocinadoras, por ser produção orgânica, não existe pacote tecnológico, tudo está nas mãos dos agricultores, dos extensionistas, ou então ...à instituição só cabe orquestrar o que já existe, trabalhar metodologias participativas, dividir os méritos...isto é um exercício difícil dentro das instituições... e também acredito que haja preconceito de certa forma, de gênero. Consigo ver como a cultura patriarcal ainda domina, nas relações, no ambiente do trabalho. Agora eu posso ver que o recuo, no meu caso, foi estratégico...que um ideal não morre, ele só se fortalece, pode esperar o melhor momento para alcançar seu intento. Hoje sei, que estas milhares de erveiras, querem o que eu quero: reconhecimento para esta atividade tão milenar, tão importante que tem acompanhado a evolução da humanidade e que continuará sendo passada através das gerações. Agora com elas, eu posso me preparar, posso ter raízes, e posso ganhar ramos que são os novos aliados...” (Engenheira Agrônoma. Representante de Entidade Governamental).

Nestes tempos, na Câmara, em parceria com a Associação Catarinense de Plantas Medicinais, discutia-se sobre a organização da VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais e sobre ações para implementação das políticas de plantas medicinais conquistadas.

No GEUPLAM, o ano de 2009, segue com os encontros, que contam desde então com a participação virtual da pesquisadora, que partira para a concretização do doutorado na Universidade Estadual Paulista (Figura 46). Desde Botucatu, do Programa de Pós graduação em Agronomia - Horticultura, na área de etnobotânica, o grupo recebe apoio para a concretização dos boletins. Neste ano, somam-se os estudos sobre as plantas medicinais: picão-preto (*Bidens pilosa* L.), nhamê (*Colocasia esculenta* (L.) Schott), acerola (*Malpighia glabra* L.), cana-do-brejo-rôxa (*Dichorisandra thyrsiflora* J.C.Mikan), pitanga (*Eugenia uniflora* L.), reedição da planta jurubeba (*Solanum paniculatum* L.), cravo de defunto (*Tagetes minuta* L.).

Também em 2009, a farmacêutica, que havia iniciado sua trajetória, com as pioneiras organizadoras do GEUPLAM, é selecionada para o doutorado em Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina. A mesma passa a coordenar os encontros do GEUPLAM. Sobre a escolha que fizera em relação ao doutorado, recorda:

“...eu achei muito interessante este “caminhar” com o GEUPLAM... e aí veio a inserção na Saúde Pública...esta aproximação ... o uso da fitoterapia como recurso terapêutico. Eu, pelo menos na minha formação farmacêutica, eu comecei a ver que as pessoas não se entendem... então, quando você fala de uma planta, a “melissa”, por exemplo. O profissional da saúde está falando de “uma melissa”, e o usuário está falando de “outra melissa”. E aí um desdiz o outro... Então o GEUPLAM me trouxe este entendimento... aí eu comecei a refletir assim: - o que que a professora (professora de Botânica Aplicada à Farmácia, pioneira na construção do GEUPLAM, e que lecionava para a estudante da Graduação em Farmácia), tanto falava da Botânica que era importante. e e eu pensava: - para que? Oque eu vou fazer com esta disciplina na minha vida? Pra que eu preciso saber se as folhas da planta são alternadas, se são opostas...e então entendi: para diferenciar do que estamos falando...e aí...participando do GEUPLAM, me instigou fazer o doutorado. De saber, que formas existem de interação, de práticas, no contexto da atenção básica, para poder estar falado sobre a fitoterapia. Trazendo esta discussão com alguns autores... de que o conhecimento científico, não é o único que existe na face da terra. Que existem vários conhecimentos e o que precisa é que as pessoas se escutem, se interpretem, se traduzam..que é uma coisa que vem faltando muito na nossa profissão...as pessoas não conversam...então é mais fácil dizer isto é proibido, do que conversar...então foi isto que gerou a tese” (Farmacêutica. Professora Universitária e Pesquisadora. Participante do GEUPLAM).

Com a inserção no doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, a farmacêutica ganhou um espaço para videoconferências no Projeto Telessaúde do Ministério da Saúde, uma forma de promoção à Saúde através de tecnologias virtuais. O projeto passou a acontecer com a participação de órgãos governamentais, privados e universidades Públicas. Sobre a importância deste espaço, onde começou a dialogar com base na construção dos boletins de plantas medicinais, destaca a farmacêutica:

“....começamos com cinco participantes...agora, tem dias que lota a sala e ninguém entra mais. E oque é legal, é que têm vários municípios fazendo o sistema de estudos em roda (círculo utilizado pelo GEUPLAM, para o estudo de plantas medicinais) que a gente faz lá junto com a Pastoral (GEUPLAM). Eles assistem as “webs” comigo, e voltam para os municípios junto com os agentes comunitários, com agentes da Pastoral e fazem o estudo de uma planta a cada vez. Interessante é que se disseminou como uma rede...e

estão produzindo boletins. Cada município busca a informação na comunidade e está produzindo os boletins. Ano que vem eu defendo o doutorado... meu foco é trazer esta atenção educativa para dentro da atenção primária. De que forma o profissional de saúde pode melhorar a escuta dos saberes populares sem menosprezar, e trazer esta complementaridade entre o conhecimento popular e o científico. E aí o foco é estudar os programas de fitoterapia...” (Farmacêutica. Professora Universitária e Pesquisadora. Participante do GEUPLAM).

E volta comentar o que vem fazendo no doutorado:

“... o interessante é que os Programas de Fitoterapia mais antigos, muitos ainda estão com o enfoque de medicamento... mas tem muitos que estão fazendo ações educativas ambientais, na idéia de promoção de saúde... então fiz dois parâmetros de comparação, tanto você pode trabalhar a fitoterapia que busca o medicamento e a industrialização, numa visão mais cientificista e o outro lado, mais do empoderamento, emancipação, educação popular, permanente e aí entram as rodas de conversa...o referencial teórico que estou usando é o da construção de conhecimento. O médico aqui do Hospital Universitário que já trabalhava com fitoterapia topou a idéia e já implantou em quatro unidades de saúde” (Farmacêutica. Professora Universitária e Pesquisadora. Participante do GEUPLAM).

E sobre o fato de estar coordenando o GEUPLAM, reflete:

“...as primeiras vezes que eu participei do grupo eu não ia com tanta frequência. Comecei a ir com frequência mesmo, a partir de 2007, 2008. Eu ficava antes, na parte de revisão dos boletins, junto com os alunos da Universidade...até que comecei a conduzir o grupo...toda vez que eu vou para lá é uma sensação de tranquilidade...parece que elas não buscam só o conhecimento, mas este apoio ...assim... a forma de começar com a harmonização, com a troca.. esta solidariedade ... o conforto que uma dá a outra...você não consegue entrar na sala sem beijar todas elas, sem dar um abraço ...sem provar as coisinhas gostosas que elas trazem para comer...assim..este aconchego...” (Farmacêutica. Professora Universitária e Pesquisadora. Participante do GEUPLAM).

E através da jovem pesquisadora, neste ano de 2009, o Grupo recebe mais um importante apoio para a construção dos boletins, o da Universidade Federal de Santa

Catarina através do Hospital Universitário - Horto de Plantas Medicinais e Departamento de Saúde Coletiva.



Figura 46. Reunião do GEUPLAM sob a coordenação de nova liderança.

(Foto: Gisele Damian Antônio)

Assim, boletins do GEUPLAM nos anos de 2008 e 2009, guardam as informações que seguem:

Nome popular - cardo mariano, cardo-santo, arnica-brava. Nome científico - *Silybum marianum* (L.) Gaertn. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - planta nativa do Mediterrâneo. Cresce espontaneamente em solos arenosos e pedregosos e subspontaneamente em áreas ruderais, cultivadas, à beira de caminhos (SILVA JÚNIOR, 1988). Parte usada - folhas, inflorescência. Uso popular - usa-se para dores (coloca-se a flor antes de amadurecer no álcool e usa-se externamente). Para dor de estômago, infecção e para emagrecimento (toma-se o chá das folhas).

Nome popular - capim- citronela. Nome científico - *Cymbopogon nardus* (L.) Rendle / Família - Poaceae. Fitogeografia - espécie alóctone, originária do Sri Lanka, Ásia. Cresce em clareiras, a beira de rios, em lugares úmidos (SILVA JÚNIOR, 1998). Parte usada - folhas. Uso popular - usa-se como repelente de insetos.

Nome popular - tiririca, tiririca-comum. Nome científico - *Cyperus rotundus* L. / Família - Cyperaceae. Fitogeografia - planta nativa da Índia e amplamente disseminada em mais de 90 países (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - raiz, rizoma e sementes. Uso - usa-se para infecção urinária, inflamação, dores abdominais, náuseas, vômito, diarreia,

para provocar a menstruação, como vermífugo, para febre, cólera, sífilis, como afrodisíaco, para a memória, como fortificante e estimulante.

Nome popular - orégano. Nome científico - *Origanum vulgare* L. / Fitogeografia - planta nativa de regiões montanhosas e pedregosas do Sul da Europa. Cultivada no Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas. Uso - usa-se para problemas do sistema nervoso, problemas de digestão, útero e ovário, cólica de menstruação, para tosse, gripe, gases, gargarejo para dores de garganta (chá). Usa-se para abrir o apetite, bronquite, asma, artrite e dores musculares (prepara-se o macerado das inflorescências em vinho tinto - 50 g para um litro - e deixa-se repousar por dez dias).

Nome popular - picão-preto. Nome científico - *Bidens pilosa* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - planta originária da América Tropical. Encontrada praticamente em todo o Brasil e também em mais de quarenta países, principalmente em áreas de lavoura. Atualmente considerada uma planta cosmopolita tropical (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - toda a planta. Uso - usado em casos de icterícia, hepatite, problemas de fígado, infecção de urina, bexiga, pedras nos rins e vesícula. Febre, hemorragia após o parto, como cicatrizante de feridas, amigdalites e faringites. Má digestão, diarreia, infecções, diverticulite (usa-se tomar o chá e o suco da planta). Para desintoxicar o organismo, para quem faz tratamento de quimioterapia (chá de picão-preto + cavalinha. Toma-se por sete dias. Depois, toma-se chá de tuia por sete dias e chá de tansagem por sete dias). Como cicatrizante (torra-se a folha de picão e joga-se sobre o ferimento). Para enjôo de gravidez (dissolve-se uma colher de chá de argila em chá de picão preto e toma-se). Para olhos inflamados (usa-se compressas com chá de picão). Para aftas (em bochechos com o chá). Para infecções uterinas (faz-se o chá bem forte e molha-se um absorvente, deixando em contato com a vagina por duas horas). Para açúcar no sangue (chá de carqueja + picão). Para deixar de fumar (chá de picão + tansagem). Para queda de cabelos (enxaguar com o chá).

Nome popular - nhamê. Nome científico - *Colocasia esculenta* (L.) Schott / Família - Araceae. Fitogeografia - originária da Ásia (PLUCKNETT, 1983). Parte usada - rizoma (caule subterrâneo). Uso - usa-se para problemas de estômago (cozinha-se e come-se). Em problemas de artrose, furúnculos, espinhas, dores nas pernas (rala-se cru. Esquentam-se e

coloca-se no local dolorido ou lesão). Para aumentar a circulação e limpar o sangue (chá). Para problemas nos olhos (rala-se o rizoma e coloca-se nos olhos em compressa).

Nome popular - acerola. Nome científico - *Malpighia glabra* L. / Família - Malpighiaceae. Fitogeografia - planta originária da América Central e cultivada no Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - frutos. Uso - usa-se como fonte de vitamina, gripes, resfriados, palpitações cardíacas (em sucos, xaropes e geléias). Usa-se para enfeitar bolos.

Nome popular - cana-do-brejo, trapoeraba azul. Nome científico - *Dichorisandra thyrsiflora* J.C.Mikan / Família - Commelinaceae. Fitogeografia - espécie nativa e endêmica do Brasil, com ocorrência no Bioma Mata Atlântica (AONA; PELLEGRINI, 2013). Parte usada - Haste, folhas, caules e flores. Uso - usa-se para pedras nos rins (dois litros de chá por dia). Para útero e ovário, hepatite (em garrafada). Para cistite (chá). Para cálculo renal (em chá de cana-do-brejo+anil).

Nome popular - pitanga, alegria dos passarinhos. Nome científico - *Eugenia uniflora* L. Família - Myrtaceae. Fitogeografia - nativa do Brasil (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folhas e frutos. Uso - usa-se para pressão alta (em chá, tres vezes ao dia). Para diarreia, como energética, para reumatismo, como calmante para crianças agitadas.

Nome popular - jurubeba (reedição). Nome científico - *Solanum paniculatum* L. / Família- Solanaceae. Uso - para anemia e como tônico (chá das folhas e raiz), fígado (chá das folhas e raiz), bexiga, dor de estômago (chá das folhas), desvio da coluna (raiz na cachaça. Faz-se massagem e toma-se), para a memória (1l de vinho+8 colheres de sopa da raiz de jurubeba+100g de mel – deixa-se 5 dias no sol) - toma-se 3 colheres de sopa por dia, como afrodisíaco (1 l de vinho licoroso+8 colheres de sopa fatiada da raiz. Deixa-se 5 dias no sol).

Nome popular - cravo-de-defunto. Nome científico - *Tagetes minuta* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - planta nativa da América do Sul, incluindo quase todo o território brasileiro (NAKAJIMA, 2013) crescendo espontaneamente em lavouras agrícolas anuais e perenes, onde é considerada planta invasora (LORENZI; MATOS, 2002). É naturalizada no Brasil (NAKAJIMA, 2013). Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se para afugentar as pulgas e outros bichos pequenos. Faz-se vassouras para varrer a casa evitando

que as pilgas se instalem. Usa-se na preparação de uma solução para regar as plantas, para que os insetos não as ataquem (calda bordalesa+alho+cravo-de-defunto).

4.2.12 Entrelaçando os Fios da Sétima Análise e Reflexão Crítica

Nos anos de 2008/2009, o direcionamento se dá na atuação de novas lideranças femininas que foram influenciadas por outras lideranças que exerceram pionerismo no processo, dentro dos princípios transdisciplinares e na perspectiva de gênero. Ambas, lideranças pioneiras e novas lideranças atuam na visibilização do processo e dos princípios que lhe são inerentes.

Kanan (2010) analisando o poder e a organização de mulheres nas organizações de trabalho, discute baseada em resultados de pesquisas sobre estes dois fenômenos, que ter poder é a capacidade de influenciar os acontecimentos, o pensamento e os comportamentos de uma pessoa. A autora comenta que as mulheres constituíram, e ainda constituem, uma pequena parcela da população que efetivamente conquista posições mais elevadas na hierarquia das organizações. Mesmo no século XXI, quando a atuação da mulher em vários papéis e funções é realidade, poucas conseguem ocupar, no universo organizacional, posições de liderança.

Reforçou-se desta maneira, por razões culturais ou históricas, estereótipos de liderança associados ao padrão masculino.

No entendimento da autora, os séculos fundamentados no medo, na força e na competição deixaram marcas, mas que vêm perdendo terreno para novos modelos de pensar e agir. Prevalecendo na hierarquia das organizações o modelo masculino, onde a assertividade e objetividade predominam, recomenda-se qualidades para a construção de um novo modelo que demande flexibilidade, adoção de raciocínio mais intuitivo e menos linear, interconexão com modificação das estruturas hierárquicas piramidais e desenvolvimento de empatia e preocupação com as pessoas (WILKENS, 1989). Qualidades, que podem ser exercidas e equilibradas com a assertividade e objetividade tanto por mulheres, quanto por homens.

Kanan (2010) constata que apesar das qualidades oferecidas por este novo modelo, o mundo das organizações não o reconhece, porque o modelo masculino continua a dominar, afastando as mulheres que possuem estas características. Para ela, tanto as

mulheres, quanto as organizações podem se beneficiar com o equilíbrio da integração de um modelo feminino em suas estruturas.

A não aceitação da hegemonia do gênero masculino, de tomar o poder exclusivamente em suas mãos, de forma autoritária e opressora, traria uma renovação deste conceito, em que o poder é compartilhado e democrático. Isto demandaria a modificação de crenças, e atitudes sobre as mulheres no papel de liderança, em uma época de profundas modificações.

Esta renovação, nestes dois anos do processo aqui analisado, vai acontecendo em meio a resistência, através das novas lideranças na organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina, influenciadas pelas lideranças pioneiras.

É importante frisar que a ausência das mulheres e de sua liderança nas organizações, também incluiu o espaço universitário, apesar de que as últimas estatísticas em muitos países e inclusive no Brasil apontam para a superação do número de mulheres em relação aos homens frequentando cursos superiores. No Brasil, o início do ensino superior feminino somente aconteceu no final do século XIX, quando a elas foi concedido o direito de frequentarem o ensino universitário por D. Pedro II.

Neste sentido, este espaço foi importante, para a formação e atuação das lideranças femininas pioneiras e as novas lideranças, durante o processo analisado neste estudo. Um elemento fundamental no processo de empoderamento das mulheres é trabalhar na consciência de homens e mulheres, através dos sistemas educacionais desentranhando a subordinação profundamente enraizada nas diversas organizações.

Andreucci e Teixeira (2011) citam a necessidade de uma “sensibilização cultural” e conscientização social, para dismantelar os condicionamentos psicoculturais advindos de mitos e crenças enraizados na estrutura da sociedade patriarcal em que vivemos. Para as autoras, a mudança destes aspectos só é possível através da educação.

Neste aspecto, a universidade constitui espaço privilegiado para a promoção de práticas em consonância com um novo modelo, que inclua a cidadania democrática com a consciência ética. Uma consciência ética ambiental, como define Sommerman (2005), que não se sustenta em uma ética antropocêntrica e individualista de uma concepção dissociativa de sujeito e objeto, de natureza e cultura e tantas outras dualidades que impregnam os campos do sentido e do pensamento moderno.

Um movimento de idéias que se expressam em práticas sociais, tentando criar novas sensibilidades e racionalidades, a que se referem as lideranças femininas em suas

falas, que foram internalizadas tanto nos exemplos da ancestralidade existente na família, no caso dos conhecimentos em plantas medicinais, quanto na formação acadêmica recebida, que procurou integrar e respeitar estes conhecimentos.

Apoiando-se na memória de pessoas mais velhas e e em outras culturas nas quais, como lembram Herrero, Cembranos e Pascual (2011) existem chaves úteis a sustentabilidade, sendo que a universidade pode colaborar em manter vivos estes conhecimentos.

A prática deste movimento de ideias procura valorizar e recuperar as diversas formas de conhecimento - intuitiva, imaginativa, popular, tradicional e outras - superando a valorização unilateral da razão, como reação a ideologia do racionalismo, que reprime outras formas de conhecimento (VIERO, 2005).

Leva desta maneira em consideração a lógica do terceiro incluído, possibilitando o trânsito entre os vários níveis que compõem a realidade, consolidando a idéia de encontrar formas de diálogo transcultural proposta pela ciência de abordagem transdisciplinar (CHAVES, 2002).

É nesse sentido que Pineau (2005) recomenda às universidades que façam um apelo em favor da estrutura transdisciplinar, com o objetivo de desenvolver a criatividade e o sentido da responsabilidade das lideranças do futuro. O papel educativo da universidade, desta maneira, se voltaria para uma transformação sustentável, interativa, comprometida, consciente, social, planetária. Agindo-se na transformação do ser humano como um todo, ao relacionar-se com os outros e com o meio, de maneira sustentável.

Para tanto, como lembra Garcia (2006), é necessário que a pessoa saiba tratar a informação, aprenda a gestionar a incerteza, a descobrir as mudanças em todos os âmbitos de sua vida, a construir projetos e planos de ação válidos, onde seja a autêntica protagonista.

Garcia enfatiza, que a maior descoberta de Paulo Freire não foi somente a pedagogia libertadora, mas o projeto de vida que contraria a educação como um processo de adaptação a uma realidade acabada, negando o direito da pessoa a transformar-se e a transformá-la. Enfatiza ainda que o conhecimento associado ao controle e a repressão, produz falta de esperança e medo, enquanto que o conhecimento associado a participação, produz esperança e confiança ativa, e em consequência o projeto de vida deve construir-se com prazer, compromisso e sentido.

Herrero, Cembranos e Pascual (2011) afirmam que não há sustentabilidade possível dentro do modelo que seguem as organizações, e se faz necessário desmascarar esta cultura insustentável, desde a compreensão de que é um sistema contrário a equidade e a natureza. Neste sentido as organizações responsáveis pela educação, podem atuar colaborando para a resistência e denúncia, e proporcionar assim uma esperança de mudança, reinventando um mundo social e ecologicamente sustentável. Uma educação para a sustentabilidade, a partir destes pressupostos, teria em conta a promoção dos saberes que articulam a comunidade e as soluções coletivas.

4.2.13 Entrelaçando os Fios do Bordado do Ciclo da Construção do Processo nos Anos de 2010 e 2011: Tomando a Caneta nas Mãos para Narrar a Própria História - A Transição

O ano de 2010 inicia para o GEUPLAM com os preparativos da VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais, que acontece em setembro, sediada pela Universidade Federal de Santa Catarina e unindo esforços de representantes da Associação Catarinense e Câmara Setorial de Plantas Medicinais (Figura 47). A Coordenadora da Associação Catarinense de Plantas Medicinais e participante do GEUPLAM, empenha-se, também como uma das coordenadoras do evento, que tem como Tema: “Unindo Elos Para o Desenvolvimento Social”. Sobre o tema, reflexões são feitas pela Comissão Organizadora do evento, na apresentação da Jornada, em um trecho que destaca-se no folder do evento:

“...Desta vez, o tema escolhido é: “Unindo Elos para o Desenvolvimento Social.” Estamos diante de um momento especial. Avançamos em conhecimento e tecnologia e vivemos uma realidade de muitas transformações, pessoais, sociais e planetárias. Dentro do grande círculo planetário estão as plantas medicinais, oferecidas pela natureza para promover a cura. Precisamos parar, refletir, fortalecer e mobilizar cada elo desta corrente, de sua importância para o bom funcionamento do todo. Neste sentido, cada participante desta jornada é um elo, formando uma forte corrente para honrar profundamente a natureza, a Terra e os Seres Vivos que nela habitam (...) É com este espírito de União que esperamos você!...”



Figura 47. Folder da VI Jornada Catarinense de Plantas Medicinais.

De 27 a 30 de setembro, acontece a Jornada, marcada mais uma vez pelos princípios transdisciplinares, assumidos pelo grupo organizador.

No mesmo período, a pesquisadora que partira para o doutorado na Universidade Estadual Paulista, amplia a expansão da Rede, criando elos em terras mais longínquas, levando a experiência do GEUPLAM em um trabalho intitulado: “Biological and Cultural Heritage of Native Medicinal Plants in the South of Santa Catarina, Brazil: Rescue and Communication of Knowledge”, no 11º congresso da Sociedade Internacional de Etnofarmacologia e I Encontro Hispano-português de Etnobiologia, em Albacete, no Norte da Espanha (Figura 48).

De lá, parte para uma visita a Palencia (Fig. 47) com o intuito de na Universidade de Valladolid, realizar no próximo ano, um estágio de doutoramento na Cátedra de Estudos de Gênero, com vistas à aperfeiçoar o processo desenvolvido com as mulheres em Santa Catarina. Desta forma, busca metodologias inclusivas, participativas integrativas, com abordagens em consonância com paradigmas emergentes, na perspectiva de gênero em direção a sustentabilidade. Busca também, o estabelecimento de redes entre grupos de mulheres através do intercâmbio de experiências.



Figura 48. Visita da pesquisadora à Espanha (Albacete e Palencia) (Fotos: Fatima Chechetto, Fatima Cruz-Souza, Carolina Kffuri)

Para o GEUPLAM, o ano fecha com os estudos das plantas medicinais: crajirú (*Fridericia chica* (Humb.& Bonpl.) L.G.Lohmann), gervão (*Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl) e *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl, chaia (*Cnidoscolus aconitifolius* (Mill.) I.M.Johnst.), graviola (*Annona muricata* L.), mentrasto (reedição), erva-baleeira (reedição), fáfia (reedição) que resultam em mais conhecimentos como segue:

Nome popular - crajirú, carajirú, cipó-cruz. Nome científico - *Fridericia chica* (Humb.& Bonpl.) L.G.Lohmann / Família - Bignoniaceae. Fitogeografia - planta nativa em quase todo o Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - folhas e flores. Uso - usa-se para cicatrização de feridas, tratamento de inflamações, cólicas intestinais, gripe, dor de garganta, diarreia com sangue (folhas em chá).

Nome popular - gervão, gervão azul. Nome científico - *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl e *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl. / Fitogeografia - plantas nativas do Brasil (LORENZI; MATOS, 2002). Parte usada - parte aérea e principalmente raiz. Uso - usa-se para problemas de fígado, estômago, rins, urina solta em crianças. Como fortificante em garrafadas, associada a outras plantas.

Nome popular - chaia, estrela- de- repêlo, árvore espinafre. Nome científico - *Cnidoscolus aconitifolius* (Mill.) I.M.Johnst. / Família - Euphorbiaceae. Fitogeografia - nativa do México e Centro América (CRUZ et al.,1997). Parte usada - folhas. Uso - Usa-se para pressão alta, artrite, artrose, osteoporose, como alimento enriquecendo bolos e salgados (folhas).

Nome popular - graviola. Nome científico - *Annona muricata* L. / Família - Annonaceae. Fitogeografia - planta originária das Antilhas. Encontrada principalmente na região nordeste brasileira (CAMPOS; CARIBÉ, 1991). Parte usada - folha, sementes, cascas,

raízes e frutos. Uso - usa-se como fortificante para diabetes, colesterol, câncer, para baixar a pressão e problemas de estômago, para baixar a pressão (chá das folhas). Usa-se para câncer (chá das cascas e folhas), para inibir tumores (suco da fruta). Para baixar a pressão.

4.2.14 Entrelaçando os Fios da Oitava Análise e Reflexão Crítica

Cruz-Souza (2006) na abertura de seu livro, originado de sua tese de doutoramento, cita o pensamento de Jane Austen (1777-1817), de que os homens têm desfrutado da vantagem de serem os narradores de sua própria história, contando com os privilégios da educação e tendo a caneta em suas mãos. A autora, lembra também, que não há muito tempo, até os anos de 1950, as pesquisas e estudos têm vivido um período caracterizado como a “ciência sem mulher”, gerando resultados que se generalizavam para toda a população, a partir de sujeitos masculinos. Restava as mulheres a invisibilidade, com presença marginal nos âmbitos científicos e acadêmicos, com pouco poder, escassos recursos e relegadas a posições secundárias.

Nestes anos de 2010 e 2011 aqui no estudo analisados, que marcam uma transição para terras mais longínquas, procura-se formas de se construir pesquisa desde a academia, aperfeiçoando o processo em busca de metodologias, que na perspectiva feminina, incluam as mulheres como protagonistas, como participantes ativas e narradoras válidas de suas experiências como defende Cruz-Souza (2006). Desde um lugar, em que se possa exercitar uma perspectiva própria, que reúna teorias, metodologias, leituras da realidade e escritas através das quais se possa interpretar, para transformar a realidade. Desta forma, encontrando o paralelismo entre empoderamento e conscientização, e a concepção da educação como uma via de libertação, como defendida por Paulo Freire, que devolve o protagonismo a quem aprende, abrindo espaços para a participação e a construção coletiva do conhecimento. Buscando construir pesquisa para o desenvolvimento humano e sustentável.

4.3 Apresentando a Primeira Metade do Bordado do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”: Síntese I

A sistematização da construção do empoderamento desenvolvido através do resgate de conhecimentos de plantas medicinais, junto a mulheres de comunidades da região sul de Santa Catarina - Brasil, no período de 1997 a 2012, mostra um processo orientado por práticas transdisciplinares, conduzidas a partir de referencial metodológico focado na visão sistêmica.

A análise crítica, mostrou que a proposta inicial foi sendo construída pelas próprias mulheres das comunidades e compartilhada pelos representantes da Universidade a partir da abertura de um espaço democrático e participativo. Este espaço, possibilitou o encontro de uma metodologia própria para o resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais, e outros debates que envolvem a busca da sustentabilidade. A construção do conhecimento se dá de forma conjunta, e o produto deste conhecimento é registrado em co-autoria.

Desde o início, o processo foi marcado pela diversidade envolvendo a integração entre vários representantes de titulações universitárias e lideranças comunitárias, praticando-se o respeito pelo outro em todas as suas diferenças, o respeito e reconhecimento ao saber feminino ancestral sobre plantas medicinais e outros saberes de importância para a construção da sustentabilidade. O resgate de conhecimentos através da etnobotânica como pesquisa, recebeu um enfoque no qual estabeleceu-se uma relação de parceria, na qual todos os participantes “pensam juntos” cada etapa do processo. A etnobotânica é vista então, como uma motivação para a participação e o entendimento deste resgate inserido em uma visão ampla de saúde, indo de encontro a perspectiva transdisciplinar e a sustentabilidade.

Desde o início, e ao longo do processo surgiram desafios, principalmente relacionados com a dificuldade de se romper com os estigmas da formação disciplinar e partilhar conhecimentos sendo necessário para tanto, praticar os sentimentos de humildade, tolerância, afetuosidade e respeito.

A perspectiva de gênero, se revelou na ética do cuidado, levada a mulheres e homens e presente em todos os momentos do processo. A ética do cuidado, praticada inicialmente no pequeno espaço democrático criado, expandiu-se para níveis coletivos

cada vez mais amplos, onde espaços foram sendo reavivados e relações humanas reabilitadas.

A partir do paradigma cultural do feminino, buscou-se repensar o desenvolvimento, a medida em que as mulheres tiveram a oportunidade de colocar suas vozes como sujeitos políticos, recriando valores.

Partindo de um pequeno núcleo gerador, em um espaço de organização do GEUPLAM, pouco a pouco, produziu-se o empoderamento pessoal e coletivo das participantes, com vistas à transformação de estruturas patriarcais. Como fator agregador, mantendo a unidade do Grupo, estava o desejo de contribuir para a construção da sustentabilidade a partir da temática “plantas medicinais”. O resgate de conhecimentos a partir da temática e as reflexões conjuntas, foram conduzindo ao aumento da auto-estima e senso de união.

A partir destas bases, o processo vai ganhando força, expandindo-se a partir de pequenos grupos e da prática de seus princípios iniciais, para níveis de organização regional e estadual.

Com a expansão do processo, as mulheres assumem protagonismo, participando politicamente, assumindo cargos de poder público e liderando discussões coletivas, buscando aplicar a visão transdisciplinar e a perspectiva de gênero em direção a novos modelos para a sustentabilidade. Adentram ambientes marcados pela visão patriarcal, onde impera o poder e o controle, acontecendo o confronto com os velhos modelos e formas de ver o mundo, que priorizam o econômico sobre o social e ecológico.

Enquanto se fortalecem a cada mês, no âmbito de seu pequeno grupo de estudos, produzindo e registrando seus conhecimentos, multiplicam a metodologia de seus encontros de abordagem participativa transdisciplinar, inspirando outras organizações. A prática começa a ser objeto de reflexões mais aprofundadas, gerando conhecimentos acadêmicos, que acolhem e valorizam os conhecimentos populares sobre plantas medicinais e as percepções intuitivas, de imaginação, sensibilidade que lhes são inerentes. Desta maneira, passa-se a discutir mais profundamente e questionar os modelos de desenvolvimento, antigos paradigmas científicos, afim de se rever conceitos, métodos e ultrapassar a visão cartesiana. Estas discussões passam a acontecer tanto no âmbito dos pequenos grupos quanto nos grupos maiores, a nível regional e estadual. As discussões abarcam a compreensão da planta medicinal e a fitoterapia, no seu aspecto

multidimensional, bem como o ser humano, de acordo com a visão complexa, de equilíbrio sistêmico, trazendo o sentido de interconexão, rede.

Com o aperfeiçoamento do poder das reflexões, a união coletiva de cunho construtivista se fortalece, imprimindo-se os princípios transdisciplinares na construção de eventos, que integram ciência, arte, cultura e espiritualidade. Através destes, se expressam as qualidades de compaixão, solidariedade, amor pela vida, cuidado com a natureza. Desta maneira, se avança no sentido de uma renovação paradigmática em relação ao entendimento de ciência, e por consequência, uma transformação na ordem social, político e cultural, na tentativa de suplantando a cultura patriarcal.

A análise, mostrou que o processo foi permeado pela luta entre a expansão dos princípios transdisciplinares com perspectiva de gênero, e os valores predominantes na cultura patriarcal, de domínio, de competição, que ao longo do processo tentavam se estabelecer. A medida em que as mulheres iam se empoderando e a nova visão construída conquistava espaço, relações de poder anti-democráticas e autoritárias, procuravam desestabilizar a nova construção. Para superar esta tentativa de domínio, lançou-se mão da solidariedade e sororidade, suplantando o individualismo e o egocentrismo, que alimenta um conceito de desenvolvimento técnico, industrial e econômico, que conduzem a um “mal-estar” coletivo.

Os princípios e estratégias utilizados durante o processo possibilitaram a participação das mulheres na construção de políticas nacionais em plantas medicinais aprovadas, consolidando lutas por soberania, resultando na possibilidade de garantia à população brasileira, ao acesso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade.

O produto dos estudos de plantas medicinais, realizados no GEUPLAM, acumulado ao longo dos anos, bem como os resultados das discussões amadurecidas, passam a ser socializados de maneira mais ampla, beneficiando diversas comunidades.

A análise crítica da sistematização desta prática social, mostra que a atuação de lideranças femininas pioneiras empoderadas, passam a influenciar novas lideranças femininas que dão sustentação aos princípios transdisciplinares e a perspectiva de gênero, aplicados no processo. Ambas, lideranças pioneiras e novas lideranças, atuam na visibilização do processo e dos princípios que lhe são inerentes. Consta-se assim, a capacidade destas lideranças de influenciar acontecimentos, pensamentos e

comportamentos a nível individual e coletivo, abrindo caminhos em direção a novos modelos de pensar e agir.

O novo modelo, exercitado pelo coletivo, mostra valores como assertividade e objetividade, mas também flexibilidade, raciocínio mais intuitivo e menos linear, interconexão e empatia e preocupação com as pessoas, a natureza, o planeta, enfim o cosmos no qual todos estão inseridos. Esta renovação vai sendo sustentada em uma fase mais avançada do processo, em meio a resistência, através das novas lideranças na organização da área de plantas medicinais em Santa Catarina, influenciadas pelas lideranças pioneiras.

A análise revela que contribuiu para o empoderamento das mulheres, um trabalho de consciência, através das organizações vinculadas aos sistemas educacionais. A partir deste, mostrou-se que é possível desentranhar a subordinação enraizada nas diversas organizações por meio da educação. Neste sentido utilizou-se o espaço privilegiado da universidade para a promoção de práticas que favoreçam um novo modelo, incluindo a cidadania democrática com consciência ética. Práticas, que respeitem, integrem e mantenham vivos conhecimentos, apoiados nas memórias ancestrais, considerando-os como chaves úteis a sustentabilidade.

Entende-se que o desenvolvimento do processo, sob um olhar sistêmico e com perspectiva de gênero, traz a esperança de mudanças que conduzam a reinvenção de um mundo mais sustentável.

Mudanças que, pela promoção dos saberes, levados em conta e valorizados através da transdisciplinaridade, plantas medicinais e etnobotânica, contribuem para empoderar as mulheres e articular comunidades na busca soluções coletivas para a sustentabilidade.

Com base no caminho percorrido neste processo, é que vislumbrou-se o aperfeiçoamento com vistas ao desenvolvimento de processos semelhantes em outros contextos, como no caso do Norte da Espanha, ao envolver transdisciplinaridade e plantas medicinais no empoderamento de mulheres junto a Montanha Palentina.

Várias mãos teceram juntas o caminho, simbolizado na primeira metade do “Xale de Retalhos de plantas medicinais”, especialmente as mãos das pessoas que estiveram mensalmente reunidas nos encontros do GEUPLAM. Mão de professores, alunos e as mulheres das comunidades que são as autoras dos conhecimentos etnobotânicos que nesta primeira etapa do estudo, foram apresentados. Alguns homens também estiveram presentes neste espaço.

Muitas destas pessoas, colaboraram no resgate das memórias que permitiram esta sistematização. Todas estas mãos se fazem mais visíveis agora, na identidade de: Ana Mazon Kesting, Adilson Manoel Cunha, Alice Paz Bittencourt, Alice Paes Margot, Alaíde Duarte Espíndola, Altair dos Santos, Ana Cristina Vieira, Ana Paula Mendes da Silva, Angela Maria Cascaes Felipe, Angélica Machado Luciano (in memória), Anita Warmiling, Antônia da Silva Pacheco, Amarilis Scremin Paulino, Aparecida Regina Ferreira da Silva, Bianca de Medeiros Cargnin, Brandali Lima Cipriano, Carme Lúcia Rodrigues Martins, Carmelita L. Rodrigues, Carmelita S. Schulz, Ceres Trein, César Paulo Siminato, Clea do Carmo Fernandes Gomes, Cleia Lubave, Cleidimar Hert, Cleuse Machado da Silva, Daniela Koch de Carvalho, Darcy Rousseng, Dayana Meneghel de Souza, Dayane Galato, Débora Nunes de Souza, Deivid Anselmo Leandro, Dinorá Belarmina de Medeiros (in memória), Doraci Lima Rodrigues, Dulce de Oliveira Claudino, Edite Parmigiani, Edina Wronski, Eliane Corrêa, Eliane Fortunato Corrêa Machado, Eliege Souza Nihues, Elisabeth Frederico de Souza, Elivete Andrade, Eloir Fraga, Erondina Cascaes, Esther Vega, Fátima Aparecida Pereira Boing, Francine Pacheco da Silva, Geraldino Corrêa Nasário, Gilson Kesting, Gisele Damian, Gisele Mara Hadlich, Giselda Stopassoli Corrêa, Graça Rosa May, Idalina F. Santana, Inês Volpato, Iva Felipe, Ivone Feltrin, Isabel Cardoso Antunes, Iva Felipe, Ivone Feltrin, Jacinta Lima Costa, Jasper José Zanco, Joana D'Arc F. Araújo, Josiane Mara dos Santos, Karla Cascaes Piuco, Kátia R. de Medeiros de Carvalho, Kélcia Mara Luz, Laura Kesting Joaquim, Léa B. Antunes, Lezi Matos Martins, Liliane Andréia Marcon Sandrini, Libertina Cardoso da Silva, Lourena Geremias Laurentino, Lourival da Rosa, Luana May da Silva, Lúcia Herta Rockembach, Luyza Verônica Alexandrino, Lourena Geremias Laurentino, Luciane Pereira, Manoel Izidoro, Marelisa Pizzolatto, Maria Aparecida Flores da Rosa, Maria Aparecida da Silva, Maria Aparecida Larroyd Ghisi, Maria Alzira Heinen, Maria de Lourdes B. May, Maria do Carmo F. Gomes, Maria Eni Vieira, Maria Isabel Figueredo Mendes, Maria Isabel de Souza Velho, Maria Liene Martins, Maria Jacinto dos Santos, Maria Madalena Espíndola Thomaz, Maria Martins Kuns, Maria da Graça Rosa May, Maria Rodrigues Vargas, Maria Suzana B. Guizzoni, Maria de Lourdes Cascaes, Maria Quirino, Mário do Carmo, Maria S. Cipriano, Maria Silvéria Pinto Mendes, Marlei Maria da Silva Elias, Margarida de Farias Costa (in memória), Miguel José Machado Neto, Mércia Fernandes, Merci Moraes Cancelier, Mônica Calvette, Nadir da Cunha Alves, Natalina Simas Maximiano, Nair Farias de Medeiros, Neide Costa Alexandrino, Nilcéia

Maria Marchet, Noemi Rocha dos Santos, Normelia Fuchter Schilickmann, Niraldo Paulino, Olga Becker Peters, Olga Macari, Pedro Paulo da Silva, Rafaela Nunes Bongioio, Railde B. Nobre Raioz, Raquel Bittencourt de Medeiros, Regina Folchini Rocha, Regina Guedes Bittencourt, Rejane Lima Costa da Rocha, Rodrigo Peters, Rosa Koch Mendes, Rosa Maria Candiotto, Rosa Pardos, Rosalina Nandi Fausto, Rosalva Galassi de Carvalho, Roselane Garcia Vargas, Silvana Cristina Trauthman, Simoni Mai, Simoni Peters, Selanira Salazar Braga, Sirlei Antenor Santana, Sueli Santos Fernandes, Suzana Martins, Tatiane da Silva, Tatiane Daros Giusti, Telma Patrícia Gomes, Terezinha de Carvalho Richen, Terezinha Izidoro, Teresinha Schineider, Welington Barros da Silva, Valentina Koch, Vanelli Ferreira de Oliveira, Varlene Cesconetto Pereira, Vera Regina da S. Marcelino, Vitalici Guarezi Tedesco, Vivian do Carmo Loch, Zanilde Mendes da Silva, Zuleide Mendes Marcon.



Figura 49. Representação da Primeira Metade do “Xale de Retalhos” (Metáfora), com os Produtos e Momentos do Processo no Sul do Brasil (Imagem: Barcelos de Souza Fernandes)

5 APERFEIÇOANDO O PROCESSO IDENTIFICADO NA ANÁLISE DE DADOS DO TRABALHO COM MULHERES DO SUL DE SANTA CATARINA COM VISTAS A SUA APLICAÇÃO JUNTO A MULHERES DO NORTE DA ESPANHA - MONTANHA PALENTINA

5.1 Tecendo a Descrição do Contexto: Entrelaçando Realidades e Alinhavando Conhecimentos

Mais de 8 mil milhas separam a pesquisadora da natureza exuberante, das mulheres das comunidades da região Sul de Santa Catarina participantes do GEUPLAM, de muitas pessoas e plantas medicinais que conhecera nos anos do processo de construção transdisciplinar. Processo, que levava ao empoderamento das mulheres através de estudos e práticas com as plantas medicinais desde 1996.

Agora estava na Espanha e lhe interessava aperfeiçoar o processo com o apoio de sua orientadora no país, para aplicar junto a mulheres da Montanha Palentina.

Espanha. No sudoeste da Europa, na Península Ibérica. Dividindo o território peninsular com Portugal, ocupando 80% do mesmo. Além da península, com dois arquipélagos: as Ilhas Baleares, no Mediterrâneo, e as Ilhas Canárias, no Oceano Atlântico, ao Sudoeste da Península, em frente à Costa de Marrocos.

Espanha. Ainda com duas cidades situadas no Norte da África: Ceuta e Melilla. O 3º país europeu em extensão, com uma área de 504.780 km², e o 5º em população, com aproximadamente 39,5 milhões de habitantes. Com 17 regiões independentes chamadas Comunidades Autônomas (MINISTERIO DE FOMENTO, 2010)

Espanha, de clima variado, segundo as regiões. De norte úmido, com temperaturas suaves no verão e frias no inverno. De interior com clima árido, quente no verão e frio no inverno. De zona do mediterrâneo com verões úmidos e com temperaturas altas. Com as ilhas, as Baleares com temperaturas semelhantes às do Mediterrâneo e as Canárias de ambiente muito agradável durante todo o ano (MINISTERIO DE FOMENTO, 2010).

A variedade biogeográfica da Espanha é notável, considerada a maior da Europa e uma das maiores do mundo. Em função de sua situação geográfica, orografia acidentada e peculiares características edafo-climáticas, a Península Ibérica possui uma abundante e variada flora medicinal e aromática na qual estão incluídas as principais espécies dos países Centro-europeus e da Bacia Mediterrânea (Bustamante apud FONTES, 2004).

Em relação ao aproveitamento da flora medicinal e aromática espanhola, este sempre foi feito de forma tradicional e rudimentar. O renovado interesse pelo setor se manifestou nos princípios dos anos 1970, coincidindo com o máximo desenvolvimento industrial. Em consequência, houve uma escassez e encarecimento do trabalho no campo, o que impediu a coleta da flora silvestre (extrativismo), de onde procedia a quase totalidade da produção (Bustamante apud FONTES, 2004).

Em função disso, esta prática foi sendo gradativamente abandonada, a qual era a principal fonte de fornecimento de matéria-prima para as indústrias consumidoras - alimentícia, farmacêutica e perfumero-cosmética - que tiveram que recorrer à importação de outros países, ricos nesta flora e com mão-de-obra abundante e barata (MAPA, 1992).

Conforme Fontes (2004), estudos têm comprovado a grande incidência do uso de plantas medicinais pela população em geral, ou seja, têm comprovado o significado cultural das plantas medicinais para a população, à despeito das dificuldades de sua produção. Por outro lado, estes estudos têm apontado também para o fato de que os conhecimentos tradicionais não estão sendo perpetuados às gerações mais jovens, com o real perigo da sua perda total.

A autora cita como principais zonas de cultivo de plantas medicinais e aromáticas as Comunidades Autônomas de Castilla - La Mancha, Andalucía, Castilla y León, Murcia e Comunidad Valenciana. Em relação ao mercado, aponta o mais desenvolvido do mundo em fitomedicamentos, o europeu, sendo que a consolidação destes produtos neste mercado pode ser atribuída à sua aceitação histórica e ao fato de que estes produtos costumam ser reembolsados pelos sistemas públicos de saúde.

Em relação aos aspectos agronômicos, a pesquisadora conclui que:

- Apesar da pouca valorização da coleta e cultivo de plantas medicinais e do grande volume de importação pela Espanha, o trabalho com estas espécies no meio rural se encaixa perfeitamente nas propostas de desenvolvimento rural, uma das áreas atualmente bastante enfatizadas pela Política Agrícola Comum.
- Representando diversificação de atividades e apresentando numerosas vantagens nos aspectos social, econômico e meio-ambiental, estes cultivos são particularmente interessantes em áreas com características especiais, onde os cultivos convencionais são difíceis ou pouco rentáveis, realidade muito comum na Espanha.
- As práticas com plantas medicinais costumam exigir basicamente pessoal para o trabalho (principalmente manual) e envolver todos os membros da família, significando, além da criação de emprego, fixação do trabalho no campo e maior integração entre os membros da família.
- Apesar de que o cenário previsível para o setor seja positivo, as ações colocadas em prática têm sido pontuais, ao passo que as políticas macro não o consideram. Por outro lado, numerosas discussões apontam em direção ao esgotamento do modelo agrário europeu atual, enquanto que a busca de soluções alternativas se converte em um tema de primordial importância econômica para a Europa e a Espanha.
- Se não forem tomadas medidas para o desenvolvimento do setor e se continuar com a depredação da vegetação natural em ritmo acelerado e nada se fizer para interferir neste processo, se estará modificando drasticamente o ecossistema do meio, levando à extinção muitas espécies medicinais úteis, em prejuízo principalmente das comunidades rurais.

Diante deste contexto espanhol mais geral, para localizarmos a área de interesse deste estudo, vamos focar nosso olhar em uma das comunidades autônomas, cujo território se situa na parte Norte da Meseta da Província Ibérica: Castilla y León. É a Comunidade Autônoma com a maior extensão da Espanha e a terceira região mais extensa da União Europeia. Está composta pelas províncias de Ávila, Burgos, León, Salamanca, Segovia, Soria, Valladolid, Zamorra e Palencia, onde vamos encontrar a Montanha Palentina. A Montanha Palentina é uma Comarca da Província de Palencia (DIPUTACIÓN DE PALENCIA).

O nome Palencia procede de “Pallantia” e significa “cerro amesetado” ou “la meseta”. Embora as origens históricas da cidade sejam incertas, há constatação

arqueológicas de assentamentos pré-romanos no solar da cidade central, a que os celtiberos denominaram Pallantia. O povo que a ocupava forma os vacceos: o mais culto das tribos celtiberas, de origem datada da Idade do Ferro - 1200-1400 a.C), povo agrário e com uma poderosa organização militar (DIPUTACIÓN DE PALENCIA, 2010).

A cidade se encontra no Noroeste da Península Ibérica, na Meseta Norte, situada a 749 m acima do nível do mar. É rodeada por várias Mesetas como “El Chivo” y “El Viejo”. O que propicia clima frio, mediterrâneo continentalizado, com ampla oscilação térmica. As temperaturas médias em janeiro são de 3°C, e em julho 21°C chegando a mínimas de 14°C abaixo de zero e raramente a 40°C no verão.

Possui uma superfície de 8 052 km² e população de 173, 306 habitantes. É uma das mais antigas cidades da Península. Divide-se em quatro Comarcas: Cerrato Palentino, Paramos Valles, Tierra de Campos e Montanha Palentina (DIPUTACIÓN DE PALENCIA, 2010).

Quando os romanos atacaram os celtiberos em 154 a C. a Montanha Palentina, se povoou de forma espontânea, durante o século IX, em núcleos familiares que se apropriaram das terras baldias e se dedicaram ao cultivo de cereais, hortas e a criação de animais. Conta atualmente com superfície de 1786 km², população de 29 147 habitantes e densidade populacional de 16hab/km² (DIPUTACIÓN DE PALENCIA, 2010).

Está geograficamente situada ao Norte de Palencia, distante 100 km da capital. Se encontra localizada nas máximas elevações de toda a Cordilheira Cantábria. A criação de animais e agricultura têm sido as atividades tradicionais dominantes, divididas ao final do século XIX, pelo aparecimento das minas de carvão, destacando-se também a indústria agroalimentícia. Estas atividades têm perdido terreno para o êxodo rural e desenvolvimento de novas formas de organização econômica, que têm gerado a crise das atividades. Na década de 1990, a Montanha Palentina tem se convertido em um espaço emergente relacionado ao turismo rural, brindada por seu meio físico, convertido em recurso econômico junto com o patrimônio histórico artístico. Tem participado de iniciativas comunitárias contempladas dentro do marco de programas de desenvolvimento rural da União Europeia, favorecendo o turismo na região (DIPUTACIÓN DE PALENCIA, 2010) (Figura 50 e 51).



Figura 50. Cenários da Montanha Palentina (Fotos: Verena Iglesias)

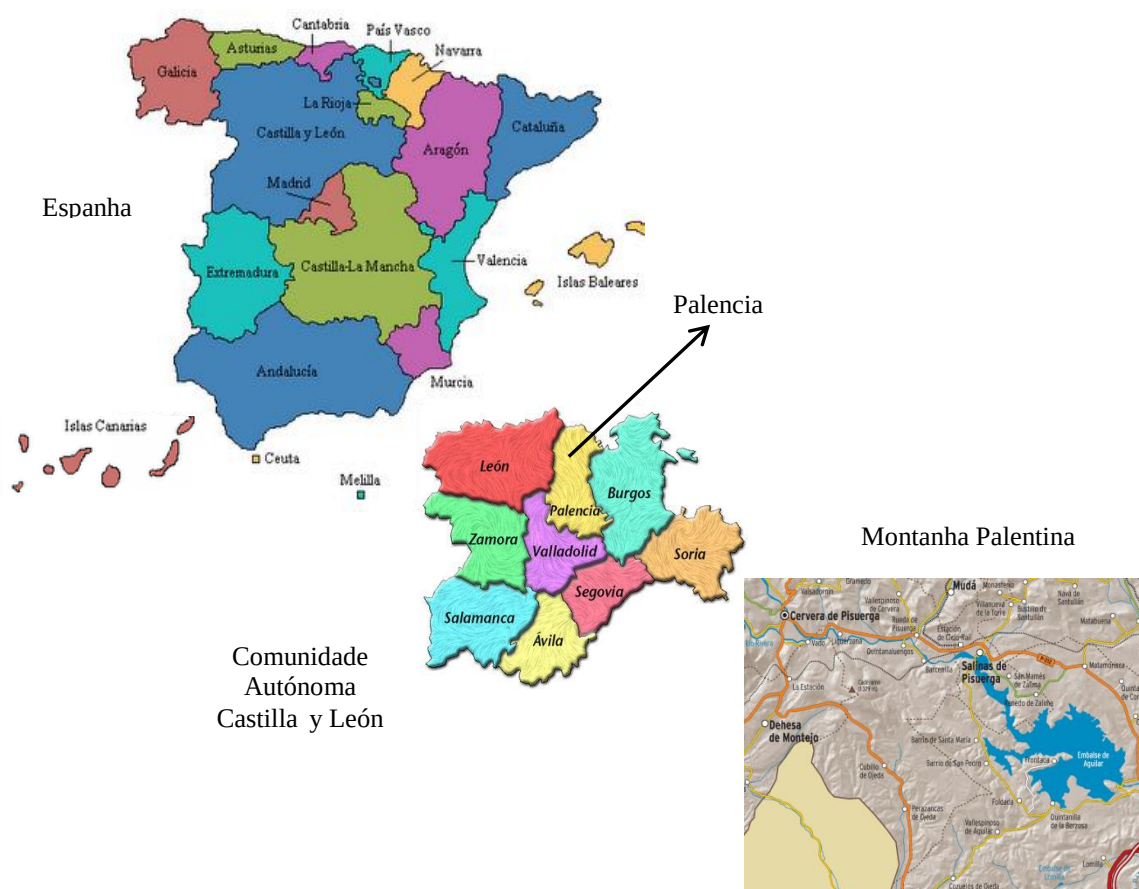


Figura 51. Área de abrangência do estudo. Espanha. Comunidade Autónoma de Castilla y León. Provincia de Palencia. Montanha Palentina

É importante situar demograficamente Palencia, no contexto do grave problema de despovoamento que sofre a Comunidade de Castilla y León.

Cruz-Souza (2006) analisa que a maior parte do território espanhol se localiza no meio rural e os habitantes deste território têm um papel fundamental na gestão e manutenção do patrimônio natural e cultural, que permita sua conservação para as futuras gerações. Ainda assim, o despovoamento é uma grave ameaça a sobrevivências dos territórios rurais. A autora identifica o modelo desenvolvimento economicista, baseado na produção intensiva e ilimitada de bens de consumo, com grandes pólos de desenvolvimento urbano-industrial, como responsável pelo empobrecimento do meio rural e a colocação do mesmo a uma posição subsidiária. Há alguns anos, a pesquisadora passou

a viver na Montanha Palentina, e começou a investigar porque as pessoas estavam indo embora da região e porque principalmente as mulheres.

Cruz-Souza (2006) partiu do princípio de que na Europa, Castilla y León é um paradigma de desertificação humana. Neste contexto, as mulheres têm um papel fundamental, primeiro porque foram as protagonistas do êxodo rural e depois porque é impensável a construção de um território sem a presença e a participação ativa da população feminina.

Em sua tese de doutorado procurou situar a ruralidade no universo simbólico das mulheres que vivem no meio rural, mais concretamente na Montanha Palentina, procurando compreender as possíveis explicações para o êxodo feminino, que tem deixado o meio rural em situação de despovoamento e abandono.

Com o objetivo de analisar as transformações no papel social das mulheres no meio rural, na Montanha Palentina, e os contextos que intervêm na construção de suas identidades sociais, o estudo envolveu entrevistas com donas de casa, estudantes e empreendedoras.

Através do discurso das mulheres entrevistadas, sobre as representações do rural, identificou uma forte cristalização dos estereótipos de gênero nos contextos agrários. Nos povoados, a maior parte das atividades das mulheres, produtiva e reprodutivas, estavam vinculadas ao âmbito doméstico e sem remuneração econômica, gerando uma marcada dependência dos maridos nos núcleos familiares.

As novas oportunidades de emprego e o turismo rural em particular, se apresentaram como favorecedores da construção de novos papéis sociais e a repartição de funções e poderes na família das mulheres. O grupo de mulheres empreendedoras, no estudo, composto por mulheres, que a partir dos Programas Europeus desenvolvidos na Montanha Palentina são as titulares de alguma iniciativa empresarial das novas possibilidades vigentes de emprego (turismo rural, artesanato e agro-alimentação), mostraram ser mais ativas na tomada de decisões. As mesmas têm uma maior riqueza de relações sociais e profissionais, ampliando seu âmbito de influência e poder fora do círculo doméstico, facilitando a ruptura com os modelos limitantes de identidade sinalizadas pelo gênero.

Um tema importante para as entrevistadas é a participação em grupos de estudos de mulheres, que debatem sobre assuntos de interesse para as participantes. Estas estão

compartilhando experiências e construindo conhecimento comum, ajudando a formular estratégias individuais e coletivas para solucionar dificuldades cotidianas.

Ao longo de sua tese, a autora traz reflexões importantes para o contexto local, como as que se destacam:

- O processo de êxodo rural vivido na Espanha desde os anos de 1930 tem sido massivo e seletivo, afetando de maneira especial as mulheres e os jovens.
- Com a industrialização da agricultura as mulheres foram as primeiras expulsas do processo de produção agrária e a maioria emigrou para as cidades, e as que ficaram foram confinadas ao espaço material e simbólico do doméstico, embora seguissem trabalhando no campo, como mão de obra invisível. Por outro lado, os homens, neste processo têm adquirido mais poder e reconhecimento social com uma agricultura comercialmente mais potente.
- O despovoamento do meio rural é um fenômeno complexo, que deve ser pensado em sua complexidade, e ademais dos fatores econômicos, como falta de perspectivas de trabalho e escassez de serviços, também intervêm fatores de ordem psicossocial, ligados, por exemplo, a imagem negativa do rural e de seus habitantes.
- O meio rural vive atualmente uma situação de diversidade econômica e social, onde as diferenças entre o rural e o urbano na Europa vão diminuindo sob os efeitos dos processos de globalização. Os programas de desenvolvimento rural das últimas décadas têm produzido mudanças que marcam uma diferença qualitativa importante. Nestes programas as mulheres vêm adquirindo um protagonismo crescente.
- A questão do desenvolvimento do meio rural, assim como as explicações para suas transformações não podem se reduzir aos aspectos econômicos.
- A busca de compreensão dos processos de mudança, nas sociedades rurais e a criação de alternativas a atividades produtivas tradicionais, claramente em recessão, passam necessariamente pelas esferas sociais, culturais, políticas e ideológicas, além das econômicas.
- O desaparecimento da atividade humana nos territórios rurais pode converter-se em um verdadeiro desastre ecológico, pela deterioração dos ecossistemas humanizados desde séculos.
- Uma das concepções que se está produzindo é a concepção da atividade agrícola como estratégica para a conservação do meio ambiente, mudando a perspectiva

produtivista que até agora imperou, com a diversificação cultural, social, política e representacional dos espaços da população rural.

- Como parte de um processo de revalorização, neste momento de acelerada globalização, desterritorialização, e avançadas tecnologias, há também uma revalorização do local, do tradicional, uma forte busca de identidades próprias, muito vinculadas aos territórios, aos espaços e raízes históricas locais, onde o rural adquire um novo papel.
- A desagregação do meio rural supõe uma perda cultural para toda a sociedade.

Montanha Palentina, Palencia, Castilla y Leon, Espanha. Universidade de Valladolid. Junho de 2012. A pesquisadora, começa a fazer parte deste espaço-contexto-realidade. Observa que a ancestralidade está presente em todas as partes.

Universidade de Valladolid. Oito vezes centenária, que guarda mistérios sobre as suas origens. Sobre estas origens existem três hipóteses: uma, que estabelece seu nascimento na mudança para Valladolid do Estudio Geral de Palencia, considerado como a primeira universidade da Espanha e criado entre 1208 e 1241 por Alfonso VIII, Rei de Castilla e o Bispo Tello Téllez.

Outra, de que o nascimento do centro Universitário vallisoteletano se encontra em uma escola ou estúdio particular com sede em abadia de Santa Maria La Mayor. As investigações mais recentes, defendem a criação real municipal da Universidade. Como consta em documentos de doação de rendas ao novo Estudio, os reis castellanos seriam seus criadores e o Conselho vallisoletano atuaria como intermediário da fundação.

Assim, a Universidade de Valladolid era uma realidade no último quarto do século XIII, gozando da proteção da coroa e mais tarde, do Papado. No princípio, o Estudio de Valladolid contava com as disciplinas mais elementares: Gramática, aritmética e algo de Latim e Sagrada Escritura (UNIVERSIDAD DE VALLADOLID, 2011).

Na Universidade de Valladolid, um dos mais importantes centros de Ensino Superior da Espanha, com mais de 100 Cursos de graduação, 80 programas de doutorado (14 deles com menção de excelência) e 68 Cursos de pós-graduação (43 de mestrado e 25 de especialização) é que a pesquisadora inicia seu aprofundamento. Aprofundamento na Escola Universitária de Educação, na Cátedra de Estudos de Gênero, que a levaria, como nos escritos de despedida de uma estagiária da Cátedra, deixados sob a mesa, a colocar os

óculos transformadores da perspectiva de gênero, que modificam a maneira de ver o mundo para sempre.

Foi em julho de 2000 que a Universidade de Valladolid aprovou a criação de uma Cátedra de Estudos de Gênero. A Cátedra definiu seus objetivos: a) potencializar a formação de estudantes, professores e profissionais no âmbito dos estudos de Gênero b) fomentar a investigação no tema de gênero e sua relação com as diversas disciplinas que compõem os departamentos universitários, facilitando a elaboração de um corpus teórico sobre a ciência e a cultura desde uma perspectiva não viesada e estereotipada, evitando o androcentrismo que a caracteriza c) desenvolver a investigação interdisciplinar sobre temas de gênero em relação com as demandas sociais e institucionais d) favorecer a criação de um centro de documentação sobre Ciência, Gênero e Educação, muito comuns em âmbitos europeus f) possibilitar o intercâmbio e a criação de redes universitárias, tanto a nível nacional como internacional g) desenhar, implementar e avaliar programas de formação dos professores dos distintos níveis educativos desde a perspectiva da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens h) criar materiais específicos que permitam introduzir a temática da igualdade de oportunidades i) desenvolver investigação científica em diferentes temas de conhecimento desde uma perspectiva de gênero j) organizar cursos em programas de especialização sobre a temática k) organizar jornadas, congressos e reuniões científicas, de caráter regional, nacional e internacional.

E é na Cátedra de Estudos de Gênero, que a pesquisadora vai tomando contato com as literaturas que a preparariam para adentrar na realidade e no contexto das mulheres da Montanha Palentina (Figura 52). Ao mesmo tempo, inicia contatos com pesquisadores de diversas áreas da Universidade, vinculados ao tema, e com herbolários da cidade.



Figura 52. Imagens da Universidad de Valladolid, Campus Palencia, Cátedra de Estudios de Género (Fotos: Fatima Chechetto)

Nos dias 20 e 21 de outubro, é que começa a perceber com mais clareza a dimensão da perspectiva de gênero, quando participa das discussões que acontecem na “I Reunión Internacional de Investigación en Igualdade entre mulheres e Homens: Estado da Questão” (Figura 53).

Nestes dias, os longos momentos de leitura, resultando em questionamentos internos alguns já levantados em conversas com sua orientadora, encontram acolhida em um grupo maior.

Na conferência inaugural, tem a oportunidade de conhecer pessoalmente uma ecofeminista do Departamento de Filosofia da Universidade de Valladolid. A ecofeminista falva no evento sobre “A Construção da Igualdade entre Mulheres e Homens: Um longo Caminho”. Também apresentava seu livro recém-lançado: “Ecofeminismo para Otro Mundo Posible.” A partir daquele contato, se abria a oportunidade de desfrutar das reflexões nas aulas semanais, de Filosofia e Ética, da escritora que anteriormente conhecera através de livros e referências em dissertações e teses, que circulavam no Brasil.

Das falas de Alicia no encontro, crescia a consciência do amor à natureza articulando aprendizagem racional e emocional, colocando-se óculos de gênero para adquirir um olhar crítico sobre a objetividade e neutralidade da ciência, de que não é possível a submissão da natureza em tempos de sustentabilidade, de que os organismos

internacionais reconhecem como prioridade a igualdade de gênero para a democracia, da necessidade de aprender com outras culturas, de universalizar o cuidado para com os não humanos.

Com outra conferencista, abordando o tema “Mulheres Indígenas de Iberoamérica: Cosmovisões e Práticas de Sustentabilidade”, professora da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Colima México, crescia a consciência sobre o pensamento de mulheres de culturas indígenas, do movimento zapatista.

A conferencista, questionava sobre o pensamento indígena ter sido julgado como pré-lógico e intuitivo, isto é, não filosófico. Questionava se existe filosofia índia entre as comunidades que sobrevivem as margens do projeto de desenvolvimento ocidental, e se assim fosse, o que se entende por filosofia. E, em que sentido é possível falar de filosofia índia em que ademais, as mulheres estivessem incluídas. Ressalta a situação das mulheres zapatistas, que além de serem mulheres, são indígenas, quando o termo índio é usado muitas vezes como um insulto e mais ainda, são mulheres pobres. Traz, em seguida a cosmovisão na qual estão inseridas as mulheres indígenas do movimento e algumas considerações:

- de que os corpos de todos os indivíduos estão interconectados,
- de que a justiça deve estender-se aos humanos e não humanos,
- de que não pode existir um pensamento universal do qual as mulheres estejam excluídas,
- de que todos os povos tem sua língua, poristo que todos os povos estão filosofando a seu modo de filosofar baseando-se em pensamentos de Carlos Lenkersdorf,
- de que na língua maia não existe verbo ser, não existe objeto direto nem indireto, não existe gênero gramatical,
- há muitas formas de amar a sabedoria e viver sobre a terra.

A conferencista, discute os pilares da filosofia maia presentes no zapatismo:

- conciliação entre o eu, a comunidade, a liberdade.
- a intersubjetividade sujeitos/coração/dignidade - sendo que, ser sujeito significa ter coração, que é considerado o lugar onde está a memória ou pensamento. Pensa-se com o coração e sente-se com a cabeça. Então, todos os sujeitos tem coração, portanto, dignidade. O “nós”, é a comunidade cósmica: seres humanos, animais, plantas, montanhas, rios, estrelas... a filosofia da comunicação, neste caso passa a ser um diálogo entre iguais. Implica tanto a quem fala, quanto a quem escuta. Todos os participantes são sujeitos, e dois sujeitos tem coração, que se comunicam. Os elementos da comunicação dialógica são:

dizer, escutar, entender, respeitar. E como filosofia da educação se tem que: a) a aprendizagem está centrada no “nós” b) não existe teoria separada da vida cotidiana c) se aprende ao dialogar e escutar d) não existe especialização e) todo processo de aprendizagem é bidirecional.

Ao final da exposição, surgiu o comentário de uma das participantes do evento, da convergência que havia entre as idéias trazidas pela conferencista, através da cosmovisão presente na realidade Mexicana, com as idéias da vanguarda da ciência, para a mudança de paradigma.

Já com mais uma conferencista, Professora da Women's Studies and Multiculturalism da Oulu University, da Finlândia - pesquisadora que convivera com Indígenas Iroquis, no Canadá - cresce a consciência sobre a necessidade de se praticar novas formas de economia, como a economia do dom. Porque o que se tem atualmente, segundo ela, é um monoteísmo de mercado que esquece completamente o trabalho da casa e da natureza. Que rouba o trabalho das mulheres no âmbito privado, e se estas deixassem de executar os trabalhos de “cuidados”, esta economia entraria em colapso.

Na economia do dom, as pessoas fazem doações de bens e serviços uns aos outros, sem que haja expectativa formal de reciprocidade imediata ou futuro, como no mercado. Porém, a obrigação de reciprocidade existe, não necessariamente envolvendo pessoas, mas como uma corrente contínua de doações. Para o antropólogo Marshall Sahlins este seria uma economia de abundância e não de escassez, ao contrário de pressupostos tipicamente modernos acerca da pobreza objetiva (SAHLINS, 1974).



Figura 53. “I Reunião Internacional de Investigação em Igualdade entre Mulheres e Homens: Estado da Questão”, Universidad de Valladolid, Campus Palencia (Foto: Fatima Chechetto).

Durante o evento, no painel de Comunicações: Trabalho, sustentabilidade e gênero, a pesquisadora teve a oportunidade também de partilhar conhecimentos apresentando o tema: “Transdisciplinaridade e Plantas Medicinais no Empoderamento de Mulheres em Busca de Sustentabilidade na região Sul de Santa Catarina: Experiência de Resgate de Conhecimentos.”

A partir do evento, a pesquisadora faz contato com pesquisadores da Universidade de Valladolid envolvidos com a temática de gênero e também ligados a área ambiental, como o professor que trabalha com geografia das populações. O mesmo desenvolve com projetos sobre o comportamento de mulheres urbanas envolvendo gênero, urbanismo e segurança nas cidades. Apesar de não trabalhar diretamente com a área de plantas, tem muito interesse na temática, conhecendo várias pessoas na cidade de Palencia, afeiçoadas ao tema e relata que:

“...venho de Burgos...em Burgos há uma grande quantidade de espaços verdes. As pessoas decoram suas terras. Como uma espécie de cultura que vem de longe...Burgos tem contato com a Província de Soria, e junto com o elemento econômico com as plantas, tem um afeto, uma proteção, a árvore é vista como algo sagrado, os bosques têm servido como sustento. A organização do território em Palencia tem eliminado a vegetação das bordas, para os caminhos...para a entrada das máquinas. A vegetação foi tomada como um obstáculo. Se eu fosse agricultor, eu plantaria árvores, porque não poderia viver sem esta referência afetiva.” (Professor da Escola de Educação de Palencia. Universidade de Valladolid).

O professor repassa uma lista de herbolários da cidade à pesquisadora, com os respectivos telefones. São mais de 12 herbolários. Um deles, o herbolário mais antigo, ele conhece bem. Já existe há mais de 30 anos. O proprietário é seu amigo. Através de sua indicação, a pesquisadora visita o herbolário, que comercializa plantas medicinais vindas de campos de cultivo de Soria, à 250 km de Palencia.

O proprietário fala sobre seu empreendimento:

“... a procura pelos produtos tem crescido...fomos pioneiros...no início era mais uma loja de frutos secos do que herbolário...atualmente são mais as mulheres que

compram... cerca de 60 a 70% dos clientes, são mulheres” (Proprietário de Herbolário. Palencia).

A pesquisadora pergunta por pessoas que conhece na cidade, vinculadas as plantas medicinais. O proprietário fala de um antropólogo e lhe dá um cartão com o contato. Fala também de uma apicultora, que vive na Montanha Palentina, que conhece muito sobre plantas. Fala de outros herbolários, que são visitados posteriormente pela pesquisadora.

Em novembro, através da mediação da professora orientadora, da Universidade de Valladolid, acontece o contato com um professor da área agrônômica, na Universidade com a pesquisadora brasileira. O professor, bastante conhecido e querido na região, havia editado um livro junto com outros dois autores, chamado: “ Guia de las Plantas Silvestres de Palencia”. O livro trazia plantas da Montanha Palentina, ilustradas com fotos coloridas. Quando do contato, encontrava-se recebendo crianças de escolas da região, para explicar sobre fungos, sua maior especialidade, inclusive fungos medicinais.

Procurando se inteirar sobre outros pesquisadores envolvidos com o tema, através de um folder, encontrado por sua professora orientadora, a pesquisadora toma conhecimento de que havia sido organizada, em maio de 2008 uma “Jornada Técnica sobre Plantas Aromáticas, Medicinais e Tintóreas”.

A Jornada fora organizada pelo ITAGRA - Centro Tecnológico Agrário e Agroalimentar, uma Associação que se constituiu no ano 2000, contando como membros associados empresas e instituições, inclusive a Universidade de Valladolid, na qual está sediada a Associação. A pesquisadora, procura um dos responsáveis pela organização do evento, que explica que:

“...durante dois anos trabalhamos no Itagra com um projeto de plantas medicinais, fazendo experimentos, ensinando sobre cultivos...o projeto acabou em 2008. Resultou dele a APAPAM, uma Associação de Agricultores que plantam lavanda...” (Eng.Técnico Agrícola. Itagra).

O técnico fornece a pesquisadora uma apostila sobre o evento e explica como ela pode fazer contato com professores pesquisadores da Universidade, que palestraram no evento. Um professor, Engenheiro Agrônomo do Departamento de Produção Vegetal e Recursos Florestais é contactado.

Outro contato se dá, a partir da professora orientadora, com responsáveis por um projeto de cultivo de plantas medicinais e produção de licores. Quando de sua visita, em setembro de 2011, a pesquisadora havia encontrado em uma feira no povoado de Ampudia, uma mulher que estava vendendo licores através de uma empresa chamada “Harmonia Vaccea”. O projeto, havia se desenvolvido, segundo ela, com o apoio de um estudante peruano, que estava fazendo um estágio na Universidade de Valladolid.

Todos estes contatos ficam cientes sobre o trabalho a ser desenvolvido pela pesquisadora com as mulheres na Montanha Palentina, e se dispõem a colaborar durante o processo.

5.2 Construindo o Processo Transdisciplinar com Mulheres da Região Norte da Espanha - Montanha Palentina com Foco no Resgate de Conhecimento sobre Plantas Medicinais e a Promoção do Empoderamento no Âmbito do Desenvolvimento Sustentável

5.2.1 Alinhavando a Entrada na Montanha Palentina para o Início do Processo de Construção Participativo

O inverno se faz presente na transição de 2011 para 2012 no Norte da Espanha. A vegetação que aos poucos perdera sua coloração verde, repousa em tons cinzas. É chegado o momento de organizar a subida à Montanha Palentina para a aplicação dos conhecimentos acumulados no processo de construção transdisciplinar com mulheres da região Sul de Santa Catarina, tendo como foco o resgate de conhecimentos teórico-práticos sobre plantas medicinais e a promoção do empoderamento daquela população, no âmbito de desenvolvimento sustentável.

O contato com os estudos de Cruz-Souza (2006), o aprendizado com literaturas e as discussões com pesquisadores da Universidade de Valladolid, tinham trazido idéias de como aperfeiçoar aquele processo.

A pesquisadora também havia feito alguns contatos com algumas mulheres que viviam na Montanha e estudavam na Universidade de Valladolid, durante a “Primeira

Reunião Internacional de Investigação em Igualdade entre Mulheres e Homens: Estado da Questão.” Uma delas fazia alguns questionamentos:

“esta época quase não se encontram plantas na Montanha...também estes conhecimentos se perderam...não creio que hajam muitas mulheres que conhecem de plantas...como? acredita que os conhecimentos de plantas medicinais estão guardados numa espécie de “memória genética, ancestral”? E como vais fazer para descobrir isto? Transdisciplinaridade? Não...não conheço sobre isto” (Moradora da Montanha Palentina. Estudante-pesquisadora da Universidade de Valladolid).

A experiência com as mulheres de Santa Catarina lhe dava alguma segurança. Por solicitação de sua orientadora, que já havia feito o contato com mulheres da Montanha Palentina sobre a entrada em campo, organizou o material de divulgação da primeira Oficina com o objetivo de iniciar o processo de construção participativo da pesquisa.

Procurou reunir tudo que conseguira integrar até então para esta entrada. Lembrou da fala de uma pesquisadora durante a “Primeira Reunião Internacional de Investigação em Igualdade entre Mulheres e Homens: Estado da Questão”. Era sobre a necessidade de se incluir a arte e a cultura para transformar os símbolos de violência, por símbolos que acessassem a linguagem que vai ao coração. Cuidar com a forma de escrever, de apresentar os trabalhos. Resgatar a arte e a criatividade adormecidas. Usar símbolos, imagens que toquem o coração. Precisaria iniciar com um bom símbolo. Buscou a imagem utilizada em Santa Catarina, sobre a V Jornada Catarinense de Plantas Medicinais com o tema da “Diversidade na Unidade”.

Conectou-se através da internet com o artista que havia criado o símbolo, para conversar sobre a permissão para a utilização da imagem. Com o nome da Oficina como “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” criou o seguinte texto:

“ A construção de uma sociedade sustentável depende da necessidade de discutir a a direção do desenvolvimento sustentável e das bases das relações de gênero. As mulheres historicamente têm adquirido um amplo conhecimento sobre os recursos naturais, entre estes, plantas medicinais, assumindo um papel importante na conservação da biodiversidade. A partilha conjunta de conhecimentos, pode provocar importantes processos de construção de caminhos para a sustentabilidade. Iniciar a recuperação deste

conhecimento coletivo, no contexto de uma busca de novas relações entre a humanidade e a natureza, assim como a necessidade de considerar as propostas de desenvolvimento que incluem novas relações entre homens e mulheres, é o propósito desta oficina.”

Em seguida, organizou a programação (Figura 54) que seria inicialmente a apresentação das participantes e depois, a apresentação da pesquisadora com a abordagem do tema: “Plantas Medicinais e Empoderamento de mulheres em Busca de Sustentabilidade no sul do Brasil”. O texto explicava que se trataria de um relato de experiência de construção participativa, entre representantes de diversas titulações universitárias e mulheres de comunidades da região, conhecedoras de plantas medicinais. Que através deste processo, se criou um espaço para a reflexão relacionada ao tema, em reuniões com visão transdisciplinar desde uma perspectiva ampla e inclusiva. E, que a partir deste processo se ampliou a inserção, na esfera coletiva atuando-se a nível estadual e nacional na construção de redes de cooperação, atuando-se em políticas aprovadas no país em 2006.

A organização a seguir, incluía uma pausa e logo, uma atividade de demonstração de resgate e intercâmbio de conhecimentos sobre plantas medicinais, onde as participantes teriam a oportunidade de vivenciar um momento de integração mais profunda com a natureza.

A atividade seria o estudo coletivo sobre plantas, com o objetivo de reconhecer o papel da mulher na qualidade de observadora, investigadora e co-criadora do conhecimento.

Por fim, se discutiria o interesse do grupo sobre a construção de um processo participativo de pesquisa. Se assim fosse do interesse, se fariam acordos com o grupo sobre a condução da pesquisa com consentimento para a continuação dos trabalhos.

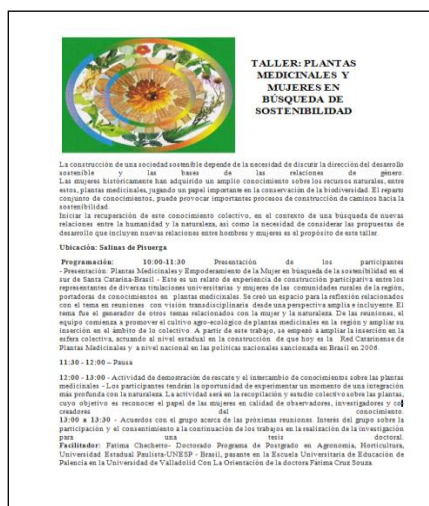


Figura 54. Material de Divulgação da Primeira Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”

Na Montanha Palentina, a proposta contou com o apoio da Universidade Estadual Paulista e dentro da Universidade de Valladolid contou com o apoio da Cátedra de Estudos de Gênero, da Escola Universitária de Educação de Palencia e do Instituto Universitário de Investigação em Gestão Florestal Sustentável. Dentro do território da Montanha Palentina, a pesquisa foi apoiada pelas duas entidades responsáveis por projetos de desenvolvimento rural, denominadas pela União Europeia como Grupos de Ação Local: Associação Comarcal de Desenvolvimento da Montanha Palentina, que apoiou a proposta incluindo algumas atividades dentro do Projeto de Cooperação Igualar e a Associação Interterritorial País Románico através do Projeto Ruralab. Na articulação e execução do projeto de pesquisa dentro da Montanha Palentina a Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios” teve um papel ativo e significativo, pois assumiu um compromisso na participação direta das atividades e oficinas, além de identificar e contactar outras pessoas e grupos vinculados a temática das plantas medicinais nesse território.

Algumas semanas antes que acontecesse a primeira oficina, a pesquisadora foi até a Montanha a fim de contactar com representantes da Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios” e a Associação Interterritorial “País Románico”.

A Associação “País Románico” se constituiu no ano de 2001, como um grupo de Ação Local Interterritorial para a gestão da Iniciativa Comunitária Leader + no marco do

Programa Nacional de Desenvolvimento Rural (financiado pela União Europeia e pelo Governo da Espanha)

Conforme Carrasco (2011) foi no começo dos anos de 1990, quando a Comissão Europeia publicou o comunicado aos estados, é que propuseram os objetivos e conteúdos da iniciativa LEADER.

Se tratava, em primeiro lugar, do reconhecimento do fracasso, quando não da ausência, de políticas rurais em alguns países, em vista da fragilidade social e econômica e em grande parte das zonas rurais da União Europeia, especialmente naquelas com maiores dificuldades de sustentabilidade ambiental. Também da ação dos governos e instituições locais que não davam resposta aos graves problemas que enfrentavam e ainda enfrentam estes territórios, como o envelhecimento da população, o êxodo rural, a perda de empregos.

Cruz-Souza (2011) em sua compilação sobre “Sustentabilidade e Desenvolvimento Territorial na Europa e Espanha”, analisa que as políticas agrárias implementadas na União Europeia até os anos de 1970 fomentaram agricultura intensiva, mais competitiva na economia de mercado, mas com pouca ocupação laboral, muita inversão de capital e processos produtivos cada vez mais dependente das multinacionais agrárias e da mecanização, elementos externos ao próprio território.

Na Espanha, entre os anos 1950 a 1970, os serviços de Extensão Agrária se encarregaram de orientar e treinar aos agricultores no manejo das novas tecnologias e em facilitar a adaptação necessária ao novo sistema produtivo agroindustrial.

Em meio a visibilidade dos custos ecológicos sociais e territoriais deste tipo de política e considerando a conjuntura econômica global diante das dificuldades existentes no panorama agrário europeu e internacional, a partir de meados dos anos de 1980 paralelamente a algumas mudanças nas políticas agrárias, começa-se a gestar uma nova perspectiva de desenvolvimento no meio rural.

Esta perspectiva, coincide também com novas concepções de ruralidade, com um olhar além da produção agrícola, a partir de uma visão muito mais territorial. Esta perspectiva a nível de política europeia se inaugura no documento “O Futuro do Mundo Rural” publicado pela Comissão Europeia em 1988.

Em 1991, o Documento “Evolução e Futuro da PAC : Documento de Reflexão da Comissão” recompilou uma reforma na Política Agrícola Comum, propondo a necessidade de uma Política ativa de desenvolvimento rural. Neste momento, se cria a iniciativa LEADER (Liaisons entre Activités de Developement de L’economie Rural), que a

Comissão Europeia colocou em prática em 1991 ao detectar a necessidade de mudança no trato do meio rural, e com a finalidade de experimentar novos enfoques no desenvolvimento rural.

Na visão crítica de Cruz-Souza, entre os anos de 1991 e 2008, LEADER tem sido um laboratório de experiências rurais, incidindo sobretudo no desenvolvimento econômico e se observa claramente a visão reducionista dominante, que identifica desenvolvimento com desenvolvimento econômico, o que de início, inviabiliza a construção da sustentabilidade em um mundo subordinado às leis de mercado.

Porém, em suas três convocatórias: LEADER I (1991-1994), LEADER II (1995-2000) e LEADER + (2000-2008), se animou a organização dos agentes sociais e econômicos de cada território rural, para assumir o protagonismo no desenho e execução de estratégias de desenvolvimento econômico endógeno, colocando em prática experiências de diversificação produtiva e aprofundando a multifuncionalidade do meio rural.

Em 1996, durante o período de execução da Iniciativa, quando se reuniram em Cork, Irlanda, representantes e especialistas dos quinze países componentes na época da União Europeia, em um documento resultante do encontro, se reconhece a importância dos territórios rurais para a Europa.

Se define então, que o desenvolvimento rural sustentável deve-se constituir prioridade da União Europeia e princípio fundamental que sustenta toda a política rural, com objetivo de intervir no processo de emigração do campo, combater a pobreza, fomentar o emprego e a igualdade de oportunidades, responder a crescente demanda de qualidade, saúde, segurança, desenvolvimento pessoal, lazer e melhorar o bem-estar das comunidades rurais.

Depois de vários processo de reformulação da Política Agrícola Comum (PAC), e de anos de intenso debate, tanto na Comissão Europeia como no interior dos Estados Membros, em 1999 o Conselho da União Europeia aprovou importantes regulamentos que refletiu em uma nova reforma da Política Agrícola Comum, em uma perspectiva mais explicitamente territorial para o período de programação 2000-2006.

Para Cruz-Souza (2011), é a evolução futura das lutas de poder e interesses entre os diferentes agentes sociais e econômicos no seio da União Europeia e as relações econômicas em um mercado globalizado, que determinarão se a perspectiva de desenvolvimento será realmente possível. Porém, ao menos, o desenvolvimento rural e não

só a agricultura, formam parte das agendas e das pautas de debates que determinam uma parte das políticas e medidas que se aplicam nos territórios rurais.

Para Carrasco (2011) LEADER foi o começo de uma nova visão das políticas rurais e estava baseado, fundamentalmente, em um enfoque territorial e integrado, no qual a participação da sociedade civil cobrava um aspecto central. LEADER II consolidou estes aspectos, acrescentando inovações como fator de competitividade das ações a serem desenvolvidas.

Dentro da iniciativa LEADER a Associação País Románico é integrada pelas entidades: 1)Privadas: Associação para o Desenvolvimento da Montanha Palentina (ADEMPA); Fundação Santa Maria-La Real-Centro de Estudios del Románico; Associação de Desenvolvimento Campoo los Valles; Fundação Alto Ebro; Universidade Popular de Palencia; Caritas Reinosa, Associação de Mulheres por la Igualdad; Fundação Global Nature; Associação de Amigos del Románico; CIT de Barruelo de Santullán y de Brañosera, Red de Turismo Rural de la Montaña Palentina y Asociación Desarrollo Económico de Aguilar de Campoo.

2)Públicas: Universidad de Valladolid; Ajuntamento de Aguilar de Campoo, Ajuntamento de Salinas de Pisuegra, ajuntamento de Alar del Rey, Ajuntamento de Valdeprado del Río; Ajuntamento de Reinosa, Ajuntamento de Brañosera, Ajuntamento de Barruelo de Santullán e Ajuntamento de San Cebrián de Mudá, Ajuntamento de Valdeolea e Ajuntamento de Valderredible.

O nome País Románico refere-se a paisagem compartilhada pelos povos que vivem nas vertentes da Cordilheira Cantábrica apoiando-se em três províncias (Cantábria, Palencia e Burgos), administrativamente integradas nas Comunidades Autônomas de Cantábria e Castilla y León. Se trata de um espaço geográfico que constitui o território da Espanha, e provavelmente da Europa, no qual se localiza a maior densidade de monumentos românicos (arte medieval e cristã).

É um território, que como na maioria dos espaços rurais, atravessa dificuldades em meio à crise sistêmica, que segundo os participantes da Associação, se situa na transição de uma sociedade agroindustrial a outro tipo de sociedade e economia, baseadas no princípio da sustentabilidade nas tecnologias da comunicação e do conhecimento. Trata-se de um território marcado pelo envelhecimento acelerado de sua população, e consequente, ameaça do despovoamento de seus núcleos mais pequenos, o que compromete seu desenvolvimento atual e sua visibilidade de futuro.

Diante deste contexto, a Associação País Románico se propõe a ser uma ferramenta de cooperação entre municípios e comarcas do território, um projeto de desenvolvimento local e sustentável, articulado em torno do capital social e ao rico patrimônio natural e cultural, apostando na coesão social e territorial.

Desta maneira, aposta em um renovado enfoque de desenvolvimento, com sentido social, ecológico e territorial.

Se fundamenta em valores de solidariedade com as pessoas e com seus direitos básico a igualdade e a qualidade de vida, com respeito a diversidade e a diferença; preservação e sustentabilidade do patrimônio natural e cultural herdado; defesa da identidade territorial e sua diversidade; compromisso de participação democrática e fortalecimento da cidadania; enfoque de desenvolvimento territorial fundamentado na sustentabilidade ambiental, social e econômica; fortalecimento do municipalismo como sistema básico para a participação cidadã, a organização territorial e a gestão administrativa; impulso do associativismo para fortalecer o tecido social e melhorar a coesão social; solidariedade e cooperação entre os municípios e as populações do território, para melhorar a eficiência do conjunto e combater os desequilíbrios territoriais; luta contra o despovoamento e o envelhecimento, para impulsionar a revitalização demográfica do território e compromisso estratégico com a inovação e o impulso empreendedor para a melhoria da competitividade e para o desenvolvimento da sociedade do conhecimento.

A Associação tem como objetivos transversais: - igualdade, como princípio básico e presente em todas as ações de seu plano estratégico, para o bem-estar e a coesão social.

- Sustentabilidade, como condição de desenvolvimento econômico fundamentada na conservação dos recursos naturais, a eficiência energética e a solidariedade intergeracional.
- Territorialidade, como fator imprescindível de identidade de desenvolvimento local, chave estratégica e dimensão pertinente para a competência e competitividade da sociedade local.
- Inovação, como fator de competência e competitividade, para a incorporação a modernidade e para o desenvolvimento da sociedade do conhecimento.

E conta com os objetivos gerais:

- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida avançando no desenvolvimento da igualdade de oportunidades e na melhoria dos serviços de bem-estar, contribuindo para o fortalecimento do tecido social e do sentimento identitário de “paisania”, como exercício

de “cidadania rural”, melhorando a qualidade da informação e comunicação social, assim como a participação social e a vida democrática.

- Avançar na implantação de um modelo próprio de desenvolvimento territorial, social e sustentável, impulsionando a preservação e colocando em valor os recursos do patrimônio territorial, tanto naturais como culturais, de modo inovador e eficiente.
- Potencializar a competência e competitividade do sistema produtivo territorial, impulsionando sua diversificação e diferenciação, junto com a geração de valor agregado, a partir da implementação de conhecimento e tecnologia, contribuindo para a renovação e atualização dos setores econômicos tradicionais, junto com o impulso de novos produtos e serviços emergentes, de caráter sustentável.
- Impulsionar o desenvolvimento da sociedade e economia do conhecimento, promovendo a criação de comunidades de aprendizagem e de entornos sociais e tecnológicos abertos e colaborativos, que favoreçam a criatividade e a inovação, facilitando a acessibilidade de recursos tecnológicos e de conhecimentos avançados (PAÍS ROMÁNICO, 2012).

Garcia (2011), em referência a economia do conhecimento, comenta que embora pareça que esta denota uma transição para uma produção baseada na ciência e na tecnologia, em realidade inclui estes elementos, mas, muito mais que os elementos objetivos, lógicos ou racionais do conhecimento, inclui também os elementos subjetivos, analógicos ou emocionais do mesmo, como a intuição, a sensibilidade e a expressão artística.

Isto, em se partindo de um posicionamento prévio, desde uma visão de uma “nova ruralidade” e no contexto de uma crise global do modelo capitalista de desenvolvimento, considerando que, mais que uma época de mudanças, estamos em uma mudança de época, convencionada com “era do conhecimento”.

E como nas anteriores mudanças que vieram precedidas pela aparecimento de novas tecnologias (que deram lugar a profundas mudanças junto a novos sistemas econômicos), o que identifica o atual processo de mudança são as novas tecnologias da informação e a comunicação, que determinam uma nova sociedade-economia do conhecimento.

Uma redefinição de economia, cujo domínio tem passado de ser exclusivamente material e financeiro, para ser, além do mais, relacional e representacional. Seus elementos tem passado a ser também intangíveis pois as regras também têm mudado configurando a

passagem de um universo de possibilidades físicas ao universo das possibilidades do conhecimento.

Neste sentido, a Associação tem apostado na cooperação e na participação em redes, desenvolvendo projetos como: Avanza (projeto interterritorial, para o desenvolvimento de políticas de igualdade de gênero; Abraza la Tierra (projeto interterritorial para a experimentação de políticas de acolhidas de novos habitantes no meio rural; Mover montanhas (projeto interterritorial para fazer visível a importância destes territórios para toda a sociedade e a sensibilização sobre sua fragilidade); Europa Románica (projeto transnacional para configurar uma rede de territórios europeus que tenham na arte românica seu elemento patrimonial e identitário mais singular; Ecosolidariedade entre territórios (projeto transnacional para o intercâmbio de experiências em desenvolvimento rural entre os territórios das Encostas da Serra Geral - Sul do Brasil, Zona Media - Navarra e País Románico-España). Além do mais, a Associação está associada a diversas redes européias, estatais e regionais.

Desde 2009, está envolvida com o projeto Ruralab, que utiliza como estratégias : a) criação de espaços de encontro e participação, que permitam o desenvolvimento de redes sociais locais , tanto virtuais como presenciais, que favoreçam a articulação social e colaboração entre pessoas e organizações sociais, b) implantação de programas de formação dirigidos, fundamentalmente, aos setores da população mais dinâmicos - jovens e mulheres - favorecendo seu acesso aos conhecimentos e habilidade próprios da nova economia do conhecimento (com base social, ecológica e tecnológica) c) implantação de programa, para apoio e empreendedores, com novos produtos e serviços.

Para conseguir seus objetivos, o Projeto Ruralab se organiza em 3 áreas: Redes e Cooperação, Formação e Conhecimento e Inovação, e quatro programas transversais: Igualdade de Gênero e Oportunidades, Responsabilidade Social e Ambiental, Comunicação e Participação, Avaliação e Continuidade.

A Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios” (Figura 55), surgiu a partir da iniciativa de algumas mulheres, técnicas e participantes na iniciativa comunitária NOW (New Opportunity for Women) da União Europeia promovida pela Federação de Associações para o Desenvolvimento Rural da Montanha Palentina (ADEMPA) do ano de 1998 a 2000 (CRUZ, 2002). Nas palavras de Jimena (2012), atual presidente da Associação:

“...a raiz das ações e reflexões propostas nas atividades deste programa, dos conhecimentos adquiridos e do desejo de trabalhar para desafiar e lutar contra as relações de gêneros injustas, estas mulheres concebem a idéia de que uma associação de mulheres na Montanha Palentina pode ser um elo a mais na cadeia que formam muitas outras organizações do tramado social regional, espanhol e porque não, mundial” (JIMENA, 2012, p.57-58).

Conscientes que não queriam um mero espaço de expansão, alívio ou entretenimento, desde o início, tentam que a vida da associação discorra pelas vertentes da reflexão e reivindicação:

“...reivindicação desde o mais banal como é um espaço próprio de reunião...sempre estamos compartilhando com outras associações...sem “espaço próprio” como reivindicava Virginia Woolf (escritora britânica)...não reivindicamos este espaço, porque não nos importa compartilhar com outras, pois isto poderia ajudar o conhecimento mútuo e o intercâmbio. Mas porque, um grupo necessita expressar-se também no físico: manifestar como é e como sente, sentir-se à vontade em seu espaço próprio...” (JIMENA, 2012, p.58).

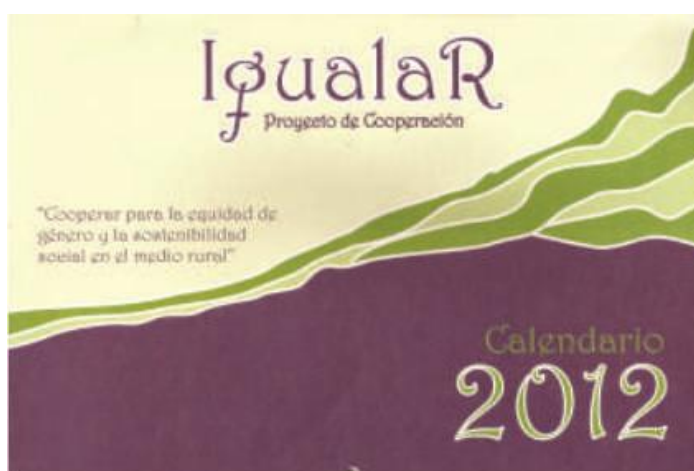


Figura 55 . Material de divulgação da Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios”.

E para as suas reflexões e reivindicações, atividades foram organizadas como o Curso de Agentes de Igualdade e Oportunidades em 2003, em parceria com a Cátedra de Gênero da Universidade de Valladolid, oficinas de leitura com obras principalmente de escritoras, vídeos-fórum sobre problemas e relações de gênero, assim como a preparação e investigação de atividades de rua organizadas em torno das datas com 8 de março, 25 de novembro e 16 de outubro, dia das mulheres rurais.

Outras atividades de formação, crescimento e empoderamento pessoal e coletivo foram sendo desenvolvidas, no qual as integrantes da Associação sentiam sua presença como necessária, no âmbito do desenvolvimento mais próximo. Daí da participação ativa na Diretoria do “Grupo de Ação Local País Románico” e na “Agrupación Comarcal de Desenvolvimento Montaña Palentina”.

Além destes espaços de presença permanente, passaram a acolher ao chamado de outros agentes sociais, como para a transversalização de Igualdade de Gênero em escolas públicas de educação primária de Aguilar de Campoo e Cervera de Pisuerga e no “Instituto Público de Educação Secundária de Aguilar de Campoo”. Participaram também, como juradas, especializadas no Festival de Curta Metragem de Aguilar de Campoo, para premiar o melhor curta dirigido por uma mulher, como uma maneira, uma vez mais, de reivindicar a presença de mulheres em espaços tradicionalmente ocupado por homens.

Como experiência mais significativa de trabalho em rede sobre gênero e desenvolvimento rural, passaram a participar do “Projeto Interterritorial AVANZA” , apoiado pela Iniciativa Comunitária LEADER +. O Projeto de Cooperação Territorial AVANZA “Mulheres Rurais, Alternativas de Emprego e Acesso a Direção”, tem o objetivo de unir as capacidades e esforços dos participantes para melhorar a posição das mulheres em cada território, mediante a aplicação de medidas comuns para fomentar e facilitar o aproveitamento pelas mulheres das oportunidades de desenvolvimento que existem em cada zona.

6 INICIANDO O PROCESSO DE EMPODERAMENTO E IDENTIFICANDO OS CONHECIMENTOS DAS MULHERES DE COMUNIDADES DA MONTANHA PALENTINA SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM BUSCA DE SUSTENTABILIDADE NA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

6.1 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Primeira Oficina “ Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Da Abertura de um Espaço Democrático e Participativo ao Reconhecimento e Valorização do Saber Feminino Ancestral

Manhã fria de inverno em Palencia. A pesquisadora se prepara para sair com sua orientadora, para dar início a primeira oficina no município de Salinas de Pisuerga, na Montanha Palentina (Figura 56). Na chegada do local onde as mulheres já esperavam reunidas, uma água cruza o espaço!



Figura 56. Salinas de Pisuerga, Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

A pesquisadora, lembrando de seus conhecimentos sobre xamanismo, pensa que pode ser um bom augúrio, pois a águia tem sido cultuada e reverenciada por povos há milênios com forte simbolismo no inconsciente coletivo da humanidade. Curandeiros e xamãs usam suas penas, como um importante instrumento de poder curativo, pois representa a proteção, sabedoria, abundância, força...ver acima da ignorância. Aprendera com os indígenas que a águia ensina a atacar com coragem o medo do desconhecido, para conhecer novos horizontes, ir para níveis superiores de consciência...que é símbolo da liberdade.

Mesmo assim, está apreensiva, não sabe bem o que a espera...quantas mulheres viriam? Como seria se comunicando em outra língua? E as plantas ...trariam plantas? Ao subir as escadas, para adentrar o local do encontro ouvia muitas e animadas vozes femininas...surpresa!

Uma grande mesa ao centro decorada com várias plantas, preparados caseiros de plantas, produtos alimentares feitos com plantas... e mais de 30 participantes! Fazia bastante frio naquela manhã na Montanha, mas o calor e aconchego do grande círculo que se formou ao redor da mesa aquecia a todas. Poderia incluir a palavra todos, pois um homem, vinculado a Associação “País Románico” também participava (Figura 57).



Figura 57. Momentos da I Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, Salinas de Pisuerga, Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

A pesquisadora adorna a mesa com algumas plantas que trouxera e alguns boletins de plantas medicinais do GEUPLAM. O objetivo da oficina estava em sua mente: facilitar a socialização das participantes, deixar claro os objetivos da pesquisa e estabelecer os acordos com o grupo sobre as próximos encontros.

A orientadora dá as boas vindas, explicando como surgira a idéia do encontro, e depois, faz um breve apresentação da pesquisadora. Em seguida, iniciam-se as

apresentações das participantes, e a pesquisadora expõe sobre o trabalho com as mulheres no Brasil.

A exposição flui, com as mulheres acompanhando atentamente, com interesse, e fazendo perguntas. Admiram-se que na região Sul do Brasil, hajam tantas plantas que também existem na Montanha Palentina. A pesquisadora explica sobre a diversidade biológica e cultural no Brasil e que no Sul, predominam os povos originários da imigração européia.

As mulheres ficam surpresas com aprovação das políticas em plantas medicinais no Sistema Único de Saúde, algo para elas impensável diante da supremacia da indústria de medicamentos sintéticos na Espanha.

Terminada a apresentação faz-se uma pausa com um lanche, e retorna-se, para dar início a dinâmica demonstrativa de intercâmbio de conhecimentos.

A pesquisadora solicita que uma voluntária, que queira receber um presente muito especial, se apresente ao centro do círculo. Se dispõe uma das participantes, que a partir de então, tem os olhos vendados. Em seguida, solicita a presença de outra voluntária, que escolha algo (plantas e derivados) que estão sobre a mesa, para presentear a amiga.

A idéia de oferecer como presente a planta, vem ao encontro do respeito a sabedoria ancestral, como na história da curandeira Bernadete Rebienot, do Gabão, África. Sua avó, conhecedora da medicina tradicional, que os pigmeus haviam praticado há milhares de anos, a introduziu no mundo das plantas ensinando-a desde muito pequena que as plantas são um presente que nos fazem os antepassados e que devemos protegê-las para as gerações futuras (SCHAEFER, 2010).

Com esta consciência, a voluntária, escolhe um preparado com um óleo aromático e o coloca sobre as mãos da amiga. A pesquisadora, solicita que sinta o cheiro do presente, e diga o que acredita que seja. Esta responde: “...eu acho que é um azeite... mas não sei de que é....” a pesquisadora pergunta, para que ela acha que seria o azeite, ao que responde: “...para hidratar a pele.”

Neste momento a pesquisadora solicita que as demais participantes do círculo falem o que conhecem sobre aquele óleo aromático. Então começam a brotar os conhecimentos: “...é uma planta medicinal que se utiliza para as contusões” (Mulher. Participante da Oficina).

“...vou contar como se faz o óleo...se deixa secar a planta verde, somente a flor. Se deixa dois dias em álcool, se coa e e se põe em azeite de oliva virgem puro. Fica por uns quatro meses em uma janela ao sol. A noite, se agita o recipiente e durante o dia, se agita novamente. Depois, se guarda em um lugar escuro. Se deixa durante quatro meses... é por causa das fases da lua...sempre se colhe a planta em quarto minguante e nunca ao amanhecer, para que não tenha orvalho. O que se vai fazer, o azeite não pode ter água...e nunca se deve arrancar as plantas. Tem que cortá-las com tesoura...”(Mulher. Participante da Oficina).

A planta é identificada pelo grupo como arnica (*Arnica montana* L.), e a participante que recebera o presente é convidada a tirar a venda, para ver e ouvir mais, sobre o presente que recebera:

“...outro uso que a arnica tem é colocá-la em água quente e usá-la, em cataplasma, no caso de machucaduras por pancadas” (Mulher 1. Participante da Oficina).

“ ... é uma planta que está protegida...porque se tem poucas...eu, faço o óleo aromático com o hipérico, porque tem propriedades parecidas...e hipérico, ainda tem muito” (Mulher 2. Proprietária de Herbolário. Participante da Oficina).

“ Em Aguilar (povoado chamado Aguilar de Campoo), a arnica é muito abundante em algumas zonas e em outras, praticamente não existe. E cada vez há menos, inclusive em zonas onde tinha muitas...ela gosta de terra calcárea” (Mulher 3. Participante da Oficina)

“...tem dois tipos de arnica...a arnica montana, que estamos falando, e a arnica pulguera, que não tem cheiro e não tem as mesmas propriedades” (Mulher 4. Participante da Oficina).

“...Fiz um trabalho de pesquisa em León, na zona de Valdeón, me contaram que se utilizava em infusão para os catarros e em cataplasma para as torceduras”(Mulher 5. Bióloga. Participante da Oficina).

“...mas é perigoso tomar em infusão...porque é uma planta tóxica” (Mulher 6. Participante da Oficina).

“...os pastores utilizavam as folhas da arnica para substituir o fumo. Em alguns lugares a chamam tabaco de pastor” (Mulher 7. Participante da Oficina)

“...outra maneira de usar a planta é cozinhar a flor e misturar com argila verde em cataplasma para as batidas e contusões... também é boa para o coração.” (Mulher 8. Participante da Oficina).

“...também é boa para picadura de insetos em cataplasma” (Mulher 9. Participante da Oficina).

A pesquisadora, que se mantivera perguntando e ouvindo, retira um boletim de autoria do GEUPLAM sobre um estudo da arnica. Fala que no Brasil haviam estudado esta planta, mas que tratava-se de outra arnica, uma arnica nativa do Brasil, de nome científico *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski, pois a *Arnica montana* é bem rara lá. Explica que as duas plantas são da mesma família e são bem parecidas, mas uma maneira de diferenciá-las é através das folhas, que são recortadas na arnica do Brasil, enquanto na *Arnica montana* as folhas são inteiras.

O grupo interessa-se em discutir sobre os princípios ativos das plantas. A pesquisadora fala que estes dependem de muitos fatores: condições de cultivo, latitude, altitude, época do ano. Dá um exemplo sobre a sálvia (*Salvia officinalis* L.), que cultivada na Espanha apresenta alto teor de princípios ativos que atuam como regulador hormonal na menopausa, enquanto que a sálvia cultivada no Brasil, não tem apresentado a mesma situação.

Nesta altura das discussões, as participantes se encontram bem à vontade e uma delas começa a falar sobre seu relacionamento especial para com as plantas:

“...eu costumo colher as plantas na lua minguante...a primeira que colhi foi porque me pediu minha avó. Ela me disse: - vá colher a arnica e me traz. E eu, sem conhecê-la saí e logo voltei com ela. E assim foi com outras plantas...não sei de onde as conheço...acho que foi de outras vidas. Levo mais de 50 anos colhendo plantas...tenho um ritual para

colher as plantas, que é sair com a mente aberta e pedir permissão para cortá-las, e se eu sinto que não tenho a permissão, não as corto ...gosto de cortar lúpulo e flor de tília. Deixo secar e coloco em almofadas, para dormir bem” (Mulher. Participante da Oficina).

Ao expor-se com esta fala, as mulheres a acompanharam com risos, mas como a pesquisadora acolheu com respeito, pontuando a importância de se integrar todas as formas de conhecimentos, sem deixar nada de fora, pois disto se tratava o olhar transdisciplinar, outra mulher se encoraja a falar de seus sentimentos mais sensíveis e intuitivos:

“...como artista, me interessa muito sobre as cores das plantas. Observo que a cor vai variando dependendo do momento, vai evoluindo e formando os princípios ativos. Um exemplo bem claro, é o da papoula, que pode ser muito, muito vermelha ou menos intensa, mais pobre...todas as plantas são uma combinação das energias do céu e da terra... as plantas que queremos usar para ações de “diminuir”, é preciso coletar em uma lua minguante e as que queremos para as ações de “aumentar” em uma lua crescente. Trabalhei com um curandeiro alquimista que recebia as informações de um médium e que utilizava as plantas em infusão, decocção, extratos, tintura...as formas de preparação dependiam também das vibrações dos pacientes...” (Mulher. Apicultora. Participante da Oficina).

O horário da Oficina estava quase encerrando...e havia tantas plantas para serem estudadas sobre a mesa!...tantos conhecimentos por resgatar. As mulheres avaliam o encontro positivamente e assinam o termo de consentimento para a continuidade da pesquisa. Decidem continuar, se encontrando em oficinas quinzenais, nos finais de semana, cada uma delas em povoados diferentes e que outras mulheres possam se agregar ao grupo. Combinações são feitas sobre o dia e horário da próxima oficina.

Nesta primeira Oficina, havia acontecido **a abertura de um espaço democrático e participativo**, com o **reconhecimento e valorização do saber feminino ancestral**, incluindo os aspectos sensíveis, intuitivos, deste saber.

6.2 Entrelaçando os Fios do Bordado Através do Resgate de Conhecimentos de Guardiã do Patrimônio Natural e Cultural em Plantas Medicinais da Montanha Palentina

Na semana seguinte à Oficina, a presidente da Associação de Mulheres “Tejiendo Cábrios” se comunica com a pesquisadora, dizendo que as mulheres participantes descobriram uma anciã de 103 anos, conhecedora de plantas medicinais, e que gostariam de formar um pequeno grupo para visitá-la.

Para o dia 07 de março, um dia antes do dia Internacional da Mulher, está marcada a visita. A presidente da Associação relata que a anciã está ansiosa e feliz, tendo até ido a cabelereira embelezar-se, porque soube que suas falas seriam gravadas e filmadas, com o intuito de se resgatar seus conhecimentos.

E assim, chegou-se até uma das guardiãs do patrimônio natural e cultural da Montanha Palentina. Um grupo de mulheres se avizinha da casa de dois pisos onde ela vive. A parte de cima é seu espaço. Embaixo, é a morada das sobrinhas, com quem vive, porque nunca se casara. Ela ouve o som do bater de palmas chamando-a e abre a janela de seu mundo...de uma maneira bem original entrega a chave, com um largo sorriso, descendo-a por meio de um cordão...assim não precisaria descer as escadas. A chave é recebida com prazer. E já se está no interior de sua habitação (Figura 58).



Figura 58. Chegada das Mulheres à residência da anciã de 103 anos, conhecedora de plantas medicinais. Cervera de Pisuerga, Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena).

O diálogo que se inicia é cativante. Ela fala das onze plantas que usa todos os dias:

“ A secagem faço na sombra...com muito cuidado... a erva-da-grama...me receitou um médico: meio litro de água em infusão. Expulsa as pedras...” (Anciã. Participante da Pesquisa).

Enquanto fala, abraça o recipiente onde estão as plantas, com mãos firmes, e fala de cada uma com voz forte (Figura 59):

“...até dois anos atrás, em maio, eu ia colher flor de marruetas (espinho-albar)...é quando se colhe...com as primeiras águas...são muito bons para a circulação do sangue... a tília...se colhe em junho...se se vê que a flor se abre... não esperes mais que cinco dias...certeiras as abelhas do mel vêm... e já não vale. E só vale para um ano ...a tília” (Anciã. Participante da Pesquisa).

Mostra a planta botão azul, depois outra, e vai falando com a mesma voz forte:

“ ...a manzanilla? Eu uso três miolos (parte central da flor)... é o suficiente...os escaramujos (botões de rosa) os coloco para repousar em água, antes de usar, dez minutos...faço isto a anos...os seco à sombra...tem que colher os escaramujos secos, e quanto maiores, melhor...pois vou dizer como colhia as plantas. Tem que ter muito cuidado em não madrugar para colher... que não se saia com o orvalho...”(Anciã. Participante da Pesquisa).



Figura 59. Anciã mostrando à pesquisadora as plantas medicinais que utiliza diariamente
(Foto: Paloma Jimena)

Continua falando e mostrando a arnica e a milenrama:

“... a milenrama, como a conheci? Estava olhando a televisão e apareceu um senhor com um ramallete de plantas. E lhe perguntaram: - para que trás este ramallete de plantas? - Olha - disse o senhor: - esta é a milenrama. E eu escutando... - é para dores de regra....Eu? (a anciã falando). Se tomo remédios? Somente tomo remédio para a pressão....nada mais” (Anciã. Participante da Pesquisa).



Figura 60. Anciã falando sobre plantas medicinais para as mulheres visitantes
(Fotos: Paloma Jimena)

E vai mostrando mais plantas (Figura 60 e 61). Fala com alegria, olhando nos olhos das mulheres que estão encantadas, anotando tudo, enquanto pássaros se aproximam da janela, beliscando restos de comida, em um comedoir especial para eles. A anciã fala das aves com carinho:

“...quando se está só...olhando os pássaros...tenho os pássaros aqui, que me ajudam a comer...eu tenho um sobrinho... e um dia apareceu com um serrote. Perguntei : - onde vais com isto? -Aonde vou? Vou fazer um comedouro para os pássaros... (Anciã. Participante da Pesquisa).



Figura 61. Plantas medicinais utilizadas diariamente pela anciã de 103 anos
(Fotos: Paloma Jimena)

Compartilha com alegria um porta-retrato, com fotos da família, que convida a olhar (Figura 62):

“...sou a única de minha época...tenho cinco gerações. Estão aí na foto...não se pode vangloriar de tudo...pelo menos posso vangloriar-me disto...que conselhos dou para as novas gerações? Que vivam...que tenham vontade de viver. Não penso que sou aquela mulher velha..uma amiga me disse há alguns anos : - Ai Nicolasa! Estive vendo tua casa tão ornamentada com flores. Terá marido, Nicolasa? Até que se inteirou que era meus cem anos!...Uso estas plantas juntas: “...flor de marrueta (espinho-albar), manzanilla de calar, malva, tomilho, milenrama, hierba de la grama, menta, orégano, verbena, tila, té e...três escaramujos todos os dias” (Anciã. Participante da Pesquisa).



Figura 62. Anciã mostrando porta-retrato com fotos da família
(Foto: Paloma Jimena)

E do alto de seus cento e três anos relembra histórias sobre as plantas:

“ Quem me ensinou sobre as plantas? Minha mãe gostava muito...meu pai e eu saíamos com uma sacola...sempre encontrávamos alguma planta...quando era frio, tínhamos as folhas de eucalipto e orégano para tomar...porque tínhamos catarro e angina...depois, íamos para a cama e saia umas lagrimonas. Uma vez...Maria Costanas (uma amiga) disse: - Tenho uma pomada e te dou um pouco (Figura 63) ... explicou ela, que se colocava cinco coisas: cêra de abelhas, sebo de carneiro, azeite de oliva, duas plantas: camomila e arruda...já são cinco coisas...a cêra e o sebo em partes iguais e o azeite em dobro. Ponho dois raminhos de arruda e uma punhado de camomila” (Anciã. Participante da Pesquisa).



Figura 63. Pomada de cêra de abelhas, sebo de carneiro, azeite de oliva, camomila e arruda (Foto: Paloma Jimena)

E continuava com a mesma voz forte e brilho nos olhos que tanto viram nesta vida! São tantas lembranças:

“ Que gostaria eu de ter feito? Eu? Estou muito contente com o que sou. Uma sobrinha me disse: - Nico, quantos ofícios tens? Eu? Fui com meu pai escavar a terra...fiz pão...meu pai e eu fizemos um forno de barro, porque não havia dinheiro depois da guerra. Nós fizemos com terra de adobe...e que contente! Era como se eu tivesse ganhado na loteria...desta maneira comecei a cozinhar...era pós-guerra...fizemos de tudo...tortillas, rosquinhas...e que tal a sopa? Estupenda! Já verás...sopa de estrelas...ai ...em pós-guerra o que tivemos que aprender...e jamón? (presunto espanhol). Onde a gordura para fazermos? Eu não sei porque tinha tão boa sorte. Tinha um toucinho...e com que pico eu este toucinho? Tínhamos umas madeiras no curral.. e com as lascas, eu piquei ...e que contente!” (Anciã. Participante da Pesquisa).

Era hora da despedida, já haviam se passado mais de três horas daquela tarde inesquecível. A “abuela”(avó em espanhol) pergunta para as mulheres: “ - *Lhes sirvo de algo?*”. Ao que, uma das delas lhe responde: “- *Somente vê-la, já vale...*”. Quando as mulheres saíram à rua...a lua cheia as olhava em silêncio e com cumplicidade.



Figura 64. Momentos da visita a anciã de 103 anos. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina (Fotos: Verena Iglesias)

Ao detectar-se a existência de uma anciã de 103 anos conhecedora de plantas medicinais em uma das comunidades participantes da pesquisa, houve uma mobilização do grupo, no sentido de registrar seus conhecimentos e reconhecer seus saberes. Este fato foi responsável por uma série de reflexões a respeito do conhecimento das mulheres sobre a natureza, incluindo as plantas medicinais, ao longo dos séculos, sua invisibilidade e a importância de resgatá-los.

Tal situação, relembra o pensamento de Herrero, Cembranos e Pascual (2011) quando discutem o trabalho muitas vezes invisível, que realizam e têm realizado as mulheres ao longo dos séculos. Para os autores, a contribuição das mulheres para a manutenção da vida vai muito além do espaço doméstico. Em muitos lugares do mundo ao longo da história, parte da produção para a subsistência tem dependido delas.

Frequentemente possuem um conhecimento particular na agricultura e na medicina popular, que vem sendo desvalorizado com a invasão de mercados e às vezes, de Estados. Reconhecer a anciã como uma das guardiãs do patrimônio natural da Montanha Palentina significou, para as participantes do processo, a revitalização de valores ancestrais femininos adormecidos e um reconhecimento do papel que elas mesmas podem ter no futuro.

6.3 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Busca de Contribuições para a Interação de Conhecimentos: Antropologia e Interculturalidade

Um pouco antes da data da próxima oficina, a pesquisadora recebe um convite, ao qual aceita, de uma das participantes, para estar em um encontro que aconteceria na Montanha Palentina, em Aguilar de Campoo, chamado: “Mujeres del Mundo Frente a la Vida - Jornadas del Mundo”.

Dele participavam mulheres das Associações “Espacio Abierto”, “Tejiendo Cambios” e “País Románico”, envolvidas na organização do evento. Algumas das mulheres que lá se encontravam, haviam participado da oficina de Plantas Medicinais em Salinas de Pisuerga, e ao reencontrar a pesquisadora, comentavam positivamente sobre, demonstrando-se animadas para participar da próxima atividade. Outras mulheres presentes, que ouviam os comentários, também afirmavam o desejo de participar.

Encontravam-se mulheres procedentes de vários países como: Argentina, Portugal, Cuba, Colômbia, Marrocos.

Também alguns dias antes da oficina, a pesquisadora entrevista o antropólogo, que havia sido indicado pelo proprietário de um herbolário, quando de sua busca por pessoas vinculadas ao tema. Pretendia interagir com estas pessoas, entrevistando-as, para iniciar um processo de **interação de conhecimentos científicos e populares** entre estas, e as mulheres da Montanha Palentina.

O antropólogo tinha como campo de trabalho, estudos e pesquisa sobre antropologia médica aplicada, com trabalhos, artigos e livros publicados, nos quais, o tema da etnobotânica é parte significativa. Havia cursado o Doutorado em Antropologia de Iberoamérica, pela Universidade de Salamanca e Doutorado em Medicina Tradicional Chinesa, pela Oxford/Birchan International University. Participava como Membro do Instituto de Investigações Antropológicas de Castilla y León da mesma Universidade, Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural - Portugal e Associação de Antropólogos Iberoamericanos em Rede, e havia organizado um blog chamado Antropologia Mundi.

O início do diálogo se dá em torno dos estudos de etnobotânica, que desenvolveu junto a uma mulher conhecedora de plantas da Montanha Palentina:

“...era uma amiga, uma fotógrafa. Sobretudo uma amiga das plantas, da natureza e das relações naturais, humanas e sensíveis...”(Antropólogo. Participante da Pesquisa).

Em seguida, estende um livro com o qual presenteia a pesquisadora:

“ Olha, esta é a tradução de minha tese, e está publicada no Brasil, através da Fundação Joaquim Nabuco. Leve-o...faz uma ano mais ou menos, que saiu no Brasil e está tendo muito boa aceitação”(Antropólogo. Participante da Pesquisa).

A tese que desenvolvera, pela Universidade de Salamanca, tratava sobre Medicina Indígena na Mesoamérica, e tinha sido desenvolvida no México. O antropólogo volta a falar dos estudos de etnobotânica que vinha desenvolvendo:

“ estou investigando sobre etnobotânica com um pesquisador italiano que também conhece toda a zona Sul do México e acabamos de publicar na Itália um livro, juntos. Minha parte no livro, tratou mais do significado antropológico das plantas...minha abordagem com as plantas não é etnofarmacológica. É uma abordagem desde a etnobotânica, desde a antropologia. Basicament, então, mais do que estudos taxonômicos ou catalogações de plantas, é de suas relação com as comunidades, buscar informações e experiências das pessoas nos lugares... o companheiro italiano trabalha mais com o enfoque etnofarmacológico... nos complementamos aí. A idéia de meu colega é de estudar as plantas com as quais determinados humanos, em determinados grupos, interagem para contactar com espaços culturais, diferentes dos racionais e normais. Então, através destas plantas e contactando com estes espaços, estes personagens, o que fazem sempre, de uma forma técnica, seguindo as consígnias e por alguma maneira o manual cultural local. Pois...o que fazem é ajudar sua comunidade, e tratar de levar o equilíbrio as pessoas em aspectos de bem-estar que se lhes requer - não exclusivamente de saúde física..corporal ... senão também de saúde comunitária e equilíbrio sustentável, de manutenção da identidade.” (Antropólogo. Participante da Pesquisa).

E procura de deixar bem claro o enfoque de seu trabalho com etnobotânica:

“ ...não me interesso tanto, já digo, fazer uma lista de plantas e seus usos de um lugar, senão que, me interessa buscar quais as relações das pessoas com as plantas neste lugar. Esta é a minha abordagem no trabalho etnobotânico. Estudar as características de interação com a cultura. Cultura como um todo, que engloba o pensamento, as ideias, as crenças...qualquer outro aspecto que não seja exclusivamente material ou físico. Então, no livro, fazemos esta dupla visão. Creio que há mais trabalhos parecidos, mas como este... parece ser bastante inovador. Há também uma classificação das plantas mesoamericanas, suas características botânicas, seus usos locais, mas está mais focado no estudo etnobotânico-antropológico. Isto porque quase não se tem feito trabalhos assim, com esta abordagem”(Antropólogo. Participante da Pesquisa).

Neste sentido, fala dos estudos que vem desenvolvendo:

“Estou terminando um estudo de contraste - não comparativo - de saúde, entre culturas tradicionais do México e Castilla y León - Espanha. A idéia é ver se existem coisas parecidas, alguma relação de familiaridade cultural, sem ver que necessariamente neste estudo, se tem que encontrar paternidades culturais de Castilla y León, na América. Começo também a me interessar por aspectos interessantes da física, que tem bastante relação com a antropologia. Me refiro a física de partículas subatômicas, a física quântica...do que se escreve transportando-se para campos de interação social não puros, campos separados de matéria mais densa ou menos densa, pois nisso vejo que pode haver bastante conexão com a visão da antropologia. Porque a antropologia considera que em realidade, tudo o que somos, o fabricamos na comunicação. De tal maneira que poderíamos até nos questionar, se somos algo mais do que pensamos e dizemos que somos, já que o real, simplesmente é o que vemos. Algo tenho publicado sobre isto, em um blog...em definitivo...construímos e desconstruímos a realidade, através do que comunicamos. Não há uma realidade que está fora...então se põe em juízo a objetividade das coisas, como se nos apresentam as ciências positivistas, não?...em física quântica, também discute-se de que nada existe, até que tu não és consciente de que isto existe, até que tu fabriques ou topes com esta realidade intangível, que tu fazes tangível” (Antropólogo. Participante da Pesquisa).

A fala do antropólogo, vem ao encontro a uma nova visão de ciência, que leva ao entendimento da faceta multidimensional da temática de plantas medicinais, do papel da etnobotânica, da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero. Uma ciência, como no entendimento de Sommerman (2006) que busca ultrapassar a ciência moderna, que ao reduzir o universo a uma máquina regulada e previsível fez com que os múltiplos níveis da realidade e de percepção considerados por todas as culturas, chamadas por ele de tradicionais, fossem descartados e o Universo fosse desacralizado, para ser conquistado.

Nos dizeres de Sommerman, todos os outros níveis da natureza, foram lançados nas “trevas do irracional e da superstição” transformando o sujeito em objeto. Este entendimento de ciência, gerou várias teorias e ideologias, mecanicistas e materialistas defendendo a existência de um único nível de realidade hegemônico, nos ambientes científicos e acadêmicos.

No entanto, continua analisando o autor, a especialização crescente e a redução epistemológica que gerou este tipo de ciência, foram colocadas em xeque a partir das

novas descobertas da física, produzindo a emergência de um diálogo não só interdisciplinar, entre as disciplinas científicas, mas também transdisciplinar, das disciplinas com os saberes considerados não científicos, das artes e das culturas tradicionais, que se apoiam em outra teoria do conhecimento. E a complexidade começou a se revelar, não apenas na física, mas por toda parte, nas ciências exatas, nas ciências humanas, nas artes, na sociedade. E é a partir desta compreensão, que o antropólogo aprofunda sua fala, sobre a crise atual e metamorfose da ciência:

“...sim, estamos experimentando uma mudança...tem gente que diz que são mudanças que afetam mais a consciência individual e coletiva, outros dizem que são mudanças que afetam uma revisão das bases do neoliberalismo e do capitalismo, outros afirmam que são mudanças que estão começando a trazer ao mundo, um espírito feminino que está fazendo falta... creio que como referências, todas são válidas, creio que todas tem razão. ..que no fundo se referem a que sim, que de fato estamos em um momento de mudanças, mas não podemos saber onde vai dar. Eu...creio que tudo que muda, é para melhor, não? A princípio pode parecer que as coisas estejam abaixo, mas é para levantar coisas melhores” (Antropólogo. Participante da Pesquisa).

E sobre as mudanças que estariam trazendo ao mundo um espírito feminino a que se referiu, emite sua opinião:

“...quero dizer que não tenho informação o suficiente que honestamente me permita emitir opiniões que possam influenciar os outros... mas...leio coisas que gosto. Gosto muito da idéia de trazer ao mundo a visão do feminino. Tenho um livro muito bonito sobre as “Abuelas indígenas”. Este é um livro muito bonito: “La Voz de las Trece Abuelas” (Figura 65). Me parece muito terno, muito bonito, sabes? São dizeres de mulheres que representam povos distintos, de todos os continentes do planeta. Todas tem uma história particular, muito específica, mas todas elas coincidem em abordagem da visão feminina, muito carinhosa, muito certa e muito fiel nas coisas... o que dizem está mais claro que água. Eu, como homem não conseguiria chegar a esta forma de abordar as coisas...uma coisa que me chamou a atenção no livro é a conexão que existe entre as mulheres. Imaginemos que os corpos dos homens formassem um corpo só, e as mulheres formassem outro corpo. O corpo dos homens seria um corpo mal comunicado, mal relacionado. O

ramo daqui... não sabe nada do ramo dali...mas o corpo que formam todas as mulheres é como o de uma árvore. Tem algo, que flui e conecta. Pessoas de culturas tão diferentes, da África, Nepal, Europa (se referindo as “abuelas” do livro), com vidas totalmente diferentes, diferentes contradições...e no entanto, nos aspectos essenciais coincidem. Isto é o que mais me surpreende. A coincidência que as mulheres tem, umas com as outras. Ainda que não conheçam absolutamente nada uma da outra, poderiam trabalhar em instantes em mil coisas, sem ter que passar em umas prévias, para ter que conhecer em que vão trabalhar. Isto, levado ao terreno das organizações seria muito positivo. Evitaria tanto tempo perdido...” (Antropólogo. Participante da Pesquisa).

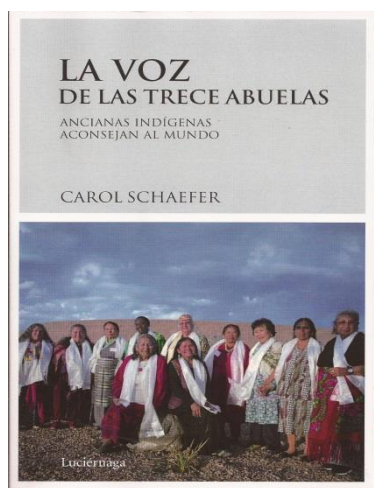


Figura 65. Livro apresentado à pesquisadora pelo antropólogo:
“La Voz de Las Trece Abuelas”

Por fim, o diálogo se dá em torno de seu trabalho de tese desenvolvido no México, e de suas percepções sobre a sua vivência na América e na Europa:

“.... México é um país muito grande...tem muitos grupos, muitas ramificações culturais e não se pode unificar. Na zona Sul, onde estive, obtive daí uma ideia básica: a de que é possível viver, tendo em conta as idéias de nossos antepassados. Eles as têm ...e elas contam para eles... se apoiam nelas para construir seu presente e desenhar seu futuro. Aqui... nós, já não...temos uma cultura uniformizada.. a cultura ocidental, que é igual em Madrid, Palencia, Berlim, Paris ou em Roma. Pode ser que existam variedades locais de maneiras de ser, folclóricas. Mas em definitivo, nos movemos sobe uma única onda. E esta

onda está sujeita ao neoliberalismo. Toda a cultura ocidental, eu creio que se sustenta nestes princípios que podem influir nas ciências, nas artes, nos pensamentos...Vejo uma grande diferença...Lá no México vi muitas coisas...não há uma uniformidade nas pessoas...mas descobres que as pessoas se apoiam, e isto está bem, porque te faz pensar... te faz refletir e te faz valorizar aspectos que aqui já não existem.... me interessa basear-me na idéia de interdisciplinaridade, de multiculturalidade, de interculturalidade... e aqui estamos...agora estamos em um período de adoção de elementos culturais que aqui, já não existem. Por isto circulam parte da cultura asiática, parte da cultura americana que se adotam, porque se consideram que possam ser úteis, ao menos se não a nível social, do poder como uma estrutura tão poderosa como o neoliberalismo e todas as suas expressões políticas e econômicas... é complicado. Mas pelo menos, a nível de pequenos grupos...porque faz com que as pessoas dêem sentido as suas vidas... poderíamos aprender de outras culturas...no sistema de saúde por exemplo, poderíamos aprender da China... de combinar os dois sistemas. Quando estive lá, vi que existem hospitais com 80% de serviços tradicionais e 20% de serviços modernos, urgências principalmente. Há também hospitais com 80% de serviços modernos e 20% de serviços tradicionais, basicamente crônicos, e funciona que é uma maravilha. Não vais a uma Farmácia buscar uma aspirina, nem sabes o que é, e tens a medicina tradicional que nada tem a dever aos químicos-farmacêuticos-sintéticos” (Antropólogo. Participante da Pesquisa).

Dentro de expectativas de interconexões culturais, revela a vontade de conhecer o Brasil:

“..tenho em mente ir ao Brasil. Me transparece a esperança de uma sociedade muito variada, mas cheia de vida. Coisa que aqui não há. É triste dizer... mas é assim. A Europa está muito ancorada em uma vertente de uma maturidade cultural, que não tem espontaneidade, que não comete seus erros dos sonhos, da juventude...falo do Brasil, porque é o foco da América mais emergente, de sonhos, de gerações de idéias, de cultura, de movimento...já não me meto em outros terrenos... creio que é inevitável que imite a cultura ocidental...mas penso que nunca chegará a ser como aqui. A variedade de sua base é tão difícil de homogeneizar, que será uma variante diferente... não como aqui... aqui em Europa, onde "todos viemos dos mesmos” (Antropólogo. Participante da Pesquisa).

Por fim, inteirado sobre as oficinas que estariam acontecendo com as mulheres na Montanha Palentina, é convidado pela pesquisadora a participar em algum momento, de

um evento de intercâmbio de conhecimentos. Convite que aceita com humildade, acreditando ser um pequeno grão de areia, no mundo dos conhecimentos...

No diálogo com o antropólogo, mais reflexões surgem, principalmente quando este destaca a interculturalidade, que como crêem Morin e Hulot (2008) está presente na transdisciplinaridade, a medida em que contém uma simbiose das civilizações, mesclando sabedorias e contribuindo para uma consciência planetária.

Morin, nos convida a abandonarmos a ideia de que as raças e culturas separam originalmente os seres humanos, para reconhecermos o cordão umbilical comum que nos une, a fim de recuperar e consumir a unidade humana, através da diversidade das culturas.

A partir da interculturalidade, os autores tecem uma análise crítica sobre a globalização, que começou a designar-se como tal, a partir da década de 1990, sendo a última etapa de uma história que iniciou no final do século XV, que se desenvolveu a partir do século XVI, e que manifestou a “Era Planetária”.

O termo “Era Planetária” leva em consideração, que todos os fragmentos do planeta, todos os continentes, se encontram vinculados entre si. Isto começou com a circunavegação ao redor do globo e a conquista das Américas. E este processo de planetarização não somente se manifestou em forma de depredação, escravidão e colonização, como também mediante o intercâmbio de micróbios, vegetais, animais. Uma planetarização dos povos, das populações, com migrações da Europa para América e também da China, Índia à outros países como África do Sul e Austrália. Neste caminhar, a colonização, ou seja, a dominação do mundo por algumas potências ocidentais tem sido dura e longa e ainda persistem no planeta, gigantescas desigualdades e resíduos desta colonização.

Os autores constatarem o paradoxo de que são as próprias ideias de humanismo europeu (direitos humanos, direitos da mulher, direitos dos povos direitos das nações) que têm permitido a emancipação dos oprimidos e colonizados. E por fim, conclui que faz falta, nesta ideia de planetarização, a consciência de uma comunidade de destinos, já que as ameaças mortais como a destruição nuclear, a destruição da biosfera, pesa sobre todos, como um destino comum. E para chegar a esta concepção é preciso repensar o conceito de desenvolvimento, que supõe que os países das sociedades ditas desenvolvidas, ou seja as ocidentais, são a finalidade da história humana.

Morin, aponta a crise da sociedade ocidental, cujo desenvolvimento tem produzido um subdesenvolvimento psíquico e moral forjado por espíritos que se formaram em escolas

e universidades para separar umas coisas de outras, perdendo a aptidão para conectar e pensar os problemas fundamentais e globais. Espíritos dominados pela lógica puramente econômica e quantitativa, que só contemplam a perspectiva do desenvolvimento, do ponto de vista do crescimento.

Por último, critica a noção de subdesenvolvimento, como algo pejorativo no olhar para sociedades nas quais existem culturas tradicionais. Culturas que comportam saberes, conhecimentos práticos, sabedorias, artes de viver, das quais o ocidente experimenta uma carência, e busca satisfazer, na busca de culturas e sabedorias de outros continentes, como remédios para o vazio agravado pelo caráter quantitativo das vidas competitivas.

Puleo (2011) concorda com Morin e Hulot, quando reconhece o valor da interculturalidade em tempos de crise planetária. Seria uma forma de se praticar o apoio mútuo, observando-se e criticando-se mutuamente para melhorar, como se faz em uma verdadeira amizade. Uma ajuda que permite mudar pontos de vista inapropriados ou decisões errôneas ao transformar a visão de um contexto.

Puleo, neste sentido, defende o avanço para um conceito de cooperação, deixando-se para trás a velha arrogância imperialista oculta por detrás do paternalismo etnocêntrico e tecnoentusiasta. Uma cooperação procedente também, no sentido Sul-Norte, como transferência de conhecimentos e de formas de produção sustentáveis.

A autora, conhecedora da realidade Latino-americana, acrescenta que há muito o que aprender desta. Neste sentido, desmistifica a ideia de um paraíso amável e despreocupada que mostram as agências de turismo, ou uma região particularmente castigada pela exploração social e econômica e a destruição ecológica. Seus escritos apontam uma terra multicultural, de idéias audaciosas e experiências generosas e valentes, nas quais a ecologia e o feminismo começam a encontrar-se para projetar um mundo melhor.

Mena (2011) aborda a questão da saúde intercultural e multicultural, mostrando que a aproximação das pessoas, a facilidade do acesso a comunicação, os modernos meios de transportes e outras características da sociedade internacional foram responsáveis por uma nova consciência que se desenvolveu não só no Ocidente, mas no mundo inteiro. Uma consciência que implica uma visão e uma versão paralelas ou complementares do conceito amplo e complexo de sociedade global; que também leva em conta a natureza, seu cuidado e sua proteção.

Além do sistema terapêutico intercultural da medicina tradicional chinesa, o autor cita iniciativas interculturais que estão se desenvolvendo na América Latina, inclusive com sistema público de saúde misto e integrado. Cita ainda a Rússia, com o renascimento da tradição da fitoterapia e naturopatia, desde o final do comunismo, onde inclusive, a velha cultura xamânica está se revitalizando.

Para Mena (2011) essas ideias interculturais definem um novo tempo, e trata-se da organização do pensamento racional na tentativa de organizar os sistemas tradicionais, fazendo-os mais compreensíveis dentro da comunidade internacional, para serem oferecidos a toda a sociedade. Lembra, que o que diferencia a medicina ocidental em relação as demais é seu abandono do tradicional, diante da adoção do tradicional por parte das etnomedicinas, dos grupos e das culturas não ocidentais. Para as medicinas tradicionais (mesoamericanas, chinesa, tibetana, siberiana, tradicionais ocidentais), a saúde é o equilíbrio ao que cada um chega por seu caminho, destacando-se o caráter sociobioecocultural de todos estes sistemas. Isto se dá, na vivência conjunta e harmônica do velho e do novo, do passado e do presente, do que se vê e do que não se vê, chamados de energia ou forças espirituais.

6.4 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Segunda Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Do Questionamento de Modelos de Desenvolvimento e Ciência ao Resgate de Conhecimentos Sensíveis e Intuitivos sobre Plantas Medicinais

Assim como havia sido combinado, a partir da abertura do espaço democrático do primeiro encontro, acontece a segunda Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”.

A Oficina se realiza no município de Estalaya (Figura 66). As mulheres se reúnem em um ambiente aconchegante, com a presença de uma lareira, aquecendo o ambiente no rigoroso inverno na Montanha Palentina. Organizou-se também uma Oficina para crianças, filhos das mulheres participantes. Além do número expressivo de mulheres, alguns homens que expressaram o desejo de se integrarem, estavam presentes. Também alguns cachorros passeavam a vontade entre os participantes sendo acolhidos com carinho.



Figura 66. Estalaya, Montanha Palentina (Foto: Paloma Jimena)

O objetivo desta Oficina foi o aprofundamento da dinâmica de resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais iniciada no primeiro encontro.

Faz-se a apresentação dos participantes e a pesquisadora inicia com uma pequena retrospectiva da primeira oficina, na qual destaca a forma como se conduziu o trabalho com mulheres em Santa Catarina, e os princípios transdisciplinares que contribuem para a visão do ser humano e do mundo em sua totalidade.

Em seguida, passa a dialogar sobre os acontecimentos que ocorreram entre as oficinas, como a visita a anciã de 103 anos.

Também relata de seu encontro com o antropólogo, pesquisador em etnobotânica, e de seu trabalho no México. Mostra o livro: “A Voz de Las Trece Abuelas” que lhe recomendou, ao que as mulheres fazem murmúrios, dando a entender que algumas já tinham ouvido falar. Comenta um pouco sobre o livro e sua relação com as oficinas:

“...as abuelas vêm de muitas partes do mundo...falam do resgate de conhecimentos...que é muito importante para os tempos em que estamos vivendo...dizem que não devemos deixar se perder estes conhecimentos...e vimos na primeira oficina, que haviam tantos conhecimentos que nem sabíamos que tínhamos” (Pesquisadora. Facilitadora da Oficina).

A pesquisadora traz alguns elementos para a discussão, a partir de alguns pontos do livro, recebido pelo Antropólogo “Medicina Indígena na Mesoamérica”. Discute-se sobre a valorização dos sistemas terapêuticos e etnomedicinas como igualmente válidos, cada

uma em seus contextos, e de como a antropologia traz a compreensão de que um sistema não é melhor ou pior que o outro.

Fala-se da referência do antropólogo, em seu livro, à Piedad Isla, fotógrafa que inspirou o nome do museu etnográfico em Cervera de Pisuerga a quem elas conheceram, e do “Códice Florentino” de Frei Bernardino de Sahagun.

Frei Bernardino, foi um padre franciscano, autor de obras consideradas entre os documentos mais valiosos para a reconstrução da história do México antigo, antes da chegada dos conquistadores espanhóis. O Códice Florentino é um conjunto de livros escritos sob a supervisão do frei, entre 1540 e 1585. É uma cópia de materiais originais que se perderam, talvez destruídos pelas autoridades espanholas, que confiscaram manuscritos de Sahagún.

As discussões no grupo avançam no sentido da visão de saúde expressa no livro do antropólogo, entendida como equilíbrio e bem-estar, com harmonização dos elementos de interação vital: animais, vegetais, minerais, atmosfera, seres humanos...e que um problema não se vê como um fato isolado, mas como parte de um todo, no qual se quebra a harmonia.

Reflexões são feitas acerca dos remédios naturais, dentro da ideia curadora sociobioecocultural. A ideia de interdependência e rede emergem, bem como a compreensão da planta medicinal, da fitoterapia e da saúde a partir de uma visão abrangente, integral. Além disso, começa-se a questionar um modelo de desenvolvimento em que a visão ocidental de medicina é predominante. Mena (2011), defende a valorização dos sistemas terapêuticos tradicionais e etnomedicinais que, em sua visão, não são outra coisa que modos de atender os problemas de saúde das populações, adaptados a seus contextos, e tão válidos como pode ser a medicina ocidental convencional, no contexto ocidental e internacional.

O autor cita as etnomedicinas e as culturas tradicionais dos povos ameríndios que seguem conservando a matriz comunitária e a ideia de bem-estar, como algo relacionado com a proteção e a defesa das identidades dos grupos, frente aos ataques de fora e ao avanço das sociedades globais, que em muitos casos se considera desestabilizadora e, portanto, origem de doenças e conflitos.

O autor reconhece que vivemos em um mundo cada vez mais mesclado culturalmente, mas no qual pesam mais a cultura ocidental e suas variantes e que através da história, o meio pelo qual a civilização ocidental, seus esquemas e suas estruturas se

impuseram a outros povos e culturas do planeta, na maioria das vezes tem sido à força. Lembra que dentro da cultura ocidental se desenvolveu a ciência, mas desde a antiguidade, todas as culturas e civilizações tiveram seus próprios caminhos, de indagar e fazer para conhecer.

Cita exemplos dos etnomédicos oaxaquenhos, no México, que se baseiam nas tradições de saúde e etnomedicinas mesoamericanas e seguem uma linha terapêutica com um significado diferente da ocidental. Nas culturas mesoamericanas tudo está animado, nunca se faz uma separação entre o espiritual e o natural. Ambos se dão na realidade imediata e na realidade ampla, fazendo parte de uma grande unidade com partes inter-relacionadas. Tudo se vê de forma conjunta. Quando um médico oaxaquenho, por exemplo, recomenda um chá de plantas medicinais se entende que atuará pelas suas propriedades naturais e pelas suas conotações tradicionais-culturais características que eles englobam em uma só visão. Para Mena, a etnobotânica e a etnoecologia nos aproximam deste compreensão.

Por fim, depois das discussões emergentes, como existem novas participantes na oficina, para estas, são dadas explicações sobre o termo de consentimento para a pesquisa e distribui-se para que assinem.

Inicia-se então, o resgate de conhecimentos sobre as plantas medicinais que estão cuidadosamente expostas sobre a mesa. A pesquisadora convida uma das mulheres, para escolher um planta que lhe chame a atenção e com carinho, cheire, toque, observe a planta que é fruto de herança ancestral. Depois, que fale o que sabe sobre a planta, e em seguida, que outras participantes acrescentem seus conhecimentos. Uma bióloga, participante do grupo, auxilia na identificação botânica das plantas (Figura 67).

Durante a oficina, foram identificados alguns conhecimentos que emergiram nas discussões, além do resgate de conhecimentos sobre as plantas medicinais, como por exemplo, a não existência de plantas daninhas ou más, porque cada um delas tem valor; o uso dos sentidos para contactar com as plantas, tendo a consciência de que o cheiro em si pode ajudar na identificação e ao mesmo tempo, pode ser curativo.

No campo dos conhecimentos sensíveis, intuitivos ou vibracionais, a apicultora, que já fora ouvida na primeira oficina com atenção e respeito, continua expondo seus conhecimentos. Tem um ar um pouco tímido e sério e quando fala todos fazem silêncio:

“ Há plantas que não se pode colocar juntas porque se repelem... fazíamos preparados em grupos de três, ou de cinco. Três é número mágico e cinco é número divino. Trabalhei com um curandeiro... este curandeiro é capaz de perceber a associação de plantas. Então, existem plantas que podem servir para o mesmo problema, mas nunca podem ir juntas. Porque se repelem. Existem plantas que se repelem, outras se anulam, outras se potencializam. Então nos preparados que fazíamos, cada uma, cumpria uma função complementar” (Apicultora. Participante da Oficina).



Figura 67. Momentos da II Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, Estalaya, Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena).

Nos conhecimentos desta e de outras mulheres da Montanha Palentina, percebe-se a abertura a um pensamento que vai além do racionalismo ocidental. A planta não é vista como mero ser vivo, pertencente ao reino vegetal, mas como parte de uma realidade ampla, entendida como o elemento natural e sobrenatural, que é própria da sabedoria tradicional, desde a observação da natureza e da aprendizagem por meio da experiência que formou uma parte da antiga cultura xamânica (Mena, 2011).

Durante muito tempo, e envolvendo as plantas medicinais, lembra Duniau (2003), as mulheres foram as primeiras detentoras de um saber, considerado sagrado, que hoje se chama medicina. A partir deste saber, grandes males da humanidade foram tratados, incluindo a doença e a morte. Gradativamente seus poderes foram se perdendo, quando as civilizações se tornaram mais agressivas, mais “masculinas” até se transformarem nas

culturas monoteístas patriarcais. Os poderes sagrados da cura e mais tarde a ciência, passaram a ser exercidos então sob a hegemonia dos homens.

O médico atual, apoiando-se num saber acadêmico, tornou-se especialista que cristalizou seus conhecimentos científicos teóricos e perdeu o acesso ao mundo imaterial e as suas manifestações. Porém, elas permaneceram vivas no imaginário e no cotidiano das populações, da mesma forma que o tratamento, que é com frequência, uma associação dos procedimentos da medicina convencional e práticas em que as plantas medicinais ocupam um lugar de destaque. E isto, sem demarcação nítida entre o uso medicamentoso e o uso “mágico” das plantas: os dois se confundem de tal modo, que em muitos casos, parece impossível dissociá-los. Desta forma, na crença ou sabedoria popular, as plantas continuam desempenhando o mesmo papel de milhares de anos: cuidar do ser humano como um todo, corpo e alma, restaurando o equilíbrio entre matéria e espírito.

Duniau (2003), em seu livro “Plantas Medicinais: da Magia à Ciência”, se propõe a fazer reflexões sérias a respeito das plantas medicinais, desde a antiguidade até os dias atuais, mostrando o vínculo entre a prática médica, empregando as plantas medicinais em função de suas substâncias bioativas e suas atividades farmacológicas e o seu valor simbólico.

Desta maneira, a autora tece considerações sobre a situação atual da fitoterapia, bem como sobre estudos de algumas plantas medicinais que tiveram seus “poderes” recentemente comprovados pela pesquisa farmacológica.

Para ela, é ponto importante a constatação da universalidade das práticas mágico-curativas, ou seja, médicas e da concepção holística do ser humano. Na tentativa de reunir os numerosos fragmentos que a ciência espalhou, aponta a fitoterapia tradicional, bem como as medicinas brandas como medicina chinesa, ayurvédica, homeopatia, como opções capazes de resgatar esta fragmentação, ao estarem baseadas em um modelo endógeno de doença, apontando para a pessoa doente e não somente para a patologia em si.

Finalmente a autora faz a reflexão de que o uso das plantas medicinais, bem como dos medicamentos, tem que ser examinado dentro do contexto do qual faz parte. Cita o exemplo de curas que acontecem por meio de pajés que obtiveram sucesso em situações que a “ciência” não conseguia resolver. Duniau analisa, que do ponto de vista “moderno” isto não faria o menor sentido, em função da crença de que o que funciona é o princípio ativo existente na planta. Porém, estas curas “milagrosas” geralmente ocorreriam dentro do

sistema ao qual pertence a trilogia planta-doente-curador, como elementos que não podem ser dissociados.

Com base nesta reflexão, a autora compreende que não se pode desvincular da época atual, do sistema médico convencional e das contribuições da farmacologia, porém é preciso atentar para os perigos decorrentes do uso das plantas medicinais com base exclusiva na atividade farmacológica de seus princípios ativos.

Para tanto, defende a necessidade de se ter uma mente aberta, para aceitar o inusitado, o diferente, o que muitas vezes se olha com desprezo. Isto implica em harmonizar, como seres humanos, o lado racional e científico, com o lado não racional, transcendente. Neste caso, se pode aproveitar os ensinamentos que vêm dos antepassados, já que qualquer civilização que negue ou ignore seu passado, não tem futuro.

A autora admite que o uso das plantas medicinais pode representar um desafio ainda maior, se considerada a ignorância em relação a todas as suas propriedades, já que por enquanto, somente conseguimos entender as propriedades de algumas substâncias isoladas mas, com frequência, escapa-nos a a compreensão do conjunto, da ação do todo.

Duniau acredita que no futuro, muitas ocorrências mal compreendidas e fatores sobre os quais pairam dúvidas, virão a ser cientificamente esclarecidos. Neste sentido, sugere a adoção de uma postura crítica, porém aberta, partindo-se para um caminho de se estudar cientificamente as substâncias das plantas medicinais tradicionalmente empregadas por cada cultura, restabelecendo portanto o vínculo entre tradição-magia e ciência.

Sobre esta postura, Trein (2006a), acrescenta que o reino vegetal possui infinitas peculiaridades que nos leva a fazer muitas perguntas. Entre as quais, a de que, se as plantas que são consideradas com atividade medicinal, são as que de alguma forma conseguimos quantificar ou identificar a presença de princípios ativos responsáveis por sua ação terapêutica, ou podemos incluir também, as plantas cuja quantificação ou identificação não pode ser medida ou identificada.

Trein, se apoia em pesquisas da física quântica, que desde o início do século XX trouxeram uma forma distinta de se compreender a natureza, a ciência e a conexão entre a mente e a realidade, para mostrar que a resposta à pergunta pode ser baseada em visões diferentes, em um universo de possibilidades.

Apoiada em estudos de Guerra (2006) sobre a física quântica, a autora se propõe a trazer algumas contribuições que ajudariam a compreender este universo de possibilidades como por exemplo, que o átomo não é átomo e matéria não é sólida, portanto não há base

objetiva para se afirmar o que é real; nos processos físicos a descontinuidade e a incerteza estão presentes; o invisível influi no visível, a ideia de separação dos objetos e eventos é uma ilusão; o que pode ser experimentado depende da linguagem, da teoria e das crenças; não é possível um modelo explicativo ser completo e consistente. Sendo assim, a diversidade é imprescindível; sujeito e objeto só existem de forma interdependente.

A partir destas contribuições, a autora convida a refletirmos sobre conceitos do que “não vemos, medimos, identificamos ou quantificamos”, pois não poderíamos afirmar que não existem. E isto nos levaria a não rechaçar aquilo que não temos condições de compreender, buscando novas abordagens e modelos para tanto.

E é com esta postura, de abertura e inclusão dos conhecimentos nem sempre explicáveis pela ciência predominante, que continuou-se resgatando conhecimentos sobre as plantas medicinais na oficina, em Estalaya.

Ao final do encontro, um especial momento de reverência a natureza e a ancestralidade acontece. O grupo, após ter concluído as discussões, alegremente se colocou junto ao “Abuelo” de mais de 800 anos, para uma foto de encerramento do dia. Se tratava de uma grande foto, que estava na sala onde estavam reunidos, do carvalho vivo, chamado carinhosamente de “El Roblón de Estalaya”, que fazia parte do patrimônio natural deste “pueblo” (Figura 68).



Figura 68. Momentos finais da II Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Estalaya, Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Em seguida, como cada participante havia trazido algo de comer e beber, passou-se a partilhar os produtos da culinária rural espanhola, muitos deles incluindo plantas medicinais e aromáticas. Antes, porém, combinações sobre a data e objetivos da próxima oficina foram organizadas.

Nesta Oficina resultaram os conhecimentos sobre as seguintes plantas:

Nome popular - ajenjo. Nome científico: *Artemisia absinthium* L. / Família - Asteraceae
 Fitogeografia - cresce por toda a província de Palencia em beira de estradas e terrenos baldios. Parte usada - ramos. Uso - faz-se licores, vermouths, cervejas. Usa-se para manter o vinho em barris de Carvalho. Usa-se para problemas de estômago, para provocar a descida da menstruação, para a falta de apetite e como tônico biliar. Usa-se como fungicida em groselheiras e outras plantas, cuidando-se com a fermentação do composto. Sobre a planta, faz-se ainda uma discussão do estudo desenvolvido com as mulheres no Brasil, a partir do qual as mesmas decidiram em substituí-la por hortelã no tratamento de vermes, em função da toxicidade.

Nome popular - sauce blanco. Nome científico - *Salix alba* L. / Família - Salicaceae.
 Fitogeografia - cresce em margens de rios e córregos. Em Palencia se encontra nas zonas baixas dos rios Carrión e Pisuerga e nas margens do Canal de Castilla. Parte usada - folhas, cascas, miolo. Uso - usa-se as folhas para substituir o chá preto. Utiliza-se as folhas frescas como comestíveis. Utiliza-se para tirar manchas da pele e sarda, na forma de tônico. Usa-se a casca como adstringente. O miolo se tem usado para fazer pão. A casca macerada em vinagre para matar mosquitos.

Nome popular - perpetua, manzanilla bastarda, manzanilla de roca, camomilla, siempreviva. Nome científico - *Helichrysum stoechas* (L.) Moench / Família - Asteraceae
 Fitogeografia - nativa da Europa e Ásia Ocidental. Distribui-se pela Europa Meridional e Ocidental e Norte do Marrocos. Cresce em terrenos secos e pedregosos. Parte usada - Flores. Uso - usa-se como digestiva, para dores em geral, para os rins. Usa-se para preparar cremes para peles sensíveis com azeite de oliva.

Nome popular - ortiga. Nome científico - *Urtica dioica* L. / Família - Urticaceae.
 Fitogeografia - na região de Palencia, cresce em lugares úmidos e nitrificados. Parte usada - ramos. Uso - usa-se como depurativa (infusão), para combater caspa (ferve-se em água e enxagua-se os cabelos). Para retenção de urina e males da bexiga. Para reumatismo, gota, lumbago, ciática, artrose, circulação do sangue (bate-se com ramos de urtigas, na zona afetada. Depois, bate-se com ramos de menta, para aliviar a dor). Usa-se para combater acnes.

Nome popular - romero. Nome científico - *Rosmarinus officinalis* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - origem Mediterrânea. Cresce em lugares, pobres, arenosos e secos. Parte usada - ramos. Uso - usa-se para conservar alimentos, como tônico para a acne (em três dias secam), para a queda de cabelos (infusão das flores). Usa-se com sal macerado para a circulação e coração. Usa-se para asma, astenia, colesterol, como depurativo do fígado, para enxaquecas, torcicolos (se esfrega óleo e vinagre de alecrim). Usa-se em cosméticos para prevenir rugas. Usa-se como condimento.

Nome popular - abrótno macho. Nome científico - *Artemisia abrotanum* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - originária da Região Meridional da Europa, especialmente Espanha e Itália. Parte usada - ramos. Uso - usa-se como repelente de moscas.

Nome popular - gordolobo. Nome científico - *Verbascum pulverulentum* Vill. / Família - Scrophulariaceae. Fitogeografia - cresce em terrenos arenosos, baldios em toda a Europa. Muito comum na Província de Palencia. Parte usada - flor, folhas, toda a planta. Uso - para resfriados, problemas respiratórios (infusão da flor seca). Usa-se para abscessos e infecções, furúnculos (folhas em emplastos). Usa-se para reumatismo (folhas e flores). Usa-se para hemorroidas, problemas na garganta (infusão da planta inteira, seca).

Nome popular - lilal ou lila . Nome científico - *Syringa vulgaris* L. / Família - Oleaceae. Fitogeografia - planta cultivada em jardins e parques, comum em muitas partes da Europa. Parte usada - flores. Uso - usa-se as flores como comestíveis e se faz licor. Usa-se como digestiva e contra lombrigas.

Nome popular - llantén mayor. Nome científico - *Plantago major* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - cresce em beiras de estradas, cultivos e hortas em toda a Europa em altitudes inferiores a 1200 m. Parte usada - folhas. Uso - usa-se como desinfetante, usa-se em feridas abertas como cicatrizante colocando as folhas frescas amassadas diretamente sobre a ferida. Usa-se para dores de estômago (infusão). Usa-se para eliminar líquidos e emagrecer (macerada e colocada em azeite de oliva). Para varizes (lava-se o local com infusão). Usa-se para infecção urinária (llantén+barbas de panocha. Toma-se três vezes ao dia).

6. 5. Entrelaçando os Fios do Bordado na Busca de Redes Locais de Produtores Ecológicos de Plantas Medicinais para a Transição ao Desenvolvimento Agrícola Sustentável

Em 26 de março de 2012, no intervalo de tempo, entre a segunda e a terceira oficinas, a pesquisadora visita o projeto de licores e plantas medicinais no município de Tordehumus, bem como, a Escola de Capacitação Agrária de Santa Espina e a produção ecológica de plantas medicinais no município São Pedro de La Tarce.

É a partir do contato com o prefeito do pequeno município de Tordehumus, a 50 Km de Valladolid, que se inicia a visita aos projetos. Seguindo a estrada chamada “rota dos castelos”, a pesquisadora se dirige a este pequeno município que abriga restos de um castelo do século XII, declarado como Patrimônio Cultural.

Chegando ao local, com suas ruas pequenas e estreitas, a pesquisadora sente a atmosfera carregada de história, que não pode deixar de transportá-la a épocas mais antigas, com imagens de ferreiros, construtores, carpinteiros, sapateiros e ...curandeiras.

O prefeito pelo Partido Socialista Obreiro Espanhol, começa a contar como aconteceu o interesse em projetos com plantas medicinais:

“por séculos, até o princípio do século XX, havia uma série de pessoas e sobretudo mulheres, que se dedicavam a coletar plantas aromáticas e medicinais, naturais dos montes... o que sabiam era de maneira natural...coletavam... e logo apareceram alguns que se dedicavam a comercializar para Barcelona, Cantábria, inclusive alguns se faziam intermediários para vender...dizíamos nós, em anos passados, que se realmente havia pessoas que queríamos viver no meio rural e que buscávamos alternativas econômicas para poder viver nele, pois que isto funcionara um dia...tinha que seguir funcionando. Daí começamos a investigar sobre, acompanhados sempre por professores da Escola de Capacitação Agrária de Santa Espina” (Prefeito de Tordehumus).

A maneira como iniciou o projeto, mostra o que Marques (2009) identifica em relação a inserção da produção ecológica das plantas medicinais, como “prática desviante” em relação a agricultura convencional por considerá-la “novidade” em seus sistemas

produtivos, indo em direção ao desenvolvimento de uma agricultura sustentável. Desta forma, busca-se alternativas que representam “novidades” face a emergência do modelo de desenvolvimento rural que vem surgindo, na tentativa de suplantando os modelos agroindustriais e pós-produtivistas.

No caso do projeto, de se iniciar a produção de plantas medicinais, representa uma novidade local, a medida em que foge dos cultivos convencionais para um alinhamento em direção ao futuro, na busca do desenvolvimento sustentável. Porém, esta novidade tem o passado como princípio orientador, ao se apoiar nas raízes dos conhecimentos dos antepassados.

O prefeito segue, explicando como os interessados no projeto iniciaram o aprofundamento sobre algumas plantas medicinais:

“...aí nos fixamos...com o tomilho branco, que é uma planta autóctone (originária do próprio território)...e também o hissopo, que é uma planta mediterrânea, do Sul da Europa, com componentes aromáticos medicinais muito importantes ...fizemos plantações de tomilho, hissopo e também de funcho. Estamos falando dos anos 2002...2003 ..começamos a fazer hortas na Escola de Capacitação Agrária...e teoricamente vimos que poderia ser rentável. Então, colocamos dez hectares de cada um. Os agricultores que quiseram envolver-se no projeto, desde o início sabiam que era um projeto experimental. Alguns deram um passo adiante e foram fazendo mais coisas...outros, ficaram no caminho. Por fim, tiramos duas conclusões fundamentais: uma, que o difícil não é produzir ou colher, mas o complicado é comercializar, porque o mercado é muito fechado...embora, em verdade, se tem comercializado muitas coisas. E a segunda conclusão que tiramos, é que o que estávamos fazendo era um complemento para o agricultor. O mesmo que produz cevada, trigo, complementa com este tipo de planta, para obter mais renda...complementar a economia das famílias, e sobretudo, como complemento econômico a algumas mulheres companheiras e também, que teríamos que transformar a produção” (Prefeito de Tordehumus).

O relato do prefeito, mostra que os agricultores participantes do projeto que estavam envolvidos na novidade, criando um “nicho”, definido por Marques (2009), como um domínio específico de aplicação, onde os atores assumem o trabalho com funcionalidades

específicas, e o risco de aceitar problemas, custos e o desenvolvimento de novos mercados. Alguns “deram um passo adiante”, encarando o potencial transformador da atividade, lançando as sementes, para em um nível micro, criar espaço para a mudança de regime. Da iniciativa, surgiram reflexões, de como agregar valor, fazendo a transformação da produção, como explica o prefeito:

“....a primeira ideia que nos ocorreu de transformar, foi a de fazer um produto específico: licores de orujo (resíduo da azeitona moída e prensada, do qual se faz azeite de qualidade inferior) com ervas. As ervas tem que passar por um processo de análise químico-física para controle de qualidade...então selecionamos as ervas. Tem um laboratório de controle de qualidade que é especializado nisto, em Burgos. E então, por maceração, o transformamos em licor de ervas. O orujo se consegue através de alambiques. Se extrai o orujo, do resíduo da oliva e depois se macera com as ervas ...fundamentalmente hissopo e tomilho... e depois acrescentamos algumas ervas para dar a cor e o sabor ...duas são fundamentais: a camomila e o coentro. Então, nos colocamos em contato com uma empresa “galega”(da região da Galícia), que se dedica a estas coisas. Eles foram coordenando e produzimos estes dois licores” (Figura 69) (Prefeito de Tordehumus).

A prática, que nasceu de uma maneira endógena, em um pequeno nicho, vai estabelecendo estratégias e ações pelos atores, que buscam se conectar em redes, que envolvem outros atores. O prefeito continua explicando como estes surgiram, e sobre o nome da empresa de produção dos licores. Fala também sobre as perspectivas econômicas:

“.... Desde o ponto de vista econômico, podemos contribuir... é um complemento econômico, uma ajuda econômica para viver...na empresa há duas mulheres... uma delas faz sabonetes com aromas de plantas medicinais ...é uma mulher muito ativa. Outra mulher é bióloga... há alguns anos esteve aqui um pesquisador peruano. .. agora já se foi para seu país. Estava ligado a Universidade de Valladolid, ao Departamento de Engenharia Química. Se quiseres, posso te colocar em contato com a orientadora do trabalho. O estudante estava ligado ao tema das plantas medicinais e aromáticas , porque sua família trabalha nisto, a nível artesanal. Então, nos ajudou a concretizar o projeto. ...a empresa se chama Harmonia Vaccea...pois harmonia, tinha que ver com o tema das

plantas medicinais, com saúde...e vaccea...vem dos vacceos, que foram os antigos habitantes desta zona, os celtas...então harmonia vaccea parecia combinar com o que iríamos fazer” (Prefeito de Tordehumus).

Novamente, nota-se uma preocupação em se valorizar o conhecimento dos antepassados, na escolha do nome da empresa, como “Harmonia Vaccea”. O prefeito mostra alguns escritos sobre o projeto, enquanto continua a explicar :

“... o processo de plantio requer os cuidados agrários normais...se costuma colher um pouco mais tarde que os outros plantios, no mês de setembro. E há duas formas de utilização do produto: uma, colher e extrair a essência, a outra é obter a planta seca e utilizar como condimento alimentar ou uma vez feitas as análises pertinentes, encaminhar para a indústria química. Alguns agricultores deram um salto e se envolveram com a lavanda, que é de mais fácil comercialização, tem mais demanda. Em Palencia, há uma Associação de Agricultores de Plantas Medicinais ...posso te colocar em contato...alguns agricultores montaram uma destiladora a nível industrial. Então, agora estamos com estes 3 níveis: os que estão fazendo licores e sabonetes, os que plantam e comercializam tomilho, hissopo, funcho...e os que plantam lavanda. As características das terras que vamos visitar são muito favoráveis a este tipo de planta, porque tem muito calcáreo...fósforo...os cultivos são naturais...não se utilizam produtos químicos. Ainda não são ecológicos...porque as terras não são reconhecidas como ecológicas...mas se faz um cultivo natural. Vamos visitar um agricultor ecológico. Tudo o que faz é dentro dos parâmetros, é membro da Associação de Agricultores Ecológicos de Castilla y León” (Prefeito de Tordehumus).



Figura 69. Produtos desenvolvidos no Projeto de licores e plantas medicinais em Tordehumus (Fotos: Fatima Chechetto)

O prefeito e a pesquisadora partem então, para a visita a Escola de Capacitação Agrária de Santa Espina, e aos agricultores de plantas medicinais. No caminho, na Região de Montes de Torozos e Terra de Campos, a história das plantas medicinais e aromáticas parecia renascer com cores e formas. A paisagem é formada por vasto altiplano nos Montes de Torozos, atravessados pelo Rio Duero e campinas com amplas e férteis planícies, onde as Terras de Campos se sobressaem, com grandes extensões de cultivo de cereais.

Nesta região, como bem assinalou Prieto (2005) as plantas têm sido fonte de remédio e soluções de problemas de seus habitantes, do corpo, da alma ou da economia familiar. Em suas palavras:

“*La Botica dos Monastérios de Santa Espina ou Matallana, do Palácio de Doña Ulloa ou a Colegiata de Villagarcía, dos Castelos de Montealegre, Tordehumus ou Tiedra, dos Almirantes em Medina de Rioseco, e da Villa de Urueña, conheceram bem as utilidades das ervas aromáticas que abriam o apetite ou baixavam as febres de servos e senhores, durante séculos* (PRIETO, 2005. p.7).

Desde tempos remotos, monges se dedicavam aos cuidados dos doentes, utilizando remédios naturais que eles mesmos cultivavam, antecedendo aos primeiros hospitais. Faz parte desta história, nas comarcas de Campos e Torozos, o Monastério Medieval de Santa Espina, do século XIII, que atualmente foi convertido em uma Escola de Capacitação Agrária.

Não se tem encontrado documentos com os medicamentos que se elaboravam na Botica do Monastério, mas ainda se conserva o horto, onde se cultivavam, e se segue cultivando, as plantas medicinais e aromáticas.

Na Escola de Capacitação Agrária, a mais antiga de toda a Espanha - nascida em 1886 - antigo mosteiro cuidadosamente conservado, a pesquisadora e o prefeito são recebidos pelo engenheiro agrônomo, responsável pela horta e os experimentos de plantas medicinais. Além desta atividade, o agrônomo se dedica a recuperar relógios de sol (Figura 70).



Figura 70. Escola de Capacitação Agrária de Santa Espina. Montes de Torozos
(Fotos: Fatima Chechetto)

Apesar de que o rigoroso inverno ainda torna a paisagem bastante acinzentada, algumas plantas medicinais resistem e podem ser observadas, como o tomilho, o funcho, o orégano. Outras, recém-germinadas, aguardam tempos mais amenos para serem transplantadas: sálvia, alecrim, santolina. Urtigas convivem em meio a plantas adultas. Plantas viçosas com flores, também se mostram, como um *Sedum* de flores admiravelmente alvas e um *Perlargonium* de flores com rosa intenso. O agrônomo se detém junto a uma variedade de abóbora dizendo:

“esta variedade tem um cultivo muito rápido...é uma variedade com a qual se fabrica pastéis cabelo-de-anjo. Tem alto rendimento. Um planta pode produzir mais de 110 kg de cabelo-de-anjo. O período de cultivo se reduz a 3 meses. Para as mulheres, na Montanha Palentina, poderia ser uma interessante opção. ..e tem uma vantagem, que se pode manuseá-la quando convém, porque não apoderece ao amadurecer. Quanto mais seca, melhor a qualidade do doce que se produz. Se poderia armazená-la por dois anos”
(Engenheiro Agrônomo. Escola de Capacitação Agrária Santa Espina).

Como sempre fizera a cada contato, ao se despedir do agrônomo, a pesquisadora fala da Organização de um Seminário, no final de sua estada na Universidade de Valladolid-Palencia, para reunir os participantes das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” e os demais atores sociais participantes da pesquisa e envolvidos na temática.

Segue então, acompanhada do prefeito, para visita a produtores de plantas medicinais, em São Pedro de La Tarce (Figura 71). No local, um casal de agricultores e um amigo destes, os recebe. O prefeito os apresenta:

“...estes agricultores estão no projeto, desde o início. Eles têm mantido um plantação de funcho e tomilho” (Prefeito Tordehumus).



Figura 71. Visita a agricultores ecológicos em San Pedro de La Tarce
(Fotos: Fatima Chechetto)

Um dos agricultores inicia o diálogo, falando sobre suas expectativas:

“ ... estou esperando para que a propriedade seja considerada ecológica. Pois são 3 anos para a reconversão, para receber a certificação de produto ecológico....as plantas curam plantas, curam pessoas, curam animais...como sabes” (Produtor Ecológico. São Pedro de La Tarce).

Ao falar da cura através das plantas medicinais, revela-se uma interessante faceta da produção agrícola de plantas medicinais. Estas, por estarem fortemente relacionadas a assuntos relativos a saúde, fazem com que sua inserção na atividade agrícola seja característica. Marques (2009) analisa que um dos aspectos diferenciadores é que o uso,

consequentemente a extração e o cultivo, estão relacionados a um acervo de saberes, conhecimentos práticos, e tecnologias, que persistem enraizados na vida das comunidades.

Os agricultores se mostravam muito curiosos e bastante envolvidos nas discussões sobre agricultura ecológica e plantas medicinais. O pequeno grupo, se interessa em saber sobre o Brasil. Um deles comenta:

“...O Brasil tem um potencial para tudo isto tremendo...nós aqui, estamos em áreas mais pobres de diversidade” (Produtor Ecológico. São Pedro de La Tarce).

Comenta também sobre as dificuldades que vem encontrando para a comercialização de seus produtos:

“...temos problema de mercado...a comercialização é complicada. ..imagina que os produtores de Palencia fizeram uma plantação de hipérico que estava muito bem e passados alguns anos, de repente, apareceu uma notícia de que a utilização desta planta poderia ter efeitos cancerígenos...uma notícia que lhes quebrou o mercado...uma notícia da indústria farmacêutica para frear o mercado de hipérico que estava em alta” (Produtor Ecológico. São Pedro de La Tarce).

E o prefeito complementa a fala, enfatizando o interesse em inovações dos agricultores que participam do projeto:

“...nesta terra tem dois tipos de agricultores: uns, tradicionais, que tem mercado assegurado e outros, são poucos, e são um “pouco loucos”. Estes, se metem em feiras...quando te metes em coisas novas...” (Prefeito de Tordehumus).

O agricultor e o prefeito abordam questões que mostram que a produção ecológica de plantas medicinais, apesar de representar um potencial em direção a uma transição de modelo de desenvolvimento, encontra-se imersa na insustentabilidade dos padrões do modelo vigente. No caso destes agricultores pioneiros, que ousam cultivar ecologicamente plantas medicinais diante das incertezas para a continuidade das atividades, é preciso reforçar a idéia de redes locais. Estas redes, surgem com seu potencial transformador, a medida em que podem modificar a dialética global-local.

E é sobre este assunto que sentados a mesa conversam, saboreando um bom vinho tinto, com “jamón” (presunto espanhol), feito por eles mesmos, com receitas de seus antepassados. Um dos agricultores mostra uma revista sobre agricultura ecológica :

“ Estamos fazendo parte de uma cooperativa de agricultores ecológicos...trabalhamos também com apicultura ecológica. Nos “pueblos” da Montanha Palentina, temos uma amiga que trabalha com apicultura ecológica. ..ela como apicultora conhece as plantas...conhece de botânica, está fazendo unguentos, xaropes de própolis, e cremes para as mãos.”(Produtor Ecológico. São Pedro de La Tarce).

A pesquisadora pergunta que nome tem a mulher, e por coincidência é uma participante bastante ativa das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”.

6.6 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Terceira Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Do Fortalecimento da Diversidade na Unidade ao Desejo de Visibilização, Reconhecimento e Apoio Intercultural

Na terceira Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, que aconteceu no município de Canduela (Figura 72), várias participantes criam vínculos mais fortes de amizade, reforçando-se a diversidade na unidade. Nesta oficina, como havia sido combinado na anterior, além da continuidade da dinâmica de reconhecimento coletivo de plantas medicinais, estava prevista uma apresentação das atividades que aconteceram entre o intervalo.



Figura 72. Canduela, Montanha Palentina. Chegada das mulheres para a III Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” (Fotos: Fatima Chechetto).

As discussões vão se aprofundando, já que o grupo sente-se mais descontraído para trocar informações. A Presidente da Associação “Tejiendo Cambios”, mostra um livro que emprestara a pesquisadora, que desencadeia um debate sobre conhecimentos (Figura 73):

“... este livro, estive lendo...se chama “Herba Moura”, e é de uma escritora “galega”: Teresa Moure. Parece muito interessante...curiosamente trata de três mulheres ligadas no tempo, através das plantas medicinais. São mulheres diferentes, de épocas diferentes, porém com muita vitalidade...muitas plantas das quais falamos se encontram aqui no livro...” (Presidente da Associação “Tejiendo Cambios”).



Figura 73. Momentos iniciais da III Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Canduela. Montanha Palentina (Fotos: Fatima Chechetto)

O livro, tratava-se de um romance, com três mulheres protagonistas, que rebatem a aspiração cartesiana da racionalidade pura em detrimento da paixão. Para chegar ao intento, a autora atribui três mulheres importantes na vida de Descartes, detentoras de

sabedoria e sensibilidade do cotidiano. As mulheres, testemunhas das andanças do grande filósofo são: a rainha Cristina da Suécia, que o hospedou em seu castelo poucos meses antes de sua morte, sua amante holandesa Helene Jans, herborista, e Ines Andrade, uma estudante de doutorado empenhada em mostrar o perfil mais íntimo de Descartes.

A escritora, autora do livro, Maria Teresa Moure Pereiro, doutora em linguística e professora na Faculdade de Filosofia e Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, recebera em 2007 o Prêmio da Crítica de Narrativa Gallega por “Herba Moura”. Teresa, utiliza-se de um feminismo reflexivo, como em uma passagem do livro, em referência “Do Livro de Mulheres” de Héléne Jans, uma das protagonistas no romance, herbalista que organizava seu receituário:

“...e recolho tudo o que algo sei, do que tenho visto fazer de como curar que as mulheres resolvem seus problemas sem chamar Hipócrates, nem Avicena, ainda que sim, as vezes os tenho invocado, e possa com gosto combinar o que dizem os grandes sábios com o que se lê nos cadernos caseiros destas mulheres, que por tantas vezes pude chamar de bruxas. E quem isto aproveita, feliz seja, e quem não quiser provar que não leia, e se deixe consumir pelo medo, que para bobos medrosos não se fez o mel, que se tem que saber roubá-lo das abelhas, e tudo o que dá prazer na vida tem que apurar-se vencendo os temores e as incertezas” (MOURE, 2006, p. 97).

Ou ainda referindo-se a Descartes:

“...a ele, lhe interessava inventariar as estrelas do céu, a mim as ervas do solo...ele queria asas para conhecer quem dá motor aos corpos celestes, eu preferia ter os pés bem plantados na terra, que me alimentava e a qual retornaria...os dele (escritos) lhe parecia transparentes, claros, científicos, os meus lhe parecia, ocultistas, falsos e improváveis...não dava crédito algum a alquimistas, nem a boticários, nem a curadores” (MOURE, 2006. p.157).

Ou na referência a Heléne, a protagonista do livro:

“...sabia tanto, como sabiam as demais mulheres, com seus saberes invisíveis...saber ler e pensar...e pensando podia fazer tanto quanto os homens mais

afamados de meu tempo...a mim havia chegado o tempo de ser Heléne...” (MOURE, 2006, p.189).

Ainda destacando o protagonismo de outra personagem feminina do livro, Ines, que metaforicamente relacionava a planta medicinal erva moura, com o feminino:

“Como uma pequena, rasteira voz nos campos de cultivo, tenaz em sua difusão, bonita como suas bolas negras que olham como olhos de mulher. Os entendidos a chamam de Solanum nigrum (antigo nome científico da planta atualmente denominada Solanum americanum Mill.) e a atribuem poderes calmantes, os curandeiros e as bruxas dos países baixos a colhiam com paixão e consideravam que sua intervenção na realidade era pouco menos que mágica. Para ocultar o nome de nigrum, que poderia alertar a inquisição em uma época em que tantas bruxas eram queimadas nesta zona, optaram pelo ingênuo procedimento de traduzir ao holandês e a chamaram scharzer nachtschatten, literalmente erva negra. Em nossa tradição botânica esta erva recebe o nome de erva mora ou tomate do diabo (MOURE, 2006, p.206).

E destacando o protagonismo de Inês, personagem que ao se dedicar a prática da herbolaria, inspirava-se em uma de suas antepassadas:

“...a erva chamada moura ...é uma planta anual, chegada da América nos barcos holandeses que no século XVII transportavam aos grandes centros europeus, tudo quanto de valor encontravam. Nas terras do trópico americanos, os indígenas usavam a erva moura como hortaliça e também como princípio medicinal por suas propriedades emolientes, antinevrálgicas e analgésicas. Guiados por este saber popular, os missionários católicos a recoletaram para incluí-la no vasto catálogo de espécies que levariam a seus conventos na Europa e que ainda se pode observar no Hortus Botanicus da cidade de Amsterdan, lugar desde o qual a erva moura se estenderia por toda a Europa, a julgar pelos variados nomes que recebe em cada país: solano negro, tomaquera do diabo, morella negra, tomata borda, moreno bellar, erva moira, black nightshade, morelle noire ou scharzer nachtschatten. ...a erva moura tem um toque misterioso já que, como as boas histórias guarda o poder de acalmar a dor e, como todas as mulheres, tem uma má fama que em absoluto se corresponde com suas obras. Poristo agora, que tenho

decidido somar-me as iniciativas que herdei das mulheres que me tem precedido confeccionando o herbário onde armazenei meu saber sobre a vida, quis começar por uma planta tão sugestiva como esta (MOURE, 2006, p. 336-337).

E com base nestas ideias e referências, discussões se travam, durante a oficina, levando as mulheres a refletirem sobre os conhecimentos da anciã de 103 anos que visitaram:

“...o que surpreendia era que sempre se colocava com muita humildade, que não sabia nada, e foi explicando tantas coisas...isto é curioso...porque levo minha vida trabalhando por aqui, e nunca ouvi falar dela... creio que é uma pessoa que tem todo este saber, como algo muito discreto... a mim me pareceu. Penso que quando fizermos a exposição de nossas oficinas para a comunidade em geral, será também o momento de fazermos um reconhecimento a esta mulher (a anciã) ... para que sinta que somos pessoas interessadas nisto...que sinta que existem pessoas de outra geração interessadas nisto...acho que é importante para ela” (Presidente da Associação “Tejiendo Cambios”. Participante da Oficina).

A consciência da invisibilidade dos conhecimentos das mulheres, ou que estes sejam considerados menos importantes, se faz presente na discussão que se desencadeia. Através desta consciência, nasce o desejo de visibilizá-los e reconhecê-los. Como destaca Tedeschi (2008), desde Aristóteles, um dos primeiros a escrever entre outras coisas sobre as mulheres, que esta metade da humanidade é descrita como alguém inferior, pouco digno de confiança, pouco desenvolvido, pouco inteligente. Já para Rousseau e Spinoza, a razão das mulheres não parecia lógica. Sua razão era considerada fraca, frágil, sem parâmetros. Tedeschi discute que embora atualmente a maioria dos educadores sejam mulheres, a escola permanece solidificada em suas estruturas androcêntricas, com teorias construídas pelo pensamento hegemônico masculino. Muitas vezes, estas formas estão arraigadas nas concepções de homens e mulheres, e passam desapercebidas, encaradas como naturais. No caso dos conhecimentos das mulheres sobre plantas medicinais, se poderia dizer que estão “adormecidos”, como na opinião de uma das participantes da oficina:

“....creio que estes conhecimentos não estão valorizados. As pessoas dizem: - estes conhecimentos não valem nada. Não é científico. Para que vais usar, se tens um remédio

na farmácia? Agora... estou surpresa que tem tanta gente, que não sabíamos, que têm interesse...se juntam e se interessam...e perguntam: - quando é a próxima? (oficina). Este conhecimento é algo que está muito oculto... eu mesma, pensava que não sabia nada”(Mulher. Participante da Oficina).

Reconhecendo que os conhecimentos estavam ocultos ou “adormecidos”, por não serem valorizados, as participantes começam a constatar sua importância e admitir que conhecem mais do que pensavam, desafiando aquilo que as pessoas possam considerar “não científico” ou “não ter valor”.

Neste sentido, é importante lembrar que o conhecimento das mulheres sobre plantas medicinais esteve, e ainda está, carregado pelo androcentrismo que impregna o pensamento científico. A visibilidade da mulher e seus conhecimentos se fez na história, por representações “que fazem odiar”, como a que cerca “a bruxa” (TEDESCHI, 2008). Resgatar estes conhecimentos femininos com a valorização que merecem, parece resignificar a história destas mulheres no sentido de existir, ser.

Daí a importância de se fazer publicamente este reconhecimento, como na fala da Presidente da Associação “Tejiendo Cambios”, em relação a a anciã de 103 anos que neste sentido, passara mais de um século quase na invisibilidade.

Outra participante da oficina acrescenta:

“...me parece, que é algo que sabem as mulheres e não tem valor... e não sei porque...como sempre...como o trabalho da casa...como tudo o que sabe a mulher...as pessoas dos “pueblos” pequenos, conhecem muito. Mas é como também, se o que vem do rural não tem valor...tem gente dos “pueblos” pequenos, que tem animais, e curam os animais com plantas, e usam as plantas na terra...oque acontece é que o rural não é valorizado...mas agora, nos juntamos em uma oficina de plantas, somos um “bando” de mulheres...” (Mulher. Participante da Oficina).

Além da desvalorização dos conhecimentos das mulheres, a participante faz uma reflexão sobre a desvalorização do rural em detrimento do urbano. Cruz-Souza (2006) com o desenvolvimento de suas investigações na Montanha Palentina, tem discutido que a maior parte do território espanhol se localiza no meio rural, e seus habitantes têm um papel

fundamental na gestão e manutenção do patrimônio natural e cultural, que permita sua conservação para as futuras gerações.

Porém, um modelo de desenvolvimento economicista com grandes polos de desenvolvimento urbano-industrial, tem relegado o meio rural a uma posição subsidiária e empobrecida. A autora relaciona o despovoamento do rural, em grande parte, com a saída das mulheres, decorrente deste modelo, como um fenômeno complexo. Dentre outros fatores ligados ao mesmo, se encontra o de ordem psicossocial que criou uma imagem negativa do rural e de seus habitantes em contraposição a uma imagem idealizada do urbano e a repatição de papéis sociais nas relações de gênero.

Para Cruz-Souza (2006), o meio rural sofre hoje os efeitos das políticas de desenvolvimento que têm privilegiado as cidades e abandonado o campo, assim como, de um sistema patriarcal que discrimina e limita as mulheres em seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A autora reconhece também que nas últimas décadas, a partir dos anos de 1980, houve uma transformação importante nas representações sociais da ruralidade, provocada pela visibilidade da decadência de um modelo urbano-industrial insustentável, baseado na produção e consumo ilimitados. Os inconvenientes interligados a este modelo têm sido constatados, como a contaminação do meio ambiente, desemprego provocado pela automação da indústria, insegurança nas cidades, stress...desta constatação, tem aparecido o meio rural associado a qualidade de vida e a conservação do patrimônio natural e cultural. Revaloriza-se então, o meio rural e a construção de imagens marcadas pela natureza e a vida no campo, inclusive em função de atividades das necessidades da sociedade pós-moderna de lazer na natureza. Neste panorama, as mulheres vêm adquirindo um protagonismo crescente.

O resgate e a valorização dos conhecimentos de plantas medicinais pelas mulheres nas oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” se alinham a esta perspectiva, já que a acolhida a proposta das oficinas tem sido expressiva, como considera uma participante em sua fala:

“...a convocatória se tem mantido com um número bastante expressivo...e as mulheres que não puderam vir em alguma oficina, perguntam o que se tem feito...e não foi realizado um esforço muito grande de divulgação...a resposta tem sido muito maior que outras convocatórias...” (Mulher. Participante da Oficina).

Durante a oficina, a pesquisadora traz mais algumas reflexões sobre a desvalorização dos conhecimentos em plantas medicinais, principalmente com a chegada da indústria de sintéticos, bem como, toda a problemática situação dos produtos químicos aplicados na terra. Discute sobre as implicações disto e da retomada em direção a valorização, bem como do papel da ecologia e da agroecologia, do papel da ciência, da importância de se praticar a humildade e dialogar com os conhecimentos. As mulheres opinam:

“...vejo que vêm nas oficinas, mulheres que nunca haviam se falado...te abres para pessoas que são muito parecidas e muito diferentes...existem sim, mulheres que temos “coincidido” em algumas coisas, mas também existem outras, que nem sequer havíamos cruzado os caminhos, ou nunca tínhamos conversado...” (Mulher. Participante da Oficina).

“... na primeira Oficina que tivemos, soubemos que o proceso de organização no Brasil culminou em leis para o uso de plantas no serviço público, aqui no entanto, não existe nada disso...mas em Catalunha (Comunidade Autônoma da Espanha ao nordeste da Península Ibérica) se está tentando...por outro lado, nas universidades não se recebe formação sobre isto” (Mulher. Participante da Oficina).

Nestas falas, observa-se o poder da temática em atrair a diversidade humana, o senso de união que vai se estabelecendo no grupo, e o possível embrião da participação política em relação a construção de leis no serviço público.

Nesta oficina, havia sido solicitado pelo grupo, que a pesquisadora compartilhasse algo sobre o cultivo de plantas medicinais, já que algumas delas estavam pensando no cultivo, como uma opção de trabalho e algumas já haviam iniciado algo relacionado. Iniciativa que vem de encontro a um movimento de retorno ao campo, como destaca Puleo (2011) que começa a detectar-se na Europa, de mulheres, entre elas formadas e valentes, que querem ser agricultoras, não mulheres de agricultores. Muitas delas se convertem em agricultoras ecológicas mesmo enfrentando as políticas agrárias, os mecanismos de mercado e as grandes corporações que estrangulam as pequenas propriedades.

Puleo sublinha que, como produtoras e consumidoras as mulheres têm interesse comum em se defender, se considerado que as substâncias químicas tóxicas utilizadas no agronegócio afetam particularmente o corpo feminino. Neste sentido, ela aposta em redes ecofeministas de produção e consumo, e aponta que o ecofeminismo e suas vertentes aparentadas com a Ecologia Política, têm chamado a atenção sobre os efeitos negativos que o desenvolvimento destruidor do meio natural tem causado sobre numerosas mulheres rurais no Sul do Planeta.

As redes têm mostrado também internacionalmente sua organização em movimentos de resistência, muitas vezes exitosos. Diante destes problemas, a autora reforça que deve ser reafirmada a tradicional sororidade internacional feminista, frente a contaminação, a destruição do meio natural, a aniquilação de formas de produção sustentável e as sequelas de enfermidades, miséria e morte.

A autora faz conhecer que na América Latina, numerosas mulheres são protagonistas da mudança, com atividades que demonstram suas experiências e conhecimento técnico em agroecologia, para que se possa produzir alimentos sem agrotóxicos e liberados da dependência econômica, que gera modelos “standartizados” de agricultura industrial. Destaca o surgimento de reivindicações feministas no marco dos movimentos agroecológicos, que provam que as práticas sustentáveis favorecem a autoafirmação e o empoderamento das mulheres.

Diante do interesse das participantes da oficina em aprofundar as discussões, a pesquisadora traz elementos para o diálogo, discutindo informações sobre a produção agroecológica de plantas medicinais, muitas delas, fruto de experiências que conhecera no Sul do Brasil, dentro da idéia de ajuda mútua intercultural já explorada anteriormente.

Inicia comentando sobre a importância do setor de plantas medicinais a nível mundial e local, frente ao desafio da sustentabilidade.

Confronta o enfoque de produção de plantas medicinais com tecnologias complexas, alta luminosidade, concepções de monocultivos com a produção agroecológica, em uma visão sistêmica, com perspectivas de agregação de valor e em mercados justos e solidários.

Fala sobre a visita a agricultores ecológicos, que fizera no intervalo das oficinas, e que comentavam sobre a existência de cursos a nível de pós-graduação na Espanha, em Córdoba.

Enquanto discorre sobre o assunto, trazendo a idéia de apoio intercultural, a pesquisadora mostra uma fotografia que lhe havia sido enviada por uma das participantes da oficina, que estivera no Brasil, anos anteriores. O local da foto, tratava-se de uma chácara, de uma das mulheres participante do GEUPLAM, em Gravatal, Santa Catarina. A mulher havia feito amizade com os indígenas da etnia guarani, e estes haviam construído uma “casa de reza” (local para rituais, curas) na chácara, que era frequentada esporadicamente para realizar encontros, com rituais e danças indígenas. A mulher, alimentava um sonho de tornar o local, de natureza abundante, uma escola de integração entre os saberes indígenas e outros saberes. Como ela falecera tragicamente em um acidente, uma de suas filhas, estava empenhada em concretizar este sonho.

A participante lhe enviara a foto no dia 08 de março de 2012, em e-mail que dizia: “Acontece que eu estive contigo no Brasil!!! Encontrei esta foto em que estás. Não lembrava, mas outro dia, me veio uma imagem na memória sobre este dia em que estamos nesta foto (Figura 74)”.



Figura 74. Atividade realizada no Projeto de Cooperação Transnacional “Ecosolidariedade entre Territórios” Brasil-Espanha. Gravatal, Santa Catarina, Brasil. 2005.

Olhando para a foto durante a Oficina, outra participante se reconhece:

“aí estou também...esta foi uma viagem de trabalho que fizemos ao Brasil para intercâmbio com a Associação de Agricultores Agroecológicos das Encostas da Serra Geral...nos surpreendeu muito, porque as vezes quando pensamos em hispano-américa

nos parece que nos damos mil voltas, e era tudo ao contrário, toda uma cultura de solidariedade. ...a presidente da Associação de Agricultores, tinha 27 anos ... e com as coisas claríssimas...se estavam dando conta, quando organizaram a Associação, que com o uso de agrotóxicos estavam se envenenando” (Mulher. Participante da Oficina).

A referência a situação, desperta a indignação de uma das participantes, para a situação de contaminação local, mas também para a esperança de atuação e modificação da realidade a partir da organização coletiva que vem se ampliando:

“... e aqui? Por que não se dão conta? A água está contaminada... há um ano está contaminada...com excesso de nitratos...e não se tem quase feito nada...que forte não? As vezes tem que chegar a um limite crítico (...) ainda somos minoria...mas éramos menos...” (Mulher. Participante da Oficina).

A pesquisadora explica que no dia em que fora tirada a foto mostrada, conheceu sua orientadora, que agora a acompanha no trabalho de doutorado na Espanha. Neste dia, a orientadora estava coordenando uma atividade que se realizava no do Projeto de Cooperação Transnacional “Ecosolidariedade entre Territórios”, realizado no marco da Iniciativa Comunitária LEADER + subvencionado pela União Européia e Ministério do Meio Ambiente, Meio Rural e Marinho.

O projeto consistiu em um Programa de Cooperação e intercâmbio de experiências entre o Grupo de Ação Local “País Románico” (Castilla y León e Cantábria), o Grupo de Ação Local Zona Média de Navarra, ambos de Espanha, a Associação para o Desenvolvimento Sustentável das Encostas da Serra Geral e a Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral, ambos do Estado de Santa Catarina, no Brasil (CRUZ-SOUZA, 2011).

A pesquisadora comunica ao grupo, que na época, estava envolvida com a AGRECO através das discussões da Câmara Setorial de Plantas Medicinais, onde discutia-se a estratégia de se aliar a produção de plantas medicinais a produção agroecológica de hortifrutigranjeiros, que já contava com experiências de sucesso na organização. A ideia era desenvolver parcerias, buscando opção complementar de renda para os agricultores.

Uma experiência bem sucedida de produção agroecológica de hortifrutigranjeiros que vinha sendo implementada no estado de Santa Catarina, sendo referência conhecida

nacional e internacionalmente, era a da Associação dos Agricultores Agroecológicos das Encostas da Serra Geral - AGRECO, que iniciou no Município de Santa Rosa de Lima em 1991.

A produção agrícola, isenta de agrotóxicos e adubos químicos proporcionou ao Município o título de “capital da Agroecologia.”

Este município é caracterizado historicamente pela presença de pequenas propriedades familiares. Por ocasião da sua colonização, a agricultura, era marcada pela diversificação de cultivos de espécies vegetais e animais, voltadas primordialmente para a subsistência familiar.

A partir da década de 1960, a região sofreu o primeiro processo de transição, com a modernização parcial de sua agricultura através da integração agroindustrial na cultura do fumo. No início da década de 1990, a crise desta agricultura (problemas econômicos, ambientais e de saúde dos agricultores), era claramente percebida pelos seus habitantes (SCHIMIDT, 2004).

A realização de uma festa, a Gemuse Fest, visando reaproximar os que foram para a “cidade”(outros centros urbanos) e os que ficaram no “campo” (no próprio município) representou um importante ponto de inflexão na forma de se ver a crise. A partir da festa e de reuniões que a seguiram, parcerias foram nascendo e se fortalecendo, todas procurando construir alternativas.

Um grupo pequeno de famílias inicia a produção agroecológica de hortifrutigranjeiros. A idéia de um desenvolvimento sustentável vai se firmando e em dezembro de 1996, criou-se formalmente a Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral.

Em 1998 a Agreco já contava com cerca de 200 associados envolvendo mais de 50 famílias de agricultores, todas instaladas em pequenas propriedades, se consolidando o sistema agroecológico de produção, com apoio do poder público e Universidades do Estado, inclusive com forte apoio da Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir da Assembléia Geral em 31 de dezembro de 1998, o número de Associados subiu para aproximadamente 500, envolvendo diretamente mais de 200 famílias de pequenos agricultores. A área de abrangência dos sócios amplia-se para municípios vizinhos como Rio Fortuna, Anitápolis, Grão Pará, São Martinho, Gravatal e Armazém.

A repercussão positiva desta experiência de produção e comercialização começou a atrair para a região da AGRECO, técnicos e agricultores interessados em conhecer e

analisar os seus princípios e o seu funcionamento, e consumidores interessados em se certificar de que o que compravam e comiam era efetivamente orgânico.

A medida em que a pesquisadora comenta sobre a experiência da produção agroecológica em Santa Catarina, as mulheres participantes da oficina, que estiveram no Brasil, contribuem:

“...Havia uma associação de mulheres que faziam comida com produtos ecológicos para a merenda nas escolas. São pequenas coisas, que podemos fazer” (Mulher. Participante da Oficina).

As discussões mostram a continuidade de um processo de cooperação transnacional, que havia iniciado entre os anos de 2006 e 2009, com a proposta do Projeto “Ecosolidariedade entre Territórios”. A troca de experiências e mútua reflexão estava sendo retomada e também o compartilhamento de saberes de realidades diversas, questionando relações de dominação e subordinação e apostando no fortalecimento de estratégias territoriais locais para o desenvolvimento sustentável (CRUZ-SOUZA, 2011).

Reflexões que resultaram da aproximação entre as realidades de Brasil - Espanha nos anos de 2006-2009 que de acordo com Cruz- Souza, abordaram a fuga permanente de capital humano, especialmente mulheres e jovens, dos territórios rurais, debilitando o tecido social produtivo dos grandes territórios e colocando em risco a sustentabilidade de seus recursos naturais e culturais.

A autora destaca, que encontrar alternativas para este e outros problemas, no projeto “Ecosolidariedade entre Territórios” foi desde o princípio, construir um caminho de ida e volta, uma relação entre grupos e pessoas de Espanha e Brasil que podiam ensinar e aprender muito reciprocamente. Isto, de maneira diferente do que frequentemente costuma acontecer em muitos projetos de cooperação entre países de Norte e Sul, que se configuram como uma ajuda dos países ricos, como um paliativo ou intenção de resolução de problemas identificados nos países empobrecidos.

A ideia de se buscar estratégias adequadas para a transformação do meio rural, para se construir alternativas de produção sustentável social, econômica e ambiental com formas de organização mais solidária, continuava a se desenvolver na perspectiva das participantes das oficinas “ Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”

no sentido de se dedicarem a produção ecológica de plantas medicinais. E ao final da III oficina, somam-se os conhecimentos sobre as plantas medicinais:

Nome popular - uva-de-gato. Nome científico - *Sedum album* L. / Família - Crassulaceae. Fitogeografia - habita em solos pedregosos. Em Palencia se encontra nos telhados antigos, canais de água e muros, sendo uma planta muito comum. Parte usada - folhas. Uso - usa-se em saladas.

Nome popular - umbigo de venus. Nome científico - *Umbilicus rupestris* Dandy / Família - Crassulaceae. Fitogeografia - encontra-se por toda a Europa Meridional e Ocidental. Cresce nas paredes e muros, à sombra. Frequente em quase toda a Província de Palencia. Parte usada - folhas. Uso - Se utiliza para problemas de pele. Também se faz uma pomada para os olhos. Usa-se com manteiga de porco, para absorver furúnculos. Usa-se como cicatrizante, como analgésica, purgante, para hemorróidas, acne, diabete e como emoliente.

Nome popular - estrellamar. Nome científico - *Plantago coronopus* L. / Família - Plantaginaceae. Fitogeografia - cresce em lugares secos e arenosos. Parte usada - folhas. Uso - se usa contra hemorroidas, colocando-se no bolso traseiro das calças e deixando-se secar.

Nome popular - diente de león. Nome científico - *Taraxacum officinale* F.H.Wigg / Família - Asteraceae. Fitogeografia - encontra-se em pradeiras, bordas de cultivos, valos. Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se as folhas tenras para consumir em saladas. Usa-se para problemas de fígado. Para problemas de coração, para equilibrar a pressão (infusão, três vezes ao dia), como depurativa do sangue, para resfriados. Usa-se para tratar verrugas (látex), para resfriados. Faz-se marmeladas de suas flores. Usa-se a raiz para ratos.

Nome popular - fumaria. Nome científico - *Fumaria officinalis* L. / Família - Papaveraceae. Fitogeografia - originária da Espanha. Cresce em terrenos cultivados ou planícies de solos secos. Parte usada - flores. Uso - usa-se para problemas biliares e hepáticos, contra a prisão de ventre, para psoríase, para problemas de pele (uso externo). Usa-se como depurativa.

Nome popular - hierba mora, tomatillos del diablo. Nome científico - *Solanum americanum* Mill. / Família - Solanaceae. Fitogeografia- nativa da Eurásia. Abundante e cosmopolita em bordas de caminhos, beiras de cultivos, terrenos baldios. Parte usada - Folhas e frutos. Uso - se utiliza em casos de reumatismo, bronquite, asma, icterícia, como afrodisíaca e narcótica.

Nome popular - melisa. Nome científico – *Melissa officinalis* L. / Família - Lamiaceae
Fitogeografia - originária do Mediterrâneo. Cresce de forma silvestre em prados úmidos, clareiras de bosques, em campos cultivados, em solos ricos em matéria orgânica. Parte usada- folhas. Uso - usa-se para enxaqueca, depressão, ansiedade, insônia (em infusão, 3 vezes ao dia). Se utiliza o óleo em aromatizadores, como relaxante. Usa-se o sumo para herpes labial. Usa-se a infusão forte, como produto de limpeza. Usa-se na forma de floral para ansiedade (agrimony).

Nome popular - aloe. Nome científico - *Aloe vera* (L.) Burm. f. / Família Xanthorrhoeaceae. Fitogeografia - originária do norte e leste da África e da península arábica. Introduzida e cultivada nas Ilhas Canárias e México. Parte usada - folhas. Uso- usa-se o gel como cicatrizante, para queimaduras, picadas de insetos.

6.7 Entrelaçando os Fios do Bordado Através do “Círculo de Mulheres” na Montanha Palentina: Ampliando a União de Compreensões Racionais e e Intuitivas pelo Princípio Hologramático

Encerrada a terceira Oficina, depois da costumeira sessão de comidas e bebidas variadas, a pesquisadora compartilha uma carona de carro com algumas das participantes, que falam sobre um “Círculo de Mulheres” que estavam organizando.

O círculo acontecia na lua cheia de cada mês. Participante de um “Círculo de Mulheres”, há alguns anos no Brasil, a pesquisadora demonstra interesse em se juntar ao grupo e é convidada para o próximo círculo. O objetivo era participar e posteriormente narrar a experiência como pesquisadora, dentro deste espaço. Caifa (2007), em relação a

pesquisa etnográfica, avalia que na experiência de campo, o processo de compreensão se dá a partir de uma “simpatia” no sentido de “sentir com”. Sendo a simpatia o afeto que permite a ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles. Para Caifa, este co-funcionamento ou simpatia é diferente da identificação ou da distância, que afastam a alteridade. E é com este propósito, que a pesquisadora na lua cheia de abril de 2012, sobe até a Montanha.

Faz muito frio na Montanha Palentina. A chuva umedece a terra depois de um longo período de seca. A pesquisadora se aproxima do local combinado. Como sempre fazia, quando se dirigia a Montanha, havia marcado um ponto de encontro no Hotel Valentim, no município de Aguilar de Campoo, onde deixava o carro e seguia com as outras mulheres. Depois de uma breve espera, duas das mulheres participantes do Círculo a esperam. Entram as três no carro que as levaria até o pequeno “pueblo” de Cezura, localidade do município de Pomar de Valdívia e que conta com apenas 8 habitantes. Este número de pessoas aumenta nos finais de semana e festas, como a de Santiago, animando a Igreja, templo românico com origem no Século XII, cuidadosamente restaurada e que convida a uma viagem a Espanha medieval dos Templários, cuja origem se perde na noite dos tempos.

A escuridão e o frio cessam ao adentrar na aconchegante casa onde as mulheres as esperam. O aroma agradável do chá invade repentinamente as narinas. Na sala, saboreando o chá bem quente, a conversa flui entre goles e risos:

“...São previstas oito mulheres para o ritual da lua cheia de hoje..um número mágico...representa o infinito” (Mulher. Participante do Círculo de Mulheres).

Mais uma vez se percebe a utilização pelas mulheres que anteriormente já haviam se expressado nas oficinas, de uma maneira de correlacionar as coisas que se poderia chamar “pensamento mágico”, na compreensão de Lévi-Strauss (2007), em o “Pensamento Selvagem”.

Lévi-Straus questionava se o pensamento mágico, considerado por Hubert e Mauss, como uma “gigantesca variação sobre o tema do princípio da causalidade”, se distingue menos da ciência pela ignorância ou pelo desprezo do determinismo; do que por uma exigência de determinismo mais imperiosa e mais intransigente e que a ciência pode quando muito, julgar insensata e precipitada.

Dois cães grandes, que se encontram ao redor da casa, ladram anunciando a chegada de mais alguém. São mais três mulheres. Agora, somam-se oito realmente, e se preparam com agasalhos e guarda-chuvas para subir uma trilha, que daria acesso até uma caverna, em uma região um pouco mais alta, na Montanha.

Os cães seguem junto com as mulheres e todos adentram a mata. Uma das mulheres acompanha a pesquisadora e conversam sobre seus estudos com plantas, da possibilidade de unir compreensões racionais e intuitivas.

A chuva e o vento vão umedecendo parte das roupas e o caminho se torna escorregadio. Quando a respiração já começa a ficar ofegante, chegam ao local pretendido. A sensação dentro da caverna é acolhedora, apesar da escuridão total. Uma das mulheres explica: “*antigamente os gitanos* (povos de característica nômade) *se abrigavam por aqui*”.

Com lascas de madeiras que haviam sido trazidas de casa, uma fogueira é acesa e, em colchonetes isolantes de umidade, as mulheres sentam-se ao redor, acendendo velas feitas com cêra de abelhas.

Uma das mulheres, orienta o ritual com voz suave. Inicialmente todas fecham os olhos, permanecendo em silêncio por alguns minutos. Somente se ouvem os cachorros correndo em círculos, aos redor das mulheres, trazendo uma sensação de segurança e proteção.

Depois, de olhos abertos, as mulheres são orientadas a ler um escrito que cada uma fora instruída a fazer, durante a semana que antecedeu ao encontro. O escrito se referia ao que queriam manter em suas vidas. A cada fala, uma das mulheres fazia soar um instrumento que visava reproduzir os sons da terra. De quando em quando, um recipiente com chá bem quente ia passando, para que cada uma sorvesse alguns goles.

A primeira mulher a ler, lembrou algumas frases da música de Mercedes Sosa “Gracias a La Vida”.

Na vez da pesquisadora, a mesma lembrou um cântico, que costumavam cantar as mulheres do Círculo que participava no Brasil em português-brasileiro: ..morrer...renascer...renascer...morrer. A roda está girando... a roda está girando. Depois de alguns minutos de silêncio, as mulheres perguntaram o significado destas palavras...

Quando todas haviam lido seus escritos sobre o que queriam manter em suas vidas, um segundo escrito sobre o que queriam descartar foi lido, e após a leitura, lançado ao fogo.

Ao final, a mulher que orientava o ritual pergunta às demais, se deviam permanecer para uma meditação a ser conduzida ali ou, se se por algum desconforto e adiantado da hora, gostariam de finalizar em um lugar mais abrigado, em casa.

O fogo ainda crepitava intenso, trazendo uma agradável sensação de calor e as mulheres decidiram ficar. A facilitadora então, explica que o texto para a meditação, se tratava de uma canalização (processo de comunicação energético-espiritual consciente com seres de outros planos, mundos e universos multidimensionais) enviada por uma mulher espiritualista, e começa a ler com voz firme, porém suave.

A canalização era sobre o poder do amor. Seguidas de algumas palavras a respeito do tema, a orientadora conduz uma visualização (uso da imaginação para construir novas possibilidades de comportamentos, emoções e sentimentos).

A visualização iniciava com o pensamento focado em uma cor rosa que saia dos corações, e a cada respiração inundava o círculo. As mulheres de mão dadas, imaginavam a energia de cor rosa saindo do círculo, enquanto elevavam as mãos, inundando todo o planeta. Depois, colocavam as mãos sobre a terra úmida, entregando todos “os fardos”(situações e sensações de peso). Em torno de meia hora, estava encerrada a meditação.

Mas, as mulheres continuavam em círculo, e começavam a partilhar situações de suas vidas, angústias, propósitos, expectativas. A pesquisadora, respondendo a perguntas das mulheres, conta, como era o círculo que participara no Brasil. Conta que tomara conhecimento do círculo através de uma mulher que conhecera há anos quando cursara a graduação na Universidade, e tempos depois a reencontrara.

Conta ainda que há alguns anos, esta mulher, promove reflexões com outras mulheres artistas, cientistas, empreendedoras, empresárias, que de alguma forma estão lidando com o poder e o empoderamento, e que gostariam de fazê-lo respeitando a orientação interna.

A madrugada vai adentrando e as mulheres continuam no local. Perguntam como a pesquisadora havia chegado até a Espanha e sobre seu trabalho de tese. A pesquisadora responde sobre o trabalho da tese, que se sentia um pouco aprisionada por sua própria crítica interna, ao escrever. Conta que gostaria de se entregar mais, que gostaria que fossem escritos que não somente surgissem da cabeça, da razão, mas também do coração e da intuição. Uma das mulheres comenta: “...*eu imaginava que no Brasil existisse bastante abertura para integrar todas as dimensões. Que este processo era mais natural*”.

A pesquisadora comenta que nos últimos anos está acontecendo mais abertura, principalmente com a expansão de teses, envolvendo a transdisciplinaridade a partir do florescimento das idéias de Edgar Morin, que vive uma boa parte do tempo no Brasil e já o considera sua segunda pátria.

Uma das mulheres em tom sério, começa a falar:

“...é importante que te conectes com uma planta...para que a planta te oriente. Ela irá te orientar como debes fazer para escrever a tese...quando te conectas verdadeiramente com a planta, passas a ser também “a planta”. Porque tudo está unido. E afinal, tudo é UM” (Mulher. Participante da Pesquisa).

Novamente se percebe uma maneira de pensar diferenciada da racional vigente. Se poderia falar de uma maneira hologramática, que segundo Morin (2007), demonstra a realidade física de um tipo assombroso de organização, na qual o todo está na parte que está no todo, e na qual, a parte poderia ser mais ou menos apta para regenerar o todo.

O princípio hologramático, discutido por Morin na construção do conhecimento transdisciplinar é considerado um princípio cosmológico chave. Concerne a complexidade da organização vivente, a complexidade da organização cerebral e a complexidade socioantropológica. Poderia ser representado pelo todo, que está em certo modo incluído na parte, que está incluída no todo.

No universo vivente, o princípio hologramático é o princípio chave das organizações policelulares, vegetais e animais; cada célula contém em si a totalidade genética do ser; cada célula segue sendo singular justamente porque, controlada pela organização do todo.

Deste modo se poderia reproduzir clonicamente todo o ser, a partir de uma célula. Em função desta aptidão produzem os seres policelulares células singulares especificamente dedicadas a reproduzir o todo; os germes, grãos, e maravilha hologramática, o ovo, a partir do qual se forma todo o ser. A galinha contém o ovo, que contém a galinha.

Se poderia identificar no pensamento da participante da pesquisa, além do “pensamento mágico” já explorado nas concepções de Lévi-Strauss, um “pensamento espiritualizado”. Morin (2007), reconhece o pensamento espiritual como um

conhecimento propriamente humano, mas sendo a emergência última de um desenvolvimento cerebral, onde acaba a evolução biológica da hominização e começa a evolução cultural da humanidade.

Para ele, o conhecimento cerebral é em si mesmo, um desenvolvimento particularmente original de um conhecimento inerente a toda organização vivente. O espírito humano, que só pode emergir em uma cultura, é inconcebível sem o cérebro, que é inconcebível sem inter-retro-poli-computações. Portanto, o conhecimento humano é por sua vez, espiritual, cerebral e computante.

Para Morin, se é certo que em nossa época tudo está em crise, a crise concerne não menos profundamente aos princípios e estruturas de nosso conhecimento, que nos impedem de perceber e conceber a complexidade do real, ou seja, a complexidade de nossa época e a complexidade do problema do conhecimento. Nossa possibilidade de futuro estaria no que se constitui o risco do presente: o atraso do nosso espírito com respeito às suas possibilidades. Diagnosticar o atraso, implicaria em passar da complexidade inconsciente (do cérebro), para a complexidade consciente (do espírito). Para o autor, a magia corresponde a um pensamento que é precisamente o pensamento simbólico-mitológico e, a magia pode ser considerada a práxis deste pensamento.

Algumas ecofeministas, segundo Puleo (2011), têm realizado sua crítica a visão patriarcal do mundo, desde a teoria cristã e a cosmologia neopagã, também pelas cosmovisões dos povos originários. Apostam por uma visão feminista, deixando para trás a concepção de um Deus Pai transcendente e de um mundo espiritual cindido com a natureza. Para a autora, partindo da ideia de que os seres humanos necessitam símbolos e ritos, entende-se que se deve propor novas formas de crenças favoráveis às mulheres e a Terra. Desta maneira, os símbolos patriarcais não seriam as únicas opções espirituais existentes.

Morin (2007) aprofunda a discussão, abordando o que chama de “duplo pensamento”: mitos, ciência e pensamento mágico, iniciando suas reflexões sobre nossos ancestrais, que no curso de milhares de anos desenvolveram técnicas e dispuseram e usaram suas estratégias de conhecimentos e de ação, de um pensamento empírico-racional-lógico. Através deste, produziram, ao acumular e organizar um formidável saber botânico, zoológico, ecológico, tecnológico, uma verdadeira ciência.

No entanto, estes mesmos pensamentos arcaicos acompanhavam todos seus atos técnicos de ritos, crenças, mitos, magias, e inclusive podia parecer aos antropólogos do

começo do século XX, que encerrados em um pensamento mítico-mágico, estes “primitivos” ignoravam a racionalidade. Desde então, tal visão foi abandonada pela antropologia contemporânea que inclusive tem reabilitado o mito de diversos modos.

O autor aprofunda ainda mais a discussão, destacando o problema chave da relação encontrada em todas as civilizações arcaicas, entre dois modos de conhecimento e ação: um simbólico/mitológico/mágico, e o outro empírico/técnico/racional; por uma parte existindo a distinção entre os dois modos; por outra parte se encontrando embricados complementarmente em um tecido complexo, sem que um atenua ou degrade ao outro.

Morin (2007) conclui que o desprendimento das grandes civilizações históricas, que começou há dez milênios, tem feito evoluir os pensamentos, assim como sua dialética, mas não tem corroído o pensamento simbólico/mitológico/mágico. Ele tem se desenvolvido, continuando a interpretar todos os atos práticos da vida, individual e social, apesar de que com os últimos desenvolvimentos da história ocidental se constituiu uma oposição entre a razão e o mito, isto não representou seu declive ou sua morte.

Posto que, em nossa vida cotidiana co-existem, se mesclam: crenças, superstições, racionalidades, técnicas, magias e mitologias, muitos trabalhos, entre eles, os do próprio autor, tentam destacar a presença oculta do mito no coração do nosso mundo contemporâneo e, mais profundamente a filosofia tem descoberto a importância do mito e interrogado seus mistérios desde o século XIX.

Morin se pergunta se verdadeiramente se pode “pensar” no pensamento simbólico/mitológico/mágico desde o ponto de vista do pensamento racional. Faz reflexões de que em seu primeiro movimento crítico, este não tem visto no símbolo nada mais que evocação poética, no mito nada mais que ilusão e puerilidade, na magia nada mais que superstição. Tem sido necessária a ampliação e a autocrítica do pensamento crítico, tentando interrogar acerca da universalidade, o sentido e profundidade do pensamento mitológico. Mas, o mistério do mito invade a quem o considera desde o exterior, sendo que, desde o interior, este mito não é vivido como mito, senão como verdade.

Do mesmo modo, a relação entre *mythos* e *logos* resulta escura desde o momento em que só se percebem seus antagonismos, senão também suas complementariedades. É preciso compreender que o mito não depende tanto de um pensamento arcaico superado, mas de um “Arkhe- Pensamento” que segue vivo. Procede do que se poderia denominar Arkhe-Espírito, que não um espírito atrasado, senão um Espírito Raiz que, em conformidade com o sentido forte do termo Arkhe, corresponde as forças e formas

originais, principais e fundamentais da atividade cérebro-espiritual, aí onde os pensamentos não se têm separado. Desta maneira, se pode conceber o pensamento simbólico/mitológico como a manifestação e a consequência polarizada dos princípios e processos fundamentais do conhecimento.

Com este entendimento, do pensamento arquetípico, ao lembrar do conselho da mulher participante do Círculos de Mulheres na Montanha Palentina, de conectar-se com uma planta, diante do simbolismo, vem a mente da pesquisadora novamente Marassínia. A idéia da planta poderia ser uma representação da Consciência UNA de Marassínia... consciência hologramática...uma planta, uma consciência, um arquétipo...como inicialmente tinha concebido o sentido e o significado de Marassínia.

Haveria de fortalecer seu contato com sua própria dimensão desta consciência planetária do poder do feminino, representada por Marassínia, para compreender melhor como escrever a tese. Ao mesmo tempo, lembrara do livro “Herba Moura” que havia lido, quando na parte final, uma das protagonistas, uma pesquisadora, decide modificar o enfoque da tese. A protagonista se chamava se Inês e usava a expressão “era chegado o tempo de ser Inês”, para referir-se a seguir seu próprio caminho. Quem sabe, chegara também o tempo de “ser ela mesma” e ousar arriscar-se com uma maneira própria, original de escrita...

O fogo agora havia se tornado um amontoado de brasas e o frio começava a se fazer sentir mais intensamente. Era uma hora da manhã. As mulheres se deram aos mãos e cantaram, dançando ao redor da fogueira “ Gracias a La Vida” em espanhol e a cantiga “Morrer, Renascer” em português.

Ao sair da caverna, a noite estava mais clara, embora não se pudesse enxergar a lua cheia. No termômetro do carro que as levaria de volta à casa, a temperatura era de 1°C. Mas o calor do vínculo de irmandade que se formara entre as oito mulheres, naquela noite, aquecia bem mais que seus corpos físicos. A conexão com a natureza, a oportunidade de compartilhar sentimentos, intuições e preocupações, a escuta atenta, a possibilidade de se expressarem e estarem em contato umas com as outras a partir de todas as dimensões de seus seres, trouxera um forte sentido de união.

A vivência do Círculo de Mulheres, bem como muitos dos conhecimentos que são fruto de um pensamento “espiritualizado” e que frequentemente emergiram nas oficinas com as mulheres, poderiam conter em si influências, em movimentos como o ecofeminismo espiritualista e outros movimentos com similitudes em suas formações e

símbolos. Este movimentos, no entender de Alves (2006), apareceram no mesmo período, na década de 1960. Alves situa a experiência espiritual das mulheres, no momento da crise ecológica desta década, associada ao surgimento de uma “nova espiritualidade” no Ocidente.

A autora enfatiza que para compreender a lógica destes movimentos, é preciso olhar seus símbolos e características, compreendendo este fenômeno que vem ganhando visibilidade na sociedade ocidental. São símbolos dotados de traços orientais e ocidentais que estão em articulação desde o século XIX e influenciaram primeiramente os Movimentos Populares dos Estados Unidos, especialmente o Movimento da juventude denominado “contracultura” rompendo com os moldes tradicionais, conservadores e utilitaristas da época. As raízes da contracultura se associam a entrada dos movimentos espiritualistas orientais e a popularização de uma crise ecológica, fazendo florescer uma nova visão de mundo onde algo novo e antigo surge.

Desde então, como aborda Puleo (2011), algumas ecofeministas têm realizado suas críticas a visão patriarcal do mundo, desde a teologia cristã e a cosmologia neopagã, atualmente também se interessando pelas cosmovisões dos povos originários.

6.8 Entrelaçando os Fios do Bordado Através do Florescimento da Criatividade: A Inclusão da Sensibilidade Artística e Estética como Elos entre os Seres Humanos e a Natureza

Alguns dias depois da vivência no Círculo de Mulheres, com o intuito de organizar o Seminário que deveria acontecer na Universidade e a Apresentação das Atividades do Ciclo de Oficinas que se estava encerrando junto a Comunidade da Montanha Palentina, uma Comissão de Mulheres se encontra com a pesquisadora, em Cervera de Pisuerga.

Se reúnem com o objetivo de conhecer as fotos de uma das responsáveis por uma agência de turismo que tem como atividade, nas horas livres, fotografar as paisagens da Montanha Palentina.

As mulheres, desejam conhecer as muitas fotografias que a agente de turismo tem sobre plantas, como intuito de organizar uma exposição para os eventos. A pesquisadora já conhecera aquela mulher que desejava muito participar das oficinas, mas que seu horário na Agência de Turismo não a permitia. Na ocasião, a mulher lhe fizera um convite para conhecer as belas paisagens da flora e fauna da Montanha Palentina e lhe confienciara:

“...esta semana estou muito feliz, porque estou realizando o sonho de comprar um carro 4 x 4 para sair pela Montanha e fazer fotografias... será um prazer, se quiseres me acompanhar. Quase sempre vou sozinha...sou apaixonada por esta atividade. Outro dia, estava tão concentrada, tirando fotografias de plantas, que nem percebi que um urso me observava. Depois que encerrei, o guarda florestal me avisou que ele estava me espreitando....durante um período saí para frequentar Universidade, mas o que eu mais queria era voltar para a Montanha Palentina. Finalmente, consegui este trabalho com Turismo, que me permite estar em contato com o que eu mais amo: a natureza e as pessoas daqui.”(Mulher. Fotógrafa de Paisagens da Montanha Palentina).

A fotógrafa em seus comentários, enfatiza sua admiração pela natureza da Montanha e pelas pessoas, preocupando-se com o futuro da comunidade, colocando em prática iniciativas de desenvolvimento na localidade.

Reunidas em Cervera de Pisuerga, e muito ativas em um fluxo de criatividade que as invade, as mulheres trabalham intensamente. A pesquisadora e a fotógrafa se responsabilizam em pensar como seria a exposição de fotos. As outras mulheres pensam como organizar a apresentação das atividades no Seminário da Universidade e na Comunidade da Montanha, incluindo a Homenagem a anciã de 103 anos. Uma delas comenta: *“Esta noite mal conseguia dormir...me surgiam tantas idéias...”* (Mulher. Participante das Oficinas).

A pesquisadora e a fotógrafa mergulham na imensidão de cores, sensibilidade, beleza e harmonia das fotos de plantas. Imaginaram que a exposição deveria acontecer acompanhada de música e expressando a cada foto, um sentimento.

As outras mulheres, se organizam com alegria. Uma delas, que tinha uma atividade profissional em uma função mais ligada as finanças, sente enorme prazer em criar um “power-point” sobre as atividades do Ciclo de Oficinas, envolvendo a arte. As horas parecem voar... e as mulheres continuam totalmente absorvidas.

A abertura de um espaço transdisciplinar durante o processo, estava resultando no florescimento da criatividade. Leão (2011), buscando bases teóricas em Ilya Prigogine, Charles Sanders Peirce e Edgar Morin, teóricos que defendem a comunicação sistêmica e o uso da sensibilidade como instrumento de interação e ação no mundo, enfoca o uso da criação estética com alternativa para o século XXI.

Sua proposta é de que se use a sensibilidade estética como instrumento para uma nova relação entre o ser humano e seu entorno. A autora acredita, que a estética pode assumir um papel de destaque no ambiente contemporâneo, como elo entre os seres humanos e a natureza.

Analisando os pensamentos dos autores, Leão encontra em Pierce a reflexão de que o pensamento racional não é completo, pois esquece o lado sensível, e assim, não atinge a totalidade humana. Já Prigogine e Morin, explicam a emergência da criatividade, fruto da incerteza e da irreversibilidade, na construção do futuro, sendo que Prigogine enfatiza que a criatividade está presente em todas as atividades da natureza.

No caso das mulheres, Estés (1994), defende em seu livro “Mulheres que Correm com os Lobos”, que a criatividade é parte de seus instintos, e deve ser alimentada para que as memas se sintam “vitalis” :

“...não é o bom comportamento mas a atividade que é a artéria central, o cerne, o bulbo central da vida criativa. O impulso para o lúdico é instintivo. Sem o lúdico, não há vida, criatividade...qualquer grupo, sociedade, instituição que incentive as mulheres a desprezar o que for excêntrico, a suspeitar do que for novo e incomum; a evitar o que for inovador, vital, veemente; a despersonalizar o que lhe for característico, estará à procura de uma cultura de mulheres mortas” (Estés, 1994. p. 174).

Na sua compreensão, a arte é importante porque celebra as estações da alma, não é só um marco de compreensão do próprio indivíduo, mas um mapa para aqueles que virão depois. A música, em especial, na sua concepção, cria uma consciência diferente, um estado de transe sendo todos os seres humanos e muitos animais, suscetíveis a terem sua consciência alterada pelo som.

A beleza que inspira o contato com as plantas medicinais, e todo o universo de sentimentos que estas evocam, inclusive enquanto as participantes das oficinas organizam o material das apresentações, bem poderia ser representada na frase de Vitor Hugo, que reaparece de outra forma em um poeta inglês, destacado por Morin e Hulot (2008) p. 124: “ Não posso crer nem por um segundo que as constelações sejam insensíveis ao perfume do espinho-albar”.

6.9 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Ampliação de Redes Transnacionais e Locais na Perspectiva da Produção Ecológica de Plantas Medicinais na Montanha Palentina

Naquela mesma semana em que acontecera a reunião do Círculo de Mulheres na Montanha Palentina, outro fato relevante para as participantes das oficinas acontece. Através de convite da pesquisadora na lista de e-mails para comunicação, acenava uma possibilidade de maior interação entre as mulheres do Norte da Espanha e Sul do Brasil:

“...convido a participarem da Conferência Virtual de Plantas Medicinais em Santa Catarina, onde contamos com um espaço mensal, que atualmente uma mulher de nosso Grupo de Plantas Medicinais em Santa Catarina (GEUPLAM), é a facilitadora. Ela está fazendo o doutorado em Saúde Pública na Universidade Federal de Santa Catarina. O espaço se chama telessaúde e é apoiado pelo Ministério de Saúde Pública do Brasil. No dia 11/04/2012 teremos a conferência sobre a linhaça (Linum usitatissimum)...”

Na data combinada, algumas mulheres puderam participar do espaço virtual a aproximação maior entre Brasil e Espanha se concretizava, ampliando a rede de interações.

Ao mesmo tempo, o interesse de algumas mulheres da Montanha Palentina em conhecer sobre o cultivo de plantas medicinais ia crescendo, e estas solicitam que se organize um visita aos produtores de plantas medicinais vinculados a Associação Palentina de Plantas Aromáticas e Medicinais (APAPAM).

O prefeito de Tordehumus, quando da visita da pesquisadora, havia comentado sobre a Associação que foi criada em 2008, contando com 16 agricultores, a maioria destes, pertencentes a Comarca de Terra de Campos.

Como antecedente a esta organização, acontecera a iniciativa de ITAGRA, que organizara a “I Jornada de Plantas Aromáticas e Medicinales” e experimentos de campo, organizados pelo Grupo de Ação Local ARADUEY.

O grupo estava agora, produzindo principalmente lavanda e um híbrido da lavanda, denominado lavandin ou “espliego”. Sobre o assunto, a Associação havia promovido a “II Jornada de Plantas Aromáticas y Medicinales”, com a presença de especialistas Europeus de outros países.

O evento havia discutido as possibilidades da Comunidade de Castilla y León, como uma das comunidades com a maior diversidade de habitats, e com condições de produzir plantas medicinais como alternativa aos cultivos convencionais. Destacara a possibilidade dos cultivos em contribuir para conservar a paisagem e manter a diversidade, além de proporcionar a vida das abelhas.

De acordo com informações obtidas no evento, em Palencia, crescem os cultivos de lavanda e lavandin, embora a flora que cresce espontaneamente tem sido pouco valorizada.

O evento trouxe dados, de que o cultivo de plantas medicinais e aromáticas na última década se tem incrementado em 10% em algumas províncias da Espanha, como no caso de Albacete. Em Castilla y León, cita exemplos de iniciativas de alguns grupos e pessoas como no caso de León com plantações de camomila pela PLANTAFARM e SORIA NATURAL, empresa dedicada ao cultivo de plantas aromáticas e produtos naturais empregando 60 pessoas de forma fixa e 34 de forma temporária, em Burgos, com a empresa CAMPEADOR (PORTAL DE TU CIUDAD, 2011).

Organizada a visita, algumas mulheres se dirigem até Palencia, junto com a pesquisadora, para conhecer a experiência dos produtores. O encontro acontece próximos as terras de cultivo, onde o Presidente da Associação e alguns produtores as esperam.

Depois de uma apresentação, os produtores que cultivam lavanda em uma área extensiva e utilizam alguns produtos químicos, dialogam com as mulheres sobre seus propósitos a respeito do cultivo de plantas medicinais. As mesmas deixam claro, que possuem pequenas propriedades e que têm firme o propósito de cultivar ou fazer o manejo das plantas de uma forma ecológica. Então, os produtores falam de uma mulher, que havia se incorporado a Associação há pouco tempo, e que possuía uma propriedade ecológica. Em alguns minutos a mulher está com o restante do grupo, que decide dedicar maior tempo em visita a esta propriedade ecológica. A harmonia e a beleza da pequena propriedade atrai os olhares das mulheres. A produtora ecológica explica:

“tenho esta terra que não recebeu nada de agrotóxicos até agora...é um compromisso...de momento, apenas estou usando adubação com esterco de cavalos. ..agora, cultivando lavanda...dá bastante trabalho...parece que não...mas também é muito gratificante” (Produtora Ecológica).

Uma das mulheres da Montanha Palentina comenta:

“ nós...a maioria, somos de uma Associação de Mulheres, que participamos de um grupo de consumo ecológico. Algumas temos ideias empresariais ...o que nos une é tentar trabalhar e viver na terra”(Mulher da Montanha Palentina).

O pensamento das mulheres em produzir ecologicamente, vem ao encontro a busca da transição para um desenvolvimento mais sustentável, gerando alternativas a partir de pequenos nichos, no caso com plantas medicinais, como visto na situação dos agricultores de San Pedro de La Tarce.

Depois de percorrer a propriedade, as mulheres entram na casa, provavelmente bastante antiga, mas muito bem conservada, com objetos também bastante antigos e curiosos. Sentadas confortavelmente ao redor de uma grande mesa, em torno do café que lhes é oferecido, escutam e olham com atenção sobre o trabalho da produtora ecológica, que mostra fotografias ao computador, explicando:

“ ... na França não se deixa descansar o terreno entre um cultivo e outro de lavanda. E o que tem acontecido? Começou a aparecer uma série de enfermidades. Por isso, abriram o mercado na Espanha... A França tem uma indústria superconsolidada ...mas apareceram muitos problemas de fungos e outros ... então quiseram introduzir em Castilla La Mancha uma lavanda típica... porque o mercado é muito fechado...as pessoas não querem que invadam seu setor...então me dei conta que aqui em Palencia havia uma Associação...e perguntei se poderia pertencer a Associação. Sabes? Depende de onde te queres meter...passa de tudo...nós já nos conhecíamos desde que éramos pequenos (...) eu...só tenho esta pequena propriedade. ..então depende da maneira como cuidas do solo...se plantas lavanda e colocas outros cultivos no meio, e aí não tens problemas..se fazes rotação de cultura com aveia, alfafa” (Produtora Ecológica).

A produtora ecológica demonstra um posicionamento crítico diante da lógica produtivista no desenvolvimento agrícola, preocupando-se em como fazer para evitar que a produção se torne insustentável, que o solo e conseqüentemente o cultivo, venha a ser depois de algum tempo inviabilizado como aconteceu no caso da França.A produtora continua sua exposição falando de um projeto que pretende desenvolver:

“eu me meti com lavandin porque desenvolvia trabalhos de restauração. E na restauração desenvolvo um estudo...na restauração se utiliza naftalina, e o produto cristaliza no ar, e isto se deposita nos tecidos. .. e não se elimina nem lavando. ..estive trabalhando com uma lupa, a 20 cm do tecido, e a naftalina, para mim provoca uma reação nos olhos, é muito mal, afeta também o coração... afeta um montão de coisas...então estive em um curso em Valencia, faz dois meses, com uma italiana, e ela utiliza um produto químico em gel. Eu estava pensando...em fazer um estudo...para misturar lavanda com louro ...isto pode ser um negócio...teria que ter apoio de um estudo...se eu estivesse na Universidade de Valladolid, eu poderia estar fazendo um estudo deste tipo, para dar saída a este produto para museus...para não se usar mais productos químicos. Mas teria que ter um estudo experimental...” (Produtora Ecológica).

A produtora, como discussões de Marques (2009), buscava fazer com que a produção ecológica de plantas medicinais culminasse no potencial para se construir um nicho de inovação, pela articulação de aprendizagens e estabelecimento de redes sociais. A pesquisadora se propõe a fazer o contato com sua orientadora, da Universidade de Valladolid sobre o assunto. Uma das mulheres da Montanha dialoga com a produtora, sobre a intenção de se cultivar ecologicamente:

“...estava dizendo que existe uma Associação que trabalha com a produção de genciana em Navarra. Estamos planejando fazer uma visita. Genciana se daria bem na Montanha...precisamos cultivar...porque está vindo muita coisa de fora. Outro dia estava olhando unidade por unidade de fruta e verdura...e quase tudo era de fora. Somente as abóboras eram daqui da Espanha... o restante...tudo de fora... as batatas, parecem que são de plástico, os tomates ...parecem chicletes...todo o mundo não pode viver na cidade...o campo não pode ser somente um parque temático que tu vais passar um final de semana de turismo rural...vais comer fora...e depois voltas” (Mulher. Participante das Oficinas na Montanha Palentina).

Outra mulher acrescenta:

“ Agora, temos que cortar a vegetação dos montes...porque já não há vacas comendo o que tem que comer...e aparecem os ratos...um desequilíbrio...é preciso

conservar todo um circuito....senão se rompe este circuito...” (Mulher. Participante das Oficinas na Montanha Palentina).

As reflexões das mulheres mostram a preocupação em colaborar, através da atividade agrícola, na transformação de um modelo que vem se revelando insustentável. Siliprandi (2009), discute sobre a necessidade das mulheres se fazerem visíveis, na análise das atividades e participação, como sujeitos políticos na construção do desenvolvimento sustentável.

A autora evidencia os pensamentos do teórico em agroecologia Juan Martinez Alier, em suas considerações sobre a importância do empoderamento das mulheres para as lutas ambientais, mostrando a contribuição que as mulheres podem trazer devido a sua posição de gênero. Apoio-se em pensadoras feministas, o autor aponta que em função da consciência das mulheres rurais em relação ao provimento de alimentos, água e outras necessidades primordiais comunitárias, estas, são afetadas em relação as mudanças no acesso aos meios de sobrevivência. Isto faz com que elas, em muitos casos, sejam as primeiras a reagir contra a privatização ou a escassez destes recursos.

E é com mais clareza quanto aos propósitos de cultivar plantas medicinais e do significado da atividade frente ao desafio da sustentabilidade, que as mulheres retornam à Montanha Palentina, deixando em Palencia, mais uma aliada, a produtora ecológica, descoberta na interação da rede social local (Figura 75).



Figura 75. Momentos da visita a produtores de plantas medicinais vinculados a Associação Palentina de Plantas Aromáticas e Medicinais (APAPAM). Palencia (Fotos: Paloma Jimena).

Logo, no dia seguinte, a Presidente da Associação de Mulheres enviava o convite na lista de e-mails do grupo de participantes das Oficinas: “...aqui envio a página web que comentaram ontem as pessoas que visitamos na APAPAM...fica em Lumbier (Navarra), perto de Sanguesa, a umas 3 horas e meia ou 4 horas de Aguilar de Campoo...reenviem a todas as mulheres do grupo de trabalho com plantas medicinais que possam estar interessadas e vemos como organizar uma visita...” (Presidente da Associação de Mulheres Tejiendo Cámbios).

Desta maneira, dava-se continuidade ao propósito de se conhecer experiências, com o intuito da produção ecológica de plantas medicinais, na Montanha Palentina.

6.10 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Quarta Oficina “ Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Da Expressão dos Sentimentos dos Participantes ao Desejo de Continuidade

A quarta Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” aconteceu com o propósito de se seguir com a dinâmica da troca de conhecimentos e com as reflexões decorrentes. Esta Oficina, contava com a participação ativa de alguns homens, que haviam se incorporado ao grupo. Um espaço físico aconchegante, abrigou os participantes e estava situado no município de Villanueva de Henares (Figura 76).



Figura 76. Villanueva de Henares, Montanha Palentina (Foto: Paloma Jimena)
(Foto: Paloma Jimena)

No início da atividade, o grupo já bastante à vontade, em um clima alegre, expressa seus sentimentos sobre as atividades que vinham se desenvolvendo nas oficinas:

“... as vezes achas que sabes algo, mas aprendes muitíssimo mais...” (Participante 1).

“...gosto muito deste mundo das plantas”(Participante 2).

“...me dá esperanças...gosto muito de ir ao campo e aprender... pois toda uma vida estivemos por aqui..e como não vamos aprender?” (Participante 3).

“...estou desde o início das oficinas, e estou aprendendo muitíssimo” (Participante 4).

“...eu sim! As conheço (as plantas). Levo 60 anos, colhendo plantas....creio que as conheço...praticamente todas...ao menos, elas sim, me conhecem, isto é certo” (Participante 5).

“ temos falado de 26 plantas...creio que é bastante. Queremos seguir com o grupo. Vamos combinar também... queremos fazer uma exposição dos conhecimentos que temos resgatado e aproveitarmos para que todas conheçamos a Nicolasa, com uma homenagem aos seus 103 anos de vida e sabedoria...” (Participante 6).

As falas demonstram a intenção de dar continuidade ao processo, mesmo sem a presença da pesquisadora, e que as participantes estão reconhecendo o valor de seus conhecimentos, o valor dos conhecimentos locais.

Após algumas combinações sobre a organização da exposição e o Seminário de Integração na Universidade de Valladolid, o grupo segue com o resgate de conhecimentos sobre as plantas. Uma das mulheres, que disse não conhecer muito de plantas, é convidada para escolher a de sua preferência, e começar a falar sobre: *“...esta sim, a conheço dos campos...”*. Ao final, se verifica que sabia muito... e não somente de plantas.

Em uma segunda etapa do encontro, a pesquisadora apresenta um “power-point” sobre a visita aos agricultores ecológicos de San Pedro de La Tarce, empresa de licores e ervas de Tordehumus e Escola de Capacitação Agrária de Santa Espina. O grupo aproxima-se da última oficina do Ciclo, e as mulheres decidem fazer neste encontro, um resgate de conhecimentos sobre cosméticos de plantas medicinais.



Figura 77. Momentos da IV Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Villanueva de Henares. Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Durante esta Oficina, foram resgatados conhecimentos sobre as plantas medicinais:

Nome popular - beleño negro. Nome científico - *Hyosciamus niger* L./ Família - Solanaceae. Fitogeografia - tem distribuição natural em toda a Europa, Ásia Central, Ásia Ocidental e América do Norte. Cresce em terrenos baldios, beiras de estradas e lugares arenosos, perto do mar. Na região da Montanha Palentina, encontram-se poucos. Parte usada - flores e folhas. Uso - para varizes (uso externo - infusão da planta seca).

Nome popular - aliaria, hierba de ajo. Nome científico - *Alliaria petiolata* (M.Bieb.) Cavara & Grande / Família - Brassicaceae. Fitogeografia - se estende por toda a Europa, deade a península Ibérica até as Ilhas Britânicas e o Norte da Escandinávia, Ásia Ocidental e Central, África Ocidental, Zona Norte e Noroeste da Índia e China Ocidental. Parte usada - folhas. Uso - como depurativa do sangue. Se usa comer em saladas e sopas, por seu gosto parecido com alho.

Nome popular - retama negra, escoba. Nome científico - *Cytisus scoparius* (L.) Link. / Família - Fabaceae. Fitogeografia - nativa da Europa Ocidental e Central. Parte usada - ramos. Uso - se usa para fazer escovas com os ramos secos. Para limpar a fuligem de fornos e chaminés, queimando-a quando seca. Se utiliza em fornos, para fazer pão. Se

utiliza para normalizar o ritmo cardíaco. Como diurética (flores colhidas quando recém-brotadas e secas). As sementes se utilizam para o gado, em caso de mordeduras de cobras. As flores se utilizam em procissões de Corpus Christi.

Nome popular - hoja de san juan. Nome científico - *Tanacetum balsamita* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - nativa do Oeste da Ásia, tendo se naturalizado em toda a Europa Meridional e Central. Parte usada - flores. Uso - usa-se na região, para adornar as ruas na procissão de Corpus Christi.

Nome popular - pulmonaria manchada. Nome científico - *Pulmonaria officinalis* L. / Família- Boraginaceae. Fitogeografia - se encontra em bosques e matas, e frequentemente é cultivada em jardins. Cresce por toda a Europa. Parte usada - folhas. Uso - usa-se as folhas tenras para se comer em saladas e sopas. Usa-se como expectorante, bronquite e inflamações respiratórias. Usa-se como sudorífica.

Nome popular - lengua de buey, bulgosa. Nome científico - *Pentaglottis sempervirens* Tausch / Família - Boraginaceae. Fitogeografia - se encontra em lugares sombreados, bosques. Parte usada - toda a planta. Uso - se utilizam os brotos tenros antes da floração e folhas tenras para comer.

Nome popular - pimpinela menor. Nome científico - *Sanguisorba minor* Scop. / Família - Rosaceae. Fitogeografia- nativa de regiões temperadas do Hemisfério Norte. Cresce em bosques e matagais. Parte usada - raízes, folhas. Uso - raízes e folhas são consumidas com verduras. As folhas são usadas em saladas ou como condimentos. Usa-se raízes e folhas como depurativas do sangue.

Nome popular - poleo menta. Nome científico - *Mentha pulegium* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - cresce em prados úmidos, quando se retira a água. Em Aguilar de Campoo se encontram muitas, nos pântanos. Parte usada - ramos. Uso- usa-se para dores no estômago e como digestiva. Para estimular a menstruação e para cólicas uterinas. Como repelente de pulgas e mosquitos (as folhas frescas, esfregadas na pele).

Nome popular - ficaria, celedonia menor, ficaria verna, hierba de las almorronas.

Nome científico - *Ranunculus ficaria* L. / Família- Ranunculaceae. Parte usada - folhas e gemas florais. Fitogeografia - nativa da Europa. Cresce próximo em lugares úmidos. Uso - usa-se para hemorroidas (amassada e fresca). Se come em sopas e saladas. As gemas florais são preparadas em conservas, no vinagre, como as alcaparras.

Nome popular - pedo de lobo. Nome científico - *Lycoperdon perlatum* Pers. / Família - Agaricaceae. Fitogeografia - encontra-se em bosques de coníferas e de árvores de folhas caducas. Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se como cicatrizante o pó (esporos) quando o fungo está maduro. Aperta-se o fungo e aplica-se o pó diretamente na ferida. Come-se o fungo quando fresco.

Nome popular - cardo de arzoya. Nome científico - *Carduncellus monspelliensium* All. / Família- Asteraceae. Fitogeografia - cresce em pastagens e matagais secos e ensolarados sobre substrato calcáreo. Na Província de Palencia é encontrada em Terra de Campos, Cerrato e Ladeiras Meridionais da Montanha. Alcança a zona de Espiguete e Curacavas, até 1900 m de altura. Parte usada - toda a planta. Uso - usa-se como cicatrizante (fervida).

Nome popular - hierba de santiago. Nome científico - *Senecio jacobaea* L. / Família - Asteraceae. Fitogeografia - se encontra em beiras de estradas, em terrenos baldios, em pastos úmidos e próximos a correntes de água. Parte usada - toda a planta. Uso - se utiliza para problemas circulatórios como varizes, para acelerar o parecimento da menstruação e combater cólicas. Se utiliza para lavar as feridas das ovelhas quando sofrem mordeduras de lobos. Usa-se para afugentar as moscas, para que não ponham ovos. Se usa, para inflamação dos olhos, para dores e úlceras cancerosas, reumatismo, gota, ciática, para dores de picadas de abelhas. Seu uso é externo.

Nome popular - marrubio. Nome científico - *Marrubium vulgare* L. / Família - Lamiaceae. Fitogeografia - se dá bem em solos férteis e secos, bordas de caminhos, canais, terrenos baldios, pastagens. Parte usada - ramos floridos e folhas. Uso - usa-se como expectorante, para sistema digestivo e nervoso (ramos floridos).

6.11 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Quinta Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”: Resgatando Conhecimentos sobre Cosméticos Naturais e Ouvindo sobre Percepções Femininas dos Mundos Visível e Invisível

A última Oficina acontece em um clima de muita descontração, no Município de Monasterio (Figura 78). O objetivo principal da Oficina foi resgatar conhecimentos práticos sobre cosméticos naturais.



Figura 78. Monasterio. Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Neste sentido, duas mulheres participantes do grupo ficaram responsáveis em organizar uma prática sobre este tema. Após breve apresentação do grupo, uma das mulheres responsáveis, com 66 anos de idade e pele praticamente sem indício de rugas, inicia, explicando sobre o creme que ensinaria:

“... parece uma bobagem... mas não é ...não é mais que malva e manteiga...nada mais. Nunca ouviram a frase? “espera que te vou deixar mais suave que uma malva” (risos). ..se esquentam em banho maria, e a malva, quanto mais amassada, melhor” (Mulher. Facilitadora da Oficina).

Depois de acompanhar a produção do creme de malva, outra mulher, conhecedora de cosméticos a base de plantas, compartilha seus conhecimentos:

“ Ao longo da história da humanidade, todas as civilizações têm transmitido de pais para filhos os poderes curativos das plantas e os benefícios dos remédios naturais, elaborados baseando-se em uma medicina fruto da Mãe Terra. Por isto quero propor sobre as plantas e seus óleos extraídos, que desde meu ponto de vista são os mais interessantes e sobretudo muito efetivos, e por isso não devem faltar em nosso “botiquín” (caixa para guardar medicamentos) de primeiros auxílios naturais. Falarei então, um pouco de plantas e óleos que não podem faltar em uma casa, não?” (Mulher. Facilitadora da Oficina).

A seguir, explica sobre os óleos e com ajuda do grupo produz um creme hidratante e nutritivo de *manzanilla*, que é colocado em pequenos potes e dividido entre os participantes.

Enquanto as mulheres esperam o tempo necessário para a produção do creme, um pequeno grupo reúne-se em torno de uma delas, que atrai a curiosidade sobre fatos de sua trajetória de vida e dos conhecimentos intuitivos, que havia adquirido sobre as plantas:

“ se me aparecia o nome ou a imagem de uma planta, no dia seguinte encontrava ela. Tinha eu 8 anos quando comecei... tenho agora 66 anos. Ninguém nunca me ensinou nada...vinha por intuição...eu observava...minha avó pedia: - busca mazanilla, busca arnica...e eu ia, sem saber qual era, e trazia. Quando completei 14 anos me presentearam com um livro, que ainda tenho hoje... olhei os desenhos das plantas...e no mesmo dia as encontrei todas... todas! E logo, quando comprei um livro novo...no dia seguinte...via as plantas. Não tem explicação...eu vivi outras vidas...os livros os tenho por todos os lados, de tudo que se possa imaginar...e tenho lido todos. Nem uma, nem duas, nem três vezes. Muitas mais...se não lês literalmente, olhas, fixas...e toda a vida foi assim...” (Mulher. Participante da Oficina).

Para a participante, a forma como havia construído seus conhecimentos sobre plantas medicinais, integrava dimensões de seu ser racional, e não racional. Ela já havia expressado seus conhecimentos intuitivos sobre plantas medicinais nas oficinas, e que vinham sendo acolhidos. Agora, contava um pouco de sua história, de como as percepções originárias de outras dimensões, que não a racional, foram integradas em sua vida.

Estés (2011) amparada em sua formação psicanalítica, com estudos da simbologia dos arquétipos, mitologia universal, econologia (ciência que estuda processos ecológicos e economicamente viáveis) antiga e popular, etnologia, filosofias espiritualistas do planeta e interpretações dos contos de fadas, aborda sobre a natureza psicológica da mulher. Estés, a chamou, do ponto de vista da psicologia arquetípica, de natureza instintiva, alma feminina ou “mulher selvagem”.

Para ela, esta natureza é a origem do feminino, abarcando tudo o que for instintivo, tanto no mundo visível quanto no mundo oculto. Esta “mulher selvagem” é simbolizada por uma velha, que está entre a racionalidade e o mito, e faz a articulação com o qual estes dois mundos gira. A este espaço entre dois mundos, Jung chamou inconsciente coletivo ou psique objetiva e considerava que é neste lugar onde ocorrem acontecimentos difíceis de serem explicados, inspirações e curas de toda natureza. Um local de riqueza psíquica, que se pode chegar através da meditação profunda, da dança, da arte de escrever, de pintar, cantar, tamborilar, da imaginação ativa ou qualquer atividade que exija intensa alteração de consciência.

Através de artes profundamente criativas se pode chegar a esta “fissura” entre os mundos e grande parte do que ocorre neste mundo inefável, permanece para sempre um mistério, por desrespeitar as leis físicas e racionais como as conhecemos.

Di Stasi (1996) em seu capítulo “Arte, Ciência e Magia” do livro: “Plantas Medicinais: Arte e Ciência: Um Guia de Estudo Interdisciplinar”, relaciona o conhecimentos dos magos, bruxas e feiticeiros de maneira que, todos interpretavam os acontecimentos da natureza e suas consequências, expressando uma determinada compreensão do universo e do relacionamento deste com o ser humano, muito próxima da compreensão que os pesquisadores hoje possuem.

Para ele, a importância da magia, feitiçaria e alquimia, não está apenas na contribuição para a gênese da ciência, mas pela enorme contribuição que os estudos e interpretação da natureza trouxeram para muitas áreas do conhecimento científico, com destaque para as ciências biomédicas.

Para Di Stasi, esta afirmação é evidenciada nos escritos de Paracelso, que mostram que a introdução da técnica cirúrgica no campo da medicina, foi uma absorção da arte dos barbeiros e cirurgiões de campanha, somada a arte das parteiras, bruxas, feiticeiras, astrólogos e alquimistas .

No caso das plantas medicinais, esta arte de benzedores, curandeiros, e xamãs, lembra Si Stasi, está sendo testada em laboratórios científicos, sendo um dos assuntos mais intrigantes e fascinantes das pesquisas a origem deste conhecimento, as formas e procedimentos para se descobrir as virtudes terapêuticas da plantas medicinais.

E, como uma das peritas na arte de lidar com as plantas, a participante da oficina que desde cedo cultivava uma profunda conexão com o mundo natural, conta como desenvolveu a habilidade de fazer cestas decoradas com plantas medicinais da Montanha Palentina:

“... toda a vida tenho feito cestas florais ... as pessoas dizem, isto é difícil. Mas como é difícil? ... para mim, é simples...é só ir colocando um ramallete... e outro...e outro...e decorar...e logo sai a criação da cesta”(Participante da Oficina).

Para ela, os dons intuitivos e criativos pareciam fluir muito naturalmente, mas, explica as outras participantes da oficina que a ouvem com atenção, como sofrera na infância, por ser considerada “diferente”:

“... pois tenho 3 irmãs...e minha mãe dizia que eu era a que não sabia nada...eu era surda e não utilizava a direita para nada...há quarenta, cinquenta anos atrás, se eras surda, eras considerada uma tonta. Todas as freiras, na escola me olhavam com preconceito...eu... dizia para minha mãe: - mamãe, como vou ser tonta? Se as freiras a mim nem se dirigem, não me explicam nada, e eu sei diminuir, somar, multiplicar e dividir? Sei também escrever... e ninguém tem me dito: - se escreve assim...como vou ser tonta? ... um dia, as freiras me fecharam em uma sala de aula, e meu pai, me encontrou as 4 horas da manhã...foi até as freiras perguntar: - minha filha tem que estar aí dentro....e me tirou de lá à força. ..pois desde então, comecei a aprender com uma professora particular...” (Participante da Oficina).

Como discutiu-se na construção do referencial teórico, ao longo dos séculos, as condições culturais têm sido destrutivas em relação a inteligência e criatividade feminina, que tem sido punida e censurada em vez de recompensada, ou recompensada apenas quando não se é mulher. Em resposta e estas correntes culturais sugere Estés (2011), é preciso contar como atos heróicos de superação. E sobre superação, conta a participante:

“...quando cresci, comecei a frequentar a escola de adultos e me graduei em auxiliar de clínica, geriatria, meio-ambiente...tudo o que estava ao meu alcance...com nota máxima em tudo....então disse: - olhem a tonta! ...o dia em que graduei, me senti a mulher mais feliz do mundo! Porque não me haviam dado oportunidade! Por isto digo que em toda a vida tenho lido e buscado...” (Participante da Oficina).

Quando os potinhos com creme com *manzanilla*, já estavam todos preparados, cada participante da oficina recebeu um, e com as sobras do creme de malva que fora preparado para demonstração, untam-se o rosto e as partes expostas do corpo, entre sorrisos e brincadeiras.

A última oficina estava encerrando...sobre o material preparado para a apresentação dos resultados e avaliação do processo, durante os eventos que estavam sendo organizados na Universidade e em Cervera de Pisuega, guardavam segredo...somente seria visto pela pesquisadora no dia dos eventos propostos para a integração de todos os atores sociais que haviam participado da pesquisa e da comunidade local e universitária.



Figura 79. Momentos da V Oficina “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Monasterio. Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Como produto sobre o resgate de cosméticos naturais na oficina, reuniu-se :

Creme de malva (*Malva silvestris* L.) - se utiliza para prevenir e suavizar rugas e dar suavidade e elasticidade para a pele. Lava-se um punhado de folhas de malva e seca-se

bem com um pano. Tritura-se até fazer uma pasta. Acrescenta-se 4 colheres de manteiga fresca, de boa qualidade. Coloca-se a malva e a manteiga para cozinhar em fogo lento, em um recipiente de vidro ou esmalte. Quando a mistura espessar totalmente e ainda estiver quente, passa-se por um coador metálico. Utiliza-se a mistura fria para massagear principalmente o rosto e o pescoço. Conserva-se no refrigerador, revolvendo-se de vez em quando. Faz-se um tratamento por 10 dias seguidos, no mínimo.

Sobre os Óleos:

- **Óleo de amêndoas doces** (*Amygdalus communis* L. var. *dulcis* (Mill.) Borkh. ex DC) - usado como hidratante e nutritivo da pele, para retirar a maquiagem, para combater estrias, como calmante para usar depois de depilação, para massagens em cólicas de bebês e crostas lácteas. Misturado com creme facial para potencializar seu efeito. Para equilibrar o pH da pele.

- **Óleo de rícino** (*Ricinus communis* L.) - usado para fortalecer as sobrancelhas, em casos de queda de cabelos, para prisão de ventre, tosse de crianças (aplica-se no peito e nas costas). Para limpar impurezas da pele, verrugas, inflamação dos olhos, hemorroidas externas.

- **Óleo de rosa mosqueta** (*Rosa canina* L.) - usa-se como regenerador celular, como cicatrizante, para rugas, manchas da pele, queimaduras, após a depilação, para a área dos olhos.

- **Óleo de onagra** (*Oenothera biennis* L.) - usa-se como regulador hormonal, para acne, dermatite, caspa, pele seca, queda de cabelo, olhos secos, unhas quebradiças, para os seios, para combater rugas, para artrite reumatóide, inflamações, extremidades frias, esclerose múltipla, recuperação do peso, funcionamento correto da bexiga, melhora da visão, asma, alergias e enxaquecas, como relaxante, como tranquilizante em casos de esquizofrenia.

Plantas Usadas na Cosmética

Aloe (*Aloe vera* (L.) Burm. f.) - usada em queimaduras, picadas de insetos, alergias, manchas, rachadura na pele e lábios, dermatite, seborreia, psoríase, urticária, herpes zoster, feridas, úlceras, abscessos, furúnculos, cortes, contusões, acne, rugas, como desodorante, para gengivite, conjuntivite, queda de cabelo, e para uso após a depilação e pós-barba.

Cola caballo (*Equisetum arvense* L.) - usa-se em casos de retenção de líquidos, problemas circulatórios, alopecias, pele sensível, para cortar hemorragias internas e externas, como

desinfetante, para limpar feridas, cravos, infecções, para atrasar os problemas oculares, de visão, para acalmar a dor.

Manzanilla (*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert) - usa-se como bactericida, tranquilizante, para facilitar a menstruação e aliviar dores, para combater colesterol, colites, sinusite, dores articulares, enfermidade de Crohn, enxaquecas. Para combater a caspa, para peles sensíveis, acnes, como tônico de peles sensíveis.

Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) - usa-se como uma planta rejuvenecedora, para melhorar doenças reumáticas, como cicatrizante, para alopecia, para facilitar a menstruação, como bactericida, para intoxicação alimentar, anemia, doenças sexualmente transmissíveis (gonorreia).

Rosa (*Rosa alba* L.) - usa-se como diurética, para dores menstruais, para clarear a visão, para depressão, nervosismo, como rejuvenescedora, como antioxidante, para aumentar as defesas, como tônico para peles sensíveis.

Ortiga (*Urtica dioica* L.) - usa-se como estimulante do aparelho digestivo, para diarreias, para combater hemorragias, para melhorar a circulação sanguínea, para estimular a formação de estrógenos. Para combater Alzheimer, melhorar o humor, como relaxante, para diabetes, varizes, impotência, como diurético; Para a cosmética, usa-se em casos de acnes, furúnculos, eczemas, herpes.

Quatro Passos Simples para Obter uma Pele Sã e Hidratada:

- 1- Limpa-se com óleo de amêndoas doces, leite, nata, azônio, óleo de oliva com açúcar em partes iguais (exfoliante), água oxigenada reduzida com água para desinfetar os cravos.
- 2- Tonifica-se com água de rosas, manzanilla, cola de caballo, romero, ortiga.
- 3- Hidrata-se com creme hidratante específico para cada tipo de pele.
- 4 - Nutre-se com creme nutritivo específico para cada tipo de pele. Se mistura partes iguais de óleo de amêndoas doces, rosa mosqueta, argán ou qualquer outro tipo de óleo dos listados acima.

Elaboração do Creme Hidronutritivo de Manzanilla- Creme usado para todo o tipo de pele, principalmente as mais sensíveis, para nutrir a pele do rosto e do corpo. Para o corpo, acrescenta-se menos quantidade de cêra lanette (cêra auto-emulsionante usada para fabricar cremes).

Ingredientes: 35 g de cêra lanette (espessante), 65 g de óleo de amêndoas doces, 70g de água de rosas, algumas gotas de essência de rosas.

Modo de preparar - Se macera a manzanilla em óleo de amêndoas doces. Se realiza uma maceração à quente, que consiste em verter a manzanilla em óleo de amêndoas, e se coloca durante 45 minutos em banho Maria, para que a manzanilla desprenda seus princípios ativos no óleo. Também se pode realizar a maceração à frio, que consiste em introduzir a manzanilla em óleo durante 15 dias à sombra, agitando de vez em quando, sem processo de calor. Uma vez obtida a maceração, se verte no óleo, previamente coado, a cera lanette, e por outra parte, em outro recipiente, a água de rosas. Se introduz os recipientes em uma tigela grande com água e se põe em dois recipientes o óleo com a cêra e a água de rosas, ao banho Maria durante 20 minutos, que precisa-se remover constantemente para que alcancem os dois recipientes, a mesma temperatura. Passado o tempo de exposição, já se pode misturar os ingredientes dos dois recipientes, o de óleo de amêndoas doces com a cera fundida e o de água de rosas em um recipiente, onde se tem que mexer constantemente, até que esfrie e comece a espessar (20 minutos aproximadamente).

Passa-se ao final a batedeira, para clarear o creme obtido, ao qual se agrega algumas gotas de essência de rosas, para dar aroma e propriedades calmantes.

Se se deseja produzir cremes com outras propriedades, se muda a maceração das plantas, e a cera lanette se pode substituir por cera virgem. Se se quer produzir um creme mais específico para as rugas, se macera em lugar de manzanilla, romero (alecrim). No caso de se ter uma pele oleosa, se pode macerar tomilho. Se a pele muito delicada, aveia.

Ingredientes para 10 pessoas: Multiplica-se por 10 as gramas que se tem, de cada ingrediente. Obtém-se portanto:

$35g \times 10$ de cera lanette = 350g / $65g \times 10$ de óleo de amêndoas doces = 650g / $70g \times 10$ de água de rosas = 710 g

Algumas gotas de essência de rosas (15)

6.12 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Interação e Socialização Transdisciplinar de Conhecimentos entre os Atores Sociais: “Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”

Finalizada a última Oficina, tendo a participação presencial da pesquisadora - porque a intenção do grupo era continuar - o processo de investigação participativo havia

mobilizado diferentes atores sociais, que de acordo com a visão transdisciplinar, poderiam se encontrar, para uma maior interação.

Era chegado o momento de uma avaliação do processo e ampliar sua visibilidade, bem como a dos atores sociais, onde seus diferentes pensamentos pudessem se encontrar, em busca de complementaridade.

Além do Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade e a Apresentação das Atividades das Oficinas em Cervera de Pisuerga que estavam sendo organizados, a pesquisadora recebera um convite do Comitê Organizador do III Seminário Internacional de Silvicultura, que contava com a participação do Instituto de Gestión Forestal Sostenible da Universidade de Valladolid.

Como estudante através do Programa de doctorado en Conservación y Uso Sostenible de Sistemas Forestales, representando a UNESP, recebia um espaço para falar sobre “O Aproveitamento Sustentável de Plantas Medicinais em Ecossistemas da Mata Atlântica e o Papel da Mulher na Construção do Conhecimento”.

Na oportunidade, expusera sobre o processo de resgate de conhecimentos com mulheres, desenvolvido no Brasil e os caminhos que foram abertos, no sentido do aproveitamento sustentável das plantas medicinais e a ampliação deste processo, na Montanha Palentina.

Alguns participantes do evento demonstraram interesse em saber mais sobre o tema apresentado, e foram convidados para o Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade que se avizinhava.

Faltava uma semana para a realização do Seminário e a divulgação circulava com o mesmo símbolo escolhido para a divulgação das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. O símbolo mais uma vez cumpria sua função de acessar a linguagem ao coração. A pesquisadora lembrou, quando em Santa Catarina, o artista elaborador da imagem havia fotografado as mãos de representantes do grupo organizador da V Jornada Catarinense e I Jornada Internacional de Plantas Medicinais...mãos...plantas...cores...círculos. Mais um círculo estava sendo acrescentado na espiral do processo, na construção do conhecimento, na vida, refletiu.

Mas quando olhava para a divulgação, se perguntava : - *Porque o Seminário não se chamava “Seminário Transdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade?”* Como fôra organizado participativamente, a maioria das pessoas envolvidas na

organização ainda preferiu, que assim se chamasse, embora a proposta fosse transdisciplinar, e a palavra fora inserida no texto de entrada da divulgação, que dizia:

“A construção de uma sociedade sustentável depende da necessidade de discutir a direção do desenvolvimento sustentável. A milenar temática de plantas medicinais, desde um olhar inter-transdisciplinar pode gerar importantes processos de construção de caminhos para a sustentabilidade. Integrar conhecimentos coletivos sobre a temática, em um contexto de busca de novas relações entre a humanidade e a natureza, assim como a necessidade de considerar as propostas de desenvolvimento que incluem novas relações entre homens e mulheres, é o propósito deste Seminário”

Haveria de ser assim. Tudo tem seu momento, e leva um tempo até que as propostas novas sejam acolhidas e incorporadas, avaliou. Motivada pela experiência dos eventos que ajudara a organizar em Santa Catarina procurou pensar, junto com o grupo, em todos os “pequenos detalhes” que poderiam fazer a “grande diferença”, desde um ponto de vista transdisciplinar, aliando-se a perspectiva de gênero.

Os detalhes incluíam a abertura, com a exposição artística das fotos de plantas que durante anos foram acumuladas pela mulher, fotógrafa da Montanha Palentina. Acompanhando a exposição, uma música que pudesse combinar com o “olhar” sobre as plantas e os sentimentos que evocavam, estaria integrada ao momento.

Além desta inclusão na abertura, as plantas estariam decorando o ambiente e trazendo embelezamento e vida. O antropólogo traria alguns “bonsais”, arte pela qual nutria grande paixão, e as demais plantas seriam coletadas em ambientes ruderais, na própria natureza: heras, papoulas, malvas silvestres... aliava-se assim à ciência, arte, cultura e espiritualidade.

Mas, antes do Seminário e da volta da pesquisadora ao Brasil, se fazia necessário visitar a árvore, que silenciosamente guardava os segredos de oito séculos de antiguidade.

A árvore carinhosamente conhecida como “El Roblón” (“o carvalho” em espanhol) já comentada na oficina de Estalaya, era um exemplar de carvalho (*Quercus petraea* (Matt.) Liebl). Já haviam sido feitas algumas tentativas de visita, desde o conhecimento de sua existência, na Oficina de “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” em Estalaya. Porém, todas frustradas, em função do tempo chuvoso ou com neve.

Em uma manhã cheia de sol da primavera que se iniciava, finalmente a visita seria feita. Juntas, três mulheres adentram por um bosque de faias, carvalhos brancos, espinho-álbar, acebos...a pesquisadora, uma amiga brasileira que viera de Barcelona e a mulher fotógrafa, que tão bem conhecia e amava aquelas paisagens (Figura 80). A fotógrafa, ia conduzindo as outras duas mulheres, mostrando cada detalhe e confidenciara:

“...quando tenho problemas, saio para estar bem perto desta natureza...e então...parece que tudo vai entrando nos lugares...que tudo se cura” (Mulher. Fotógrafa de Paisagens da Montanha Palentina).



Figura 80. Caminho de acesso para “El Roblón de Estalaya”. Montanha Palentina (Fotos: Fatima Chechetto e Marisol Cardina)

Quando a respiração já começava a ficar ofegante, se avistava “El Roblón”, protegido por um cercado de madeira, enchendo o coração do pequeno grupo da emoção de estar tão perto de uma árvore com 17 metros de altura e 10 m de perímetro, com aproximadamente 800 anos. Impossível não quebrar as regras e saltar o cercado de madeira, para dar um caloroso abraço no “abuelo” (Figura 81).



Figura 81. “El Roblón de Estalaya”. Montanha Palentina (Fotos: Marisol Cardina)

Dias depois, a sala número 1 do Aulário do Prédio do Campus de La Yutera da Universidade de Valladolid, desde as 16h daquele 11 de maio de 2012 estava preparada para um evento de caráter transdisciplinar.

Recebia os participantes do “Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”, que em suas dimensões física, emocional, mental e espiritual, eram tocados pelas imagens das plantas e sentimentos. Cada imagem foi programada para estar três segundos na tela de projeção, acompanhada de melodias instrumentais celtas com gaitas e flautas irlandesas. Tratava-se da abertura do evento, com a exposição artística: “Visão das Plantas da Montanha Palentina, Através das Lentes Femininas de Verena Iglesias” (Figura 82). Na tela, a exposição iniciava com as palavras da fotógrafa-artista:

“ Até hoje tenho guardado estas imagens somente para o meu prazer, mas me alegro de compartilhá-las com algué, que olha, em profundidade, os sentimentos da natureza”.

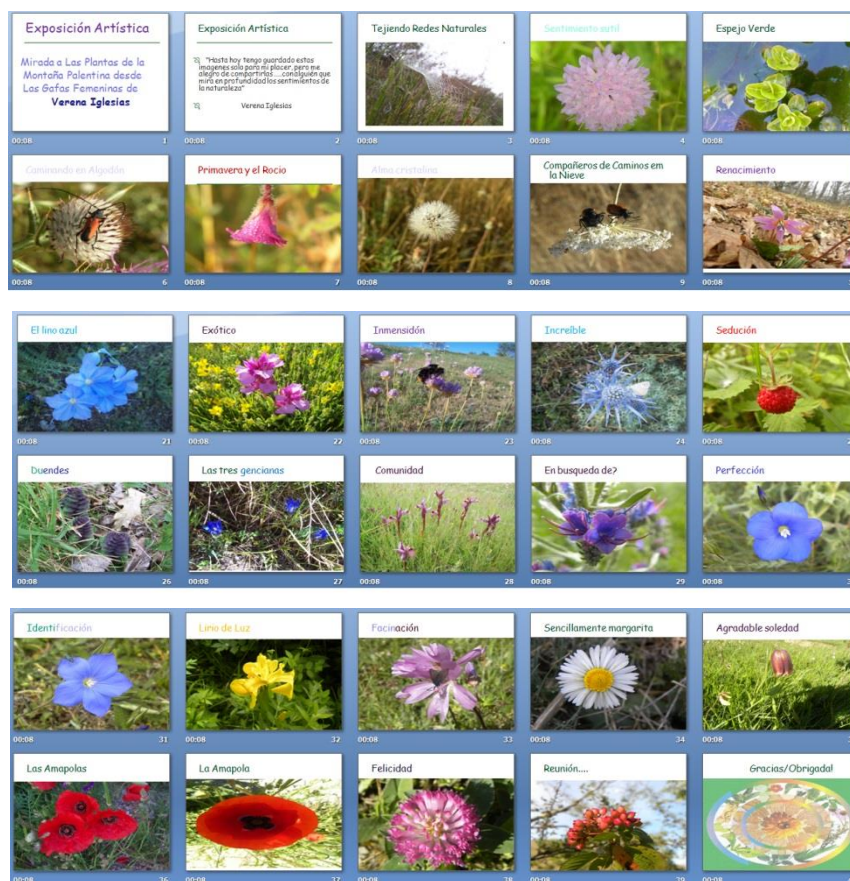


Figura 82. Exposição artística: “Visão das Plantas da Montanha Palentina Através das Lentes Femininas de Verena Iglesias”

Após a visualização de tão belas imagens acompanhadas de sentimentos e música, era possível anunciar a conferência inicial sobre “Sustentabilidade e Empoderamento Coletivo” pela Professora orientadora do estudo.

Depois da Conferência de Abertura, estava organizada uma Sessão de participações sobre investigações. Em um primeiro Bloco, o Professor, Engenheiro Agrônomo do Departamento de Produção Vegetal e Recursos Florestais da Universidade de Valladolid falou sobre a “História, Usos e Tradições das Plantas Aromáticas, Medicinais e Tintóreas do Cerrato Palentino”.

Em seguida, o antropólogo e pesquisador do Instituto de Investigações Antropológicas de Castilla y León da Universidade de Salamanca expôs sobre “A “Limpia” como Procedimento de Reequilíbrio nas Etnomedicinas Mesoamericanas”. A limpeza, se refere a limpeza que afeta todos os campos, biológico, psicológico e espiritual, de uma pessoa, lugar ou qualquer ser que se submeta ao ritual, conforme Mena (2011).

O antropólogo utilizando como referência seu livro, em colaboração com o italiano Francesco Di Ludovico :“La Limpia en las Etnomedicinas Mesoamericanas: un Acercamiento Antropológico a unos de los Procedimientos de Reequilibrio más Antiguos de las Culturas Mesoamericanas”, fala da “limpia” como uma ritual curador antigo (reequilibrador e harmonizador), desde quando o ser humano se via constituído por algo mais que um corpo tangível e uma mente sensível. Explica que para os nativos da Mesoamérica, por exemplo, como assinala Francesco Di Ludovico, além do corpo e da mente existe “algo mais”, não fácil de definir desde o pensamento ocidental, mas que poderia ser chamado de energia vital, que é parte integrante de toda a criação.

Discorre sobre os meios de se realizar a “limpia”, alguns deles utilizando determinadas plantas, agindo nos níveis emocional, espiritual, mental, físico e energético. Conclui, resumindo, que a “limpia” na Mesoamérica é um procedimento ancestral de reequilíbrio adaptado a cada pessoa, e cada momento e a cada lugar, proveniente do antigo xamanismo, e tem adotado formas terapêuticas variadas nas etnomedicinas. Lembra finalmente, que não podemos esquecer, que a mesma tem uma estreita relação com o velho simbolismo de renovação: “morte-renascimento”, que confere características e particularidades que vão além de sua consideração como meio de equilíbrio da saúde, do corpo e do sistema nervoso.

Ao trazer ao evento uma visão abrangente sobre a utilização das plantas medicinais com o o apoio da antropologia, uma discussão polêmica se faz após sua exposição. Isto se dá, em relação a exposição do palestrante anterior que havia se referido a parte da cultura popular como proveniente do mágico, secreto e oculto, sem fundamento comprovatório levando a falta de credibilidade em relação ao conhecimento científico, comprovado e com credibilidade.

Pala ilustrar o pensamento, o palestrante havia se referido a uma anedota que conhecera de infância em seu povoado, sobre um homem expulso da comunidade que escrevia uma carta a um vizinho por volta de 1612. Com profundos sentimentos, o homem recordava seus passeios pelas ladeiras na primavera, sentindo os aromas que se desprendiam das plantas, em plena floração, e os efeitos saudáveis que produziam nele que infelizmente não voltaria a experimentar.

Expressava a sua decaída e o pessimismo em que vivia em função da expulsão de sua terra, e o atribuía a ausência saudável das plantas. Por isso, implorava a seu antigo vizinho, que passeasse com uns chinelos pelas ladeiras na próxima primavera e as

enviasse, manifestando convencido, que sua recuperação se produziria enquanto calçasse estes chinelos.

O palestrante termina o relato, analisando que são frequentes estes tipos de crenças populares sobre as plantas medicinais e aromáticas, nas quais se conjuga o mágico e o mítico com o ocultismo e com a atribuição de aplicações de propriedades de eficácia sem limites, inclusive transmitidas somente com a presença da planta ou simples contato. Crenças que se misturam com o autêntico saber popular, fruto da experimentação e experiência, da utilidade comprovada de métodos e fórmulas de preparação e uso.

Conclui seu pensamento, de que hoje a informação é exaustiva, e filtrada pela experimentação comprovada, sendo necessário separar o trigo do joio e recuperar tradições e conhecimentos perdidos, no momento que se crê um novo interesse pelo natural, frente ao sintético. Admite que desde muitos anos, através do interesse despertado na infância por seu povo, tem coletado, cultivado, conservado e estudado as plantas medicinais e aromáticas por puro prazer pessoal, e em alguns momentos por razões profissionais, ou seja, com a esperança de que pudessem se converter em uma opção de cultivo para as terras palentinas, necessitadas de novos cultivos para diversificar as rotações, ou bem mais, reduzir o lamentável monocultivo de cereais propiciado pela Política Agrária Comum.

Com este intuito, o professor havia em 1988 trabalhado na organização da “I Jornada Técnica sobre Plantas Medicinais e Aromáticas” na Universidade, onde participaram professores, alunos e agricultores com a esperança de encontrar uma opção de futuro em seu cultivo.

O professor, trazia importantes contribuições ao “Seminário Interdisciplinar Sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”, sendo algumas destas contribuições, bem diferentes das que trouxera o antropólogo, em sua exposição anterior.

Como sublinha Villasante (2002), assim como as monoculturas suportam quaisquer crises de recursos naturais, piores que as zonas mais complexas ou biodiversas, onde há mais espécies diferentes e complementares, da mesma forma, em um Programação Integral, trata-se de que todos os elementos, por diversos que sejam, possam contribuir para uma finalidade conjunta complexa, onde cada um possa ter um papel específico. No entanto, quanto maior o número de interações, maiores as chances de conflito.

E é em situações, aparentemente sem saída que a transdisciplinaridade apresenta seu potencial, pois a postura transdisciplinar pelo afastamento que opera e pela aceitação das contradições que sugere, oferece um quadro possível de resolução. Esta resolução

surge da condição de colocar em tensão as oposições para encontrar valores nos quais todos possam se reencontrar (PAUL, 2000).

Chechetto (2003) salienta, neste caso, a importância da administração de conflitos através do diálogo, onde aconteçam mediações que ajudem cada parte a compreender os diferentes pontos de vista, para que se façam concessões e se chegue ao consenso. Neste sentido, no caso do antropólogo e do agrônomo, o primeiro traz referências de não se analisar os pensamentos provenientes de culturas de um ponto vista etnocêntrico, e o segundo, faz o reconhecimento da própria formação de “engenheiro” onde nos seus dizeres: “dois e dois são quatro”.

As mulheres da Montanha Palentina, também participam do debate polêmico que acontece, em função das diferentes visões que foram expostas pelos palestrantes, trazendo elementos de valorização da cultura popular, no caso das plantas medicinais. Vários participantes colocam seus diferentes pontos de vista, alguns defendidos com ênfase e apaixonadamente, o que confirma os pensamentos de Di Stasi (1996a) de que as investigações científicas com plantas medicinais envolvem inúmeros elementos que permeiam muitos campos.

Estes campos, vão desde a cultura popular, a medicina folclórica e todos os seus componentes, passando pelo misticismo de diversas filosofias e práticas de saúde que se utilizam de plantas medicinais, até o o desafio de se estudar detalhadamente uma espécie vegetal, determinando de modo exato e racional, a estrutura de uma nova molécula com potencialidade de se transformar em um medicamentos disponível e aprovado. Ou ainda, acessar um outro caminho, contendo um forte componente social e cultural, o de encontrar nas plantas medicinais uma importante oportunidade de solução de problemas de saúde, por meio da produção, comercialização e utilização de fitoterápicos padronizados.

Sendo todo este universo extremamente complexo e imbricado, necessita de compreensão, tarefa bastante árdua, que exige a inter-relação entre os mais variados profissionais, bem como, a população.

Di Stasi, neste sentido cita a o pensamento de Capra (1982), de que os cientistas não lidam com a verdade, mas como descrições da realidade, limitadas e aproximadas, da mesma forma com sempre agiram magos, bruxas, feiticeiros. O autor cita que existem forte elos, entre as atividades destes dois grupos de estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento e o aprimoramento de conhecimentos, quer nosso raciocínio positivista aceite ou não, esta forte ligação.

Por fim, Di Stasi admite que estas considerações são complexas, polêmicas, e relativas a uma concepção holística da realidade em oposição ao caráter cartesiano reducionista da ciência moderna. Para ele, os limites desta ciência já estão sendo evidenciados, apesar da relutância dos pesquisadores em aceitar e adotar uma estrutura mais global em seu conjunto de trabalho por a considerarem anticientífica. Novamente cita Capra, ao considerar que a estrutura holística já foi adotada pela física moderna, não sendo apenas científica, mas de acordo com as mais avançadas teorias científicas sobre a realidade física.

A polêmica gerada no Seminário, não se esgotou, no limitado tempo disponível, mas algumas arestas são aparadas, indicando que a continuidade de um diálogo pode acontecer em outros momentos, através da interação entre os sujeitos da pesquisa que se encontram.

A seguir, um investigador do Departamento de Engenharia Química da Universidade de Valladolid, traz conhecimentos sobre “Novos Métodos de Formulação de Óleos Essenciais de Plantas Medicinais”. Explica sobre o desenvolvimento de formulações para usar óleos essenciais de plantas aromáticas, próprias da Província de Valladolid, como biocida na agricultura ecológica e pecuária. No caso do óleo de lavandin ou lavanda híbrida (*Lavandula angustifolia* L. x *latifolia* L.), empregando biopolímeros (amido modificado e lecitina de soja), como emulsionantes e microcápsulas. Explica também sobre o estudo de vários processos de encapsulação para a obtenção de microcápsulas de óleo de lavanda (Figura 83).



Figura 83. Momentos iniciais do “Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”. Universidade de Valladolid. Palencia (Fotos: Fatima Cruz Souza)

Na sequência, em Sessão II, sobre Experiências em Produção e Comercialização de Plantas Medicinais, expõe o prefeito de Tordehumus sobre o Projeto de Licores e Ervas de

“Harmonia Vaccea” e o agricultor ecológico, apicultor de San Pedro de La Tarce que fala sobre a “Produção Agroecológica Integrada com Plantas Medicinais”.

O agricultor inicia sua fala, dizendo da intenção de dar continuidade a atividade agrícola enquanto agricultor ecológico, como faziam seus antepassados:

“...queremos que os “pueblos” tenham esta atividade que tiveram meus avós, bisavós ...eu sigo sendo agricultor como seguiu meu bisavô e tataravô e se assim desejarem poderiam seguir sendo meus filhos ou meus netos...a agricultura e pecuária ecológica não identifica as coisas como a uma máquina, por exemplo, se for uma vaca, como uma máquina de produzir leite... se um boi, uma máquina de produzir carne... a agricultura e pecuária ecológica não pretende isso, não se pretende a produtividade custe o que custar, mas sim a melhoria da produção sem sair dos parâmetros naturais...desta maneira, estamos desenvolvendo nossos cultivos”(Agricultor Ecológico).

O agricultor tem oportunidade de trazer para o coletivo, reflexões a partir de seus posicionamentos, e valores enraizados nos conhecimentos de seus antepassados. Faz também sua crítica à lógica produtivista no desenvolvimento agrícola e fala das atividades que desenvolve, da apicultura e dos cultivos, mostrando fotos:

“...eu me considero “colmenero” (termo rural usado para a atividade com as abelhas)...temos sido “colmeneros” toda a vida. Apicultor é um termo mais científico... temos também cultivo de plantas medicinais e aromáticas...aquí... (mostra fotografia) temos cultivo de amêndoas com alecrim (Figura 84) . O alecrim serve para controlar o crescimento da grama...a grama então não avança” (Agricultor Ecológico).



Figura 84. Cultivo agroecológico de amêndoas com alecrim. San Pedro da La Tarce. (Fotos: José Mario Domínguez)

Relaciona as atividades que poderiam se desenvolver na Montanha Palentina, encorajando as mulheres:

“ ...na Montanha Palentina temos atividades muito similares que aqui. Aí, temos o mesmo que nós aqui: trigo, cevada...e se vive de uma forma muito parecida...seguramente existem possibilidades de se fazer iniciativas com plantas medicinais ...então as mulheres que estão buscando iniciativas, eu digo que vão em frente, que ganhem confiança...que é muito importante recuperar os saberes e ofícios antigos...porque nos arredores de Palencia quase tudo se acabou... vamos recuperar aquilo que tínhamos...e se este país é nosso, não é somente dos espanhóis que estamos aqui...não temos o direito de saquear tudo...deixar tudo de pernas para o ar. Temos filhos, que seguirão, e precisamos ensiná-los a produzir de uma maneira honrada, eu diria...esta, é uma plantação de funcho, de meu amigo,(mostrando fotos) (Figura 85) podem ver que as varas secas das plantas servem de tutores para as seguintes plantas, que então vem com uma força mais virulenta, eu diria...” (Agricultor Ecológico).



Figura 85. Cultivo agroecológico de funcho. San Pedro de La Tarce
(Fotos: José Mario Domínguez)

O agricultor destaca elementos, considerados por Marques (2009), como fruto de uma consciência ecológica, adquiridos no processo de trabalho na agricultura local, da percepção do mundo em seu redor e em desacordo com o regime dominante. Esta resistência a homogeneização vai ganhando espaço, ao incentivar as mulheres da

Montanha para a produção ecológica de plantas medicinais, ampliando o fluxo de aprendizagens, compartilhamentos e trocas entre os atores sociais envolvidos. Além disso, como destaca Marques, novas maneiras e novas formas de pensar na inovação adentram nas Universidades e Instituições de Pesquisa. Isto se dá a partir de noções de que a inovação tecnológica pode e deve integrar modelos enraizados na sociedade ao invés de modelos de inovação homogeneizantes, quanto aos resultados esperados e processos de geração de conhecimento. Para a autora, a sustentabilidade é um desafio que deve ser partilhado pela sociedade como um todo e não apenas restrito ao mundo da ciência e tecnologia.

Durante o Seminário, um Segundo Bloco da Sessão I (Figura 86), que fora aglutinado no momento do evento com a Sessão III, que viria a seguir na programação inicial, trazia as investigações sobre “Ecofeminismo e Ética do Cuidado”, com a participação de uma mestrande em Estudos de Gênero e Políticas de Igualdade sob a orientação de uma filósofa ecofeminista, da Cátedra de Género da Universidade de Valladolid.

Neste Bloco, participava também a pesquisadora, com sua exposição sobre “Transdisciplinaridade e Plantas Medicinais no Empoderamento de Mulheres no Sul do Brasil e Norte da Espanha”.



Figura 86. Discussões do Segundo Bloco, Sessão I do Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”. Universidade de Valladolid. Palencia (Fotos Marisol Cardina e Fátima Cruz Souza)

Depois que este temas foram expostos, era chegado o momento das mulheres da Montanha Palentina tomarem a palavra (Figura 87).

Momento, em que se abria um espaço, para um exercício de inclusão, através da atitude transdisciplinar na Universidade. Espaço, para que fossem ouvidas, para que

pudessem participar a partir de suas percepções, como sujeitos envolvidas no processo, expressando seus pensamentos, emoções, vivências e experiências pessoais e comunitárias.



Figura 87. Participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” com a palavra no Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade. Universidade de Valladolid. Palencia (Fotos: Fátima Cruz Souza)

A primeira, a bióloga, o fez, tratando de falar sobre “As Oficinas de Investigação Sobre Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Ela representava a Associação das Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios” - Projeto de Cooperação Igualar de ACD Montaña Palentina e projeto Ruralab da Associação Interterritorial País Románico. As duas mulheres, que representariam as instituições, estavam participando de um evento fora da cidade, e apesar de se tentar ajustar uma data na qual pudessem participar, o grupo não conseguiu. Porém, a bióloga, com muita propriedade inicia sua fala:

“...eu vou contar como tem sido nossa experiência...como surgiu tudo isto...este processo...estávamos em fevereiro, e nos vem a ideia de fazer uma Oficina de plantas medicinais, porque estava na Universidade de Valladolid uma estudante do Brasil, com umas ideias...bom...pois queria ter um contato com nós, mulheres da Montanha Palentina, ...então, nos dispusemos a participar, nós as sócias da Associação, e fomos convidando mais gente de nosso entorno e de outras associações que pudessem ter interesse... e assim tem sido...pouco a pouco... temos organizado cinco oficinas...e agora preparamos este “power-point” (Figura 88) para que vejam como tem sido todo este processo. Nossa tarefa

tem sido de resgate popular, em diferentes localidades, evidentemente os contrastamos em determinados momentos, pois podíamos identificar uma planta que em uma “pueblo” se chamava de uma maneira e as vezes não sabíamos de que se estava tratando, mas, mais que uma revisão científica dos usos e virtudes que se lê nos livros, tem sido um resgate de conhecimentos, e me parece que isto tem um outro valor...”(Bióloga. Expositora sobre Oficinas).

A bióloga, destaca ainda que:

“...temos conhecido diferentes “pueblos”. A Montanha não é muito grande, mas temos nos movimentado em diferentes lugares. Muitas, não conheciam estas regiões e se há permitido...pudemos ver o entorno de diversas localidades. Cada Oficina era organizada por uma pessoa que tinha a ver com esta localidade. Por exemplo, em Estalaya, quem organizou foi a prefeita, e tratou de convencer as “sábias” de Estalaya, as mulheres conhecedoras desta região, para que elas contribuíssem um pouco, pelas plantas que utilizavam...então a pessoa que organizava a oficina, tentava agrupar as pessoas conhecedoras e que usavam plantas nesta região. E isto nos pareceu algo muito valioso nestas oficinas” (Bióloga. Expositora sobre Oficinas).

A bióloga destaca a articulação e responsabilidade comunitária, que acompanharam o processo, e relata sobre cada uma das Oficinas:

“...a primeira, se desenvolveu em Salinas de Pisuergra e tivemos uma exposição sobre todo o projeto desenvolvido no Brasil, e nos foi apresentada uma metodologia de trabalho, que pelo visto, foi similar a que se utilizara no Brasil, que a mim, pelo menos me agradou muito...usávamos a planta como um presente...havíamos levado plantas para a oficina, as que se usava nesta região...se apresentavam duas pessoas voluntárias. Uma, ia dar um presente, outra recebê-lo. O presente era a planta que a pessoa ia escolher a que mais gostasse, por seu colorido, pelo que sabias dela, pelo que não sabias...e então, a idéia era transmitir um pouco este conhecimento...e nos pueblos havia bastante gente de mais idade, que transmitem conhecimento para as gerações seguintes....efetivamente, a dinâmica era ativa e participativa...se conseguiu com que todas participassem. No princípio as pessoas diziam: - eu não sei muito de plantas...mas agora, estamos vendo,

que muitas das planta apresentadas aqui no Seminário, sim as conhecemos...Esta (mostrando as imagens) foi a Oficina de Estalaya...nesta Oficina, a prefeita tinha um livreto que pertencia a sua família, e tinha um montão de coisas anotadas de usos tradicionais das plantas...e ela também que tem interesse por plantas, vinha fazendo anotações neste livreto com desenhos e nos ia repassando nas oficinas...e fomos aprofundando...primeiro em Salinas e logo em Estalaya...em cada lugar levávamos plantas da região ...as vezes consultávamos livros para encontrar o nome científico da planta que estávamos falando...e não só falávamos das plantas medicinais e curativas, mas também de suas aplicações na culinária...e ao final sempre levávamos um pouco de comidas, feitas com plantas ...pois não faltavam degustações nestes encontros” (Bióloga. Expositora sobre Oficinas).

A bióloga, continua sua sua fala sobre a próxima oficina e outras atividades:

“ ...outra Oficina foi em Canduela, como dissemos, sempre organizada por pessoas que vivem no local, que tem alguma responsabilidade... para que viessem as mulheres da região...e desta forma temos desfrutado da riqueza da Montanha Palentina, de toda a sua paisagem, de sua gente e dos conhecimentos destas mulheres, principalmente. Logo, entre as oficinas, fizemos diversas atividades. Visitamos em Cervera de Pisuerga a uma mulher de 103 anos que está, creio, como qualquer uma de nós...porque esteve em entrevista que durou mais de duas horas e sem se cansar, falando...com 103 anos...vê, ouve, entende...e poderia ser pelo uso consumado das plantas medicinais. Temos também visitado uma associação de produtores de plantas medicinais. Vejam aqui nesta foto (mostrando a foto do power-point) ...são três “lugarenhas” (que vivem no local) que a princípio entraram nas oficinas dizendo: eu quase não sei nada de plantas medicinais. Mas, quando viam as plantas, começavam a falar: - esta serve para tal, e esta outro para tal... e se falavam de uma planta que não sabíamos de que estavam falando, iam até a horta e a traziam. Isto tem acontecido em Estalaya, em Monastério...também se levava produtos que tinham em casa como o óleo de hipérico, pomada de arnica. E se falava em costumes e rituais, usos veterinários se falou muito...porque a pecuária da Montanha Palentina necessitava destas plantas para curar seus animais... a nossa frase “não sabemos nada”, afinal se converteu no que usávamos para curar as feridas do gado, para enfeitar as ruas na festa de Corpus

(Corpus Christi) e quando estas plantas usadas estavam secas, no pó que usávamos para cicatrizar feridas...” (Bióloga, Expositora sobre as Oficinas).

E vai finalizando sua fala:

“...finalmente a última Oficina foi em Monastério, e aí está... (foto) fizemos receitas de cosméticos com duas companheiras que resgataram estes conhecimentos dos “pueblos”...nesta oficina ainda, um vizinho do Monastério nos trouxe a sete-sangrias, muito usada nesta área para o colesterol, encontramos a sempre viva, que para uma das participantes, é uma digna substituta em nossa região, da Aloe...sem falar nos licores de ervas, infusões...licor de “cantarelo”, “manzana”, empanada do horto de outra participante, torta de ruibarbo, madalenas (biscoitos) ecológicas de Canduela, geleias de escaramujo (fruto da rosa silvestre), yucca (mandioca)...uma “pequena degustação das plantas, que tivemos a oportunidade de provar...e de tudo isto, podemos dizer que não é o final das nossas oficinas de plantas medicinais...porque resgatamos isto: a importância de trabalharmos juntas, pessoas de diferentes áreas; a necessidade de conservar o ambiente; a importância de criar espaços de encontro para o conhecimento e o desfrute, tanto individual como coletivo; a percepção da capacidade agregadora das plantas, que fizeram com que muitas mulheres tenham participado das oficinas; o reconhecimento e resgate de saberes e a possibilidade de criar novas redes no território; o empoderamento e a visibilização de mulheres sábias, para o reforço das relações entre mulheres e homens, superando alguns estereótipos de gênero; e o desejo de continuar com este processo...”(Bióloga. Expositora sobre Oficinas).



Figura 88. Apresentação organizada pelas participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”

A segunda mulher a tomar a palavra, havia escolhido como tema de sua exposição “A Primavera”, e quis ser apresentada como “Aposentada Feliz”. Mas no momento de sua fala que vem a ser breve, pelo adiantado da hora, mas sábia e profunda expõe:

“...Buenas tardes! Eu tinha três anotações...e com uma já resolvo...somente vou falar de algo que ninguém tem falado ...que é o respeito que temos que ter pelas plantas...sejam medicinais ou não sejam. O respeito...vejamos, eu vivo num centro maravilhoso...de fato, tenho quantidades de fotografias de plantas que já não existem...e isto se dá por que nós não respeitamos...e as intuições não respeitam. Em vez de plantar plantas autóctones, pois plantam pinus... deixam os cereais que vivam muito bem, para as plantas medicinais que as aram, sem que elas queiram...e destroem, muito mais que constroem...e eu, com isto concluo: cada vez que fores ao campo e vês uma planta, por favor...é exatamente igual que um pessoa...tudo anda! Muito obrigada!” (Mulher. Participante do Seminário).

A participante, em sua forma de pensar afetiva em relação ao ambiente local, lembra o destaque de Puleo (2011) visto anteriormente, quando aborda a sensibilidade pelo vivo expressa pela botânica Barbara Mac Clintock, na compreensão profunda que

concebe as plantas como sujeitos possuidores de sensibilidade e reação ao entorno. A fala também traz uma crítica ao modelo de desenvolvimento utilitarista.

A terceira mulher a participar como expositora no Seminário, escolheu falar sobre uma avaliação, que fez, sobre as oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”:

“na primeira Oficina...foi um dia muito importante para mim e para muitas outras participantes...soubemos que no Brasil, graças a colaboração de um coletivo de mulheres, que faziam o mesmo que estávamos começando a fazer nós, naquele momento, tem sido possível que a fitoterapia fizesse parte da seguridade social do país. Pensava comigo: - ah...oxalá! Nunca se sabe, onde podemos chegar...então, estas oficinas têm sido um grande êxito. Normalmente participavam 25-30 pessoas, a maioria eram mulheres. Alguns homens também vieram...sobretudo homens e mulheres de todos os níveis...sociais, culturais...então o mais bonito era a vontade que traziam, todo o mundo, para compartilhar...tudo o que sabiam...e se formava uma energia! ...todos com vontade de falar...de explicar tudo o que sabiam...e as pessoas que não sabiam muito, com vontade de anotar e aprender...pois a verdade é que é fascinante voltar a utilizar as plantas que encontramos nos bosques, nos rios, poder recuperar tudo isto...a gente não dá importância. Que comecemos a usá-las para curar-nos, para tratar a pele...tantas coisas se pode fazer com elas. Porque já não as usamos...se compra tudo...não se utiliza nada...então ...estas oficinas têm colocado uma janela aberta à vontade e a esperança, porque o que eu sabia se passava para com quase todas as mulheres...tudo o que sabes...ah! São coisas minhas...para curar os filhos...a verdade é que tem um valor! ...continuaremos com as oficinas...” (Mulher. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

A quarta mulher a compartilhar seus pensamentos, a apicultora, o faz de uma forma bastante original. Inicia desenhando energeticamente na lousa, se comunicando verbalmente depois:

“em minha exposição de dez minutos, somente pretendo suscitar algumas questões, que são do meu ponto de vista, de minhas percepções e observações. Em primeiro lugar, não me agrada falar de plantas medicinais, pois parto da premissa de que todas as plantas são

elementos vivos, de um modo ou de outro....parto da premissa de Hipócrates, de que teu alimento seja teu remédio, e a partir dos alimentos estamos nos medicando continuamente. Portanto, as verduras, as frutas que ingerimos a cada dia, são estas também, plantas medicinais que incorporam ao nosso organismo vitaminas, oligoelementos, antioxidantes, proteínas...para mim, esta é a primeira questão importante”(Mulher. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

Em seguida passa a explicar sobre o desenho que havia feito na lousa:

“...bem...o desenho é de uma montanha, uma rosa, um aroma, um vale...e aqui, umas árvores, uma copa redonda, uma forma alongada e outra em ponta, como as coisas solares. Então, o que eu quero propor é, alguma vez tens perguntado, porque a orografia da terra, é como é, e se tem alguma função determinada? Imagine por um momento, a superfície da crosta terrestre: com montanhas pontiagudas, planícies, vales, lagos... imagine também, a forma das árvores, umas mais redondinhas como as frutas...outras pontiagudas... agora, se desenhamos uma linha reta divisória, através da terra (faz o desenho da linha na lousa), podemos ver duas capas: uma subterrânea, que é como um útero, e outra aérea, uma superfície, que é o que os nossos olhos vêem. E também podemos estabelecer duas forças que dão lugar a estas formas. Uma força que se denomina terra e empurra para cima e outra força, que posso chamar cósmica, que empurra aqui, abaixo. E nos pontos onde a força da terra é maior, a linha divisória se levanta em forma de montanhas...curiosamente, o ponto onde as forças se equilibram está nos vales. Esta é uma forma simples de explicar como interactivam o que agora são, os campos eletromagnéticos do nosso planeta, e de tudo o que nos gera através da atmosfera”(Apicultora, Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

A medida que vai expondo, vai convidando aos participantes experimentar outros pontos de vista:

“...vejamos que quando imaginamos o que conhecemos como a influência do sol e da lua sobre o nosso planeta, porque assim nos é ensinado nas escolas, ainda que não vemos como fazem...porque a mim, quando tentaram falar do sol me disseram: - tu realmente crês que a terra se move ao redor do sol, ou o sol se move ao redor da terra?

Porque realmente quando tu pisas um ponto, e não te moves em todo o dia das 24 horas, vais lá, e o sol está se movendo...então, a perspectiva muda, se é que podes sair, e ver fora do planeta ou não. Portanto, muitas vezes assimilamos coisas, simplesmente porque nos têm dito que são assim, e as aceitamos. E sem dúvida, não contemplamos a possibilidade de que o resto do planeta, do nosso sistema solar também, inclusive de toda a galáxia, estão exercendo uma influência na modificação da terra. Sabemos que isto é assim, mas não nos questionamos se realmente o resto de todo o sistema que temos acima de nossas cabeças está exercendo influência. Temos chegado a conhecer inclusive que a terra emite uma frequência, a ressonância Schuman, e tem um campo magnético missível, oque nos convida a pensar que tudo o que está suspenso sobre nossas cabeças também emite um frequência e têm um campo eletromagnético que interactua com todo o universo. A estas frequências, a que eu denomino portas cósmicas, que vêm de cima, da parte aérea, são portas telúricas que emanam desde o núcleo da terra” (Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

Em seguida passa a relacionar as plantas, de acordo com esta percepção mais sutil da terra:

“... e agora se observas as plantas, desde esta linha imaginária, como os vales sobem nas planícies e como sobem nas montanhas mais rugosas...observem como a vegetação dominante se encontra nos vales cultivados, onde realmente, se produz este intercâmbio energético equilibrado. A medida que vamos subindo, a vegetação é cada vez mais reduzida, mais curtinha, quase colada na terra, e inclusive, mais forte...isto, é ver uma perspectiva diferente das coisas...tentar ver a natureza desde uma visão diferente. Então, para mim, quando enxergo a natureza com estas transformações, com estes movimentos, como uma dança, realmente o que estou vendo, é como as coisas estão interagindo e como realmente em alguns lugares, as placas telúricas são muito maiores, que chegam a se materializar como a forma mais pétrea de uma rocha, ou como nas ondulações dos vales floridos, em uma grande rede de diversidade. Quem é agricultor ou camponês, sabe que a água que leva da chuva não tem o mesmo efeito nas plantas que as que se movem em um arroio. Portanto, o desenvolver das plantas exerce um efeito muito importante na energia cósmica que penetra na terra das plantas que comemos e utilizamos e que se desenvolvem nesta faixa, em que entram em comunhão, as duas forças. É uma forma de expressar que estamos completamente inter-relacionados...quem sabe, quando

os antigos falavam do espírito das plantas, observavam que nas árvores se pode ver, em suas formas, em suas cores, estes aspectos” (Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

E continua aprofundando o raciocínio sobre a vegetação, desde um olhar sutil:

“...também nos perguntamos porque a vegetação tem uma determinada forma. Do mesmo modo que tenho proposto aqui uma linha para a terra, para as árvores, também podemos ter algo similar. Realmente, a árvore que tem uma energia muito férrea, que libera bloqueios telúricos na terra, dispara-se portas acima, e curiosamente são árvores pontiagudas...que não têm folhas caducas, são folhas perenes, que são umas folhas muito duras, de uma natureza férrea, forte, mineral. E sem dúvida, temos outras árvores que são intermediárias, onde intervém as duas forças, especialmente a telúrica, de cima, mas algo se origina abaixo. E as que são de copa abundante, como as frutíferas que são as que geram os frutos que comemos. Então, igual que a vegetação dos vales, as árvores frutíferas, o que estão fazendo, é fazer interactivar estas duas forças, e combiná-las...é uma forma em termos simples, e poderíamos falar de seres e de frequências, mas o que realmente se quer explicar é que estamos nos nutrindo de tudo o que existe, tudo o que pisamos e tudo o que respiramos...quem sabe, quando os antigos falavam do espírito das plantas, podemos ver agora, que se pode traduzir sendo como uma trajetória específica para cada planta, para cada ser...e também que cada planta é um ser vivo, que sente e tem inteligência. Por certo, as plantas não pensam como os humanos, mas o que faz que uma semente concreta faça surgir uma planta que temos catalogado e que sempre nasce da mesma espécie, e se assemelha sempre, assim que nasce, de uma mesma espécie, formando umas flores e uns frutos muitas vezes determinados?” (Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

A apicultora responde suas próprias perguntas, fazendo mais questionamentos:

“... do mesmo modo, se alguém crê que é inteligente, porque tem a capacidade de pensar, outra pergunta é: - realmente, poderiam alguém de vocês, dizer o que pensavam quando estava se formando seu corpo, no útero de sua mãe? Provavelmente não. Porque nem sequer a mente pensante estava desenvolvida. Nossa cadeia de DNA tem uma

inteligência que deu forma a nosso corpo. Do mesmo modo que todos as nossas células têm uma inteligência que justamente sabe o que fazer em cada momento, sem que lhes demos instruções, desde nossa mente pensante...o corpo funciona só, e não temos que nos preocupar...nem sequer nos damos conta de como respiramos. Me atrevo a dizer, que toda a vida tem uma inteligência, que nos permite ser, sem que precisemos pensar para que exista....e onde quer que vá esta questão ... como os antigos sabiam para que podiam usar cada planta, se não dispunham de mecanismos científicos atuais? Talvez alguém possa dizer que observavam outros animais, principalmente os mamíferos, o que comiam, ou pela aparência da própria planta. Mas por exemplo, como se sabia que uma planta podia cicatrizar uma ferida, se os animais não têm a possibilidade de colocar-se um remédio com faixas? Meu ponto de vista é que houve um tempo em que os seres humanos utilizavam sua intuição, e eram capazes de entrar em ressonância com a frequência das plantas que necessitavam. E felizmente, hoje novamente existem seres na terra que estão desenvolvendo esta capacidade...desde o tempo dos romanos aprendemos todos a escrever com a mão direita, e agora sabemos, que função exata é a de nosso cérebro. Também nos guiamos por um calendário que tem pouco a ver com a natureza...com as colheitas...com as luas...e inclusive usava da prepotência dos homens, colocando nomes de imperadores nos meses, como julho ou agosto” (Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

E vai aprofundando seu raciocínio:

“...em medicina, a farmácia desenvolvia seus preparados `a base de plantas. Muitos atributos destas plantas conhecidos e extraídos do uso popular têm sido nos últimos séculos, validados pela ciência.

Agora, sem dúvida, a nova farmácia sintetiza quimicamente algumas substâncias das plantas com fins estritamente comerciais e se podem, as patenteiam para estabelecer um domínio para o resto dos seres. Desde um ponto de vista, estas substâncias têm perdido o espírito da planta. E ainda que a formulação química seja exata, sua frequência é diferente. Em agricultura ecológica, alguns sabemos, que um adubo orgânico tem uma força sutil, que não se encontra em um preparado de NPK, e a planta o recebe com outra alegria, e o manifesta com um brilho, um beleza em sua cor, que é diferente. Quem está no dia a dia com a natureza, com as árvores, com o campo, pode ver estas

apreciações sutis. Quem se lembra dos frutos das maçãs, por exemplo, de que se as colhem das árvores, têm como uma resina? Algo feio em sua superfície? É um aspecto sutil, aparentemente sem importância, quando a consomes. Mas, é nestas superfícies que se encontram substâncias que reforçam nosso sistema imunológico, do mesmo modo que protegem este fruto de fungos e parasitas. As plantas medicinais que fazem seu caminho por este planeta, sem a intervenção humana, nos fornecem estas substâncias sutis, estes aromas e cores ao nosso organismo. Definitivamente, umas frequências harmônicas surgidas da comunhão das forças telúricas e das portas cósmicas, o que os antigos chamavam de espírito das plantas, ou o que em termos modernos podemos dizer, o que nos mostra a física quântica” (Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

Adentrando mais, sobre os aspectos sutis das plantas:

“...do mesmo modo que nós, seres humanos, temos vórtices energéticos chamados “chacras”, também as plantas, as árvores, tem vórtices energéticos que se alinham com os vórtices Norte-Sul com o eixo da terra. Isto se pode ver, nestas áreas que trabalham com pêndulo, com forquilhas ou simplesmente com as mãos, pois fazem uma trajetória, principalmente nas árvores, porque são vegetais maiores, mais desenvolvidos.. com uma energia mais forte...esta é uma experiência que aprendi com um curandeiro. Este alinhamento que a planta faz, de forma natural em seu desenvolvimento, não nos damos conta quando nós, seres humanos, cultivamos as verduras transplantadas ou as árvores. Quem tiver a oportunidade, que observe a direção das folhas das dicotiledôneas de uma sementeira. Observar, como as duas primeiras forquilhas levam em uma direção, em sua maioria. Podem gerar pequenos círculos por causa de pedras ou algum obstáculo, desviando um pouco sua orientação, mas normalmente saem todas orientadas neste alinhamento. E também, assim, como nós seres humanos falamos de polaridade energética e mudança de energia do dia e da noite, da mesma forma, as plantas manifestam esta polaridade em sua parte aérea e abaixo da terra. Se pode medir pelo perímetro das folhas e das raízes, inclusive, quando falamos em termos sutis de energias, afinal, a ciência também não pode medir em termos de frequência. Neste caso, o perímetro vai marcar este aspecto, da polaridade da planta: que vai ter uma abaixo da terra, e outra na parte aérea. Também se tem observado, que esta polaridade vem para a terra pelas substâncias

químicas, carentes de vida, como químicos, pesticidas, herbicidas, etc... ou por aditivos, no caso dos seres humanos, como corantes, conservantes...nos produtos que consome o ser humano ...não somos muito diferentes das árvores, e o que fazemos as árvores, estamos fazendo conosco mesmos, conforme o que comemos...se temos em conta que a contribuição das plantas medicinais aos seres humanos se pode medir em frequência, também se pode evitar a coleta de determinadas plantas que estão em risco de extinção, e captar suas frequências vibratórias através da água e do silício, no quartzo. O quartzo se utiliza como condutor em computadores e também se pode utilizar para captar frequências vibratórias das plantas, para poder usá-las como remédios, sem necessidade de destruí-las, especialmente se pode fazer com plantas em perigo de extinção”(Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

E conclui seus pensamentos:

“...para concluir sobre as plantas, e sobretudo sobre toda a vida vegetal, a natureza e a vida vegetal, levam milhões de anos neste planeta...muitíssimo mais que os seres humanos, e têm sobrevivido a glaciações, vulcões, terremotos, sem a necessidade de nossa ajuda ou de nossa intervenção, a partir de uma inteligência alheia ao ser humano, que vive estressado e sem controle. Não posso aceitar, por exemplo, que se proíba o livre uso, cultivo e coleta de plantas, como é o caso da estêvia em nosso país, uma planta que permite adoçar a vida dos diabéticos, e que seu pedido reduz-se a atender a interesses, estritamente egoístas. Infelizmente, nós seres humanos, estamos permitindo que as multinacionais e empresas farmacêuticas, com o apoio dos governos, se apropriem dos genomas das plantas, das sementes...exerçam a apropriação indevida das plantas medicinais, um patrimônio vegetal, não somente cultural, que pertence a Terra e a Todos os Seres que habitamos nela: minerais, vegetais, animais e humanos. Como disse meu amigo índio: “quando vocês seres humanos, verificarem que para tudo o que tem construído, vai se destruir todo o vivo da terra e não se poderá comer, nem beber ...porque tudo o que toca o homem se converte em ouro - atualmente em dinheiro - e talvez seja demasiado tarde”...jamais vou permitir que qualquer lei humana me proíba de coletar, cultivar e utilizar as plantas que consumo, para fortalecer minha vida e a de outro ser, do mesmo modo que ninguém questiona proibir a uma vaca ou a um cervo eleger que plantas vai comer em uma pastagem, em um bosque ou em um espaço protegido. Se

constroes desde o AMOR, a compreensão que és um ser a mais que habitas esta terra, então a vida se manifesta e se comunica contigo de maneira diferente.” (Apicultora. Participante das Oficinas e Expositora em Seminário).

A abordagem peculiar da apicultora mostra uma “sintonia fina” com a observação cotidiana de seu entorno natural, um diálogo com a natureza. Como lembra, Pimentel (2006), na atualidade o ser humano diminuiu a capacidade de observação e contato com o ambiente natural, e o retorno em si, é altamente terapêutico e tem como significado voltar a própria natureza.

Talvez, a expressão que possa aproximar-se da definição da abordagem, seja a que a sábia indígena Sams (1993) chama de “linguagem do Amor”, que não constitui um sistema a mais a ser estudado, mas uma forma de vida a ser seguida. Que usa a sensibilidade e o despertar dos sentidos internos, para se conseguir “ouvir” os sutis ensinamentos de todas as outras formas de vida que nos cercam. A autora, também se refere a sabedoria, como um conhecimento interior, através do qual, se pode experienciar a ordem natural do universo, sentindo como ela se aplica ao próprio microcosmo.

Na continuidade das exposições das mulheres durante o Seminário, a quinta e última mulher, a tomar a palavra é proprietária de um herbolário, em Cervera de Pisuerga. Ela inicia sua fala, expondo sobre o trabalho que desenvolve no herbolário e do seu significado:

“...bom...eu tenho um herbolário em Cervera de Pisuerga, que é um “pueblo” bem pequeno, tem uns mil habitantes, e eu creio que coloquei lá este herbolário porque tenho uma mãe com quem tenho aprendido a herborizar plantas e fazer óleos com ela...cremes, infusões, cataplasmas...e graças ao herbolário, tenho visto a estas pessoas (participantes das oficinas). Me encantam estes temas...me apaixonam...tudo tem muito a ver...a perda destes conhecimentos, está muito relacionada com a perda de vida nas zonas rurais...muitíssimo obrigada por encontrarmo-nos aqui, com pessoas tão diferentes, e nos colocarmos em contato, as pessoas “da base”, dos “pueblos”... com o mundo acadêmico...pessoas que tem tanta importância...logo também no mundo rural...porque ali nos levam as diretrizes, as leis, e é muito interessante que se fale nestes espaços...porque nunca falamos nós mesmas, sempre fazem pessoas mais formadas, que estão por detrás de uma mesa... e é muito importante que se abram estes espaços... que

coloquem em contato as pessoas que têm algo a dizer...é isto” (Proprietária de Herbolário. Participante de Oficinas e Expositora em Seminário).

O horário de encerramento das atividades na Universidade já estava esgotado. Mas a professora da Universidad de Valladolid que orienta a pesquisadora em sua tese, faz um convite a todos:

“... Temos que sair...mas podemos seguir dialogando na saída...a ideia era colocar em contato o grupo da Montanha Palentina com as pessoas de Valladolid e Palencia, com a Universidade. Os processos, nunca sabemos onde vão terminar...faz dez anos, iniciamos a Associação de Mulheres na Montanha Palentina...começamos de um grupo de amigas, um pequeno grupo...e hoje já é algo bem diferente do que surgiu naquele momento... mas creio, que esta é a riqueza...começar a gerar processos coletivos, não? E este é o objetivo. Sugiro que tomemos dez minutos na entrada do edifício, ao menos para nos despedirmos, e termos alguns minutos de diálogo, não?”(Professora Orientadora. Universidade de Valladolid).

Ao se concluir o evento, percebe-se que as mulheres da Montanha Palentina participantes das oficinas, mostraram-se capazes de comunicar o aprendizado obtido na experiência, fazendo parte de debates e reflexões. Desta forma, ganham novos espaços, confirmando o pensamento de Lagarde (1999), de que o empoderamento implica na construção do desenvolvimento humano, com perspectiva de gênero. Empoderamento visível em suas vozes, que contribuem para a construção do paradigma de desenvolvimento sustentável, trazendo a público originais pontos de vista, reflexões, mensagens, idéias e valores antipatriarcais.

O ar fresco da primavera, envolvendo os participantes do evento que agora encontram-se na entrada do edifício da Universidade, convidava mesmo ao diálogo. E este, que acontece descontraído, sela a integração inter-transdisciplinar almejada durante todo o processo da pesquisa. Havia-se gerado um ambiente de acolhimento dos diferentes pontos de vista, de pluralidade, para a valorização das interações, que é o foco da transdisciplinaridade. Além de um ambiente para propiciar a experiência do aprendizado cooperativo e compartilhado, integrando realidades e pessoas, construindo conhecimentos

a partir destas realidades, trazendo saberes, vivências e experiências, vislumbres e sonhos como descreve Venturela (2012) a respeito das interações.

6.13 Entrelaçando os Fios do Bordado Através da Apresentação das Atividades do Ciclo de Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” na Montanha Palentina : A Entrega do Xale

Três dias depois, a Casa de Cultura de Cervera de Pisuerga estava repleta de beleza, com a vivacidade dos arranjos de narcisos, cestas decorativas com plantas medicinais da Montanha Palentina, vasos com plantas que foram estudadas durante as oficinas, e muitas fotos em seus ambientes. Muitas das fotos, vinham de um acervo cuidadosamente construído ao longo dos anos por uma das participantes, que em sua casa abrigava mais de trezentas imagens de plantas medicinais da Montanha Palentina, muitas das quais, já haviam entrado em extinção. Estas imagens estavam, por ela organizadas, em pôsteres com identificação botânica e informações.

Na apresentação das Atividades do Ciclo de Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, estava prevista a Homenagem a Nicolasa Casares Díez, guardiã da sabedoria ancestral em seus 103 anos. Também se objetivava reconhecer as participantes na Rede de Saberes que se construía, e a exposição das plantas e saberes resgatados (Figura 89).

A apresentação artística “Olhar Sobre as Plantas Medicinais da Montanha Palentina através das Lentes Femininas de Verena Iglesias”, apreciada durante o Seminário da Universidade, se repetia, seguida das falas da Presidente da Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios” e da pesquisadora.



Figura 89. Momentos iniciais da Apresentação das Atividades do Ciclo de Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Casa de Cultura. Cervera de Pisuergra. Montanha Palentina (Fotos: Verena Iglesias)

A pesquisadora, depois de sua fala, começa a apresentar um “power - point” com fotos e trechos das frases ditas pela anciã. Em um determinado ponto da apresentação, a anciã, começa a ler em tom de voz baixo as palavras projetadas na tela e a comentar: *...arnica, mil-em- ramas...como explicastes tão bem, filha!* (Anciã).

Então, a pesquisadora, deixa que ela tome a palavra e continue em voz alta:

“ ...meu pai e eu saímos para buscar folhas de eucalipto (Anciã lendo o texto)... ah! “madre mia”! ...ai tudo o que estou passando...se soubessem, toda a alegria que tenho, como estão me dando tanta alegria! Mas...se me estão dando vida, agora, o que faço eu? Se estou muito melhor que quando entrei? Isto não esqueço eu, nestes poucos anos que me restam”... (Nicolasa).

Ao que uma das mulheres participantes do evento responde: *“ ...se soubesses a alegria que estamos sentindo nós...”*

A anciã continua com disposição, lendo, sem óculos, e comentando o “power-point” até o final, quando recebe do público, muitas, muitas palmas. Pergunta então, se as pessoas presentes, teriam paciência para escutá-la. A Presidente da Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios” a incentiva, e ela fala:

“Ah...pois...eu não sei o que eu diria. Primeiro, quero agradecer pelo o que estão fazendo, porque estão me dando muitíssima alegria. Mas também...eu poderia dizer-lhes alguma coisa. Por exemplo, poderia dizer que eu sou uma Cerverana enamorada de meu “pueblo”, porque tem uns rios e uns vales, que não existem no mundo inteiro (palmas)”(Anciã).

A anciã, neste ponto de sua fala, se preocupa com o fato de as pessoas já não colherem e usarem as plantas, ao que uma das mulheres a tranquiliza:

“... Vamos te contar, que aqui formamos um grupo de pessoas, que vamos colher plantas e vamos usá-las”(Mulher. Participante das Oficinas).

Dando continuidade as atividades do evento, a Presidente da Associação de Mulheres, começa a expor sobre o Ciclo de Oficinas, mostrando imagens no “power-point” cuidadosamente preparado e mantido em segredo para a pesquisadora, até aquele momento (Figura 90):

“ Era uma vez a sabedoria das mulheres...porque são as protagonistas...muitas das quais, estão aqui: as pessoas que tiveram a ideia, as que disseram que sim, as que teceram a rede, e resgataram saberes...alguns homens que se atreveram...

As que disseram que sim: Paloma Jimena de ACD Montaña Palentina e Ana González da Associação País Románico...e a proposta chegou as que teceram a rede e resgataram os saberes...na Associação de Mulheres pela Igualdade “Tejiendo Cambios”, Tita Vélez, (que enredou Chelines Alonso da “Junta Vecinal” de Monasterio), Conchi Pérez e Loyola Tomé (que enredou as Ofinas de Empleo “Dársena II de Cervera de Pisuerga” e Maria José Bañón. Ana González que enredou a Gely Ruiz, Encarna Estébanez, La Cesta Verde e a “Junta Vecinal” de Canduela. Paloma Jimena que enredou (Ana Fraile, Alicia Lamalfa, Junta Vecinal de Villanueva de Henares, Ayuntamiento de Salinas de Pisuerga).

Da Associação espaço Aberto, Gely Ruiz (também enredou Chelines Alonso, Hermi Rodríguez, Johana M. de Luca, Inmaculada Corada, Alícia Garcia e Maria Ángeles Carnero. Da Cesta verde: Gema Cruz (que enredou a Charo López, Rosa Cruz e Amelia Esteban), Lourdes Gutiérrez, Maria José Zacarías, Lola Lorca (que enredou com Encarna

Estébanez), Esther Íbeas e Ellen Klablers. Ainda, Alicia Lamalfa (que enredou a Sara Díez e Genoveva Díaz), Karmah Salman, Maria Ágelis Gimenez. Da Junta Vecinal de Estalaya: Mónica Fernández, Maria Carmen Villanueva, Itziar Fernández, Amaia Fernández, Carmen Martínez, Zaida Largo, Maria José Álvarez, Sara Martínez, Amparo Fraile. Da Junta vecinal de Canduela: Aurora González, Aurora Martínez, Maria Jesús Lombraña. Da Junta Vecinal de Villanueva de Henares: Mari Carmen Seco, Maria Cruz Gutiérrez, Victoria Gutiérrez, Milagros Saiz, Concepción Saiz, Sonia González, Gloria Saiz, Susana Urraca, Araceli Argueso, Ángeles Pérez, Marisol Garrido. Junta vecinal de Monasterio: Teófila, Vicenta, Maura, Trini, Ángeles e Carlina. Os homens que se atreveram: Ángel García, Graciano Fernández, Nacho Ferrero, Rubín Díaz, Basiliso Fernández, Álvaro Carrasco, Mario. E a Oficina de reconhecimento de plantas medicinais, se transformou em algo mais: oficinas em Salinas de Pisuergra, Estalaya, Canduela, Villanueva de Henares e Monasterio (elaboração de cosméticos naturais), entrevista a Nicolasa Casares (que enredou a Verena Iglesias e Genoveva Díaz), visita ao cultivo, Seminário sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade, exposição de Plantas e Saberes Resgatados com a colaboração das Oficinas de Emprego “Dársena II” de Cervera de Pisuergra, Homenagem a Nicolasa Casarez e Reconhecimento de participantes na Rede de Saberes. Ainda que não soubéssemos, pode ser que tudo começara aqui (mostrando foto do local) em Gravatal, Brasil, em março de 2007, onde Ana Gonzalez e Tita Vélez coincidem com Fatima Chechetto, quem sabe, se este poder das plantas estava atuando desde já, então? Estavam visitando a experiência de Brasil, graças ao Projeto de Cooperação Ecosolidariedade entre Territórios ...e como sonhar é grátis, quem sabe soprando um pouquinho entre todas...poderá se encerrar o círculo onde começou e voltar ao Brasil, pode ser? Continuará ...” (Presidente da Associação Tejiendo Cambios).

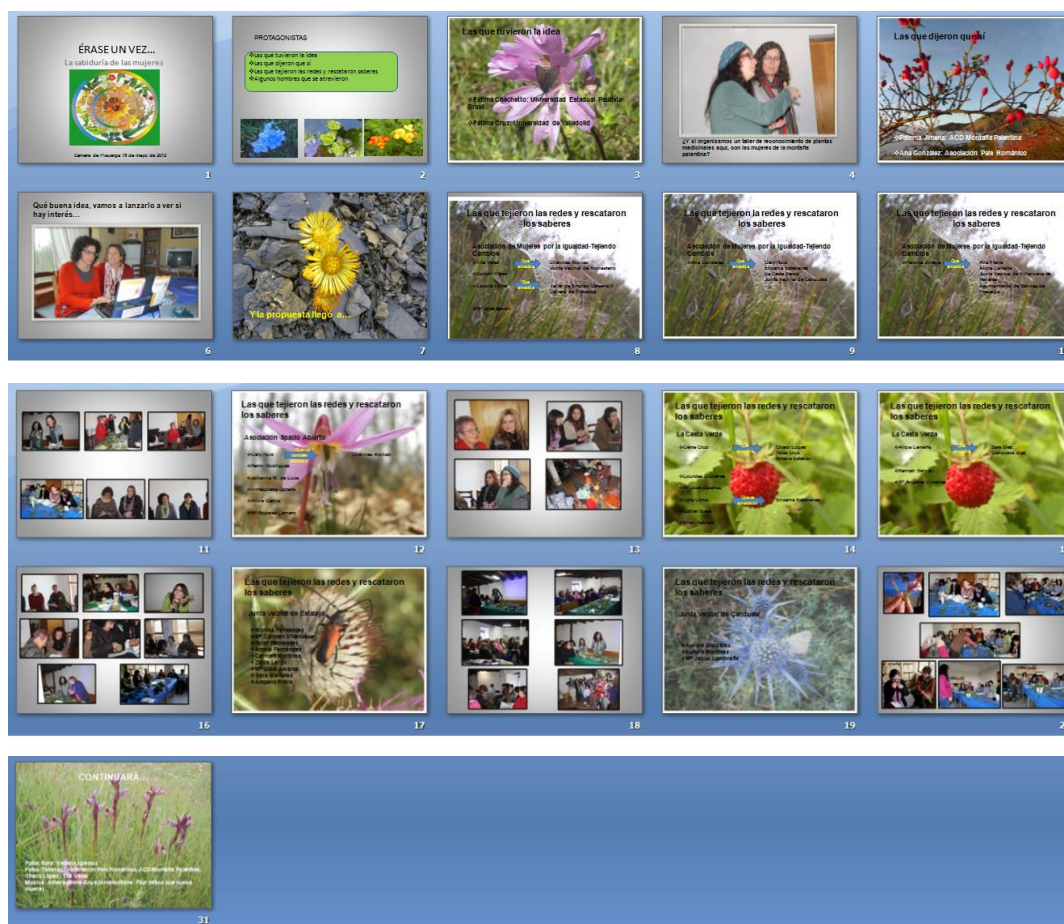


Figura 90. Apresentação organizada pelas participantes das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”

A Presidente da Associação de Mulheres, depois de fazer a exposição, convida:

“...agora, vamos acender a luz, subir as janelas, desligar o computador e voltamos a dar a palavra a homenageada...e a todas as pessoas que queiram intervir...a homenageada estava preocupada...que ninguém vai sair para colher plantas, não é verdade? Pois eu quero que venha uma das participantes...” (Presidente da Associação Tejiendo Cambios).

Uma participante, aproxima-se da anciã com uma linda cesta artesanal de plantas silvestres e lhe diz (Figura 91):

“... eu colho elas...as plantas tu não tens que colher. E vou viver 103 anos pelo menos...olha, fui colher plantas e fiz uma cesta para que leves para tua casa.Tem muitas medicinais aí...” (Mulher. Participante das Oficinas).



Figura 91. Entrega de cesta artesanal de plantas silvestres a anciã. Cervera de Pisuerga, Montanha Palentina (Foto: Paloma Jimena)

A anciã responde: “.. *para mim? Ai que lindas...ai que alegria!*” (Nicolasa).

Junto com a cesta, a anciã recebe um Certificado de Reconhecimento (Figura 92) que diz: “*das pessoas participantes das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, por sua sabedoria e disponibilidade para compartilhar seus conhecimentos sobre as plantas Medicinais da Montanha Palentina*”. A anciã retribui: “*gracias...não sabem o quanto me alegro!*”



Figura 92. Entrega de Certificado de Reconhecimento a anciã. Cervera de Pisuerga, Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Uma participante, em nome de todas as mulheres, se aproxima para dar um presente a anciã (Figura 3), dizendo: *“isto é para que te lembres de nós, quando o usares...”*



Figura 93. A anciã recebe de presente um xale das participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Vestindo o belo xale e com um maço de narcisos da Montanha Palentina que ganhara de presente, a anciã tem os olhos brilhando quando diz (Figura 94): *“...Que alegria me estão dando...não sabem o quanto vale! Bom...com isto vou viver 200 anos! Assim estou de “guapa”(bonita)! Quanta alegria! Resulta, que sou a “abuela” de Cervera...quando saí do carro, não via...nem ouvia...quando entrei aqui, era tudo uma névoa...pois agora tem desaparecido a névoa...”*(Anciã).



Figura 94: A anciã veste o xale e segura um maço de narcisos da Montanha Palentina, enquanto agradece. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina (Fotos: Paloma Jimena)

Recebe ainda, outro presente: um creme de manzanilla, feito na última oficina, em Monastério.

Em seguida, é homenageada a pesquisadora, com uma cesta artesanal, um certificado e um presente: um colar com um coração, uma semente de planta, e uma chave...

Uma das participantes também recebe um presente especial: uma tesoura, para coletar plantas, sem danificar as raízes, ao que responde: “*eu me sinto feliz, tão feliz...*”

E, a fotógrafa de plantas da Montanha, recebe um creme...

Mas definitivamente não era o final, como nas palavras da Presidente da Associação de Mulheres: “*...no dia 16 de junho, voltaremos a nos encontrar...*”

Antes, que todos se dirigissem a entrada do salão da Casa de Cultura, para apreciar as fotos e plantas da exposição, e degustar os costumeiros pratos da Montanha Palentina, uma cunhada da anciã homenageada, pede a palavra: “*...eu queria dizer...que sigo o exemplo dela...ao vê-la tomando as ervas, sigo tomando...e já tenho 96 anos...*”

E acompanhando carinhosamente a anciã, que seguia com o xale que ganhara de presente, orgulhosamente ostentado em seus ombros, mulheres e homens pareciam retornar à casa...honrando a Terra e o caminho dos Ancestrais (Figura 95).



Figura 95. Participantes das Oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade” acompanham a anciã. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina

A pesquisadora internamente sabia que a entrega do xale para Nicolasa era o sinal a que Marassínia tinha se referido, quando lhe pedira de presente o “Xale de Retalhos”. Sabia que era também o momento de entregar o Xale para Marassinia e voltar para casa...as chaves...já havia ela recebido de presente, junto com o coração, a semente de plantas e um livro (Figura 96) ... voltar para casa... entendendo a casa em sentido amplo, compreendendo a Terra, como a casa de todos.



Figura 96. Presentes recebidos pela pesquisadora de participantes das oficinas “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”. Cervera de Pisuerga. Montanha Palentina (Foto: Fatima Chechetto)

Era hora de Marassínia tomar o Xale e colocar sobre os ombros. Para experimentar o cuidado, o amor e a proteção... na qualidade de uma faceta do poder da consciência do feminino, que entende o Planeta como uma única Comunidade Global, a que pertencemos solidariamente todos. Na qualidade de “Terra” como “Mãe”, tal qual, era considerada em muitas sociedades, como no pensamento de Herrero, Cembranos e Pascual (2011): como um organismo vivo, em evolução, considerando esta nova consciência, mais sustentável.

O Xale... tecido com os retalhos de cada etapa da trajetória (Figura 97). Era o momento de dar o presente para Marassínia e consequentemente para todos os cidadãos terrestres como ela dissera ...para que permanecessem bem vivos os ensinamentos ancestrais sobre as plantas medicinais... e para que sempre se possa trocar informações, e deixar que vivam todos os Ensinamentos Tradicionais...para que a excelência de cada um durante todo o processo, possa ser compartilhada com muitos... e que muitos possam voltar para o lar, onde está o coração.

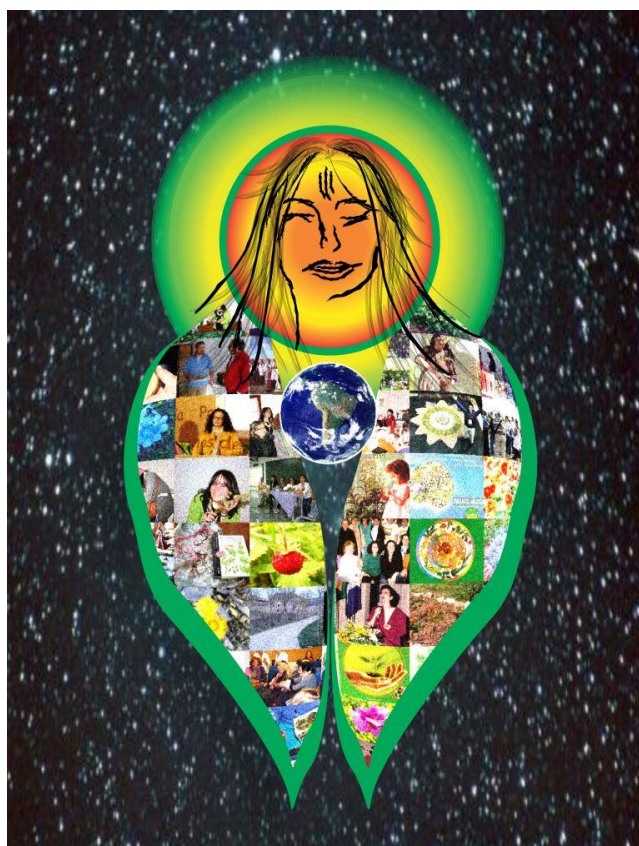


Figura 97. Marassínia recebe o “Xale de Retalhos”
(Imagem: Barcelos de Souza Fernandes)

6.14 Destacando a Segunda Metade do Bordado do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”: Síntese II

A análise-reflexão e síntese sobre o processo de construção desenvolvido através do resgate de conhecimentos de plantas medicinais, junto a mulheres da Montanha Palentina - Espanha, no período de fevereiro a maio a 2012, mostra que o mesmo conduziu-se a partir de referencial teórico-prático-metodológico, com foco na visão transdisciplinar com vistas ao empoderamento de mulheres na região Sul de Santa Catarina-Brasil e aperfeiçoado com apoio dos estudos de Cruz (2006) e outros estudos, através da Universidade de Valladolid.

A partir deste referencial, foi possível discutir o interesse de um grupo inicial de mulheres da Montanha Palentina, sobre a construção de um processo participativo de pesquisa. Neste primeiro momento, em atividade de demonstração de resgate e intercâmbio de conhecimentos, as participantes tiveram a oportunidade de experimentar sentimentos de integração com a natureza.

Esta integração se deu através do estudo coletivo sobre plantas medicinais com o objetivo de reconhecer o papel das mulheres na qualidade de observadoras, investigadoras e co-criadoras do conhecimento.

A abertura deste espaço democrático e participativo, com o reconhecimento e valorização do saber feminino ancestral, incluindo os aspectos sensíveis e intuitivos deste saber, e o respeito e integração de todas as formas de conhecimentos, levou o grupo ao desejo de dar continuidade ao processo.

Paralelamente, buscou-se a aproximação de outros atores sociais locais, detentores de conhecimentos relacionados a temática das plantas medicinais, em relação aos saberes populares e científicos.

Neste sentido, “descobriu-se uma das guardiãs do patrimônio natural em plantas medicinais da Montanha Palentina, a anciã que mobilizou o grupo, no sentido de registrar seus saberes e reconhecer seus conhecimentos. Além disto, a aproximação com a anciã foi responsável por uma série de reflexões a respeito dos conhecimentos das mulheres sobre a natureza ao longo dos séculos, incluindo as plantas medicinais, e a constatação de sua invisibilidade, estimulando o grupo quanto a importância de resgatá-los. Desta maneira, reconhecer a anciã como uma das guardiãs do patrimônio natural e cultural da Montanha

Palentina, significou para as participantes do processo, a revitalização de seus conhecimentos e valores ancestrais adormecidos, e um reconhecimento do papel que elas mesmas podem ter no futuro.

Em uma tentativa de aproximação e integração dos conhecimentos científicos aos populares, buscou-se a colaboração de um antropólogo, que trouxe contribuições em relação ao entendimento da etnobotânica, novas visões de ciência para a compreensão da faceta multidimensional da temática “plantas medicinais”, transdisciplinaridade, perspectiva de gênero e sustentabilidade. Além destas contribuições, somou-se a do entendimento da interculturalidade e cooperação, no sentido Sul-Norte, como transferência de conhecimentos e formas de produção sustentáveis.

Em um segundo momento de encontro, em oficina denominada “Plantas Medicinais e Mulheres em Busca de Sustentabilidade”, a dinâmica de resgate de conhecimentos de plantas medicinais se aprofunda, gerando mais confiança, autoestima e sentimento de coalizão do grupo. Discussões avançam, no sentido da saúde entendida como equilíbrio e bem-estar, com harmonização dos elementos de interação vital: animais, vegetais, minerais, atmosfera, seres humanos. Discute-se que um problema não se vê como um fato isolado, mas como parte de um todo, trazendo a ideia de interdependência e redes.

O modelo de desenvolvimento começa a ser questionado, a partir do entendimento de que a visão ocidental predominante precisa ser suplantada, no caso da fitoterapia, da planta medicinal, da saúde, para uma visão abrangente e integral. Desta maneira, há um fortalecimento e acolhimento dos conhecimentos sensíveis, intuitivos, e a abertura a um pensamento que vai além do racionalismo. A planta medicinal é vista de uma maneira ampla. A reverência pelo grupo à natureza se dá, no reconhecimento coletivo ao patrimônio natural local, simbolizado pela árvore oito vezes centenária que é carinhosamente lembrada. O grupo manifesta a intenção de conhecer mais, sobre o cultivo e manejo de plantas medicinais, com o intuito de produzi-las na Montanha Palentina.

É neste sentido que busca-se a aproximação com experiências de produtores agroecológicos locais através do “Projeto de Licores e Plantas Medicinais de Tordehumus” e agricultores do município de San Pedro de La Tarce. A aproximação mostra que a produção agroecológica de plantas medicinais, pode significar uma alternativa face a emergência do modelo de desenvolvimento rural agroindustrial produtivista. Cria-se para o grupo de mulheres, a perspectiva do potencial transformador da atividade, e a possibilidade de redes sociais locais, a partir das plantas medicinais.

Em um terceiro momento de encontro coletivo em oficinas, que acontecem em locais distintos a cada vez, observa-se vínculos mais fortes de amizade entre as participantes, amplia-se a diversidade na unidade, praticando-se a sororidade.

As discussões se aprofundam e as mulheres sentem a necessidade de fazer visível seus conhecimentos, seus saberes. Esta necessidade, surge da constatação de que seus conhecimentos estavam ocultos, e da necessidade de valorização de seus saberes e do meio rural, incluindo seu patrimônio natural e cultural. Vislumbra-se a possibilidade de participação política em relação a leis no futuro, quanto a implantação da fitoterapia no serviço público, desafio que sentem como de grande envergadura, face ao domínio da indústria farmacêutica de sintéticos.

A possibilidade de produção de plantas medicinais volta a ser discutida, desta vez, no sentido de se conhecer experiências existentes no Sul do Brasil, em uma ideia de ajuda mútua intercultural, de ecosolidariedade. Isto porque, as duas realidades, de Brasil e Espanha, vivem a dificuldade da fuga principalmente de mulheres e jovens do meio rural, colocando em risco a sustentabilidade de seus recursos naturais e culturais.

Em uma atividade paralela às oficinas, algumas participantes se reúnem em um “Círculo de Mulheres”, em conexão com a natureza, tendo a oportunidade de partilharem sentimentos, intuições, preocupações, e se expressarem a partir de todas as suas dimensões, ampliando o vínculo de “sororidade”.

Pouco a pouco, se constrói o empoderamento pessoal e coletivo das participantes, no sentido de transformações das estruturas patriarcais, a medida em que se amplia o produto do resgate de conhecimento de plantas medicinais. Este produto ganha forma em materiais informativos, elaborados pelas próprias mulheres, em parceria com a pesquisadora.

A consciência em relação as questões ambientais aumenta, a partir do contato das mulheres, com a experiência de uma agricultora ecológica local, onde têm a oportunidade de discutir sobre vários temas, como o da escassez e perda de recursos primordiais para necessidades comunitárias de alimentação.

O processo vai ganhando força, com o encorajamento das mulheres, para participar da organização de um Seminário na Universidade de Valladolid. Desta forma, sentem a oportunidade de visibilizar seus conhecimentos e contribuir para a construção do desenvolvimento sustentável local, a partir das reflexões geradas sobre as possibilidades com as plantas medicinais.

Além do Seminário, se faz claro a necessidade de organizarem um momento e espaço para a socialização local, junto a comunidade da Montanha Palentina, com a Apresentação do Ciclo de Oficinas e seus produtos.

Os eventos começam a ser organizados, a partir da perspectiva de gênero, aplicando-se a ética do cuidado, no sentido de reavivar relações humanas e espaços físicos. As mulheres passam a assumir maior protagonismo, valorizando seus talentos, a sensibilidade estética, a criatividade instintiva. A flora da Montanha Palentina, e a beleza que as plantas medicinais inspiram, é capturada através de seus olhares, e o universo de sentimentos que as plantas evocam, é expresso através de suas sensibilidades.

Ao mesmo tempo em que assumem um maior protagonismo na construção local, as mulheres expandem suas fronteiras em interação virtual com o Brasil, ampliando a rede de interação de conhecimentos sobre plantas medicinais.

Em um quarto momento de encontro coletivo em oficina, a participação se amplia envolvendo alguns homens que se incorporam às discussões e ao resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais, passando desde então, a participar ativamente. Neste quarto momento, o grupo se dispõe a dar continuidade ao processo, sem a presença da pesquisadora, que tem previsão de retorno a seu país, logo após a quinta oficina. Este fato demonstra que o processo está fortalecido coletivamente.

Em um quinto momento de encontro grupal, conhecimentos sobre cosmética com plantas naturais são resgatados. Neste encontro, os participantes sentem que o processo mobilizou diferentes atores sociais, alinhados com a temática sobre plantas medicinais, que poderiam se encontrar para vivenciarem uma maior interação.

Esta interação se faz concreta, no “Seminário Interdisciplinar sobre Plantas e Sustentabilidade”, na Universidade de Valladolid.

As mulheres adentram o ambiente acadêmico, imprimindo princípios transdisciplinares na construção do evento, ainda que em discussão coletiva não assumem a denominação “transdisciplinar” na chamada do evento, preferindo denominá-lo “interdisciplinar”.

A visão transdisciplinar se insere na integração de ciência, arte, cultura e espiritualidade. Estão presentes, a partir destes, o amor pela vida e o cuidado com a natureza. No evento, os diversos atores sociais, com diferentes maneiras de ver o mundo passam a discutir os modelos de desenvolvimento e paradigmas científicos. Estas

discussões geram alguns conflitos, que através da mediação transdisciplinar são administrados, lançando-se mão do diálogo.

É no evento, que as mulheres têm a oportunidade de colocar suas vozes, contribuindo para se repensar o desenvolvimento, a partir da perspectiva de gênero. Estas, são ouvidas atentamente, enquanto compartilham percepções, emoções, sentimentos, vivências e experiências pessoais e comunitárias. Atuam, portanto, como sujeitos envolvidas e construtoras do processo, e consequentemente dos conhecimentos gerados.

Na avaliação verbalizada pelas mulheres durante o evento, o processo revelou a importância de trabalharem juntas pessoas de diversas áreas do conhecimento, a necessidade de se conservar o ambiente, a importância de se criar espaços para o conhecimento e desfrute, tanto individual como coletivo; a percepção da capacidade agregadora das plantas que fizeram com que muitas mulheres tivessem participado das oficinas; o reconhecimento e resgate de saberes; a possibilidade de se criar novas redes no território e além dele; o empoderamento e a visibilização de mulheres sábias; o reforço das relações equitativas entre mulheres e homens, superando alguns estereótipos de gênero; e o desejo das mulheres de continuarem com os encontros e as atividades.

As mulheres mostraram ser capazes de comunicar o aprendizado vivenciado nas oficinas, fazendo parte de debates e reflexões, ganhando novos espaços e colaborando na construção de um novo olhar e um novo atuar sobre o desenvolvimento. O empoderamento se faz visível em suas vozes, que contribuem para a construção do paradigma do desenvolvimento sustentável, portando valores anti-patriarcais.

O evento proporcionou um ambiente de integração, pelo acolhimento dos diferentes pontos de vista, de pluralidade, possibilitando o diálogo entre os conhecimentos, que é o foco da transdisciplinaridade.

Finalmente, o reconhecimento da guardiã da sabedoria ancestral em plantas medicinais da região, e a exposição das plantas e saberes resgatados, envolvendo a comunidade local da Montanha Palentina, incluindo homens, mulheres, jovens e crianças consolida a visibilização do processo. Consolida também os princípios que o acompanharam desde sua origem no Sul do Brasil e aperfeiçoados no Norte da Espanha. Princípios advindos de um olhar sistêmico, com perspectiva de gênero e transdisciplinar, que apostam no empoderamento das mulheres através do resgate de conhecimentos em plantas medicinais, a partir da etnobotânica. Empoderamento que fortalece não apenas as mulheres, mas toda a coletividade na busca do desenvolvimento sustentável (Figura 98).



Figura 98. Representação da segunda metade do “Xale de Retalhos” (metáfora), com os produtos e momentos do processo no Norte da Espanha (Imagem: Barcelos de Souza Fernandes)

7 POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA UTILIZAÇÃO DA TRANSDISCIPLINARIDADE E RESGATE DE CONHECIMENTOS EM PLANTAS MEDICINAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O EMPODERAMENTO DAS MULHERES E POSSIBILIDADES DE CONTRIBUIÇÕES À SUSTENTABILIDADE NAS COMUNIDADES DO SUL DO BRASIL E NORTE DA ESPANHA

Cabe nesta etapa, levando em conta o referencial escolhido, a identificação dos elementos teórico-práticos que emergiram no processo desenvolvido nas comunidades do Sul do Brasil e Norte da Espanha. Estes elementos, apontam para as potencialidades e limitações quanto ao resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais na abordagem transdisciplinar, como estratégia para o empoderamento das mulheres nas respectivas comunidades, e possibilidades de contribuição à sustentabilidade.

Compreende-se a **faceta complexa e multidimensional da temática “plantas medicinais”**, partindo-se do princípio de que o uso de espécies vegetais, como prática milenar predominantemente feminina, remonta ao início da civilização e se perpetuou até os dias atuais, entrelaçando os saberes populares e científicos nos processos de construção do conhecimento.

Desta forma, quando se pensa em “resgatar conhecimentos” neste campo, com vistas a sustentabilidade, é preciso vislumbrar as imensas potencialidades e limitações do que isto representa. A etnobotânica, por fazer parte do campo de pesquisa transdisciplinar que é a etnoecologia, é instrumento para o resgate. Isto porque, adentra no estudo dos pensamentos, conhecimentos, crenças, sentimentos, comportamentos, mitos e significados que alimentam as interações entre populações humanas e a intrincada rede representada

pelos ecossistemas, bem como os aspectos ecológicos, sociais e econômicos que daí decorrem.

A implementação de uma prática de resgate de conhecimentos em plantas medicinais, envolvendo mulheres na busca da sustentabilidade, utilizando-se da etnobotânica, envolve um grande desafio, principalmente no que se refere às questões metodológicas.

Sob o enfoque do olhar transdisciplinar e da perspectiva de gênero, torna-se necessário a redefinição de modelos, crenças e valores para que se possa buscar soluções que atendam a construção de um novo desenvolvimento.

É neste contexto que se destacam as experiências de resgate de conhecimentos de plantas medicinais no Sul do Brasil e Norte da Espanha, nesta tese descritas e analisadas, pelas suas potencialidades diversas, nas trocas, ações, construções, que favoreceram vários desdobramentos.

As experiências iniciadas tanto no Sul do Brasil, quanto no Norte da Espanha, estratégicas para potencializar o empoderamento das mulheres, utilizando-se de plantas medicinais como fator agregador comunitário em interação com o meio acadêmico, influenciaram este mesmo meio, e muito além deste, no sentido da lógica da construção coletiva do conhecimento.

Neste sentido, as experiências possibilitaram a **abertura de espaços democráticos participativos** para a reflexão grupal, com momentos ricos de trocas, de aprendizagens múltiplas aos participantes. Estes espaços potencializaram **promoção da sororidade**, estabelecendo-se alianças pela coalizão entre as mulheres, a partir do resgate de conhecimentos adormecidos, resgate da autoestima e aumento do senso de união.

Em uma utilização ampliada da etnobotânica, como motivação para a participação e o entendimento do resgate de conhecimentos inserido em uma visão ampla de saúde, de encontro a perspectiva transdisciplinar e a sustentabilidade, se possibilitou o **reconhecimento do saber feminino ancestral**. Este reconhecimento se estabeleceu, pelo respeito aos conhecimentos mantidos por várias gerações de mulheres, sobre as plantas medicinais e outros saberes decorrentes, de importância para a sustentabilidade, incluindo os aspectos sensíveis e intuitivos destes saberes.

Em uma atitude de **promoção da diversidade, que inscreveu-se na unidade**, por acolher a variedade biológica e cultural, com vistas ao bem comum, foi possível estabelecer **a troca de saberes entre técnicos e a população**, a partir da compreensão de

uma ciência que abrange todas as dimensões do ser humano, todos os olhares e pontos de vista, que dialoga com o senso comum. Isto se deu, em uma atitude de abertura para a aceitação do desconhecido, do inesperado e imprevisível, e da tolerância como reconhecimento do direito às diferentes idéias e verdades. Se exercitou nesta compreensão de ciência, o respeito às diferentes culturas e a todos os valores que estão incorporados nestas culturas, em atitude de abertura à intuição, à imaginação, à sensibilidade e ao corpo, na construção do conhecimento. “Links” foram estabelecidos entre intuição e razão, para o resgate da integração e equilíbrio das percepções do lado direito e esquerdo do cérebro, valorizando a inteligência emocional e o pensamento afetivo.

Como fruto da parceria, estabelecida na troca de conhecimentos entre técnicos e a população, pode-se identificar importantes contribuições, incluindo a materialização de avanços práticos e metodológicos, importantes para a realização de inúmeros eventos, dentro e fora da universidade. Possibilitou-se assim, a criação e expansão de métodos de encontros, com abordagem participativa transdisciplinar.

Durante o processo, através da aplicação **da ética do cuidado**, foi possível cuidar e reabilitar espaços físicos e relações humanas, na tecitura da rede da vida, aliando-se a **estética** através da arte, da linguagem poética afetuosa e simbólica. Utilizando-se formas e símbolos para acessar o coração, em ambientes recriados pela criatividade, destacando a beleza e a sensibilidade, que o contato com as plantas medicinais inspiram.

Entre as diversas potencialidades, representadas pelo resgate de conhecimentos em plantas medicinais para o empoderamento de mulheres, e contribuição à sustentabilidade, destacou-se a **participação política** das mesmas, influenciando nas decisões de suas próprias vidas e do coletivo.

Desta forma, suas vozes adentraram os espaços, em suas participações como sujeitos políticos, rompendo com a representatividade universal masculina, participando em esferas amplas, em diversos níveis. Praticando a cidadania, para uma sociedade construída coletivamente, com relações de poder mais equitativas, com protagonismo inclusive em cargos de poder público, como no caso da experiência do Brasil, colaborando na criação de leis, políticas e redes.

Assim, é possível identificar que as experiências de resgate de conhecimentos em plantas medicinais, influenciaram como processo, no empoderamento dos grupos de mulheres envolvidos, mas também na comunidade como um todo. Ampliando a prática da sororidade e a **prática da solidariedade**, afirmando novos valores encontrados na

resiliência coletiva para a superação. Abrangendo, envolvendo e beneficiando homens e mulheres, de diferentes movimentos e suavizando as desigualdades, na busca de novas alternativas de vida. Isto posto, em função da colaboração prática na construção de um novo modelo para a sustentabilidade, resignificado a partir do paradigma cultural do feminino, que possibilitou a transformação de ambientes marcados pelo poder e controle, influenciados pela visão patriarcal.

Como um dos produtos das experiências de resgate, estão **os conhecimentos etnobotânicos registrados sobre as plantas medicinais** de uso popular nas comunidades envolvidas, que inclusive, são potenciais para a descoberta de novos fármacos. Mas como visto no referencial teórico, as possibilidades de utilização da etnobotânica neste caso, vão muito além da visão utilitarista, considerando a co-autoria e co-responsabilidade em todo o processo e nos produtos gerados, no decorrer deste.

Desta maneira, o processo contribuiu para o questionamento dos modelos de desenvolvimento, no que se refere ao antigo paradigma de ciência, numa tentativa de ultrapassar a visão cartesiana ao rever conceitos e métodos.

Através do **exercício de um pensamento sistêmico e ecológico**, possibilitou-se compreender a planta medicinal e a fitoterapia no seu aspecto multidimensional e conseqüentemente também o ser humano, em uma visão integral nos seus aspectos físico, emocional, mental e espiritual.

Como exercício do pensamento sistêmico e ecológico, foi possível incorporar ao processo valores universais como a **democracia-ecológico-social**, considerando as relações dos seres entre si e todos eles em seu meio ambiente, reforçando a noção de **Interdependência e Rede**.

Além disto, possibilitou a **integração da ciência com a arte, a cultura e espiritualidade** presente em vários encontros, eventos, em nível local e além deste. Com esta integração, foi possível experimentar **níveis de percepção e de consciência mais finos**, abrindo espaço para as intuições, o imaginário, para entrar no mundo dos símbolos, dos mitos, adentrando outros níveis da realidade.

Exercitou-se desta forma, a passagem de um nível de realidade a outro, a partir do **Terceiro Incluído**. Trazendo junto da compreensão racional, as emoções e sentimentos, a subjetividade e a intersubjetividade para que pudesse se sentir a beleza de cada momento do processo. Resgatando a essência das pessoas, os valores, a compaixão, o amor pela vida e o cuidado com a natureza. E ao integrar ciência, arte, cultura e espiritualidade,

possibilitou-se o exercício da busca da unidade do conhecimento, na superação de sua natureza fragmentada e disjuntiva.

Em termos dos ambiente acadêmicos adentrados, as experiências contribuíram para superar as explicações da natureza ordenada da realidade, e eliminar a ruptura entre teoria e prática, sujeito/objeto, indivíduo e contexto. Desta maneira, contribuiu-se para uma **renovação epistemológica paradigmática** importante, no sentido da cultura patriarcal que se visa suplantar. Neste sentido, o espaço universitário, resignificado pelo trabalho de “sensibilização cultural”, possibilitou a formação e atuação de lideranças femininas que, inclusive, se permitiram “tomar a caneta nas mãos e narrar a própria história, construindo a ciência e se tornando visíveis no meio científico e acadêmico.

No aspecto da preservação, conservação e utilização da diversidade biológica e cultural em plantas medicinais, considerando a riqueza existente tanto no Sul do Brasil, quanto no Norte da Espanha, foi possível **promover** além do resgate de conhecimentos, **o cultivo e/ou manejo agroecológico destas**. Isto se deu, dentro de uma busca de alternativas ao modelo agrícola predominante, com a revalorização do local, do tradicional, com raízes históricas, contribuindo para a preservação da identidade destas comunidades, para um alinhamento em direção a desenvolvimento sustentável. A atividade possibilitou a **potencialização de Redes sociais locais**, onde experiências e conhecimentos técnicos puderam ser trocados, enfocando a produção agroecológica, em uma visão sistêmica, com perspectivas de agregação de valor e em mercados justos e solidários, praticando-se uma economia a serviço do ser humano.

Além da **potencialização** de redes locais, **redes interculturais** também foram potencializadas, no sentido Sul- Norte e Norte- Sul, unindo Brasil e Espanha, através da ecosolidariedade, da cooperação, com transferência de conhecimentos e formas de produção.

Através da potencialização destas redes, foi possível discutir e promover a **interculturalidade**, mesclando sabedorias com a compreensão da saúde inter e multicultural, levando em conta as possibilidades da etnobotânica e da etnoecologia de colaborar na integração do sistema oficial de saúde com o tradicional. Valorizando-se sistemas terapêuticos e etnomedicinas das diversas culturas, dentro de uma visão de saúde entendida como equilíbrio e bem-estar, com harmonização de todos os elementos de interação vital. Visão, que compreende a planta medicinal, a fitoterapia e o ser humano de

maneira integral, questionando-se a perspectiva predominante ocidental de medicina, e consequentemente, o modelo de desenvolvimento que a sustenta.

Uma importante possibilidade, acontecida nas experiências analisadas no Sul do Brasil e norte da Espanha, foi a **valorização e visibilização pública dos conhecimentos das mulheres**, incluindo os conhecimentos sobre a natureza e as plantas medicinais. Resgatando-se saberes “adormecidos”, por séculos de invisibilidade. Valorização, que incluiu o campo dos conhecimentos sensíveis, intuitivos e vibracionais, que a racionalidade cartesiana sempre tentou “apagar”. Conhecimentos sensíveis, de empatia com a planta medicinal, incluindo seu valor simbólico, como parte de uma realidade ampla, nos cuidados do ser humano na perspectiva integral, incluindo o corpo e a alma, restaurando o equilíbrio entre matéria e espírito. Dentro deste aspecto, as mulheres abriram espaços para que pudessem ser ouvidas, participando desde suas percepções como sujeitos, envolvidas no processo, expressando seus pensamentos, emoções, vivências e experiências pessoais e comunitárias. Promovendo-se assim, a integração dos lados racional e não racional do ser humano, do transcendente, **restabelecendo-se o vínculo entre tradição, magia e ciência**, com apoio em pesquisas da física quântica, que compreende a natureza dentro de um universo de possibilidades, incluindo o pensamento simbólico/mitológico.

Através da abertura de espaços pelas mulheres, possibilitou-se a **atuação de lideranças femininas**, que exercendo pionerismo no processo, passaram a influenciar **novas lideranças femininas**, alinhadas com os princípios transdisciplinares e a perspectiva de gênero. As mesmas, passando a imprimir em suas atuações, qualidades para a construção de um novo modelo, tais como: flexibilidade, raciocínio intuitivo, interconexões para modificação das estruturas hierárquicas e desenvolvimento de empatia e preocupação com as pessoas.

Através das experiências, oportunizou-se a construção de espaços transdisciplinares coletivos, de encontro com os diferentes saberes, confrontando idéias, visões e opiniões, **mediando-se os conflitos através do diálogo**, para se chegar a consensos. Consensos, orientados para uma nova visão de ciência, que leva ao entendimento da faceta multidimensional da temática de plantas medicinais, do papel da etnobotânica, da transdisciplinaridade e da perspectiva de gênero.

Nestes espaços, as participantes mostraram-se capazes de comunicar o aprendizado obtido na experiência, fazendo parte de debates e reflexões, atuando na construção do desenvolvimento humano, com perspectiva de gênero. Desta maneira, colaborando para a

construção do paradigma de desenvolvimento sustentável, trazendo a público, originais pontos de vista, reflexões, mensagens, idéias e valores antipatriarcais. Neste sentido, experimentou-se **ambientes transdisciplinares** de acolhimento dos diferentes pontos de vista, **de pluralidade**, através do aprendizado cooperativo e compartilhado.

O resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais também proporcionou o **reforço das relações comunitárias, entre mulheres e homens**, além dos sentimentos afetivos em relação ao ambiente local, ao entorno onde as comunidades estão vinculadas. Além disto, através de experiências locais, possibilitou **interconexões globais**, apoiando-se no **princípio hologramático**, pelo qual se pode vislumbrar a idéia de **cidadania terrestre**, que como humanidade expande a consciência das potencialidades humanas. Foi possível neste sentido, redefinir o desenvolvimento, a partir de uma nova consciência de solidariedade, vinculando seres humanos e a natureza.

Finalmente, o resgate de conhecimentos sobre plantas medicinais, articulando saberes femininos no Sul do Brasil e Norte da Espanha, contribuiu para o empoderamento das mulheres participantes do estudo, e consequentemente das comunidades as quais pertencem. Tal empoderamento, baseado em uma consciência transdisciplinar em busca de sustentabilidade, se fez visível a partir de uma prática social, utilizando-se de novas sensibilidades e racionalidades. Isto se deu, dentro de uma **consciência ecológica**, no sentido de se integrar natureza e cultura, sujeito e objeto, e as demais dualidades que impedem os avanços na superação do modelo de desenvolvimento, marcado pelo patriarcado.

Mas, durante o processo de desenvolvimento das experiências, não somente evidenciaram-se potencialidades. Limites foram se delineando, muitos deles sendo superados, outros nem tanto, constituindo-se em barreiras a serem derrubadas futuramente. Tarefa talvez, a se concretizar ao longo dos novos tempos, pela ampliação da transdisciplinaridade na perspectiva de gênero, que redimensiona o olhar complexo, sobre as possibilidades do resgate de conhecimentos das mulheres acerca das plantas medicinais, em busca de sustentabilidade.

O primeiro destes limites, se refere ao próprio **entendimento de ciência**, a partir de ideologias mecanicistas e materialistas que defendem a existência de um único nível de realidade, hegemônico nos ambientes científicos e acadêmicos. Nesta perspectiva, em muitos momentos, foram enfrentadas dificuldades para sair dos “compartimentos” da formação disciplinar e “ir além”.

Limite que surgiu por exemplo, em relação ao próprio entendimento e aceitação do termo “transdisciplinaridade”, que apesar de ter sido praticada ao longo do processo, ainda encontrou dificuldades em ser absorvido, como no caso da utilização do termo “interdisciplinar” no nome da “Equipe Interdisciplinar” no Sul do Brasil e no “Seminário Interdisciplinar sobre Plantas Medicinais e Sustentabilidade”, no Norte da Espanha.

Limite também delineado, quanto ao “choque” com a **cultura da insustentabilidade**, com estruturas políticas marcadas pela **competitividade**. Estas, em **organizações rígidas de formatos androcêtricos**, com limitada participação das mulheres no âmbito público e em atividades socialmente reconhecidas. Mesmo, quando em uma maior participação feminina, muitas vezes **predominando esteriótipos de lideranças associados ao padrão masculino**, onde a **assertividade e a objetividade prevalecem**, obscurecendo a ética do cuidado. Predominando ainda, **crenças e atitudes preconceituosas sobre as mulheres no papel de lideranças**, nas organizações e inclusive no espaço universitário.

Enfatizando um **conhecimento baseado no controle e repressão**, ao invés da participação e legitimação dos saberes populares, que trazem imensas contribuições à sustentabilidade. Conhecimento, que se produz dentro da **dificuldade de se pensar fora do paradigma vigente**, que se sustenta de uma **percepção racional da sociedade e da economia**, onde os elementos econômicos se sobrepõem.

Por muitas vezes, durante o processo desenvolvido no Sul do Brasil e Norte da Espanha, as novas propostas, a partir do resgate de saberes em busca de sustentabilidade, esbarraram em velhos conceitos. Conceitos, de um desenvolvimento técnico, industrial e econômico, que reforçavam os **valores individualistas e egocêtricos**, em detrimento da solidariedade e empoderamento comunitário.

Estes valores, calcados no patriarcado, reforçavam ainda, o sentimento de separação, baseando-se em uma consciência dual, com **relações de poder, antidemocráticas e autoritárias**.

Romper com a insustentabilidade dos padrões de um modelo baseado na produção intensiva e ilimitada de bens de consumo, que abandona os valores e conhecimentos ancestrais e tradicionais, certamente é um limite a ser ultrapassado nos anos vindouros, em relação ao início do processo. Este limite, evidenciou-se nas questões relacionadas à produção ecológica de plantas medicinais, diante da incerteza da continuidade da atividade, pelo confronto no enfoque de produção com tecnologias complexas, alta luminosidade e concepções de monocultivos.

Finalmente, ao se trabalhar com pesquisa etnobotânica no sentido do resgate de conhecimentos de plantas medicinais com mulheres no Sul do Brasil e Norte da Espanha, deparou-se com a **resistência de ambientes, estruturas e pessoas**. Esta resistência se deu, quanto ao acolhimento da necessidade de valorizar os conhecimentos das mulheres, retirando-as da invisibilidade, da presença marginal nos espaços acadêmicos, da escassez de recursos. E como vem acontecendo ao longo dos séculos, a superação das condições culturais destrutivas e limitantes em relação a inteligência e a criatividade feminina, não foi facilitada. No passado, esta superação dependeu de ações heróicas e o mesmo se deu, muitas vezes, em relação à “mulheres desbravadoras” das comunidades do Sul do Brasil e Norte da Espanha, participantes do estudo. Especialmente, no que se referiu a proteção, conservação e utilização dos conhecimentos e recursos, que representam as plantas medicinais para a humanidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento da finalização da escrita desta tese e de apreciar os fios da urdidura e os fios da trama, que compuseram a metáfora do “Xale de Retalhos”, que conduziu sua trajetória. Urdidura, que ligou entre si, o mundo das mulheres no Sul do Brasil e Norte da Espanha em busca de sustentabilidade, através do empoderamento possibilitado pelo resgate de conhecimentos em plantas medicinais e pela transdisciplinaridade.

Tomando novamente a palavra na primeira pessoa, me permito avaliar que o processo de construção das experiências, foi ganhando corpo e se fortalecendo, a partir da visão complexa e da prática transdisciplinar, que exige o trato da temática multidimensional “plantas medicinais”, na perspectiva de gênero.

Prática, que conduziu para um caminho de resgate de conhecimentos das mulheres sobre plantas medicinais, mas também um resgate das múltiplas dimensões como seres humanos, da unidade do conhecimento e da criação de uma nova arte de viver. Arte essa, que influenciou os níveis individuais e os grupos de mulheres envolvidas, mas também a comunidade local. Increveu-se assim, a visão hologramática, em vários níveis de abrangência, em sintonia com a transformação exigida para os novos tempos, rumo ao empoderamento e consequente protagonismo feminino.

Mostrando, como no entendimento de Lagarde (1999), que ao vencer o isolamento e participar da construção de um novo desenvolvimento, criando normas e desenhando políticas, as mulheres produzem um capital simbólico inestimável: **Poder, Poder individual e Poder grupal**, que se converte em **Poder a favor da transformação positiva da sociedade**.

Neste sentido, o presente trabalho significou uma tentativa de firmar a compreensão, de que o desenvolvimento proposto e implementado pela visão patriarcal, tem deteriorado profundamente não somente os recursos biológicos e culturais em plantas medicinais, mas as condições ecológicas que permitem a vida. Acredito que neste sentido,

o estudo contribuiu para a restauração de valores, práticas, relações e espaços, a fim de manter e proteger conhecimentos ancestrais, que têm sido desconsiderados e diminuídos nas comunidades. Como consequência, possibilitou a conservação da diversidade biológica e cultural.

Importante frisar, da impossibilidade de se resgatar os valores elencados acima, se não se revisa o caráter patriarcal que tem mantido este tipo de desenvolvimento insustentável. Como lembram Herrero, Cembranos e Pascual (2011), para se superar a amnésia coletiva, é necessário aprender daquelas e daqueles que se recordam, para poder desenvolver e colocar em prática todo o repertório de aprendizagens e experiências acumuladas através do tempo, que se têm mostrado eficazes para a sobrevivência. Isto implica, olhar além das paisagens artificializadas e das relações mercantilizadas e exploradoras, para proteger o que nos resta de um mundo mais natural. E recuperar, inclusive, parte do que parece perdido, mas se conserva em algum canto da nossa memória cultural e na informação contida na natureza.

Neste sentido, a etnobotânica e a transdisciplinaridade têm um papel fundamental, já que a formação disciplinar tem deixado de lado o papel do território, dos conhecimentos locais e da comunidade que, como entendem Herrero, Cembranos e Pascual (2011), são três grandes mestres da sustentabilidade. Entendendo-se o território, o solo onde cresce a vida, onde se aprende sua complexidade, seus ritmos e seu deterioramento, tecido vivo para a sustentabilidade, que por sua vez necessita da terra, da comunidade humana e de seus saberes.

Conhecer o hábitat ao qual pertencemos, e ao qual temos destruído, para Herrero, Cembranos e Pascual (2011), nos permite vincularmos e fazermos-nos responsáveis, reconhecendo-nos como parte dele, gerando comportamentos sustentáveis pela consciência da ecodependência para a defesa da sustentabilidade. Para os autores, sem construção de comunidade humana e sem poder comunitário, não é possível uma sustentabilidade equitativa. E menos ainda, sem a presença reconhecida, e a defesa da comunidade biótica que nos sustenta.

Esta comunidade biótica da qual formamos parte e faz possível nossa existência, formada por uma rede de animais e vegetais interdependentes, está presente nas aprendizagens e decisões da cultura sustentável. Neste sentido, acredita-se que o presente trabalho significou uma proposta de consciência em relação a esta ecodependência, comprometida com um desenvolvimento sustentável em equidade. Uma proposta no

sentido de se tecer comunidades e poder comunitário, na perspectiva de gênero, promovendo os saberes que articulam soluções coletivas, procurando colaborar na transformação do atual modelo de desenvolvimento.

Uma proposta, que procurou colaborar na preservação e conservação do patrimônio que representam as plantas medicinais e os conhecimentos associados, fruto de experiências multimilenares, inseparáveis da diversidade biológica. Proposta, que na busca por sustentabilidade, aproximou os atores sociais, e principalmente as mulheres protagonistas, a uma referência afetiva com a Terra, que no entendimento de Morin e Hulot (2008) é mais que um pequeno planeta perdido, um hábitat: é nossa casa, é nossa “Pátria” e nossa “Mátria”.

E é aqui em nossa casa, como frisam os autores, onde estão nossas plantas, nossos animais, nossas mortes, nossas vidas, na nova consciência planetária de solidariedade que deve vincular aos humanos entre si e a natureza terrestre. É nosso lugar comum, nossa casa comum. Habitat amável, amistoso, com seus rios, bosques, montanhas, flores, animais, diversidade de espécies, diversidade de culturas e diversidade dos humanos. Estamos em NOSSA CASA nos lembram Morin e Hulot (2008), embora a maioria dos seres humanos não sente sua cidadania terrestre mais que, de modo superficial e esporádico e a maior parte dos cientistas, encerrada em suas especialidades parceleiras, são igualmente inconscientes dela.

Espero, que a pertinência e relevância do estudo almejados quando de sua proposição, tenha sido contemplada, e este possa ter contribuído para esta consciência, a partir da tentativa de unir teoria e prática no âmbito da aplicação acadêmica.

Como pesquisadora e educadora, acredito que a proposta com base na perspectiva de gênero e na transdisciplinaridade, pode ser entendida como efetiva contribuição para a sustentabilidade, já que a eliminação das tensões que ameaçam a vida no planeta, como entende Nicolescu (1997), será impossível sem a construção do conhecimento que leve em consideração TODAS as dimensões do ser humano.

Daí a importância do pensamento complexo, presente na abordagem transdisciplinar aplicada no processo, para tratar dos “problemas complexos” que impedem o alcance de um desenvolvimento sustentável, e que são decorrentes como compreende Sommerman (2005), do reducionismo e da hiperespecialização.

Entendo, que o desenvolvimento do estudo, ancorado na pesquisa desde uma prática construtivista e participativa, é uma contribuição de cunho transformador, pois

como destaca Nicolescu (2002), transformamos o mundo ao mudar nosso olhar sobre ele, mas principalmente através de nossa participação nele, de uma maneira autônoma e integrada, na dinâmica que emerge da nossa interação com a realidade. Realidade, na qual, podemos exercer nosso **poder** sobre ela, **poder de buscar sustentabilidade para nossas vidas e para a vida sobre o Planeta**, unindo o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global. Exercendo um pensar, que favorece o questionamento e a revisão de nossas concepções e crenças, que valoriza as diferentes dimensões humanas, capaz de apreender o mundo em sua totalidade e, ao mesmo tempo, manter-se eternamente aberto ao novo e ao devir.

Entendo que as reflexões realizadas neste estudo, são contribuições à produção do conhecimento básico e aplicado, a partir da operacionalização do referencial escolhido, geradas por um processo democrático, participativo e coletivo.

Espero que os resultados deste estudo, possam ser refletidos nos meios acadêmicos, nas universidades, que como propulsoras do desenvolvimento sustentável necessitam abertura a um novo tipo de conhecimento, que leve em conta a multidimensionalidade do ser humano e da natureza.

Tenho a convicção de que esta foi mais uma oportunidade, de superar os prejuízos causados por uma visão de mundo patriarcal, e através da reflexão sobre a crise ecológica e os problemas sociais a partir da temática “plantas medicinais”, avançar para uma nova visão de mundo. Visão, apontada por Puleo (2011), dentro dos princípios de igualdade, justiça, solidariedade, paz e liberdade, como oportunidade aproveitada pelo diálogo de saberes na perspectiva feminina, como fator de empoderamento. Em uma esfera, em que a etnobotânica na visão transdisciplinar e na perspectiva de gênero, se propõe a revisar a epistemologia da ciência, a medida em que incorpora o saber popular e também diferentes “formas” de conhecimento.

Uma etnobotânica, que permite que se pergunte para quê, como e por quê, querem as mulheres do Sul do Brasil e Norte da Espanha - e quem sabe, muitas outras mulheres que vivem no planeta - resgatar conhecimentos sobre plantas medicinais. Uma etnobotânica que vai muito além da visão utilitarista, aguerrida de uma pensamento pluriepistemológico, que articula conteúdos ancestrais do saber das mulheres sobre as plantas medicinais e os conteúdos da ciência moderna. Que reconhece a necessidade de se promover o empoderamento destas mulheres, através de seus conhecimentos, que foram marginalizados ao longo da história.

Finalmente, nesta perspectiva, os cinco temas complexos propostos no início da tese se encontram, na teoria e na prática se imbricam, se interconectam e se fundem na tecitura no “Xale de Retalhos”. Retalhos do Xale que recompõem a vida, tecidos por várias mãos e unidos para compor uma história, que mostra que sem o fio de Ariadne, integrando a visão feminina à masculina, na busca da sustentabilidade, não é possível encontrar saídas.

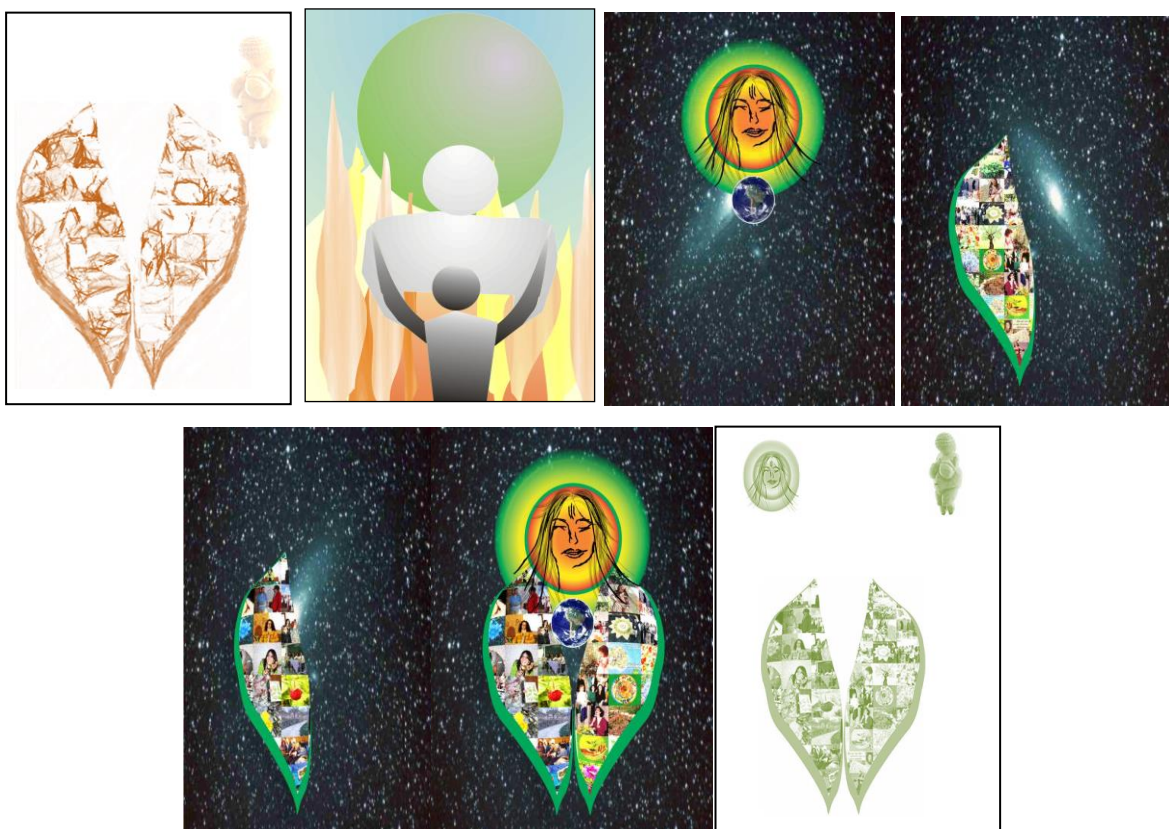
Assim como defende Ema Jung, que comenta que a relação de mulher para mulher, assume grande significado, e que talvez este seja o começo da solidariedade feminina, cuja falta é tão sentida, e que somente se tornará possível através da conscientização de um perigo presente para todas: o perigo de extinção da vida na Terra.

Para Ema, os homens também podem se beneficiar com os aspectos do feminino dentro de si. Para ela, o homem consciente de sua anima (princípio feminino), mantém um vínculo de respeito e amor pela Terra. A nova avaliação do princípio feminino, para a autora, exige que a natureza também receba veneração que lhe é devida, após o ponto de vista do intelecto dominante, na era da ciência e da tecnologia ter levado mais a sua utilização, e até mesmo exploração, que a sua veneração (JUNG, 1995).

E para finalizar...tenho a esperança de que a busca por sustentabilidade continue ...no grande “Xale de Retalhos” que compõe a vida, que surge da construção de processos transdisciplinares, em direção ao encontro de si, e do encontro com o coletivo. Que neste caminho que leva aos encontros, as plantas medicinais estejam sempre ornamentando, suavizando e curando como bálsamos, lembradas, protegidas e preservadas através da Consciência do Feminino.



SÍNTESE DAS IMAGENS ARTÍSTICAS REPRESENTATIVAS DA TRAJETÓRIA DA PESQUISA A PARTIR DO ENCONTRO COM A METÁFORA INTERIOR



Imagens: I - Urdidura do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”, a ser tecido, sendo apreciada pela Vênus de Willendorf (a mais antiga expressão artística da imagem feminina encontrada no sítio arqueológico do paleolítico situado em Willendorf, Áustria. A escultura encontra-se no Museu de História Natural, em Viena).

II - Busca da pesquisadora sobre o nome “Marassínia” como representação da Consciência do Feminino no Planeta, em parte através das plantas medicinais.

III - Marassínia como Consciência Feminina do Planeta, em parte através das plantas medicinais, ressurgue e solicita o “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”.

IV - Primeira metade do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”, tecido a partir da análise do processo de pesquisa, no Sul do Brasil.

V - Segunda metade do “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais”, tecido a partir da análise do processo, no Norte da Espanha.

VI - Marassínia recebe o “Xale de Retalhos de Plantas Medicinais” (com as duas metades correspondentes ao processo no Sul do Brasil e Norte da Espanha).

9 REFERÊNCIAS

AGRA ROMERO, M. X. Introducción: feminismo y ecofeminismo. In: AGRA ROMERO, M. X. (org.). **Ecología y feminismo**. Granada: Ed. Comares, 1998. p. 1-21.

ALEXÍADES. M. N. (ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research**: A field manual. New York: The New York Botanical Garden, 1996. 306 p.

ALICE, C. B. et alii. **Plantas medicinais de uso popular**: atlas farmacognóstico. Canoas: Ed. da ULBRA, 1995. 205 p.

ALMEIDA, M. C. X. Complejidad y el vuelo incerto de la mariposa. **Visión Docente Con-Ciencia**, Puerto Vallarta, n. 47, p. 5-20, 2009.

ALONSO, J. **Tratado de fitofármacos y nutracêuticos**. 1. ed. Rosário, Argentina: Corpus Libros, 2004. 1360 p.

ALVES, A. C. C. **Ecofeminismo e modernidade**: uma análise da espiritualidade ecológica pelo grupo ConSpirando em Santiago do Chile. 2006. 152 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo, 2006.

AMORÓS, C.; COBO, R. Feminismo y ilustración. In: AMORÓS, C.; DE MIGUEL, A. (eds.). **Teoría feminista: de la ilustración a la globalización**. De la ilustración al segundo sexo. Madrid: Minerva, 2005. v. 1, p. 91-144.

AMORÓS, C.; DE MIGUEL, A. (eds.). **Teoría feminista: de la ilustración a la globalización**. Madrid: Minerva, 2005. 3 v.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio de Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

ANDREUCCI, A. C. P. T.; TEIXEIRA, C. N. Informação e educação para a cidadania: forças motrizes no empoderamento da mulher e concretização da igualdade de gênero no Brasil. **Revista Direito Mackenzie**. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 53-66, 2011.

ANGELIM, R. Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 58, ano V, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>>. Acesso em: 20 de jun. 2011.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia a produção do conhecimento científico. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 304 p.

ARENAS, A.; DEL CAIRO, C. Etnobotánica, modernidad y pedagogía crítica del lugar. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Universidad del Zulia, Macaibo, Venezuela, n. 14 v. 44, p. 69-83, enero-marzo, 2009.

ARRAES, J. D. Curso de sistematização de experiências: aprender desde a prática, com Oscar Jara Holliday. Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras.

Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/gepepi/2011/11/21curso-0scar-jara/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

AONA, L. Y. S.; PELEGRINI, M. O. O. *Commelinaceae*. MONDIN, C. A.; BRINGEL JR, J. B. A. *Sphagneticola*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

APU, A. S.; MUHIT, M. A.; TAREQ, S. M.; PATHAN, A. H.; JAMALUDDIN, A. T. M.; AHMED, M. Antimicrobial activity and brine shrimp lethality bioassay of the leaves extract of *Dillenia indica* Linn. **Journal Young Pharmacists**, v.2, n.1, p. 50-53, jan-mar. 2010.

BALICK, M.; COX. P. A. **Plants, people and culture: the science of ethnobotany**. New York: Scientific American Library, 1997. 229 p.

BATLIWALA, S. **Empowerment of women in South Asia: concepts and practices**. Asian-South Pacific Bureau of Adult Education and FAO'S Freedom from Hunger campaign/Action for Development, Bangalore, 1993. 54 p.

BECKER, S. H. **Método de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993. 178 p.

BEGOSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R. A. M. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: AMOROSO M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 93-128.

BEVIS, E. O. Caring: A life force. In: LEININGER, M. M. (ed.). **Caring: an essential human need**. Proceedings of three national caring conference. Thorofare, NJ: Slack, 1981. p. 49-60.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características de la investigación qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 47-51.

BORGES, A. M.; CEOLIN, T.; BARBIERI, R. L.; HECK, R. M. La inserción de las plantas medicinales en la práctica de enfermería: un creciente desafío. **Enfermería Global**. Revista Eletronica Cuatrimestral de Enfermería. Universidad de Murcia, v. 9, n. 18. p. 1-8, febrero 2010. n. 18. Disponível em: <<http://scielo.isciii.es/pdf/eg/n18/reflexion4.pdf>>. Acesso em: nov. 2011.

BOHM, D. **A totalidade e a ordem implicada**. São Paulo: Cultrix; 1980. 292 p.

BOHR, N. **Atomic physics and human Knowledge**. New York: Kessinger Publishing, 2010. 114p.

BORN, G. C. C. **Plantas medicinais da Mata Atlântica (Vale do Ribeira – SP): extrativismo e sustentabilidade**. 2000. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. 289 p.

_____. Plantas medicinais e etnofarmacologia na mata atlântica. In: BORN, C. G. C (coord.). **Plantas medicinais; conservação e desenvolvimento na mata atlântica**. São Paulo (SP): Vitae Civilis – Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz, 1998.

BOTERO, L. D. R. La sistematización de prácticas. Bogotá: Portal OEI, 2001. Disponível em: < <http://www.oei.es/equidad/liceoPDF>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 552 p.

BRANDÃO, D. M. S.; CREMA, R. **O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística**. São Paulo: Summus, 1991. 160 p.

BRENNER, J. E. A broader view of transdisciplinarity. In: INTERNATIONAL TRANSDICIPLINARY CONFERENCE, 2000, Zurique. **Anais...International Transdisciplinary Conference**, 2000. Disponível em: <<http://www.transdisciplinarity.net/statemnt.htm>>. Acesso em: jun. 2011.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

BUARQUE, S.C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**: material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores técnicos em planejamento local e municipal. Brasília: Instituto de Cooperação Técnica INCRA/IICA, 1990. 108 p.

BUCKLEY. W. **A sociologia e a moderna teoria dos sistemas**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976. 307 p.

BURG, I. C. **As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no sudoeste paranaense**. 2005.131fls. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BURKARTE, A. Verbenaceae. In: **Flora Ilustrada Entre Rios**. Argentina. Coleccion Científicadel I. N. T. A, Tomo VI, V, Buenos Aires, 1979. p. 229-294.

CAIAFA, J. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007.184 p.

CAMPOS, J. M.; CARIBÉ, J. **Plantas que ajudam o homem**: um guia prático para a época atual. 5. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1991. 321 p.

CANAVAL, G. E. Propiedades psicométricas de una escala para medir percepción del empoderamiento comunitario em mujeres. **Revista Colombia Medica**, Universidad del Vale, Cali, Colombia, v. 30, n. 2, p. 69-73, 1999.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996. 256 p.

_____. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

_____. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982. 432 p.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. **Primeiro Congresso mundial da Transdisciplinaridade**. Convento de Arrábida, Portugal, 1994. Disponível em: <<http://unipazrj.org.br/transdisciplinaridade.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

CARRASCO, A. L. La experiencia LEADER: aportaciones al territorio. In: CRUZ-SOUZA (coord.). **Desarrollo rural y sostenibilidad**: estrategias y experiencias em España y Brasil. Palencia: Asociación País Románico, 2011. p. 48-52.

CARVALHO, F. R. S. O ator bricoleur. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/>>. Acesso em: set. 2011.

CASTRO, E. G. Interdisciplinaridade: em busca del paraíso (irrecuperablemente) perdido. In: SEMINÁRIO DO NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS, 1, 1995, Belém. Brasil. **Anais ...**Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 1995.

CAVALCANTI, T. B.; GRAHAM, S. 2013. *Lytraceae*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.295-316.

CELAYA, R. D. **La mujer en el mundo**. Madrid: Acento Ediciones, 1997. 96 p.

CHAVES, M. Complexidade e transdisciplinaridade: uma abordagem multidimensional do setor saúde. Disponível em: <<http://www.nc.ufprj/ftp/complexi.doc/acessado>>. Acesso em: 26 out. 2002.

CHECHETTO, F.; PAULINO, N.; SILVÉRIO, M. R.; ANDRADE, E. Formação de equipe interdisciplinar em plantas medicinais na Região Sul de Santa Catarina. In: ENCONTRO DE OLERICULTURA, 10. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PLASTICULTURA, 7, 1997a, Tubarão. **Anais...** Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, p. 82.

CHECHETTO, F.; PLÁ, G. P.; DAUFENBACH, S. Observações preliminares sobre o cultivo de 7 (sete) espécies de plantas medicinais em Santa Rosa do Sul, SC. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 48. 1997, Crato. **Anais...** Crato: URCA, 1997b. p. 178.

CHECHETTO, F.; RODRIGUES DE FREITAS, C. T.; HADLICH, G. M.; CALVETTE, M. R. F.; CUNHA, A. M.; MACHADO NETO, M. J. Levantamento de plantas medicinais usadas pela Pastoral de Saúde na Região Sul de Santa Catarina. In: WORKSHOP DE PLANTAS MEDICINAIS DE BOTUCATU, 4, 2000. Botucatu. **Anais...** Botucatu: UNESP, 2000. p. 35.

CHECHETTO, F. **Rede Catarinense de Plantas medicinais: uma abordagem transdisciplinar para a saúde coletiva.** 2003. 197 fls. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2003.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração.** 3. ed. São Paulo: Mac Graw-Hill do Brasil, 1983. 617p.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum.** 2. ed. Tradução de *Our common future*. 1. ed. 1988. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991. 430 p.

CORRAL, T. De Miami ao Rio de Janeiro. In: CORRAL, T.; OLIVEIRA, R. **Planeta fêmea**. Rio de Janeiro: CIM, 1993.

CORRÊA JÚNIOR, C. et al. **Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas**. 2. ed. Jaboticabal: FUNEP, 1994. 162 p.

COSTA NETO, C. **Ciência e saberes**: tecnologias convencionais e agroecologia. Disponível em: <www.cienciasetecnologias.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2001.

COSTA, M. A. G; BARBOSA, J. M.; MING, L. C. A importância da etnobotânica na conservação de plantas medicinais. **Revista de Ciências Agroveterinárias**. Lages, Centro de Ciências Agroveterinárias, Universidade do Estado de Santa Catarina, v.1, n. 1, 2006. p. 67-80.

CREMA, R. **Da especialização à vocação**: a educação do século XXI. Palestra proferida no II Fórum de Ensino Universitário: Novas Unviversidades, Novos Paradigmas. Criciúma: UNESC, out. 2002.

CRUZ SOUZA, F. Perspectiva de género en el desarrollo rural: empoderamiento de las mujeres. In: CRUZ-SOUZA, F. (coord.). **Perspectiva de género en el desarrollo rural: programas y experiencias**. Palencia: Asociación País Románico. 2012. p.12-42.

_____. Sostenibilidad y desarrollo territorial en Europa y en España. In: CRUZ SOUZA (org.). **Desarrollo rural y sostenibilidad**: estrategias y experiencias en España y Brasil. Palencia: Asociación País Románico. 2011. p. 12-18.

_____. **Género, psicología y desarrollo rural**: la construcción de nuevas identidades: las repercusiones sociales de las mujeres en el medio rural. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 2006. 342 p.

_____. Estrategias de Intervención Social con Mujeres en el Medio Rural. **Revista Bits : Revista para Trabajadores Sociales**, Castilla La Mancha, n.3, p.1-8, 2002.

_____. **Guia metodológica para integrar la perspectiva de género en proyectos y programas de desarrollo.** Emakunde – Instituto Vasco de La Mujer, 1998.

CRUZ-SOUZA, F. et al. Algunas aportaciones de la psicología social a las mujeres emprendedoras en territorios rurales. In: MARTINEZ, G. B.; LEOPOLD, L. **Aportes para la construcción de lo colectivo.** Montevideo: Psicolibros, 2006. p. 333-347.

D'AMBRÓSIO, U. A transdisciplinaridade como acesso a uma história holística. In: WEIL, P; D'AMBRÓSIO, U; CREMA, R. **Rumo à nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993. p. 125-173.

_____. Ética ecológica: uma proposta transdisciplinar. In: VIEIRA, P. F.; RIBEIRO, M. A.(orgs.). **Ecologia humana, ética e educação:** a mensagem de Pierre Dansereau. Porto Alegre: Pallotti/Florianópolis: APED, 1999. p. 639-654.

DEERE, C. D.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007. 501 p.

DELLA GIUSTINA, V. Apresentação. In: ROCKEMBACH, L. H. **Oriolan:** a estrela de luz que os anjos trouxeram e as pessoas e comunidades acolheram a mensagem – saúde e vida. 2006. p. 6-7.

DELORS, J. **Educação:** um tesouro a descobrir. 5. ed. Brasília: Ed. Cortez, 2001. 281 p.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001, p. 78-114.

DE MIGUEL, A. **O feminismo ontem e hoje.** Lisboa: Ela por Ela, 2002. 124 p.

_____. O feminismo en clave utilitarista ilustrada: John Stuart Mill y Harriet Taylor. In: AMORÓS, C.; DE MIGUEL, A. (eds.). **Teoría feminista:** de la ilustración a la globalización. De la ilustración al segundo sexo. Madrid: Minerva, 2005. v.1. p. 175-210.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989. 287 p.

DIAS, B. F. S. **A implementação da conservação sobre diversidade biológica no Brasil: desafios e oportunidades**. Campinas: André Tosello, 1996. 10 p.

DIPUTACIÓN DE PALENCIA. Montanha Palentina. Disponível em: <<http://www.palenciaturismo.es>>. Acesso em: 20 out. 2010.

DI STASI, L. C. A multidimensionalidade da pesquisa com plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996a. p. 29-36.

_____. Uma proposta de ação interdisciplinar na pesquisa de novos medicamentos a partir de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: UNESP, 1996b. p. 217-221.

_____. Arte, ciência e magia. In: DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: UNESP, 1996c. p. 15-22.

DUNIAU, M. C. M. **Plantas medicinais: da magia à ciência**. Rio de Janeiro: Brasport, 2003. 146 p.

DURAND, G. Multidisciplinaridade e heurística. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.113. 1993. p. 59-73, abr-jun. 1993.

DYCHTOWALD, K. **Corpomente: uma síntese dos caminhos do oriente e do ocidente**. São Paulo: Summus, 1984. 278 p.

ECKERT, C. **Orientações para elaboração de sistematização de experiências**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2008. 46 p.

ELSEN, I. **Teoria fundamentada em dados**. Florianópolis: UFSC, 1988. Notas de aula. Disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa. Curso de Mestrado em Assistência da Enfermagem da UFSC.

ELISABETSKY, E.; SÁ, I. M. Medical knowledge exchanges between Brazil and Portugal: an ethnopharmacological perspective. **11th International Congress of Ethnopharmacology**. Albacete, Castilla La Mancha: Internacional Society of Ethnopharmacology – ISE, 2010. Anotações de palestra.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mito e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Valdéia Barcellos. Rocco: Rio de Janeiro, 1994. 376 p.

FAZENDA, I. C. A formação do professor pesquisador: 30 anos de pesquisa. **Revista Interdisciplinar**, São Paulo, v.1, p. 1-10, out. 2010.

_____. **A Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1992. 107 p.

FAUR, M. **O Legado da Deusa: ritual de passagem para mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003. 332 p.

FERREIRA, H. D. **Revisão das espécies de Buddlejia L. (Buddlejaceae) que ocorrem no Brasil**. 1988. 111 fls. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

FIASCHI, P.; COTA, M. R. **Apiaceae. Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

FLORA DIGITAL DE PORTUGAL. Jardim Botânico UTAD. Disponível em: <http://jb.utad.pt/especie/phalaris_canariensis>. Acesso em: 20 dez. 2012.

FONTES, N. N. **A complexidade das plantas medicinais**: algumas questões atuais de sua produção e comercialização. 2004. 183 fls. Tese (Doutorado em Agronomia / Produção Vegetal) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FONSECA- KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L.; ARAÚJO, D. S. D.; SÁ, C. F. C.; SILVA, W. **Plantas úteis da restinga**: o saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo (RJ). Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006. v. 500. 46 p.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 4, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002>. Acesso em: 20 mar. 2011.

FRIDE. FUNDACIÓN PARA LAS RELACIONES INTERNACIONALES Y EL DIALOGO EXTERIOR. El empoderamiento: desarrollo em contexto. Madrid, n. 1, mai. 2006. p. 1-8.

FRIEDMANN, J. **Empowerment: the politics of alternative development**. Cambridge: Blackwell, 1992. 212 p.

GARCIA, S. S. Emma Costet de Mascheville. In: **Revista de Ciência Astrológica**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 21-26, inverno, 1994.

GARCIA, F. País Románico: território, organización y estrategia. In: CRUZ SOUZA, F. (coord.). **Desarrollo rural y sostenibilidad: estrategias y experiencias en España y Brasil**. Palencia: Asociación País Románico. 2011. p. 60-72.

GARCÍA, P. Realidad, libertad y proyecto de vida. In: PUJOL, M. A., SANZ, G. (Coords). **Transdisciplinariedad y ecoformación: una nueva mirada sobre la educación**. Barcelona: Editora Universitat, 2006. p. 127-148.

GARCÍA, M. M. B.; TIRADO, M. L. M. **El conocimiento desde la práctica y una propuesta de método de sistematización de experiencias**. 2007. 55 fls. Trabajo de Investigación (Grado Académico de Magíster em Sociología). Pontificia Universidad Católica del Perú, Escuela de Graduados, Lima, 2007.

GAUTHIER, J. Z. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, Anped, n.5, p. 127-142, jan-fev-mar-abr. 2004.

GEBARA, I. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Ed. Olho D'Água, 1997. 135 p.

GRAJEW, O. Metas para o desenvolvimento sustentável. **Jornal da Ciência** JC e-mail 4482, 23 abr. 2012. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=82101>>. Acesso em: 21 mai. 2012.

GHISO, A. **Sistematización de experiencias en educación popular**. In: Los Contextos actuales de la Educación Popular. Medellín. **Memorias...** Medellín, 2001. p. 71-88.

_____. Sistematización: un pensar el hacer, que se resiste a perder sua autonomía. **Revista Decisio**, Medellín, n.28, p.3-8, enero-abril, 2011. Disponível em: <http://www.cepalforja.org/sistem/documentos/decisio28_saber1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2011.

GUERRA, C. G. M. Contribuições da visão científica trazidas pela física quântica para a compreensão das diversas abordagens em saúde. In: ANAIS DA JORNADA CATARINENSE DE PLANTAS MEDICINAIS, 5 e JORNADA INTERNACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS, 1, 2006. Joinville. **Anais...** Joinville: UNIVILLE/ACPM, 2006b. p. 88-89.

GUPTA, M. (org.). **270 plantas medicinales ibero-americanas**. Santafé de Bogotá: CYTED, 1995. p. 230-236.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologia qualitativa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987. 163 p.

HERRERO, Y.; CEMBRANOS, F.; PASCUAL, M. (coords). **Cambiar las gafas para mirar el mundo**: una nueva cultura de sostenibilidad. Madrid: Libros en Acción, 2011. 342 p.

HEYWOOD, V. H.; WATSON, R. T. **Global biodiversity assessment**. New York: United Nations Environmental Programme and Cambridge University Press, 1995. 1140 p.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELES, G. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2. 2007, Florianópolis. **Anais...**Núcleo de Pesquisas em Movimentos Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

IORIO, C. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos: In: ROMANO, J. O.; ANTUNES, M. (orgs). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 21-44.

ISON, R. L. Soft systems – a non-computer view of decision support. In: STUTHT J. W.; LYONS B. G. (eds.). **Decision support systems for management of grazing lands: emerging issues**. Paris: Unesco-MAB, 1992. p.83-122.

JAIN, S. K. Ethnobotany: its concepts and relevance. Tenth Botanical Conference, Indian Bot. Soc. Department of Botany. University of Patna. Patna, India. p. 3-12. 1987.

JARA, O. Sistematización de experiencias y las corrientes innovadoras del pensamiento latino-americano: una aproximación histórica. CEEAL, **Revista La Piragua**, Panamá, CEEAL, n. 23. p.7-16, 2006.

JARA, C. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento**. Brasília: IICA, 2001. 352 p.

JIMENA, P. M. El rincón de Lilith: buscando nuestro espacio en el mundo rural. In: CRUZ-SOUZA, F. (coord.). **Perspectiva de género en el desarrollo rural**: programas y experiencias. Palencia: Asociación País Románico, 2012. p. 56-61.

JUNG, E. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 1995. 112 p.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000. 316 p.

KANAN, L. A. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **O&S. Salvador**, v. 17. n. 53, p. 243-257, abr-jun. 2010. Disponível em: <www.revistasoes.ufba.br> . Acesso em: set. 2011.

KING, Y. Curando las heridas: feminismo, ecología y el dualismo naturaleza/cultura. In: AGRA, M. X. (comp.). **Ecología y feminismo**. Granada: Ecorama, 1998. p. 63-96.

KISMANN, K .G.; GROT, D. **Plantas infestantes e nocivas**. 1. ed. Tomo 3. São Paulo: BASF, 1995. p. 388-391.

KORTE, G. **Introdução à metodologia transdisciplinar**. São Paulo: Núcleo de Estudos Transdisciplinares - NEST, 2000. 178 p.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978. 257 p.

KURODA, M.; YOKOSURA, A.; KOBAYASHI, R.; JITSUNO, M.; KANDO, H.; NOSAKA, K.; ISHII, H.; YAMORI, T.; MIMAKI, Y. Sesquiterpenoides and flavonoides from the aerial parts of *Tithonia diversifolia* and their cytotoxic activity. **Chem. Pharm. Bull**, v.55, n. 8, p. 1240-1244, 2007.

LAGARDE, M. **Género y feminismo**: Desarrollo humano y democracia. 3.ed. Madrid: Cuadernos Inacabados n. 25. Horas y Horas, 1999. 244 p.

LEÃO, H. F. C. A estética na visão transdisciplinar. **Terceiro Incluído**, NUPEAT–IESAUG, v.1, n. 2, jul-dez. 2011, p.152 -163.

LEITE, T. S. C. Direitos humanos fundamentais, igualdade e gênero: reflexões transdisciplinares. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 75, abr. 2010. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7544>. Acesso em: 20 mar. 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2007. 324 p.

LIMA, E. A. C. Diálogos com a natureza, saberes dos povos da floresta amazônica. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4, 2008, Salvador. Bahia, **Anais...** Salvador.Bahia: Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008. p. 3-4.

LIMA, I.M.M.; GAMA, N.S. Registro de plantas hospedeiras (Cactaceae) e de nova forma de disseminação de *Diaspis echinocacti* (Bouché) (Hemiptera: Diaspididae), cochonilha-da-palma-forrageira, nos Estados de Pernambuco e Alagoas. **Neotrop. Entomol**, Londrina, v. 30, n. 3, sept. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-566X2001000300025&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2011.

LISBOA, T. K. **O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2008, Florianópolis. **Anais...**Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, p. 640-652.

LONGHI-WAGNER, H.M. *Phalaris*. **Lista de espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

MEKSENAS, P. Aspectos metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição de Paulo Freire. **Revista Espaço Acadêmico**, São Paulo, n.78, ano VII, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/078/78meksenas.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil**: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas. 3. ed. São Paulo: Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2000. 608 p.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas cultivadas. São Paulo: Nova Odessa, 2002. 512 p.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 2. ed. São Paulo: Nova Odessa, Plantarum, 1999. 1088 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MAGALHÃES, P. M. **O caminho medicinal das plantas**: aspectos sobre o cultivo. Campinas: CBPQA-UNICAMP, 1997.

MAGNANI, J. G. C. Xamãs na cidade. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 218-227, set-nov. 2005.

MALLART, J. Ecoformación: más allá de la educación ambiental. In: TORRE, S.; PUJOL, M. A.; SANZ, G. (Coords). **Transdisciplinariedad y ecoformación: una nueva mirada sobre la educación**. Barcelona: Editora Universitat, 2006. p. 149-166.

MAPA - **Ministério de Agricultura, Pesca y Alimentación**. In: Jornadas Ibéricas de Plantas medicinales y de Aceites Esenciales. Madrid: INIA, 1992.

MARIOT, A.; REIS, M. S. Biodiversidade e sua importância como fonte de plantas medicinais. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 5, n. esp. 1, p. 53-61, 2006.

MARQUES, F. C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos**: transições no regime sócio-técnico da agricultura: a produção de novidades entre agricultores, produtores de plantas medicinais no sul do Brasil. 2009. 220 fls. Tese (Doutorado em Desenvolvimento

Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARTIN, G. J. El papel de la etnobotánica en el rescate ecológico y cultural de América Latina. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BOTÁNICA. SIMPOSIO DE ETNOBOTÁNICA, 4. 1986, Medellin. **Memórias....**Medelin: Instituto Colombiano para el Fomento de Educación Superior, p. 67-77.

MARTIN, G. **Ethnobotany**: a methods manual. London:Chapman & Hall, 1995. 268 p.

MARTINS, E. R.; CASTRO, D. M.; CASTELLANI, D. C.; DIAS, J. E. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 1998. 220 p.

MATOS, F. J. A. **As plantas das farmácias vivas**. Fortaleza: BNB, 1997. 57 p.

MEKSENAS, P. Aspectos metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição de Paulo Freire. **Revista Espaço Acadêmico**, São Paulo, n.78, ano VII, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/078/78meksenas.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

MELEIS, A. I. **Theoretical nursin's: developmente and progress**. 4. ed. Lippincott Wilkins, 1985. 483 p.

MENA, A. J. A. **Medicina indígena na mesoamérica**: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2011. 416 p.

MIGLIORI, R. Responsabilidade Global. Nos da Comunicação. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=N_MXUTAmko>. Acesso em: 04 ago. 2009.

MIGLIORI, R. O que é transdisciplinaridade? Nos da comunicação. Disponível em: <http://www.migliori.com.br/videos_folhas.asp?id=8>. Acesso em: 11 jun. 2008 (a).

MIGLIORI, R. Trans Oque? Nos da Comunicação. Disponível em: <http://www.migliori.com.br/videos_folhas.asp?id=13> . Postado em: 3/06/2008 (b). Acesso em: 14 mai 2011.

MIGLIORI, R. Recuperar uma nova noção do ser humano. Nos da Comunicação. Disponível em: <http://www.migliori.com.br/videos_folhas.asp?id=13>. Postado em: 03/06/2008 (c). Acesso em: 27 fev.2011.

MILANEZI, M. A.; GONÇALVES, E. Caracterização morfo-anatômica das folhas de *Sedum dendroideum* DC, CRASSULACEAE. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FARMACOGNOSIA, 3, 2001, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2001. p. FB-23.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 9-30.

_____. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993. 269 p.

MINISTERIO DE FOMENTO. Instituto Geografico Nacional. Gobierno de España. Disponível em: <<http://www.ign.es/IGN/ane.jsp>>. Acesso em: 20 out. 2010.

MONDIN, C. A.; BRINGEL J. R, J.B.A. *Sphagneticola*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

MONDIN, C. A.; BRINGEL JR, J.B.A.; ROQUE, N. *Calea*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

MORAES, M. C. Interdisciplinariedad y transdisciplinariedad en la educación: fundamentos ontológicos y epistemológicos, problemas y prácticas. In: DE LA TORRE, S.

(coord.). **Transdisciplinariedad y ecoformación: una mirada sobre la educación.** Barcelona: Editora Universitas, 2006. p. 27-44.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: Edições UNESCO Brasil, 2000. 118 p.

_____. **Religando os saberes: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 588 p.

_____. O método III: el **conocimiento del conocimiento libro primero: antropologia del conocimiento.** Traducción de Ana Sánchez, 3. ed. Madrid: Editora Catedra. 2007. 264 p.

MORIN, E.; MOTTA, R. D.; CIURANA, E. R. Éduquer pour l'ère planétaire: **La pensée complexe comme Méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaines.** Paris: Balland, 2003. 158 p.

MORIN, E.; HULOT, N. **El año I de la era ecológica.** Barcelona: Ediciones Paidós Iberica, traducción de Pablo Hermida. 2008. 192 p.

MOURE, T. **Hierba mora.** Barcelona: Lumen, 1986. 464 p.

MURARO, R. M. **Textos da Fogueira.** Brasília: Editora Letra Viva, 2000. 191 p.

NAKAJIMA, J. *Tagetes*. MONDIN, C. A.; BRINGEL JR, J. B. A. *Sphagneticola*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 2001. 536 p.

NICOLESCU, B. Em busca de uma evolução transdisciplinar para a universidade. In: Congresso Internacional Que Universidade para o Amanhã? 1997, Locarno. **Anais eletrônicos**: Locarno: Congresso Internacional Que Universidade para o Amanhã, 1997. Disponível em: <www.cetrans.futuro.usp.br>. Acesso em: 12 mai. 2003.

NICOLESCU, B. **Manifesto of transdisciplinarity**. Albany: State University of New York Press, 2002. p.147-152.

NOVAES, W. Agenda 21: um novo modelo de civilização. In: TRIGUEIRO, C. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, 323-331p.

NOVAES, W. Eco-92: avanços e interrogações. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 15, mai-ag. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000200005>. Acesso em: 29 nov. 2011.

NOVAES, E. S. **Antecedentes**. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em:<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/meioamb/agenda21/anteced/indexhtm>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

NOVAES, W. É preciso correr: adverte a ciência. **Jornal O Estado de São Paulo**, 09 mar. 2012.

OCAMPO, R. A. S. (ed.). **Domesticación de plantas medicinales en Centroamérica**. Costa Rica: CATIE, 1994.132 p.

OLIVEIRA, L. N. P.; MORESCO, P. M. M. **Verde Saúde**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1999. 60 p.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007. 182 p.

OSBORNE, R. Debates en torno al feminismo cultural. In: AMORÓS, C.; DE MIGUEL, A. (eds.). **Teoría feminista: de la ilustración a la globalización: del feminismo liberal a la posmodernidad**. Madrid: Minerva, 2005. v. 2. p. 211-252.

PAÍS ROMÁNICO. Quénes somos. Disponível em: < <http://www.paisromanico.org> >. Acesso em: 20 nov. 2011.

PANIZA, S. **Plantas que curam**: cheiro de mato. São Paulo: IBRASA, 1997. p. 72-73.

PASTORAL DA SAÚDE. Histórico da Pastoral da Saúde. **Jornal da Pastoral da Saúde**, Diocese de Tubarão, ano 1, n. 1, p. 1-8, mai. 1996.

PATRÍCIO, Z. M. K. Promovendo a cidadania através do conceito cuidado. **Texto & Contexto**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n.1, p. 89-106, jan-jun. 1992.

PATRÍCIO, Z. M. K. **A prática do cuidar/cuidado à família de adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfoque sócio-cultural**. 1990. 282 fls. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

_____. A abordagem interdisciplinar e transdisciplinar no processo de construção do conhecimento e de transformação da realidade. In: SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DA REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA DA UFSC, 1, 2005, Florianópolis. UFSC, 2005. **Cadernos de textos...** Florianópolis, Centro Acadêmico Livre de Medicina, 2005. v.1. p. 48-46.

_____. **Corpomente transformando energia**: processando a vida. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho apresentado na disciplina de métodos terapêuticos alternativos do Curso de Graduação em Enfermagem. Mimeo. 1991

_____. **A enfermagem cuidando da saúde com a comunidade através de um referencial sócio-cultural.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991 b (Relatório de atividades de pesquisa e extensão).

_____. **A dimensão felicidade e prazer no processo de viver saudável individual e coletivo:** uma questão bioética num abordagem holístico-ecológica. 1995. 215 fls. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. **Corpomente transformando energia:** processando a vida. Florianópolis: UFSC; 1991. Trabalho apresentado na disciplina de métodos terapêuticos alternativos do Curso de Graduação em Enfermagem. Mimeo. 11 p.

_____. **Ser saudável na felicidade-prazer:** uma abordagem ética e estética pelo cuidado holístico-ecológico. Pelotas e Florianópolis: Editora Universitária UFSC e UFPel, 1996.153 p.

_____. **A enfermagem cuidando da saúde com a comunidade através de um referencial sócio-cultural.** Florianópolis: UFSC, 1991. (Relatório de atividades de pesquisa e extensão). 30 p.

_____. O processo do trabalho de enfermagem frente às novas concepções de saúde: repensando o cuidado, propondo o cuidado holístico. **Texto & Contexto.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.2, n.1, p.67-81, jan. -jun.1993a.

_____. O que significa referencial teórico? Estágio Supervisionado em Nutrição Social, Unisul; Disponível em: <<http://estagionutricaoosocial.blogspot.com.br/2012/10/o-que-significa-referencial-teorico.html>>. Acesso em : 21 nov. 2012.

PATRICIO, Z. M. K. et al. **Qualidade de vida do trabalhador:** uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: Editora Autores (PCA), 1999. 368p.

PATRICIO, Z. M.; TOURINHO, F. **Cuidando da saúde da criança/adolescente/família na comunidade:** projeto de ensino-pesquisa-extensão universitária. Florianópolis: UFSC/Departamento de Enfermagem; 1990. 20 p.

PAUL, P. Saúde, ambiente e transdisciplinaridade. **I Seminário Transdisciplinaridade e Universidade.** Criciúma. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2000. Anotações de palestra.

PESA Centroamérica. **Guía metodológica de sistematización.** FAO: Tegucigalpa, 2004. 61 p.

PIAZZA, W. F. **A colonização de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1994. 372 p.

PIMENTEL, E. C. Saúde integral e plantas medicinais: compreensões da fitoterapia em conceitos mais amplos. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 5, n. esp.1, p.49-52, 2006.

PINEAU, G. Estratégia Universitária para a transdisciplinaridade e a complexidade. **Rizoma Freiriano**, v. 6. Instituto Paulo Freire de Espanha, 2010. Disponível em: <<http://www.rizoma-freiriano.org/index.php/estrategia-universitaria-para-la-trandisciplinariEDAD-y-la-complejidad--gaston-pineau>>. Acesso em: mai-set. 2011.

PINEAU, G. Recherches transdisciplinaires et université. In: PATRICK, P.; PINEAU, G. (orgs.). **Formation et transdisciplinarité.** Paris: L'Harmattan, 2005. p.11-27.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo brasileiro.** São Paulo: Perseu Abramo, 2003. 119 p.

PINTO, F. S. T. Produção de farinha. SENAI/RS. Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas. 2007. Disponível em: <<http://www.sbvt.ibict.br>>. Acesso em: 04 nov. 2008.

PINTO, L. P. S. et al. Mata Atlântica: ciência, conservação e políticas. IN: WORKSHOP CIENTÍFICO SOBRE A MATA ATLÂNTICA, 1996, Belo Horizonte. **Documentos Ambientais...**Belo Horizonte: Secretaria do Meio Ambiente, 1996. p. 23-32.

PLANELLIS, A. V. I. Sistematización de experiencias em América Latina: una propuesta para el análisis y la recreación de la acción colectiva desde los movimientos sociales. Barcelona: Universidad Autónoma, Departamento de Sociología, 2002. 12 p. Disponível em: <www.alboan.org/achivos/353.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2011.

PORTAL DE TU CIUDAD. La junta apoia a los agricultores que apuestan por las plantas aromáticas como cultivos alternativos tradicionales. Disponível em: <<http://palencia.portaldetuciudad.com/es/noticias/la-junta-apoya-a-los-agricultores-que-apuestan-por-las-plantas-arom>>. Acesso em: 20 de mar. 2010.

POSEY, D. A. Ethnoentomology of the Kaiapó indians of central Brazil. **Journal of Ethnobiology**, Philadelphia, v.1, n.1, p.165-174. 1986.

PREVESLOU, C. Família, autosuficiência, alimentos e desenvolvimento. In: PREVESLOU, C.; ALMEIDA, F. R.; ALMEIDA, J. A.(org). **Mulher, família e desenvolvimento rural**. Santa Maria: UFSM, 1996. 152 p.

PRIETO, C. R. Vida em Campos Torozos: valoración, investigación, desarrollo sobre plantas aromáticas y medicinales. ASAJA, Diputación de Valladolid, 2005. Disponível em: <www.diputaciondevalladolid.es/.../vidaem_camp>. Acesso em 26 set. 2011. 77 p.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A nova aliança**: metamorfose da ciência. Brasília: Universidade de Brasília, 1991. 247 p.

PULEO, A. Feminismo. In: MARDONES, J. M. (dir.). **10 palabras clave sobre movimientos sociales**. Navarra: Verbo Divino, 1996. p. 187-228.

_____. Ecofeminismo: hacia una redefinición filosófico-política de “naturaleza” y “ser humano”. In: AMORÓS, C. **Feminismo y filosofía**. Madrid: Síntesis, 2000. p. 165-192.

_____. **Feminismo y ecología**. Mujeres en Red. Disponível em: <<http://www.mujeresenred.net/>>. Acesso em: 20 out.2012.

_____. Luces y sombras de la teoría y la praxis ecofeministas. In: CAVANA, M. L.; PULEO, A.; SEGURA, C. (coords.). **Mujeres y ecología**: historia, pensamiento, sociedad. Madrid: Al Mundayana, 2004. p. 21-34.

_____. Lo personal es político: el surgimiento del feminismo radical. In: AMORÓS, C.; DE MIGUEL, A. (eds.). **Teoría feminista**: de la ilustración a la globalización. Del feminismo liberal a la posmodernidad. Madrid: Minerva, 2005. v. 2, p. 35-68.

_____. De la exclusión a la participación: democracia y igualdad. **Ex Aequo**, Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, Porto, n. 13, p. 29-42, 2006.

_____. **Ecofeminismo para otro mundo posible**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011. 439 p.

PUPO, N. I. H. **Manual de pastagens e forrageiras: formação, conservação, utilização**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1979. p. 245-247.

QUEIROZ, L. P. *Dioclea*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

RAMÍREZ, H. S. Mujer y medio ambiente: acuerdos internacionales. In: GARCIA, V. V. **Género, sustentabilidad y cambio social en el México Rural**. México: Colégio de Postgraduados, 1999.

RATTNER, H. Sustentabilidade: uma visão humanista. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, Ano 2, n. 5, p. 233-240, jul-dez. 1999.

REDE MULHER DE EDUCAÇÃO. Alimentando a Vida. Cunhary Informa. São Paulo, v. 5, n. 25, p5-8, set./out. 1997.

REGUANT, F.; DOLORS, M. Explicación abreviada del patriarcado. Barcelona. Disponível em: <<http://www.proyectopatriarcado.com/docs/Sintesis-Patriarcado-es.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2011.

REITZ, R. **Bromeliáceas e a malária:** bromélia endêmica. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1983. 856 p.

REZENDE, D. A.; ABREU, A. F. **Tecnologia da informação aplicada a sistemas de informação empresariais:** o papel estratégico da informação e dos sistemas de informação nas empresas. São Paulo: Atlas, 2000. 311 p.

RITTER, M. R.; LIRO, R. M.; ROQUE, N.; NAKAJIMA, J. *Mikania*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

ROCKEMBACH, L. H.; GAIO, T. Fitoterapia e os movimentos sociais. In: JORNADA CATARINENSE DE PLANTAS MEDICINAIS, 1, 1998, Tubarão. **Anais...** Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 1998. p. 117-122.

ROCKEMBACH, L. H. **Oriolan:** a estrela de luz que os anjos trouxeram e as pessoas e comunidades acolheram a mensagem: saúde e vida. Tubarão: Gráfica Humaitá, 2006. 68p.

ROMANIUC NETO, S.; GAGLIOTI, A. L. *Urticaceae*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

ROWLANDS, J. Empowerment examined. **Development in Practice Journal**, International NGO Training and Research Centre Oxford, vol. 5, n. 2, May 1995. p. 101-107, mai. 1995.

ROWLANDS, J. Empoderamiento de las mujeres rurales en Honduras: un modelo para el desarrollo. In: LÉON, M. (org). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá: Editores Tercer Mundo, 1997. p. 213-245.

RUSSEL, P. **O despertar da terra: o cérebro global**. São Paulo: Cultrix, 1982. 312 p.

SACRAMENTO. H. T. (Coord.). **Projeto de fitoterapia no SUS**. Vitória: Secretaria Municipal de Vitória, 1996. 20 p.

SAHLINS, M. **Stone age economics**. Chicago: Aldine, 1974. 348 p.

SÁ, I. M. A interdisciplinaridade na pesquisa de plantas medicinais de uso tradicional. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 5, n. esp.1, p.7-12, 2006.

SAKLANI, A.; JAIN, S.K. **Cross-cultural ethnobotany of Northeast India**. Lucjnow: Deep Publications, National Research Institute, 1994. 453 p.

SAMS, J. **As cartas do caminho sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos**. Tradução de Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993. 355 p.

SANDHU, N. S.; KAUR, S.; CHOPRA, D. Pharmacognostic evaluation of *Equisetum arvense* Linn. In: **International Journal of Pharm Tech Research**, vol. 2, n. 2, p. 1460 – 1464. 2010.

SANGOI, L.; CHECHETTO, F.; FERNANDES, B. S. Editorial. In: **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 5, n. esp.1, p. 5. 2006.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1993. 58 p.

SARMENTO, C. Dez anos para salvar a natureza. **Jornal da Ciência**. JC e-mail 4119 de 19 out. 2010. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/index2.jsp>>. Acesso em: 26 out. 2010.

SÁ-SILVA, J. R. et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1. n.1. p.1-15, Jul. 2009. Disponível em: <www.rbhcs.com>. Acesso em: 4 mar. 2011

SCALON, V. R. *Stryphnodendron*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SCHAEFFER, C. **La voz de las trece abuelas**: ancianas indígenas aconsejan al mundo. 4. ed. Barcelona: Luciérnaga, 2010. 307 p.

SCHMIDT, W. A construção social de um território: a ação da Agreco nas encostas da Serra Geral. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (orgs.). **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Brasília-DF: Sebrae, 2004. p. 329-347.

SERRANO, O.; SIMONS, M. O. Programa de formação eco-profissional para jovens: um espaço para a práxis transdisciplinar. Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS. Disponível em: <<http://www.cetrans.com.br>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

SHELDRAKE, R. **O renascimento da natureza**. São Paulo: Cultrix. 1998. 236 p.

SHIVA, V. Monocultivos de la mente. In: **Monocultivos y biotecnología**: amenazas a la biodiversidad y la supervivencia del planeta. Trad. Ana E. Guyer. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1993. p. 9-16.

_____. **Abrazar la vida.** Mujer, ecología y desarrollo. Trad. Instituto del Tercer Mundo de Montevideo (Uruguai), Madrid: Horas y Horas, Cuadernos inacabados, 18, 1995. 77 p.

SIEBNEICHLER, F. B. Encontros e desencontros no caminho de interdisciplinaridade: G. Gurdorf a J. Habermas. In: Jürgen Habermas: 60 anos **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 98, n.5/21, jul-set. 1989.

SIERRA-VÁSQUEZ, J. F. Conceptos y metodología para la sistematización de prácticas sociales. Notas del Taller. Disponível em: <<http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&client=psyab&q=sierra+vasquez+Conceptos+y+metodologia+para+la+sistematizaci+on>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia:** a construção de novos sujeitos na agricultura familiar, 2009. 290 fls. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Política e Gestão Ambiental: Sociedade, Economia e Biodiversidade) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2009.

_____. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, v.1. n.1, p. 61-71, jan-mar. 2000.s.l. ,s.n.

SILVA JÚNIOR, A. A.; VIZZOTTO, V. J.; GIORGI, E.; MACEDO, S. G.; MARQUES, L. F. **Plantas medicinais:** caracterização e cultivo. Florianópolis: EPAGRI, 1994. 71 p. (Boletim Técnico, 68).

_____. **Essentia herba:** plantas bioativas. v. 1. Florianópolis: EPAGRI, 2003. 441p.

SILVA JÚNIOR, A. A. **Plantas medicinais.** CD ROOM. Florianópolis: EPAGRI, 1998.

SILVA, J. C. M. **Cederural e câmaras setoriais:** espaço público em construção para um contexto de sustentabilidade. 2001. 162 fls. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas)

– Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SIMÕES. C.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E.; IRGANG, B. E.; STEHMANN, J. R. **Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1986. 174 p.

SIMON, A. A.; POMPEO, C. A. Teoria dos sistemas em microbacias: subsídios teóricos. **Revista Agropecuária**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 4-7, jun.1995.

SIMON, A. A. Sistematização de processos participativos: o caso de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Agroecologia**. Cruz Alta, v.2, n. 1, p.540-543. fev. 2007.

SMA - Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. **Tratados e organizações internacionais em matéria de meio ambiente**. Coleção Entendendo o Meio Ambiente. v. 1. São Paulo: SMA. 1997. 35 p.

SOARES, V. O contraditório e o ambíguo caminho para Beijing. **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.180-190, jan-jun. 1995.

SOBRAL, M. *Adoxaceae*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SOBRAL, M.; PROENÇA, C.; SOUZA, M.; MAZINE, F.; LUCAS, E. *Myrtaceae*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SOMMERMAN, A. Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade. Pedagogia da Alternância: In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 1, 1999, Salvador-Bahia. **Anais...**Salvador-Bahia, 1999.p.1-9.

_____. Complexidade e transdisciplinaridade. Centro de educação transdisciplinar. In : Apresentação no I Encontro Brasileiro de Estudos da Complexidade. 11 a 13 de julho de 2005. Curitiba. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: <<http://www.ufrrj.br/leptrans/arquivos/complex.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2011.

_____. Caos complexidade e transdisciplinaridade: o novo paradigma científico. In: GUERRINI, I. A. (org.). **Nas asas do efeito borboleta: o despertar do novo espírito científico**. Botucatu: Fundação de Estudos e Pesquisas Florestais, 2006. p. 59-63.

SOUZA, V. C.; BORTOLUZZI, R. L. C.; *Senna*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

STAHEL, A. W. Capitalismo e entropia: os aspectos ideológicos de uma contradição e a busca de alternativas sustentáveis. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 104-127.

TAVARES, C. S. C. **Iniciação à visão holística**. Rio de Janeiro: Record, 1993.167 p.

TEDESCHI, L. A. O fazer histórico e a invisibilidade da mulher. **OPIS** (UFG), v. 7, p. 329-341, 2008.

TESKI, M.; TRENTINI, A. M. **Compêndio de fitoterapia**. Curitiba: Herbarium, 1991. 317 p.

TOLEDO, V. M.; BASSOLS, N. B. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.20, p 21-45, jul-dez. 2009.

TORRE, S.; GONZÁLEZ, M. Escenarios. Una estrategia ecoformadora. In: PUJO, L. M .A.; SANZ, G. (coords.). **Transdisciplinariedad y ecoformación: una nueva mirada sobre la educación**. Barcelona: Editora Universitat, 2006. p. 167-186.

TREIN, C. Plantas medicinais e contribuições da física quântica. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 5, n. esp.1, p. 58-59, 2006a.

_____. Plantas medicinais e organizações da sociedade civil: a Associação Catarinense de Plantas Medicinais In: ANAIS DA JORNADA CATARINENSE DE PLANTAS MEDICINAIS, 5 e JORNADA INTERNACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS, 1, 2006. Joinville. **Anais...** Joinville: UNIVILLE/ACPM, 2006 b. p. 45-47.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TURRA, A. F.; MARÇAL, F.J.B.; BARETTA, I. P.; TAKEMURA, O. S.; LAVERDE-JR, A. Avaliação das propriedades antioxidantes e susceptibilidade antimicrobiana de *Pereskia grandifolia* Haworth (cactaceae). **Arq. Ciências Saúde Unipar**, v.11, n.1, p. 9-14, jan-abr. 2007.

UNIVERSIDAD DE VALLADOLID. La Universidad: Historia y patrimonio. Disponível em: <<http://www.uva.es/opencms/contenidos/otros/conoceLaUVA/cumplimos800>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

VARELA, N. **Feminismo para principiantes**. Barcelona: Ediciones B, 2005. 415 p.

VASCONCELOS, C. Rio + 20: povos Indígenas querem inserir suas demandas nos três eixos do desenvolvimento sustentável. **Jornal de Ciência** e-mail 5519. 15 Jun. 2012.

VENTURELLA, V. M. Rumo a uma abordagem transdisciplinar para a educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://cettrans.com.br/artigos/Valeria_Moura_Venturella.pdf>. Acesso em 20/08/2012.

VIANA, R. M.; HOFFEL, J. L. A ecologia do amor. In: GUEVARA, A. J. H. et al. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente**. 3. ed. São Paulo: Séries Temas Transversais, Peirópolis. 1998. 91 p.

VIERO, G. J. **Inculturação da fé no contexto do feminismo**. 2005. 205fls.Tese (Doutorado em Teologia) - Departamento de Teologia. Pontifícia Unviversidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VILLASANTE, T. R. **Redes alternativas**: estratégias e estilos criativos na complexidade social. Petrópolis: Vozes, 2002. 248 p.

VILELLA, G. F. **Aspectos fitotécnicos e fitoquímicos de acessos de *Hebante herianthe* (Poir.) Pedersen – Amaranthaceae**. 2009. 106 fls. Tese (Doutorado em Agronomia/Horticultura) – Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2009.

VOLPATO, E.; GREGORI, W. **Capital intelectual e administração sistêmica**: um manual de jogos de inteligência, mercado e poder. São Paulo: Pancast, 2000. 278 p.

WARREN, K. El poder y la promesa de un feminismo ecológico. In: AGRA, M. X. (comp.). **Ecología y feminismo**. Granada: Ecorama, 1998. p. 117-147.

WEDO. Women's Environment & Development Organization. Disponível em <<http://www.wedo.org>> . Acesso em 20 out 2010.

WEIL, P.; D'AMBROSIO, U.; CREMA, R. **Rumo à nova transdisciplinaridade**: sistemas abertos de conhecimento. p. 15-40. São Paulo: Summus, 1993. 175 p.

WENTH, R. C. Bricoleur: uma possível imagem para o trabalhar da análise. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, 3, 2003, Salvador, Bahia. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/bricoleur.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

VIEIRA,R.F.;SILVA,S.R.;NEVES,R.B.;SILVA,D.B.;DIAS,T.A.B.;UDRY,M.C.F.V.;WE TZEL,M.M.;MARTINS,R.C. **Estratégias para conservação e manejo de recursos genéticos de plantas medicinais e aromáticas**. Resultados da 1ª Reunião Técnica. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia/Instituto Brasileiro de Meio

Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). 2002. 184 p.

WITMONT, E. **Retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1991. 287 p.

WIERINGA, S. G. **Gender: a critical discussion of theory and practice**. Netherlands: Institute of Social studies, 1997.19 p.

WILKENS, J. A. **A mulher empreendedora**: como iniciar seu próprio negócio: das dificuldades, das barreiras e das lutas para a mulher conquistar sua independência financeira. São Paulo: McGraw-Hill, 1989. 338 p.

ZAPPI, D. *Crassulaceae*. **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasiljbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15039>>. Acesso em: 30 jun. 2013.